AUTORA BEST-SELLER #1 DO THE NEW YORK TIMES

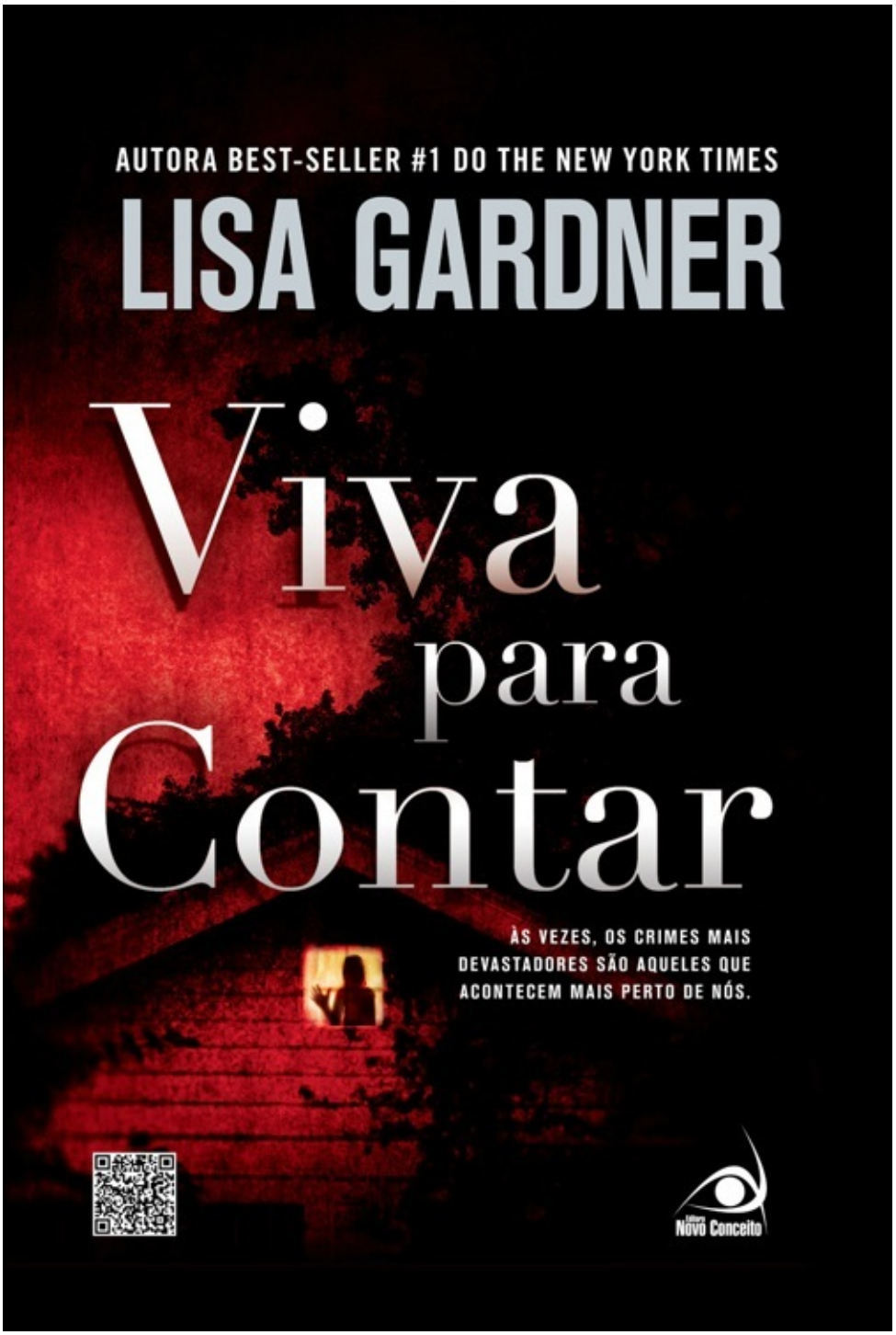
LISA GARDNER

Viva para Contar

ÀS VEZES, OS CRIMES MAIS DEVASTADORES SÃO AQUELES QUE ACONTECEM MAIS PERTO DE NÓS.



Novo Conceito



Viva para Contar

Lisa Gardner



Lisa Gardner

Viva para Contar

Às vezes, os crimes mais devastadores são aqueles que acontecem mais perto de nós.

Tradução

Ivar Panazzolo Júnior

***

Copyright © 2010 by Lisa Gardner

Copyright © 2012 Editora Novo Conceito

Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

1ª Impressão - 2012

Produção Editorial

Equipe Novo Conceito

Preparação de Texto: Ricardo Maciel

Revisão de Texto: Equipe Novo Conceito

Diagramação: Equipe Novo Conceito

Capa: Richard Tuschman

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gardner, Lisa

Viva para contar / Lisa Gardner ; [tradução Ivar Panazzolo Júnior]. -- Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2012.

Título original: Live to tell.

ISBN 978-85-8163-016-8

1. Ficção - Literatura norte-americana

I. Título.

12-02721 CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Rua Dr. Hugo Fortes, 1885 - Parque Industrial Lagoinha

14095260 - Ribeirão Preto - SP

www.editoranovoconceito.com.br

Prólogo

Não me lembro muito bem daquela noite. No começo, parece que você nunca vai conseguir se esquecer. Mas o tempo é uma coisa nebulosa, especialmente para uma criança. Ano após ano, dia após dia, os detalhes começaram a fugir da minha memória. São estratégias de enfrentamento, de acordo com o que o dr. Frank me disse. A evolução natural da minha psique, curando a si mesma. Não havia qualquer motivo para me sentir culpada.

Entretanto, é claro que eu me sinto assim.

Eu me lembro de acordar com um grito. Talvez fosse a minha mãe, mas, de acordo com o relatório da polícia, provavelmente foi a minha irmã. Meu quarto estava escuro. Eu estava desorientada, não conseguia enxergar. E havia um cheiro estranho no ar. É disso que me lembro com mais clareza depois de todos esses anos.

Um odor de fumaça, que pensei se originar de algum incêndio, mas que, na verdade, era causado pela queima de cordite[1] , e se espalhava pelo corredor.

Mais barulho. Coisas que eu conseguia ouvir, mas não conseguia enxergar: pegadas pesadas, o baque de um corpo que rolava pelas escadas. Em seguida, a voz do meu pai, ressoando do lado de fora da porta do meu quarto.

- Oh, Danielle. Minha bela e pequena Dani.

A porta se abriu. Um retângulo de luz forte em meio à escuridão. A sombra do meu pai passando pelo limiar da porta.

- Oh, Danielle - disse ele, cantando, com a voz mais clara. - Minha bela e pequena Dani. - Em seguida, ele encostou a arma contra a própria testa e puxou o gatilho.

Não sei ao certo o que aconteceu logo depois daquilo. Será que eu me levantei da cama? Será que liguei para o 911[2] ? Tentei reanimar minha mãe? Ou, talvez, tentei fazer com que o sangue parasse de se esvair da cabeça estraçalhada da minha irmã ou do corpo da minha mãe?

Eu me lembro de ver outro homem entrando no quarto. Ele falou com uma voz suave, dizendo que tudo estava bem agora, e que eu estava segura. Ele me pegou em seus braços, embora eu tivesse 9 anos de idade e já fosse grande demais para ser tratada como um bebê. Disse para fechar os olhos. Disse que eu não deveria olhar.

Fiz que sim com a cabeça, encostando-a no ombro dele. Mas é claro que mantive os olhos abertos.

Eu tinha que ver aquilo. Tinha que registrar tudo. Tinha que me lembrar. É o dever da única sobrevivente.

De acordo com o relatório da polícia, meu pai estava bêbado naquela noite.

Havia bebido 750 ml de uísque, no mínimo, antes de colocar as balas no tambor do revólver que usava para trabalhar. Ele perdera o emprego no departamento de polícia na semana anterior, depois de ser advertido duas vezes por aparecer para trabalhar embriagado. O xerife Wayne, o homem que me tirou da casa, esperava que a demissão pudesse forçar o meu pai a se endireitar, e talvez participar das reuniões dos Alcoólicos Anônimos. Acho que meu pai teve outras ideias.

Ele começou no quarto, alvejando a minha mãe ao lado da cama. Depois, foi até onde estava a minha irmã, que tinha 13 anos. Ela havia colocado a cabeça para fora da porta do quarto, provavelmente para ver o que acontecia. Meu irmão de 11 anos também apareceu no corredor. Ele tentou fugir. Meu pai atirou e o acertou pelas costas. Johnny rolou pelas escadas. O tiro não pegou em cheio, e demorou algum tempo até que Johnny finalmente morresse.

Não me lembro de nada disso, é claro. Mas li o relatório oficial quando completei 18 anos.

Eu procurava por uma resposta que nunca encontrei.

Meu pai matou a família inteira, exceto a mim. Será que aquilo significava que me amava mais do que aos outros, ou me odiava mais do que aos outros?

- O que você acha? - era o que o dr. Frank sempre respondia.

Acho que essa é a história da minha vida.

Queria poder dizer qual era a cor dos olhos da minha mãe. Logicamente, eu sei que eram azuis, porque, depois que minha família morreu, fui morar com a tia Helen, irmã da minha mãe. Os olhos da tia Helen são azuis, e, a julgar pelas fotos que ainda tenho, ela e minha mãe eram muito parecidas.

Mas é esse o problema. A tia Helen se parece tanto com a minha mãe que, no decorrer dos anos, ela se tornou a minha mãe. Vejo os olhos da tia Helen em minha mente. Ouço sua voz, sinto as mãos dela colocando o cobertor sobre mim à noite. E

isso dói, porque quero a minha mãe de volta. Mas ela não está mais comigo. Minha memória traiçoeira a matou de uma forma mais forte do que o meu pai fez. O

impacto foi tão forte que me senti obrigada a ver os relatórios policiais e fotos da cena do crime, e agora a única imagem que tenho dela é um rosto curiosamente sereno olhando para a câmera, com um buraco de bala bem no meio da testa.

Tenho fotos com Natalie e Johnny, todos sentados na varanda da casa, com os

braços ao redor uns dos outros. Parecemos felizes na fotografia, mas não consigo lembrar se meus irmãos me provocavam, ou se me toleravam ao seu lado. Será que eles chegaram a imaginar que morreriam na mesma noite, enquanto eu continuaria a viver? Será que imaginavam, naquela tarde ensolarada, que nenhum dos seus sonhos se tornaria realidade?

- É o sentimento de culpa do sobrevivente - dizia-me o dr. Frank, gentilmente. -

Você não tem culpa por nada do que aconteceu.

Essa é a história da minha vida.

Tia Helen cuidou bem de mim. Ela já tinha mais de 40 anos e não teve filhos; era uma advogada corporativa que se casara com o próprio emprego. Morava em um apartamento de um quarto no centro de Boston. Por causa disso, durante um ano, eu dormi no sofá. Não foi ruim, porque, naquele primeiro ano, eu não conseguia dormir.

Assim, ela e eu ficávamos acordadas a noite inteira, assistindo reprises de *I Love Lucy* e tentando não pensar no que acontecera há uma semana; depois, no que

acontecera há um mês, e, mais tarde, no que acontecera há um ano.

É meio parecido com uma contagem regressiva, exceto pelo fato de que você nunca chega perto do fim. Cada dia é tão ruim quanto o anterior. Você simplesmente começa a aceitar que a vida é assim mesmo, ruim de uma forma geral.

A tia Helen encontrou o dr. Frank para mim. Ela me matriculou em uma escola particular, onde as salas de aula com poucas crianças fariam que eu recebesse supervisão constante e muitos cuidados individuais. Durante os primeiros dois anos, eu não era capaz de ler. Não conseguia entender as letras, não sabia como usar os números. A cada dia me levantava da cama, e era preciso tanta energia para fazer aquilo que não conseguia fazer durante o resto do dia. Não tinha amigos. Não olhava nos olhos dos professores.

Eu me sentava, dia após dia, me esforçando muito para lembrar de cada detalhe. Os olhos da minha mãe, o grito da minha irmã, o sorriso bobo no rosto do meu irmão. Não havia espaço na minha cabeça para outras coisas.

Certo dia, quando eu estava caminhando pela rua, vi um homem se abaixar e beijar a cabeça da filha. Um momento qualquer de carinho entre os dois. Sua filha levantou o rosto para olhá-lo, e seu pequeno rosto se iluminou com um sorriso de um milhão de *watts*.

Senti meu coração se despedaçar ao ver aquilo.

Comecei a chorar, num soluçar incoerente pelas ruas de Boston, enquanto voltava para o apartamento da minha tia. Quando ela voltou para casa, quatro horas

depois, eu ainda estava chorando, deitada no sofá de couro. Ela se juntou a mim.

Passamos uma semana inteira chorando juntas no sofá, enquanto os episódios de *Gilligan's Island* passavam na televisão.

- Aquele rato desgraçado - disse ela, quando finalmente terminamos de chorar. -

Maldito, maldito rato desgraçado.

Imaginei se ela odiava meu pai por ter matado sua irmã ou por incumbi-la de

cuidar de uma criança que não era sua.

Essa é a história da minha vida.

Sobrevivi. E, mesmo que não consiga me lembrar sempre do que aconteceu, eu vivo. Viver é a principal obrigação do sobrevivente.

Eu cresci, fui para a faculdade e me formei como enfermeira pediátrica, com especialização em cuidados psiquiátricos. Agora, passo meus dias na ala psiquiátrica de um hospital infantil em Boston, trabalhando com o garoto de 6 anos que já está ouvindo vozes, a garota de 8 anos que se automutila, e o garoto de 12

anos que, absolutamente, definitivamente, não pode ser deixado a sós com os irmãos mais novos.

Somos uma unidade de cuidados específicos. Nós não *consertamos* essas crianças. Nós as estabilizamos, usando os medicamentos adequados, um ambiente de carinho e proteção, e quaisquer outros truques que pudermos tirar da manga. E

depois, nós observamos. Tentamos descobrir quais são os interesses de cada criança, e elaboramos recomendações para o próximo grupo de especialistas que irá lidar com esses pequenos pacientes, em programas de cuidados residenciais, em alguma instituição de cuidados de longo prazo ou em um retorno supervisionado ao ambiente familiar.

Algumas das nossas crianças fazem progressos. Tornam-se as melhores pessoas que têm condições de ser, o que, de acordo com qualquer definição a respeito, é um triunfo. Algumas das nossas crianças cometem suicídio. Outras cometem assassinatos. São elas que dão origem às manchetes que você lê nos jornais: "Jovem perturbado abre fogo na escola"; "Filho mata a família inteira". E as pessoas morrem, independente de terem relação com os problemas ou não.

Eu sei o que você está pensando. Você acha que escolhi essa carreira para salvar crianças perdidas, assim como eu. Ou, talvez, de maneira ainda mais heroica, você acha que escolhi essa profissão para evitar tragédias como aquelas que aconteceram à minha família.

Entendo o que você está pensando.

Mas você ainda não me conhece.

1Explosivo de baixo poder de queima, usado para substituir a pólvora como material propelente para balas em armas de fogo. (N. T.)

2Número de telefone usado nos Estados Unidos para entrar em contato com serviços municipais de emergência, como a polícia ou os bombeiros. (N. T.)

Quinta-feira

Capítulo 1

Na noite de quinta-feira, a investigadora de polícia, sargento D. D. Warren, saiu para um encontro romântico. Não foi o pior encontro que já teve. Também não foi o melhor. Mesmo assim, foi a única oportunidade de um encontro romântico que lhe apareceu depois de muito tempo. Assim, a menos que Chip, o contabilista, se revelasse um completo panaca, ela tinha planos de levá-lo para o seu apartamento para uma sessão rigorosa de balanço de fundos privados.

Até o momento, eles haviam chegado até a metade de uma porção de pão italiano ensopado em óleo de oliva e metade de uma vaca, tostada por fora e malpassada por dentro. Chip não havia mencionado o fato de que a carne espalhava sangue por todo o prato de D. D., ou que era preciso molhar os pedaços de pão no caldo do assado. A maioria dos homens ficava espantada com o seu apetite. O

desconforto resultava em piadas sem graça sobre a capacidade que ela tinha de esvaziar um prato após o outro. Depois, eles sentiam o desejo ainda mais desconfortável de comentar que nada daquilo parecia influenciar os contornos esbeltos da sua silhueta.

Sim, sim, ela tinha o apetite de um lutador de sumô, mas o corpo era de uma supermodelo. Estava perto dos 40 anos, e, francamente, sabia como seu metabolismo funcionava. Não precisava que nenhum funcionário molenga de escritório lhe dissesse o que já sabia. Comida era a sua paixão. Especialmente porque o trabalho na divisão de homicídios do departamento de polícia de Boston não lhe dava muito tempo para o sexo.

Ela devorou os pedaços de costela e depois começou a comer as batatas assadas. Chip era especializado em auditoria financeira. O encontro foi arranjado pela

esposa de um amigo de um dos rapazes que trabalhava no departamento de homicídios. Sim, D. D. também achava que aquilo não fazia o menor sentido. Mas aqui estava ela, sentada em uma mesa bastante disputada na churrascaria Hilltop Steakhouse, e, em sua opinião, Chip era um cara legal. Um pouco acima do peso, com sinais de calvície, mas engraçado. D. D. gostava de homens engraçados.

Quando ele sorria, os cantos dos seus grandes olhos castanhos se enrugavam, e ela achava que aquilo era bom o bastante.

Ela estava se deliciando com a carne e as batatas no jantar, e, se tudo corresse como o planejado, Chip seria a sobremesa.

No entanto, é claro que o seu *pager* começou a tocar.

Ela fez uma careta e o enfiou de volta no bolso de trás da calça, como se isso pudesse fazer alguma diferença.

- O que foi isso? - perguntou Chip ao ouvir o toque do aparelho.

- Meu anticoncepcional - resmungou ela.

O rosto de Chip ficou todo vermelho, até as raízes dos seus cabelos castanhos que já rareavam. No minuto seguinte, sorriu de uma forma tão autodepreciativa que D. D. quase sentiu seus joelhos fraquejarem.

"É melhor que seja importante", pensou D. D., "melhor que seja um massacre em grande escala. Não vou abrir mão da minha noite por nada menos do que isso."

Ela leu a mensagem e se arrependeu por ter pensado daquela maneira. Chip, o contabilista engraçado, ganhou um beijo no rosto.

Em seguida, a sargento D. D. Warren, do departamento de investigação de homicídios, saiu da churrascaria.

D. D. era investigadora na polícia de Boston há quase doze anos. Começou investigando acidentes de trânsito envolvendo mortes e homicídios relacionados ao tráfico e consumo de drogas antes de passar para eventos que geravam as maiores manchetes na mídia, como a descoberta de seis corpos mumificados em

uma câmara subterrânea. Em seguida, e mais recentemente, o desaparecimento de uma bela professora primária na região sul de Boston. Seus superiores gostavam de colocá-la em frente às câmeras. Não havia nada melhor do que uma bela investigadora loira para agitar as coisas.

Ela não se importava. D. D. adorava o estresse. Gostava mais de um caso que lhe impusesse uma forte pressão do que um restaurante com *buffet* farto. A única desvantagem era o desgaste que tudo aquilo causava em sua vida particular. No posto de sargento da unidade de homicídios, D. D. era a líder de uma equipe de três pessoas. Não era raro os três passarem o dia inteiro em busca de pistas, entrevistando informantes ou examinando cenas de crimes. Depois, passavam a maior parte da noite transcrevendo as entrevistas, os depoimentos, ou redigindo mandados de prisão. Cada um dos esquadrões também se alternava nos "plantões", o que significava que deveriam assumir as investigações do próximo caso que chegasse à delegacia. Aquilo os mantinha presos em um turbilhão permanente de casos ativos e de alta prioridade, casos antigos ainda não resolvidos, e, pelo menos, uma ou duas chamadas para averiguação durante a semana.

D. D. não dormia muito. Nem namorava muito. E praticamente não fazia mais nada. Todo esse estilo de vida não fazia diferença até o ano passado, quando

completou 38 anos e viu um ex-namorado se casar e começar uma família.

Repentinamente, a sargento durona e audaciosa que se considerava casada com seu trabalho se apanhou lendo revistas como a *Good Housekeeping*, e até mesmo *Modern Bride*. Certo dia, ela pegou uma edição da *Parenting*[3] para dar uma olhada.

Não havia nada mais deprimente que uma investigadora de homicídios, solteira, sem filhos e com quase 40 anos lendo um exemplar da revista *Parenting* sozinha em seu apartamento na região do North End.

Especialmente quando percebeu que alguns dos artigos com dicas sobre como lidar com crianças pequenas também funcionariam se fossem aplicadas no trato com os investigadores da sua equipe.

Ela jogou as revistas no lixo e jurou que tentaria conhecer alguém e ter um encontro romântico. Aquilo a levou até Chip - o pobre Chip, aquele cujo cérebro quase entrou em colapso - e agora ela estava a caminho de Dorchester. Não era

nem mesmo a sua equipe que estava de plantão, mas a notificação era do tipo "bola vermelha". Esse era o código que indicava que algo muito grande e ruim havia acontecido, e todos os policiais disponíveis foram requisitados para auxiliar nas investigações.

D. D. entrou na rodovia interestadual I-93, e depois navegou pelo labirinto de ruas do bairro, uma área predominantemente de classe média. Entre os policiais daquele distrito, Dorchester era conhecida por suas drogas, tiroteios e festas barulhentas nas áreas mais afastadas, que evoluíam para mais drogas e mais tiroteios. O distrito local do departamento de polícia de Boston, o C-11, instituíra um número de telefone para o qual as pessoas podiam entrar em contato e denunciar festas muito barulhentas, e também havia designado uma "viatura de festas" especial para verificar as denúncias nos fins de semana. Depois de quinhentas denúncias telefônicas e inúmeras prisões preventivas, Dorchester finalmente registrava um declínio nos homicídios, estupros e agressões graves. Por outro lado, o número de furtos estava aumentando. Difícil de entender.

Seguindo as orientações do sistema G.P.S. do carro, D. D. chegou a uma rua tranquila e bonita, ladeada por gramados bem-cuidados e casas com três andares. A maioria tinha belas varandas na fachada e, ocasionalmente, pequenas torres.

A maioria daquelas residências havia sido dividida em lares multifamiliares no decorrer dos anos, e cada uma delas geralmente tinha entre seis e oito moradores.

Ainda era um belo bairro, com gramados cuidadosamente aparados, e a tinta nas grades de proteção ao redor das varandas estava em boas condições. Aquele era o lado mais suave de Dorchester, decidiu ela, cada vez mais curiosa.

D. D. percebeu um amontoado de viaturas de polícia, e diminuiu a velocidade, procurando um lugar para estacionar. Eram oito e meia na noite de quinta-feira. O

Sol de agosto estava começando a se pôr no horizonte. Ela conseguiu identificar o veículo branco do departamento de medicina legal logo adiante, assim como o laboratório móvel de investigação. Os furgões estavam cercados pelo aglomerado tradicional de veículos das emissoras de rádio e televisão, além dos vizinhos curiosos.

Quando D. D. soube do local da chamada, presumiu que o caso envolvia drogas.

Provavelmente algum tiroteio entre gangues. Algo muito ruim, já que o delegado local requisitou que todos os dezoito investigadores comparecessem à cena do crime. Provavelmente algo que envolvia danos a outras pessoas ou ao patrimônio. Talvez uma velha senhora que estivesse sentada na varanda de casa, ou crianças que estivessem brincando na calçada. Infelizmente, esse tipo de coisa acontecia, e não ficava mais fácil conviver com isso no decorrer dos anos. Mas era preciso lidar com os crimes, porque Boston era assim, e esse era o trabalho de um investigador de Boston.

Agora, entretanto, enquanto D. D. saía do carro, prendia seu distintivo na cintura do jeans preto justo e pegava uma camisa branca para vestir por cima da blusa decotada que colocara especialmente para o jantar com Chip, ela começou a pensar: "Não teve a ver com drogas". Agora, ela pensava que devia ser algo pior.

Jogou uma jaqueta leve por cima do coldre que guardava a sua arma e andou pela calçada em direção à toca dos leões.

D. D. abriu caminho por entre a primeira onda de adultos que se acotovelavam e crianças curiosas. Fez o melhor que podia para se concentrar, mas ainda ouviu expressões como "tiros disparados...", e "ouvi alguém gritar como se fosse um porco...", e "ora, eu a vi tirando as sacolas do supermercado do carro há menos de quatro horas...".

- Com licença, com licença, abram caminho. Sargento da polícia. Senhor, saia do caminho, por favor.

Ela conseguiu atravessar a multidão e se agachou para passar por baixo da fita amarela que cercava uma parte da calçada, até finalmente chegar ao epicentro do caos, na cena do crime.

A casa à sua frente tinha três andares e era pintada em um tom de cinza. A varanda era cercada por colunas grossas e um mastro onde tremulava uma grande bandeira dos Estados Unidos. A porta dupla de entrada estava escancarada, facilitando o fluxo dos investigadores e policiais, assim como a maca metálica dos

legistas.

D. D. percebeu que as janelas amplas que ladeavam a porta de entrada tinham cortinas delicadas de renda. Além da bandeira norte-americana, a varanda tinha

também quatro vasos de gerânios vermelhos que alegravam o lugar, cinco ou seis cadeiras azuis e uma declaração pintada em amarelo-vivo: *Bem-vindos*.

Sim, definitivamente, era algo pior do que traficantes armados.

D. D. suspirou, assumiu uma expressão mais séria e se aproximou do policial uniformizado que estava de prontidão ao lado da escada que levava até a varanda.

Recitou seu nome e o número do distintivo. Por sua vez, o policial registrou a informação no livro de assassinatos, e apontou para um caixote que estava a seus pés com um meneio de cabeça.

Obedientemente, D. D. pegou um par de galochas plásticas e uma touca para os cabelos. Então esse era o tipo de cena do crime com a qual ela teria que lidar.

Ela subiu os degraus lentamente, mais próxima de um dos corrimões laterais.

Os degraus pareciam ter sido envernizados recentemente, um tom acinzentado típico de Cape Cod**4** que combinava com o resto da casa. A varanda era aconchegante e bem-cuidada. Tão limpa que ela suspeitou ter sido varrida recentemente. Talvez um dos moradores tivesse feito uma faxina depois de guardar as compras.

Teria sido melhor se a fachada estivesse suja, coberta de pó. Se fosse assim, poderia haver pegadas. Poderia ajudar a capturar quem quer que tenha feito as coisas ruins que D. D. estava prestes a encontrar dentro da casa.

Ela tomou fôlego mais uma vez do lado de fora da porta e sentiu o cheiro de serragem e sangue ressecado. Ouviu um repórter chamá-la para que desse uma declaração. Ouviu o barulho de uma câmera disparando, o rugido de um helicóptero de alguma agência de notícias,

Caos: muito barulho, muitos cheiros, muita pressão.

Seu trabalho, agora, era endireitar as coisas.

E ela entrou de cabeça.

3Revistas bastante populares nos Estados Unidos. A *Good Housekeeping* é uma

revista feminina especializada em dicas para o lar, economia doméstica, relacionamentos e artigos em geral sobre celebridades e obras de ficção, e sua primeira edição foi publicada em 1885; A *Modern Bride* era uma revista especializada em vestidos de noiva, cerimônias e luas de mel, e foi publicada entre

1934 e 2009; e a revista *Parenting* é especializada em informações para mães, focando em cuidados com os filhos. Sua primeira edição foi publicada em 1987. (N.

T.)

4Cape Cod (Cabo Cod) é uma península no estado de Massachusetts, e um ponto turístico muito concorrido nos meses de verão por conta de suas praias. Turistas de Boston, devido à proximidade, estão entre os que mais procuram o local. (N. E.)e ruídos indistintos por toda a parte. Curiosos atrás, investigadores à frente e repórteres acima.

Capítulo 2

Victoria

- Estou com sede - diz ele.

- Quer alguma coisa? - pergunto.

- Mulher, me traga algo para beber. Senão, vou arrebentar a sua cara.

Ele não parece irritado. É assim que essas coisas geralmente acontecem. Às vezes, a tempestade chega rápido. Em um minuto ele está assistindo à televisão, e no momento seguinte está destruindo a sala de estar. Outras vezes, fica na beira do precipício. Basta dizer ou fazer a coisa certa, e a calmaria volta a reinar. Por outro lado, se eu dissesse ou fizesse a coisa errada...

Levanto-me do sofá. É noite de quinta-feira, uma noite horrivelmente quente e úmida em Boston. O tipo de noite certo para se desfrutar em uma praia ou ao lado de uma piscina gigante. É claro que nenhuma dessas opções está disponível para nós. Passamos a tarde inteira em casa, assistindo aos programas do History Channel, sob o ar-condicionado. Eu esperava que uma noite tranquila fosse deixá-lo mais relaxado. Agora, já não tenho tanta certeza.

Na cozinha, analiso as opções que tenho. Quando ele pede algo para beber, é uma situação parecida com a travessia de um campo minado: primeiro, adivinhar qual é a bebida adequada. Depois, escolher o copo/caneca/xícara certo. Isso sem mencionar se a bebida terá gelo ou não, se vai ter um canudo ou não, se o copo vai estar envolto por um guardanapo ou se é melhor levar um porta-copos.

Antigamente, eu recusaria uma exigência tão petulante. Exigiria palavras mais gentis, um tom de voz mais amável. "Não sou sua empregada", eu o lembraria.

"Você vai me tratar com respeito".

Porém, essas coisas acontecem. Não todas de uma vez. Mas, pouco a pouco, momento a momento, escolha após escolha. Quando uma pessoa abre mão de algumas partes de si mesma, nunca mais consegue recuperá-las.

Escolho a caneca azul, que está entre as preferidas ultimamente, e água da torneira - não vai fazer tanta sujeira quando ele inevitavelmente jogar a bebida no meu rosto. Minhas mãos já estão tremendo. Respiro fundo várias vezes, tentando me acalmar. "Ele ainda não fez nada. Lembre-se, ele ainda não fez nada. Ainda não."

Levo a caneca até a sala, e a coloco sobre o tampo de vidro da mesa de centro, enquanto o observo com os olhos semicerrados. Se os pés dele continuarem parados

sobre o chão, eu continuarei tentando agradá-lo. Se ele já estiver inquieto, talvez batendo um dos pés, ou movendo o ombro em um movimento que frequentemente precede um soco forte e dolorido, eu vou correr. Sair em disparada pelo corredor, pegar o Ativan**5** e dopá-lo.

Estou lhe dizendo. Quando uma pessoa abre mão de algumas partes de si mesma, nunca mais se pode recuperá-las.

Ele pega a caneca, os pés estão plantados no chão, os ombros relaxados. Toma um gole cauteloso, fica imóvel por um momento...

Coloca a caneca na mesa de centro novamente.

Eu consigo voltar a respirar. Nesse momento, ele pega a caneca de plástico e com ela me acerta do lado esquerdo da cabeça.

Cambaleio para trás, não tanto pela força com que ele me acertou, mas também pelo impacto do golpe.

- Que porcaria é essa? - ele grita, a poucos centímetros do meu rosto encharcado.
- Que porcaria é essa?

- Água - eu respondo, estupidamente.

Ele tenta me agredir de novo. Mais água se espalha pelo sofá. Em seguida, estamos os dois correndo pela casa. Eu, indo em direção ao armário de medicamentos no lavabo do andar de baixo; ele, determinado a me jogar no chão para que possa segurar a minha cabeça e batê-la contra o piso de madeira ou então colocar as mãos ao redor da minha garganta.

Ele agarra o meu tornozelo quando estamos na porta da sala de televisão. Caio, batendo o joelho direito no chão. Em um movimento reflexo, eu o chuto. Ouço ele gritar de raiva quando consigo me soltar e descer outros quatro degraus.

- VADIA! Vadia, vadia, vadia.

- Por favor - eu sussurro. Não é um bom motivo. Talvez porque seja preciso dizer alguma coisa. - Por favor, por favor, por favor.

Ele agarra meu pulso, apertando com tanta força que posso sentir os ossos raspando uns nos outros.

- Por favor, querido - sussurro novamente, tentando acalmá-lo. - Por favor, me solte, querido. Você está me machucando.

Mas ele não solta. Eu o interpretei de maneira errada, não vi os sinais, e agora

ele está naquele lugar sombrio. Posso dizer qualquer coisa, fazer qualquer coisa.

Não importa. Ele é um animal furioso, precisando de alguém que possa ferir.

E eu penso, como sempre penso durante esses momentos, que ainda o amo.

Amo tanto que sinto meu coração se quebrar em mais pedaços que meus ossos.
E

agora, mesmo em um momento como este, preciso ter cuidado. Não quero machucá-

lo.

Então, no momento seguinte, eu o golpeio com o pé, atingindo-o bem no joelho.

Ele cai no chão e consigo livrar minha mão. Corro para o banheiro, abrindo o armário dos remédios, procurando desesperadamente pelo pote de plástico laranja que guarda os comprimidos**6 .**

- Mato você! - grita ele no corredor. - Vou te esfaquear um milhão de vezes.

Arrancar a sua cabeça. Comer seu coração, beber o seu sangue. Vou matá-la, matá-

la, matá-la.

Em seguida, o som que não quero ouvir - o *tap tap* dos pés descalços dele, enquanto dá meia volta no corredor e dispara em direção à cozinha.

"Ativan, Ativan, Ativan. Diabos, onde está o Ativan?"

Minha mão esbarra no pote, ele cai no chão, rolando sobre os azulejos.

Ouço outro grito, uma raiva pura e incontida, e sei que ele acabou de descobrir que tranquei a gaveta onde guardo as facas da cozinha. Fiz isso há duas semanas, no meio da noite, enquanto ele dormia. É preciso sempre estar um passo à frente.

Sempre.

O Ativan rolou para trás do vaso sanitário. Meus dedos estão tremendo muito.

Não consigo alcançar o pote, não consigo puxá-lo de volta. Ouço o ruído de algo sendo quebrado. As portas do armário de cerejeira sendo abertas, xícaras, pratos e bandejas sendo arremessados contra os azulejos italianos. Troquei a cozinha inteira há alguns anos para que tivesse apenas peças de melamínico e plástico, e isso só serve para irritá-lo ainda mais. Ele tem que destruir a cozinha. Faz isso todas as vezes, mesmo que a incapacidade de quebrar as coisas o deixe ainda mais enfurecido.

Outro forte estrondo, depois o silêncio. Percebo que prendo a respiração, em seguida me curvo por cima do vaso sanitário, tateando o chão em busca do maldito pote de remédios. O silêncio se alonga ainda mais, me enervando até mais que o barulho da destruição.

O que ele está fazendo? O que foi que descobriu? O que foi que eu deixei

passar?

Diabos. Eu preciso do Ativan, *agora*.

Eu me forço a respirar, me forço a acalmar os nervos. À toalha. É assim que vai funcionar. Enrole a toalha, coloque-a por trás do vaso, empurre o pote para o outro lado. Peguei.

Segurando os tranquilizantes firmemente na mão, saio devagar pelo corredor da casa, que agora está mergulhada no silêncio. Já me sinto aterrorizada só de pensar no que encontrarei.

Um passo. Dois, três, quatro...

Chego ao final do corredor. A ampla sala de televisão à esquerda, seguida pela sala de jantar formal, que leva à cozinha *gourmet* na direita, e depois, dando a volta ao redor do hall de entrada com suas paredes altas, circundado pelas escadarias.

Espio por trás de uma planta que está morrendo, depois entro na sala de televisão na ponta dos pés, sabendo que ele pode estar escondido, preparando uma emboscada atrás do sofá em L, atrás do rack da televisão e do aparelho de som, ou atrás das cortinas de seda que estão em farrapos.

O que foi que eu deixei passar? O que deixei de considerar e o quanto isso vai me custar?

Outras imagens enchem minha mente. Como a ocasião em que ele saiu correndo de dentro da despensa e me quebrou duas costelas antes que eu conseguisse fugir.

Ou a primeira vez que pegou um cutelo grande de cortar carne, tentando acertar meu braço. Entretanto, em meio à fúria, ele acabou abrindo um corte na própria

coxa.

Temia que tivesse dilacerado uma artéria e que sangraria até morrer se eu fugisse.

Assim, procurei resistir, até que consegui arrancar a faca das mãos dele. Depois, eu o confortei enquanto ele chorava com a dor, e o sangue dos nossos ferimentos encharcou o tapete persa que cobria o chão do hall de entrada.

Não posso pensar nessas coisas agora. Preciso manter a concentração.

Encontrá-lo. Acalmá-lo. Medicá-lo.

Entro sorrateiramente na sala de televisão, me aproximando da sala de jantar, observando todos os cantos escuros, tentando escutar sons que venham de trás dos móveis. A cozinha tem uma saída para o corredor. Isso cria uma rota de fuga para que ele possa dar a volta e me atacar por trás.

Pé ante pé. Centímetro a centímetro, segurando o pote de remédios como se fosse um tubo de spray de pimenta.

Eu o encontro na cozinha. Ele abaixou as calças e agora está defecando no tapete. Levanta os olhos quando me aproximo, com uma expressão maligna de triunfo no rosto.

- O que você acha do seu precioso tapete agora? - diz ele, zombando. - Que diabos há de tão especial nele agora?

Eu me aproximo dele, resoluta, com o pote de Ativan nas mãos. - Por favor, querido. Você sabe que eu amo você. Por favor.

Em resposta, ele passa a mão no monte de excremento e a esfrega na própria barriga.

- Vou matar você - diz ele, mais calmo agora, como se estivesse simplesmente conversando comigo.

Não digo qualquer palavra. Simplesmente estendo o pote de comprimidos.

- Vou matá-la no meio da noite. Mas vou te acordar primeiro. Eu quero que você

saiba.

Estendo os comprimidos novamente.

- Você trancou a gaveta das facas - cantarola ele. - Você trancou a gaveta das facas. Mas será que escondeu *todas* as facas? Será, será, será?

Ele sorri, alegre, e meu olhar vai instintivamente em direção ao escorredor de pratos, cujo conteúdo agora está todo espalhado pelo chão da cozinha. Será que havia alguma faca no escorredor? Será que eu havia lavado uma faca naquela manhã? Não consigo me lembrar, e sofrerei as consequências. Sempre sofro as consequências.

Abro a tampa do pote de comprimidos. - É hora de descansar, querido. Você sabe que vai se sentir melhor depois de descansar um pouco.

Coloco dois comprimidos na palma da mão, e me aproximo o bastante para sentir o calor e o mau cheiro do seu corpo me invadirem as narinas. Devagar, abro sua boca com um dedo e coloco o primeiro comprimido entre os dentes e a bochecha. O remédio se dissolve rapidamente.

Em seguida, ele coloca os dedos sujos ao redor do meu pescoço, e, de maneira quase carinhosa, esfrega a minha pele.

- Vou matar você bem rápido - promete ele. - Com uma faca. Vou enfiar a lâmina em você. Bem aqui.

Com o polegar ele sente a pulsação forte que corre pelas veias da minha garganta, como se ensaiasse mentalmente o golpe mortal.

Em seguida, vejo os músculos dele começarem a relaxar conforme o remédio faz efeito. Sua mão se afasta e ele sorri novamente. De maneira doce agora. Um raio de sol em meio à tempestade. Quero chorar, mas resisto à vontade. Eu resisto.

Há partes de uma pessoa, tantas partes, que, quando alguém abre mão delas, nunca consegue recuperá-las.

Dez minutos depois, eu o coloco na cama. Tiro o que resta das roupas dele.

Limpo seu corpo com um pano molhado com água e sabão, embora, por

experiências anteriores, eu saiba que o cheiro das fezes vai impregnar sua pele. Mais tarde ele vai me perguntar o motivo daquilo, e vou responder com mentiras. Porque é isso que aprendi a fazer.

Eu o limpo. E depois, me limpo. Os pratos vão passar pela lava-louças, em seguida serão guardados no armário. O tapete será jogado na sarjeta no dia da coleta do lixo. Mas tudo isso pode esperar.

Agora, no silêncio após o tumulto, volto ao quarto dele. Sob a luz do abajur, admiro as linhas tranquilas e imóveis do seu rosto. O jeito que seu cabelo se enrola ao redor da têmpora esquerda, a maneira que seus lábios sempre se curvam um pouco durante o sono, como os de um bebê. Eu acaricio o rosto dele com os dedos, sentindo a suavidade da pele. Seguro sua mão, que agora está relaxada, não mais ferindo nem destruindo.

Imagino se esta será a noite em que ele finalmente vai me matar.

Este é Evan, o meu filho.

Ele tem 8 anos.

5Nome comercial para o medicamento Lorazepam, um forte tranquilizante, vendido apenas sob prescrição médica. (N. T.)

6Nos Estados Unidos, vários medicamentos de venda controlada vêm embalados em potes de acrílico transparente. (N. T.)

Capítulo 3

- Começou na sala de jantar - explicava o investigador Phil LeBlanc para a investigadora D. D. Warren. Phil usava calças cáqui e camisa polo com a gola branca, com uma mancha de *ketchup* logo acima do emblema bordado sobre o peito.

Aparentemente, estava em um churrasco com sua família quando recebeu o chamado. Agora, ele apontava para a mesa retangular, arrumada para receber seis pessoas. Os pratos tinham resquícios de um jantar que fora consumido recentemente, com várias travessas vazias no meio. D. D. viu que havia três latas vazias de Budweiser Light; duas em uma das cabeceiras da mesa, e uma no lado oposto.

A mesa parecia ser antiga, com tampo de carvalho avermelhado. Uma bela mesa, e ela imaginava que poderia até mesmo ser uma antiguidade. As cadeiras, por outro lado, também eram azuis, iguais às que estavam na varanda. Então, os moradores tinham condições de comprar uma mesa feita com madeira de lei, mas ainda não haviam conseguido comprar as cadeiras. Aquela hipótese se encaixava com a aparência geral do lugar. Recém-pintado, mas era possível perceber que a casa não tinha muitos móveis ou peças de decoração.

Os pratos eram de plástico melamínico branco, finos. Simples, mas que contrastavam com o jogo americano vermelho e os guardanapos azuis de linho.

Vermelho, branco e azul novamente. A casa estava decorada de acordo com aquele tema específico.

- Talvez tenham começado a discutir - teorizou Phil. - Estavam jantando juntos, tomaram algumas cervejas e depois a discussão começou. Provavelmente ela se levantou para ir embora e isso fez ele se irritar.

D. D. assentiu distraidamente, ainda caminhando ao redor da mesa. O piso de madeira de lei parecia ter sido polido recentemente, com bastante cuidado, de tal modo que ela conseguia ver o seu próprio reflexo ao andar pela sala. Eles estavam trabalhando para deixar este espaço mais aconchegante, pensou. Os próprios moradores estavam cuidando da casa, em vez de contratar profissionais especializados. Uma família de classe média construindo um futuro juntos, tentando sobreviver em meio à crise econômica, até que...

- Onde está Neil? - perguntou D. D., referindo-se ao terceiro membro da sua equipe de homicídios.

- No andar de cima. Os dois andares superiores estão passando por reformas.

Pensamos que a atividade estava confinada a este andar, mas, mesmo assim há várias ferramentas elétricas e objetos pontiagudos espalhados por aí.

D. D. assentiu novamente. Quando recebeu o chamado com o código "bola vermelha", esperava encontrar a cena do crime apinhada de investigadores. Em vez disso, até que o lugar estava bem tranquilo. Entretanto, com três andares para revistar, isolar, e depois processar, aquilo explicava bastante coisa. Outros investigadores já estariam lá fora, interrogando vizinhos e rastreando pessoas que as vítimas conheciam. Era melhor trabalhar em cenas de crimes como esta

quando os indícios ainda estavam frescos. Levar um monte de gente até a cena, entrar, sair e concluir o trabalho.

- O que sabemos sobre os residentes?

- Uma família tradicional. Mãe, pai, três filhos. Era o segundo casamento de ambos os cônjuges, então ainda não sabemos exatamente quem é filho de quem.

Patrick Harrington era o chefe da família. Nascido em 1968. Perdeu o emprego recentemente. Trabalhava em uma loja de ferramentas e material de construção, mas o lugar fechou as portas.

- Quando? - D. D. se agachou para estudar o tapete que estava sob a mesa. Era bege, num tom neutro. Varanda recém-varrida, tapete recém-aspirado. Mentalmente, ela adicionou à categoria *mania de limpeza* junto à *patriótica* para descrever a casa.

- Há cerca de duas semanas, mais ou menos. Um dos vizinhos disse que o casal comprou a casa há oito meses, em um leilão, após o dono anterior declarar falência.

Não resta dúvida de que eles planejavam reformar a casa, usando as habilidades do marido e os descontos que conseguia por ser funcionário de uma loja especializada.

Planejavam viver em uma parte e disponibilizar alguns cômodos para alugar. Eles completaram a reforma do andar térreo faz pouco tempo, e, de repente, "bum!", o homem perdeu o emprego. Adeus, salário fixo. Adeus, desconto para funcionários.

- Olá, hipoteca gigantesca, sem inquilinos para financiá-la - concluiu D. D.

- Pois é. Nada que seja agradável.

- Então o casal estava sob estresse - disse D. D., levantando-se. - E o que a esposa fazia?

- Denise Harrington trabalhava como recepcionista em um consultório de dentista. A sra. Nancy Severs, que mora na casa em frente, disse que Denise saía do trabalho às três horas da tarde todos os dias para receber seus filhos quando

eles chegavam em casa no ônibus escolar. Era uma prioridade para ela.

- Idades?

- Hummm... - Phil procurou entre suas anotações. - Nove, 12 e 14. Menino,

menina, menino.

D. D. assentiu, afastando-se da mesa e andando em direção à cozinha. Uma frigideira ainda estava sobre o fogão. Cheirava a azeite de oliva e gordura de galinha. Ao lado, havia uma panela gigante, do tipo usada para preparar espigas de milho ou grandes quantidades de macarrão. Mais sinais de preparação de refeições nos balcões: metade de um pé de alface, um saco de cenouras e um pepino parcialmente fatiado.

Ela procurou por mais latas de cerveja, encontrando outras três no cesto de lixo. Abriu a geladeira e viu que estava razoavelmente cheia - evidência de que alguém fizera compras recentemente? - com a variedade habitual de pães, ovos, carnes, frutas, hortaliças e carnes impossíveis de identificar guardadas em *Tupperwares*. Na porta da geladeira havia uma dúzia de condimentos e uma garrafa de vinho branco pela metade, um *Cavit pinot grigio*. Nenhuma outra lata de cerveja.

Assim, presumindo que um fardo de seis latas fora comprado, então as seis cervejas foram consumidas.

Mas... seis latas de Budweiser divididas entre dois adultos? Ou mesmo consumidas em sua maioria por um deles? Não era o bastante para alguém se embebedar a ponto de querer cometer um crime. Ela não acreditava nessa hipótese.

Jack McCabe, da divisão de identificação, entrou na casa. Ele olhou para os balcões cobertos por comida e deu um suspiro profundo. - Tudo isso foi fotografado? - perguntou.

- Tudo foi fotografado - garantiu Phil.

Jack suspirou mais uma vez. D. D. não o culpava. Processar essa cena seria um processo demorado, e provavelmente pouco produtivo. Mas era preciso fazer aquilo.

- Comece pela faca - disse ela.

- Não há nenhuma faca aqui - disse Jack, olhando para o balcão.

- Tem que haver algum tipo de faca - disse D. D., apontando para o pepino fatiado.

- Ah, sim, existe uma faca - disse Phil.

- Ah, que diabos - disse D. D., e seguiu Phil em direção ao corredor.

No meio do corredor, eles encontraram o primeiro sinal de respingos de sangue.

Começava na metade do piso brilhante e depois continuava em direção à parte de

trás da casa, provavelmente onde ficavam os dormitórios, com manchas circulares e em forma de faixas.

Um homem que vestia um terno marrom estava mais adiante no corredor, ao lado da trilha de sangue. Parecia estar desenhando os respingos e os marcadores de evidência correspondentes.

- Você devia dar uma olhada nisso - disse ele. D. D. e Phil se aproximaram. -

Percebe como as gotas parecem se irradiar em duas direções diferentes, além dos esfregaços, aqui e aqui?

D. D. se agachou e, obedientemente, observou os borrifos. Como o investigador disse, metade das gotas aparentemente se espalhavam para frente e a outra metade para trás. Também havia dois esfregaços de sangue, como se dois objetos houvessem sido arrastados por sobre os locais onde o sangue se espalhou.

- Ele a pegou no quarto inicialmente - disse o homem, num tom casual. -

Acertou o primeiro golpe. Mesmo assim, ela conseguiu passar por ele, e correu para cá. Infelizmente, não conseguiu escapar.

- Ele a esfaqueou outra vez? - perguntou D. D., com uma expressão séria no rosto.

- Não. Isso resultaria num padrão de respingos em forma de arco na parede, além de outros respingos. Provavelmente no teto, dependendo da direção do golpe.

Ele apenas a agarrou. Provavelmente pelo cabelo. Depois, arrastou-a para a parte de trás da casa, junto com os outros, onde terminou de matá-la. Veja, o primeiro padrão de respingos mostra que ela estava correndo em direção à porta. O segundo mostra que ia na direção oposta. Os esfregaços, por sua vez...

- Os calcanhares da vítima - murmurou D. D.

- Exato. Algo horrível para fazer com a própria enteada.

O homem terminou de fazer o desenho e estendeu a mão para cumprimentá-la. -

Você deve ser a sargento Warren. Eu sou Alex Wilson. Serei a sombra de Phil durante um mês.

D. D. deu uma rápida olhada para Phil; ele deu de ombros. - É verdade. Fui informado há trinta minutos. Você sabe como são as coisas: somos sempre os últimos a saber.

D. D. apertou a mão do homem, mas continuava com a expressão séria no rosto. - E você é especializado em...?

- Antigamente eu trabalhava como investigador. Há mais ou menos uns oito anos, troquei o trabalho de campo por uma vaga como instrutor na academia de polícia. Mesmo assim, estava me sentindo meio enferrujado e pedi permissão para acompanhar um investigador durante um mês. Oito anos é tempo demais nesta profissão. Com todos os avanços em fotografia digital e identificação eletrônica de impressões digitais, começo a me sentir como um dinossauro ambulante.

- Você estava no departamento de polícia de Boston há oito anos?

- Não. Trabalhava em Amherst. Por quê?

- Nada. Só para puxar assunto.

D. D. continuou a estudar o homem. Estimou sua idade em pouco mais de 40

anos, um número desconfortavelmente próximo da sua própria idade - especialmente porque ele havia chamado a si mesmo de dinossauro. Não era alto demais, talvez com pouco mais de um metro e oitenta, e relativamente em forma. Seu cabelo escuro, curto, tinha vários fios grisalhos aparentes, e os cantos dos seus olhos se enrugavam quando franzia as sobrancelhas. Um George Clooney das classes trabalhadoras. Ela gostava disso.

Portanto, Alex Wilson, de Amherst. Ela teria de perguntar a outras pessoas sobre esse homem.

- Tudo bem, professor. O que mais você tem para nos mostrar?

- Acho que a situação começou com a esposa.

Alex os conduziu pelo corredor, andando perto da parede para não pisar na trilha de sangue. - Provavelmente começaram a discutir durante o jantar, não sei.

Mas ele a seguiu até o quarto e a atacou pelas costas. Foi rápido. Um golpe forte, dilacerando a coluna vertebral na base do crânio. Mesmo que ela conseguisse sobreviver para gritar, o golpe a deixaria tetraplégica. Ela caiu de joelhos e o seu coração parou de bater antes que o corpo se esvaísse em sangue.

Alex passou por uma porta à direita. D. D. viu que estava em um quarto amplo, mobiliado com uma cama *king-size* e duas cômodas que não combinavam entre si -

na verdade, pareciam ter sido recolhidas em alguma loja de móveis usados. A cama estava coberta com uma velha colcha florida. Dois lençóis cor-de-rosa substituíam as cortinas em frente às janelas.

Sobre a cômoda maior, havia várias fotografias emolduradas, incluindo um retrato de 20 × 25 centímetros que mostrava uma noiva loira e sorridente, ao lado de um noivo moreno, que também sorria. No piso, em frente à cômoda, havia uma

grande mancha escura, que cobria pelo menos uma dúzia de tábuas do piso.

Provavelmente era o que restava da noiva de cabelos loiros.

- Onde está o corpo?

- Vou lhe mostrar - disse Alex. Ele os levou de volta para o corredor, cruzou os respingos de sangue com cuidado para não pisar neles e entrou no quarto seguinte. O

cômodo era menor e estava pintado em um belo tom de azul. Pôsteres de Tom Brady5 cobriam uma das paredes, enquanto várias prateleiras contendo bolas de futebol americano autografadas e diversos troféus esportivos cobriam as outras.

À direita, a cama estava coberta com uma colcha estampada com o distintivo do New England Patriots. Logo em frente havia uma mesa própria para jogos de cartas que parecia servir como escrivaninha, com uma cadeira de metal que estava um pouco afastada. Ao lado da cadeira, outra mancha escura cobria o piso.

- Filho mais velho - comentou Alex. - Provavelmente ouviu o tumulto no quarto dos pais. Levantou-se para dar uma olhada. A julgar pelos troféus, o garoto gostava de esportes e era razoavelmente grande para a idade. Depois da mãe, seria a próxima ameaça, logicamente. Assim, o sujeito entrou no quarto de forma rápida e decisiva.

O garoto provavelmente ainda estava pensando, "Mas que diabos...?", quando o sujeito o atinge pela lateral, esfaqueando-o entre as costelas e atingindo diretamente o coração.

- Outra vez com um único golpe? - perguntou D. D., bruscamente.

- Do mesmo jeito que a mãe, sim.

- O primeiro na nuca, o segundo entre as costelas. Estou começando a desconfiar que o sujeito tem alguma experiência.

- Suspeito que tenha passado pelas Forças Especiais. Esfaqueamentos fazem bastante sujeira, mas esse cara transformou o assunto em uma ciência.

- Tudo bem - continuou D. D., rapidamente. - A mãe está no chão. O filho mais velho está no chão. O que aconteceu depois?

- Faltavam dois. Menina de 12 anos, menino de 9. Provavelmente esperava apanhá-los um de cada vez, mas, por obra do acaso, os dois estavam no quarto da garota.

Alex saiu do quarto azul e os investigadores seguiram em fila indiana pelo corredor novamente. Desta vez, o rastro de sangue fez uma curva, levando-os através da porta para um quarto com as paredes

5 Tom Brady é o *quarterback* (capitão) do time de futebol americano New England Patriots e um dos jogadores mais famosos da história desse esporte. Casou-se com a modelo brasileira Gisele Bündchen em 2009. pintadas de cor-de-rosa e janelas com os batentes roxos. Nas paredes, alguns pôsteres de Hannah Montana e dos Jonas Brothers.

- Como podem ver, as coisas ficam um pouco mais complicadas aqui - disse Alex. Ele apontou para o chão, onde havia uma quantidade imensa de respingos de sangue, lugares em que o sangue havia ficado empoçado e pequenas placas amarelas que sinalizavam o local das evidências.

- A julgar apenas pela condição dos corpos, suspeito que ele tenha atacado o garoto primeiro.

- Por que o garoto?

- Um único ferimento mortal. Dê uma olhada na cama.

D. D. percebeu que o edredom roxo não era realmente dessa cor.

Anteriormente, era de um tom rosa escuro. A cor original agora estava tingida por outra mancha grande de sangue, com um padrão de respingos em forma de arco da mesma cor manchando a parede oposta.

- As crianças sabiam - disse Alex, num tom mais suave e menos acadêmico. -

Não há nenhum armário no quarto. Assim, os dois se encolheram no canto. Irmão e irmã juntos, num esforço desesperado para sobreviver. O sujeito entrou.

Provavelmente deveria estar com uma aparência horrível. Coberto de sangue após desferir o primeiro golpe, e isso sem mencionar o que aconteceu depois do segundo.

As crianças estavam lado a lado, perto da cama.

Ele continuou. - O menino foi o primeiro a tentar fugir, eu creio. Pulou na cama

e tentou passar ao redor do sujeito. Não funcionou. O sujeito retalhou a garganta do garoto quando ele tentou fugir. Fim de jogo. Provavelmente a garota gritava. Mas ela não fica paralisada pelo medo, o que é interessante. A maioria das pessoas que testemunhassem uma cena desse tipo...

Alex deixou a frase no ar, depois limpou a garganta, prosseguindo. - A garota corre. Aproveita a morte do próprio irmão para sair correndo em direção à porta da rua. Entre todos eles, é a única que tem a chance de fazer alguma coisa. Ele a atinge.

Bem aqui. - Com o lápis que tinha nas mãos, Alex apontou para uma mancha redonda e borrada. - Talvez o sujeito estivesse tentando atingir o pescoço da menina, mas acabou acertando o ombro. O golpe a desequilibrou, o que resultou neste esfregaço aqui e este outro. Provavelmente causados pelos pés da garota, mas ela continua a resistir. Que Deus a abençoe. Foge pelo corredor, tentando salvar a

própria vida. E depois...

- Ele a alcança - completa D. D., ficando em silêncio a seguir. - Mas não a mata? Ele a arrasta para outro lugar?

Alex deu de ombros. - Quem sabe? Ela era a última que restava e ele a deixou incapacitada. Talvez tenha percebido que não precisava se apressar. Ou talvez quisesse apenas fazê-la sofrer por mais algum tempo. Ela fugiu. Aquilo o irritou.

- Abuso sexual? - perguntou D. D.

- Vai ter que perguntar ao legista. As roupas estão intactas. Nenhum sinal óbvio.

- Você acha que ela é a afilhada do homem?

- É muito parecida com a mãe. Não se parece em nada com o pai.

- Então, talvez o objetivo dele pudesse ter um elemento sexual. Sentia-se atraído por ela, queria a garota para si...

Alex olhou para D. D.

- Venha, vou lhe mostrar o resto.

A porta dos fundos da casa dava para uma varanda cercada por telas - o tipo de lugar para se ficar durante as noites de verão, conhecidas por serem infestadas de mosquitos. Esta área obviamente não fora incluída nas reformas da casa; várias telas estavam rasgadas e o piso de linóleo estava descascando em alguns pontos. Mas aquilo não era um problema. O assoalho agora estava coberto de sangue, enquanto o único móvel no local, um divã almofadado quebrado, de acordo com o relato de Alex, foi onde os corpos da família inteira foram reunidos.

- Ele os deitou lado a lado. Primeiro a mãe, depois o filho mais velho. Em seguida, a filha, e, por último, o filho mais novo.

Alex apontou para o estofamento do divã, encharcado de sangue, coberto por moscas atraídas pelo aroma das mortes recentes.

- Os legistas estão com os corpos? - perguntou D. D.

- Sim. Devido ao calor e à atividade dos insetos, era importante remover os corpos imediatamente.

- Quer dizer que a filha foi morta aqui, e não dentro da casa?

- Sobre o divã, eu creio. A equipe médica vai ter que analisar, mas parece que

ele a trouxe até aqui e a estrangulou. Asfixia manual. Patrick é um cara grandalhão.

Não demoraria muito para conseguir fazer isso.

- E depois ele trouxe todos os outros corpos?

- Imagino que tenha acontecido nessa ordem. Ele queria acabar com a enteada primeiro, em seguida iria se ocupar com a limpeza da casa.

D. D. tinha uma expressão séria. Não gostava nada daquilo. - Você está me dizendo que o sujeito trouxe três corpos que estavam na casa até aqui. Por que não estamos vendo mais sangue? Esse tipo de crime deixaria trilhas de sangue por toda parte.

Alex deu de ombros. - Os legistas podem lhe dar os detalhes, mas eu acho que os corpos já haviam perdido quase todo o sangue que tinham. O processo acabou

ficando mais limpo.

D. D. continuou séria. - Não entendo. Estamos falando do pai, não é? Primeiro ele assassina toda a família, cada membro dela. Depois, junta todos aqui na varanda para uma última reunião familiar?

- Acho que ele estava se desculpando.

- O que foi que disse?

- Se presumirmos que o pai cometeu o crime, então ele exterminou uma família

- declarou Alex. - Bem, talvez o evento tenha começado de maneira impulsiva.

Brigou com a esposa e a coisa foi longe demais. Ou talvez não seja o caso. Talvez ele estivesse planejando isso o tempo todo. Mas pense a respeito da natureza de um exterminador de famílias. Por que esses caras matam?

D. D. o encarou. - Não sei. Por que esses caras matam?

- Porque acham que estão fazendo um favor para a família.

- Outro bom motivo para eu continuar solteira, já que você tocou no assunto.

Alex lhe deu um sorriso torto. - A situação estava difícil. Aposto que, quando investigarmos a fundo, vamos perceber que o panorama financeiro estava ainda pior.

Talvez eles estivessem a ponto de enfrentar um processo de falência ou de serem despejados. A pressão aumenta. O pai começa a pensar que é melhor estar morto, mas não quer machucar a família. Isso o faz pensar que seria melhor se *eles* morressem. É cruel demais matar a si mesmo. Assim, ele fará a coisa certa por seus familiares: vai matar a todos.

- Droga - disse D. D., observando o piso encharcado de sangue, espantando outra mosca.

- Ele mata um por um. Depois, traz cada um deles até aqui e os coloca lado a lado. Talvez faça uma prece por eles. Ou lhes absolve os pecados, ou então faz um pequeno discurso que já havia preparado em sua cabeça. "Eu amo vocês,

quero apenas o que é melhor para todos e os verei em breve". Depois, ele pega um revólver e estoura a própria cabeça.

- Ele se matou? - interveio Phil. - Covarde.

- Pois é. Especialmente porque não conseguiu concluir o serviço.

D. D. demorou para reagir ao comentário. - Quer dizer que...

- Sim. O pai está passando por uma cirurgia neste momento no hospital geral de Massachusetts. Com sorte, vão salvar a vida dele. E aí poderemos colocá-lo atrás das grades.

- O pai ainda está vivo - murmurou D. D., olhando para o sangue e espantando as moscas famintas com a mão. Ela finalmente sorriu. A expressão em seu rosto tinha um quê de maliciosa. - Acho que vamos acabar nos divertindo com este caso, afinal.

Eles estavam caminhando de volta para a frente da casa, passando pela sala de jantar, quando ela percebeu o detalhe que causaria uma reviravolta na investigação.

Interrompeu a caminhada abruptamente. Após alguns momentos, Phil e Alex fizeram o mesmo.

- Ei, professor - disse ela. - Tenho uma pergunta para você.

Alex levantou uma sobrancelha, mas aguardou.

- Então, vejamos. O pai mata a mãe, o garoto de 14 anos, o garoto de 9 e a filha de 12; e, finalmente, atira contra a própria cabeça.

- Essa é a teoria até o momento, sim.

- De acordo com as evidências dos vestígios de sangue.

- De acordo com o exame preliminar dos vestígios de sangue, sim.

- É uma análise impressionante - disse ela. - Muito bem elaborada. Percebi que você consegue encantar seus alunos.

Alex não disse qualquer palavra, o que confirmou que era tão inteligente quanto parecia ser.

- Mas há outra evidência que é extremamente importante.

- E qual é?

- A sala de jantar.

Alex e Phil se viraram para a sala de jantar.

Phil foi o primeiro a fazer a pergunta. - O que há na sala de jantar?

Alex, por outro lado, entendeu tudo. - Droga.

- Sim, é sempre um pouco mais complicado do que gostaríamos que fosse - concordou D. D. Ela olhou para Phil. - Temos cinco corpos, não é? Quatro mortos e um em condição médica crítica. Cinco corpos para uma família com cinco pessoas.

Phil assentiu.

- Então, por que a mesa está posta para seis pessoas?

Capítulo 4

Danielle

Quer saber o que significa ser uma enfermeira psiquiátrica? Bem-vindo à Clínica de Avaliação Pediátrica de Boston, também conhecida como CAPB. Nossa unidade ocupa o andar mais alto do Centro Médico Kirkland. Gostamos de pensar que temos uma das melhores vistas em Boston, o que não deixa de ser justo. Afinal, trabalhamos com os cidadãos mais difíceis.

Na noite de quinta-feira, eu estava sentada no corredor da ala pediátrica, observando a nossa mais nova paciente. Seu nome era Lucy, e foi internada na tarde de hoje. Tínhamos apenas vinte e quatro horas para nos preparar para a sua chegada, o que não foi suficiente, mas fizemos o melhor que podíamos. A maioria das nossas crianças ficam em quartos duplos; Lucy tinha um quarto só

para ela. A maioria dos quartos têm dois leitos individuais, além de mesas e guarda-roupas. O quarto de Lucy tinha um colchão e um cobertor, e mais nada.

Aprendêramos da maneira mais difícil que os vidros à prova de choques nas janelas, no oitavo andar, nem sempre aguentam os golpes de uma criança enfurecida, armada com uma mesinha de cabeceira de dez quilos.

Lucy era uma criança selvagem. Isso significa que sofreu abusos tão severos, durante tanto tempo, que sua humanidade acabou sendo arrancada. Ela não usava roupas nem talheres e não desempenhava os cuidados básicos com a higiene. Não falava e nunca fora treinada para usar o banheiro. De acordo com o prontuário, ela passou a maior parte da vida em um freezer desconectado da rede elétrica, com buracos de bala para que pudesse respirar. O resultado era uma garota de 9 anos que existia e se comportava como um animal selvagem. E, se não fôssemos cuidadosos, ela nos treinaria para tratá-la como tal.

Na primeira hora após sua internação, Lucy saudou nossa enfermeira-chefe defecando em sua própria mão, depois comeu as fezes. Vinte minutos depois, um conselheiro sociocomportamental a observou rasgar o travesseiro e arrancar a espuma de enchimento, enfiando-a em seguida em vários orifícios. O travesseiro foi retirado; Lucy não permitia que removêssemos os restos da espuma. Uma hora mais tarde, arranhou o próprio braço e rabiscou as paredes com seu sangue.

Primeira observação sobre a nossa nova paciente: qualquer forma de atenção parecia desencadear uma necessidade de se autodegradar. Se Lucy tivesse espectadores, teria que se ferir de alguma forma.

Por volta das quatro da tarde, concordamos em confinar Lucy a seu quarto e designar um dos membros da equipe para monitorá-la. Em vez do sistema de verificações tradicional, feito a cada cinco minutos - onde um conselheiro sociocomportamental registra o local onde cada criança se encontra a cada cinco minutos - um dos membros da equipe observaria Lucy tão discretamente quanto possível, registrando suas impressões a cada vinte minutos.

Nesta noite, a sortuda que recebeu a incumbência fui eu.

Demorou até as onze da noite para que as crianças se acomodassem. Algumas dormiam em colchonetes no salão, que era bem iluminado; eram as crianças que tinham medo muito forte do escuro. Outros só conseguiam dormir sozinhos em um quarto totalmente escuro. Outros precisavam de música, ruído branco similar

à estática de rádio ou, no caso de uma das crianças, um relógio de corda, cujo tique-taque simulava as batidas do coração da mãe que ela havia perdido. Preparamos tudo de acordo com as necessidades.

Para a primeira noite de Lucy, não fiz nada de especial. Simplesmente me sentei com as costas apoiadas na porta do quarto dela e li histórias para as outras crianças.

De tempos em tempos eu percebia o reflexo de Lucy no espelho convexo instalado no teto, acima de mim. Esses espelhos convexos estavam espalhados por todo o corredor em intervalos estratégicos - era a nossa versão de um sistema de segurança, já que refletiam as atividades dentro do quarto de cada paciente.

Lucy parecia prestar atenção na história. Estava encolhida ao redor de si mesma no chão, agitando uma mão no ar, como um gato que poderia estar entretido com a própria pata. Se eu acelerasse a leitura, a mão dela se movia mais rápido. Se eu lesse mais lentamente, ela ajustava seu ritmo na mesma proporção.

Vinte minutos depois, ela desapareceu. No reflexo distorcido do espelho, finalmente percebi que o seu pé aparecia por baixo do colchão. Quando percebi que ela não se movia, me virei para observar o quarto diretamente. Aparentemente, ela havia coberto o corpo com o colchão até que finalmente dormiu. De tempos em tempos o pé se movia com um espasmo, como se ela estivesse sonhando.

Eu também me acomodei, sentando-me no chão com as costas contra a parede.

Havia outros cinco ou seis membros da equipe espalhados pelo corredor. O horário da noite naquela unidade era a hora de organizar os documentos, formulários e o resto da papelada. Quando surge a oportunidade, é preciso deixar tudo em ordem.

Nenhuma das crianças conseguia dormir por muito tempo. Alguns dos mais hiperativos precisavam ser alimentados a cada três horas, embora ninguém dissesse que aquilo acontecia, a julgar pela compleição quase esquelética dessas crianças.

Outros simplesmente não conseguiam dormir.

A noite também era hora dos velhos terrores e de novos medos. Um vasto

repertório subconsciente com todo tipo de maldade que já haviam sofrido. Alguns acordavam chorando. Alguns acordavam gritando. E outros acordavam prontos para entrar em combate. Lutar ou fugir. Nem todos nasceram para fugir.

Abri o primeiro prontuário e senti que minhas pálpebras já estavam ficando pesadas. Eu vinha trabalhando demais nas últimas semanas. Fazendo cada vez mais plantões. Cada vez menos sono. Eu precisava me manter acordada, especialmente nesta época do ano.

Mais quatro dias. Seria o vigésimo quinto aniversário, e depois haveria mais um ano. Continuar a viver a vida. Essa é a tarefa do único sobrevivente.

Eu imaginava o que Lucy pensaria se soubesse que, durante vários anos, eu também dormi debaixo de um colchão.

No meu décimo-oitavo aniversário seduzi o xerife Wayne. Eu não havia planejado aquilo. Esbarrei nele em Boston, três dias antes. Ele trouxera sua esposa, a filha adulta e dois netos para os jardins públicos para observarem os barcos em forma de cisne. O Sol brilhava. Era um belo dia de primavera, em que as tulipas se agitavam com o vento e as crianças gritavam enquanto perseguiam os patos e esquilos pelos imensos gramados do parque.

O xerife Wayne não me reconheceu. Provavelmente eu mudara demais nos nove anos anteriores. Meu cabelo castanho estava longo, com um corte moderno e longas franjas por sobre a testa. Eu usava um jeans de cintura baixa e uma camiseta regata de listras amarelas, comprados na Urban Outfitters. Minha tia Helen transformara sua sobrinha pobre e desmazelada em um expoente da moda *hip* de Boston. Pelo menos, é assim que nós duas gostávamos de pensar.

Reconheci o xerife Wayne, mesmo ele estando de costas. Não foi por causa da aparência, mas sim pelo jeito que ele andava. O movimento firme das pernas por entre as trilhas do parque enquanto arrebanhava os netos, que pulavam por toda parte, trazendo-os de volta para perto dos outros membros da família.

O xerife Wayne percebeu que eu estava parada nas proximidades, olhando diretamente para ele. Ele se virou na direção das outras mulheres que o ladeavam quando finalmente se deu conta de quem eu era. A sensação insistente de familiaridade fez com que seus pensamentos se encaixassem, e girou sobre os calcanhares, olhando-me de cima a baixo.

- Danielle - disse ele, e o som da sua voz novamente, após todos aqueles anos

vivendo em meus sonhos, o sussurro solitário de segurança em meio a tantas imagens de sangue e violência, finalmente me libertou. Dei um passo adiante.

Depois, outro.

A esposa e as filhas me notaram naquele momento. A filha ficou confusa com a minha aproximação. A esposa - seu nome era Sheila - deve ter se lembrado de mim.

Ela não se moveu, e consegui ver a simpatia silenciosa em seus olhos.

O xerife Wayne assumiu o controle da situação. Apertou a minha mão e fez as apresentações entre sua esposa, filha, netos e eu. Ele suavizou a situação, como um homem acostumado a apartar brigas de bar sabia fazer. Eu poderia ser a filha de um velho amigo, que o reencontrou depois de todos esses anos. Conversamos sobre amenidades, sobre o dia estar ensolarado e sobre a beleza do parque. Ele me falou sobre o outro filho, já crescido, que morava em Nova York. Ficamos encantados com sua neta, que se escondia atrás das pernas da mãe, e o neto, que adorava perseguir os esquilos.

Mencionei que começaria meus estudos na faculdade quando o outono chegasse. O xerife Wayne apertou a minha mão novamente, sempre com uma aprovação silenciosa. Olhe para mim e veja o que me tornei.

Olhe para mim, a sobrevivente solitária.

Eles continuaram a desfrutar o dia, seguindo a trilha sinuosa até o local onde os barcos em forma de cisne estavam ancorados. Eu estudei o espaço vazio onde a família estava anteriormente.

E soube, naquele instante, que tinha de ver o xerife Wayne novamente.

Ele tinha que ser meu.

Telefonei no dia seguinte. Foi muito bom vê-lo no parque. Sua filha era linda, e seus netos eram adoráveis. Escute, tenho algumas perguntas. Não queria pressioná-

lo, mas talvez pudéssemos sair juntos. Jantar. Apenas uma vez.

Percebi sua relutância. Mas ele era um homem decente. Sua decência acabou vencendo e o trouxe a mim.

Dei o endereço da *kitchenette* para onde havia me mudado naquele outono, uma das etapas nos preparativos para a faculdade. Deixei implícita a impressão de que ele viria até lá para me buscar, e depois sairíamos para jantar. Mas já sabia que não aconteceria assim.

Fechei o sofá-cama, armei a mesa dobrável que usava de vez em quando e a

cobri com a minha toalha favorita, estampada com flores. Preparei a mesa com cuidado, coordenando pratos vermelhos e amarelos de cerâmica e um fundo contrastante. Um vaso de flores roxas no meio. Duas velas brancas no candelabro de cristal que minha mãe ganhou de presente quando se casou, e provavelmente abriu o pacote com uma sensação de alegria e otimismo.

Ela não sabia o que lhe aconteceria. Eu repetia aquilo para mim mesma o tempo todo. Ela não teria condições de saber.

Vesti um jeans de cintura baixa e uma camisa branca, com botões na frente.

Deixei o cabelo castanho solto. Gostei daquela combinação, uma cascata escura contra um fundo branco.

Por baixo, usei o menor sutiã meia-taça do planeta e uma calcinha fio-dental cor de champanhe. Não tenho o corpo mais bonito do mundo, mas sei como usar o que tenho.

Quando o xerife Wayne chegou, percebi que ficou desanimado com a cena.

Uma mesa bonita no meio de um apartamento minúsculo. O aroma do molho de espaguete borbulhando e macarrão fervendo no fogão.

Não lhe dei a menor chance de pensar no que estava fazendo.

Entre, entre, eu disse, cheia de largos sorrisos e uma expressão jovial. Perdoe a falta de espaço. Morar na cidade é diferente. Peguei a sua jaqueta antes que ele conseguisse piscar os olhos e a pendurei em um cabide para casacos enquanto

conversava. Sei que falamos sobre jantar fora, mas estava me sentindo um pouco nervosa com a possibilidade de conversarmos em público, e então, se ele não se importasse, decidi fazer um pouco de macarrão ao molho. Não sou a melhor cozinheira do mundo, ainda estou aprendendo, e coisa e tal.

O que o pobre homem podia dizer? O que o pobre homem podia fazer?

Ele disse que o meu apartamento era muito bonito. O molho cheirava bem. É

claro que podíamos jantar aqui, não era preciso sair. Se aquilo fosse me deixar mais confortável, ele não teria problemas.

Fiz com que ele se sentasse à mesa e lhe servi um belo copo de vinho tinto.

Nem um pouco para mim; aquilo não seria correto. Acrescentei um pouco de música. Ele não me pareceu ser um cara que gostaria de Nine Inch Nails, então escolhi um CD de jazz.

Começamos o jantar com uma salada. Ele estava sentado, com o corpo tenso.

Nem tocou no vinho, e mantinha os olhos no prato. Ele havia envelhecido bem. Um

corpo forte, grande, mas não gordo. Cabelos grisalhos emoldurando um rosto largo, e tinha bigode. Movia-se de maneira concisa, com uma economia de movimentos que me agradava.

Ele me perguntou a respeito da minha tia, minhas notas na escola, meus planos para o futuro. Descrevi de maneira leve a vida nova e melhorada que eu tinha. Era o que ele precisava ouvir; uma vez me carregou pela casa do meu pai, com os braços fortes ao redor dos meus ombros. Sua voz era um sussurro carinhoso nos meus ouvidos. "Não olhe, querida. Você está segura agora. Está segura".

Servi o *penne* e o cobri com molho vermelho.

Depois, as coisas ficaram sérias.

Não perguntei sobre o meu pai. Em vez disso, fiz o xerife puxar da memória todos os momentos alegres e resplandecentes do riso da minha mãe, das traquinagens de Johnny e a compaixão de Natalie pelos animais. Fiquei sabendo

que, certa vez, minha irmã adotou um coelho selvagem que encontrou, atropelado por um carro, e cuidou dele até que ficasse novamente saudável. Ela queria trabalhar com animais.

O xerife Wayne me contou. E meu irmão gostava de subir até o topo das árvores e depois chamar a minha mãe para vir vê-lo - só para que ela levantasse as mãos e gritasse, fingindo estar horrorizada.

Aquelas lembranças o atingiram, também. Magoaram-no ele ainda mais do que a mim, porque essas pessoas continuavam a ser reais em sua mente, embora tivessem se tornado fantasmas para mim há muito tempo.

Não demorou até que o vinho acabasse. Quem poderia culpá-lo?

Ele se ofereceu para lavar os pratos. Eu o observei enquanto ele andava pelo meu pequeno *kitchenette*, com gestos não tão firmes após duas horas de emoções intensas e uma garrafa inteira de Chianti. Ele empilhou os pratos na pia. Enxaguou um por um. Colocou-os em uma pilha para deixá-los de molho. Depois, as panelas.

Seu copo de vinho. Meu copo de água. Dois garfos. Duas colheres. Duas facas.

Quando voltou para a mesa, consegui ver os efeitos da noite nas linhas duras do seu rosto. Ele tentou falar, mas não deixei.

- Shhhh - eu disse. - Shhhh...

Enquanto isso, eu abri o primeiro botão da minha camisa, depois o segundo, e em seguida o terceiro, expondo pouco a pouco longas linhas de pele nua e bronzeada, cobertas pela lingerie rendada.

- Não faça isso - disse ele. - Não é... não é certo.

- Shhhh....

Eu me sentei sobre seu colo, de frente para ele. Minha camisa, aberta, deslizou pelos meus ombros. Movimentando lentamente meus quadris contra a virilha dele.

Ele tentou protestar mais uma vez. Sua boca formava palavras débeis que eu

fingia não ouvir. Acariciei seu cabelo curto com as mãos. Toquei os contornos sólidos dos seus ombros. E senti seu corpo começando a reagir quando minha camisa branca caiu no chão, enquanto eu arqueava minhas costas e me oferecia a ele.

- Danielle... - um último pedido, desesperado.

- Shhhh...

Conduzi sua boca até o meu seio. Quando senti seus lábios finalmente se fecharem ao redor do meu mamilo coberto de renda, a carência que me arrebatava, a carência pura, cortou mais fundo do que qualquer angústia já havia feito.

Eu o tomei, o homem que me salvou. E, por um breve momento, ele foi meu.

Foi somente depois de alguns anos, depois de completar meus estudos e embarcar em uma carreira na área psiquiátrica, que finalmente entendi os danos que causei ao xerife Wayne naquela noite. Eu o feri, e o marquei com aquela dor, forçando-o a carregar consigo a cicatriz dos meus próprios ferimentos. Um homem decente que tinha de viver seus dias ao lado da esposa, dos filhos e netos sabendo que, durante uma noite, não honrou suas obrigações como marido, pai e protetor da comunidade.

Depois, quando eu dormi naquela noite, não consegui mais ouvir a voz dele.

Estava sozinha, com o sangue e o cheiro de cordite. Ninguém mais me pegou nos braços e me tirou da casa do meu pai.

Acho que era o mínimo que eu merecia.

Capítulo 5

As ações na cena do crime foram encerradas às 23h53. Não que o trabalho estivesse totalmente concluído, mas, por ora, a investigação estava terminada. Os investigadores voltaram à base para uma conferência sobre o caso. Uma unidade inteira pode dar início a um caso, mas não pode dá-lo por encerrado. Para isso, era necessário que alguém se responsabilizasse pelo caso. Alguém disposto a colocar a corda no próprio pescoço se o trabalho não prosseguisse.

D. D. foi a escolhida para a honraria. Não era algo surpreendente, mas ela ainda se sentia obrigada a fazer um pequeno discurso de aceitação.

- Em meu nome e em nome de toda a minha equipe, eu tenho a honra de aceitar sua confiança em nossos esforços.

Algumas vaias vieram do fundo da sala e outros investigadores lhe atiraram bolas de papel amassado. Ela pegou as bolas de papel que caíram mais perto e as lançou de volta.

- É claro, esperamos ter tudo resolvido logo pela manhã...

Mais uma onda de vaias e assobios. Depois, algum engraçadinho comentou que, dentro de seis minutos, chegaria a "manhã". D. D. pegou outra bola de papel amassado e acertou o investigador bem entre os olhos.

- Portanto, vocês podem voltar ao trabalho de proteger os honrados cidadãos de Boston - concluiu ela, em meio à algazarra. - Vamos cuidar desse caso.

O delegado superintendente revirou os olhos quando ela se sentou, mas não disse nada. Foi uma noite longa em uma cena de crime complicada. Os investigadores tinham o direito de espairecer um pouco.

- Precisamos dar uma coletiva para a imprensa - foi tudo o que o chefe tinha a dizer.

- Será a primeira coisa que faremos pela manhã - garantiu D. D.

- Qual vai ser a versão oficial?

- Não sei ainda.

D. D. pegou sua jaqueta, que estava sobre o encosto da cadeira, e depois fez um sinal para Phil, seu colega da equipe de investigadores, indicando que era hora de ir embora. - Pergunte-me quando voltarmos do hospital.

Patrick Harrington, pai das três crianças assassinadas na casa em Dorchester, estava se recuperando da neurocirurgia durante as últimas três horas quando D. D. e Phil chegaram ao hospital. De acordo com a enfermeira encarregada, ele não estava

em condições de conversar.

- Nós é que vamos decidir se ele está em condições - disse D. D. à enfermeira, enquanto ela e Phil mostravam suas credenciais.

A enfermeira não se impressionou. - Querida, este homem está em coma induzido por medicamentos, com um manômetro ligado à cabeça para medir sua pressão intracraniana. Não me importa se você tem um passaporte direto para os portões do céu; o homem não pode falar agora, porque ele simplesmente *não está em condições* de falar.

Aquilo tirou um pouco do ímpeto de D. D. - Quando você acha que ele estará em condições de depor?

A enfermeira olhou D. D. de cima a baixo. D. D. fez o mesmo com a enfermeira. Hospitais tinham diretrizes específicas sobre o direito de um paciente à privacidade. O sistema jurídico havia feito uma ou duas declarações sucintas sobre o assunto. Mas, de acordo com um investigador, o mundo continuava a ser um sistema composto por seres humanos. Algumas enfermeiras-chefe se comportavam como cães de guarda quando era necessário proteger seus pacientes. Outras estavam dispostas a considerar a situação geral, se as coisas fossem apresentadas da maneira correta.

A enfermeira encarregada pegou uma prancheta com o prontuário e deu uma olhada nas anotações. - Em minha opinião profissional, não há como saber.

- Como foi a cirurgia? - interrompeu Phil. A enfermeira o encarou, percebeu a mancha de *ketchup* na camisa branca e abriu um pequeno sorriso.

- O cirurgião removeu o objeto do corpo. Isso deve ajudar.

D. D. se recostou no balcão da enfermaria. Agora que a linguagem corporal da enfermeira mostrava que ela estava mais à vontade, era o momento de pressioná-la.

Ela olhou para o crachá da enfermeira. - Terri, você soube o que Patrick fez com a família?

- Algum tipo de incidente doméstico - disse a enfermeira Terri, encarando-os com seriedade. - Talvez não tenha gostado da comida que sua esposa lhe

preparou.

Se você me perguntar, nós vemos muitas situações parecidas aqui. Os homens precisam começar a gostar de comida queimada.

- Bem, a coisa foi um pouco mais complicada do que uma discussão com a esposa. Há crianças envolvidas. Três delas. Ele matou todos.

Terri hesitou, e mostrou o primeiro lampejo de interesse. - Ele... matou os próprios filhos?

- Nove, 12 e 14 anos de idade. Todos mortos.

- Santo Deus...

- É o que pensamos que ocorreu. Entretanto, seria bom ter certeza do que aconteceu naquela casa. Afinal, há uma diferença entre quatro pessoas assassinadas por alguém da própria família e, digamos, a possibilidade de que um maníaco ensandecido ainda esteja solto por aí. É por isso que precisamos colher todos os detalhes. Como Patrick é o único sobrevivente...

A enfermeira Terri deu um longo suspiro, e finalmente se rendeu. - Olhe, não posso fazer esse homem recobrar a consciência, nem mesmo para atender à polícia de Boston. Mesmo assim, posso dar uma olhada para ver se o dr. Poor ainda está por aqui. Foi quem internou o paciente quando ele chegou à sala de emergência. Talvez o dr. Poor possa dizer algo a respeito.

- Perfeito.

- Sentem-se e fiquem à vontade. Médicos respondem somente a Deus, e não a enfermeiras. Pode demorar algum tempo até que chegue.

- Eu acredito que você conheça uma maneira de fazer um médico se apressar.

- É mais fácil chover dinheiro.

D. D. e Phil compraram café na cantina do subsolo e se acomodaram na sala de espera. As cadeiras eram baixas e planas e alguém mais audacioso poderia ter a ideia de colocar três delas lado a lado para improvisar uma cama. D. D. se concentrou em seu café. Dormira bem na noite anterior. Aparentemente, seria a

última boa noite de sono que teria por um bom tempo.

Pensou em Chip por um breve momento, e sentiu uma pontada de angústia pela ótima noite de sexo que não iria ter. Depois, voltou a se concentrar no problema que tinha nas mãos.

- O que você achou do professor Alex? - perguntou ao Phil.

- Refere-se à minha nova sombra? - disse Phil, dando de ombros. - Parece ser um cara tranquilo. Inteligente, não atrapalha meu trabalho e fala somente quando tem algo importante a dizer. Até o momento, é melhor do que metade dos investigadores da nossa unidade.

D. D. sorriu. - Você já o investigou?

- Vou dar alguns telefonemas pela manhã.

- Certo.

Os dois ficaram em silêncio. Phil soprava seu café. D. D. já estava bebendo o seu.

- E os planos que você fez para esta noite?

- Melhor não perguntar.

Phil sorriu. - Ei, não era hoje que você ia sair com o amigo da esposa de Charlie?

- Estou lhe avisando, não quero falar sobre isso.

- Vocês saíram para jantar, não foi? Vamos lá, D. D. Você sabe como as coisas são. Quando consegue ter uma noite de folga, não se pode perder tempo com um jantar chique. Vá direto ao ponto, antes do seu *pager* tocar.

- Como assim? Levar um estranho até o meu apartamento e rolar com ele pelo chão, sem roupa? O quarto fica no fim do corredor.

- Nenhum homem reclamaria. Pode confiar em mim.

- Homens são todos uns cachorros.

- Exatamente.

D. D. revirou os olhos. - Você e Betsy são casados há quantos anos mesmo?

Uns noventa? O que você sabe a respeito de encontros e namoros do século xxi?

- Ouço algumas coisas a respeito.

D. D. escapou de mais perguntas constrangedoras quando um médico de aparência exasperada saiu pelas portas duplas que levavam para o interior do hospital. Seu cabelo estava um pouco desgrenhado e tinha as duas mãos enfiadas nos bolsos do jaleco branco.

- Senhores policiais - disse o médico.

- Dr. Poor - responderam D. D. e Phil, levantando-se.

Ele fez um gesto para que os dois o seguissem e cruzou rapidamente a sala de espera, passando pelas portas duplas que ficavam do outro lado, caminhando a passos apressados por entre o labirinto de corredores estéreis. - Preciso pegar um

café. Vocês querem mais? O café daqui é ótimo, mesmo para os padrões de um hospital.

- Estamos bem, obrigada - respondeu D. D. Ela e Phil tinham que se esforçar para acompanhar os passos rápidos do médico. - Bem, doutor, temos algumas perguntas a respeito de um paciente que foi internado no pronto-socorro no começo desta noite. Chama-se Patrick Harrington, e...

- Ferimento?

- Como?

- Qual foi o ferimento? Por que motivo ele foi internado? Não tenho tempo para nomes, apenas para ferimentos.

- Ah, um disparo de arma de fogo de pequeno calibre na cabeça.

- Ah, sim - disse o médico, assentindo vigorosamente, fazendo uma curva à esquerda e depois outra à direita, antes de descer um lance de escadas aos pulos

em direção à cantina do subsolo.

- Ferimento à bala na têmpora esquerda, não é? A bala não saiu pelo outro lado, então imagino que fosse um calibre 22. O projétil assumiu o formato de um cogumelo com o impacto e perdeu muito da velocidade para perfurar a parte de trás do crânio. Sabe, eu vi duas lesões à bala na cabeça na semana passada, em ocasiões diferentes. As duas foram causadas por pistolas de calibre 44. Transforma a cabeça numa massa de estilhaços. Acho que os traficantes andam assistindo demais aos filmes do Dirty Harry[7] .

Ao chegarem à cantina, o dr. Poor foi rapidamente em direção à máquina de café. D. D. achou que ele já havia tomado algumas xícaras naquela noite.

- Estamos interessados em Harrington - sondou ela.

O médico assentiu, despejando uma grande dose de chantilly e quatro sachês açúcar em seu copo de isopor. Mexeu a mistura e depois cobriu o copo com uma tampa plástica.

- Certo. Um único ferimento à bala na cabeça. Quando foi internado, nós limpamos o ferimento, examinamos os danos ao couro cabeludo e avaliamos o ferimento na cabeça. O paciente respondeu de forma limitada e teve uma pontuação baixa na escala de coma de Glasgow[8] . Eu enviei o paciente para uma tomografia computadorizada urgente, e depois para o centro cirúrgico para que o projétil alojado na área frontal-posterior esquerda fosse removido. Acredito que o neurocirurgião de

plantão esta noite era o dr. Badger. Ele é um ótimo profissional, se isso os ajudar.

- E qual é o prognóstico? - perguntou Phil.

O dr. Poor gesticulava enquanto falava. - Há três problemas com os ferimentos na cabeça. O primeiro é a hemorragia. O segundo é o

trauma direto. E o terceiro, o inchaço resultante. Até o momento, o paciente sobreviveu à hemorragia e ao trauma. O inchaço, entretanto, continua a ser uma preocupação, assim como o risco de infecção. E, como resultado, hemorragias posteriores. Mesmo os melhores neurocirurgiões não conseguem reparar todos os danos causados por uma perfuração à bala no cérebro. É como jogar uma faca em um pudim. O pudim não tem a menor chance.

- Quando ele vai recuperar a consciência? - perguntou D. D.

- Não faço a menor ideia. Teria que dar uma olhada no prontuário do paciente.

Acho que ele está sob o efeito de fortes sedativos, o que, provavelmente, é o melhor a fazer por enquanto.

- Mas precisamos fazer algumas perguntas a ele - insistiu a investigadora, impaciente.

O dr. Poor levantou uma sobrancelha. - Metade do cérebro do homem foi transformada em um desfiladeiro. O que você acha que ele vai conseguir dizer?

D. D. e Phil se entreolharam. Não era surpresa ouvir aquilo, mas os dois ficaram decepcionados.

- Pode descrever o ferimento que a bala causou na entrada? - perguntou Phil.

D. D. mordeu o lábio inferior.

Sabia o que Phil pretendia com aquela pergunta. Na perspectiva dos investigadores, seria melhor se o suspeito houvesse morrido na cena do crime. Neste caso, o departamento de medicina legal teria envolvido as mãos do homem em sacos plásticos e preservado a área do ferimento na têmpora esquerda. No necrotério, o legista examinaria as mãos do atirador em busca de vestígios de pólvora e conduziria um exame detalhado do ferimento de entrada. Em vinte e quatro horas ou menos, já haveria evidências científicas suficientes para provar que Patrick Harrington morrera por causa de um ferimento à bala na cabeça, causado por ele mesmo.

Além disso, as roupas de Harrington seriam cuidadosamente preservadas, e, posteriormente, analisadas em busca de respingos de sangue e outras evidências relacionadas aos múltiplos homicídios. E, num passe de mágica, as manchas de sangue nas roupas do sujeito *A* estariam ligadas aos ferimentos infligidos nas vítimas

B, C, D, e *E*, provando que Patrick Harrington esfaqueou a família inteira antes de se suicidar com um tiro na cabeça.

Caso encerrado, e os policiais estariam à espera do próximo.

Em vez disso, o suspeito de matar a família fora levado para o hospital às pressas pelos paramédicos. Lá, suas roupas ensanguentadas foram cortadas e descartadas. Suas mãos e ferimentos foram lavados e higienizados. Inúmeras oportunidades de coletar evidências foram sacrificadas na tentativa de salvar a vida daquele canalha.

Agora, tudo o que eles tinham eram as primeiras impressões do médico, que estava de plantão no pronto-socorro, sobre o sujeito e seus ferimentos. D. D.

preferia ter que discutir o caso com o legista.

O dr. Poor abriu a tampa do copo de café, soprou na mistura açucarada, aparentemente vasculhando sua memória em busca de detalhes. - Eu precisaria verificar as anotações, mas o ferimento de entrada tinha vários centímetros de diâmetro, com marcas de queimadura ao redor das extremidades...

- A arma estava bem próxima à cabeça - interrompeu Phil.

O doutor assentiu. - Eu diria que o ferimento de entrada confirma que o disparo foi feito próximo à cabeça.

Phil anotou isso.

Em seguida, o médico balançou a cabeça. - Vocês querem saber se esse cara atirou na própria cabeça? É isso que estão pensando, não é? Um ferimento à bala causado pela própria vítima?

- É o que estamos tentando determinar - afirmou Phil, cuidadosamente.

- A julgar pelos resultados da tomografia computadorizada, eu diria que é improvável.

- O que quer dizer com isso, exatamente? - perguntou D. D.

- É necessário analisar a trajetória. Pense no caso. O ferimento de entrada estava na têmpora direita, e a bala foi parar na região posterior esquerda. É

praticamente uma linha reta. Se você tentar reproduzir esse tiro...

O médico colocou o copo de café sobre o balcão, estendeu os dedos da mão

direita para imitar um revólver, tentando flexionar o pulso o bastante para apontar para a têmpora esquerda em linha reta. - Não estou dizendo que não pode ser feito,

mas é uma posição desajeitada. Especialmente se considerarmos que a pessoa está sob o efeito da adrenalina e de endorfinas jorrando por toda a parte por causa do trauma, estresse, ansiedade... a maioria dos ferimentos à bala autoinfligidos que registramos têm uma característica angular. Talvez a pessoa titubeie no último momento quando se dá conta que pressionou o gatilho, fazendo o cano da arma se desviar um pouco para baixo ou para um dos lados. Porém, um tiro limpo e direto...

Ele demonstrava seu ceticismo e voltou a pegar o copo de café, tomando outro gole. - Mesmo assim, determinar a trajetória de uma bala através do cérebro não é uma coisa muito fácil.

- Não é? Por quê?

- Bem, após o trauma inicial, o aumento da pressão intracranial faz os tecidos se fecharem ao redor da trajetória da bala após ela atravessar o tecido neural.

Assim, podemos ver onde a bala iniciou a trajetória, o ferimento de entrada, e podemos ver onde ela finalmente parou, mas é possível que ela tenha ricocheteado por dentro. Talvez não seja provável - concluiu ele. - Mas é uma possibilidade.

- Você vê ferimentos a bala autoinfligidos com frequência? - perguntou D. D.

- Com uma frequência razoável, eu creio.

- E como diria que o ferimento de Harrington se compara aos outros? Pode falar de forma tranquila, não é necessário nos dar os detalhes científicos. Estamos apenas nós três conversando aqui.

O médico gesticulou novamente. - Não posso dizer que haja um tipo de ferimento autoinfligido que possa ser tomado como referência. O único elemento em comum é que, quase sempre, acontece com homens. Mas existem diversas variáveis envolvidas no caso para dizer com certeza. Tipo da arma, localização do ferimento...

D. D. fez uma careta, desejando receber uma resposta definitiva. Mesmo assim, não estava completamente surpresa. Médicos detestavam ser colocados contra a parede. - Você examinou as mãos dele?

- Não. Estava ocupado demais cuidando da cabeça do paciente.

- Ele disse alguma coisa ou teve qualquer momento de consciência?

- Não enquanto eu estava por perto - disse o médico, segurando o copo de café com as duas mãos e pronto para sair em disparada novamente pelos corredores do hospital. Ele foi em direção à saída da cantina. D. D. e Phil seguiram, mas sem tanta pressa desta vez.

No último momento, ele se virou. - Talvez seja interessante conversar com a enfermeira encarregada. Descubram quem o internou. Essa pessoa pode saber mais.

O médico desapareceu escada acima.

Eles foram procurar pela enfermeira Terri novamente.

De volta à enfermaria, descobriram que Rebecca Moore, que estava fazendo um plantão duplo naquela noite, foi a enfermeira do setor de emergência que recebeu Patrick Harrington. Ela se afastou de uma criança de 3 anos que estava vomitando para responder às perguntas dos policiais.

D. D. sentiu uma onda de náusea com o cheiro. Phil continuou firme. Ele tinha quatro filhos, e gostava de dizer que trabalhava com homicídios para fugir das coisas nojentas que aconteciam em casa.

- Você internou uma vítima de ferimento à bala nesta noite, mais cedo. Patrick Harrington - começou D. D. - Estávamos imaginando se poderia nos dizer alguma coisa a respeito dele.

- Ferimento na cabeça causado por disparo de arma de fogo?

- Exatamente.

- Os paramédicos o trouxeram para o hospital. Registrei os sinais vitais, depois mandei chamar o dr. Poor, devido ao ferimento na cabeça. Ele mandou que o

paciente fosse transferido ao dr. Badger para passar por uma cirurgia.

- O paciente estava consciente quando chegou ao hospital?

- Não, senhora.

- Ele chegou a recuperar a consciência enquanto estava na sala de emergência?

- Não, senhora... oh, espere. Quando os enfermeiros o levavam para a tomografia computadorizada, ele abriu os olhos.

- E o que ele fez?

- Moveu os lábios. Parecia que tentava falar.

- Você chegou a ouvir o que ele disse? - perguntou Phil, bruscamente.

A enfermeira deu de ombros. - Não tenho certeza. Alguma coisa parecida com

"hussie".

7Personagem de filmes policiais interpretado por Clint Eastwood em uma série de

cinco filmes, produzidos entre 1971 e 1988. Os filmes deram fama à arma de fogo usada pelo personagem, um revólver Magnum de calibre 44. (N. T.)

8Escala neurológica usada para medir a gravidade e a profundidade do estado de consciência/inconsciência de uma pessoa. Os valores da escala vão de 3

(inconsciência profunda) a 15 (consciência total e irrestrita).

Capítulo 6

Victoria

Uma das facas desapareceu. São quatro horas da manhã, e me levantei da cama para conferir os objetos da cozinha. Evan acordou às onze, à meia-noite, às duas da manhã e às três. Agora, provavelmente, vai dormir até as cinco.

Eu não dormi, mas isso não é incomum. As primeiras semanas da privação de

sono são as piores. Mas já faz tanto tempo desde a última vez que consegui dormir por mais de três horas consecutivas que são as noites em que eu realmente durmo que me deixam num estado pior. Percebo que fico letárgica e que mal consigo dar conta dos afazeres. É como se, quando finalmente se consegue dormir, meu corpo percebe o que está lhe faltando e se rebela.

Não tenho tempo para rebeliões. Assim, me obrigo a fazer certas tarefas no meio da noite. Várias vezes por semana, isso inclui conferir o inventário dos talheres da cozinha.

Ele deve ter pegado a faca no escorredor de pratos. Eu tomo bastante cuidado, mas minha cabeça raramente funciona plenamente. Minha coordenação motora fina se deteriorou a tal ponto que deixo objetos caírem das minhas mãos várias vezes ao dia. Quando as pessoas falam comigo, há momentos em que vejo suas bocas se movendo, mas não consigo realmente processar o que elas dizem.

Certa vez, Evan assistiu a um programa de televisão que descrevia como os fuzileiros da divisão dos SEALs[9] da marinha precisavam passar 96 horas acordados como parte de seu treinamento. Eu queria gritar com a televisão. "Noventa e seis horas não é nada. Tentem passar oito anos sem dormir!"

Acho que comecei a rir histericamente. Esse tipo de coisa acontece.

Agora tento disciplinar minhas habilidades de enfrentamento, que são limitadas.

Presumindo que Evan pegou a faca no escorredor de pratos, ele passou entre três e cinco minutos sozinho na cozinha antes que eu o descobrisse ali. Ele a teria escondido em algum lugar; é inteligente o bastante para fazer isso. Mas a faca estaria em algum lugar nas proximidades; ele não teria tempo de descer até o andar térreo e depois voltar. Também não poderia ir até o corredor, pois eu o ouviria. Isso quer dizer que a faca está por perto, escondida em algum lugar da cozinha ou na sala de jantar, perto da porta de entrada ou na sala de televisão. Vou conseguir encontrá-la.

Só preciso pensar.

Arrasto-me pelo chão da cozinha. O lugar está envolto na penumbra, as únicas luzes são as que iluminam os armários por dentro. Passei a gostar muito destas horas da madrugada, quando meu filho finalmente dorme e tenho trinta, quarenta ou cinquenta minutos preciosos para mim mesma.

Pego uma lanterna e depois vou até o hall de entrada da casa, onde paro para escutar os sons do primeiro andar. Vejo o brilho no corredor do andar superior, que vem do quarto de Evan. Ele precisa que a luz do quarto esteja acesa durante a noite, assim como um rádio tocando música em um volume não muito baixo. Ele não suporta o escuro; fica aterrorizado pelo fantasma que imagina viver no escuro.

Às vezes, o fantasma lhe diz coisas. Por exemplo, às vezes, o fantasma diz que ele deve me matar.

Amo meu filho. Ainda me lembro do primeiro momento em que me permitiram segurá-lo nos braços. Eu me lembro dos dias e noites infindáveis que passei embalando-o, sentindo seus lábios pequenos e

famintos mamando o meu leite, o peso do seu corpo magro quando ele finalmente se saciava e fechava os olhos para dormir. Eu me lembro do cheiro do talco. O toque sedoso dos cabelos dele. Seus suspiros quando se aconchegava junto a mim.

Evan nasceu prematuro, dez semanas antes do que deveria. Prefiro dizer que foi obra do acaso, mas, de acordo com o médico, a culpa foi minha.

Naquele tempo, eu e Michael vivíamos uma vida incrivelmente fútil. Tínhamos uma casa imensa e antiga em Cambridge, construída em estilo colonial, que nos esforçamos muito para reformar para que combinasse com as outras casas históricas do bairro. Michael trabalhava bastante como vice-presidente de uma grande empresa financeira em Boston, enquanto eu fazia meu *networking* com nossos vizinhos abastados, já que eu era uma *designer* de interiores bastante requisitada. Eu projetava cozinhas para médicos, decorava janelas para advogados e criava sofás personalizados para vários atletas profissionais.

Michael e eu tivemos uma infância pobre. Agora, ficávamos alegres ao avaliar nossos dias de acordo com as roupas de grife que comprávamos, ou com qual pessoa importante de Boston havíamos conversado. Eu alternava sessões de limpeza de pele de duzentos dólares com visitas a lojas de antiguidades raras, assim como Michael preenchia sua agenda com almoços estratégicos e assistindo partidas esportivas nos melhores camarotes dos estádios. Passávamos os fins de semana na região de Cape Cod, durante o verão, ou em nossa cabana nas Montanhas Brancas durante o inverno.

Quando engravidei, a única coisa que mudou em minha vida foram os hábitos

de consumo. Comprei blusões de casimira na Pea in the Pod, roupas para o bebê e cobertores na Burberry, e, é claro, um carrinho de bebê inglês. E formei o quarto do bebê e comecei a fazer aulas de ioga, e troquei o café que tomava todas as manhãs por chá verde descafeinado. Eu queria tudo do bom e do melhor para o nosso filho.

Tudo.

Michael me presenteou com um colar de diamantes, uma pedra representando o círculo da eternidade para enfeitar o pescoço da esposa elegante e grávida. Também deu início à tradição de me levar a um lugar diferente e bem frequentado de Boston todos os sábados à noite, onde nos deliciávamos com jantares fartos e depois ríamos juntos, comentando como todos esses eventos logo se transformariam em coisas do passado. Ele bebia gim-tônica. Eu bebia suco de framboesas. Ficávamos fora de casa até as duas da manhã, simplesmente porque podíamos, mas também porque, no fundo, sabíamos que essa vida repleta de "sacrifícios" logo iria mudar.

Nós nos amávamos. De verdade. E, assim como vários jovens casais, acreditávamos que não havia nenhuma dificuldade com a qual não pudéssemos lidar, nenhum desafio impossível de se enfrentar, nenhum obstáculo que não pudesse ser superado, desde que tivéssemos um ao outro.

Assim, sem que eu soubesse, uma infecção bacteriana atingiu meu útero. Do lado de fora, parecia uma mulher saudável, vibrante e feliz. Por dentro, começara a envenenar meu filho, antes mesmo de nascer.

Não me lembro direito do percurso que a ambulância fez. Eu começara a sangrar. Muito. Minha vizinha Tracey teve o bom senso de ligar para a emergência.

Ela me acompanhou dentro da ambulância. Segurou minha mão enquanto os paramédicos cortaram as minhas calças de gestante, feitas de camurça, e gritavam instruções que me assustavam. Não ouvi qualquer palavra de encorajamento ou declarações de que isso era apenas um acidente sem importância. Nada de "seu bebê está bem, não há nada com que se preocupar, senhora".

Perdi a consciência no hospital. Michael chegou alguns momentos depois da ambulância. De acordo com a minha vizinha, ele segurava minha mão com tanta força que os médicos tiveram que forçá-lo a me soltar para que pudessem me levar para a sala de parto, onde eu faria uma cesariana de emergência.

E então, pronto ou não, Evan Michael Oliver veio ao mundo.

Ele pesava um quilo e meio. Quando o vi pela primeira vez, tinha o tamanho de um gato pequeno, deitado dentro de uma incubadora, com alguns fios e tubos pendurados em seu corpo pequeno e enrugado. Ele tinha cabelos finos e delicados e a pele era tão transparente que ele parecia ser azul, embora, na realidade, aquela

fosse a cor das suas veias, entremeadas como um corte fino de renda por baixo da superfície da pele.

Ele precisou ficar na incubadora para receber calor, com um ventilador acoplado ao aparelho para ajudá-lo a respirar, e uma sonda para que recebesse os nutrientes essenciais. Precisava também de um monitor cardiorrespiratório e outro para a pressão sanguínea. Havia também uma bomba para drenagem, o tubo intravenoso, e vários outros tubos que iam e vinham ao mesmo tempo. Evan lutava para se livrar da infecção enquanto seus órgãos ainda estavam se desenvolvendo.

Ele morava na incubadora isolada como uma boneca de porcelana em uma vitrine selada. Podíamos olhar, mas não tocá-lo. Assim, ficávamos lado a lado por alguns minutos, com a sensação terrível de que as coisas não estão simplesmente erradas; estão COMPLETAMENTE erradas. E continuávamos esperando que aquilo acabasse, mesmo enquanto os especialistas falavam sem parar.

A terapeuta que nos acompanhava fez a gentileza de se oferecer para telefonar aos nossos pais. - Vocês não precisam passar por isso sozinhos. Vocês podem se abrir para o apoio comunitário, receber o carinho de suas famílias e amigos.

Michael, com o rosto empedernido, não disse nada. Finalmente, a terapeuta entendeu a situação e se afastou. Não era culpa dela o fato de não termos famílias ou amigos - pelo menos, não da maneira que ela imaginou que tivéssemos. Minha mãe nunca me perdoou por ter me tornado uma mulher mais bonita do que ela, enquanto os irmãos de Michael passavam mais tempo na

cadeia do que fora dela.

Havíamos desistido daquelas pessoas há vários anos. Tínhamos um ao outro, e, como frequentemente dizíamos a nós mesmos, era o bastante.

Eu queria gritar naquele primeiro dia. Só tinha permissão para visitar Evan durante alguns minutos na UTI neonatal, e depois era obrigada a voltar para meu próprio quarto, onde me deitava de lado, com a barriga traiçoeira e flácida sobre o colchão. As enfermeiras me traziam medicamentos. A assistente de amamentação me ensinou como eu devia operar a bomba de extração de leite. Precisava dormir, me concentrar na minha recuperação. De maneira geral, ficava deitada no escuro e repassava as últimas trinta semanas na minha mente, várias vezes, sem parar. Teria sido o gole de champanhe que tomei na noite de ano novo? Talvez o cheiro da tinta que escolhi para pintar o quarto do bebê? Em que momento eu havia falhado? Se pudesse simplesmente identificar o momento e depois voltar no tempo...

Michael andava entre a UTI neonatal e o meu quarto. Seu rosto estava pálido.

Não sabia quem precisava mais da sua presença: a esposa recém-saída da sala de cirurgia ou filho que mal conseguia respirar. Ele não falava. Não chorava. Apenas

andava. Dez minutos neste quarto, dez minutos no outro quarto, como se o movimento lhe desse o controle sobre a situação. Seu cabelo escuro começou a ficar grisalho da noite para o dia. Os ombros fortes pareceram fraquejar. Mas ele continuava andando, indo de um quarto para o outro, de uma ala para outra, como se estivesse em algum tipo de missão.

Pensei que Evan passaria o dia inteiro dormindo. Toda a sua energia devia ser poupada para ajudar em seu crescimento, mas, inevitavelmente, conforme as enfermeiras ajustavam o tubo intravenoso de soro ou a sonda de alimentação, ele acordava e nos encarava, com os olhos arregalados, como se tentasse entender o que acontecia naquele mundo novo e estranho.

- Ele é um guerreiro - diziam as enfermeiras, rindo quando ele agitava os braços, mesmo quando impedia que elas fizessem seu trabalho. - É um bom sinal, querida. Ele é valente.

E ele agitava suas pernas magras e curtas, como se concordasse com as

enfermeiras.

Depois de algum tempo, permitiram que eu lhe tocasse o rosto. Alguns dias mais tarde, consegui finalmente segurá-lo contra o meu peito. Michael estava ao meu lado. Segurava meu ombro com tanta força que chegou a me machucar.

Evan abriu os olhos novamente. Olhou para nós dois, com os olhos muito grandes e redondos em sua cabeça pequena e encarquilhada.

E nós fizemos aquilo que os pais fazem quando estão na UTI neonatal.

Prometemos fazer de tudo. Qualquer coisa. Abrir mão da nossa casa imensa, das roupas de grife, das nossas carreiras egoístas. Prometemos desistir de tudo. Até mesmo das nossas vidas. Desistiríamos de cada parte de nós. Faríamos tudo que fosse preciso, perderíamos qualquer coisa que tivéssemos que perder.

Tudo para que nosso filho sobrevivesse.

Não consigo encontrar a faca. Procurei perto da planta ornamental do corredor, por entre as tábuas do piso, entre as dobras das cortinas esfarrapadas. Levanto as almofadas do sofá e espio por cada fresta e ranhura dos aparelhos da sala de TV.

Passo o facho da lanterna sob os móveis e por cima dos armários. Conheço os esconderijos favoritos de Evan. A faca não está em nenhum deles.

Ele pegou uma faca. Sei que pegou.

Conseguiu me ludibriar.

O Sol vai nascer logo. Posso ver o céu noturno começando a se iluminar, e, por um momento, me sinto tão cansada que tenho vontade de chorar.

- Mamãe.

Eu giro sobre os calcanhares. Evan está em pé atrás de mim. Está usando o pijama favorito com estampas do filme *Guerra nas Estrelas,* com as mãos ocultas atrás das costas.

Respiro com muita dificuldade. Estou com a lanterna nas mãos, então ilumino o seu rosto pálido. Não quero que ele veja o quanto me assustou.

- Evan, me mostre as mãos.

- Quero ver Chelsea.

- Agora não.

- Já é de manhã, mamãe?

- Não, querido, ainda é noite. O que você tem nas mãos, meu doce?

- Podemos visitar Chelsea? - ele pergunta de novo.

- Agora não - eu repito, firmemente, com os olhos pregados em suas mãos, ainda esperando pelo que ele fará a seguir.

- Eu quero ir ao parque - diz ele.

- Podemos ir pela manhã, meu bem.

- Quero fazer amizade com alguém hoje.

- Evan, vire-se. É hora de estar na cama.

Abruptamente, Evan estende as mãos. Coloca as palmas para cima, para que eu possa ver que estão vazias, que ele não segurava nada. A expressão em sua face é serena, inocente, mas, enquanto o observo, consigo perceber. Uma sombra que se move por trás de seus olhos. Um sorriso suave que curva um dos cantos da sua boca.

Ele sabe o que estou procurando.

Ele sabe que está com a faca, e que eu não sei o que fazer.

A sombra em seus olhos se move novamente e luto contra o calafrio que sobe pela espinha. Evan não é a única pessoa nesta casa que tem medo do fantasma.

Respiro fundo, desligando a lanterna e pousando a mão no ombro do meu filho.

Sinto que seu corpo está relaxado quando o toco. Ele permite que o leve de volta pelo corredor e que suba as escadas. Vamos em direção às luzes acesas em seu quarto. Ele já está quase dormindo, sentindo as pálpebras pesadas enquanto

afasto algumas mechas loiras da sua testa.

- Eu amo você, desde aqui até a lua e as estrelas, e todo o caminho de volta -

murmura ele, uma frase retirada do nosso livro favorito.

Acaricio o rosto dele. - Eu também amo você.

- Não quero machucá-la - diz ele, quase como em um sonho, quase adormecendo. Seus olhos azuis se abrem. - Mas eu quero.

9Sigla para *United States Navy's Sea, Air, and Land Teams*. Os SEALs são soldados altamente especializados, destacados para algumas das operações militares mais perigosas e sigilosas do governo dos Estados Unidos. Uma de suas missões de maior notoriedade foi a que resultou na morte de Osama Bin Laden, em 2011, no Paquistão.

Sexta-Feira

Capítulo 7

D. D. dormiu até as sete horas da manhã seguinte, um luxo incomum quando se trabalha em um caso tão complicado e urgente. Ela precisava das duas horas extras na cama, depois de ficar no hospital até a madrugada. Pensando nas tarefas do dia, hoje teria que entrevistar os amigos e a família das vítimas, e eles geralmente não gostavam quando os investigadores batiam em suas portas antes das nove da manhã.

Ela tomou banho, bebeu duas xícaras de café expresso e pensou nos afazeres da manhã. Neil iria passar o dia com os legistas, acompanhando as autópsias. Aquilo faria com que D. D. e Phil se encarregassem de acompanhar os depoimentos dos vizinhos dos Harringtons.

D. D. foi até a delegacia e ficou lá por tempo suficiente para passar os olhos rapidamente pela pilha de relatórios que estava em sua mesa, incluindo as transcrições dos depoimentos colhidos na noite anterior com os vizinhos que estavam disponíveis. Duas pessoas pareciam se destacar do resto: a sra. Patrícia Bruni e o sr. Dexter Harding. Os dois alegavam conhecer bem os Harringtons; a sra.

Bruni frequentava a mesma igreja, e o sr. Dexter jogava pôquer todas as semanas com o pai.

Era um começo tão bom quanto qualquer outro, pensou D. D. Em seguida juntou as transcrições em uma pasta e as levou consigo até Dorchester. Phil prometera encontrá-la do lado de fora da casa dos Harringtons, que havia sido lacrada pela polícia.

O bairro estava mergulhado no silêncio naquela manhã, talvez até mesmo sombrio - mas isso poderia ser apenas um efeito da imaginação de D. D. Ela sempre sentia uma sensação estranha ao visitar a cena de um crime no dia seguinte. O

sangue não estava mais fresco, os sons e cheiros haviam se esmaecido na memória.

A casa se tornou apenas uma casca daquilo que costumava ser. Até ontem, uma família vivia ali. Talvez eles rissem, amassem e fossem felizes. Talvez não. Mas, de um jeito ou de outro, tentavam viver a vida. E agora não tentavam mais. As coisas são assim.

D. D. estacionou atrás de uma enorme minivan Chevy Tahoe. Viu Phil mais adiante, em pé no meio da calçada. Ao seu lado estava sua nova sombra, o professor Alex Wilson, da academia de polícia.

D. D. franziu a testa, sentindo que a presença dele era uma provocação, embora não conseguisse saber exatamente por quê. Ela abriu a porta do carro, sentiu o calor intenso do mês de agosto lhe atingir o rosto como um tapa e ficou ainda mais

carrancuda. Prendeu o distintivo na cintura da calça jeans, desejando poder vestir uma camiseta regata em vez de uma camisa de algodão azul, e prosseguiu com os afazeres.

- Oi - disse ela a Phil, depois olhou para Alex. - Voltou para apanhar mais um pouco?

- Eu adoro levar uma boa surra - respondeu ele.

- Vamos entrevistar algumas pessoas hoje e elaborar os perfis das vítimas. Não vamos trabalhar exatamente com a cena do crime.

O professor deu de ombros. - Nunca se sabe quando podemos descobrir algo útil.

Ela continuou cética. Alex vestia um paletó preto por cima de uma camisa azul, combinando com as calças pretas. D. D. pensou que ele deveria estar suando naquele calor. O fato de que ele não transpirava a incomodava, especialmente quando já conseguia sentir a primeira gota se formando e escorrendo pelo meio das suas costas, deslizando pela pele até a cintura.

- Bem - disse ela, levantando um pouco a voz e abrindo a pasta com a papelada que pegou na delegacia. - Temos dois alvos principais nesta manhã. A sra. Patrícia Bruni e o sr. Dexter Harding. Para poupar tempo, ficarei com Bruni. Vocês dois podem cuidar de Harding.

Phil olhou para ela. Alex olhou para Phil.

- O que foi? - perguntou D. D.

- Seria melhor se conversássemos com eles ao mesmo tempo - disse Phil. -

Impressões múltiplas sobre o que a pessoa tem a dizer.

- Três contra um? Eles se sentirão intimidados antes que possam dizer qualquer palavra.

- Então tome a dianteira - respondeu Phil, tranquilamente. - Nós ficaremos por perto, observando discretamente.

- Vão se comportar como plateia?

- Exatamente.

Phil pegou a primeira folha da pilha que ela tinha nas mãos. - Patricia Bruni.

Mora quatro casas adiante. Vamos lá.

E começou a andar antes que ela pudesse dizer qualquer coisa. Alex parou por um momento e depois ajustou o passo para acompanhar D. D.

- Ouvi dizer que você teve uma noite bem interessante no hospital - comentou ele.

- Não foi exatamente isso que aconteceu.

- Eu acabei assistindo o jogo dos Red So**x10** .

- Não acompanho beisebol.

- É fã dos Patriots, então?

- Diria que sou fã de homicídios. Caso você tenha se esquecido, o trabalho de campo não acontece somente no horário comercial.

Ela percebeu que sua voz soava bastante irritada, mais do que gostaria. Alex simplesmente deu um sorriso torto. Ele e Phil estavam aprontando alguma coisa.

- Você gosta de comida italiana? - perguntou Alex.

- Eu gosto de comida - concedeu D. D.

- Ótimo. Talvez a gente saia para comer juntos mais tarde.

Eles chegaram à casa de Patrícia Bruni, outra residência de três andares com uma ampla varanda na parte frontal. D. D. estava distraída.

- Quando? No almoço?

- Talvez. Quem sabe? - disse Alex, e, com aquele sorriso enigmático ainda estampado no rosto, seguiu-a até os degraus que levavam à porta da casa.

Patricia Bruni era uma senhora negra e idosa, conhecida nas redondezas como srta. Patsy, e gostava de agradar seus convidados - mesmo que fossem policiais -

com copos gigantescos de chá gelado. D. D. teve um bom pressentimento em relação à srta. Patsy, e não apenas pelo chá gelado; de acordo com a sua experiência na área de investigação, senhoras idosas sempre sabiam de tudo que acontecia no bairro.

A srta. Patsy os convidou para entrar, "para que saíssem do calor", como ela mesma disse, e os três a agradeceram antes de segui-la até a sala de estar, onde os aparelhos de ar-condicionado zumbiam, funcionando na potência máxima. A casa era modesta, com seis quartos, uma quantidade enorme de móveis e uma coleção impressionante de miniaturas de porcelana de Hummel**11** . De acordo com as

impressões de D. D., a srta. Patsy colecionaria qualquer coisa que fosse pequena e frágil.

D. D. sentou-se na cadeira antiga esculpida em madeira, em frente à srta. Patsy.

Ela se divertiu observando Phil e Alex olhando desajeitadamente para a poltrona do tipo namoradeira, que tinha o formato curioso de uma corcova de camelo.

Finalmente, Alex sentou-se em uma das pontas da poltrona. Phil, mais velho e mais pesado, relutantemente sentou-se na outra. A namoradeira rangeu, mas aguentou o peso dos dois.

- Vocês vieram aqui para falar dos Harringtons - disse a srta. Patsy logo de cara,

alisando o cabelo que estava preso em um coque apertado. - Tentei dizer àquele policial, ontem à noite, que não pensasse que eles estavam envolvidos com drogas ou qualquer outra bobagem. Patrick e Denise eram pessoas boas. Um bom casal cristão. É muito bom ter gente como eles morando nesta rua.

- Faz tempo que eles moram aqui? - perguntou D. D., bebericando o chá gelado. Doce e refrescante. Ela já adorava a srta. Patsy.

- Compraram a casa no outono do ano **12** passado - respondeu Patsy, confirmando o intervalo de tempo que D. D. já calculara mentalmente. - Quem morava na casa antes deles eram os Duffys. Ficavam acordados até tarde quase todas as noites.

Aparentemente, recebiam visitantes com bastante frequência, se é que vocês me entendem.

- Traficantes? - arriscou D. D.

- Não fui eu que disse isso - respondeu Patsy, confirmando com toda a parte superior do corpo.

- Quer dizer, então, que os Duffys saíram da casa e os Harringtons entraram. A senhora via a nova família com frequência?

- Sim, senhora. Denise veio até a minha casa logo na primeira semana, trazendo pão de abóbora. Ela apresentou a si mesma e seus filhos, todos eles alinhados e bem-vestidos. Disse que eles estavam muito felizes por se mudarem para este bairro e perguntaram se eu poderia lhes indicar uma igreja com bons valores familiares.

- E a senhora recomendou?

- A Primeira Igreja Congregacional. É uma boa igreja comunitária, e fica perto o bastante daqui para ir até lá a pé. Patsy se inclinou de novo para a frente. - Não posso mais dirigir, entende? Tive um pequeno problema no ano passado, quando pisei no pedal errado. Mas já está tudo bem, já consertaram a parede da farmácia.

Está novinha em folha.

Em sua cadeira, Alex fez um ruído como se estivesse cuspindo. O chá gelado entrou pelo buraco errado. Phil, gentilmente, lhe deu um tabefe nas costas.

D. D. ignorou ambos. - Com que frequência a senhora via a família?

- Oh, mais ou menos uma vez por semana, na igreja. Mais vezes durante o verão. Este é um ótimo bairro. Várias crianças brincam nas ruas e nos jardins durante o dia. Gosto de tomar meu chá na varanda da frente, enquanto observo os pequenos andando de bicicleta e brincando uns com os outros. Faz bem para o corpo.

- E os filhos dos Harringtons? O que eles gostavam de fazer?

- Os garotos gostavam de jogar futebol americano. O mais velho e o mais novo também brincavam de pega-pega pela rua. A menina estava chegando naquela idade em que tudo o que quer fazer é ficar com as amigas. Denise comentava que Molly sempre lhe pedia que a levasse ao shopping. Mas, às vezes, nas noites mais frescas, era possível ver um grupo inteiro de crianças brincando de caça-bandeira, ou talvez esconde-esconde pelos jardins. Nosso bairro não é um lugar ruim para se viver, com certeza.

D. D. anotou aquilo. - E o que as crianças estavam fazendo neste verão?

Depois que as férias escolares começaram **13** ?

- Estavam em uma colônia de férias da YMCA **14** - respondeu a srta. Patsy. - É

claro, o pai ficava em casa durante o dia, trabalhando na casa. Às vezes as crianças passavam o dia com ele. Eles gostavam de descansar na varanda da frente da casa.

Reformar a casa nesta época do ano, com certeza, é um trabalho muito cansativo por causa do calor - disse a srta. Patsy, abanando-se com a mão.

- A família é amistosa? Socializam bastante com os vizinhos?

- Sim, senhora. Eles tinham uma vida feliz aqui e queriam conhecer a todos. Eu tinha a impressão de que não moravam em um bairro muito bom antes de se mudarem para cá. Denise dizia que o lugar não era adequado para as crianças.

Como eu disse, eles ficaram muito felizes quando puderam se mudar para cá.

- Chegou a ouvi-los brigando alguma vez? - perguntou D. D., abruptamente. -

Patrick e Denise?

- Os dois gritando no meio da noite?

- Sim, coisas desse tipo.

- Não, senhora - disse a srta. Patsy, demonstrando sua cortesia.

- Ficamos sabendo que Patrick perdeu o emprego. O dinheiro devia estar curto para a família.

- Dificuldades como essa aparecem por toda parte - observou a srta. Patsy. - Eu ainda os via colocarem um dólar ou dois quando o prato de doações da igreja passava entre os fieis. Eles ainda não estavam falidos.

- Nunca os ouviu discutir por causa de dinheiro? Ou beber um drinque ou dois a mais para conseguirem relaxar?

- Nunca os vi bebendo nada mais forte do que vinho ou cerveja. Eram pessoas responsáveis.

- Drogas?

- Já falei sobre isso, não precisamos mencionar esse assunto. Não os Harringtons.

A srta. Patsy aspirou o ar levemente, como se não pudesse dizer a mesma coisa a respeito de alguns outros vizinhos.

- E o que pode nos dizer sobre Denise e as crianças? Tinham uma tendência a aparecer com grandes hematomas ou ossos quebrados? Relatavam acidentes estranhos?

- Como cair e rolar pela escada ou trombar com as maçanetas das portas? -

perguntou a srta. Patsy.

- Exato.

- Não, senhora. Patrick não batia na família. Talvez devesse, pelo menos no filho mais novo. Deus sabe o quanto vi aquele garoto provocar o pai, várias e várias vezes. Mas Patrick não deixava o sangue subir à cabeça. Ele era um bom homem.

Na igreja, sempre orava pedindo o dom da paciência. Ele sabia o que tinha que enfrentar.

D. D. trocou olhares com Phil e Alex. - O que a senhora quer dizer com "sabia o que tinha que enfrentar"?

- O filho mais novo, o que eles adotaram. Esse era bem problemático. Rosto de anjo, alma de demônio, se quiser a minha opinião.

- O filho mais novo era adotado? - D. D. folheou suas anotações. - Oswald?

- A mãe de Ozzie morreu quando ele tinha 3 anos. Acho que ninguém descobriu até que alguns meses se passaram. Durante todo esse tempo ele morou no apartamento com o corpo da mãe, comendo tudo que havia nos armários da cozinha, incluindo farinha, papelão e pó para limonada. Denise me disse que, quando os assistentes sociais tentaram tirar o garoto da casa, o pobrezinho começou a chorar e gritar de maneira incontrolável. Ele passou um tempo em um hospital psiquiátrico para crianças. Eu nem sabia que esse tipo de lugar existia.

Isso era novidade. D. D. sentiu que tanto Alex quanto Phil estavam inclinados para frente. Ela continuou a olhar fixamente para a srta. Patsy.

- A senhora sabe o nome do hospital onde a criança ficou internada?

- Fica em algum lugar de Boston. Ele estava lá até o ano passado. Eles o tiraram do hospital quando se mudaram para cá.

- Parece que a senhora e Denise conversavam bastante - sondou D. D. - Ela vinha visitá-la com frequência? Ficava na varanda com a senhora bebendo chá gelado?

A srta. Patsy assentiu com tranquilidade. - Claro. Neste verão ela vinha duas vezes por semana, mais ou menos. Às vezes me trazia biscoitos ou então uma

torta.

Denise é uma mulher muito gentil. Ah, e ela com certeza estava tentando se afastar um pouco da família. A srta. Patsy levantou uma das mãos. - Não estou dizendo que ela e o marido andavam brigando. Mas ela trabalhava o dia inteiro e depois voltava para casa para cuidar dos três filhos, e um deles tinha uma personalidade bem difícil. Não posso culpar a mulher por vir tomar um pouco de chá gelado e compartilhar da companhia de um adulto, não é?

- Provavelmente não. Denise chegou a mencionar alguma... atividade extracurricular? Talvez ela e Patrick não estivessem realmente brigando. Mas talvez ela conheceu alguém que achou atraente, ou ele encontrou alguém por quem se sentiu atraído. Essas coisas acontecem. Talvez Denise estivesse procurando por conselhos de mulher para mulher?

- Ela nunca mencionou nada assim - disse a srta. Patsy, pousando as mãos sobre o colo. Houve um momento de silêncio, então Patsy olhou diretamente nos olhos de D. D.

- Foi Ozzie quem fez aquela coisa horrível? Estão dizendo por aí que a família inteira foi morta como se fossem frangos. Sempre pensei que o garoto fosse fazer algo terrível algum dia. Mesmo assim... - disse ela, suspirando - não imaginei que chegasse a esse ponto.

- Senhorita Patsy, o que faz a senhora pensar que Ozzie fosse capaz de cometer um assassinato?

Ela fungou um pouco antes de responder. - Deus do céu, o que dizer? O garoto estava por toda parte, passava o dia inteiro na rua, do nascer ao pôr do sol se o deixassem. Na igreja, ele ainda precisava ficar na sala junto com as crianças menores, porque não aguentava assistir ao culto. Era uma das crianças mais inquietas e agitadas que já vi. Arregaçava a barra das calças, depois as desenrolava de novo. Levantava, sentava, virava para a direita e depois para a esquerda. Nunca vi uma criança tão hiperativa.

Patsy prosseguiu. - E também não tinha noção de limites. O garoto entraria pela porta da frente da sua casa se você a deixasse destrancada. Muitos vizinhos já o encontraram várias vezes em seus quintais, sentado nas cadeiras ou espreguiçadeiras como se fosse o dono do lugar. E houve também aquele incidente com o churrasco do sr. Harding. O garoto disse que a churrasqueira

caiu "por acidente", mas acho que ele fosse perfeitamente capaz de jogar brasas quentes em cima de um *deck* de madeira. Ele podia ser muito cruel quando se sentia contrariado. Cheguei a comentar sobre os esquilos?

- Não, a senhora não disse nada sobre os esquilos.

- Ele gostava de jogar pedras nos bichinhos. Perdi a conta de quantas vezes gritei com ele, mandando-o deixar os pobres esquilos em paz. Sabe o que ele chegou a fazer? Certo dia, eu o peguei no meu quintal, arrancando um esquilo da caixa de alpiste que deixo no quintal para alimentar os pássaros. Acho que ele se esgueirou enquanto o bichinho comia. Depois, Ozzie o agarrou pelo rabo, girou-o duas ou três vezes e esmagou a cabeça do bichinho contra o suporte da caixa de alpiste. Uma coisa horrível, horrível. Sangue por toda parte. Ele ficou olhando para o pobre animal e sorrindo.

Patsy fez uma pausa e depois continuou. - Garotos normais não sorriem daquele jeito, sargento. Garotos normais não lambem as mãos ensanguentadas.

D. D. não conseguiu encontrar palavras para responder àquele comentário.

Aparentemente, o mesmo ocorreu com Phil e Alex.

- Quando... quando foi que isso aconteceu? - balbuciou ela, finalmente.

- Em maio, ou talvez em junho. No começo do verão. A família não deixava que Ozzie saísse de casa sozinho depois daquilo. Geralmente o irmão mais velho, Jacob, saía para ficar de olho nele. Jacob, esse sim é um bom garoto. Forte e ligeiro.

Ouvi dizer que tem boa pontaria. Características de um ótimo *quarterback*, pelo que

ouvi o pai dizer. Jacob parecia ser capaz de evitar que Ozzie aprontasse das suas.

A Senhorita Patsy parou, pensando em suas próprias palavras. Aparentemente, se deu conta de que havia falado de Jacob no tempo presente e prendeu o fôlego com um soluço. - Oh - disse ela, e aquela palavra, por si só, representava uma imensidão de coisas sobre uma família que já não existia.

D. D. deixou que a mulher se recompusesse. Tomou outro gole do chá gelado.

Seu copo estava quase no fim, assim como os de Alex e Phil.

Alex se inclinou para frente, como se tivesse algo a dizer. D. D. assentiu com um movimento curto e ele limpou a garganta.

- Senhorita Patsy? - perguntou ele, gentilmente.

A velha senhora olhou em sua direção.

- A senhora estava em casa ontem à noite?

- Sim, senhor.

- O que exatamente a senhora ouviu?

- Nada fora do comum. Mas eu estava dentro da casa e o ar-condicionado estava ligado. Não dá para ouvir muita coisa com o zumbido do motor do aparelho.

- A senhora conversou com algum membro da família durante o dia?

- Não, senhor. Apenas vi Denise do lado de fora, limpando a varanda com uma vassoura, quando saí para caminhar no fim da tarde. Eu acenei, e ela acenou de volta.

- Ela mencionou alguma outra pessoa?

- Não para mim, senhor.

- Percebeu algum carro estranho na vizinhança?

- Ah, havia vários. É comum nesta época do ano, quando todos aproveitam para fazer churrasco - disse ela, com um leve sorriso. - As pessoas aqui de Dorchester gostam de se divertir.

- Sabe se alguém teria algum tipo de rixa ou desavença com Patrick ou Denise?

- perguntou D. D. - Algum deles chegou a comentar sobre haver brigado com outra pessoa? Como era a relação do casal com seus ex-esposos?

- Patrick era viúvo. Denise nunca falou sobre o ex-marido. Imaginei que ela o

havia tirado de sua vida. Talvez não fosse interessado na vida doméstica. Nunca vi ninguém vir até a casa deles para buscar os filhos a cada dois fins de semana.

D. D. anotou aquela informação. - Os tempos estão difíceis - disse ela, em voz baixa, olhando para a srta. Patsy. - Parece que Patrick e Denise tinham uma vida muito atarefada. Três filhos para criar, e um deles com problemas. Além disso, tinham uma casa imensa para reformar, com três andares, e Patrick perdeu o emprego. É muito estresse para uma só família. Coisas ruins acontecem quando as pessoas estão sob tanta pressão.

- Os Harringtons são boas pessoas - repetiu a srta. Patsy, firmemente.

- E quando a senhora conversou com Patrick ou Denise pela última vez?

- Há dois dias. Denise veio até aqui por volta das nove horas, e tomamos um pouco de vinho na varanda. Jacob estava no treino do time de futebol americano.

Neste fim de semana, ela iria levar Molly para comprar os materiais escolares para quando voltasse às aulas - disse a srta. Patsy, dando de ombros. - Nós falamos sobre coisas corriqueiras, do dia a dia. A impressão que tive foi que Denise parecia estar contente.

D. D. assentiu e fez outra anotação. - *Dinheiro??* - antes de se levantar da cadeira, tirando um cartão do bolso. - Obrigada pela atenção, srta. Patsy. Caso a senhora se lembre de alguma outra informação, por favor, me ligue. Oh, e muito obrigada pelo chá gelado. Estava delicioso.

A srta. Patsy fez que sim com a cabeça e se levantou. Phil se ofereceu para levar os copos e a jarra de chá gelado para a cozinha. A srta. Patsy deixou que o fizesse.

- É verdade que todos estão mortos? - perguntou a srta. Patsy enquanto os acompanhava até a porta da frente. - Patrick, Denise, Jacob, Molly e Ozzie?

- Patrick está internado, em situação crítica.

- Pobre, pobre homem - murmurou a srta. Patsy. - Não sei o que é pior para ele: encontrar a família no Céu ou ter que se recuperar sozinho na Terra. Escolhas tristes para um bom homem. Acho que nós nunca sabemos de verdade o que acontece com os vizinhos, não é?

- Nunca sabemos - concordou D. D. - Nunca.

10Time de beisebol da cidade de Boston (N. T.)

11Estatuetas de porcelana baseadas nos desenhos da freira Maria Innocentia

Hummel, que retratava, em sua maioria, crianças em cenas pastoris e bucólicas. Os desenhos apareciam em cartões postais vendidos na Suíça e Alemanha na década de 1930. Alguns anos mais tarde, foram transformados em miniaturas de porcelana por um empresário alemão, e hoje são valorizadas por colecionadores nos Estados Unidos. (N. T.)

12Em países do hemisfério norte, como os Estados Unidos, o verão ocorre entre 21

de junho e 23 de setembro. O outono ocorre entre 23 de setembro e 21 de dezembro.

(N. T.)

13Nas escolas dos Estados Unidos, o ano letivo geralmente começa no início de setembro e termina em meados de junho do ano seguinte. (N. T.)

14Sigla para a Associação Cristã de Moços (Young Men's Christian Association), entidade internacional dedicada ao desenvolvimento de "um corpo, mente e espírito saudáveis", com atividades esportivas e comunitárias. Foi fundada no Reino Unido em 1844, e hoje está presente em mais de 125 países. (N. T.)

Capítulo 8

Já passava do meio-dia quando terminaram de entrevistar o sr. Dexter Harding, e D.

D. estava faminta. Alex sugeriu que aproveitassem o momento para ir almoçar. Ele conhecia um ótimo bistrô italiano que não ficava muito longe dali. Disse aquilo enquanto olhava para D. D., e Phil entendeu a deixa, esquivando-se com a desculpa de que havia uma pilha de relatórios esperando por ele em sua escrivaninha.

D. D. ficou desconfiada com a partida repentina do seu parceiro, mas, como se tratava de comida italiana, não insistiu em procurar as verdadeiras razões para aquele convite. Seguiu Alex em seu carro até o restaurante, que tinha toldos verdes e cheirava a alho e pão fresco. D. D. inalou o ar duas vezes e descobriu que tinha encontrado um novo lar.

Alex pediu lasanha, ela pediu frango à parmeggiana. A garçonete trouxe pão recém-assado para ser mergulhado no azeite de oliva, e D. D. devorou o pão fumegante enquanto verificava as mensagens de texto em seu telefone. Patrick Harrington continuava em coma induzido. Neil, o outro membro da equipe de D. D., acompanhara toda a autópsia da esposa sem maiores surpresas. O legista começaria a examinar o corpo da filha após o almoço.

Finalmente, havia uma mensagem de Chip, o contabilista que ela quase levou para a cama na noite anterior, perguntando se D. D. gostaria de sair para jantar outra vez. Ela gostaria, mas, dado o ritmo em que as coisas vinham acontecendo naquela manhã, Chip teria que ser bem paciente.

- Tudo bem - declarou D. D., depois de comer metade do pão que havia na mesa, verificando discretamente seu queixo para ver se estava lambuzado com azeite de oliva. - Passamos a noite passada na cena do crime e esta manhã com dois vizinhos. Você é o professor. O que acha?

- Vai me aplicar uma prova mais tarde? - perguntou ele, em um tom jovial.

Também estava verificando suas mensagens de texto. Em seguida, guardou o telefone e pegou alguns pedaços do pão que estava na cesta.

- Vamos lá. Este caso devia ter sido fechado há cinco horas. Você vai ter de começar a trabalhar muito mais rápido se quiser acompanhar a minha equipe.

Ele levantou uma sobrancelha, parecendo se divertir com o comentário. D. D.

decidiu que gostava da aparência dele. O terno preto combinava com os olhos azuis e o cabelo escuro, salpicado de fios grisalhos. Um homem bonito com bom gosto

para restaurantes. Hmmm.

- Vamos recapitular as informações básicas - disse ele, com sua voz de barítono

combinando muito bem com a aparência de professor que ostentava. - Temos uma cena do crime com quatro vítimas esfaqueadas e uma baleada, na qual a arma foi disparada bem próxima à cabeça. As evidências baseadas no sangue indicam que as vítimas foram mortas uma a uma. À primeira vista, o padrão das mortes indicaria assassinato seguido por suicídio, onde o chefe da família, Patrick Harrington, apunhalou toda a família antes de atirar na própria cabeça.

- À primeira vista - concordou D. D.

- Bem, seria ótimo conversar com Patrick a respeito disso tudo, mas até o momento ele está em estado quase vegetativo na UTI. Portanto, não podemos contar com o depoimento dele.

- Muito conveniente para Patrick - lamentou-se D. D.

- E isso nos leva às impressões que os amigos e vizinhos tinham da família.

Temos a amável srta. Patsy...

- Muito amável - interveio D. D.

- O chá gelado estava excelente - concordou Alex -, mas achei a coleção de estatuetas de porcelana grande demais. Muitas coisas frágeis juntas.

- Não espirre naquela casa ou vai acabar tendo que pagar uma boa indenização.

- A srta. Patsy gosta muito de Denise e Patrick. Considera-os bons pais, cristãos exemplares e ótimos vizinhos, que estavam passando por certas dificuldades. Mesmo assim, dadas as circunstâncias, estavam aguentando firme. Por outro lado, não é uma grande fã do filho que adotaram, Ozzie, que tem um histórico de eventos assustadores.

- Lamber o sangue que tinha nas mãos... - D. D. sentiu um arrepio.

- Agora, o segundo vizinho. Dexter Harding acrescentou algumas peças ao quebra-cabeça. A situação econômica era um pouco mais complicada do que a Senhorita Patsy percebeu quando conversou com Denise. De acordo com Dexter, Patrick considerava que eles tinham apenas mais dois meses de reservas financeiras.

- Sim, mas, de acordo com Dexter, Patrick tinha um plano - retrucou D. D. -

Patrick acreditava que terminaria a reforma do segundo andar da casa em duas semanas. Digamos que precisasse de seis semanas para conseguir inquilinos, cobrando o adiantamento do primeiro e do último mês de aluguel, mais a caução.

Seria uma injeção significativa de dinheiro, que viria entre duas e oito semanas a seguir.

- Então, temos uma família em situação econômica tensa, mas não desesperada.

Se algumas coisas acontecessem de acordo com os planos, eles conseguiriam se recuperar.

- Isso sugere que Patrick tinha motivos para estar estressado, mas não a ponto de considerar o suicídio. Também não havia motivos para executar a própria família.

Se ele fosse perder a cabeça, isso aconteceria daqui a oito semanas, se não conseguisse encontrar um inquilino, se não recebesse o dinheiro que esperava, ou alguma coisa assim.

- Se pensarmos de acordo com a lógica, sim - concordou Alex. - Mas, mesmo com tudo isso, ele está sob forte estresse, assim como a esposa. Talvez alguém disse alguma coisa ontem à noite, no jantar. A filha gastou muito dinheiro no shopping center, as despesas com o uniforme e o equipamento de futebol americano do filho mais velho saíram do controle. Basta haver um gatilho, e as coisas se desdobram a partir daí.

- Patrick não suporta a ideia da família acabar sendo despejada, ou que os filhos fiquem sob a tutela do estado... - completou D. D. - De repente, Patrick se convence que a coisa certa a fazer é matar sua família. E o nosso vizinho, um bom cristão, se transforma num exterminador de famílias.

A garçonete apareceu, colocando travessas ovais cobertas de molho vermelho sobre a mesa. O cheiro fez com que D. D. começasse a salivar. Ela cobriu o frango à parmeggiana com queijo ralado e começou a devorá-lo.

- O que nos leva de volta ao filho - ela conseguiu dizer, depois da terceira mordida.

- Sim, mas qual deles? - perguntou Alex, com uma sobrancelha levantada. Ele não estava com tanta pressa de engolir sua lasanha. Um homem paciente, observou D. D. Provavelmente tinha que ser, para trabalhar com cenas de crime. Ela imaginou os motivos que o tiraram do trabalho em campo e o levaram para a sala de aula, e os que o trouxeram de volta para o campo novamente.

- Estou falando de Ozzie. Você sabe, o garoto que se diverte quando mata esquilos. Por quê? Você não está suspeitando do mais velho, não é?

Dexter Harding, o vizinho, tinha mais informações. Os Harringtons não eram uma família com apenas cinco pessoas. Havia seis membros naquela família. Patrick tinha um filho mais velho, de seu primeiro casamento, que estava no Iraque no

momento. Em honra ao soldado William Edward Harrington, também conhecido como Billy, Denise sempre deixava um sexto prato sobre a mesa. Era a versão dos Harringtons para o costume de amarrar uma fita amarela ao redor da árvore no jardim**15** .

Aparentemente, eles não precisariam mais se preocupar com a presença de um convidado misterioso para o jantar. Infelizmente, Billy Harrington iria receber notícias muito ruins da sua família dentro de alguns dias.

- Ainda precisamos confirmar se o rapaz está de fato no Iraque - disse Alex.

- É claro.

Alex sorriu para D. D. - Como está o frango à parmeggiana?

- Estou adorando.

- Dá para perceber.

- E como está a lasanha?

- Quase tão boa quanto a da minha avó.

D. D. o encarou, desconfiada. - Com um sobrenome como "Wilson", você quer que eu acredite que é um conhecedor profundo de molho vermelho?

- Ah, mas a minha mãe é da família dos Capozzoli.

- Neste caso, peço desculpas. Com um sobrenome como "Capozzoli", sua avó provavelmente sabe fazer um bom molho vermelho.

- Ela me ensinou tudo que eu sei - comentou Alex.

D. D. parou, deixando o garfo no ar. - Você sabe cozinhar?

- É uma das minhas paixões. Não há nada como passar uma tarde de domingo sovando a massa, enquanto uma bela panela de molho à bolonhesa ferve no fogão.

D. D. não conseguia engolir a comida.

- Você devia vir até a minha casa para jantar algum dia desses - disse Alex.

D. D. finalmente entendeu. Os sussurros entre os dois, as trocas de olhares... -

Phil lhe falou tudo sobre mim, não é? Disse que o jeito mais rápido de me levar para a cama é conquistar o meu estômago.

- Não me custou nem trinta pratas - confirmou Alex, sorrindo. - Mesmo assim, você devia mesmo vir jantar em casa.

- Não me envolvo com investigadores com quem trabalho.

- Não sou investigador - disse ele, com um sorriso. - Eu simplesmente estou acompanhando uma equipe de investigadores durante as próximas semanas.

- O problema de se envolver com outro investigador é que os dois vão passar o tempo inteiro falando de trabalho - continuou ela, como se não tivesse ouvido o comentário dele.

- Podemos falar sobre comida. As coisas que gosto de cozinhar e as que você gosta de comer.

- Gosto de comer de tudo.

- Para mim está ótimo.

Ela o encarou, desconfiada. - Não deixe que o meu bom-humor atual o engane.

Na maior parte do tempo, sou bem ranzinza.

- Não deixe que o meu charme atual a engane. Fico tão irritado quanto qualquer cara por aí.

- Por que resolveu ir para a universidade? - perguntou ela. - Por que preferiu deixar o trabalho de campo e dar aulas?

- Eu tinha uma esposa. Queria ter filhos. Um horário mais tradicional me pareceu uma boa ideia na época.

- E o que aconteceu? Ela mudou de ideia em relação ao seu molho à bolonhesa?

- Não conseguiu engravidar. Quando minha esposa não conseguiu ser mãe, decidiu também que não queria ser esposa. Nos divorciamos amigavelmente há dois anos.

- Você ainda leciona.

- Gosto de fazer isso.

- Mas você está aqui, agora.

- Eu também gosto de investigar.

- Isso é simpático demais - disse D. D., com uma careta.

- É uma boa razão para que você venha até a minha casa para jantar.

- Não gosto de crianças - avisou ela. - Sou velha demais, rabugenta demais.

- Perfeito. Queria apenas horas e horas de sexo.

D. D. riu, sentindo-se surpresa e um pouco encantada. Fazia-lhe bem rir depois de dezoito horas trabalhando na cena daquele crime. O almoço também.

- Vou pensar no caso - disse ela, finalmente. Em seguida, mordeu mais um pedaço do frango, mastigou e engoliu. - Bem, de volta ao caso. O que sabemos sobre o garoto de 9 anos, Ozzie Harrington?

- O garoto é problemático - disse Alex, após algum tempo.

- O garoto está morto.

- Já recebemos alegações de crueldade com animais e tentativa de atear fogo na propriedade de um dos vizinhos. Acredito também que o garoto fosse o tipo que molha a cama à noite, o que o torna um *serial-killer* típico.

- Dexter acha que o acidente com a churrasqueira foi realmente um acidente -

rebateu D. D.

- Dexter ficou bastante agitado sempre que o nome de Ozzie era mencionado. O

garoto lhe dava arrepios. Ele estava apenas tentando ser cordial.

- Disse também que Patrick e Denise conseguiam controlar Ozzie. E, também, que Ozzie idolatrava seu irmão mais velho, Jacob. Parece improvável que Ozzie pudesse atacá-los, especialmente caçando-os um a um como aconteceu.

- Esse é o problema - disse Alex. - Um garoto de 9 anos com um histórico de problemas psiquiátricos sérios poderia certamente matar uma família inteira. Na calada da noite, armado com uma escopeta ou um bastão de beisebol, indo de quarto em quarto... se essa fosse a nossa cena do crime, eu diria que o filho maluco fez tudo e que Patrick teve sorte de escapar com vida.

- Mas aconteceu durante o jantar, com uma faca de cozinha - disse D. D., em voz baixa. - Patrick não é um cara franzino. E é preciso considerar Jacob, também, de 14 anos, que é atleta. Imagino que os dois seriam capazes de conter um moleque de 9 anos.

- E você veria mais ferimentos defensivos - disse Alex. - Na garota, e em todos eles. Ozzie é o menor membro da família inteira. Eles tentariam resistir, com certeza.

E, já que estamos falando nisso, não creio que uma criança de 9 anos teria a força necessária para desferir o golpe mortal na sra. Harrington. O relatório não deve demorar a chegar, mas creio que o ângulo do golpe sugere que o assassino foi alguém mais alto do que Denise, não mais baixo.

- A metodologia complica as coisas - comentou D. D. - Presumindo que Ozzie seja o perpetrador, o que podemos pensar? Atirou em seu pai. Depois, pegou uma faca na cozinha e matou a mãe com um único golpe; matou o irmão mais velho com um único golpe, e, por último, perseguiu a irmã pela casa antes de apanhá-la e estrangulá-la. Em seguida, depois de ter feito tudo isso, cortou a própria garganta? É

uma maneira difícil de cometer *harakiri*.

- Bem, já vi isso ser feito.

- É mesmo?

- Um caso em 1997. Um executivo de uma empresa publicitária deprimido cortou a própria garganta. Tínhamos algumas dúvidas por causa do ferimento, mas o legista conseguiu comprovar a teoria quando examinou o ângulo da incisão. Não me pergunte. Há momentos em que a ciência forense parece ser pura magia negra.

- Tudo bem. Então, Ozzie cortou a própria garganta. Depois, levou todos os corpos pela casa até um único cômodo? Não faz sentido. Os rastros de sangue indicam que a garganta de Ozzie foi cortada no quarto da irmã. O tamanho de Ozzie indica que ele não teria força suficiente para arrastar a mãe e o pai pelos corredores da casa.

- O que nos leva de volta a Patrick - concordou Alex. - É a única explicação lógica.

D. D. afastou o prato. - Então, por que não me sinto confortável com essa resposta?

- Porque, às vezes, nós nunca conseguimos entender nossos vizinhos. Nem mesmo depois de um fato como esse.

D. D. suspirou e pensou que esse era um bom argumento. - Quando examinarmos os registros financeiros, provavelmente encontraremos dívidas e contas vencidas. Veremos se os Harringtons estavam realmente vivendo no limite das suas possibilidades. Depois, faremos uma visita à escola das crianças, ao local de trabalho de Denise, ao ex-chefe de Patrick e completaremos os perfis das vítimas.

- Devíamos também visitar a unidade psiquiátrica onde Ozzie ficou internado.

Lembre-se, a srta. Patsy disse que ele ficou hospitalizado por algum tempo.

- Achei que já houvéssemos eliminado Ozzie.

Alex deu de ombros. - Ainda existe algo que não sabemos. Ou, melhor dizendo, alguém.

15Hábito com origens no século xix. A partir da década de 1970, foi mais amplamente difundido nos Estados Unidos entre famílias cujos entes queridos estavam longe, na prisão ou servindo nas forças armadas. A fita amarela ao redor da árvore no jardim indicaria que a pessoa em questão seria recebida com alegria quando voltasse para casa. (N. T.)

Capítulo 9

Danielle

Lucy fugiu pouco antes das três horas.

Eu devia ter imaginado que isso poderia acontecer. Quando o dia começou, ela estava incrivelmente tranquila. Por volta das oito da manhã, comeu cereais sem leite, sem arremessar a tigela em ninguém que estivesse passando por perto. Às oito e meia, esgueirou-se para fora do quarto e ficou no corredor por tempo suficiente para surrupiar um carrinho de metal que Benny deixara no corredor. Ela o colocou sob o queixo enquanto engatinhava em direção a um dos cantos do seu quarto. Depois, colocou o carrinho no chão e começou a jogá-lo ao redor do quarto, como se fosse um gato com seu brinquedo.

Benny chorou quando percebeu que o carro desaparecera, mas parou de chorar quando viu a menina nua e louca sorrindo com o brinquedo. Lucy percebeu que Benny a observava, e simplesmente voltou a brincar, em vez de arremessar fezes no garoto.

Fiquei tão contente com aquele progresso que decidi fazer uma tentativa relacionada à higiene básica.

Nós não forçamos nossas crianças a tomar banho. Não as obrigamos a comer, escovar os dentes ou mesmo a se vestir. Entendemos que algumas dessas

crianças, devido a problemas sensoriais, sentem o jato do chuveiro como se fossem milhares de agulhas castigando a pele. Entendemos que, devido a várias compulsões, essas crianças só conseguem comer alimentos congelados ou alimentos que tenham sido previamente triturados, alimentos amarelos ou alimentos industrializados.

Entendemos que, por causa de habilidades sociais limitadas, algumas dessas crianças não conseguem andar pelo corredor sem iniciar uma briga com outras.

A higiene é algo complicado. Horários para refeições são complicados.

Levantar-se da cama a cada manhã é complicado.

Assim, fazemos uma abordagem mais ampla. Essa é a nossa programação, mas estamos dispostos a trabalhar com você. Diga-nos do que precisa. Juntos, podemos fazer as coisas acontecerem.

Alguns pais nos odeiam. Eles acham que a nossa ala no hospital não é nada além de uma colônia de férias, curvando-nos a cada desejo ou capricho de seus filhos-problema.

É claro, metade desses pais são tão traumatizados quanto as crianças. Passaram anos e anos sendo chutados, agredidos e insultados pelos próprios filhos, geralmente aos gritos. Talvez, no dia das mães, o filho de 10 anos de idade tenha feito um desenho onde a mamãe aparecia, sendo esfaqueada até a morte, e o assinou com as palavras, "Morra, maldita, morra". Agora, no fundo, esses pais querem ver o filho sendo finalmente responsabilizado por suas ações, ou sentir que a filha está finalmente recebendo o castigo que sempre mereceu. Nós somos os profissionais.

Deveríamos forçar cada uma dessas crianças a andar na linha. Mas não o fazemos.

Nós deixamos as crianças assistirem à TV. Entregamos a eles *video games* portáteis, trazemos jogos de tabuleiro para brincar com eles, e os deixamos andar de patins pelo corredor.

Somos uma unidade prestadora de cuidados intensos. Nosso objetivo é reduzir a agitação, de modo que a criança consiga finalmente passar o dia inteiro sem explodir. Só então, quando é possível trabalhar com a criança, é que tentamos

compreender os aspectos basais do seu comportamento que serão importantes para a terapia e os cuidados de longo prazo.

Há duas questões que tentamos responder em relação a cada criança: O que acontece com essa criança que *não* deveria estar ocorrendo (por exemplo, distorções cognitivas)? O que *não* acontece com essa criança, quando deveria estar ocorrendo (por exemplo, deficiências cognitivas)? Ao responder a essas perguntas, é possível aprender muito sobre uma criança.

Vinte e quatro horas depois, eu precisava aprender mais a respeito de Lucy.

Primeiramente, enchi um balde imenso com água e o levei até o quarto dela.

Não a olhei quando entrei, não demonstrei que havia reconhecido sua presença no quarto. Coloquei o balde no chão e virei as costas para ela.

Contei até dez.

Quando percebi que ela não me atacou, passei para a segunda etapa: tirei uma pequena esponja do bolso, mergulhei-a na água e comecei a lavar a parede mais próxima. Ainda não havia olhado para a garota. Se a necessidade de atenção é um dos gatilhos de Lucy, então o meu trabalho é não lhe dar qualquer atenção.

Depois de outro minuto, comecei a cantarolar. Uma música baixa e melódica.

Algumas crianças respondem positivamente à música rítmica; eu estava curiosa em relação à Lucy.

Ela ainda não reagiu, então fiquei mais séria. Lavei o sangue e as fezes que manchavam todas as quatro paredes. Depois, peguei o balde e desapareci.

Aquela era a hora do julgamento: será que Lucy deixaria o espaço como ele estava, ou sentiria a necessidade de sujar o quarto novamente, violar seu espaço pessoal da mesma forma que sentia necessidade de violar a si mesma?

Quando vinte minutos se passaram sem qualquer drama, eu lhe trouxe o almoço. Legumes cortados em pedaços pequenos, um pedaço de queijo em bastão, um pouco de pão fresco e um copo plástico com água. Fiquei no corredor, onde poderia monitorar seu reflexo no espelho convexo que havia no teto, sem que ela percebesse a minha presença.

Lucy pegou o pão primeiro. Pegou-o com as duas mãos e o comprimiu, fazendo uma bola. Em seguida, colocou-o no chão e observou-o expandir e voltar à forma original. Depois, voltou a esmagá-lo, até que o pão estava comprimido com força suficiente para que ela pudesse batê-lo no carpete.

Ela brincou com a comida durante algum tempo, aparentemente contente em seu *alter ego*, comportando-se como um gato. Perguntei-me por que ela assumia as características de um gato. O que haveria nos felinos para lhe dar essa sensação de segurança?

Após alguns momentos, ela pegou o pão com as duas mãos e o comeu. Lambeu as mãos em seguida. Depois, curvou-se sobre o copo d'água e bebeu o líquido com lambidas. O queijo teve o mesmo destino do pão. Ela não comeu os legumes, preferindo escondê-los sob o cobertor. Não fiquei surpresa com aquilo. Muitas crianças escondiam pedaços de comida, talvez por causa de alguma compulsão ou um longo histórico de ocasiões onde passavam fome. Deixei os legumes ali, por enquanto, apenas para ver o que ela faria com eles mais tarde.

Trinta minutos depois, entrei no quarto de Lucy para pegar o prato e o copo de plástico. Continuei de costas para ela. Nenhuma demonstração, nenhuma agressividade - ou seja, estávamos fazendo algum progresso.

De volta à cozinha, enchi uma vasilha menor com água morna e encontrei uma esponja limpa. Dessa vez, quando entrei no quarto de Lucy, me sentei de lado para ela. Ela estava perto da janela, olhando atentamente para um imenso quadrado de luz no chão do quarto, formado pelo sol. Colocava os dedos sob o facho de luz solar, observava a sombra criada pelos dedos. Depois, virou-se em direção à janela, fechando os olhos e deixando que o sol lhe banhasse o rosto.

Por um instante, ela tinha uma expressão que quase poderia ser chamada de felicidade.

Eu lhe dei um pouco de tempo. Quando ela finalmente pareceu se cansar do sol

e das sombras, peguei a esponja, mergulhei-a no balde e segurei-a por cima do meu braço. Já havia arregaçado a manga do jaleco até o cotovelo. Apertei a esponja e deixei que as gotas de água escorressem. Queria que ela percebesse essa brincadeira nova e intrigante.

Brinquei por alguns momentos. Fiz a água respingar aqui e ali, umedecendo

algumas partes das minhas roupas, do piso, em qualquer lugar que eu quisesse.

Quando se trabalha com crianças é muito útil agir como elas.

Depois de algum tempo, percebi que Lucy me observava. Não se aproximou, mas estava curiosa. Joguei água no meu rosto e deixei que escorresse pelos cabelos.

Depois, me levantei e saí do quarto, deixando a água e a esponja ali.

Havia a tentação de parar e observá-la para ver o que faria a seguir. Mas ela era uma criança, não um animal exposto ao público em um zoológico. Assim, continuei andando. Um de nossos pacientes mais recentes, Jorge, veio correndo até mim. Aceitei jogar dominó com ele. Depois, fiz um pouco de artesanato com Aimee, uma garota de 12 anos que foi internada após tentar o suicídio. Ela se sentava de maneira desajeitada, e desenhou um céu negro com chuva negra. Sugeri a ela que acrescentasse um pouco de cor no desenho e ela traçou pontos vermelhos por cima dos pretos. Agora o céu estava sangrando.

Abracei-a antes de voltar para o corredor.

Encontrei Lucy novamente sentada sob os raios do Sol. Ela estava com o balde d'água ao seu lado e com a esponja na mão.

Seu rosto finalmente estava limpo. Ela lavou as manchas de fezes e usou a água para alisar o cabelo embaraçado. Estava sentada, agora, com o rosto limpo levantado em direção ao Sol, e a leve curvatura dos seus lábios quase fez com que meu coração se despedaçasse.

Da próxima vez que fui dar uma olhada em Lucy, ela havia desaparecido. A esponja e o balde, agora vazio, estavam colocados no local onde o Sol brilhava. O

quarto estava vazio. Lucy havia fugido.

No início, não me preocupei. Nossa ala é isolada e todas as saídas são trancadas, o que significava que Lucy tinha de estar em algum lugar por aqui. Era preciso apenas encontrá-la.

Entrei em contato com o terapeuta sociocomportamental encarregado das

"checagens" - registrar a posição de cada criança internada na ala a cada cinco minutos. Greg estava incumbido daquela tarefa, o que significava que ele andava pelas dependências da unidade há cerca de uma hora. Ele não viu Lucy - ela era a

exceção à nossa regra de checagens constantes a cada cinco minutos; a profissional responsável por monitorá-la, ou seja, eu, deveria registrar sua localização a cada vinte minutos. Greg comunicou o resto da equipe, e logo todos estávamos à caça de Lucy.

As crianças se juntaram a nós. Era uma brincadeira de esconde-esconde em grande escala, as crianças que estavam conosco há mais tempo já conheciam a rotina e ficavam alegres em nos ajudar. Como nossa unidade não contava com câmeras de vídeo, aproveitamos a presença dos espelhos convexos no teto, procurando pelo reflexo de Lucy. De acordo com os espelhos, ela não estava no corredor principal, nos quartos nem na sala onde as famílias podem se reunir com as crianças. Agora as coisas estavam mais sérias.

Começamos a revistar armários, guarda-roupas, criados-mudos, banheiros e vestíbulos. A área da cozinha estava trancada, mas a examinamos mesmo assim. A área administrativa também estava trancada. Revistamos até mesmo a área onde ficavam os quartos menores.

Às três e quinze da tarde, quando ainda não havíamos encontrado Lucy, os membros da equipe, e também algumas das crianças, começaram a ficar inquietos.

Greg foi cuidar das crianças. Era hora do lanche da tarde. A equipe se espalhou, voltando aos seus afazeres na unidade. Karen, a enfermeira-chefe, me chamou de lado.

- Quando você a viu pela última vez?

- Às duas e quinze - eu respondi.

- O que ela estava fazendo?

- Estava sentada perto da janela do quarto, fazendo sombras com os dedos sob a luz do sol.

Karen levantou uma sobrancelha, intrigada. - Quando você percebeu que ela havia desaparecido?

Hesitei. - Às duas e quarenta e cinco.

Karen olhou nos meus olhos. - São trinta minutos de diferença, Danielle, não vinte. Nós havíamos decidido que alguém registraria o paradeiro de Lucy a cada vinte minutos.

Eu não tinha nenhuma boa justificativa, então simplesmente assenti.

Karen me encarou por um momento. Durante toda a sua vida adulta, ela vinha trabalhando com crianças problemáticas, e seu olhar era penetrante. Percebi que ela finalmente entendeu qual era o dia e o mês; ela fez a conexão que, de acordo com o que eu imaginava, deveria ter feito há pelo menos uma semana.

Essa é a vida da única sobrevivente. Nunca se escapa do aniversário do evento.

- Lucy é um fardo pesado demais para você? - perguntou Karen.

- Não.

- Sempre estivemos dispostos a trabalhar com você, Danielle - declarou ela, com a voz firme. - Mas você precisa estar disposta a trabalhar conosco. Entendeu?

- Lucy não é um fardo exagerado - respondi, com a voz mais forte agora.

Mesmo assim, Karen ainda não tinha certeza. Ela finalmente suspirou e seguiu em frente.

- Lucy ainda está nua?

- Quando a vi pela última vez, estava.

Karen tomou a decisão de avisar o setor de segurança do centro médico. O

hospital inteiro entrou em regime de alerta e todas as saídas estavam trancadas e vigiadas. Eu me sentia como se tivesse dez centímetros de altura. Perdera a paciente da qual estava encarregada. Quebrei o protocolo em um lugar onde quebras de protocolo não eram aceitáveis. E, embora minha vida pessoal não

tivesse nada de especial, levava meu trabalho a sério. Eu era uma enfermeira bastante dedicada. Em certos dias, era até mesmo uma ótima enfermeira.

Aparentemente, hoje não era um desses dias. Tivemos uma reunião de emergência com a equipe, onde Karen rapidamente destacou andares específicos do hospital onde cada um de nós deveria revistar. A divisão de segurança também faria uma busca.

Fiquei com o primeiro e o segundo andares. Saí da unidade infantil, sentindo-me enjoada.

Para onde Lucy iria? O que ela faria?

E foi então que tive uma ideia.

Corri em direção ao solário do hospital.

Dez minutos depois, encontrei Lucy. Ela estava atrás de um vaso com uma

palmeira, sob a luz escaldante do Sol, enrodilhada ao redor de si mesma como um gato, dormindo com a cabeça apoiada sobre as mãos. Em algum lugar, durante suas aventuras, encontrou um avental cirúrgico verde e o usava como se fosse um vestido. Ficava quase oculta no chão, com o cabelo escuro lhe cobrindo o rosto recém-lavado.

Entrei em contato com a unidade pediátrica via rádio, dizendo que a encontrara.

Em seguida, como Lucy estava tendo seu momento de descanso mais tranquilo desde que chegou à unidade, me sentei no piso e esperei.

Greg não demorou a chegar, e sentou-se ao meu lado. - Que dia difícil - disse ele, depois de um momento.

- Ela está bem. É o que importa.

- Foi muito azar ela ter fugido. Deve ter escapulido por uma das portas quando algum visitante estava entrando ou saindo da unidade.

Ele disse aquilo de maneira casual, mas nós dois sabíamos que haveria uma investigação. Foi muito azar Lucy ter cruzado duas portas trancadas. Tanto azar

que algo assim nunca havia acontecido em todos os anos que trabalhei ali, e ainda não conseguia imaginar como uma garota nua, de 9 anos de idade, realizara tal proeza.

Algumas cabeças iriam rolar por causa disso. Provavelmente a minha.

Senti a ansiedade crescer. Não podia perder este emprego. Adorava o meu trabalho, especialmente nesta época do ano, quando - Karen tinha razão - minha sanidade não estava tão sólida, e eles me aceitavam mesmo assim.

Greg tocou meu rosto. Diferente da reação que teria em outras ocasiões, não me esquivei. Greg e eu éramos colegas de trabalho há anos. Ele era um rapaz bonito.

Alto, em boa forma física, a imagem de um treinador esportivo para crianças agitadas. Vestia-se como um técnico de time de futebol americano e falava com a voz de barítono mais melodiosa da unidade. Até mesmo as piores crianças se calavam apenas para ouvir o timbre da sua voz.

Agora, eu pensava novamente no xerife Wayne. Mas me recusei a chorar. Seria estúpido fazê-lo.

Lucy finalmente acordou. Levantou a cabeça, piscou os olhos e nos encarou, curiosa.

Rapidamente, antes que estivesse desperta o bastante para resistir, Greg e eu a colocamos entre nós e a levamos para o elevador.

Eu ainda estava pensando em muitas coisas. Que ainda faltavam três dias. Que aquilo não deveria mais importar. Uma data no calendário, um dia que acontecia apenas uma vez por ano. E sabia que Karen finalmente compreendera meus horários, o motivo de cumprir tantas horas extras. Porque a data tinha importância. De algum modo, sempre tinha importância, e, dentro de aproximadamente vinte e quatro horas, eu teria que desaparecer. Não estaria em condições de lidar com crianças. Não estaria em condições de lidar com adultos.

E certamente não estaria em condições de estar ao lado de um rapaz decente como Greg, que iria querer me abraçar e fazer que me sentisse melhor.

Uma vez por ano, não queria me sentir melhor.

Uma vez por ano, gostava de liberar a minha fúria.

Afinal, sou a única sobrevivente, e isso ainda me deixa louca de raiva.

O elevador nos levou de volta ao oitavo andar. Segurei meu crachá para entrar no saguão. Karen estava à nossa espera, mas não estava sozinha. Uma mulher loira, com cabelo encaracolado e um homem de cabelos grisalhos, usando um terno preto, estavam ao lado dela. Os dois mostravam distintivos de polícia.

- Danielle - começou Karen.

E eu soube, naquele exato momento, que tudo havia começado novamente.

Capítulo 10

Victoria

O que um pai sente quando abandona o filho? Acorda pela manhã com a lembrança da primeira vez em que seu filho sorriu na vida? Talvez a sensação de ter o bebê em seus braços, com os olhos azuis solenes lhe encarando, os lábios entreabertos, imerso em pensamentos?

Ele se lembra da primeira vez que o filho disse "papai"? Ou das ocasiões em que Evan corria em direção à porta e o abraçava, jogando os braços ao redor das suas pernas?

Será que se tortura pensando no que pode acontecer no futuro ou em como a vida seria se o passado fosse diferente? Ou com o desejo de, algum dia, ser o técnico do time de futebol do seu filho? O sonho de assistir juntos ao seu primeiro jogo dos Patriots no estádio, ou talvez de vibrar com os Celtics no Garden **16** ? Será que ele pensa no imenso buraco em seu futuro, onde deveriam estar as lições sobre como dirigir um carro, as conversas de homem para homem e a primeira vez em que o filho se barbearia?

Será que ele sabe que, nos dias e semanas após ter nos abandonado, Evan chorava todas as noites antes de dormir, sentindo saudades do pai que nunca mais voltou?

Quando Michael e eu finalmente trouxemos Evan para casa, após receber alta da UTI neonatal, estávamos convencidos que o pior havia passado. Com três meses,

ele conseguia ficar sentado. Aos dez meses, já engatinhava. O pediatra estava impressionado.

Chorava, às vezes durante horas, sem parar. Era difícil dormir, e era muito raro conseguir tirar uma soneca durante o dia. Li vários livros sobre técnicas para estimular o sono enquanto relatava os problemas ao médico. Ele me garantiu que bebês sempre choravam, independente do que as mães fizessem. Evan não exibia quaisquer sinais de cólica e ganhava peso em ritmo normal, uma preocupação constante com bebês prematuros. De acordo com os especialistas da área médica, Evan era um bebê chorão, mas fabuloso. Michael e eu acreditamos piamente naquilo. Aquele era o nosso filho, nossa experiência como pai e mãe, chorão, mas fabuloso.

Michael ficou ao meu lado e me deu todo o apoio durante aqueles dias, cuidando de Evan junto a mim. Quando chegava do trabalho, assumia seu turno,

andando com Evan no colo pela casa enquanto o bebê chorava. Ele me estimulava a fazer coisas para que eu pudesse aproveitar meu tempo e me afastar um pouco das preocupações. Ler um livro, tomar um banho de espuma, tirar uma soneca. Juntos, nós conseguiríamos dar conta da nossa responsabilidade.

Aos quatorze meses, Evan fez a transição do engatinhar para o correr.

Repentinamente, passou a dormir muito melhor à noite. Talvez porque corresse como um foguete durante o dia. Quanto a mim, já não acalentava mais um bebê, mas passava o dia correndo atrás de um garoto pequeno. Evan parecia não ter consciência do próprio espaço. Ele trombava com paredes, caía de cima de cadeiras, e andava em frente a balanços em movimento. No playground, era uma ameaça para si e para as outras crianças.

Não tinha medo de estranhos. Não acreditava que as outras crianças, às vezes, queriam brincar sozinhas. Corria em direção a grupos de crianças, forçava a entrada nas caixas de areia de outras crianças. Tinha um sorriso radiante como uma lâmpada de cem watts, e belos olhos azuis. Aos quatorze meses, parecia-lhe que o mundo não era grande o bastante. Tinha muitas coisas a fazer, muitas para ver, e muitas a dizer.

Uma senhora idosa se sentou ao meu lado no banco de um parque, certa vez, apenas para escutar a magia do riso de Evan enquanto ele rolava por cima de uma pilha de folhas secas.

- Ele tem uma alma antiga - disse ela antes de sair. - Uma alma muito antiga.

Observe-o. Ouça-o. Ele irá lhe ensinar o que você precisa saber.

Foi nessa época que Evan parou de usar roupas. Ele sempre chorava se o vestíssemos com qualquer peça que não fosse feita de algodão. Agora, recusava-se até mesmo a vestir essas. Eu encontrava camisas, meias, calças e fraldas jogadas pelos corredores, e, por vezes, sobre os balanços do jardim. Eu o vestia novamente.

E ele tirava as roupas novamente.

Ficávamos em casa com mais frequência. Crianças de dezoito meses nuas não eram bem-recebidas em parques públicos.

Evan também desenvolveu alguns hábitos novos e alarmantes. Por exemplo, começou a escalar o balcão da cozinha para brincar com as facas. Gostava de segurá-las pela lâmina, como se precisasse dilacerar as próprias palmas para entender o quanto elas eram pontiagudas. O mesmo acontecia com o fogão. Eu não cozinhava mais, a menos que Michael estivesse em casa. Evan estava obcecado pelos queimadores do fogão elétrico. Quanto mais lhe dizíamos que eram quentes, mais ele *precisava* colocar os dedos sobre as áreas incandescentes.

Era como viver com um touro em uma loja de porcelanas. Certo dia, quebrou todos os ovos na cozinha apenas para ouvir o barulho que faziam (eu estava ao telefone). No dia seguinte, quebrou todos os meus frascos de perfume, lançando-os ao chão para ver até onde os cacos de vidro voariam com o impacto (eu estava no lavabo do andar térreo). Certa tarde, o apanhei escalando o armário onde guardávamos o jogo de porcelanas, e acabei trancando as portas com um cadeado (eu estava no chuveiro, mas percebi que não conseguia ouvir Evan e saí em disparada pela casa, usando apenas uma toalha ao redor do corpo).

Consultamos nosso primeiro especialista, um médico na área de desenvolvimento infantil. Recebemos nosso primeiro diagnóstico. Evan sofria de disfunção da integração sensorial; seu cérebro recebia informações através dos cinco sentidos, mas não conseguia priorizar as sensações. Aquilo significava que vivia em um estado superestimulado - como uma vasilha cheia, onde cada novo som, aroma, toque, gosto e imagem fossem gotas em um recipiente que já transbordava. Havia certas coisas que não tolerava de maneira alguma: o ruído de um zíper que se fechava, o toque do jeans contra a pele. Outras sensações

causavam uma espécie de fixação, as quais ele tentava fazer penetrar no meio da algazarra que tomava conta do seu cérebro - coisas que eram afiadas, coisas que eram quentes, coisas que eram doloridas. Era como uma mariposa atraída por uma chama.

Evan começou a receber sessões de terapia ocupacional. Michael concordou que eu precisava de ajuda, então contratamos a primeira de uma série de quatorze babás para trabalhar em meio-período.

Eu saía para fazer caminhadas, de modo que pudesse distrair a mente e aliviar o corpo. Depois, voltava para casa e para meu filho louco, ensandecido e exuberante.

Ele pulava sobre mim e me cobria de abraços. Deixava o mundo mais leve com a exuberância do seu rosto. Rolávamos pelo chão, fazíamos cócegas um no outro e brincávamos de esconde-esconde por várias horas.

Em seguida, ele começava a gritar quando o mandava escovar os dentes. Ou tinha um acesso de fúria quando eu lhe servia macarrão num prato que não tivesse uma cor que ele gostava. Quebrou uma das janelas da sala de televisão com uma das bolas de golfe de Michael quando lhe pedimos para calçar os sapatos. Me deu um tapa no rosto quando lhe disse que era hora de dormir.

A primeira babá pediu demissão. Depois, a segunda fez o mesmo, e a terceira também.

Quando Evan estava feliz, ficava extremamente feliz. Entretanto, quando ficava irritado, ficava irritado demais. E quando se sentia triste... ficava incrivelmente

triste.

Recebemos nosso segundo diagnóstico: transtorno de humor não especificado.

Aos 4 anos de idade, começou a receber clonidina, um medicamento que geralmente é usado para tratar o distúrbio do déficit de atenção, ajudando a moderar comportamentos impulsivos e agressivos. Esperávamos que a clonidina o deixasse menos agitado, permitindo a Evan desenvolver seu autocontrole.

Não demorou muito para que melhorasse. Passou a dormir melhor à noite. Não ficava tão agitado durante o dia. Entre a clonidina e uma babá que o

acompanhasse, parecia que Evan conseguiria sobreviver à pré-escola.

Tempo, dissemos eu e Michael entre nós. Evan precisava apenas de tempo.

Tempo para que a terapia ocupacional o ajudasse com sua hipersensibilidade.

Tempo para desenvolver melhor as habilidades cognitivas. Tínhamos alguns desafios a enfrentar, mas todos os pais e mães têm seus próprios desafios, não é?

Evan começou a frequentar o jardim de infância. Ele interrompia a professora.

Ria em momentos inapropriados. Gritava se alguém lhe dissesse para parar com uma atividade que queria fazer e se recusava a fazer atividades que não tinha interesse.

Nas primeiras oito semanas, Michael e eu fomos chamados à escola mais de dez vezes. Ficávamos sentados ali, constrangidos. Pais sensatos e trabalhadores que não faziam ideia do motivo pelo qual o filho era um delinquente aos 5 anos de idade.

Nós amávamos Evan. Estabelecíamos limites para ele. Lutávamos pelo bem dele.

Mesmo assim, Evan fazia apenas o que queria fazer, e estava disposto a tomar qualquer atitude, por mais extrema que fosse, para que as coisas acontecessem da maneira que ele queria.

Terceiro e quarto diagnósticos: distúrbio de déficit de atenção e distúrbio de ansiedade não especificado. Por insistência da escola, ele começou a tomar o antidepressivo Lexapro, que afeta os níveis de serotonina do cérebro. Fomos informados de que o medicamento ajudaria Evan a se acalmar e se concentrar.

"O cérebro do seu filho é um lugar muito, muito movimentado", disse-nos um especialista. "Imagine ficar bem no meio do desfile de uma banda marcial e tentar ficar imóvel, enquanto os instrumentos de sopro soam alto nos ouvidos e os músicos passam ao seu lado, marchando. Evan os ama. Evan quer fazer boas coisas. Mas Evan não consegue se afastar da banda por tempo suficiente para ser Evan".

Seguimos religiosamente a prescrição médica. É assim que os norte-americanos

vivem, não é? Seu filho é indisciplinado, malcomportado, agressivo. Encha-o de remédios.

Duas semanas depois, enquanto desenhava tranquilamente um carro de corridas, Evan se levantou e enfiou o lápis no ouvido da menina de 5 anos que sentava ao seu lado, perfurando-lhe o tímpano.

Foi o fim do jardim de infância para Evan.

Algum tempo depois, fomos informados de que Evan sofreu uma reação paradoxal ao Lexapro. Uma reação paradoxal ocorre quando um medicamento causa efeito contrário em relação ao que devia curar. Por exemplo, um analgésico acaba causando dor. Ou um sedativo acaba causando hiperatividade. Esperava-se que o Lexapro tranquilizasse nosso filho. Em vez disso, o remédio o lançou para um novo patamar de agitação e ele começou a agir de acordo.

Procuramos um novo médico para cuidar de Evan. O melhor Ph.D. de Boston, de acordo com o que nos disseram. Contratei a babá de número nove e me preparei para educar Evan em casa.

Michael começou a fazer horas extras na empresa. Precisava de dinheiro para pagar os médicos, de acordo com ele, como se eu não conseguisse sentir os vestígios de perfume que impregnavam o seu paletó, ou perceber quantas vezes ele verificava as mensagens de texto no celular.

Comecei a imaginar se ela era jovem e bonita, talvez com luzes douradas no cabelo. Um cabelo que não sofria com as raízes malcuidadas. Talvez seu útero nunca tivesse sofrido com infecções ou toxinas. Talvez ela pudesse levar o filho ao supermercado sem que ele jogasse legumes nos outros clientes. Talvez ela fosse a bons restaurantes, e seu filho não jogasse macarrão no chão, rolando por cima da massa em seguida.

Talvez ela tivesse boas noites de sono sem interrupções, lesse o jornal pela manhã e fosse capaz de conversar com bastante sagacidade sobre uma ampla variedade de assuntos adultos.

Ou apenas risse, e dissesse a Michael que ele era perfeito.

Você se esforça quando é pai ou mãe. Você ama além de qualquer defeito. Você luta além de qualquer dificuldade. Sua esperança vai muito além de qualquer

decepção.

Mas você nunca pensa, até o último minuto, que tudo isso pode não ser o bastante.

São quatro da tarde, sexta-feira, e o céu está coberto por nuvens escuras.

Devido ao calor intenso de agosto, a maioria das pessoas fica feliz com a chuva

refrescante que logo vai cair. Eu não me importo. Saí de casa com cinco minutos de atraso e agora dirijo em alta velocidade, tentando recuperar o tempo perdido.

Tenho apenas duas horas. Só consigo fazer isso duas vezes por semana. Não posso simplesmente deixar uma das adolescentes da vizinhança cuidando do meu filho de oito anos. Mas Michael paga a pensão de Evan e uso esse dinheiro para pagar por cuidados especializados. Assim, duas vezes por semana, uma pessoa especialmente treinada vem até a minha casa para cuidar de Evan. Nesses dias, vou ao supermercado, farmácia, banco e faço tudo aquilo que não posso fazer quando Evan está comigo. Isso aconteceu ontem à noite. Hoje, na minha segunda noite de folga da semana, vou para a filial local da lanchonete Friendly's.

Minha filha está esperando por mim lá.

Chelsea está sentada em uma das mesas ao fundo. Michael está na mesma mesa, em frente a ela. Ele usa um terno de verão, feito com um tecido leve, que cobre uma camisa azul da Johnston & Murphy. O terno emoldura bem os músculos do seu corpo. Obviamente, ele continua fiel ao hábito de praticar boxe todas as semanas. É possível tirar o garoto da vizinhança, mas não a vizinhança do garoto.

Quando Michael percebe que estou andando por entre as mesas do salão lotado, guarda o seu BlackBerry e se levanta.

- Victoria - diz Michael.

- Michael - respondo.

Acontece da mesma forma toda semana. Nossa rotina nunca muda.

- Voltarei às seis e meia - diz ele, mais para Chelsea do que para mim, curvando-se e beijando-a no rosto. Em seguida, ele vai embora, e eu fico a sós com minha filha.

Chelsea tem 6 anos. Ela tem o mesmo cabelo escuro de Michael e os mesmos traços finos do meu rosto. Tem também uma postura tensa. É alta para a idade, madura para os seus 6 anos. Viver com um irmão mais velho como Evan pode fazer isso com uma menina.

- Já pediu, querida? - pergunto, me sentando no assento que Michael ocupava, deixando minha bolsa ao meu lado, no assento de vinil vermelho.

Ela balança a cabeça negativamente.

- O que há de bom no cardápio hoje?

Minha voz parece forçada. É assim toda semana. Tenho uma noite para tentar provar à minha filha que a amo. Nas outras seis noites da semana, ela tem a impressão de que não me importo com ela.

Chelsea fecha o cardápio e não diz nada. Um balão estoura do outro lado do restaurante, e ela se assusta. De acordo com os termos do nosso divórcio, Michael ficou com a obrigação de custear a terapia dela, mas não sei se ele realmente está fazendo isso. Depois de todos os especialistas que procuramos para Evan, acho que deixou de acreditar nesse tipo de solução.

Mas Chelsea não é Evan. Ela é uma garotinha doce e amável, que passou seus primeiros cinco anos sem saber se o irmão viria abraçá-la com afeição ou se iria atacá-la num ímpeto de fúria psicótica. Aos 2 anos, já aprendera que havia momentos em que o melhor a fazer era correr e se trancar dentro do banheiro mais próximo. Aos 3, já era capaz de telefonar para o 911. E estava em casa há onze meses, quando Evan encontrou o pé de cabra na garagem e começou a quebrar cada uma das janelas da casa.

Michael e Chelsea saíram de casa no dia seguinte. Desde então, fiquei sozinha com Evan.

- Como está indo na escola? - eu pergunto.

Ela dá de ombros. Preciso respeitar o momento da minha filha, então decido

pegar um copo cheio de bastões de giz de cera que está sobre a mesa e começo a desenhar em um guardanapo. Depois de um momento, Chelsea faz o mesmo.

Ficamos as duas desenhando em silêncio, até que digo a mim mesma que já é o bastante.

A garçonete chega. Eu peço uma salada verde. Chelsea pede bastõezinhos de frango empanado.

Nós desenhamos mais um pouco.

- Eu vou ser a dama de honra - diz Chelsea, repentinamente.

Paro, forçando-me a encontrar um giz de cera amarelo para pintar o jardim que estou desenhando. Um casamento? O divórcio foi concluído há pouco mais de seis meses. Eu sabia que Michael estava saindo com alguém, mas isso... de algum modo, parece bastante indigno. Como uma piada de humor negro em meio a um funeral.

- Você vai ser dama de honra?

- No casamento do papai com Melinda. Vai ser no dia de Natal. Vou usar um

vestido de veludo verde.

- Você... vai ficar muito bonita.

- O papai disse que Melinda vai ser minha nova mamãe.

Chelsea não está mais colorindo o desenho. Olha fixamente para mim.

- Ela vai ser sua madrasta. Você terá uma madrasta e uma mamãe depois do casamento.

- Madrastas gostam de comer no Friendly's?

Não consigo mais aguentar aquilo. Coloco o giz de cera de volta no copo plástico e encaro o tampo da mesa fixamente.

- Eu amo você, Chelsea.

Ela pega o giz de cera e volta a colorir o desenho.

- Estou brava - diz, com a voz bem tranquila. - Não quero uma nova mamãe.

Sarah tem uma, e ela disse que madrastas não são legais. E eu não gosto de veludo verde. É muito quente. O vestido é feio.

Não digo nada.

- Quero rasgar aquele vestido - continua ela. - Quero pegar uma tesoura e cortar ele. Cortar, cortar, cortar. Ou talvez jogar um monte de tinta em cima dele. Um monte. Assim eu não vou precisar usá-lo.

Ela olha novamente para mim. - Mamãe, estou ficando igual o Evan?

Meu coração se despedaça. Seguro na mão dela. Há tantas coisas que gostaria de dizer a ela. Que é especial, única, linda. Que a amei desde o momento em que nasceu. Que nada do que está acontecendo é sua culpa. Nem a doença do irmão, nem a *Escolha de Sofia* **17** que sua mãe faz todos os dias.

- Você não é seu irmão, Chelsea. Evan... Evan tem coisas na cabeça que ninguém mais tem. O cérebro dele funciona de um jeito diferente. É por isso que ele fica tão furioso, é por isso que não consegue se controlar. Você não é como ele. O

seu cérebro não é como o dele. Você é você. E não há problema em ficar brava. Às vezes, todos nós ficamos bravos.

- Não gosto de Melinda - diz Chelsea, mais lamuriosa agora. - O papai está sempre trabalhando. Ele não é mais um cara legal.

- Eu lamento.

- Casamentos são idiotas. Madrastas são idiotas. Idiotas, idiotas, idiotas.

- Eu lamento.

- Por que Evan não vai embora? O papai diz que, se Evan simplesmente for embora...

Não respondo. É neste ponto que eu e Michael temos nossa divergência. Ele quer

que seus filhos possam ser consertados, enquanto eu aceitei o fato de que nosso filho tem uma doença que nenhum médico pode curar. Evan ainda é nosso filho, apesar de tudo, e o fato de que tem alguns problemas não é motivo para simplesmente jogá-lo fora.

A garçonete chega com o nosso pedido. Ela coloca duas bandejas ovais na mesa. Eu separo os ingredientes da minha salada. Chelsea pega algumas batatas fritas.

- Evan sente saudades de você. Ele gostaria de poder ir ao parque com você.

Chelsea acena afirmativamente com a cabeça. Houve momentos em que ela e Evan eram bem próximos. Quando ele estava mais tranquilo, nos dias em que seu lado mais doce e meigo sobressaía. Ele brincava de casinha com Chelsea, deixava-a até mesmo pentear e arrumar seu cabelo. Os dois brincavam de esconde-esconde ou formavam uma banda de rock usando todas as panelas da cozinha. Naqueles momentos, ele era um ótimo irmão, e eu imagino que ela sinta saudades daquele irmão mais velho. Eu também imagino que haja muitos outros incidentes que ela gostaria de esquecer.

Chelsea é o motivo de Michael ter me deixado. Alegou que a minha incapacidade de internar Evan em um hospital psiquiátrico estava colocando a vida da nossa filha em risco. Quem tem razão? Ele? Eu? Como saberemos? O mundo não nos dá alternativas perfeitas e não consegui descobrir uma maneira de sacrificar meu filho, nem mesmo pelo bem da minha filha.

Assim, aqui estou eu, e aqui está ela. Eu a amo tanto que meu peito chega a doer, e não consigo engolir a comida. Simplesmente fico sentada aqui, em frente a essa garotinha, e tento demonstrar meu amor por ela. Se forçar o meu amor a cruzar a mesa, se comprimi-lo em uma bola e jogá-lo em Chelsea várias vezes, talvez ela o sinta. Talvez, por um único instante, ela perceberá que eu a amo mais do que a Evan.

E essa é a razão pela qual tive que deixá-la ir.

Ela ficará bem. Evan, por sua vez, precisa de mim.

Desenhamos mais um pouco. Eu ignoro a minha salada. Ela come batatas fritas.

Diz que tentou tocar violino durante as atividades da colônia de férias. Ela e Sarah acabaram brigando, pois Sarah disse que Hannah Montana era melhor do

que as Cheetah Girls, mas as duas acabaram concordando que o filme *High School Musical* é o melhor de todos os tempos, e agora voltaram a ser amigas. As aulas de dança começam dentro de duas semanas. O primeiro dia de aula a deixa apreensiva. Ela quer saber se podemos ir juntas comprar roupas para ela ir à escola**18** . Digo que vou tentar. Posso perceber pela expressão em seu rosto que ela já sabe que isso não acontecerá.

A garçonete retira os pratos. Chelsea parece se alegrar ao pensar em tomar um sorvete. Ela escolhe um *sundae*. Eu recuso a sobremesa, embora uma taça de sorvete talvez pudesse me fazer bem. Seria bom ganhar um pouco de peso. Talvez devesse começar uma dieta baseada apenas em sorvete. Posso comer um balde de sorvete por dia e inchar até que meu peso chegue a cento e cinquenta quilos. Duvido que alguém se importe.

A autopiedade não vai me ajudar em nada. Assim, estendo o braço por cima da mesa e seguro a mão da minha filha novamente. Hoje, ela permite que eu o faça. Na semana que vem, não sei se será tão fácil.

Ela terá uma segunda mãe. Uma mulher que nunca conheci. Tento imaginar como ela seria, e minha mente se prende à imagem de uma loira de vinte e poucos anos, jovem, mais bonita e mais alegre do que eu. Ela ajudará Chelsea a escolher as roupas com as quais irá à escola, e talvez a ajude a trançar o cabelo. Será a primeira a ouvir os relatos dos dramas escolares de Chelsea, e talvez até mesmo lhe dê alguns conselhos sobre como lidar com as colegas igualmente dramáticas. Elas irão desenvolver uma ligação. Talvez, no futuro, haverá uma semana em que Chelsea não irá querer mais vir ao Friendly's.

Quero sentir amargura, mas por que deveria fazer isso? Chelsea precisa crescer, se desenvolver e cuidar da própria vida. Eu preciso deixá-la fazer isso. Mas nunca pensei que isso lhe aconteceria logo aos 6 anos de idade.

Michael aparece no salão da lanchonete. Ele não diz nada, simplesmente fica em pé ali. Chelsea e eu entendemos o recado. Deixo o dinheiro do jantar sobre a mesa e depois pego minhas coisas. Quando me levanto da cadeira, Michael já está perto da porta de saída. Chelsea está a meio caminho, tentando igualar a diferença entre seu pai, adiante, e sua mãe, atrás.

Eu me apresso e consigo me aproximar dela e saímos pelas portas de vidro. A tempestade finalmente começou e a chuva fria cai em rajadas. Hesitamos um

pouco sob o toldo, nos preparando para correr em direção aos carros. Michael aproveita o

momento para dizer: - Tenho certeza de que Chelsea lhe falou sobre o casamento.

- Meus parabéns - eu digo. Depois, acabo com sua alegria, acrescentando: -

Quando você acha que Evan poderia tirar as medidas para um terno?

O olhar que ele me lança teria matado uma mulher mais fraca. Devolvo o olhar mesmo assim. Desafio-o a negar nosso primogênito, uma criança que ainda pergunta quando o pai vai voltar para casa.

- Eu não abandonei você, Victoria - diz Michael, com a voz firme, mas baixa, para que Chelsea não ouça. - Foi você que me abandonou. Você me abandonou assim que decidiu que as necessidades dele eram mais importantes do que as de qualquer outra pessoa.

- Ele é uma criança...

- ... que precisa de cuidados profissionais em tempo integral - diz ele, completando a minha frase.

- Um hospital psiquiátrico, você quer dizer.

- Há outras maneiras de ajudá-lo. Você se recusou considerar qualquer possibilidade. Você decidiu que sabia o que era melhor para ele. Você, e apenas você, se julgou capaz de ajudá-lo. Depois disso, Chelsea e eu não tínhamos mais importância. Você não pode nos culpar por seguirmos em frente com nossas vidas.

"Mas eu os culpo", tenho vontade de dizer. "Eu os culpo".

Ele gesticula para Chelsea, dizendo que é hora de ir. Ela está com a cabeça baixa e sua linguagem corporal está bastante discreta. Mesmo que não possa ouvir nossas palavras, sabe que estamos brigando e isso a magoa.

Coloco os braços ao redor da minha filha. Sinto seu cabelo sedoso e a leveza do seu corpo. Sinto também o cheiro do xampu de essência de coco e dos bastões de

giz de cera. Eu a abraço com força, pois a sensação desse abraço tem que durar a semana inteira em mim. Depois, deixo que se vá.

Ela e o pai correm por entre o estacionamento, sob a chuva, com as mãos sobre as cabeças para se protegerem do aguaceiro. Minutos depois, os dois estão no BMW

de Michael, o carro se afasta, com o vermelho das luzes traseiras brilhando na escuridão.

Não sei o que um pai sente quando abandona o filho. Sei apenas qual é a sensação de uma mãe quando abandona sua filha. Meu coração está indo para longe de mim e deixando um buraco enorme no meio do peito.

Dou um passo adiante, andando sob a tempestade, sem pressa. Deixo a chuva encharcar meu cabelo, molhar minha blusa branca. Deixo o dilúvio bater no meu rosto.

É noite de sexta feira. "Ainda faltam três dias", eu penso.

Entro no carro e volto para casa para cuidar de Evan.

16Referência ao time de basquete Boston Celtics, e sua arena esportiva tradicional, o TD Garden.

17Referência ao livro de mesmo nome, publicado em 1979, e no filme no qual foi baseado, lançado em 1982. Na obra, Sofia, uma mulher judia enviada ao campo de concentração de Auschwitz, forçada por um médico do campo a escolher qual de seus dois filhos seria imediatamente morto em uma das câmaras de gás do lugar. (N.

T.)

18Muitas escolas nos Estados Unidos não exigem que seus alunos usem uniformes.

(N. T.)

Capítulo 11

D. D. nunca esteve em uma unidade psiquiátrica infantil de isolamento e não tinha certeza de que gostaria de fazer aquilo. Mesmo assim, entre todos os membros da família Harrington, Ozzie ainda era o mais intrigante. O ex-empregador de Patrick tinha apenas coisas positivas para dizer a seu respeito. O chefe de Denise ficou tão chocado com sua morte que mal conseguia falar. Tudo o que os investigadores receberam foram elogios como "ótima mulher", "mãe dedicada", "um coração enorme", entremeados por lágrimas e soluços.

Phil verificou os registros bancários; não eram diferentes do que eles esperavam. Restava pouco mais de oitocentos dólares na conta dos Harringtons.

Precisavam fazer alguns pagamentos substanciais para amortizar a hipoteca, sem mencionar uma dívida de dez mil dólares no cartão de crédito. Até este momento, a família nunca deixara qualquer conta atrasar. Aparentemente aquilo estava prestes a mudar.

No lado positivo, os Harringtons recebiam um cheque do governo todos os meses para custear as despesas de Ozzie. Além disso, Denise também recebeu um aumento modesto em seu salário de recepcionista. A julgar pela média das famílias de Dorchester, os Harringtons não teriam muitas dificuldades se conseguissem inquilinos para morar nos andares superiores da casa. Phil e o professor Alex voltariam à casa naquela noite para estimar quanto tempo Patrick ainda levaria para completar as reformas.

E se os Harringtons realmente perdessem a casa? A primeira esposa de Patrick estava morta; Denise não tinha mais contato com o primeiro marido. Existiria a possibilidade de que Patrick ou Denise tivessem outros parentes que pudessem recebê-los? Ou, talvez, que pudessem receber auxílio da igreja que frequentavam?

D. D. queria respostas para essas perguntas. Melhor ainda: queria descobrir se Denise ou Patrick pensaram nas mesmas alternativas. Qual seria a profundidade do abismo de acordo com sua perspectiva? Seria uma questão de "Bem, sempre podemos nos mudar para a casa do tio Joe"? Ou algo mais parecido como "Diabos, vamos ter que morar com três crianças em um albergue para indigentes, e é possível que nunca consigamos sair de lá"?

Dezoito horas após o chamado inicial, D. D. tinha quatro pessoas mortas e uma em condição crítica. Entre os possíveis suspeitos, um pai de família de meia-

idade e seu filho psicótico, de 9 anos. O pai tinha uma capacidade física maior. O filho, uma predisposição mental maior.

Foi isso que a trouxe, juntamente com sua nova sombra, o professor Alex, para a Clínica de Avaliação Pediátrica de Boston, parte do Centro Médico Kirkland.

Os primeiros passos na ala psiquiátrica de isolamento não foram o que D. D.

esperava. O pé-direito do lugar chegava a quase três metros. A luz natural entrava por janelas enormes, iluminando o carpete de cor verde-clara e as paredes pintadas num tom suave de azul. Bancos de alvenaria embutidos nas paredes eram cobertos por almofadas forradas com uma estampa de patinhos amarelos, e, nas mesas de madeira, havia baldes cheios de peças de Lego. O lugar lhe parecia mais uma sala de espera de uma clínica pediátrica particular. A diferença era que as crianças ficavam ali por muito mais tempo.

D. D. estava se virando para conversar com Alex quando uma garota negra, com o cabelo arrumado em duas tranças por sobre seu capacete vermelho passou à sua frente, sobre patins. Um segundo mais tarde, um garoto menor, usando calças largas de moletom azul, passou correndo em perseguição. Não parecia ter muito equilíbrio, mas estava se esforçando para correr o mais rápido que podia.

D. D. deu um salto para trás. Alex também.

- Becca, Arnie, fiquem para trás do cone laranja! - disse a voz de um homem. A menina o menino deram meia-volta. Ela, num movimento gracioso; ele, desajeitado.

Os dois voltaram correndo na direção oposta, passando bem perto de D. D. e Alex pela segunda vez.

- Desculpem-nos - disse o homem, parecendo se divertir com a situação, em vez de se irritar. Era um rapaz jovem, com os cabelos castanhos cortados bem rentes à cabeça e estava ao lado de um cone laranja no meio do corredor. Parecia um treinador de alguma equipe esportiva, usando calças de moletom azul e uma camiseta branca que exibia os músculos peitorais bem definidos. Trazia uma prancheta nas mãos e um cordão ao redor do pescoço exibia o crachá, juntamente a um molho de chaves.

Seus pacientes dispararam em direção à imensa janela que havia na parede

oposta do longo corredor. Ele se virou para segui-los. - Vá com calma, Arnie. Fique tranquilo. Você não precisa vencer a corrida logo na primeira tentativa.

D. D. decidiu que era mais seguro esperar com as costas voltadas para a parede. Alex fez o mesmo. Eles haviam passado pelas portas duplas do saguão, que ficavam trancadas; em seguida, pelas portas que ligavam a recepção à ala de internação, que também estavam trancadas. Agora, os dois esperavam pela chegada da enfermeira Danielle Burton, que iria acompanhá-los. Ela traria o prontuário de Ozzie Harrington, e os investigadores agora esperavam-na.

O lado esquerdo do salão contava com cinco ou seis mesas de tampo de carvalho - o espaço para as refeições, jogos e artesanato. Do lado direito havia vários sofás confortáveis, alinhados em frente a uma televisão - o espaço para relaxar e assistir a filmes.

Enquanto D. D. observava o lugar, uma cabeça morena apareceu por trás de um dos sofás, rapidamente seguida por outras duas. Os olhares das crianças pousaram em D. D. e Alex, e, pouco tempo depois, os três meninos saíram de trás dos móveis.

- *Hola. ¿ Como está?* - perguntou o menor dos garotos, que veio correndo até eles e parou bem à sua frente, os dedos dos pés descalços tocando as pontas dos sapatos pretos de D. D., com uma expressão de interesse genuíno no rosto. Seus dois amigos se aproximaram e ficaram logo atrás dele. D. D. imaginou que o garoto deveria ter 7 ou 8 anos. As barras do seu jeans estavam dobradas até a altura das coxas. Enquanto estava ali, começou a dobrar e desdobrar a barra direita da calça.

- *Bueno* - arriscou D. D. - *¿ Y tu?*

- *Que bueno.* Você encontrou Lucy? *Donde está?*

D. D. não sabia quem era Lucy. Ela olhou para Alex; ele deu de ombros.

A porta que havia ao lado se abriu e Danielle Burton reapareceu. Os três garotos se viraram em direção a ela.

- *¿ Donde está Lucy? ¿ Donde, donde?*

- *Está bien, está bien* - respondeu a enfermeira, em tom conciliador. Ela passou

as mãos pelos cabelos negros do garoto. - Lucy está aqui. Tudo está bem.

- Certo - concordou o garoto.

- Este aqui é Jimmy - disse Danielle, apresentando o garoto a Alex e D. D. - E

os outros dois são seus comparsas, Benny e Jorge. Se vocês gostam de brincar com carrinhos de metal, estes são os garotos que conhecem as melhores brincadeiras.

Alex mordeu a isca. Agachou-se até ficar da mesma altura que Jimmy, e perguntou: - Qual é o seu carro favorito?

- O carro-monstro! - gritou Jimmy. Ele abriu os braços e saiu correndo pelo salão, parecendo-se mais um avião que um carro para D. D. Mesmo assim, Benny e Jorge gostaram da brincadeira e saíram correndo atrás de Jimmy, passando por entre as mesas do outro lado da sala.

- Nada de correr! - avisou Danielle.

Os garotos diminuíram a velocidade, passando a trotar pela sala. A enfermeira se deu por satisfeita com a reação. Ela gesticulou para que D. D. e Alex a seguissem por uma porta à esquerda, que levava em direção a um grupo de salas de aula.

Danielle encontrou uma sala vazia e disse-lhes que entrassem. D. D. e Alex começaram o levantamento de informações com a enfermeira-chefe, Karen Rober.

Porém, ela não lidava diretamente com os pacientes, recomendando que conversassem com Danielle, que, de forma bastante conveniente, entrou no saguão alguns momentos depois. A expressão no rosto de Danielle quando viu o distintivo de polícia de D. D. foi bastante interessante. Uma mistura de terror e raiva, imediatamente seguida por uma expressão tensa, como se ela se forçasse a permanecer calma.

Karen mandou que Danielle acompanhasse os investigadores. Se não fosse assim, D. D. não tinha certeza se a jovem enfermeira concordaria em andar pelos corredores com eles, ou mesmo a responder qualquer pergunta. Danielle, agora, afastou uma cadeira que estava perto da mesa de madeira, colocou suas pastas

sobre o tampo, sentou-se, folheou os papeis, em seguida levantou-se novamente.

- Vou buscar um copo d'água - disse ela. - Vocês querem alguma coisa?

D. D. e Alex balançaram a cabeça negativamente. A enfermeira saiu da sala e eles se sentaram à mesa.

- Primeiras impressões? - murmurou D. D.

- Tensa - disse Alex.

- Ela deveria mesmo estar tensa. Afinal, está sendo interrogada pela polícia.

- Mais tensa do que deveria - completou ele.

- Foi o que pensei também.

Danielle reapareceu, trazendo um copo coberto com uma tampa plástica e um canudo. Sentou-se do outro lado da mesa, em frente a Alex e D. D. Não tão perto quanto poderia estar, nem longe demais. A enfermeira era mais jovem do que D. D.

imaginou a princípio. Porte atlético, cabelos castanhos presos em um rabo de cavalo.

Apreensiva, dadas as circunstâncias.

- Têm certeza de que não querem nada? - perguntou a enfermeira, dedilhando o conteúdo do envelope pardo à sua frente.

- Estamos bem - respondeu D. D. - A tarde está movimentada?

- Já tivemos tardes piores.

- Quantas crianças estão internadas nesta unidade? - perguntou D. D., começando o interrogatório com cautela. Não queria se apressar com Danielle.

Estava curiosa para saber que tipo de coisa mexeria com sua sensibilidade; ou que tipo de coisas a deixariam tensa, como parecia ser o caso.

- Quinze. Mais crianças do que gostaríamos de ter, mas a situação não é aguda.

- Aguda?

Danielle teve que pensar a respeito. - Uma ala psiquiátrica é considerada aguda quando temos mais pacientes do que conseguimos lidar. Não se trata de um número específico de crianças, e sim a dinâmica dessas crianças. Oito delas podem dar trabalho demais se não se mesclarem bem umas às outras. Por outro lado, houve uma época em que tínhamos dezoito crianças aqui dentro. - Ela parou por um momento, relembrando a ocasião. - Não que eu queira passar por isso novamente.

- Há quanto tempo você trabalha aqui? - perguntou D. D.

- Oito anos.

- Parece bastante tempo, se considerarmos a área de atuação.

A enfermeira deu de ombros. - Somos uma unidade progressiva, o que faz desta unidade um lugar melhor para se trabalhar do que a maioria das alas psiquiátricas.

Alguns dos terapeutas estão aqui há mais de vinte anos.

- Quais terapeutas?

- Os conselheiros sociocomportamentais. Vocês viram o rapaz que estava no corredor? Aquele com uma bela voz de barítono?

- O homem que parece um professor de educação física - emendou D. D.

- Esse é Greg. Ele é um terapeuta sociocomportamental. Nós nos referimos ao interior da clínica como o ambiente. O trabalho de Greg é ajudar a sustentar esse ambiente, de forma segura, carinhosa e dinâmica. Eu também faço isso, mas sou enfermeira. Os conselheiros não precisam ser formados na área; apenas ter bastante energia e criatividade para trabalhar com as crianças.

- E o que faz deste lugar uma unidade progressiva?

- Não drogamos as crianças indiscriminadamente. A maioria das nossas crianças já tem que tomar vários remédios. Além disso, usamos alguns medicamentos que podem ser necessários para aliviar algum sintoma ou desconforto

que a criança sinta durante o dia. Mas nós os medicamos para que estejam em um estado funcional, em vez de um estado não funcional.

Os dedos de Danielle estavam agitados ao redor do canudo em seu copo.

Quando D. D. não seguiu aquele comentário com outra pergunta, deixando que o silêncio tomasse conta da sala, a enfermeira prosseguiu.

- Nós também nos recusamos a restringir as crianças fisicamente. Durante um surto, a maioria das unidades psiquiátricas recorre ao artifício de amarrar a criança ao leito. Dizem que é para o próprio bem da criança, mas mesmo assim é algo horrível de se fazer. Deixe-me dar um exemplo: certa vez, recebemos uma criança de 5 anos, com os ombros tão lesionados que seus braços se deslocavam com o menor esforço. Isso acontecia porque os pais tinham a brilhante ideia de amarrá-la na cama para que pudessem sair para beber. Quando a menina finalmente foi internada no pronto-socorro devido a uma desidratação severa, um estagiário mandou buscar amarras porque a garota estava fazendo um escândalo enorme. Consegue imaginar como ela deve ter se sentido? Ela finalmente consegue fugir dos pais, e mesmo assim continua sendo tratada como gado. Oitenta por cento das nossas crianças já sofreram um trauma muito forte. Não precisamos traumatizá-las ainda mais.

D. D. estava impressionada. - Quer dizer então que não aplicam sedativos e não as amarram. E quando as crianças começam a agir como em *O Senhor das Moscas*[19] , o que vocês fazem?

- RCP, Resolução Colaborativa de Problemas. A RCP foi desenvolvida pelo dr.

Ross Greene, especializado em crianças com comportamento explosivo. O principal argumento do dr. Greene é que uma criança fará a coisa certa, *se* tiver condições de fazer a coisa certa. Ou seja, se tivermos crianças que não se comportam bem, é porque elas não sabem como fazê-lo; talvez tenham problemas relacionados com tolerância à frustração, ou um modo de pensar rígido demais, ou

. deficiências cognitivas. Nosso objetivo, então, é ensinar à criança as habilidades que ela não tem através da RCP.

D. D. considerou aquela ideia por um momento. Chegou até mesmo a tentar praticar aqueles ideais algumas vezes. Não se convencia da eficácia do método.

Deu uma olhada em Alex, que parecia igualmente cético.

Desta vez, foi ele que perguntou. - Quer dizer, então, que se uma criança surta, vocês... conversam com ela até que volte ao normal? Algo do tipo, "Querida, pare de jogar as cadeiras pela janela" ou "Nada disso, George. Tire as mãos do pescoço da sua irmãzinha Jane, ela é apenas um bebê".

Danielle finalmente abriu um sorriso. - É interessante perceber que a maioria dos pais das crianças desta unidade também não se convence da eficácia dos nossos métodos, assim como vocês. Querem um exemplo?

- Sou todo ouvidos - respondeu ele.

- Considere uma menina de 10 anos. Foi internada aqui, e nós demos uma olhada em seu histórico. Tinha surtos explosivos de fúria e gostava de atear fogo nas coisas. Pouco menos de duas horas depois de chegar, ela caminhou em direção a Greg - o professor de educação física - e lhe deu um soco. Não disse qualquer palavra. Bateu primeiro e pensou depois.

- E o que foi que Greg fez? - perguntou D. D.

- Nada. Greg pesa mais de cem quilos, a menina provavelmente não tinha muito mais do que trinta. O soco o pegou de raspão no abdômen. Depois, ela tentou lhe dar um chute na virilha. Aquilo serviu para deixá-lo atento.

Os olhos de Alex se arregalaram. - Mas não a medicaram depois disso? Nem a amarraram?

- Dois homens, também conselheiros, interviram, tentando fazer que a menina voltasse para o quarto. Ela atacou de novo, gritando a plenos pulmões. Algumas outras crianças começaram a sair do controle. Então, nossa enfermeira-chefe mandou que os dois conselheiros saíssem da unidade. Assim que saíram do campo de visão da menina, ela se acalmou e voltou calmamente para o quarto, sem que ninguém precisasse mandar.

- Foram os homens que causaram o surto - completou D. D. - A garota tinha problemas com homens.

- Exato. Homens grandes com cabelos escuros, que podiam ou não ter uma certa semelhança com o padrasto da menina. Esse foi o gatilho do surto. Observar

aquela situação nos deu informações para que pudéssemos trabalhar com ela. Não conseguiríamos observar aquilo se houvéssemos restringido a garota com amarras ou se ela estivesse medicada.

- Tudo bem - concordou Alex. - Nada de sedativos ou de amarras. Mas onde está o diálogo?

- Quando a garota se acalmou, discuti o incidente com ela. Conversamos sobre o que ela fez. Falei a ela que existiam outras opções para lidar com meninos, atitudes que não envolviam agredir ou tentar matá-los. Era um processo longo, obviamente, mas é para isso que estamos aqui: ajudar as crianças a entender o que

está acontecendo em suas cabeças, e o que elas podem fazer para controlar as emoções confusas que sentem. As crianças querem fazer o bem. Querem sentir que têm o controle sobre si mesmas. E estão dispostas a se esforçar, se você estiver disposto a orientá-las.

- A menina melhorou? - perguntou Alex.

- Perto do fim do período de internação, ela e Greg eram ótimos amigos.

Ninguém nunca imaginaria algo assim.

- E Ozzie Harrington? - perguntou D. D. - Ele foi outra história de sucesso? Um leão enfurecido num dia, e um carneirinho gentil no dia seguinte?

Danielle franziu a testa, assumindo uma expressão séria. Recostou-se na cadeira, deslizando o polegar pela aba do envelope pardo que tinha consigo. Quando seu olhar cruzou com o de D. D., seus olhos azuis mostravam cautela, mas também uma forte determinação. "Uma mulher que já passou por muitas coisas. Cada vez mais intrigante", pensou D. D.

- Me diga o que aconteceu - disse a enfermeira, evitando a pergunta de D. D.

- Assistiu ao noticiário? - perguntou D. D.

- Não. Estive ocupada, trabalhando na unidade.

- Por que você presume que algo ruim aconteceu? - pressionou D. D.

- Ozzie está morto - afirmou Danielle.

- Novamente, por que essa história não tem um final feliz?

- Porque Karen me mandou conversar com vocês, e, se Ozzie ainda estivesse vivo, responder às suas perguntas seria uma violação dos direitos dele.

D. D. considerou a questão. - Bem, ele está morto.

- Foi o único? Ou ele machucou outras pessoas?

- Por que não nos diz o que pensa?

- Ah, dane-se - disse Danielle, abrindo o envelope e começando o relato.

- Oswald foi admitido no ano passado, durante a primavera. Passou seis meses com sua família adotiva antes de sofrer um "colapso psicótico". Uma noite, os pais saíram, deixando-o junto com seus dois irmãos sob a supervisão de uma babá. Na metade do jantar, os telefones do pai e da mãe começam a tocar ao mesmo tempo. A babá e os dois irmãos estavam trancados no banheiro. Ozzie estava do outro lado da

porta, armado com um martelo e gritando ameaças, dizendo que iria matá-los. Os pais mandaram a babá ligar para o 911, e depois voltaram para casa. Chegaram ao mesmo tempo em que dois policiais seguravam Ozzie contra o chão. Os paramédicos sedaram o garoto e o levaram para o pronto-socorro, que o transferiu para nós. Ao ser internado aqui, ele estava num estado quase catatônico. É comum vermos isso em uma criança que acabou de passar por um forte evento traumático.

Nós o medicamos com Ativan durante as primeiras quarenta e oito horas, enquanto buscávamos as informações do seu histórico médico. O arquivo de Ozzie revelava diagnósticos múltiplos, incluindo déficit de atenção e hiperatividade severos, distúrbios de vinculação, transtorno não verbal de aprendizagem, transtornos de humor não especificados, e outros problemas não específicos no desenvolvimento. O

psiquiatra expressou preocupações, já que, com a morte da mãe de Ozzie, não se sabia quase nada sobre seus primeiros três anos de vida.

- E o que isso significa?

- As habilidades sociais e de fala de Ozzie sofreram atrasos no desenvolvimento. Aos 8 anos, ele demonstrava algumas características de autismo.

Não olhava as pessoas nos olhos, ficava sentado sozinho, balançando-se durante horas e horas, enquanto murmurava sons que apenas ele compreendia.

- Como em *Rain Man*[20] ? - perguntou D. D., fazendo uma anotação.

- Seria um exemplo de uma pessoa com um tipo de autismo - respondeu a enfermeira, secamente. - Entretanto, considere que o autismo é um espectro amplo, com várias possibilidades e dificuldades. Não é bom confiar em Hollywood quando precisa de informações médicas. No caso de Ozzie, nós determinamos que suas características não tinham a ver com o autismo, mas eram mais consistentes com técnicas de automitigação adquiridas por crianças que são vítimas de negligência severa. Ozzie era uma criança selvagem.

- Então não era como Rain Man, mas sim como Tarzan[21] .

Danielle lançou um olhar duro em sua direção.

- Com uma criança selvagem - ela continuou, como se não tivesse sido interrompida - não há um cuidador presente para atender às necessidades dela, o que rompe o ciclo normal de desenvolvimento. A criança chora. Nada acontece. A criança para de chorar. E também para de conversar, de tentar se vincular a outras pessoas e de ter qualquer sensação de que pertence a um mundo maior.

Mentalmente, a criança se atrofia e isso causa retardos na fala e na socialização, como aconteceu com Ozzie.

D. D. franziu a testa. - Achei que a mãe de Ozzie havia morrido quando ele tinha 3 anos. Ele ficou sozinho em casa com o corpo. Mas não creio que ficar abandonado por algumas semanas cause todos esses problemas que você descreveu.

- De acordo com os profissionais que o encontraram, a mãe de Ozzie morreu de oito a dez semanas antes de ser descoberta. Durante esse tempo, parece que Ozzie sobreviveu comendo cereais sem leite, macarrão cru e quaisquer outras coisas que conseguia encontrar nos armários da cozinha. Ele também era um

bom escalador, o que o ajudou a subir na pia para beber água etc. O fato é que os assistentes sociais verificaram que ele tinha habilidades particularmente bem desenvolvidas para uma criança de 3 anos; o que significava que sua mãe, provavelmente, estivera doente por algum tempo antes de morrer. É possível que Ozzie estivesse cuidando de si mesmo há um bom tempo, o que explicaria suas características selvagens.

- Então, Ozzie teve um começo complicado - resumiu D. D. - Mas, após algum tempo, as autoridades competentes se envolveram, e...

- E ele passou por sete ou oito famílias adotivas, até chegar aos Harringtons.

- E por que chegou aos Harringtons?

- É preciso perguntar às autoridades estaduais - disse Danielle, antes de se lembrar de um detalhe. - Mesmo assim, os pais, Denise e Patrick, sempre pareceram muito comprometidos com o garoto. Algumas famílias adotivas pedem por crianças com necessidades especiais. Eles têm um histórico de necessidades especiais.

Cresceram com um irmão que tinha essas necessidades ou têm treinamento em terapia ocupacional. Alguns acreditam que podem fazer a diferença e estão dispostos a tentar.

- E qual foi o motivo que levou Denise e Patrick a receberem a guarda de Ozzie?

- Imagino que eles não soubessem no que estavam se metendo - respondeu a enfermeira, abruptamente. - Mas pareciam comprometidos em ajudar Ozzie. Parecia ser um casal bastante religioso, executando a vontade de Deus aqui na Terra.

D. D. fez outra anotação. Aquilo soava ser consistente com outros aspectos que levantaram sobre o casal.

- Então, Ozzie teve um surto psicótico. O que isso significa?

- Tirou as roupas, depois andou pela casa com um martelo, destruindo a mobília enquanto gritava ameaças de morte.

- Tinha um temperamento violento?

- Bem, se conseguisse pegar alguém, provavelmente teria machucado bastante essa pessoa - disse Danielle, com a voz séria. - Uma criança num estado de fúria tão forte está tendo uma experiência extracorporal. É impossível alcançá-la com palavras, amor ou lógica. É como se desaparecessem, como se entrassem em órbita.

Após o surto, não se lembram de quase nada do que disseram ou fizeram, mesmo que tenham esmagado a cabeça do cão de estimação ou destruído o ursinho de pelúcia favorito. O melhor a fazer é se esconder. E, nos dias seguintes ao surto, toda a família precisa de aconselhamento sobre estresse pós-traumático, especialmente os irmãos.

D. D. anotou aquelas informações. "Terapeuta da família Harrington?" Talvez algumas coisas se revelem na terapia.

- Depois que Ozzie foi internado aqui, o que aconteceu?

Danielle deu de ombros. - Nós começamos o tratamento com aripiprazole, um medicamento frequentemente usado para tratar esquizofrenia ou distúrbio bipolar.

Funcionou bem durante oito semanas, até que Ozzie começou a sofrer de acatisia.

Por causa disso, tivemos de interromper a medicação.

- Acatisia?

- Ozzie se queixava da sensação de que havia pessoas pequenas por baixo da sua pele, esmagando seus ossos. Isso é acatisia. Ele também começou a sofrer com pensamentos persistentes.

- Pensamentos persistentes?

- É como o transtorno obsessivo-compulsivo, mas com pensamentos. Uma ideia surgiria em sua mente, como, por exemplo, "quero um carro vermelho"; e, depois, não conseguia se livrar dela. Passaria as próximas seis ou sete horas repetindo a mesma coisa, sem parar. "Quero um carro vermelho, quero um carro vermelho, quero um carro vermelho". Basta substituir "carro vermelho" por qualquer outra palavra ou expressão, como "matar alguém", por exemplo, e você

pode ter uma noção do perigo que existe nos pensamentos persistentes.

Os olhos de D. D. se arregalaram. - Ele estava passando por tudo isso, aos 7 ou 8 anos de idade?

- Sim, estava passando por tudo isso, aos 8 anos. E, cada vez mais, estamos percebendo que há crianças como ele por toda a parte. Os pais pensam que a pior coisa que pode acontecer ao filho de 5 anos é o câncer. Eles estão errados: a pior

coisa que pode acontecer a uma criança dessa idade é uma doença mental. Os médicos têm ferramentas para lidar com o câncer. Já as doenças mentais em crianças... há poucos medicamentos que podem ser usados com segurança. Em pouco tempo as crianças se tornam resistentes ao princípio ativo, e nós ficamos sem opções. Eles precisam de um regime de medicamentos antipsicóticos pelo resto da vida, mas não temos qualquer opção para tratá-los. Em uma semana estão estabilizados. Na semana seguinte, voltam a mergulhar no abismo.

- Foi isso que aconteceu com Ozzie?

Danielle pegou o prontuário e leu as informações rapidamente. - Interrompemos a administração do aripiprazole. Depois de algum tempo, ele dizia que fantasmas apareciam nas janelas do seu quarto, dizendo-lhe para matar pessoas. Assim, nós voltamos a aplicar uma dosagem mais baixa do aripiprazole, tentando minimizar os efeitos colaterais enquanto tentávamos regular a química do seu cérebro. Depois de pouco tempo, percebemos uma mudança positiva em seu comportamento.

- Depois de pouco tempo - repetiu D. D. - E no longo prazo?

- Não sabemos.

- Não sabem?

A enfermeira balançou a cabeça. - Os pais de Ozzie o tiraram do hospital, contra as nossas recomendações. Haviam se mudado, compraram um novo lugar para morar. Denise disse que era hora de levá-lo para casa.

Alex levantou a mão. - Ei, ei, ei, vamos com calma. Ozzie diz que está vendo fantasmas que lhe mandam matar pessoas, e os pais simplesmente o tiram daqui?

- Não é tão incomum.

D. D. se inclinou para frente. - Me diga uma coisa, Danielle. Esqueça o prontuário por um momento. Só você e eu, tentando entender o que aconteceu com o garoto. O que a fez pensar que Ozzie havia machucado alguém? Por que você tinha tanta certeza de que essa história não teria um final feliz? Por que ele saiu do hospital?

Danielle não respondeu imediatamente. Sua mandíbula se movimentava. Então, assim que D. D. começava a perder a esperança...

- Denise encontrou um curandeiro espiritual - disse a enfermeira, rapidamente. -

Um xamã que prometeu curar Ozzie. Nada de química, nada de medicamentos tarja preta. Ele iria curar Ozzie, simplesmente trazendo-o para a luz.

- Como é que é?

- É isso mesmo. Estamos falando de um garoto que sofre de psicoses fortes. E

ela pretendia curá-lo, levando-o a um "especialista em energias positivas e negativas"? Tentamos convencê-la a reconsiderar, mas já estava com a ideia fixa.

Não havíamos conseguido ajudar seu filho, então ela achou outra pessoa para fazê-

lo.

- Acho que não funcionou - disse Alex.

- Por quê? O que aconteceu?

- Não sabemos ainda. Mas a família está morta.

- A família? A família *inteira*? - o rosto de Danielle empalideceu. A enfermeira piscou e pareceu estar sobressaltada, e, em seguida, a ponto de sofrer um ataque de pânico. No instante seguinte, piscou mais uma vez e suas feições voltaram a relaxar.

- As notícias. Eu ouvi alguma coisa a respeito da família de Dorchester no rádio.

Foi Ozzie que fez isso?

- Alguém fez. Ainda não determinamos quem foi - corrigiu-a D. D.

- Achei que o pai tivesse cometido o crime. Foi o que o repórter insinuou.

Danielle olhou para o tampo da mesa, balançando a cabeça. - Diabos. Nós dissemos a eles. Avisamos Denise... vocês têm que... Andrew Lightfoot. É ele a pessoa com quem vocês precisam conversar. Querem saber o que aconteceu com Ozzie Harrington? Perguntem a Andrew Lightfoot. Aquele desgraçado arrogante.

19Livro escrito por William Golding e publicado pela primeira vez em 1954. É uma narrativa sobre um grupo de meninos com menos de 13 anos de idade que ficam presos em uma ilha deserta após a queda do avião em que estavam viajando. O livro retrata a decadência das crianças para um estado de selvageria e crueldade, incluindo até mesmo atos como alucinações, roubos, brigas, tortura e assassinatos. O

livro foi adaptado duas vezes para o cinema, e, a partir da década de 1960, foi considerado leitura obrigatória para os estudantes dos Estados Unidos

20Filme lançado em 1988, estrelando Dustin Hoffman e Tom Cruise. O personagem de Hoffman sofre de um tipo de autismo no filme, que foi premiado com quatro Oscar - melhor filme, melhor roteiro original, melhor diretor e melhor ator (Hoffman).

(N. T.)

21 Personagem criado por Edgar Rice Burroughs, que, quando ainda era um bebê, foi criado por um grupo de macacos quando seus pais morreram. É uma das crianças

selvagens mais conhecidas da literatura mundial. (N. T.)

Capítulo12

Às 22h37, Patrick Harrington morreu. A notícia deixou D. D. irritada, pois a única pessoa que sobrevivera ao massacre já não podia mais depor.

Ela estava em sua escrivaninha, na delegacia. Não estava retornando a ligação de Chip, nem apreciando as delícias de um jantar com Alex. Era noite de sexta-feira, ela estava fazendo o que inevitavelmente fazia com suas noites: analisando uma pilha de relatórios, tentando encontrar sentido no que havia acontecido naquela noite em Dorchester, e como aquelas cinco pessoas morreram.

Apesar das evidências físicas, D. D. suspeitava que o garoto estava envolvido.

Não sabia realmente por quê. O histórico de problemas, os episódios psicóticos, o gosto por torturar e matar esquilos e depois lamber o sangue que lhe manchava as mãos. Se pudesse escolher seu perpetrador, seria Ozzie Harrington. Ela chegou até mesmo a ter um momento de iluminação ao analisar a última palavra de Patrick Harrington. E se aquela palavra não fosse "hussy", como presumiu a enfermeira do pronto-socorro? E se ele estivesse tentando dizer "Ozzie"?

Não seria uma acusação contra a esposa, mas um último esforço para delatar o verdadeiro culpado.

Parecia-lhe bom o bastante, até reavaliar as características da cena do crime.

Fato: quem desferiu os golpes fatais tinha provavelmente mais de 1,67m de altura.

Fato: Ozzie dificilmente conseguiria cortar sua própria garganta no quarto da irmã e depois ir até a varanda dos fundos. Fato: De acordo com a enfermeira psiquiátrica Danielle Burton, o primeiro surto psicótico de Ozzie envolveu destruição generalizada. A cena do crime na casa dos Harringtons, por outro lado, tinha uma natureza metódica. Não era apenas um garoto perdendo a cabeça. Tudo indicava que havia alguém caçando os membros de uma família inteira, um a um.

Essas características a levavam de volta a Patrick Harrington. Ele era um homem bondoso. Tentando levar a família para um bairro melhor. Tentando salvar um garoto problemático. Tentando ser feliz em seu segundo casamento, com uma família mista. Há algumas semanas, ele perdeu o emprego. Depois, as reformas que fazia em casa atrasaram. O filho adotivo começou a matar roedores pelo bairro.

Talvez a pressão estivesse aumentando cada vez mais, e o abismo entre a vida real e a vida que Patrick imaginou que teria estivesse ficando cada vez maior.

Não pode salvar o mundo? Tudo bem, basta sair dele - e levar filhos e esposa inocentes consigo.

D. D. poderia aceitar esse raciocínio. O tribunal e o júri poderiam aceitá-lo.

Exceto pelo fato de que Phil e Alex esquadrinharam os dois andares superiores da casa dos Harringtons, e, até onde puderam avaliar, Patrick completaria as reformas dentro de poucos dias. Após essa revelação, eles procuraram nos classificados do *Boston Globe*, e, inevitavelmente, Patrick colocara um anúncio dizendo que procurava inquilinos, que começou a ser publicado naquela manhã. Então, o homem finalmente consegue fazer os preparativos para alugar os andares superiores da casa, e diz a si mesmo: "Dane-se. Não vou esperar nem mesmo um fim de semana para que um inquilino apareça. Vou matar a todos esta noite mesmo".

Crime impulsivo, como Alex dizia a ela. Crime impulsivo.

D. D. não tinha certeza. Acabara de analisar os depoimentos de oito pessoas diferentes, e todas diziam que Patrick era um homem íntegro e de bom caráter. Como um bom pai podia se transformar em um exterminador de famílias em pouco menos de cinco minutos?

Diabos. Ela queria uma pizza de pepperoni.

Na verdade, queria fazer sexo. Sobre sua própria escrivaninha, seria ótimo.

Simplesmente tirar os papéis da frente e jogar as pastas no chão. Tirar o jeans, rasgar a camisa azul de Alex e se entregar a ele. Ele lhe parecia o tipo de homem que sabia como ser paciente e intenso ao mesmo tempo. Gostava de homens pacientes e intensos. Gostava de sentir os dedos fortes de um homem apertando seu traseiro.

Gostava da sensação de ter um corpo masculino e musculoso pesando sobre o seu.

Gostaria de ter um momento em que não fosse a sargento D. D. Warren, a superpolicial. Simplesmente, gostaria de ser vista como uma mulher.

Seria isso o que o relógio biológico de uma mulher faz com ela? Fritava as células do cérebro, destruía sua ética profissional, e a estimulava a fazer coisas imprudentes?

Ela não queria se casar. Não queria ter filhos. Não iria fazer sexo em seu próprio escritório. Assim, iria simplesmente ler os malditos relatórios sobre o caso, porque sua vida era assim. Era isso que lhe restava. Cinco mortos em Dorchester, e nenhum sobrevivente para contar a história.

Conseguiu aguentar por mais dez minutos, depois disse "dane-se" e foi para casa. Hora de tomar uma ducha fria, requentar a comida chinesa que havia na geladeira e de se deitar para uma boa noite de sono.

D. D. estava entrando na rodovia interestadual I-93 quando o telefone tocou.

Ela o pegou impacientemente e atendeu com uma saudação ríspida.

Era Phil; ele não parecia tranquilo. - Temos outro caso.

- Outro caso? Que caso?

- Mais uma família morta. O pai morreu com uma bala entre os olhos. Venha para cá, D. D. E traga seu pote de Vick Vaporub.

D. D. não gostava de usar descongestionantes antigripais ou bolas de algodão perfumadas quando trabalhava na cena de algum crime. Alguns investigadores esfregavam suco de limão nas mãos, e depois cobriam o nariz com as palmas.

Outros enchiam a boca de chiclete de hortelã. Juravam que o fato de saturar as papilas gustativas com aquele sabor ajudava a diminuir a sensibilidade do olfato.

D. D. trabalhava à moda antiga. Acreditava que, para trabalhar efetivamente com a cena do crime, era necessário ter todos os sentidos em alerta, incluindo a capacidade de cheirar.

Mas se arrependeu de seus métodos assim que entrou pela porta da casa.

- Mas que diabos é isso? - esbravejou ela, cobrindo o nariz e a boca imediatamente com uma das mãos, enquanto espantava uma mosca com a outra.

Alex Wilson estava na sala de televisão da casa. O lugar estava apinhado. De maneira quase heroica, ele ofereceu seu lenço a D. D. Os olhos dela estavam lacrimejando, mas ela recusou o lenço.

- Meu Deus - sussurrou ela. Continuou parada sob o batente da porta, procurando se orientar enquanto tentava não vomitar.

O lugar estava imundo. A seus pés, o chão encontrava-se coberto de lixo. Ela viu embalagens engorduradas de hambúrgueres, pacotes vazios de batatas fritas do McDonald's, lenços de papel usados e amassados, e até mesmo - que Deus tenha piedade - uma fralda suja. Em seguida, a fralda se moveu, e a maior barata do mundo saiu e atravessou o carpete empoeirado antes de desaparecer debaixo de uma caixa de pizza com fatias esverdeadas de pepperoni.

- Maldição - disse D. D., voltando à parte externa da casa, passando pelos degraus que levavam à porta e indo em direção aos limites da propriedade, onde ela se forçou a não vomitar na frente dos outros investigadores, ou, que Deus tenha piedade, na frente dos jornalistas. Seus olhos lacrimejavam bastante. Precisou respirar fundo várias vezes, inalando o ar úmido do mês de agosto, para acalmar seu estômago.

Após se recompor, virou-se para a casa novamente, tomando coragem para entrar ali uma segunda vez, quando percebeu Bobby Dodge passando por baixo da fita amarela de isolamento da área. Dividida entre dançar um número de

sapateado com uma barata ou conversar com um investigador da polícia estadual de Massachusetts, ela não titubeou e escolheu a segunda opção. Que, por coincidência, também era o homem com quem estivera envolvida durante algum tempo. E que, agora, era um homem casado e feliz.

- Esta cena do crime é minha - disse D. D., no lugar de cumprimentá-lo.

- Lamento - respondeu Bobby, tranquilamente. Eles se conheciam há bastante tempo, de modo que Bobby não se sentia insultado. D. D. achava isso irritante. A chuva que caíra há três horas finalmente baixou a temperatura para perto dos vinte e cinco graus. O tempo ainda estava abafado, e Bobby trazia seu paletó sobre o braço direito, revelando uma camiseta azul-marinho de mangas curtas, bordada com a insígnia dourada da polícia estadual.

- Por que você está aqui? - exigiu D. D.

- Eu estava por perto - disse ele, com um sorriso. Sabia que as mulheres o achavam bonito quando sorria.

- Você não tem uma filha pequena para cuidar, ou algo do tipo?

- Carina Lillian - disse, buscando pela fotografia da criança em seu bolso. -

Quatro quilos e trezentos gramas. Não é linda?

Ele se aproximou de um dos holofotes do jardim, segurando a fotografia sob o facho de luz. D. D. percebeu as bochechas avermelhadas, os olhos estreitos e o formato pontudo da cabeça.

- Ela se parece com você - declarou D. D.

- Parto natural pela vagina - disse Bobby, orgulhoso.

E, graças àquelas palavras, pensou D. D., ela nunca mais faria sexo na vida. - E

Annabelle? - perguntou ela, referindo-se à esposa.

- Está ótima. Amamentando tanto que vai poder até doar o leite que sobra, e cuidando para que Carina consiga dormir nos horários certos. A família inteira está bem. E você?

- Não estou amamentando.

- Uma pena - disse Bobby.

- Por que você veio até a minha cena do crime?

- Estamos interessados no caso.

- Mas esta é a minha jurisdição.

- É por esse motivo que imaginei que poderíamos examinar o lugar juntos.

- Poupe-me disso. Você esperava que eu não estivesse aqui para que pudesse examinar o lugar tranquilamente, não é?

- Passei do plano A para o plano B - concordou Bobby.

- Qual é o seu interesse nessa cena?

- Maconha - disse ele.

- Tráfico?

- Tráfico e importação, de acordo com as nossas investigações.

O rosto de D. D. se fechou em uma expressão séria, fitando-o. - Você acha que foi um acerto de contas entre quadrilhas?

Ele deu de ombros. - Eu esperava poder dar uma olhada na cena do crime para ver se ela se parece com um acerto de contas entre quadrilhas.

- Pegaram a família inteira.

- Foi o que me informaram.

- Há muitos corpos para uma guerra pelo controle de distribuição de maconha -

disse D. D. - Poderia se encaixar se estivessem envolvidos com metanfetaminas ou heroína. Mas a turma da maconha...

- ... não costuma fumar até a cabeça arrebentar, eu sei.

Era uma piada interna. Policiais. Até mesmo eles precisavam rir de vez em quando.

- Tudo bem - declarou D. D., se rendendo. - Pode entrar na festa conosco. Mas ainda penso que essa cena de crime é minha.

- Novamente, lamento que tenha que ser assim.

D. D. conseguiu ir até a sala de televisão dessa vez. Alex não estava mais lá, mas deixou várias plaquetas amarelas indicando as evidências no local. D. D. estava com a mão sobre o nariz e respirava cautelosamente pela boca. Começou a sentir

ânsia de vômito, e, em resposta, beliscou seu antebraço com toda força. A dor acabou superando o mau cheiro. Pura sorte.

Ao seu lado, Bobby estava em silêncio. Ele costumava ser atirador de elite da polícia, e sua capacidade de entrar num estado introspectivo, de conseguir se concentrar totalmente no que fazia e depois voltar a agir normalmente, sempre atraíram o interesse de D. D. Agora, ela conseguia sentir a tensão crescente dentro de Bobby. Ele estava chocado com o que via, mas, como qualquer bom policial, estava concentrando sua fúria.

No meio do cômodo infestado de baratas havia um sofá forrado com um tecido xadrez, em tons de marrom e amarelo. E, no meio do sofá xadrez, havia um homem branco morto, estirado, vestido como um rastafári, completo com uma imensa touca tricotada nas cores do arco-íris. D. D. estimou sua idade ao redor dos 30 anos, aproximadamente. Na cabeça, o cabelo tinha tranças muito longas no estilo *dreadlock* jamaicano. Os olhos castanhos estavam fixos e embaçados, e havia um pequeno buraco de bala bem no centro da sua testa. O braço direito estava caído, balançando em direção ao chão. Logo abaixo dos dedos entreabertos, sobre um saco de papel que estava cheio com alguma coisa que só Deus poderia identificar, havia um revólver de cano curto. Para D. D., parecia uma arma de calibre 22.

- Não há muito sangue - comentou Bobby.

- Provavelmente foi absorvido pelo estofamento do sofá - murmurou D. D.

Ela percebeu que um lenço de papel amarrotado a cerca de três metros começava a se mover. Começou a imaginar quantas regras básicas da investigação e

preservação de cenas do crime quebraria se puxasse sua Glock para caçar o que quer que estivesse sobre o lenço de papel.

Uma barata saiu de baixo do lenço, parou por um segundo - D. D. jurava por Deus que a barata a estava observando - e depois voltou à sua vida de barata, desaparecendo por baixo de outra pilha de lixo.

- Vou tomar banho com água sanitária quando voltar para casa - resmungou D.

D. por entre os dentes.

- Tente com óleo de eucalipto - respondeu Bobby. - Despeje direto na água da banheira. Sempre funciona e deixa a pele bem suave - completou.

D. D. balançou a cabeça negativamente. Deu as costas para o cadáver com cabelo rastafári e, sentindo o desânimo começando a se abater sobre si na cena do crime, prosseguiu pela casa.

A mulher foi morta na cozinha, logo ao lado da sala de televisão. A faca, com uma empunhadura negra e recurvada que combinava com as outras que estavam no faqueiro sobre o balcão, ainda estava enfiada em suas costas. Não foi uma morte rápida. O chão imundo também estava marcado por manchas de sangue borradas, indicando que a mulher tentara usar os cotovelos para se arrastar pelo piso.

Conseguiu progredir cerca de dez centímetros antes de sucumbir aos ferimentos.

O cheiro da cozinha era pior que o da sala de televisão. D. D. viu que havia restos apodrecidos de comida na pia, leite azedo sobre a mesa e manchas de bolor em um dos cantos, cobrindo a parede. Já ouvira falar de algo assim, mas não imaginava como alguém poderia viver em meio a tanta sujeira.

Do outro lado da cozinha havia um banheiro. O box do chuveiro transbordava com lixo, incluindo galões plásticos cheios de líquido amarelo. O vaso sanitário estava entupido e a descarga parecia não funcionar. Aquilo fez que D. D. voltasse a olhar os galões plásticos, desejando não saber o que já havia percebido.

Ao sair da cozinha, eles seguiram em direção ao corredor. Um garoto de 16 ou 17 anos estava deitado com as pernas abertas em frente à porta do primeiro

quarto.

Aparentemente, foi alvejado duas vezes. A primeira na coxa, e a segunda foi o tiro de misericórdia - um buraco arredondado, dois dedos acima do olho esquerdo.

Dentro do quarto, Alex estava curvado sobre o corpo de uma garota adolescente. Ela vestia um shorte e uma camiseta regata. Aparentemente, estava dormindo naquela cama. Jogou as cobertas no chão provavelmente depois de ouvir um barulho no corredor. Havia levantado o tronco e estava sentada sobre o colchão quando a bala lhe acertou sobre o olho direito. Desabou sobre a lateral da cama, com uma das mãos ainda fechada sobre o lençol cor-de-rosa manchado.

D. D. percebeu que este quarto era mais limpo que o resto da casa. Muito pequeno e estreito, mas era mais organizado. A garota pintara as paredes de cor-derosa com detalhes em verde e azul. Era o seu santuário, pensou D. D., ao ver uma pilha de romances literários no canto do quarto.

- A terceira criança está logo atrás de mim - disse Alex.

- Terceira criança?

- No chão.

D. D. e Bobby andaram cuidadosamente até o outro lado da cama. De fato, no espaço de menos de um metro entre a cama e a parede da casa, havia uma pequena almofada, e, sobre a almofada, uma criança bem mais jovem, com 3 ou 4 anos de idade. Tinha um cobertor esfarrapado preso em seus dedos e um dos polegares ainda

estava enfiado por entre os lábios. Poderia estar dormindo, se não fosse pelo sangue que lhe cobria a têmpora direita.

- Nem chegou a acordar - disse Alex, com a voz estrangulada, tensa.

- É o que parece. Espere, isso é uma cama para cachorros? Ela está dormindo em uma cama de cachorro?

- Pois é - disse Bobby, com a voz neutra.

- E que diabos aconteceu com os braços e as pernas dela? - D. D. havia conseguido se aproximar, percebendo uma grande quantidade de cortes avermelhados e cicatrizes esbranquiçadas que cobriam os membros da garota. D. D.

contou pelo menos uma dúzia de marcas em uma das pernas sujas. Parecia que alguém havia cortado a criança com uma lâmina de barbear, e não somente uma vez.

- Por favor, me diga que alguém ligou para o serviço de proteção às crianças -

murmurou ela. Em seguida, percebeu que aquilo não importava. Pelo menos, não faria mais qualquer diferença.

Ela e Bobby saíram do quarto, passaram pelo corpo do outro adolescente e foram em direção ao último quarto. Não era muito maior que o primeiro. Uma cama de casal estava encostada contra a parede. Um velho berço de madeira estava ao lado da cama.

Bobby parou de andar.

- Deixe comigo - disse D. D. - Deixe comigo.

Ela o deixou sob o batente da porta e foi em direção ao berço, olhando para dentro dele. Forçou-se a estudar o objeto com cuidado, passando dois ou três minutos ali. Considerava que aquilo era como uma homenagem aos mortos. Não apresse seus últimos momentos. Estude-os. Lembre-se deles. Honre-os.

E depois, prenda o desgraçado que os matou.

D. D. voltou para a porta. Falou com a voz baixa, mais tranquila do que imaginou ser possível. - Um bebê. Está morto. Não foi baleado. Acho que o sufocaram. Há um travesseiro em cima da barriga.

- Menino ou menina? - perguntou Bobby.

- Qual a importância disso?

- É menino ou menina? - disse ele, grunhindo as palavras.

- Menina. Vamos lá, Bobby. Vamos sair deste lugar.

Ele a seguiu, porque, em uma residência pequena como aquela, não havia muito mais a fazer. Cada passo que davam pela casa aumentava a chance de que pisariam em alguma evidência física, ou, pior ainda, em algum dos corpos. O melhor a fazer era sair dali e encarar o ar úmido da noite de verão.

Os dois saíram da casa e ficaram nas proximidades da porta, inspirando o ar úmido e denso da noite em fortes golfadas. O barulho crescia do outro lado do cordão de isolamento. Vizinhos, repórteres e curiosos. Nada como uma cena de crime em uma noite de agosto para agitar um pouco as ruas.

D. D. sentia-se enojada. Furiosa. Completamente desanimada.

Às vezes, seu trabalho era difícil demais.

- O homem foi o primeiro a morrer, seguido pela mulher e as crianças? -

perguntou Bobby.

Ela balançou a cabeça. - Ainda não me arrisco a dizer nada. Vou esperar até que o pessoal da criminalística desvende a sequência. Reconheceu Alex Wilson lá dentro?

Bobby acenou negativamente com a cabeça.

- Ele dá aulas sobre investigação e administração de cenas de crime na academia, e vai acompanhar nossa unidade durante este mês. É um cara bem inteligente. Pela manhã ele vai ter alguma coisa a relatar.

- Ele é solteiro? - perguntou Bobby.

- Não comece.

- Foi você que começou.

Ela o encarou, séria. - Como assim?

- Disse que ele era inteligente. E você nunca achou nenhum homem inteligente.

- Bem, costumava achar que você era inteligente. Obviamente, meu julgamento

nem sempre é perfeito.

- Eu sinto saudades de você, também - retrucou ele.

Os dois ficaram em silêncio, contemplando a cena.

- O que você acha? O homem que estava no sofá matou a todos? - perguntou

Bobby.

- Não encontramos drogas.

- Não dentro da casa - concordou Bobby. - Que tal dar uma olhada no quintal?

Os dois deram a volta na casa e encontraram uma pequena estrutura de madeira, que lembrava um pouco uma latrina. Dentro dela, fardos enormes de maconha estavam empilhados do chão até o teto.

- Aí está a prova de que o rastafári era um traficante - murmurou Bobby.

- E a teoria do acerto de contas entre quadrilhas sai de cena - corrigiu D. D.

- Por que diz isso?

- Quando foi a última vez que você viu um traficante matar outro e deixar todo o estoque do rival para trás? Se fosse por causa das drogas, esses fardos de maconha teriam sido levados embora.

- Talvez o rival não os tenha encontrado.

Ela lançou um olhar duro para Bobby, e depois levantou seu relógio de pulso. -

Nós os encontramos. Em menos de sessenta segundos, inclusive.

Bobby franziu os lábios. - Se não for um acerto de contas entre quadrilhas, então o que é?

D. D. estava imersa em pensamentos. - Não sei.

Os dois voltaram a ficar em silêncio. - Bem, esta é a sua cena do crime - disse Bobby, finalmente. - Eu lamento.

Ela o encarou, olhando no fundo dos seus olhos cinzentos, percebendo os ombros fortes nos quais se deixou apoiar e chorar, certa vez. - É uma pena - disse em seguida.

Deram a volta na casa novamente. Bobby se afastou, em direção ao seu carro.

D. D. voltou sua atenção para a cena.

Capítulo 13

Danielle

Lucy começou a gritar pouco antes da meia-noite. O grito agudo e desesperado fez com que nós quatro disparássemos pelo corredor. Cometemos o erro de entrar no quarto dela, todos ao mesmo tempo. Ver todos aqueles adultos por perto lhe causou um novo surto de terror.

Ela atacou a janela, batendo com os punhos. Quando percebeu que o vidro era inquebrável e resistia às investidas, ela girou sobre os calcanhares e correu em direção à parede, chocando-se com ela. Sua cabeça se moveu para trás como o movimento de um chicote. Ela gritou novamente antes de atravessar o quarto e se chocar com a parede oposta. Ainda estava vestida com o camisão do traje de cirurgia, que esvoaçava ao redor dos joelhos como uma imensa capa verde.

Levantei uma mão, indicando a todos para ficarem imóveis. Tecnicamente, eu nem deveria estar ali. Havia encerrado o meu expediente há cerca de uma hora, mas não tive oportunidade de voltar para casa. Relatei os eventos do dia a Karen, conversei um pouco com Greg e aproveitei para cuidar de alguns documentos e formulários. Havia trabalhado durante trinta e seis das últimas quarenta e oito horas.

Agora eu estava cansada, exausta pelo episódio da fuga de Lucy e tensa após a conversa com os investigadores. Depois que saíram, cometi o erro de pesquisar sobre os assassinatos de Dorchester na internet. Consegui visualizar Ozzie dentro daquela casa de três andares. Patrick, Denise e os dois irmãos de Ozzie.

Isso trouxe a voz do meu pai de volta à minha cabeça. "Oh, Danielle. Minha bela e pequena Dani".

Faltavam dois dias e meio agora. Sessenta horas, em contagem regressiva.

- Ela está dissociando - murmurou Cecille, uma das conselheiras sociocomportamentais, ao meu lado.

Ela tinha razão. Os olhos castanhos de Lucy estavam fixos e vidrados em algum ponto indefinido. Estava tentando golpear coisas que apenas ela era capaz de enxergar. Seu pesadelo a havia levado até as terras áridas entre o despertar e o dormir. Reagia à nossa presença, mas não conseguia realmente processar o que lhe acontecia. Era quase impossível fazer que crianças como ela despertassem, e tais episódios quase sempre acabavam mal.

Lucy se lançou contra outra parede e começou a bater a cabeça contra a

estrutura.

- Ativan - disse Ed, do outro lado do quarto. Ele era um conselheiro mais velho, corpulento e calvo. Gostava de cozinhar e as crianças adoravam quando ele o fazia.

- Como se eu não soubesse - murmurei de volta.

- Posso contê-la.

Ed já estava de prontidão, preparando seu corpanzil para entrar em ação. Iria correr em direção a ela, tentar agarrá-la num abraço de urso. A sensação de ser envolvido acalmava algumas crianças, ajudava-as a superar as crises. Percebi imediatamente que Lucy não era aquele tipo de criança.

- Não! - eu disse, agarrando-lhe o braço. - Se você tocar nela, Lucy vai enlouquecer por completo.

- Ela já está surtando. Precisamos sedá-la antes que afete os outros. É noite, Danielle. Você sabe como as coisas são à noite.

Eu sabia, mas agarrar Lucy à força, uma garota que sofrera tantos abusos... eu não tinha condições de aguentar aquilo.

- Saiam todos - ordenei. - Para fora. Nossa presença aqui não a está ajudando em nada.

Lucy voltou à janela, socando inutilmente o vidro. Observar o desespero em suas

ações chegava até mesmo a doer. Como se ela soubesse que o vidro não quebraria. Como se soubesse que não poderia escapar. Mesmo assim, ela precisava tentar.

Por quanto tempo ela havia batido na porta do freezer? Quantas horas e dias passara ali, forçada a ficar em posição fetal, enrodilhada ao redor de si mesma, sentindo os braços e as pernas doerem com as câimbras?

Essas crianças eram mais fortes que nós. Mais corajosas que nós. E é por isso que as amamos tanto.

Nós retrocedemos aos poucos, lentamente voltando para o corredor iluminado, onde o efeito dominó do surto de Lucy já se desdobrava. As crianças se levantaram das camas. Tinham os olhos arregalados e assustados, e a tensão aumentou quando Lucy começou outra série de gritos. Jimmy passou correndo, com os braços abertos.

Reagiu ao estresse imitando um avião em pleno voo. Jorge e Benny o perseguiam em alta velocidade.

Crianças mais comunicativas estavam conversando em voz alta. Crianças mais introspectivas estavam deitadas em posição fetal, abraçando os joelhos. Aimee, a suicida, estava na porta do seu quarto, com uma expressão de quem sabia que o mundo estava acabando - e ela sabia que isso aconteceria, mais cedo ou mais tarde.

Ela logo voltou para a escuridão do seu quarto e Cecille a seguiu rapidamente.

Lucy começou a chorar. Um som agudo e angustiado, longo, que ficava cada vez mais intenso antes de sumir. E, logo em seguida, voltava a ressoar pela ala pediátrica.

- Façam ela parar, façam ela parar, façam ela parar! - gritou Jimmy enquanto corria pelo corredor, com os braços abertos. O roupão de banho que usava se agitava conforme corria.

Lucy chorou mais alto.

- Pare, pare, pare! - Benny e Jorge começaram a repetir a cantilena.

- Sessão da meia-noite - gritou Ed, com sua voz cobrindo o tumulto que ameaçava sair do controle. - Todos para a sala de cinema. Tem pipoca para todos.

Ele começou a arrebanhar crianças agitadas e confusas, levando-as para longe do quarto de Lucy, em direção à área de recreação. Eu aproveitei para fazer o mesmo, levando todas as crianças que consegui até lá, enquanto tentava ir em direção ao armário onde guardávamos os medicamentos. Tentei dar a impressão de que estava simplesmente andando depressa, embora eu realmente quisesse correr.

O choro angustiado continuou, ficando cada vez mais triste, a ponto de fazer os adultos empalidecerem, mesmo enquanto tentávamos nos forçar a sorrir, encorajando uns aos outros.

Eu me apanhei pensando em meu pai, visualizando-o em minha mente. Ele estava em pé na entrada do meu quarto, emoldurado pela luz que vinha do corredor.

"Oh, Danielle. Minha bela e pequena Dani".

O tom agudo das suas últimas palavras era exatamente igual ao do choro de Lucy. Música para os moribundos.

Eu queria que Lucy se calasse. Precisava afastar sua voz da minha mente.

Finalmente consegui chegar ao armário dos medicamentos e peguei o Ativan.

Duas outras crianças passaram correndo por mim. Agarrei o primeiro e depois o segundo, levando-os em seguida para a sala de cinema, onde os conselheiros sociocomportamentais estavam conseguindo controlar a situação. Já havia um filme

na tela e os alto-falantes estavam ligados em um volume bem alto, quase sufocando o barulho que vinha do corredor.

Lucy gritava ainda mais alto, e eu corri em busca do restante dos meus equipamentos. Ter o sedativo adequado era apenas metade da batalha. O verdadeiro problema seria administrar o remédio. Era possível convencer a maioria das crianças com um pouco de conversa ou com algum tipo de suborno.

Lucy, por sua vez, não conseguia entender qualquer tipo de linguagem.

Era um mistério para nós. Um mistério mesmo agora, enquanto gritava com tanta força e com gemidos tão estridentes que fazia minha cabeça doer. As janelas deveriam se estilhaçar. O prédio deveria implodir com tamanha tristeza.

"Oh, Danielle. Minha bela e pequena Dani".

Peguei três pedaços de queijo, um aparelho de som portátil e corri em direção ao quarto.

Entrei no quarto sem hesitar. Lucy estava tão fora de si que isso pouco importaria. Ela deve ter me visto com o canto dos olhos, pois se lançou contra mim imediatamente, com os dedos flexionados como se fossem garras, tentando arrancar meus olhos.

Ela me acertou no ombro. Cambaleei para trás, surpresa, soltando um grunhido baixo e involuntário.

À minha frente, eu tinha uma imagem de cabelos castanhos embaraçados e olhos escuros, desesperados, grandes demais para o seu rosto pálido. Ela me atacou novamente. Instintivamente, levantei o aparelho de som e o usei para bloquear seus golpes. Ela o acertou com uma das mãos, com força o bastante para se machucar.

Trouxe o braço para perto do peito, choramingando.

Apertei o botão *play* e a sala se encheu com uma melodia suave de piano. A música acalma as feras.

Mas não Lucy. Ela chutou as minhas canelas.

Eu me afastei, tentando aumentar a distância entre nós. Ela acompanhou meus movimentos, em posição de ataque, sem tirar os olhos dos meus.

Ela queria arrancar meus olhos, enfiar os dedos nas minhas órbitas e apertá-los.

Eu consegui perceber isso na sua expressão. Alguma coisa aconteceu dentro dela.

Como um fusível queimado. Uma ligação com a humanidade ficando cada vez mais

frágil. Ela queria sangue. Precisava de sangue.

Continuei me movimentando, evitando cuidadosamente ficar encurralada em um canto e mantendo a porta dentro do meu campo de visão.

Eu era mais forte.

Ela era mais rápida, um turbilhão de agressividade, uma imagem borrada composta por um camisão verde e braços e pernas pálidos que se agitavam velozmente.

Ela me atacou com um chute novamente, acertando na lateral do meu joelho. O

golpe me fez perder o equilíbrio, e o aparelho de som caiu no chão. Ela o pegou nas mãos e o jogou contra a janela. O rádio bateu no vidro à prova de impacto e voltou a cair no chão. As melodias suaves de George Winston resistiam ao ataque e ele continuava tocando.

Lucy parou de acompanhar meus movimentos e saltou por cima do colchão.

O ataque direto me pegou desprevenida. Eu mal havia conseguido levantar as mãos para me defender quando ela me acertou uma cabeçada na barriga. A força do golpe fez que ambas fôssemos projetadas para trás, me prensando contra a janela.

Ela estava ensandecida agora, arranhando com os dedos, golpeando com os joelhos.

Tentei agarrar suas mãos, fazer algo para tentar contê-la.

Ela agarrou meu braço com as duas mãos e puxou com força. O puxão abrupto me curvou para frente, e ela imediatamente saltou sobre as minhas costas, agarrando meus cabelos. Em seguida, colocou uma das mãos ao redor do meu pescoço e apertou.

Eu cambaleei em direção à parede mais próxima, prensando Lucy entre mim e o concreto, com força. Ela aguentou firme. Então, executei a manobra preferida de

Greg - me curvei para frente e fiz que ela rolasse por cima da minha cabeça.

Ela bateu no chão com força, o impacto arrancou o fôlego que ainda lhe restava no peito. Vi quando seus olhos se arregalaram e quando a boca formou um "oh", mas sem que ela emitisse qualquer ruído. Ela estava atordoada, mas não ficaria assim por muito tempo. Rapidamente, antes que Lucy voltasse a se levantar, enfiei um comprimido de Ativan no primeiro pedaço de queijo e o enrolei em uma bola disforme. Joguei a bola de queijo na direção dela e depois cambaleei em direção à porta aberta.

Ed estava ali, com uma expressão aterrorizada.

- Mas que diabos...

- Fique quieto! Ela ainda não parou.

Como eu previa, Lucy já estava se levantando novamente. Ela não conseguia se equilibrar com tanta facilidade; seus olhos estavam desfocados, com um olhar ainda mais perdido. Deu um passo hesitante à frente e depois outro. Os dedos dos pés tocaram na bola de queijo, que saiu rolando pelo chão novamente.

O movimento atraiu sua atenção. Ela parou onde estava, olhando em direção à bola.

Prendi a respiração, rapidamente pegando os outros pedaços de queijo e transformando-os em bolas. Pensar como um *gato*. Isso é o que acalma Lucy. Trazê-

la para o estado mental de um felino.

Joguei o segundo pedaço de queijo sobre o carpete, fazendo-o rolar como se fosse uma bola de gude, bem à vista de Lucy. Ela acompanhou a trajetória, depois desviou sua atenção para o primeiro. Percebi que reposicionava o corpo, instintivamente assumindo uma posição mais felina. Joguei o terceiro pedaço de queijo em direção aos seus pés, e o truque finalmente funcionou. Ela saltou, agarrando a bola de queijo entre as mãos, agora flexionadas como se fossem patas, deu-lhe uma pancada, lançando-a ao ar.

- Onde está o Ativan? - perguntou Ed. - Pelo amor de Deus, Danielle...

- Cale a boca!

Não queria que ele a distraísse. Precisava que ela se concentrasse no queijo.

"Vamos lá, brinque com as bolas de queijo. Jogue-as pelo quarto. E depois as engula".

Ela me fez suar frio. Cinco minutos se transformaram em seis, sete, oito. Uma das bolas começou a se desintegrar. Segurei a respiração, esperando que o comprimido aparecesse. Mas aquela bola continha apenas queijo. Lucy finalmente parou, lambendo os pedaços de queijo cheddar que estavam sobre o carpete.

Depois, foi em direção à outra bola e, finalmente, até a última. Um, dois, três.

O queijo foi consumido, com o comprimido. Enfim consegui respirar aliviada, percebendo pela primeira vez que minhas pernas estavam um pouco bambas e os músculos do meu braço ardiam pelo esforço. Havia sangue nos dorsos das minhas mãos e um corte na minha bochecha também sangrava.

- Você... como foi que...? - Ed começou novamente.

- Estava dentro do queijo - sussurrei, puxando-o pela camisa, tentando fazer que saísse de perto da porta. - Ela precisa de alguns minutos a sós. Logo vai estar tudo terminado e ela vai conseguir dormir.

- Meu Deus, Danielle. O seu rosto... seu pescoço... você precisa de cuidados médicos.

- É o benefício por se trabalhar em um hospital!

Não era minha intenção gritar com ele, mas não consegui evitar. Eu ainda estava agitada, meus nervos estavam à flor da pele. Queria que Greg estivesse ao meu lado. Eu queria... eu precisava.

Em seguida, comecei a pensar em George Winston, o pianista. Sua música ainda tocava no chão do quarto de Lucy. Senti vontade de chorar e de rir ao mesmo tempo. Tudo aquilo era demais para minha cabeça.

Fui até o banheiro, onde joguei um pouco de água sobre o rosto e disse a mim

mesma que eu absolutamente, certamente, não continuava ouvindo meu pai cantando dentro da minha mente.

Quando voltei ao quarto de Lucy, quinze minutos mais tarde, ela estava encolhida em um dos cantos, com um braço estendido por cima da cabeça.

Movimentava as mãos de um lado para outro, observando as sombras que seus dedos lançavam sobre a parede. Seus movimentos eram letárgicos; o sedativo a acalmava.

Logo ela estaria dormindo. Tentei imaginar o que ela veria quando fechasse os olhos. Ou como conseguiria reunir forças para se levantar novamente.

Desta vez, entrei tranquilamente em seu quarto, mantendo a minha presença discreta. Parei, não muito longe de onde ela estava e me sentei com as pernas cruzadas. Ela virou a cabeça. Os músculos do queixo não estavam mais tensionados, e o rosto não apresentava mais o rubor da fúria.

Ela parecia aquilo que realmente era - uma menina de 9 anos que passou por dificuldades demais.

Senti vontade de escovar seus cabelos, mas mantive as mãos no chão.

- Está tudo bem agora - sussurrei. Provavelmente mais para mim do que para ela.
- Foi uma noite difícil, mas essas coisas acontecem.

Ela inclinou a cabeça, como se estivesse ouvindo minhas palavras. Em seguida, voltou a estudar os movimentos dos seus dedos, com o braço estendido para cima,

sobre a cabeça.

- Você está segura aqui - eu disse a ela. - Não vamos machucá-la. Tudo que pedimos é a mesma consideração. Chega de atacar os outros, certo, Lucy? Aqui ninguém bate em ninguém. Não mordemos, chutamos ou puxamos os cabelos. É uma das únicas coisas que pedimos que você faça. Que nos trate bem. E nós vamos cuidar bem de você também.

- Homem mau - disse ela, com voz tão suave, tão infantil que levei quase um segundo para compreender que ela realmente havia falado.

- Lucy?

- Homem mau - ela disse novamente.

Eu não sabia o que dizer. Lucy estava falando. Ela sabia que tinha habilidades comunicativas.

- Está tudo bem - sussurrei. - Não há nenhum homem mau. Você está segura aqui.

Ela virou a cabeça novamente. As pálpebras lhe pesavam sobre os olhos, o Ativan fazia efeito. Ela estendeu o braço e pegou na minha mão. Seus dedos eram fortes, sua pegada era mais firme do que imaginei que seria possível, especialmente após tomar o sedativo.

- Homem mau - ela disse mais uma vez, enfatizando as palavras ferozmente, a voz carregada pela emoção e com os olhos brilhando enquanto falava.

- Está tudo bem - eu tentei mais uma vez.

- Não - disse ela, chorosa. - Não.

Ela soltou a minha mão, se encolheu no canto e dormiu.

Fiquei ao lado dela, observando seus contornos pálidos e magros.

- Homens maus morrem. A vida fica melhor - eu disse para nós duas. Em seguida, senti um calafrio.

Sábado

Capítulo 14

D. D. sabia que estava encrencada quando acordou ao som de um comercial de lubrificante íntimo na televisão. De acordo com o anúncio, o homem usava um lubrificante para sentir uma sensação gelada na pele, enquanto a mulher usava uma outra variedade para sentir uma irradiação de calor. E então, quando os dois se encontravam...

D. D. queria saber. Que diabos, ela *precisava* saber.

Ela passou vários minutos na sala de televisão, seminua, olhando para a tela, esperando que a emissora repetisse o comercial. Exceto que, desta vez, as pessoas que apareceriam seriam ela e, digamos, Alex Wilson, deitados naquela cama desarrumada. Ela estaria usando uma das gravatas de seda de Alex. Ele não estaria vestindo nada.

Ah, que droga.

A vida não tinha a menor graça.

D. D. subiu em sua esteira de exercícios e correu cerca de quatro quilômetros.

Depois, bebeu duas doses de café expresso e foi para o trabalho.

Chegou à delegacia às oito e meia, trazendo uma caixa de *donuts* debaixo do braço. A maioria dos investigadores se preocupava demais com a própria saúde para comer *donuts*. Mas não havia problema. No estado de humor em que se encontrava, ela conseguiria comer metade da caixa sem pestanejar. Decidiu começar pelo *donut* de creme de baunilha, servindo-se em seguida de uma xícara de café à moda da unidade de homicídios, e mergulhou no trabalho.

Por volta das nove horas da manhã do sábado, chamara a sua equipe e também Alex, para uma reunião em seu pequeno escritório. Tinham aproximadamente trinta minutos para repassar os acontecimentos das últimas quarenta e oito horas, e depois ela teria de se reunir com o delegado superintendente. Após a cena do crime que visitaram na noite anterior, será que estavam lidando com dois incidentes independentes de assassinato em massa? Ou seria um crime muito maior e mais assustador? A opção *A* significava que haveria dois casos, cada um sob a responsabilidade de um esquadrão diferente. A opção *B* resultaria na criação formal de uma força-tarefa.

D. D. distribuiu xícaras grandes de café aos membros da equipe, convidou-os a se servir da caixa de *donuts* que já estava pela metade e postou-se ao lado do quadro-branco que havia no escritório. Alex sentou-se bem à sua frente. Como era

sábado, ele usava calças cáqui e uma camisa polo em um belo tom azul. A camisa realçava a cor dos seus olhos. As calças abraçavam as pernas atléticas e torneadas.

Em seguida, ela notou as mãos dele, com dedos longos e calejados repousando sobre os joelhos...

- O que aconteceu com o resto dos *donuts*?

- Vá para o inferno, Phil - disse D. D., voltando ao quadro-branco. - Vejamos o perfil das vítimas. Temos os Harringtons em Dorchester...

- Brancos, cristãos e de classe média - resumiu Phil. Ele encontrou um *donut* com cobertura de xarope de plátano e mastigava alegremente.

- Escolaridade, emprego, paróquia, clubes sociais, endereço anterior?

Phil recitou um perfil geográfico das atividades e organizações que a polícia conhecia a respeito dos Harringtons. D. D. anotou cada uma das respostas na lousa.

Em seguida, desenhou uma linha vertical dividindo o quadro ao meio para criar uma segunda coluna. - Bem, temos agora o caso do clã Laraquette-Solis.

- Brancos, traficantes de drogas de baixa renda - citou Phil.

Alex aproveitou a deixa para citar suas próprias informações. Quatro crianças, quatro pais diferentes.

- Um histórico longo de problemas com os serviços de atendimento e proteção às crianças - Phil prosseguiu.

- Histórico longo de problemas com o departamento de imigração - disse Neil, o terceiro membro da equipe, falou do fundo da sala. A pele de Neil tinha a palidez fantasmagórica de alguém que passava muito tempo sob luzes fluorescentes. Como estivera os dois últimos dias junto aos legistas, acompanhando as autópsias dos Harringtons e agora com mais seis mortos... Neil já havia trabalhado como paramédico. Aquilo o tornava o homem perfeito para o trabalho.

- Descobrimos que Hermes Laraquette veio de Barbados - continuou Neil. Deu uma rápida olhada em suas anotações. - Hermes era um "perna-vermelha", uma classe social inferior e pequena, formada por brancos descendentes de criminosos deportados para as Américas. O departamento de imigração já vinha

procurando por ele, e agora é um caso que podem dar por encerrado.

- Escolaridade, emprego, paróquia, clubes sociais, endereço anterior? -

perguntou D. D.

Aquela lista não era longa. O clã Laraquette-Solis vivia do outro lado de Boston, na região de Jamaica Plains. Não eram conhecidos por se envolverem com a comunidade, nem pela consciência social. A família se mudou para o bairro há seis meses, e, embora Hermes gostasse de andar pelas ruas com sua touca de tricô com as cores do arco-íris, a mulher e as crianças raramente eram vistas fora da casa.

D. D. não conseguia imaginar algo assim. Como alguém conseguiria ficar dentro daquela casa, no meio de todo aquele mau cheiro?

Ela estudou a lista de características dos Harringtons, em seguida a lista sob o nome dos Laraquettes. Nada lhe chamou a atenção.

- Algum inimigo?

Ninguém conseguiu definir inimigos para os Harringtons. Já os Laraquettes, por outro lado... os investigadores precisariam de alguns dias para pesquisar toda a lista, considerando as atividades de tráfico de drogas de Hermes. D. D. anotou a sigla

"A/D" no quadro: a determinar.

- Portanto, de acordo com as nossas listas, não há elementos comuns entre o mundo dos Harringtons e dos Laraquettes. De acordo com a lógica, como essas duas famílias poderiam se conhecer?

- Um trabalho missionário, talvez, caso a igreja dos Harringtons tenha algum programa de ajuda para famílias de baixa renda. Ou seus próprios serviços voluntários - tentou Alex.

- É algo que vale a pena verificar - concordou D. D. - Os Harringtons são pessoas boas, e os Laraquettes precisavam de um pouco de bondade em suas vidas.

Outras conexões?

- Os filhos - sugeriu Neil. - Os garotos adolescentes têm idades próximas.

Talvez se conhecessem devido a atividades esportivas, colônias de férias ou coisas do tipo.

D. D. anotou a sugestão.

- Famílias adotivas, filhos com problemas - continuou Phil, jogando as ideias. -

Os Harringtons adotaram Ozzie, um garoto que, conforme sabemos, passou por várias famílias antes de chegar até eles.

- Você acha que os Laraquettes chegaram a ter a guarda de Ozzie? - D. D. não acreditava naquela possibilidade. - Acho que a situação seria o oposto. As agências de serviço social estariam buscando lares para as crianças dos Laraquette, para tirá-

los daquela casa infernal.

- É uma possibilidade, também - concordou Phil. - Novamente, sabemos que os Harringtons tinham interesse em crianças em situação de risco, e sabemos que os filhos dos Laraquette estavam em risco.

- Certo. Se pensarmos desse modo, acho que pode fazer sentido. Vamos entrar em contato com as agências de serviço social. Eles adoram quando ligamos. Há alguma outra possibilidade?

O grupo continuou em silêncio. D. D. anotou mais algumas informações e apagou o quadro-branco, preparando-se para a segunda discussão: as cenas dos crimes.

Neil, o especialista em autópsias, deu início à discussão. - O legista confirmou que a mãe, Denise Harrington; o filho mais velho, Jacob; e o filho mais novo, Oswald, morreram devido a um único golpe de faca. É interessante notar que não houve qualquer marca de hesitação em nenhum dos ferimentos registrados.

- Meu Deus - murmurou Phil, o único homem com família na sala.

- A garota, Molly, sofreu um ferimento de faca entre o ombro e o cotovelo esquerdo. A causa da morte, entretanto, foi asfixia. O osso hioide foi fraturado, o que indica que o perpetrador tinha uma força física considerável.

- Como um garoto de 9 anos? - perguntou D. D.

Neil a encarou. - Improvável - disse, antes de voltar para suas anotações. - O

legista ainda não concluiu a autópsia no corpo do pai. Entretanto, de acordo com o boletim médico, ele morreu devido a complicações de um ferimento a bala. Edema cerebral.

- Certo. Então temos três esfaqueados, um estrangulado e um baleado. Até aqui, é bem original. A maioria dos exterminadores de família usa um único método, não é mesmo? - D. D. olhou para Alex, esperando que ele respondesse.

Ele assentiu. - Tradicionalmente, casos de extermínio de famílias envolvem tiros, intoxicação por medicamentos e/ou intoxicação por monóxido de carbono. Às vezes, registramos casos em que o pai droga a família inteira, possivelmente para que não sofram tanto, depois os mata a tiros. Se observarmos um caso de extermínio familiar perpetrado por um adolescente, filhos que foram vítimas de abusos e que desejam se vingar, a metodologia se expande para englobar agressões com porretes e/ou incêndios criminosos. Nunca ouvi falar de um caso onde um único atacante troca de armas conforme mata os membros da família.

- Um único atacante - repetiu D. D. - Vamos debater o número de perpetradores. O que dizer de casos onde o filho adolescente tem um cúmplice, como, por exemplo, a filha e seu namorado que matam a família dela para que possam ficar juntos? Ou um caso que já vimos há algum tempo, onde uma filha e sua namorada lésbica mataram os avós da primeira para que pudessem ficar juntas?

Coisas desse tipo.

- Quando um adolescente é o instigador de um extermínio de família, há exemplos registrados do envolvimento de um parceiro. Nesses casos, entretanto, os dois parceiros assassinam os membros da família que são contra o relacionamento, em seguida escapam juntos. Não é comum que se mate a família e, logo depois, o adolescente instigador é morto, sendo que o parceiro foge após os crimes - explicou Alex.

- E se o cúmplice resolver atacar o instigador?

- Por que ele faria isso?

- Não estou dizendo que aconteceu. É só uma ideia.

- Bem, não é provável - continuou Alex. - Além disso, a cena do crime na residência dos Harringtons é metódica. Dois adolescentes com sede de sangue nunca deixariam tão poucos rastros numa casa tão limpa. O perpetrador que procuramos agiu sozinho, além de ter força e inteligência acima da média. Paciente, calculista e bem treinado. É praticamente impossível encontrar um adolescente com essas características.

- Faz sentido - concluiu D. D. - O que sabemos sobre a faca?

- A faca usada contra os membros da família Harrington tem as mesmas características do jogo de facas encontrado na cozinha - disse Phil. Ele havia terminado de comer seu *donut* e estava limpando as migalhas que haviam caído sobre a sua barriga. - O cabo da faca estava engordurado demais para que conseguíssemos impressões digitais.

- E a arma de fogo?

- Registrada em nome de Patrick Harrington. As digitais dele estavam na empunhadura.

- Então, as armas do crime vieram de dentro da casa?

Phil fez que sim com a cabeça.

- Certo. E o que temos de concreto sobre a cena dos Laraquette-Solis?

Alex tomou a dianteira desta vez, examinando suas anotações. - Metodologia mista. Quatro baleados: o homem adulto na sala de televisão, o garoto adolescente no corredor, duas garotas no quarto. A mulher adulta, Audi Solis, foi esfaqueada e morreu na cozinha. A bebê foi sufocada ainda no berço, provavelmente com um travesseiro. A ordem dos assassinatos até agora não foi estabelecida. Existe a possibilidade de que o pai tenha assassinado a família, e depois se deitou no sofá e disparou contra a própria cabeça. É possível também que tenha sido o primeiro a morrer, e depois a família foi morta em seguida, e a

arma foi colocada ao lado do corpo do pai para implicá-lo no crime.

- E a faca?

- Tem as mesmas características do jogo de facas que foi encontrado na cozinha

- repetiu Phil. - Não foi possível colher digitais no cabo.

- E a arma de fogo?

- Não estava registrada. O número de série foi raspado.

- Roubada, então - disse D. D. - Mercado negro.

- Provavelmente. Com o estilo de vida de Hermes, é bem provável.

- Uma arma ilegal nas mãos de um traficante de maconha - concluiu D. D.

Ficou em silêncio por um minuto, considerando sua lista. - É interessante perceber que as duas cenas têm as mesmas três metodologias para os assassinatos: tiros, golpes de faca e asfixia mecânica. E que, em ambas as cenas, as armas do crime vieram de dentro da própria casa.

- Não é conclusivo - advertiu Phil.

- É verdade. Mas, mesmo assim, é interessante. Como você mesmo disse, esse tipo de crime geralmente tem uma metodologia única. Temos agora duas cenas onde uma família inteira foi eliminada usando três metodologias distintas, e as armas do crime foram encontradas dentro da própria residência. Quais são as chances disso acontecer?

- Alguém que resolveu copiar os métodos do primeiro caso? - perguntou Neil, no fundo da sala.

D. D. balançou a cabeça. - Não pode ser. Ainda não divulgamos as causas da morte para a mídia. Eles sabem que Patrick Harrington foi internado devido a um ferimento à bala. Mas não divulgamos nada a respeito dos esfaqueamentos e, definitivamente, nunca revelamos que Molly Harrington foi estrangulada.

O silêncio que se seguiu ao comentário tinha várias respostas em si.

D. D. colocou a caneta azul, própria para escrever na lousa branca, sobre a mesa.

- Houston, temos um problema - declarou ela.

O chefe de D. D. ainda não estava a ponto de enlouquecer. Havia coincidências entre as cenas na residência dos Harringtons e o caso dos Laraquette. Mas uma coincidência podia ser apenas uma coincidência, enquanto a formação de uma forçatarefa oficial certamente atrairia a atenção da mídia. Dentro de pouco tempo, alguém que se sentisse inspirado pelas ideias de Nancy Grace[22] anunciaria que os dois casos estavam indiscutivelmente ligados, com um louco à solta na cidade de Boston assassinando famílias inteiras. Os telefones começariam a tocar sem parar e o prefeito da cidade exigiria uma declaração oficial. As coisas ficariam bastante complicadas.

Era agosto. As pessoas estavam irritadas por causa do calor e propensas a variações de humor. Quanto menos informações fossem divulgadas, melhor.

Em vez disso, o delegado-superintendente teve a brilhante ideia de que a equipe de D. D. poderia cuidar das duas investigações. Assim, se quaisquer outras *coincidências* fossem descobertas, a equipe não demoraria para juntar as peças.

D. D. fez questão de lembrá-lo de que exigir que três investigadores cuidassem de dois assassinatos em massa era pedir um pouco demais. Seu chefe retrucou que, essencialmente, ela estaria trabalhando com um grupo de quatro investigadores.

Tinha o professor Alex Wilson para ajudá-la com a elaboração dos relatórios sobre as cenas dos crimes.

Ela exigiu mais dois investigadores, no mínimo. O delegado lhe atendeu e destacou a equipe de crimes relacionados ao tráfico de drogas para auxiliá-la com o histórico criminal e informações sobre Hermes.

Era mais do que D. D. conseguiria arrancar de seu chefe estressado e com pouco acesso às verbas governamentais. Ela considerou isso uma vitória.

Sua equipe recebeu as notícias sem sequer piscar os olhos. Cuidar dos dois casos significava que almoçariam e jantariam em suas escrivaninhas e deixariam de dar atenção às famílias. Não era necessário mencionar os detalhes em tempos como estes, onde a redução de verbas governamentais e o aumento dos índices

de homicídio são comuns. Ninguém se torna investigador pensando no estilo de vida proporcionado pela profissão.

Com a perspectiva de um fim de semana ruim, D. D. decidiu que a primeira coisa a fazer seria uma pausa para o almoço. Meia dúzia de *donuts* não satisfaz uma garota por tanto tempo. Felizmente, a cantina do departamento de polícia de Boston não somente ficava localizada convenientemente no andar térreo do prédio, mas era famosa pela ótima comida que servia.

D. D. pediu um sanduíche de rosbife malpassado no pão de centeio, com todos os recheios possíveis, e uma fatia gigante de bolo de limão. Phil, que ela juraria que estava quase se comportando como uma mulher, pediu uma salada à moda da casa.

Neil pediu uma salada de ovos, uma escolha que, na opinião de D. D., era questionável para um homem que deveria voltar ao necrotério no período da tarde.

Neil, com seus cabelos ruivos e corpo esguio, engoliu o sanduíche em quatro dentadas e saiu pela porta, assobiando alegremente. D. D. suspeitava que ele sentia um certo interesse pelo legista. Afinal, estavam passando tempo demais juntos.

Alex se sentou ao lado de D. D. com um prato de *penne* e filé de frango grelhado. Ela sentiu um certo respeito pelo professor, visto que ele se dispunha a comer um prato quente em um dia em que a temperatura passava dos 35 graus.

Ele temperou o prato com sal, pimenta vermelha em flocos e queijo ralado.

Depois de experimentar um pouco, decidiu que seu almoço estava no ponto que queria. Era bem exigente em relação à comida.

Nu. Na cama de D. D. Sensações geladas. Irradiações de calor.

D. D. deu uma mordida no sanduíche que lhe encheu a boca.

- Você não pode acreditar realmente que os dois casos estão ligados - disse Alex, após alguns minutos. Phil estava batalhando contra a sua salada, evitando os tomates e enchendo-a de molho tipo *ranch*. Levantou os olhos quando Alex mencionou aquilo, encarando D. D. com o mesmo ceticismo.

Ela deu mais uma mordida no sanduíche de rosbife, mastigou e engoliu. - Não tenho certeza - disse, após pensar nas possibilidades.

- Bem, você precisa pensar em alguma coisa - contra-atacou Phil. - Afinal, foi você que nos trouxe os dois casos.

- As vítimas não têm nada em comum - disse Alex. - Se analisarmos as diferenças na geografia, profissões e estilo de vida das duas famílias, quais são as chances de que elas conheciam o mesmo maníaco homicida?

- Pode ser um crime ainda mais estranho - disse D. D., dando de ombros.

Alex ergueu uma sobrancelha. - A probabilidade é ainda mais baixa, já que estamos falando de um ataque contra uma família inteira. No caso dos Harringtons, as mortes ocorreram antes do anoitecer[23]. Um assassino desorganizado poderia demonstrar esse tipo de impulsividade para fazer os ataques, mas não o caráter metódico que registramos na cena do crime. Assassinos mais organizados levam um bom tempo analisando alvos problemáticos ou arriscados.

- Um dos primeiros crimes do ATM foi um ataque a uma família logo depois do café da manhã - disse D. D., referindo-se ao notório assassino Amarrar-Torturar-Matar[24] que agiu durante décadas no estado do Kansas. - Ele convenceu os moradores a deixá-lo entrar na casa pela porta da frente, depois apontou uma arma para as crianças até que os pais concordassem em se deixar amarrar. Quando conseguiu subjugar os pais, seguiu o plano que havia elaborado.

- Não houve evidência de que as vítimas foram amarradas nas cenas que analisamos - destacou Phil.

- E o ATM ficou de tocaia, observando suas vítimas antes de agir - disse Alex, firmemente. - Passou vários meses analisando o lugar antes de atacar. Estamos falando de dois crimes em um intervalo de trinta e seis horas. Não haveria tempo para observar os alvos, identificar cada um dos membros das famílias e formular uma estratégia para o ataque. Além disso, como saber que haveria uma arma de fogo calibre 22 em ambas as casas, e como o perpetrador poderia ter conseguido tomar posse delas?

- O perpetrador teve sorte?

Alex lhe encarou. - Se estivermos lidando com um assassino serial, onde está o tempo de espera entre os dois crimes? A maioria dos *serial killers* matam as vítimas com intervalos consideráveis entre si, deliciando-se a um trabalho bem feito -

continuou ele, implacável.

- Isso é doentio - disse D. D., demonstrando mau humor e irritada por Alex estar certo. Afinal, se Alex estava certo, isso significava que ela estava errada. Estar louca por sexo era difícil o bastante, mas não conseguiria suportar o fato de estar louca por sexo e parecer ignorante.

- É exatamente essa a questão - disse Alex. - Um assassino para duas famílias inteiras num intervalo de trinta e seis horas é algo extremamente improvável.

Tamanha sede de sangue, combinado com um caráter tão metódico... - ele deixou a frase morrer no ar. - Não consigo imaginar algo assim. Não se encaixa com nenhum outro caso.

- Mas o que me diz de dois pais que decidem matar suas esposas e filhos,

independentemente, usando os mesmos três métodos, em dias consecutivos? Faz algum sentido?

- Coincidências acontecem.

- Não é uma coincidência!

- Então o que é?

- Precisamos de mais informações. Já sei, vamos investigar. Não é uma ótima ideia? - ironizou D. D.

Alex revirou os olhos com aquele comentário. D. D. começou a atacar o bolo de limão.

- Acho que deveríamos limpar e purificar nossas auras - anunciou ela.

- Ei - disse Phil. - Sou um homem casado e tenho filhos.

- Então ligue para os serviços de assistência infantil e descubra tudo que puder sobre Oswald Harrington e os Laraquettes. Alex, você vem comigo.

- Mas eu tomei banho hoje cedo.

- Não estou falando sobre esse tipo de limpeza. Precisamos cuidar da nossa beleza interior.

- Vamos a um *spa*?

- Não. Desta vez, vamos entrar em contato com o curandeiro preferido de Denise Harrington, Andrew Lightfoot.

22Jornalista, apresentadora de televisão e ex-advogada nos Estados Unidos. Tem seu próprio programa de televisão, *Nancy Grace*, onde discute casos jurídicos e atualidades, sempre assumindo o ponto de vista das vítimas que exigem seus direitos e expondo suas opiniões de maneira direta e polêmica (N. T.)

23Na cidade de Boston, durante o mês de agosto, o sol se põe após às 19h45. Da mesma forma, entre as famílias norte-americanas, o jantar é habitualmente servido por volta das 18h, o que explica a afirmação do personagem Alex Wilson.

24É a tradução para BTK (*Bind-Torture-Kill*), famoso *serial killer* norte-americano que se autointitulava dessa forma. Seu nome verdadeiro era Dennis Rader. Nos anos 1970 cometeu crimes brutais e cruéis enquanto ridicularizava a polícia deixando pistas ou se comunicando com a mídia. Foi preso em 2005.

Capítulo 15

Victoria

Evan entrou no meu quarto às 4h14, exigindo que o levasse ao parque. Pediu novamente às 4h33, 4h39, 4h43, 4h58, 5h05 e 5h12.

Agora são 5h26 e estamos andando em direção ao parque.

A manhã está bonita. A chuva da noite passada removeu muito da umidade do ar. O ar está quente, mas de maneira agradável, como um beijo em nosso rosto.

Caminhamos os seis quarteirões que separam a casa do parque, com o café da manhã nas mãos, e observamos o Sol colorir o horizonte. Como estamos no lado mais oriental do fuso horário, o estado de Massachusetts é um dos lugares onde o Sol nasce mais cedo em relação ao resto do país. Eu gosto de pensar que essas alvoradas que acontecem bem cedo são uma bênção exclusiva para as pessoas nascidas neste estado e que ainda falam com um sotaque próximo ao que se usa na Inglaterra. Pessoas de outros estados têm uma pronúncia mais clara. Nós temos essas alvoradas.

- Estou vendo o roxo - diz Evan, alegremente, apontando para o horizonte e correndo em círculos ao meu redor. - E também amarelo, laranja e fúcsia!

"Fúcsia" é uma das suas palavras favoritas. Não imagino o porquê.

O parque aparece em nosso campo de visão. Eu esperava que o playground estivesse vazio a esta hora. Em vez disso, um menino pequeno caminha entre os dois balanços e a imensa estrutura de madeira para escalar. Sua mãe o observa, sentada em um banco nas proximidades.

Eu hesito. Evan corre em direção ao garoto. - Um amigo! Mamãe, mamãe, um novo amigo!

Quando chego ao playground, Evan já deu meia dúzia de voltas ao redor do garotinho. O menino mais novo não parece estar chocado com esse comportamento, mas está sorrindo para Evan, como se visse um palhaço pela primeira vez. Sentindo-se estimulado, Evan corre por toda a área do playground, ziguezagueando sem parar.

O garotinho vai atrás dele.

Sinto a sensação costumeira de pessimismo em relação aos meus filhos. Talvez Evan brinque com o garoto sem truculência. Talvez gostem da companhia um do outro. Evan sente falta de poder brincar com outras crianças. Talvez isso lhe incentive a ser gentil. Talvez.

Eu me sento no banco, ao lado da outra mãe. Parece a coisa mais amistosa a fazer.

- Bom dia - diz ela, sorridente. É uma garota jovem, talvez com 22 ou 23 anos, com longos cabelos castanhos amarrados em um rabo de cavalo. - Não esperava

encontrar outras pessoas no parque a esta hora da manhã.

- Eu também não - respondo, concordando com ela, tentando extrair de mim mesma um sorriso que tenha tanta energia quanto o dela. Após alguns momentos, estendo a mão. - Meu nome é Victoria. Aquele é meu filho, Evan.

- Eu sou Becki - diz ela. - E aquele é o meu Ronald. Tem 3 anos.

- Evan tem 8.

- Uau, ele gosta de acordar cedo - diz ela, rindo, observando Evan subir pelo escorregador a toda velocidade e depois deslizar até o chão. Já tirou seus chinelos e está descalço. Começo a imaginar quanto tempo vai levar até que tire seu calção azul-marinho e a camiseta vermelha.

- Acabamos de nos mudar para cá - diz Becki. - O caminhão de mudança descarregou nossas coisas ontem à tarde. Ainda não montamos as camas e também não instalamos os aparelhos de ar-condicionado. Às cinco horas da manhã, pareceu melhor trazê-lo para fora de casa. É melhor deixá-lo correr agora, quando o ar ainda está fresco e depois tentar fazer que ele durma quando o dia esquentar.

Ao lado do playground há um campo de futebol, e, em seguida, uma cerca de madeira que separa o campo das casas vizinhas. Evan se afastou do garotinho e está correndo pelo campo, seguindo as linhas brancas que demarcam a área de jogo. Eu me permito relaxar por um momento, e tomo um gole de café.

- De onde vocês vieram? - pergunto a Becki.

- Da Carolina do Norte.

- Isso explica o sotaque lindo que você tem - eu murmuro, sem pensar. Becki sorri com o cumprimento. Percebo que Evan não é o único que sente falta de ter amigos. Eu não pertenço mais a nenhum grupo social. Não tenho clientes, nem colegas de trabalho, nem vizinhos com quem conversar. Não faço parte de uma associação de pais de alunos e também não converso com outras mães depois que as aulas terminam. Converso com um profissional que cuida de Evan duas vezes por semana, converso com minha filha de 6 anos uma vez por semana. Essa frase descreve toda a minha vida social.

Fico feliz por ainda ser capaz de conversar sobre amenidades. - O que a trouxe a Massachusetts? - pergunto, começando a apreciar o momento. Estendo um saco plástico com *muffins* de banana, e, após hesitar por um momento, Becki aceita um dos doces.

- O trabalho do meu marido. Ele é engenheiro de projetos. A empresa o transfere de tempos em tempos.

- Você teve sorte por chegar a Cambridge. Esta é uma área ótima para famílias.

Você vai adorar este lugar.

- Obrigada! - diz ela, feliz. - Para ser honesta, escolhi a cidade por causa das universidades. Agora que Ronnie está com 3 anos, posso fazer alguns cursos noturnos.

Eu procuro por Evan novamente. Ele foi até o lado mais distante do campo de futebol e está escalando a rede para chegar até o alto da trave. Ronald o viu e está atravessando o campo. Mais lentamente, devido às pernas curtas.

Becki o chama e o garotinho obedientemente dá meia-volta e retorna para a área dos balanços. - Desculpe-me - diz ela, acabrunhada. - Sou uma mãe nervosa. Às vezes ele sai correndo. Não gosto quando se distancia muito de mim. Sei que ele tem apenas 3 anos, mas Ronnie é um ótimo corredor!

- Eu entendo perfeitamente - respondo a ela. - Não consigo acompanhar Evan desde que tinha 2 anos. Essas crianças são feitas de músculos e adoram correr. Não podemos competir com elas.

Ela assente, comendo seu *muffin*. - Evan é filho único? - pergunta Becki, finalmente.

- Ele tem uma irmã - respondo. - Ela está com o pai.

Becki olha para mim, mas não insiste com outras perguntas. Guardo os *muffins* e pego uma bandeja de morangos frescos.

- Pretende ter outro filho? - eu pergunto.

- Espero que sim. Quando eu terminar a faculdade, pelo menos. A chegada de

Ronnie foi, digamos, um acidente. Um acidente feliz - diz Becki, corrigindo-se apressadamente. - Mas eu esperava poder terminar a faculdade antes de ter filhos.

- É claro.

Evan ainda está brincando no campo de futebol; Ronald voltou para perto da

estrutura de madeira.

- Isso me lembra de algo. Preciso ir ao supermercado - comenta Becki, escolhendo um morango e mordendo-o. - Onde fica o supermercado do bairro?

Passo as instruções e ela busca por um bloco de notas em meio à sua bolsa de fraldas. Ter o bloco em mãos faz com que eu rabisque várias folhas com os melhores restaurantes da redondeza, uma ótima livraria e uma confeitaria absolutamente fabulosa na avenida Huron. Sinto-me como se estivesse desenhando o mapa da vida que eu tinha antigamente. Aqui estão os lugares onde você deve fazer compras, comer e brincar. Aqui estão as coisas que você, seu marido e seus filhos vão gostar de fazer.

Cambridge é uma ótima cidade, cheia de atrações históricas misturadas com o clima moderno da universidade de Harvard. Talvez eu possa trazer Evan ao parque mais vezes. Talvez possa tentar participar do grupo com necessidades especiais novamente. Ou, talvez, a piscina do bairro. Evan gosta bastante de ir à piscina.

Nadar lhe tira muita energia e o distrai. Eu poderia trazer um livro e relaxar sob o sol. Poderia também preparar bebidas doces e frutadas. *Smoothies* de morango, ou talvez *piñas coladas* sem álcool. Michael eu fomos à região da Baja Califórnia certa vez, e lá bebemos as melhores *piñas coladas* de nossas vidas, feitas com suco de frutas frescas e rum. Começávamos a beber assim que o Sol nascia, enquanto relaxávamos na praia, enfiando os pés na areia quente e branca...

- Victoria?

Estou perdida em meio às minhas fantasias, cometendo o erro de relembrar dias melhores ou de querer uma vida além da jaula em que vivo. O tom estridente da voz de Becki me traz de volta à realidade. Eu paro de desenhar o mapa que vai

levá-la à melhor cafeteria da cidade. Olho para o playground. Levo apenas um segundo para compreender o desespero na voz de Becki.

Evan e o garotinho desapareceram.

Começo com as racionalizações mais triviais. Eles não podem ter ido longe. Só nos distraímos deles por um minuto. Por que ela não dá uma olhada perto da rua?

Vou começar a busca pelas árvores.

Becki, obedientemente, sai correndo em direção à calçada vazia. Eu vou em direção às árvores, chamando pelos nomes de Evan e Ronnie. Nada.

Meu coração está batendo rápido demais e minha respiração está acelerada.

Talvez os meninos estejam brincando de esconde-esconde. Talvez Evan viu Ronnie se afastando do parque, e foi até lá para buscá-lo. Talvez tenham ficado curiosos a

respeito de alguma coisa. Isso acontece com os meninos. Com alguns deles, pelo menos.

Corro ao longo do perímetro da área com as árvores, chamando, chamando, chamando. Nada, nada, nada.

Em seguida, começo a pensar em coisas que uma mãe não deveria pensar.

Aqueles dois garotos no Reino Unido que atraíram um garotinho para longe do shopping center e o mataram perto dos trilhos do trem. Depois, um incidente muito mais perto de nós, quando dois adolescentes assassinaram um garoto de 7 anos forçando-o a engolir cascalho - não queriam que ele contasse aos pais que os dois haviam roubado sua bicicleta. Ou talvez o caso do garoto de 6 anos que botou fogo no corpo do menino de 3. Ou a criança que assassinou sua vizinha com um golpe que aprendeu assistindo a programas de luta-livre, e depois escondeu o corpo da menina debaixo do seu próprio colchão.

Chego até o outro lado do campo, contorno a área atrás da trave, depois volto pelo outro lado, chamando os meninos pelos nomes. As árvores não são tão próximas umas das outras. Posso ver os telhados das casas mais próximas por

entre as copas das árvores. A manhã está tranquila. Quase não há trânsito na rua. Os meninos conseguiriam me ouvir sem problemas. Pelo menos Ronnie deveria responder aos chamados.

A menos que Evan o impedisse.

Minha pulsação começa a acelerar mais. Vejo luzes dançando na frente dos olhos. Acho que vou desmaiar. "Não posso desmaiar. Tenho que pensar, tenho que pensar, tenho que pensar".

Evan não responde. Por que não responde? Porque não quer que eu o encontre.

Porque ele é Evan, está fazendo alguma brincadeira e não quer que eu o descubra ainda. Quer fazer as coisas que tiver vontade, onde quer que esteja.

Estímulos. Tudo se resume a isso quando você tem filhos. Evan não responde por que reduzir meu medo/pânico/insanidade não é estímulo suficiente para ele. Ele precisa de algo melhor.

- Hora do lanche - grito, como se isso fosse uma manhã comum. Becki e eu estamos correndo por todo o campo de futebol e as crianças não estão à vista. -

Muffins de banana e morangos! Vamos lá, quem está com fome?

Evan adora *muffins* de banana. É uma das únicas coisas que permite que eu prepare na cozinha.

Percebo, pelo tom de voz de Becki, cada vez mais agudo, que, conforme um minuto se transforma em outro, ela começa a entrar em pânico. Perder um filho de 3

anos por trinta segundos é uma coisa. Não conseguir encontrá-lo após alguns minutos de busca frenética é outra, completamente diferente.

Não está funcionando. Evan não vai se render aos *muffins* de banana. Preciso de algo melhor.

Eu vou até Becki, virando-a para que nossas costas estejam voltadas para as árvores. - Evan faz essa brincadeira, às vezes - começo a explicar, imaginando se a minha voz realmente está tão tensa e estrangulada quanto parece. - Ele se

esconde e não aparece até ter um bom motivo.

- Como é? - diz ela, claramente preocupada.

- Você tem um celular?

- Tenho - diz ela, retirando o aparelho do bolso. Pego o celular e digito meu próprio número.

- Vou correr até o outro lado do campo - digo a ela. - Quando eu chegar lá, quero que você aperte o botão "enviar". Não olhe para o telefone. Não dê a impressão de que está fazendo uma ligação. Quando eu atender, você pode desligar.

Becki parece estar confusa, mas ela assente, obediente em meio ao medo, querendo alguma coisa - qualquer coisa - que faça seu mundo voltar ao normal. Ela corre para um dos lados do campo, ainda chamando pelo nome de Ronnie, enquanto eu chego ao outro lado. Tento não tocar no meu celular ou dar a impressão de que estou esperando uma ligação. Evan é muito esperto.

Trinta segundos depois, meu celular toca. Não atendo imediatamente. Deixo tocar por um momento ou dois. Faço um gesto exagerado, demonstrando que estou tirando o celular do meu bolso e olhando para a tela do aparelho. Coloco o telefone próximo ao ouvido. - Alô, querida.

Minha voz ainda não soa natural. Talvez não haja problema. Procuro pelo meu filho desaparecido. Assim, é claro que estou um pouco estressada.

- Você quer conversar com Evan? Eu... eu não sei onde ele está, meu bem. Ah, ah... deixe-me ver. - seguro o telefone longe do ouvido, e depois o chamo. - Evan, Chelsea está no telefone. Evan! Sua irmã quer falar com você!

Atravesso o campo e vou até o outro lado. Repito a encenação, alternando entre uma conversa imaginária com um telefone desligado e chamando por Evan para que

atenda a ligação da irmã. Becki parou de procurar. Ela está em pé no playground, simplesmente olhando na minha direção.

Ela começa a entender. Está começando a entender que seus novos "amigos"

não são tão normais quanto parecem. Há algo errado conosco, algo que pode machucá-la.

- Chelsea precisa desligar - chamo, mais uma vez. - Vamos lá, Evan. Agora ou nunca. É sua irmã.

No último momento, quando estou a ponto de desistir, um arbusto se agita em um dos lados do campo de futebol. Evan aparece. Fica em pé bem em frente ao arbusto, com a mão no ombro de Ronnie. O garotinho está chorando em silêncio, como as crianças fazem quando estão completamente aterrorizadas. Ronnie não tenta se afastar de Evan, mas continua onde está. Sua camisa está rasgada, o rosto sujo de terra, e o cabelo cheio de folhas e gravetos.

- Chelsea? - pergunta Evan.

Eu olho nos olhos do meu filho. Estendo-lhe o telefone sem hesitação. -

Chelsea - eu digo, firmemente.

Evan tira as mãos de Ronnie. O garotinho sai correndo em direção à mãe, que o pega imediatamente em um abraço protetor. Evan se aproxima de mim e pega o telefone. Ele o segura contra o ouvido por apenas um segundo e o devolve.

- Você mentiu para mim.

- Por que você levou Ronnie para longe?

- Você me enganou.

- *Por que você levou Ronnie para longe?*

Meu filho angelical sorri para mim. - Nunca vou lhe contar.

Dou um tapa no rosto do meu filho. Vagamente, me lembro de ouvir alguém gritando. Becki, eu acho. Só depois de algum tempo é que percebo que o grito foi meu.

Becki não chama a polícia. Talvez devesse. Mas com Ronnie ainda nos braços, segurando-o junto ao corpo, pega a bolsa de fraldas e sai correndo do parque. Os mapas que desenhei nunca foram postos em sua bolsa. A pressa da partida os

espalha pelo playground. Eu os observo enquanto flutuam pelo gramado.

Locais interessantes da vida que eu costumava ter.

Ao meu lado, Evan chora, segurando a face avermelhada pelo tapa. Meu ato inesperado de violência o deixou chocado, transformando-o em um garoto confuso de 8 anos, agredido pela própria mãe.

Eu deveria me odiar pelo que fiz. Deveria sentir remorso, ou culpa. Mas não consigo sentir nada. Absolutamente nada.

Depois de alguns momentos, atravesso o campo em direção ao banco onde estava sentada. Pego os *muffins*, os morangos e a minha caneca de café com a tampa. Guardo cada um dos objetos na minha bolsa de estampa florida. Vou até o escorregador. Pego os chinelos de Evan e os coloco cuidadosamente sobre potes de comida. Ele parou de chorar. Está em pé, com os ombros curvados, as mãos lhe cobrindo o rosto, soluçando incontrolavelmente.

Poderia deixá-lo ali. Poderia colocar a bolsa sobre o ombro, começar a caminhar e não olhar para trás. Alguém o encontraria. Sem conseguir me encontrar, as autoridades ligariam para o pai da criança. Michael poderia cuidar dele. Evan ficaria feliz com isso.

Talvez eu pudesse ir até o México, a pé. Beber uma *piña colada*. Enfiar os pés na areia. Começo a imaginar o quanto a água do mar deve estar quente nesta época do ano.

- Mamãe - choraminga Evan. - Mamãe, quero ir para casa.

E então, Evan e eu vamos para casa. Chegando lá, nós dois tomamos comprimidos de Ativan e dormimos.

Mais tarde, depois de três, quatro, seis... quantas horas? É difícil dizer. Evan está sentado no sofá assistindo ao desenho do Bob Esponja. Eu me escondo na cozinha, discando um número para o qual não deveria mais ligar. As coisas começaram a ficar estranhas no mês passado. Certa vez, ele chegou até mesmo a me assustar.

Agora, nada disso parece importar. Nem aquele último episódio, nem a ocasião em que seus olhos se tornaram dois poços negros e senti os pelos da minha nuca

se eriçando. Nem a maneira estranha e gutural que a voz dele soou quando disse que precisava ir embora. Tinha alguns assuntos para cuidar. Mas ele me ligaria na segunda-feira. Disse que teria uma surpresa para mim na segunda-feira.

É tarde de sábado. Ainda faltam quarenta e oito horas até a segunda-feira. Não vou aguentar tanto tempo. Preciso dele. Deus do céu, preciso de alguém.

O telefone toca. Uma vez. Duas. Três vezes.

Eu quase desligo. Em seguida:

- Alô?

No momento em que ouço aquela voz de barítono, sinto o estresse, o terror, o medo irresistível me atingirem. Não o medo de que meu filho me mate, mas que, apesar de todos os meus esforços, ele acabe machucando alguém. Ele está crescendo, ficando mais velho, maior, mais forte, mais inteligente. Por quanto tempo vou conseguir levar a melhor? Quanto tempo levará até que ele consiga me vencer em seu próprio jogo?

O terror acaba cedendo. Começo a chorar, e, quando começo, é impossível parar.

- Não vou conseguir - soluço ao telefone. - Não consigo mais lidar com ele.

Não tenho forças.

- *Shhh*, *shhh*, *shhh* - diz ele, me acalmando. - Vou ajudá-la, Victoria. É claro que vou ajudá-la. Agora, respire fundo e me conte tudo o que aconteceu.

Capítulo 16

Andrew Lightfoot morava em Rockport, cerca de trinta minutos ao norte de Boston. A pequena e bucólica cidade ficava empoleirada na beira do litoral Atlântico e oferecia todas as amenidades turísticas costumeiras, incluindo sorveterias, doces artesanais e quilos de calda de chocolate caseira. D. D. adoraria poder viver em Rockport, caso algum dia ganhasse na loteria.

O sistema de GPS obedientemente os guiou até o endereço de Lightfoot, fornecido pelo departamento de trânsito. D. D. seguiu pela longa via de acesso até que uma casa repentinamente apareceu em meio à paisagem castigada pela

brisa marinha. Ao seu lado, Alex deu um longo assobio. Ela simplesmente fixou os olhos na casa, esticando o pescoço para enxergar melhor pelo para-brisa.

Andrew Lightfoot tinha uma mansão. Uma estrutura moderna e imponente, que se erguia diretamente sobre os costões rochosos, com torres de vidro voltadas para o verde-acinzentado do mar.

- De três a quatro milhões, provavelmente - comentou Alex, estimando o preço do imóvel. - Quantas auras é preciso purificar para comprar uma casa como essa?

- Não sei, mas assim que o próximo furacão forte chegar até aqui, essa casa vai virar um monte de entulho.

- Acho que estão usando vidros especiais agora - disse Alex.

D. D. ainda tinha suas dúvidas. - Acho que os construtores se esqueceram de que este lugar às vezes sofre com os grandes furacões.

Ela parou o carro ao lado de uma cascata gorgolejante que caía sobre uma pilha de pedras decorativas. Ao lado da cascata havia algumas pilhas de pedras menores, pedaços de granito gravados com caracteres japoneses e uma pequena coleção de flores elegantes e gramíneas ornamentais. Uma atmosfera bastante zen, supôs D. D.

Aquilo imediatamente a deixou em estado de alerta.

D. D. e Alex andaram pelo passadiço sinuoso. Uma imensa porta de entrada, feita de vidro entalhado em uma armação de madeira, permitia que enxergassem por dentro da casa até o oceano do outro lado. Janelas com mais de dois metros de altura em ambos os lados da porta expandiam ainda mais a perspectiva. Um cachorro pequeno, de pelo castanho, estava sentado em frente à janela direita. Ao perceber que os investigadores se aproximavam, começou a latir.

- Belo cão de guarda - comentou Alex.

- Cachorros pequenos mordem mais as pessoas do que os grandes. Os pequenos simplesmente têm uma fama melhor.

- Acho que é por causa do laço cor-de-rosa na cabeça.

- Ignore os acessórios, mas fique de olho nos dentes - aconselhou D. D.

Alex lhe deu um sorriso torto. - Engraçado. Disseram-me a mesma coisa sobre você.

Ela lhe mostrou os dentes caninos, depois bateu na porta. O cãozinho começou a correr em círculos, com os latidos alcançando novos picos de histeria. Em seguida, de algum lugar dentro da casa, D. D. ouviu uma voz de homem dizer:

- Obrigado, Tibbie. Já estou indo. Calma, querida. Calma.

Um homem se aproximou da porta de entrada, com as feições obscurecidas pela luz que brilhava pelas janelas atrás dele. D. D. teve a impressão de que ele era um homem alto. A porta se abriu e ele apareceu em frente aos investigadores. Ela quase sentiu os joelhos fraquejarem, mas forçou-se a permanecer firme.

- Posso ajudá-los? - perguntou o homem, educadamente. Ele usava uma camiseta verde de tecido fino, que se esticava por sobre os músculos peitorais e abdominais bem definidos. Suas calças de linho cor de creme realçavam suas pernas longas e bem torneadas, e um cordão simples de couro atraía a atenção para a pele bronzeada do pescoço e as pontas encaracoladas do cabelo claro, queimado pelo sol.

Uma casa que valia uma fortuna. Um homem impressionante. E o cheiro de pão recém-assado.

- Andrew Lightfoot? - perguntou D. D., com a voz ligeiramente exasperada.

- Departamento de polícia de Boston - completou Alex, depois que o homem confirmou com um aceno de cabeça. Alex olhou D. D. com curiosidade ao perceber que ela continuava muda. - Sargento D. D. Warren e investigador Alex Wilson -

prosseguiu ele. - Podemos entrar?

- É claro - disse Lightfoot, afastando-se da porta e os convidando a entrar. A presença da polícia não parecia surpreendê-lo. O assassinato da família Harrington chegara à primeira página dos jornais. Devido ao trabalho de Lightfoot com a família, talvez já houvesse ligado os pontos e estivesse esperando que o departamento de polícia lhe fizesse uma visita.

A cadela, Tibbie, havia parado de latir e agora corria em círculos ao redor dos

visitantes. Parou para cheirar o tornozelo de Alex, rosnou para D. D. e voltou a cheirar Alex.

- Tibbie - disse Lightfoot, sem muita rispidez. - Perdoe-a. Ela é uma spaniel tibetana. É uma raça que existe há dois mil anos. Eram os cães de guarda dos monastérios tibetanos. Naturalmente, Tibbie tem opiniões bem arraigadas a respeito de estranhos.

Lightfoot sorriu para D. D., inclinando-se para frente e sussurrando: - Ela também é um pouco mimada, e não gosta de ter outras mulheres bonitas por perto, competindo por atenção - disse ele, com uma piscadela. Em seguida, endireitou a postura e entrou pela casa.

- Por favor, fiquem à vontade. Acabei de assar alguns *croissants*. Vou trazer uma bandeja para comermos enquanto conversamos. Preferem café ou chá?

- Café - respondeu Alex, educadamente. D. D. concordou com um aceno de cabeça.

Lightfoot desapareceu pelo corredor. Tibbie permaneceu na sala, flertando com Alex. O detetive se curvou, estendendo a mão para acariciar a pequena spaniel. Ela cheirou-lhe os dedos cuidadosamente, e depois pulou em seus braços, aconchegando-se.

- É muito boazinha - disse Alex, obviamente impressionado consigo mesmo. Ele entrou na ampla sala de estar, com sua nova amiga nos braços. D. D. o seguiu.

O interior da casa de Lightfoot era tão impressionante quanto a parte externa. O

piso estava coberto por pedras em tom verde-acinzentado. Plantas exuberantes suavizavam as linhas das colunas de sustentação. Sofás em tons claros e espreguiçadeiras formavam áreas de descanso separadas. De maneira geral, entretanto, qualquer pessoa que estivesse ali poderia admirar uma parede com quatro imensas janelas basculantes que ficavam de frente para o oceano Atlântico.

As janelas estavam abertas, os ventiladores de teto faziam circular o aroma distinto da brisa marítima, agitando as folhas das plantas. D. D. podia ouvir o

som de gaivotas e sentir o cheiro da maresia. Era uma ótima vida, se fosse possível pagar por ela e mantê-la. Ela imaginou como, exatamente, um curandeiro espiritual teria condições de sustentar este lugar.

Lightfoot reapareceu, trazendo uma bandeja de bambu cheia de *croissants*, três canecas e uma prensa francesa grande, cheia de café. Colocou a travessa na mesa de centro mais perto do piano de cauda; D. D. e Alex foram até lá. Lightfoot viu que Tibbie estava nos braços de Alex e abriu um sorriso triste.

- Ei, não se esqueça de que eu ainda estou na sala - disse ele à sua cadela volúvel. Ela levantou a cabeça ao ouvir sua voz e bocejou. Ele riu.

- Tibbie é ótima para julgar o caráter das pessoas - disse ele a Alex. - Na minha opinião, cães são muito mais abertos e perceptivos em relação aos campos de energia. É por isso que são eficazes em terapias que envolvem o contato com animais. Se conseguíssemos abrir nossas mentes tanto quanto eles, poderíamos todos ajudar a fazer do mundo um lugar melhor.

D. D. aceitou uma xícara de café e um *croissant* quente. Sentou-se ao lado de Alex. Lightfoot se sentou na cadeira diretamente em frente aos dois, com uma perna cruzada casualmente sobre a outra. Ainda parecia estar relaxado, a imagem do anfitrião simpático que exibia a casa, amistosamente. Um comportamento interessante para um homem cujo cliente fora brutalmente assassinado.

- Sabe por que estamos aqui? - perguntou D. D.

Lightfoot juntou os dedos em frente ao peito e balançou a cabeça negativamente. - Entretanto, sei que vocês irão me revelar os motivos quando estiverem preparados.

Aquilo deixou D. D. surpresa. Ela olhou para Alex, que também parecia haver sido pego de surpresa. Rapidamente, os dois endireitaram suas feições.

- Você tem o hábito de assistir TV? - começou D. D.

- Não tenho nenhuma televisão em casa - respondeu Lightfoot, tranquilamente.

- Não se interessa pelas notícias? É algo mundano demais para você?

Lightfoot sorriu. - Receio que esteja viciado em usar a internet como fonte de informações. E, sim, leio as notícias, várias delas. Porém, nos últimos dias, estive desconectado, como dizem por aí. Recentemente terminei os trabalhos em um caso particularmente complicado, e precisava de um pouco de tempo a sós, apenas com o som do vento e das ondas.

- Um caso? - perguntou Alex, ainda acariciando o cão.

- Ouviram falar de Jo Rhodes? - perguntou Lightfoot.

D. D. e Alex balançaram a cabeça negativamente.

- Ela era uma famosa dançarina de cabaré que foi brutalmente assassinada durante a década de 1920. Seu corpo foi encontrado mutilado e enforcado em um quarto de hotel, e o assassino nunca foi capturado. Eu encontrei a alma de Jo

vagando nos interplanos espirituais. Uma presença muito, muito enraivecida.

Nenhuma tolerância a homens, como devem imaginar. Originalmente, bloqueei o meu espírito à sua presença. Mas, depois de algum tempo, comecei a pensar no caso.

Parecia uma tragédia enorme. Primeiro ela foi assassinada e agora estava presa, vítima de seu próprio ódio. Então, decidi lhe oferecer minha ajuda.

- Você entrevistou um fantasma para identificar o assassino? - perguntou D. D., confusa.

Lightfoot sorriu. - Não. Ajudei Jo a se livrar da raiva. O homem que a matou morreu há vinte anos. Era a própria negatividade de Jo que a impedia de evoluir.

Demoramos algumas sessões, mas ela redescobriu a luz que havia dentro de si. E

então, conseguiu progredir em sua jornada. Uma experiência gratificante, mas muito penosa e exaustiva.

D. D. não sabia o que dizer. Colocou a xícara de café sobre a mesa de centro. -

Sr. Lightfoot...

- Andrew.

- Sr. Lightfoot - repetiu ela. - O que exatamente você faz?

- Em termos coloquiais, sou um especialista em assuntos místicos.

- Assuntos místicos?

- Sim. Vocês sabem. Sexto sentido, poderes espirituais, outros planos de existência. De acordo com a minha experiência, os policiais também são adeptos do oculto; vocês simplesmente não usam este nome. Instinto de investigador, palpites, sensações viscerais, coisas assim. São aqueles elementos extraordinários que os ajudam a concluir o trabalho.

D. D. o encarou, cética. - Quer dizer então que você vende... suas habilidades com o misticismo, e seus talentos o ajudam a pagar por tudo isso? - disse ela, gesticulando em direção aos objetos que decoravam a ampla sala de estar.

- Antes de lidar com o misticismo, eu era agente de investimentos - respondeu Lightfoot, tranquilamente. - Um ótimo agente de investimentos. Dirigia um Porsche, escolhia as mulheres com quem transava de acordo com o tamanho dos seios e tentava sempre prejudicar os meus rivais. Ganhei dezenas de milhões de dólares em riquezas materiais. E cheguei até o ponto em que meu espírito estava totalmente esgotado. O dinheiro não traz felicidade, embora eu seja o primeiro a dizer que foi bem divertido tentar comprá-la durante algum tempo.

- E você simplesmente se afastou da carreira nas finanças?

- Um dia, enquanto estava a caminho do trabalho, passei em frente a uma cartomante. Ela agarrou meu braço e exigiu saber por que eu estava desperdiçando meus talentos. Disse que eu deveria estar curando almas perdidas, não trabalhando em Wall Street. Naturalmente, me desvencilhei daquela velha louca. Entretanto, uma semana depois, jantei com um amigo dos tempos da faculdade que havia sido diagnosticado com câncer de pele. Quis fazer uma piada e segurei na mão dele.

Senti um calor infernal, como se a minha mão estivesse em chamas. Em seguida, senti o mesmo no braço, no peito, no rosto, até nos cabelos. Quando finalmente o soltei, não conseguia respirar nem pensar. Saí do restaurante cambaleando, tomei oito copos de água e fui dormir. No dia seguinte, meu amigo me ligou. Havia ido

ao médico para discutir as opções de tratamento, e o tumor que tinha nas costas desaparecera. Testaram quatro outras áreas no seu corpo. Nenhuma célula cancerosa. Todas desapareceram. No dia seguinte, pedi demissão do emprego.

D. D. levantou uma sobrancelha. - Então você trocou sua vida fútil e materialista para compartilhar altruisticamente o seu dom com o resto da humanidade. Tudo bem. E como a humanidade o encontra?

- Propaganda boca a boca. Pela internet.

- Você tem um website?

Ele sorriu. - AndrewLightfoot.com. Talvez você queira se inscrever para as sessões de meditação online. Eu faço com que milhares de consciências se unam pela internet e canalizo as energias em direção a um objetivo comum. Coisa muito, muito poderosa.

- E qual é o objetivo comum?

- Buscar a iluminação. Afastar as trevas.

- "As trevas"?

- As energias funcionam em ambas as direções. Para cada positivo, há também um negativo. Faz parte do senso comum - disse ele, fazendo uma pausa e olhando para os investigadores, com um olhar cheio de expectativa.

- Eu concordo com o senso comum - disse D. D. Ao seu lado, Alex assentiu.

Estava comendo seu segundo *croissant,* com o cão ainda aninhado em seu colo.

- Vocês concordariam também que cada um de nós faz irradiar as próprias energias, e que alguns são mais fortes do que os outros? Talvez vocês vejam isso

como a força da personalidade, ou um carisma natural. É assim que escolhemos os nossos amigos; a simples presença deles nos faz sentir mais relaxados ou alegres.

Evitamos outros porque é doloroso ficar perto deles, ou porque sua presença nos deprime. Nós os consideramos negativos, sejam eles raivosos, irritadiços, ou

simplesmente detestáveis. Todos emitem energia, e, em um nível ou outro, nós reagimos a essa energia.

D. D. deu de ombros. - Energias positivas e energias negativas são equivalentes a pessoas positivas e pessoas negativas. O que você oferece a seus clientes, sr.

Lightfoot?

- Tenho várias habilidades - respondeu ele.

- Surpreenda-me.

- Represento a quinta geração de uma linhagem de curandeiros, na linha de ancestrais do meu pai.

- Lightfoot? - D. D. olhou para os cabelos claros, com luzes e reflexos esbranquiçados. - Não é exatamente a imagem-padrão dos norte- americanos nativos.

- Voltei a usar o nome indígena do meu tataravô - explicou ele. - Me pareceu mais adequado para esse tipo de trabalho. Infelizmente, não posso fazer muito pelas minhas feições caucasianas. São um presente dos genes da minha mãe, que era irlandesa.

- Como você cura as pessoas?

- É uma questão de se abrir para receber as energias. Eu me elevo para um estado superior, e depois me abro para a negatividade. Doenças, para mim, dão a sensação de serem como estalactites de gelo, como se uma geleira houvesse se enraizado no interior de uma pessoa. Eu atraio as energias positivas dentro de mim e ao meu redor e as canalizo para as mãos. Em seguida, coloco minhas palmas sobre o corpo da pessoa, deixando a energia positiva queimar a energia negativa que ela tem dentro de si. As pessoas dizem que podem sentir quando faço isso. Um calor intenso, começando em um ponto e depois se irradiando e expandindo dentro do corpo. Eu também trabalho com meus clientes para fortalecer suas próprias energias positivas, e para que consigam se blindar contra a negatividade. E a se abrir e abraçar a luz que há ao seu redor. Todas as pessoas, até certo ponto, podem aprender a curar a si mesmas e se manter saudáveis. Alguns de nós, simplesmente, têm um dom mais forte para lidar com isso.

- Você coloca as mãos sobre o corpo da pessoa - disse D. D., vagarosamente -

e depois declara que ela está curada?

- Eu disse que vocês não eram o tipo de pessoa que entende sobre misticismo -

disse ele, sorrindo. Lightfoot inclinou a cabeça, estudando-a cuidadosamente por um minuto. - Deixe-me adivinhar. Você é uma investigadora de experiência comprovada.

Uma garota durona, que trabalha com bastante empenho. Tem orgulho de ser uma pessoa forte, que sempre prende os culpados pelos crimes. Seria a primeira a admitir que dominou completamente sua fera interior.

D. D. piscou, sem conseguir responder.

Lightfoot se inclinou para frente e falou com o mesmo tom de voz, baixo e hipnótico: - Talvez a solução não seja controlar sua fera interior, Sargento Warren.

Talvez a chave para a felicidade esteja em encontrar o seu anjo interior.

Ele voltou a se recostar na poltrona, mas continuou olhando fundo em seus olhos. A enfermeira Danielle tinha razão. Esse desgraçado arrogante. E, mesmo assim... mesmo assim...

- Você ficaria surpresa se lhe dissesse que meu pai trabalhava como policial? -

continuou Lightfoot, abruptamente. - Não era um investigador em um departamento importante em uma cidade grande, como você. Era policial em uma cidade pequena.

Eu, é claro, era o filho ambicioso que mal podia esperar para fugir em busca das luzes da cidade grande. Depois do meu encontro com a cartomante, liguei para o meu pai. Ele confirmou que éramos descendentes de xamãs, mas não estava disposto a dar muito crédito aos nossos ancestrais. Mesmo assim, tinha um talento instintivo para perceber qual era a verdadeira natureza de uma pessoa. Sabia quando alguém estava mentindo. Sabia quais eram os homens que batiam nas esposas e quais eram as mães que espancavam os filhos. E ele sabia quando alguma coisa ruim estava prestes a acontecer. Ele era capaz de sentir a

negatividade crescendo no ar, como se fosse uma onda de eletricidade. E levava os suspeitos habituais para a delegacia, caso aquilo pudesse fazer a diferença. Não acho que meu pai acreditasse nas próprias habilidades, por mais que ficasse confuso em relação a elas. Como vivíamos em uma comunidade pacífica, será que aquilo significava que ele tinha poucos talentos de cura? Ou nós vivíamos em uma comunidade pacífica especialmente porque ele tinha seus incríveis talentos de cura? Bem-vinda à natureza complexa do oculto.

- Você costuma trabalhar com crianças? - perguntou D. D., subitamente.

- Trabalho com todas as idades.

- Vamos falar sobre crianças, então - insistiu D. D.

Ele estendeu as mãos em um gesto amplo. - O que você gostaria de saber,

Sargento?

- As curas que você realiza vão além do campo físico? Incluem doenças mentais também? Você sabe, crianças com problemas psiquiátricos, esse tipo de coisa.

- Já trabalhei com algumas crianças que, de acordo com a classificação de alguns especialistas, sofriam de distúrbios emocionais.

- E como você as classificaria?

- Como almas antigas. Seres incrivelmente sábios e sensíveis que sofrem ataques incansáveis de outras forças negativas e poderosas. Energias negativas como essas são atraídas pela luz, em especial por almas antigas e tentarão fazer de tudo para destruí-las.

D. D. teve que pensar naquele argumento. - Voltamos a falar sobre a batalha? A guerra entre a luz e as trevas? Meio parecido com o filme *Guerra nas Estrelas*, você não acha?

- Mais parecido com *O Senhor dos Anéis*, eu imagino - disse Lightfoot, sorrindo.
- Você é uma alma antiga - disse ele, repentinamente.

- Deve ser por causa da umidade.

- Você não acredita em mim.

- Nem por um segundo. Embora ache interessante que, quando alguém como eu conversa com alguém como você, essa pessoa sempre é importante. Uma alma antiga. A antiga rainha de Sabá. A cartomante nunca diz que alguém foi um camponês há mil anos, embora a maioria das pessoas fosse. E, aparentemente, um xamã nunca diz que alguém é apenas uma fagulha no cosmos da vida, embora, novamente, a maioria das pessoas seja.

- Você precisa encontrar a verdade dentro de si mesma.

- Como diz o ditado, me diga algo que eu ainda não saiba.

Lightfoot riu, parecendo se deliciar com a cena. D. D. olhou para a xícara de café, que estava pela metade e dedilhou nervosamente o seu guardanapo. Podia sentir que Alex a observava, vendo mais do que ela queria revelar.

- Garotos jovens, almas antigas - esbravejou ela. - Do que você realmente está falando?

Lightfoot juntou as pontas dos dedos novamente, assumindo um tom

professoral.

- Apesar da sua afirmação, não acredito realmente em vidas passadas. Acredito que todas as coisas estão acontecendo agora, neste momento, mas em um número infinito de planos. Sua alma visita este plano para passar por este conjunto de experiências. Alegria, dor, amor, ódio etc. Às vezes, almas antigas vêm para este plano, mas dentro do corpo de um bebê. Essas almas antigas, que têm tanto poder que podem exercê-lo por inúmeros planos, atraem energias sombrias. Toda ação gera uma reação. Todos os positivos atraem negativos. Infelizmente, crianças pequenas não desenvolveram as habilidades de enfrentamento necessárias para se proteger contra forças negativas. Sua sensibilidade exacerbada significa que atraem todas as coisas, desde a preocupação da mãe com a falta de dinheiro para comprar comida até o medo das crianças do bairro de serem atacados por um valentão. São constantemente bombardeados por todas essas energias conflitantes. Especialmente durante a noite, quando as forças negativas crescem em poder. Essas crianças apresentam personalidades divididas, impulsivas e superestimuladas. Um dia, Johnny age de maneira extremamente encantadora e amável, uma personalidade que é dez

vezes maior do que o seu próprio tamanho. No dia seguinte, Johnny é um monstro, atacando qualquer pessoa que apareça pela frente, inclusive a irmã, que ainda é um bebê. Fisicamente, essas crianças sentem muito calor. Arrancam as próprias roupas, casacos, chapéus, luvas, sapatos e meias. Intelectualmente, são muito inteligentes, mentes brilhantes presas em uma jaula corpórea caótica. Elas não amam, apenas; amam com todas as forças. Não odeiam, apenas; odeiam com todas as forças. Tudo acontece muito intensamente com essas crianças, e nada consegue acalmá-las. Nem a terapia, nem os medicamentos, nem as dúzias de outras tentativas que os pais fizeram antes de chegar até mim. O problema não é somente físico, intelectual ou emocional. É espiritual, e esse é um plano de existência que os especialistas de hoje deliberadamente ignoram.

- Está falando de exorcismos? - perguntou D. D., incrédula.

- Sargento, eu não acredito em Deus. Portanto, também não acredito no diabo.

- Mas você acredita na luz e nas trevas.

- Absolutamente. É o ponto de partida quando converso com os pais. Cada família começa com algumas habilidades e rituais básicos. Trabalhamos com meditação, purificação espiritual e exercícios de proteção.

- Exercícios?

- Quer um panfleto com explicações?

- Nada me deixaria mais feliz.

- Eu lhe darei um antes de você ir embora. Ou então, você pode encontrar a informação no site AndrewLightfoot.com.

- Você disponibiliza os exercícios? Gratuitamente?

- Lembre-se, os dons foram feitos para serem compartilhados.

- Certo. Mas a energia negativa, não.

- Agora você está começando a entender. Os exercícios são mantras básicos.

Desenvolvi algumas palavras de exemplo para cada um dos exercícios, pois

percebi que as pessoas mais tradicionais precisam de ajuda para começar. Assim, me reúno pessoalmente com a família, preferencialmente na própria casa deles, de modo que eu possa sentir quais são as energias presentes.

- Na casa inteira?

- Sim. Nessas casas, a sensação é que você está entrando em uma geladeira. A negatividade está por toda parte. Não é de se admirar que uma alma antiga ache que está ficando louca.

- Então, quando você está na casa...

- Oriento uma meditação em grupo, fazendo com que cada membro da família se concentre em sua própria luz, o máximo que conseguir. Quando consigo estabelecer o foco do grupo no amor, posso tentar um exercício de proteção. Posso também tentar purificar alguns indivíduos especificamente, começando pela mãe. Os laços de uma criança com a mãe são extremamente poderosos. Assim, qualquer negatividade que aflija a mãe vai ser repassada à criança. Como vários médicos poderão lhe dizer, cuidar da mãe é cuidar do filho.

D. D. já ouvira isso antes. - E o que você faz nessas horas? Entoa mantras, queima penas, manipula cristais, o quê?

Ele sorriu. - Não queimo penas. Gosto de cristais, mas somente porque outras pessoas gostam de cristais, também. Ter um talismã os ajuda a se concentrar. Quanto a mim, eu converso. Tento educar as famílias a respeito das energias e as ajudo a entender como seu filho está vivenciando o mundo. Eu os ensino a dissipar a raiva que sentem em relação ao filho, encontrar a tolerância e o amor outra vez. Tento ajudá-los a sentir a energia positiva e resistir à negatividade que existe dentro de si mesmos. Se conseguirem alcançar suas verdades interiores, poderão voltar a ser bons pais. São famílias divididas. Os casamentos estão desgastados. Os laços entre

os pais e os filhos estão a ponto de se romper. Laços entre irmãos estão corrompidos. É preciso curar a família inteira, não apenas a "criança-problema".

Outra fraqueza do sistema médico moderno, certamente, reside no fato de que os especialistas estudam apenas o elo mais fraco e nunca a corrente inteira.

- E o que dizem os médicos? - interveio Alex. - Eles certamente têm opiniões

formadas sobre o tipo de trabalho que você desenvolve com os pacientes.

Lightfoot balançou a cabeça. - São muito poucas. Na minha concepção, o espírito, a mente e o corpo não são mutuamente exclusivos. Todos devem receber cuidados. A minha especialidade é o espírito. Eu deixo os médicos cuidarem do resto.

- Você acabou de nos dizer que ajuda as pessoas a decidirem que não querem ficar doentes - contra-atacou D. D. - Isso me soa como charlatanismo.

- Essas crianças não estão realmente doentes - retrucou Lightfoot. - Elas estão sofrendo um ataque de negatividade e precisam que seus espíritos sejam fortalecidos.

- Ou de medicamentos.

- A maioria das crianças que atendi já recebeu remédios demais.

- Ou seja, você não acredita que os medicamentos funcionem.

- Correto.

- Você diz isso às famílias?

- Quando perguntam, sim.

- Imagino que os médicos não gostem das suas opiniões.

- Imagino que você esteja certa.

D. D. o estudou por um momento. - O que mais você recomenda? Além dos

"exercícios espirituais".

- Desintoxicação. Você é investigadora; talvez se interesse em saber que um estudo acadêmico envolvendo presidiários descobriu que eles tinham níveis significativamente maiores de metais pesados na corrente sanguínea do que a média nacional. Sabe-se que níveis mais altos de mercúrio, em particular, exacerbam as flutuações de humor e aumentam a raiva das pessoas. Assim, eu recomendo que o cliente siga uma dieta saudável durante sete dias para reduzir

os níveis de metais pesados no organismo, assim como as inflamações. Alimente o corpo e você estará

alimentando a alma.

- Alimente o corpo e você estará alimentando a alma - repetiu D. D. - Você realmente sabe usar frases de efeito.

- Eu promovo oficinas, também - disse ele, sem pestanejar. - Novamente, as informações estão em AndrewLightfoot.com...

D. D. olhou para Alex. O cachorro ainda estava dormindo tranquilamente em seus braços, mas Alex tinha a expressão de um detetive que pensava em várias coisas ao mesmo tempo.

- E os Harringtons? - perguntou D. D., finalmente, tentando identificar alguma reação no rosto de Lightfoot. - O que você prescreveu para eles?

- Não - disse Lightfoot, firmemente. Não demonstrou qualquer incômodo ou ansiedade com a pergunta. Apenas falou com firmeza.

- Não? Como assim? - perguntou D. D., cuidadosamente.

- Posso não ser um médico no sentido tradicional da palavra, mas ainda respeito a privacidade dos meus clientes. Se quiser saber algo sobre algum dos meus pacientes, você terá que perguntar a eles.

D. D. decidiu arriscar. - Se eu ligasse para Denise e Patrick Harrington agora, dissesse a eles que estou na sua casa, e pedisse permissão a eles, você falaria?

- Eu mesmo teria de ligar para eles - disse Lightfoot, após um momento. - Para garantir que é a mesma família Harrington. Se eles concordarem com o pedido, falarei.

- Então ligue para eles - disse D. D., com a voz suave.

Lightfoot se levantou, atravessou a sala até uma arca chinesa antiga do outro lado da sala, pegou um aparelho de telefone sem fio e digitou os números. D. D.

olhou para Alex, que estava acariciando as orelhas de Tibbie.

- Ele não sabe - murmurou Alex.

- Ou é um ótimo ator.

- Ele é encantador.

- Tenho certeza de que isso funciona muito bem para ele.

- E para você, funciona? - perguntou Alex.

D. D. se recusou a responder aquilo. Lightfoot retornou, segurando o telefone como se pedisse desculpas. - Aparentemente, eles não estão em casa.

- Realmente, não estão.

- Você sabia disso?

- Sim.

Lightfoot não estava mais sorrindo. - Sargento, eu acredito que essa conversa já chegou ao limite. O que você quer saber?

D. D. foi direto ao ponto. - Quero saber por que você ajudou Ozzie Harrington a matar a própria família.

Capítulo 17

- Anjo interior é o raio que o parta - resmungava D. D. para si mesma, vinte minutos depois. Haviam chegado ao carro e estavam saindo da propriedade de Lightfoot. Já passava do meio-dia. Sua pressão arterial subira, e o nível de açúcar no sangue estava baixo demais. Ela acelerou o carro e saiu em alta velocidade, fazendo os pneus guincharem contra o asfalto, entrando no meio do tráfego de veranistas e indo em direção a Rockport.

- Para onde estamos indo? - perguntou Alex. A janela do seu lado estava aberta, com uma das mãos sobre o teto do carro para conseguir se segurar conforme D. D.

fazia a primeira curva em alta velocidade.

- Loja de chocolates - respondeu ela, acelerando impacientemente enquanto

ultrapassava o primeiro motorista boquiaberto, e depois o segundo. Se as pessoas queriam olhar para o oceano, deveriam estacionar o carro e caminhar, ora bolas.

- Para mim está ótimo - disse Alex.

Demorou dez minutos até que D. D. conseguisse encontrar o lugar, do qual se lembrava vagamente. Estivera ali há cerca de cinco anos, quando veio a Rockport para um encontro. Depois, teve que circular pelo quarteirão cinco ou seis vezes até encontrar um lugar onde pudesse estacionar - e, quando encontrou, a vaga era quase do mesmo tamanho que o seu carro. Alex ergueu uma sobrancelha. D. D. considerou aquilo uma questão de honra. Seu orgulho exigia que conseguisse fazer a baliza logo na primeira tentativa.

- Anjo interior é o raio que o parta - disse ela novamente, por entre os dentes, ao abrir a porta do carro e sair em direção à loja de chocolates e cafeteria. Ao entrar, pediu um sanduíche de queijo grelhado, uma garrafa de chá gelado e dois quilos de creme de chocolate.

- É para o resto do departamento - disse ela, em tom cerimonioso, enquanto Alex balançava a cabeça ao olhar o balconista encher a embalagem. - Todos estão se esforçando demais.

Alex pediu duzentos gramas de chocolate branco com calda de chocolate mesclado, mas não quis um sanduíche. Aparentemente, só almoçava uma vez por dia. Era um peso-leve.

Os dois foram para a última mesa que continuava livre na cafeteria, com espaço apenas para duas pessoas se sentarem, com as cabeças bem próximas. Alex abriu a

embalagem dos seus chocolates e saboreou-os demoradamente, deliciando-se com cada mordida. Aquilo apaziguou D. D. Quando os ombros dela relaxaram e metade do seu sanduíche já havia desaparecido, entretanto, ele começou.

- Parece que o tal xamã mexeu com você.

- Não me venha com essa. Foi você que se despediu do cachorro com um beijo na boca.

- Ela insistiu para que eu o fizesse - disse Alex, mas tocou sua boca,

constrangido. - Além disso, Tibbie não é uma suspeita de assassinato em potencial.

- De acordo com Lightfoot, ele também não é.

- E o que você me diz, então?

- Detesto este caso, cada vez mais - grunhiu D. D., deixando o sanduíche de queijo de lado e abrindo a embalagem do doce que havia comprado. Chocolate com uma grossa camada de manteiga de amendoim. Melhor assim. - Misticismo é o raio que o parta.

- Não se interessa pelos planos celestiais?

D. D. fulminou Alex com o olhar. Haviam forçado Lightfoot a discutir alguns detalhes sobre a família Harrington. De acordo com ele, começara a trabalhar com Ozzie há quase um ano. Depois de visitas iniciais e atividades com a família, ele começou a trabalhar individualmente com Ozzie para ensinar exercícios básicos de meditação ao garoto, incluindo instruções sobre como fazer aflorar a luz que ele tinha dentro de si e construir um escudo contra as energias negativas.

De acordo com as explicações de Lightfoot, seu trabalho era mais efetivo durante a noite, em sua própria casa, onde entrava em uma espécie de transe. Em seguida, com a permissão dos pais de Ozzie, visitava a família inteira nos

"interplanos", onde poderia trabalhar diretamente com o espírito de cada um.

Durante sua primeira jornada, Lightfoot descobriu que Ozzie fora concebido a partir de um estupro. Muito da raiva do garoto vinha desde o momento da sua concepção.

Assim, Lightfoot fez com que o espírito de Ozzie pudesse se encontrar com o espírito do homem que estuprou sua mãe, para que "o processo de cura pudesse começar". Ozzie também trazia uma ferida profunda causada pela morte da mãe natural. Assim, Lightfoot fez com que o espírito de Ozzie pudesse se encontrar com o espírito de sua mãe, para que ela pudesse lhe dizer que nunca desejou abandoná-

lo, e que o amava muito.

Em cerca de quatro semanas, as atividades noturnas fizeram que Ozzie tivesse

bons resultados durante o dia, comportando-se de maneira mais tranquila. No decorrer de dois meses, o garoto tornara-se mestre na arte de respirar profundamente, visualizando sete anjos que lhe davam sete abraços. Em três meses, era capaz de produzir sua própria barreira de proteção e os pais começaram a diminuir as doses de medicamento que ele recebia, com o consentimento do médico de Ozzie, de acordo com o que Lightfoot lhes dissera.

- Uma alma muito, muito poderosa - dissera Lightfoot, aparentando estupefação.

- É lindo testemunhar o encontro de uma dessas almas consigo mesma.

D. D. mencionou o fato de que Ozzie assassinou alguns esquilos da vizinhança.

- Foi uma oportunidade para o aprendizado - informou Lightfoot. - Ninguém se cura da noite para o dia. Para cada passo adiante, há um passo atrás.

Em sua opinião, aquele homem adorava frases de efeito. E imaginou que mães estressadas e desesperadas provavelmente devoravam suas palavras, mordiam as iscas que ele lançava. Lightfoot era um tele-evangelista da medicina alternativa.

- Acho que Lightfoot acredita realmente no que faz - disse D. D. a Alex. - E...

acho que o tipo de carisma que ele tem, juntamente com a boa aparência, é uma combinação muito perigosa. Um homem forte. Pais fragilizados. O meu instinto para detectar charlatanices estava quase gritando.

Alex comeu outro pedaço de chocolate. - Por quê?

- Você não prestou atenção na conversa que tivemos com ele? Interplanos, curas espirituais, abraços de anjos... essas crianças têm instintos violentos. Batem em seus pais com porretes, atiram em suas mães, esfaqueiam os irmãos. Acho que precisam de mais que simples exercícios de respiração.

- E do que mais eles precisam? - perguntou Alex, dando de ombros. - Lembra-se de Danielle, a enfermeira da unidade psiquiátrica? A medicina moderna também não sabe o que fazer com essas crianças. Não há uma grande variedade de medicamentos e há efeitos colaterais demais. Não sei. Nunca meditei em minha vida, mas, se tivesse um filho ensandecido e os médicos me dissessem que as

opções de tratamento haviam se esgotado... é claro que eu ligaria para Lightfoot.

Meditar não vai machucar uma criança. Nem uma dieta a base de caldo de legumes, frutas orgânicas ou visitas noturnas aos interplanos. Não se pode culpar os pais por tentar curar os filhos.

- É exatamente esse o perigo - disse D. D.

Alex a olhou por alguns minutos. - Você não acredita em nada do que ele disse?

Nem nas teorias sobre personalidades negativas e positivas? Eu poderia falar sobre a minha tia Jeanine. Aquela mulher seria capaz de fazer o presidente do Clube dos Otimistas se suicidar. Ela é a depressão em forma de gente. Eu poderia acreditar que ela é o tipo que envia energias negativas para o universo.

- Existe uma grande diferença entre pessoas que são naturalmente felizes ou tristes e surfar as ondas do universo espiritual durante a noite.

- Acho que policiais conhecem o misticismo - continuou Alex. - Pelo menos, os bons policiais conhecem.

- Instinto é instinto, não misticismo - disse D. D.

- Não sei se concordo. Muitas pessoas diriam que o instinto é realmente um talento impossível de se explicar, a não ser por meios místicos.

- E elas estariam erradas. O instinto é algo de natureza evolutiva. Um dos princípios básicos do Darwinismo. Aqueles que conseguem identificar os caras maus primeiro são os que vivem por mais tempo. E também os que produzem gerações de talentos policiais aguçados.

Alex se inclinou à frente e limpou uma mancha de manteiga de amendoim do canto da boca de D. D. com a ponta dos dedos. - O tal xamã mexeu mesmo com você - repetiu ele.

- Ah, cale a boca - esbravejou D. D. Mas o tal xamã realmente a impressionara.

Se o segredo para a felicidade significava entrar em contato com o anjo que existe dentro de cada um, então D. D. estava completamente perdida.

- Vamos fingir que somos policiais - disse ela, três minutos depois. - Temos, vejamos, cerca de quatro horas antes que os noticiários da noite informem que mais uma família foi assassinada na noite de ontem, elevando o número de famílias exterminadas para dois. Se tivermos sorte, dadas as diferenças geográficas e socioeconômicas, os repórteres dirão que foi uma coincidência trágica e farão matérias especiais sobre a necessidade de serviços sociais de melhor qualidade para famílias que estão sofrendo com a crise econômica atual. Se não tivermos tanta sorte, algum âncora vai ligar os dois crimes, dizer que há um *serial killer* à solta na região de Boston e as pessoas vão correr para comprar armas de fogo.

Possivelmente, isso vai levar a um aumento no número de casos de crianças pequenas sendo alvejadas acidentalmente. Qual dos dois cenários você aposta ser o mais provável?

- Acho que você está com muita energia negativa - respondeu Alex.

- O que posso lhe dizer? Estou tentando focar nas minhas habilidades mais fortes.

Alex abriu a boca, dando a impressão de que iria retrucar o comentário, mas voltou a fechá-la. O momento chegou e se foi. D. D. desejou entender melhor aquele interlúdio, mas não conseguia.

- É uma questão de oportunidade - disse Alex, antes de embrulhar o que sobrou do chocolate. - Lightfoot trabalhou com a família Harrington durante os últimos meses. Obviamente, era uma pessoa na qual eles confiavam. Se batesse à porta da família na hora do jantar, eles certamente o deixariam entrar.

- Mas o trabalho com a família estava praticamente concluído. Ozzie deu

"grandes passos", a família inteira estava "tomando decisões melhores", tendo sucesso em suas "oportunidades de aprendizado" e... qual foi mesmo a última coisa que ele disse?

- "Escutando às suas verdades interiores".

- Exatamente. Nada simboliza melhor uma "família feliz" do que ouvir verdades interiores.

D. D. parou para pensar por um momento, afastando o prato com a outra metade do sanduíche de queijo grelhado. Mesmo assim, não tocou no creme de chocolate. - Deveríamos acessar o site de Lightfoot e imprimir sua fotografia e mostrá-la aos vizinhos. Averiguar se concordam com a afirmação do xamã, dizendo que não esteve nas imediações da casa ultimamente. Afinal, é impossível esquecer AndrewLightfoot.com.

- Impossível esquecer - concordou Alex. - Bem, ele teve a oportunidade para cometer o crime. E qual é a motivação?

- Como vou saber? Há várias possibilidades. Por exemplo, pode ter se envolvido com a mãe de Ozzie.

- Não consigo imaginá-lo tendo um caso com Denise.

- Um caso com a filha, então.

- Interessante.

- Os pais descobriram. Seduzir meninas menores de idade definitivamente é algo que pode destruir a carreira de um ser iluminado. Lightfoot tem que fazer algo a respeito, e, conhecendo o histórico de Ozzie, decide aniquilar a família inteira.

- Exceto pelo fato de que ele não implicou Ozzie nos assassinatos. Implicou Patrick.

- Certo. Lightfoot, obviamente, é um mestre da manipulação...

- "Obviamente"?

D. D. o ignorou. - E decidiu focar esforços em Patrick. Temos um pai de família que está sofrendo com a pressão financeira e com o desgaste emocional.

Uma criança com problemas dá muito trabalho. Reformar a casa dá muito trabalho.

Agora, ele descobre que a filha, uma garota menor, está envolvida com o curandeiro local. Patrick confronta Andrew. Andrew distorce a situação e convence Patrick de que as "energias negativas" estão vencendo, e Patrick deve se render.

- Convence o homem a matar toda a família?

- E por que não? Fechamos o caso, alguma emissora de TV produz um documentário a respeito, e finalmente consigo fazer sexo.

D. D. se interrompeu. Provavelmente não deveria ter dito aquela última parte em voz alta.

- A parte sobre fazer sexo envolve Lightfoot ou a mim? - perguntou Alex.

- Nesse caso, Lightfoot foi mandado para a prisão. Assim, não pretendo me envolver com ele.

- Ótimo. Vamos prendê-lo.

- Só depois que você resolver o outro problema: a cena do crime na casa dos Laraquette-Solis.

Alex assentiu, voltando a ficar sério. - Lightfoot alegou que não os conhecia. E, na minha opinião, aquela família não parece o tipo que procuraria os serviços de um xamã.

- Sim, embora conheçam muito bem as suas ervas - disse D. D., dando de ombros, repassando cenários diferentes em sua mente, sem conseguir fazer muitos progressos. Começou a embalar o que restava do creme de chocolate.

- Quer o sanduíche de queijo grelhado? - perguntou a Alex, apontando em direção à metade do sanduíche que havia sobrado. Ele considerou a questão e depois resolveu comer um pedaço do lanche. Para D. D., aquele gesto teve um toque de intimidade. Os dois estavam sentados naquela mesa pequena, com os antebraços quase se tocando, em uma bela loja de chocolates de uma cidadezinha

bucólica e elegante, dividindo um sanduíche.

Mais uma vez, sentiu-se frustrada. Dividida entre a vida que tinha e aquela que gostaria de ter. Ou, mais exatamente, dividida entre a pessoa que era e aquela que gostaria de ser.

- Está pronta? - perguntou Alex ao terminar de comer o sanduíche de queijo. D.

D. assentiu, e ele gentilmente levou a bandeja do sanduíche para a lata de lixo. Ela voltou a guardar o creme de chocolate em sua sacola plástica, e colocou a caixa de Alex por cima da sua. Despediram-se do proprietário e saíram da loja, caminhando pela rua ensolarada, precisando abrir caminho por entre a multidão de turistas em trajes de banho.

- Qual a próxima parada? - perguntou Alex, dirigindo-se automaticamente para o oceano. No final da rua, era possível ver uma nesga de águas azuis. Era tentador andar naquela direção.

- Não sei - disse D. D., olhando em direção ao mar e escutando o som das gaivotas.

- Tentar descobrir mais a respeito de Lightfoot?

- Provavelmente - respondeu D. D., mas não se sentia animada para fazer aquilo.

- Estes dois crimes podem ser apenas uma coincidência - disse Alex, como se pudesse pressentir sua apatia.

- Não tenho certeza de que os crimes estão ligados - admitiu ela. - Sinto que estão, mas não consigo ter certeza.

Ao seu lado, Alex piscou os olhos. D. D. levou um segundo para entender.

- Mas que diabos... estou falando igual a ele! - espantou-se D. D.

- Os policiais têm seus talentos místicos.

- Para mim, chega. Quero ir para casa e tomar um banho.

- Acho uma ótima ideia.

Ela balançou a cabeça e andou em direção ao carro. - Vamos voltar para a delegacia.

- E o banho?

- Esqueça. Vou limpar o quadro-branco, repassaremos os relatórios, e vamos

esmiuçar cada detalhe deste caso até entender alguma coisa. Dane-se o

misticismo.

Sabe o que pode tornar o mundo melhor? O bom e velho trabalho duro.

Capítulo 18

Danielle

- E então, como estão as coisas na clínica de avaliação pediátrica? - perguntou o dr.

Frank.

Ele estava sentado numa poltrona construída em estilo antigo, verde com pequenas estrelas douradas. Eu estava sentada em frente a ele, não no tradicional divã, mas em uma outra poltrona igual à dele, forrada de verde escuro e pontilhada de estrelas. Entre nós havia uma mesa de cerejeira com um gravador e duas xícaras de porcelana. Chá para ele e café para mim. Poderíamos estar num cenário de filme: o psiquiatra proeminente entrevistando a parceira proeminente.

Peguei a xícara de porcelana, decorada com pequenos desenhos de rosas e tomei um gole antes de responder. Perguntar sobre o trabalho era um dos procedimentos preparatórios do dr. Frank. Eu só ia ao seu consultório duas vezes por ano. Assim, a cada consulta, era necessário quebrar o gelo de alguma forma, e há um bom tempo ele percebera que prefiro falar sobre os problemas das outras crianças do que dos meus.

- Tenho uma nova paciente - respondi, colocando a xícara de volta na mesa. Era café descafeinado, algo realmente horrível. Não sei por que, após todos esses anos, eu ainda aceitava uma xícara. Já devia saber o que me aguardava.

- É mesmo? - disse ele, me estimulando a comentar a respeito, com um olhar eternamente paciente.

- Ela se chama Lucy. É uma criança selvagem. Realmente fascinante. Ela consegue se acalmar assumindo a personalidade de um gato doméstico. Brinca com a comida, cuida de si mesma, dorme sob a luz do Sol. Quando finge ser um gato, ela até consegue ser tratável. Quando a personalidade felina não está aparente, entretanto, é agressiva, violenta, incontrolável...

Eu afastei o cabelo para mostrar um arranhão imenso que marcava o pescoço, assim como uma variedade de hematomas escuros. - Ganhei estes enquanto lidava com ela, ontem à noite.

O dr. Frank não disse nada. Neste relacionamento, falar é a minha função.

- Presumimos que ela fosse completamente não verbal - eu prossegui. - Mas ela falou comigo ontem à noite. Além disso, percebi que ela escutava as conversas de alguns membros da equipe, às vezes. A expressão que tinha nos olhos... acho que há

muitas coisas passando pela cabeça dela, coisas que ainda não conseguimos compreender. Na verdade, acho que pode ser muito mais capaz do que imaginamos, a princípio.

- Você disse que ela é sua paciente?

- Sim. Bem, eu passei bastante tempo na clínica nos últimos dias, e, quando estou de serviço, geralmente trabalho com os não verbais. É a minha especialidade.

- Compreendo - disse o dr. Frank. Aquela era outra de suas respostas-padrão.

Às vezes, eu tinha a sensação de que sabia exatamente o que aconteceria em cada sessão, mesmo antes de chegar ao consultório. Provavelmente, aquele era o motivo pelo qual não me consultava com tanta frequência. Eu já teria desistido da terapia se não fosse pela tia Helen. Aparentemente, ela precisava que eu tivesse um terapeuta, e, assim, eu e o dr. Frank nos esforçávamos para agradá-la.

Agora o dr. Frank me fitava com um olhar intenso. Eu sabia o que ele estava tentando fazer, mas obriguei-o a se esforçar para conseguir o que queria. Afinal, neste relacionamento, perguntar é a função dele.

- A que horas você saiu do trabalho? - perguntou ele.

- Cheguei em casa por volta das três horas da manhã.

Ele olhou para o relógio. O aparelho marcava dez horas, em uma bela manhã de sábado. Eu deveria estar passeando pelos parques ao longo do rio Charles em vez de estar sentada aqui.

- A que horas você se levantou esta manhã?

- O quê?

- A que horas você acordou?

Meu joelho começava a balançar. Eu o forcei a parar. - Não sei. Acho que não prestei atenção.

- Tomou café da manhã?

- É claro.

- E o que comeu?

- Não sei. Um pão doce. Que importância isso tem?

Ele me encarou, preparando-se para dar o bote. - Me diga você, Danielle. Qual é a importância disso?

Meus dois joelhos estavam agitados agora. Traidores. - Está bem - eu disse, bufando. - Não estou dormindo direito. Não é algo realmente surpreendente. Certo, não tomei café da manhã, e, já que você tocou no assunto, também não jantei ontem à noite.

Nada que me impedisse de tomar uns drinques mais tarde. Também não havia nenhuma surpresa ali.

Lancei-lhe um olhar feroz, desafiando-o a dizer em voz alta que não tinha o direito de me autodestruir.

- Sonhos? - perguntou ele, firme.

- As mesmas porcarias de sempre.

- Consegue sair da casa dos seus pais?

- Não. Também não há nada de novo ali.

- Tentou tomar algum remédio para dormir?

- Se você acreditar no que digo, esses remédios fazem com que me sinta ainda pior.

- Tudo bem - disse ele. Pegou a própria xícara e tomou um pequeno gole do chá. Em seguida, recolocou a xícara sobre o pires. - Quantos dias ainda faltam?

Eu continuei a olhar para ele com raiva. O desgraçado sabia a data do aniversário tão bem quanto eu.

Ele continuou inabalável, com os olhos azuis me olhando implacáveis, a barba branca cuidadosamente aparada e o terno cinza claro lhe dando uma aparência respeitável. Finalmente cuspi o número.

- Dois.

- Dois dias - repetiu ele. - E, até o momento, sua estratégia de enfrentamento envolve trabalhar em excesso, dormir pouco, beber demais e se alimentar mal. Tem alguma outra coisa que esqueci de citar?

- Não esqueça a peregrinação anual com a tia Helen para visitar os túmulos.

Não se esqueça disso.

- Você quer ir até lá, Danielle?

Eu não respondi. Ele decidiu aumentar a pressão, insistindo no tópico numero dois. - Você quer melhorar? Você duvida da sua própria capacidade ou é mais fácil

se concentrar em algum dos seus pacientes, como Lucy, por exemplo?

Eu me recusei a responder, e então, ele atacou pelo terceiro flanco. - Vamos falar sobre sua vida amorosa.

- Ah, cale a boca - eu disse.

E ele o fez. Afinal, eu era a paciente ali. Eu escolhia sobre quais assuntos falar.

Podia mentir o quanto quisesse. Podia negar o quanto quisesse. Podia me esconder o quanto quisesse. Meus dois joelhos estavam tremendo agora e me

perguntei por que viera até ali. Eu nunca mais deveria sair do meu apartamento.

Porque, na segunda-feira seguinte, seria o aniversário de vinte e cinco anos.

Vinte e cinco anos desde que minha mãe morreu, meus irmãos morreram, meu pai morreu, e vivi para contar a história.

Exceto pelo fato de que não tinha nada a dizer. Um quarto de século mais tarde, eu não estava magicamente mais sábia. Não sabia por que minha mãe, Natalie e Johnny tiveram que morrer. Não sabia por que minha primeira vida chegou ao fim, e não sabia por que esta segunda vida era tão difícil para mim.

- Você leu sobre aquele caso nos jornais? - me ouvi perguntando. - A família que foi morta na noite de quinta-feira em Dorchester?

O dr. Frank fez que sim com a cabeça.

- Ontem, dois investigadores vieram até a nossa unidade para fazer perguntas a respeito. Uma das nossas crianças estava envolvida. Seus pais a tiraram da clínica no ano passado, indo contra as nossas recomendações. E, aparentemente, nossas recomendações estavam certas.

O dr. Frank estava acostumado com o meu sarcasmo.

Não conseguia mais ficar sentada. Estava inquieta, agitada demais. Havia sonhado de novo ontem à noite. Meu pai, aquele desgraçado, sentado do lado da droga do meu quarto com uma maldita arma apontada para a cabeça. Maldito covarde.

- Hoje de manhã estavam falando sobre outra família, também. Em Jamaica Plains. Embora, talvez, fosse uma venda de drogas que deu errado. Quatro filhos, desde um bebê até um adolescente. Mortos, simplesmente. Se foi um traficante rival, por que mataram o bebê? Um bebê não pode ser uma testemunha, não pode delatar ninguém. O assassino poderia ao menos ter poupado o bebê. Mesmo assim - me ouvia divagando -, talvez o bebê não quisesse ficar sozinho. Talvez o bebê ouviu os

tiros e começou a chorar. Talvez o bebê já soubesse que a mãe e os irmãos estavam mortos. Talvez o bebê quisesse ir com eles.

- E o que me diz do pai do bebê?

- Ele que se dane.

- O bebê não sentiu falta do pai?

- Não - respondi, embora aquela tentativa de associar o bebê a mim fosse algo tão simplório que talvez eu devesse tentar rir da cara do dr. Frank.

- Não houve sobreviventes - eu disse. - Você acha que eles estão mais felizes assim? Talvez haja um céu, um paraíso. Talvez a mãe e os filhos estejam juntos lá.

E, talvez, no céu, as crianças não tenham que escutar vozes em suas cabeças e os pais não tenham que gritar para que os filhos prestem atenção no que estão dizendo.

Talvez, no céu, eles possam finalmente apreciar a companhia uns dos outros. Não acho que meu pai foi justo ao negar isso a mim.

- Você quer se juntar ao resto da sua família? - perguntou o dr. Frank, imperturbável.

Eu não consegui encará-lo. - Não. Não quero. E isso é horrível, porque odeio meu pai por matar a minha família. Por outro lado, tenho que ser grata a ele por me poupar.

- Você não tem que ser grata.

- É claro que tenho.

- Você tem o direito de viver, Danielle. Você tem o direito de ser feliz, de se apaixonar e de encontrar a felicidade na sua vida. Não foi algo que seu pai lhe deu, e você não deve nada a ele.

- Ele me deu o direito de viver, sim.

- Talvez tenha sido algo que sua mãe lhe deu - tentou o dr. Frank.

Eu faço uma careta. - Minha mãe? O que ela tem a ver com isso?

- Ou talvez tenha sido seu irmão - disse o dr. Frank.

Olho para ele, confusa.

- Ou talvez sua irmã, Natalie. Ou o xerife Wayne, ou sua tia Helen.

- De que diabos você está falando?

- Estou apenas dizendo que há muitas pessoas importantes em sua vida, e, mesmo assim, você coloca todo o poder nas mãos do seu pai. Por que acha que deve ser assim?

- Ele tirou a vida. Ele deu a vida. Agiu como se fosse Deus. Assim, acho que o transformei em Deus.

- Deus não bebe uma garrafa inteira de uísque, Danielle. Pelo menos, eu espero que não.

Eu não tinha nada a acrescentar àquele comentário, então, por um momento, nós dois ficamos em silêncio. O dr. Frank tomou mais um pouco de chá. Eu andava de um lado para outro, em frente à janela do escritório, que ficava no segundo andar de um prédio, com vista para a rua Beacon. A rua estava movimentada. Muitos turistas por toda a parte. Talvez fossem andar pelos jardins, ou se divertir com um passeio nos barcos em forma de cisne, ou com um *tour* pela cidade. Há muitas coisas a se fazer em uma manhã ensolarada de agosto.

Aquelas famílias sempre me parecem alegres. Eu me perguntava se, vinte e cinco anos atrás, nossos vizinhos pensavam o mesmo a nosso respeito.

- Você acha que, se tiver uma vida feliz e alegre, isso faz que seu pai seja vitorioso? - perguntou o dr. Frank. - Como se você tivesse uma dívida com ele?

- Não sei - respondi. O que significava, é claro, que eu sabia.

- Você quer saber por que seu pai não atirou em você - disse o dr. Frank, firmemente. - Vinte e cinco anos depois, ainda é essa a pergunta que a atormenta.

Por que o seu pai não a matou também?

- Sim.

Eu me virei, sem tanta certeza agora e olhei para o dr. Frank. Não era comum vê-lo agir de maneira tão direta, chegar tão rapidamente ao âmago da minha vida louca e conturbada. Eu não sabia o que fazer.

- Talvez sua mãe tenha pedido a ele - declarou o dr. Frank. - Talvez ela o tenha chamado pelo nome e isso o distraiu. Pode ter implorado para que ele poupasse você.

- Impossível. Ela morreu imediatamente, com um tiro na cabeça.

- Sua irmã, então. Ela estava mais perto. Talvez tenha dito a ele para não continuar com a matança.

- Ele atirou no rosto dela, da porta do quarto. Duvido que tivesse condições de dizer qualquer coisa depois.

- Seu irmão conseguiu sobreviver por tempo suficiente para ser levado ao hospital.

- Sim, Johnny viveu por mais vinte minutos. Johnny também imitou o Super-Homem e tentou voar pelas escadas. Seu caminho foi interrompido por uma bala e o pescoço se quebrou com a queda. A única coisa pela qual ele pode ter implorado foi por uma segunda bala, para que meu pai finalmente terminasse o que havia começado.

- Percebo que andou lendo os relatórios da polícia de novo.

Eu havia guardado todos em um álbum de recortes e plastificado as folhas. O

dr. Frank e a tia Helen descobriram aquilo há alguns anos.

- Sua família a amava? - o dr. Frank continuou a pressionar. Estava implacável hoje. Eu não sabia mais o que esperar dele, e comecei a andar de um lado para o outro novamente.

- Não sei.

- Você não sabe ou não quer saber?

- Eu... eu não sei.

- Você os amava?

- Amava minha mãe e meus irmãos - eu disse, instantaneamente.

- É mesmo? - disse ele, inclinando a cabeça para o lado. A pose típica do psiquiatra. - Daniele, você já investiu muito tempo e energia pensando na morte deles. Se você realmente os ama, por que não investir um pouco de tempo e energia na vida deles? Eles gostariam que você se lembrasse da vida que tiveram, não acha?

- Mas eu amava meu pai, também - eu me ouvi sussurrar.

- Eu sei.

- Eu me esforcei muito para fazê-lo feliz.

- Eu sei.

- Pensei, naquela noite, que se eu fizesse o que ele queria, se simplesmente o fizesse feliz, tudo ficaria bem.

- O que ele queria que você fizesse, Danielle? Você é uma mulher adulta agora, uma mulher com experiência profissional. Não acha que já é capaz de finalmente dizer isso em voz alta?

Mesmo assim, eu não podia fazer aquilo. Não iria fazê-lo. Há certas coisas que nenhuma criança consegue expressar em palavras. Não têm o vocabulário para descrever a experiência. Uma moeda de dez centavos se você tocar o pênis do papai. Uma moeda de vinte e cinco se você o sugar. O que uma garotinha podia dizer sobre aquilo?

Agora trabalho com crianças de 2 e 3 anos de idade, que enchem a boca de comida e depois a regurgitam, em uma tentativa desesperada de compartilhar suas experiências. Não conhecem a expressão "sexo oral". Tudo o que podem fazer é demonstrar aquela violação horrível, enchendo a boca com calda de maçã para cuspir em seguida, enquanto as mães gritam com elas por sujarem a casa. As crianças eram honestas em seu desejo de se comunicar. Eram os adultos que arruinavam tudo.

- Ela não me salvou - eu disse, a voz sem qualquer inflexão. - Não conseguiu

nem mesmo salvar a si mesma.

- Quem, Danielle?

- Minha mãe. Ela mandou que eu fosse para o meu quarto. Disse que tudo ficaria bem. Que iria cuidar de tudo.

- Do que ela iria cuidar, Danielle?

- Eles começaram a brigar. Do meu quarto, podia ouvi-los gritando. Ele estava bêbado. Era fácil perceber que estava bêbado. Ele sempre estava bêbado.

- E depois?

- Não quero ir ao cemitério este ano. Não há motivo.

- O que aconteceu naquela noite, Danielle? Você foi para o quarto. O que aconteceu depois? Me diga o que aconteceu depois.

- Ele os matou - eu disse, subitamente. - Tentei fazê-lo feliz, mas ele matou a todos. E depois cantou para mim, para que eu soubesse que era a culpada por tudo.

- Você não matou a sua família, Danielle. Uma garota de 9 anos não pode impedir um homem adulto. Tenho certeza de que, a esta altura da sua vida, você sabe disso.

Eu simplesmente concordei com a cabeça, porque, mesmo depois de todos esses anos, não queria mencionar que, no começo daquela última noite, era eu que estava segurando a arma do meu pai.

O dr. Frank fez outras perguntas. Eu dei respostas curtas, e nós continuamos com aquela dança. Percebi que, de acordo com o calendário, ele e eu nos conhecíamos há quase vinte e cinco anos. Imaginei se deveria lhe comprar um presente. Uma placa de prata ou talvez um porta-retratos refinado. Meu relacionamento com o dr. Frank era um dos mais longos da minha vida. Eu não sabia realmente o que deveria fazer.

Quando a consulta estava chegando ao fim, ele me surpreendeu mais uma vez, voltando ao questionamento direto que executara no começo da sessão. - Você

acha que sua vida é um sucesso?

- Acho que não entendi a pergunta.

- Você acha que a sua vida é um sucesso? Vamos lá, Danielle. Você é uma mulher adulta, tem uma ótima educação na área de saúde e uma carreira admirável.

Você acha que a sua vida é um sucesso?

Eu tive que pensar a respeito. - Acho que fiz a diferença nas vidas de várias crianças - eu disse, finalmente. - Estou feliz por ter feito a minha parte.

- E estas sessões de terapia? O nosso relacionamento? Isso fez alguma diferença na sua vida?

- Acho que não iria querer que as coisas fossem diferentes - eu disse, o que provavelmente é verdade. Pelo menos, de maneira geral.

Ele assentiu, aparentemente satisfeito. Depois, mexeu em alguns papeis. -

Preciso lhe dizer que vou me aposentar no fim do ano.

- É mesmo?

Ele sorriu, apontando para os cabelos prateados. - Há muito tempo deixo minha profissão guiar minha vida. É hora de deixar que meus passatempos me guiem. Pelo menos, é isso que minha esposa diz.

Tentei imaginar a esposa do dr. Frank, mandando-o pendurar as chuteiras, e aquilo fez que eu sorrisse para ele também. - Então, meus parabéns.

- Fique à vontade para telefonar sempre que quiser - disse ele, num tom mais grave.

- Obrigada.

Os dois sabíamos que eu não iria fazer aquilo. Este relacionamento precisava terminar. Sua aposentadoria seria uma saída elegante para nós dois.

- Danielle - ele disse, quando comecei a me levantar. - Eu me preocupo com

você.

Aquela admissão me deixou espantada, e, por um instante, percebi que a minha reação o deixou chocado. Ele se recuperou rapidamente. - Acredito que podemos concordar que ainda há aspectos da sua história que você precisa enfrentar de maneira adequada.

Eu não disse nada.

- Eu gostaria de lhe recomendar uma colega. Uma mulher. Talvez você se sinta mais confortável com uma médica.

- Não, obrigada.

- Os próximos dias serão difíceis.

- Conseguirei superar. Sempre consigo.

- Já considerou a possibilidade de ficar com a sua tia?

- Ela tem seu próprio luto para se ocupar.

- Vocês dão força e apoio uma à outra.

- Não nesta época do ano.

Ele suspirou. - Por favor, evite beber demais.

- Deixe comigo - respondi. Amanhã à tarde eu veria o meu braço subir e a bebida descer.

- E, Danielle, como sei que você deve ter pensado no assunto, talvez esta semana não seja uma boa época para acompanhar o noticiário. Estes outros casos de tragédia familiar irão apenas exacerbar um período que já é conturbado demais para você. Particularmente o caso de Dorchester, que envolve uma criança que conheceu pessoalmente. É como jogar sal em uma ferida aberta. A tragédia deles não é a sua.

Esse caso não tem nada a ver com você.

Eu saí do consultório sem me preocupar em corrigi-lo. Para cada palavra dita,

muitas outras ficaram implícitas.

Essa é a história da minha vida.

Capítulo 19

A força-tarefa especializada em investigações relacionadas a entorpecentes era boa.

Ao retornar à sua escrivaninha, D. D. encontrou um dossiê inteiro sobre Hermes Laraquette, vulgo "O Rasta". Ela imaginou que qualquer branco que decidisse se chamar "O Rasta" provavelmente estava aprontando alguma coisa, e Hermes não a decepcionou. Tinha uma longa ficha policial, cheia de contravenções, incluindo furto, roubo e posse de substância controlada com intenção de vendê-la.

Felizmente, para Hermes, o sistema de justiça criminal estava sobrecarregado, permitindo que o seu advogado de defesa pedisse atenuação de metade das acusações, com o arquivamento da outra metade. Em seguida, Hermes desapareceu antes que o departamento de imigração o capturasse.

De acordo com os relatórios do departamento de inteligência, Hermes morava com Audi Solis, uma mãe solteira registrada em programas de apoio do governo, que tinha três filhos. Cada um dos filhos era de um pai diferente. Nove meses depois, com o auxilio de Hermes, ela aumentou o número para quatro filhos, de quatro pais diferentes. O nome de Hermes constava na certidão de nascimento de Vivi Bellasara Laraquette, nascida no dia 19 de março. Logo após o parto, Audi se registrou em um programa para receber auxílio do estado para custear as despesas da filha mais nova, enquanto Hermes voltou a trabalhar naquilo que melhor sabia fazer: vender maconha.

A divisão de entorpecentes do departamento de polícia de Boston acreditava que Hermes se aproveitava do aumento do número de imigrantes que vinham para Boston para ajudá-lo a importar e exportar suas mercadorias. Enviava e recebia fardos da droga, mas, ainda assim, era um traficante pé de chinelo no imenso e implacável submundo das drogas de Boston. Como ele aparentemente também gostava de fumar maconha além de vendê-la, Hermes provavelmente não iria progredir muito na carreira.

Assim, eles tinham um traficante de drogas de pouca importância, baleado no

sofá. Uma mãe inscrita em programas sociais, esfaqueada na cozinha. E quatro filhos mortos em dois quartos.

D. D. fechou o relatório da força-tarefa especializada em drogas e analisou o resto dos relatórios, incluindo entrevistas com os professores e administradores das escolas onde os menores estudavam.

- Ishy ou Rochelle? - ela perguntou a Alex, que havia se sentado no canto do escritório, estudando um desenho da cena do crime na casa dos Laraquette, como se

estivesse interpretando o futuro nas folhas de chá no fundo de uma xícara.

Ele deixou o desenho de lado. - Ishy.

D. D. lhe entregou o relatório preliminar a respeito da morte de Ishy Rivers, de 17 anos, o filho mais velho, baleado no corredor; e abriu o relatório sobre Rochelle LeBryant, de 11 anos, que, conforme a investigadora já sabia, gostava de paredes de cor-de-rosa e livros. Sobravam ainda duas páginas sobre Tika, de 4 anos, que foi baleada enquanto estava deitada em uma cama de cachorro, e um parágrafo sobre Vivi, de cinco meses, que foi sufocada em seu berço. Uma vida tão breve que o relatório da polícia não chegou nem a encher uma página.

Os dois leram em silêncio, bebendo café e folheando os relatórios. Alex terminou a leitura primeiro e esperou até que D. D. concluísse a sua. Quando ela deixou o relatório sobre a mesa e pegou sua xícara de café, ele começou a falar.

- Ishy Rivers. Nenhum indiciamento, nenhuma prisão - citou Alex, falando com voz clara. - O nome não consta no banco de dados de jovens infratores nem no departamento de trânsito. Uma vida bem tranquila para um adolescente. Dois policiais entrevistaram os vizinhos, que disseram não saber nada a respeito de ninguém.

- Engraçado. Os vizinhos disseram a mesma coisa a respeito da irmã mais nova de Ishy.

- Felizmente, a coordenadora pedagógica da escola colaborou mais com a polícia. Mesmo assim, de acordo com os registros, Ishy não passava muito tempo na escola.

- Fugia das aulas?

- Compareceu a cento e três dias letivos no segundo ano do ensino médio, mais ou menos metade da carga horária que deveria cumprir. Foi matriculado nos cursos de verão para compensar os dias que faltou, mas nunca chegou a aparecer.

- Chegaram a relatar o caso para o Conselho de Escola?

Alex balançou a cabeça. - Parece que o sistema educacional desistiu de ajudar Ishy na mesma época em que ele desistiu de seguir as regras do sistema. De acordo com a coordenadora, várias deficiências de aprendizado foram identificadas precocemente em Ishy. Ela o descreveu como um rapaz gentil, embora seu comportamento obsessivo-compulsivo criasse dificuldades para que conseguisse se integrar com os outros alunos. Ele parecia ter fixação por cartões de crédito, perguntando a todos que encontrava quais eram os cartões que tinham, quais eram os

números na parte da frente e na de trás. Frequentemente recitava as características de todos os cartões já criados, incluindo modalidades *black*, *platina*, *ouro* e *prata*.

- Roubo de identidade?

- Ela imaginava que fosse síndrome de Asperger, que frequentemente está associada ao transtorno obsessivo-compulsivo. Ishy também tinha fortes superstições. Não pisava em rachaduras no chão e não conseguia entrar na cantina ou no ginásio. Morria de medo que as vigas de sustentação do telhado pudessem cair e acertá-lo. Mas era um garoto gentil - disse Alex, levantando o relatório. - A mulher usa essa expressão para descrevê-lo oito ou nove vezes. Um garoto gentil, com dificuldades na escola e sem qualquer apoio da família para superar seus problemas. Opinião oficial da coordenadora pedagógica: Não consegue imaginar que Ishy teria condições de cometer um assassinato, mas admite que seus comportamentos obsessivos pudessem fazer que outra pessoa agisse de forma violenta.

- Interessante - disse D. D., levantando o relatório que tinha nas mãos. -

Rochelle LeBryant. Onze anos, começaria a cursar a sexta série dentro de um mês.

Nenhuma prisão ou indiciamento. Nada consta em seu nome no banco de dados de jovens infratores ou no departamento de trânsito, também. Se o irmão mais velho, Ishy, estava louco para fugir da escola, sua irmã mais nova aparentemente estava louca para voltar às aulas. Sua professora da quinta série disse que Rochelle compareceu a todas as aulas e frequentemente chegava à escola cerca de uma hora antes do início das aulas. A garota se sentava em silêncio no chão do corredor, lendo, até que a professora se apiedava dela e a deixava entrar na sala de aula. A professora descreve Rochelle como uma garota tranquila, esforçada e muito inteligente. A menina gostava de ajudar os outros e não suportava cometer erros.

Felizmente, era inteligente o bastante. Já lia textos no nível do ensino médio com facilidade, disse a professora, exultante; assim, era raro ela cometer erros. Rochelle nunca falava sobre sua vida em família, mas as poucas roupas da garota, sua aparência esquálida e falta de higiene falavam por si. Certo dia, sentindo-se inspirada, a sra. Groves colocou vidros de xampu no banheiro, e Rochelle começou a lavar o cabelo na pia todas as manhãs, antes do horário das aulas. Às vezes, a sra.

Groves deixava algumas peças limpas de roupa na sala de aula, mas Rochelle nunca pegou nenhuma. A menina parecia ser bem orgulhosa. Esforços similares para dividir alimentos também fracassaram. Mesmo assim, a menina sempre aceitava livros. E

sempre os devolvia. Era incapaz de dizer não à possibilidade de pegar um livro emprestado.

D. D. colocou o relatório sobre a mesa. - A sra. Groves não consegue imaginar

que Rochelle seria capaz de fazer mal a qualquer pessoa, mas não tinha nada de bom a dizer sobre os pais. "Distantes", "desinteressados" e "pouco carinhosos" foram algumas das palavras que ela usou para descrevê-los. Percebia que Rochelle estava se educando sozinha, e tendo algum sucesso, considerando sua situação.

- Que lástima.

- Realmente.

- E o que sabemos sobre os dois mais novos?

- Ainda não estavam na escola - disse D. D. - Isso nos deixa apenas com as declarações dos vizinhos.

- Deixe-me adivinhar: não sabem nada a respeito de ninguém.

- Como você sabia?

- Creio que as pessoas do bairro fossem a base da clientela de Hermes. E acho também que a maioria deles ficou louca da vida por não terem descoberto o depósito de ferramentas cheio de maconha no quintal antes de nós.

- É verdade. E agora, o ressentimento dos vizinhos torna difícil promover qualquer cooperação com os policiais que descobriram as drogas antes deles. Inveja, pura e simples.

- A garota mais nova tinha vários cortes feios - disse Alex, calmamente. - Vi algumas cicatrizes, também. Nos braços, pernas e ao redor do rosto.

- Imagino que Phil vai conseguir algumas informações com o departamento de proteção às crianças.

D. D. também não gostava de pensar na menina de 4 anos. Havia algo que lhe causava muita pena - o corpo daquela pobre menina, enrodilhado ao redor de si mesmo em uma cama de cachorro. Levou a mão ao ponto onde o nariz se unia à testa, como se aquilo pudesse afastar a imagem da sua mente.

- Está tudo bem? - perguntou Alex, gentilmente.

- Sempre estou bem.

- Não quero ofender. Estou só perguntando.

D. D. o encarou. - Sou boa no que faço. - Era importante para D. D. que Alex soubesse daquilo.

- Percebi.

- Não preciso de um homem para me ajudar. Não preciso de um homem para me salvar.

- Eu percebi.

Ela fez uma careta. - Detesto o meu maldito *pager*.

Ele sorriu. - Adoro trabalhar na academia.

- Não vai abrir mão da academia e trocá-la por todo este *glamour*? - disse ela, abrindo os braços por sobre as pilhas de relatórios e anotações que cobriam sua mesa.

- Não. Visitar o campo de trabalho é suficiente. Não preciso viver aqui.

Entretanto, é claro que isso me ajuda a entender os horários malucos de uma companheira de trabalho.

- Não há nada regular neste emprego - concordou D. D.

- Planos são feitos e desfeitos. Jantares podem ser preparados e, infelizmente, acabar esfriando.

- Isso é muito triste - comentou ela.

- Sou bom no que faço - continuou Alex.

- Percebi.

- Não preciso de uma mulher que me espere chegar em casa. Não preciso de uma mulher para inflar meu ego.

- Percebi - disse ela, fazendo uma pausa e considerando Alex mais seriamente.

- Então, aonde você quer chegar?

- Podemos começar com um jantar.

- É mesmo? - D. D. não quis dar a entender que estava decepcionada.

- Mas estou aberto a qualquer sugestão - emendou ele, rapidamente.

- Eu vi um comercial na TV... - D. D. percebeu o que ia dizer e interrompeu a frase, tomada pelo pânico.

Alex abriu um sorriso. - Sensação gelada, irradiação de calor?

Ela se inclinou para mais perto. - Estou louca para conhecer.

Ele se aproximou. - Estou louco para ajudá-la.

Os dois suspiraram. Profundamente. Depois, voltaram a se recostar em suas cadeiras e voltaram ao trabalho.

- Então - disse D. D. após alguns minutos, limpando a garganta e forçando-se a falar em tom profissional. - Onde estávamos? Temos um traficante de drogas, uma mãe que recebe dinheiro de programas sociais, um adolescente que gosta de matar aulas, uma pré-adolescente inteligente e duas crianças sobre as quais não sabemos muito. Um estilo de vida cheio de riscos. Mãe e filhos isolados. Quais são as chances de que Hermes tenha fumado muita maconha, experimentou alguma droga nova e resolveu matar a família?

- Não gosto da faca - comentou Alex. - Se ele começa com uma faca, tem de terminar com a faca.

- Talvez o ato de esfaquear Audi aconteceu num impulso. Começaram a brigar na cozinha e ele passou dos limites. Ishy o viu, começou a correr, e Hermes percebeu que era hora de tentar controlar a situação, e rápido. Hermes pegou sua arma de fogo e entrou em ação.

- Depois, quando percebe o que fez...

- Decide terminar o trabalho. Sufoca a própria filha, depois se deita no sofá e estoura a própria cabeça.

- Vocês estão errados.

D. D. e Alex levantaram os olhos rapidamente ao ouvir aquela frase. Neil estava na porta, seu rosto pálido tão iluminado que suas sardas pareciam brilhar. -

Tenho algumas novidades, diretamente do legista - disse ele. - Hermes não foi baleado. Bem, para dizer a verdade, foi baleado, mas isso não importa realmente. No momento que levou o tiro, ele já estava morto. Toda a cena do sofá foi maquiada.

Havia momentos que D. D. não gostava do seu trabalho. O estresse envolvido em trabalhar por muitas horas sem um momento de folga. O tédio de ter que ler relatórios tediosos sobre investigações. O maldito *pager* tocando nos piores momentos.

Este momento, entretanto, não era um desses. Ela, Alex e Neil haviam se dirigido à sala de conferências, onde podiam espalhar todo o material que reuniram, e Neil ia e voltava pela sala, despejando todas as informações que tinha.

- Hermes Laraquette foi atingido com um *taser*[25] no peito. O legista imagina que ele levou duas descargas elétricas, a julgar pelas duas queimaduras que apresentava.

A maioria das pessoas cairia no chão com um ataque desse tipo, mas se recuperaria

posteriormente. O estilo de vida de Laraquette não era exatamente saudável do ponto de vista cardiovascular. Por isso, acabou morrendo ali mesmo.

- Um *taser* o matou?

- O *taser* causou um forte trauma coronariano, que o matou instantaneamente.

D. D. estava em frente ao quadro-branco, com o marcador na mão. Com a descoberta de Neil sobre a causa da morte, ela fez uma nova anotação.

- Espere aí. Se um *taser* foi usado no ataque, onde está o confete?

Tasers, armas defensivas ilegais no estado de Massachusetts, deveriam soltar pequenos pedaços de papel codificado a cada disparo. O código no "confete"

poderia então ser usado para rastrear qual *taser* foi usado em um ataque. Aquilo compensava o fato de que a arma não deixava balas como vestígios para que a polícia pudesse rastrear. Os confetes eram uma massa imensa de partículas minúsculas, quase impossíveis de se remover de uma cena de crime - especialmente devido às condições da residência dos Laraquette.

- Não sei - disse Neil. - Mas o legista está convencido de que foi um *taser*. Não tem dúvidas em relação às marcas.

D. D. assumiu uma expressão séria e resolveu se concentrar no confete. -

Certo. Então, foram quatro os instrumentos usados para atacar. *Taser*, arma de fogo, faca e travesseiro. O que mais o legista disse?

- Definitivamente, a causa da morte da mulher foi a punhalada. Um único golpe fatal. Nenhuma marca de hesitação - relatou Neil, ainda caminhando de um lado para outro.

- Como aconteceu com os Harringtons - comentou D. D.

- Lâmina de mesmo tamanho - prosseguiu Neil. - O que significa que as duas casas tinham faqueiros, e, em ambos os ataques, o perpetrador escolheu facas com lâminas do mesmo tamanho.

- A maior lâmina - disse Alex, cautelosamente. - Aquela que, se você pensar bem, é a escolha mais lógica para um assassinato.

- Sim, é verdade - respondeu Neil, pensativo, parando de andar de um lado para outro apenas por tempo suficiente para enfiar as mãos nos bolsos da calça e fazer as moedas que trazia tilintarem umas contra as outras.

- O legista pode examinar o corpo de Patrick? - perguntou D. D. - Verificar se

ele também foi atacado com um *taser*?

- Já fiz o requerimento.

- E qual foi o resultado?

- Dê-lhe alguns dias. Se considerar as duas cenas, mais o restante da violência que ocorre normalmente na cidade, os corpos estão praticamente se empilhando uns sobre os outros.

- Agosto - murmurou D. D. - Essa época do ano sempre é movimentada. Bem, e o que você descobriu em relação às crianças? O filho foi baleado.

- Correto. O mesmo aconteceu com as meninas de 4 e 11 anos - relatou Neil. -

Vai ser mais difícil determinar o que aconteceu com o bebê. É difícil dizer com

certeza que ela morreu por asfixia mecânica. Não parece haver mais nada de errado com a criança, então provavelmente morreu sufocada. O legista enviou o travesseiro para ver se é possível encontrar traços de DNA. Talvez consiga declarar que a saliva encontrada no travesseiro pertence à menina. Assim, vai ter condições de chegar a uma conclusão mais sólida.

- Quanto tempo vai demorar? - D. D. já se preparava para a resposta.

- De três a seis meses - disse Neil.

- Diabos.

- Foi o melhor que consegui.

D. D. revirou os olhos. Neil podia estar de olho no legista, mas aquilo não trouxe todas as respostas que D. D. queria. Alex, por outro lado, teria que se cuidar para não ser a próxima vítima dos encantos de Neil.

- Então, o que conseguimos até agora? - perguntou ela, sentindo a mesma adrenalina que corria pelo corpo de Neil. Estudou seu quadro-branco e começou a escrever.

- Bem, isso tira Hermes da coluna dos perpetradores e o leva diretamente à categoria de vítima. Afinal, o homem não poderia usar um *taser* em si mesmo e, posteriormente, atirar na própria cabeça.

- Emboscada - disse Alex.

D. D. olhou para ele e assentiu. - É nisso que estou pensando.

- O atacante atordoou Hermes, incapacitando-o, e depois foi atrás do resto da

família - continuou Alex.

- Por que Hermes teria sido o primeiro a morrer? - perguntou Neil. - E se alguém houvesse atacado a família, e depois Hermes entrou na casa e o surpreendeu?

- Se Hermes entrou na casa após o crime, por que o assassino o atacaria com um *taser*? - questionou Alex. - Quando alguém interrompe um assassinato em progresso, o perpetrador simplesmente dispara mais um tiro. Não há lógica em

baixar a arma de fogo e procurar por outro instrumento nos bolsos.

- Sim, faz sentido.

- Eu acho que Hermes foi o primeiro a morrer - concordou D. D. - O

perpetrador incapacita a ameaça mais evidente, o pai, atingindo-o múltiplas vezes com uma arma atordoante.

- Não é possível ter certeza disso - comentou Alex. - Especialmente ao considerar alguém com um vício tão forte em drogas. Já vi alguns homens serem atordoados cinco ou seis vezes, e eles ainda conseguiam gritar ameaças.

D. D. mordeu o lábio inferior. Considerou o cenário. - Como *tasers* são ilegais em Massachusetts, talvez o nosso perpetrador tenha um *taser* em situação totalmente ilegal. Afinal, se pretendia adquirir um *taser* no mercado negro, comprou um com altíssima voltagem. Possivelmente usado por forças militares, com potência industrial, ou coisa do tipo. Talvez tenha cartuchos feitos fora dos padrões, o que explicaria por que não foi encontrado nenhum fragmento de confete na cena do crime. No mercado negro é possível comprar qualquer coisa a preço de banana. Por que não um *taser* de alta potência, com a garantia de que o seu problema vai ser incapacitado de forma silenciosa, sem deixar qualquer evidência para trás?

Quanto mais D. D. pensava na hipótese, mais gostava dela. - Uma voltagem muito alta pode explicar o forte trauma coronariano de Hermes - prosseguiu ela. -

Ele não foi simplesmente atingido por um *taser*. Foi morto por um *taser*.

Ela olhou para Neil. - Acha que o legista pode estudar as queimaduras no peito de Hermes para estimar a potência do choque?

- Não faço ideia - respondeu Neil. - Mas posso perguntar.

- Certo. Bem, de volta ao ponto. Sabemos que um *taser* foi usado, um aparelho potente o bastante para matar pelo menos um homem. Assim, vamos presumir que isso é parte do plano do perpetrador. Incapacitar a figura paterna com um *taser*. Em seguida vem o segundo adulto: a mãe. Ela é emboscada na cozinha com uma faca.

Outra arma silenciosa. Talvez o perpetrador estivesse tentando continuar agindo pelo máximo de tempo possível, sem que sua presença fosse detectada. Uma vez que alguém o percebe, entretanto...

- Ishy, no corredor - disse Alex.

- Exato. Agora o sujeito precisa agir rápido. Ishy dá o alarme, e há duas outras crianças em condições de fugir para a casa de um dos vizinhos. O sujeito precisa terminar o serviço ou toda a cena vai sair do controle.

- Então o sujeito pega uma arma de fogo...

- Uma que pertencia a Hermes? - questionou D. D.

- A arma não tinha registro. É impossível determinar - disse Alex. - Mas o sujeito está armado e agora as coisas ficam feias. O primeiro tiro acerta Ishy, mas não é o bastante para matá-lo; o segundo o acerta em cheio. Depois vai até o quarto das meninas. *Bang. Bang.* Dá cabo das crianças. Vai até o final do corredor, onde está o último membro da família.

D. D. assentiu, concordando. - Certo. Mas o último membro da família Laraquette é um bebê de cinco meses. Bebês não podem falar nem testemunhar perante a corte. Por que ele mataria o bebê?

Neil e Alex ficaram em silêncio por um minuto, contemplando a questão. - Ele tem que matar o bebê - disse Alex, finalmente. - Porque precisa matar toda a família.

É como um roteiro, lembra-se? A família tem de morrer, e é preciso que o pai seja apontado como o culpado pelas mortes. Assim, o bebê tem de morrer. Depois, Hermes tem de ser levado para o sofá e posicionado de acordo. É isso que o assassino faz. É disso que ele precisa.

- Não foi um acerto de contas entre quadrilhas - disse D. D., lentamente. - Em uma guerra de quadrilhas, o assassino vai querer assumir a autoria do crime. Quer que as pessoas saibam que ele exterminou toda a família do rival, para amedrontar os traficantes que começam a adquirir poder. Além disso, ele não iria usar quatro armas diferentes dentro da mesma casa. É confusão desnecessária. Não se trata de vingança. É algo mais profundo, algo mais pessoal para o assassino.

- Como se fosse uma repetição de um evento anterior - murmurou Alex.

D. D. franziu a testa, sentindo-se desconfortável, sem conseguir identificar a razão. - A morte de Hermes deixou tudo mais confuso. Ele deveria estar inconsciente, atordoado. Depois, quando o resto da família fosse eliminado, o assassino poderia voltar, posicionar Hermes no sofá, colocar a arma em sua mão e

completar o último ato da sua história. Mas Hermes teve um ataque cardíaco, quebrando o roteiro e nos dando nossa primeira arma.

Alex falou repentinamente: - Hermes estava com a arma.

D. D. e Neil se viraram para olhar em sua direção. - Como você sabe?

- Porque a arma tem que vir de dentro da própria casa. Faz parte do padrão do criminoso, e, se você pensar a respeito, tudo se encaixa. Na residência dos Harringtons, Patrick é o primeiro que o sujeito elimina. Vamos presumir que ele o atordoa. Depois, o sujeito vai até a cozinha, pega uma faca e parte para o ataque contra os outros membros da família. Finalmente, a encenação acontece. Patrick é levado até os fundos da casa, o sujeito encontra a arma, e executa o ato final.

- Patrick sobreviveu - lembrou D. D.

- É o risco de usar uma arma calibre 22 - rebateu Alex. - Mas a arma estava registrada em nome de Patrick, lembra-se? É tudo que ele tinha e acho que, se perguntarmos a seu vizinho Dexter, ele vai concordar que Patrick tinha consciência dos procedimentos de segurança para manter uma arma de fogo em uma casa com três crianças. Posso apostar que ele guardava a arma em uma caixa trancada a chave. Assim, o assassino teve que esperar para ter acesso a ela. Hermes, por outro lado...

- Provavelmente estava com a arma enfiada na cintura da calça - completou D.

D. - Teve sorte de não atirar no próprio saco.

- Teve sorte por comer tanta comida industrializada e hambúrgueres, o que contribuiu para o infarto.

- Então, tudo o que precisamos fazer agora é encontrar um elo entre as famílias Harrington e Laraquette. E descobrir por que alguém gosta de se divertir matando famílias inteiras. E aí nós vamos pegá-lo. De preferência, a tempo de aparecermos no noticiário das cinco da tarde. Alguém tem alguma ideia?

Ela olhou para Alex, ele olhou para Neil. Neil olhou de volta para D. D.

- Rastrear evidências - disse Neil, dando de ombros. - Cabelos, fibras, impressões digitais, alguma ligação entre as duas cenas.

- Procurar por multas de trânsito por estacionamento irregular - tentou Alex. - O

sujeito teve que andar pela cidade, e, convenhamos, é quase impossível conseguir estacionar em qualquer lugar. Especialmente durante os meses de verão.

- Pegadas do lado de fora da janela - disse Neil, entrando no espírito da

investigação. - O sujeito provavelmente observou o que se passava dentro da casa antes de entrar.

Alex prosseguiu: - Entrevistar de novo os vizinhos. Para conseguir executar uma manobra tão sofisticada, o perpetrador teve que fazer o reconhecimento da casa antes. Será que algum deles percebeu o mesmo carro passando várias vezes ao redor do quarteirão? Ou um novo rosto, uma pessoa desconhecida que começou a fazer caminhadas pelo bairro e que desapareceu pouco depois? De algum modo, o homem teve que reconhecer o terreno previamente.

D. D. anotou as sugestões e acrescentou duas à lista: exames de balística, caso as armas apresentassem um padrão de estrias similar nas duas cenas e também o relatório do legista a respeito de Patrick Harrington. Se ele tivesse queimaduras de *taser* no peito, as cenas estariam ligadas. Não tinha dúvidas quanto a isso.

- Neil - disse ela, apontando para o último item. - Volte a conversar com o legista, sim? Dois dias é tempo demais para que Ben volte a examinar Patrick.

Precisamos do relatório do legista amanhã de manhã, no mais tardar. Mesmo que seja apenas sua opinião preliminar. Mas isso é importante. Muito importante.

Neil assentiu. Alguém bateu à porta, e logo Phil colocou a cabeça para dentro da

sala.

- Sentiram saudades de mim? - perguntou o terceiro membro da equipe. -

Procurei vocês por toda parte. O que estão fazendo na sala de conferências?

- Há mais espaço aqui - disse D. D. - Neil voltou do necrotério. Descobriu que Hermes Laraquette morreu após ser atingido com um *taser*, e toda a cena do suicídio no sofá foi armação. Agora, precisamos estabelecer ligação entre a cena dos Harrington e a cena dos Laraquette-Solis. Se conseguirmos, podemos provar que procuramos por um único predador que gosta de reconstruir extermínios de famílias.

Mas, por que a pergunta? O que fez durante a tarde?

- Diga que você me ama.

- Quer que eu diga se o amo mais ou menos do que um *cheeseburger* malpassado?

- Definitivamente, mais. Consegui descobrir a ligação entre as famílias Harrington e Laraquette-Solis. Lembra-se da menina de 4 anos dos Laraquette, que tinha os braços e pernas cheios de cortes?

D. D. fez que sim com a cabeça. Não era algo fácil de esquecer.

- O serviço social de proteção às crianças foi chamado, e a menina foi colocada sob a guarda do estado por algum tempo. E adivinhe só: não eram a mamãe e o papai que a machucavam. Ela mesma fazia os cortes. Uma forma de automutilação que tem algo a ver com compulsão, depressão, ansiedade, blá-blá-blá. Para encurtar a história, a garota não consegue parar de cortar a própria pele. Usa qualquer objeto a que tenha acesso, desde gravetos afiados, clipes de papel e anéis de latas de refrigerante. Bem, nove meses atrás, Tika conseguiu uma lâmina de barbear descartável e resolveu usá-la no próprio pescoço. Quando a mãe descobriu o que acontecia, a menina estava encharcada de sangue. A mãe correu com a filha para o pronto-socorro, onde a criança foi diagnosticada como uma ameaça imediata contra si mesma. Em seguida... - Phil fez uma pausa, como se esperasse pelo rufar de tambores.

D. D. ligou os pontos, no momento em que Phil pronunciava as palavras.

- E Tika, aos 4 anos de idade, foi internada na Clínica de Avaliação Pediátrica de Boston. O lugar que era a casa-longe-de-casa de Ozzie Harrington.

25O *taser* é uma arma não letal, que atordoa a vítima por meio de choques elétricos.

(N. T.)

Capítulo 20

Victoria

Será que sou uma boa mãe?

Nos meses que antecederam o fim do nosso casamento, Michael alegava que os meus sentimentos pessoais estavam prejudicando Evan. Eu me recusava a acreditar que outra pessoa - ou talvez, mais especificamente, outro lugar - atenderia melhor às necessidades do meu filho.

Por acreditar que era a única pessoa capaz de ajudar Evan, acabei me tornando, na verdade, culpada do pior tipo de orgulho. Fui arrogante, egoísta, e coloquei minhas necessidades como mãe acima das necessidades do meu filho. Também estava ignorando meu marido e minha filha, dividindo a família que eu deveria amar e proteger.

De acordo com Michael, as explosões de raiva de Evan, seus atos de violência e insônia crônica aconteciam por minha culpa. Se pudesse ser uma mãe melhor, meu filho seria uma criança melhor. Preferencialmente, um filho que pudesse ser trancafiado em algum lugar seguro, onde os pais pudessem visitá-lo quando tivessem tempo para isso e uma irmã mais nova pudesse se esquecer da existência dele.

"Pare de se martirizar assim", dizia Michael. "O problema não está com você.

Estou preocupado com aquilo que vai ser melhor para ele. Que diabos, temos dinheiro para tratá-lo" acrescentava, como se Evan fosse algum projeto de reforma que, se gastássemos dinheiro o bastante, seria executado de acordo com o que esperávamos.

Para que fique claro, não é fácil internar uma criança dessa forma. Há poucas

instituições de cuidados a longo prazo. As que são boas têm listas de espera. As que são ruins não são tão diferentes dos presídios de segurança máxima, nos quais muitas das crianças como Evan serão trancafiadas quando forem adultas. O terceiro médico que cuidou de Evan, após o episódio com o pé de cabra, disse que poderia fazer algo especial por nós. Basicamente, é o que basta para a internação imediata. É

algo parecido com uma carta de recomendação escrita por um ex-aluno rico, que serve para colocar seu filho na melhor escola preparatória. Com a diferença que, no nosso caso, era a carta de um psiquiatra especializado em crianças requisitando que o nosso filho fosse internado.

O lugar que o médico recomendou já funcionara como monastério. Era conhecido pela simplicidade em todos os aspectos da vida diária e uma abordagem

estruturada em relação à vida. Certa tarde, sem que Michael soubesse, fui até lá para conhecer o lugar. Os quartos eram pequenos e organizados de forma a não superestimular os sentidos. As paredes eram construídas com pedras tão grossas que seria impossível fazer que a luz penetrasse na penumbra do lugar.

O hospital promovia a autodisciplina, o esforço e a independência. Achei que tinha cheiro de asilo, um lugar aonde você vai para morrer. Não consegui imaginar meu filho ali. Não consegui imaginar Evan, com seu sorriso iluminado e riso contagioso, andando por aqueles corredores tristonhos.

Assim, preferi mantê-lo em casa, junto a mim. E as pessoas que acabaram saindo de casa foram meu marido e minha filha.

Não sei se sou uma boa mãe. Evan não é o filho que imaginei que teria. Esta não é a vida que sonhei que teria. Eu me levanto a cada manhã e faço o melhor que posso. Em alguns dias, faço coisas demais. Em outros, simplesmente não consigo fazer o mínimo necessário.

Mas eu não sou uma mártir.

Sei disso porque, às duas horas da tarde, farei algo que, de maneira absoluta e positiva, não tem a ver com aquilo que é melhor para Evan.

E não me importo nem um pouco com isso.

Começo a fazer os preparativos ao meio-dia. A primeira coisa é preparar um sanduíche de manteiga de amendoim e geleia para Evan, polvilhando um comprimido moído de Diazepam por entre o recheio. Não me pergunte onde aprendi a fazer isso.

Não me pergunte que tipo de pressão leva uma mãe a passar suas tardes esmagando vários medicamentos e misturando-os com os vários pratos que serão servidos. Para simplificar as coisas, basta ter algo bem doce, como geleia ou mel, para disfarçar o amargor do remédio. Queijo grelhado... demorei horas para conseguir limpar a gordura das minhas peças do jogo americano de vidro.

Sirvo o sanduíche com fatias de maçã e um copo de leite, deixando-o sobre a mesa de centro. Evan parece se animar. Um lanche na sala de televisão significa que poderá comer enquanto assiste à TV, uma oportunidade rara. Ele já está começando se recuperar do episódio dramático da manhã no playground.

A seguir, ligo a televisão no canal preferido de Evan: o History Channel. Evan gosta de assistir programas sobre eventos históricos durante horas a fio, como as histórias de Pompeia, os guerreiros de terracota em tamanho real que foram recuperados da tumba de um imperador chinês ou imagens do *Titanic*. Seus livros

preferidos são da série *Casa da Árvore Mágica*, nos quais Jack e Annie viajam pelo tempo para várias épocas e lugares diferentes. Ele também gosta de livros de não ficção. Biografias, livros com registros fotográficos e velhas litografias. Tudo isso o fascina.

Ele herdou o gosto pela história de seu pai. É mais uma coisa que Michael nunca saberá.

No momento, há um programa no History Channel que mostra a perfuração do túnel entre a Inglaterra e a França. Há imagens de maquinário pesado e homens cobertos de lama, todos usando capacetes de proteção. Evan pega a primeira metade do sanduíche, encantado com a TV.

Vou até o hall de entrada, onde verifico a porta. Evan aprendeu a operar o ferrolho da porta aos 3 anos, para que pudesse escapar de casa sempre que quisesse.

Ele também aprendeu a destravar as correntes presas com cadeados e as portas

de correr de vidro. Como resultado, a porta principal de casa agora tem um ferrolho especial, que exige inserir e retirar a chave para que se abra. Também adaptei as travas das portas de correr, de modo que todas as entradas e saídas só podem ser acessadas com a chave que trago pendurada em uma pequena corrente ao redor do pescoço. Se houver um incêndio, e se eu chegar a perder a chave, Evan e eu seremos queimados vivos.

Mas, pelo menos, isso o impede de escapar enquanto estou no banho.

Subindo ao primeiro andar, me dispo no banheiro. Por um momento, olho para o meu reflexo no espelho, embora saiba que não deva fazer isso. Eu era uma garota bonita. O tipo de mulher clara, esguia, com cabelos em tom loiro-platinado que atrai a atenção dos homens. Desde cedo compreendi o poder que tinha e o usei de forma inteligente. Morava em um *trailer*, e as rachaduras da parede eram preenchidas com jornais velhos para evitar o frio entrar. Queria sair daquela vida, e a minha aparência era o passaporte de que precisava.

Comecei pelo circuito de concursos de beleza, ganhando modestas quantidades de dinheiro. Minha mãe, em meio à inveja que sentia, roubava o dinheiro da minha conta bancária. Continuei fazendo aquilo até que finalmente consegui uma bolsa de estudos para cursar a faculdade. Foi onde conheci Michael. Percebi imediatamente que era uma pessoa como eu. Atraente, obstinado e desesperado. Havíamos sido castigados o bastante pela vida, e não estávamos mais dispostos a aguentar calados.

Perdi a minha virgindade para ele quando tinha 20 anos, embora minha mãe já dissesse que eu era uma vadia ordinária desde os meus 14 anos, pelo menos.

Naquela noite, eu chorei. Michael me abraçou, e me senti especial. Os concursos de beleza eram apenas títulos. Era Michael que fazia com que me sentisse uma princesa.

Não me pareço mais com uma campeã de concursos de beleza. Meu rosto está esquálido, a pele está quase transparente de tão pálida, esticada por sobre as minhas costelas e quadris. Há uma imensa mancha amarelo-esverdeada na lateral do meu corpo. Imagino que foi quando Evan me empurrou pela escada. Há hematomas mais escuros e recentes cobrindo a perna direita. Meu antebraço está marcado com vergões. Minha aparência está envelhecida e agredida, e, por um momento, sinto vontade de chorar.

Chorar pela beleza que desapareceu rápido demais. Pela juventude que desapareceu rápido demais. Pelos sonhos que imaginei um dia realizar.

"Quando uma pessoa abre mão de algumas partes de si mesma..."

Mas as quero de volta. Meu Deus, há momentos em que eu quero muito tê-las de volta.

Duas da tarde. Tudo vai ficar bem às duas da tarde. Abro o chuveiro, entro no box e começo a depilar as pernas.

Volto a descer para o térreo quase uma hora depois, uma eternidade no mundo em que existo. Aproveitei o tempo para aplicar minha loção de rosas preferida na pele.

Cuidei das unhas, esfreguei os pés e usei um condicionador especial nos cabelos. Se não estiver mais bonita, pelo menos estou mais bem-cuidada do que o habitual. É o melhor que posso fazer.

Evan está sentado no sofá. Ouço o som alto do History Channel. O programa sobre a escavação do túnel terminou, agora há algo sobre a grande escavação de Boston. O sanduíche desapareceu. Evan parece estar com os olhos vidrados.

Primeiro, a dose matinal de Ativan, e agora o Diazepam.

Eu me sento ao lado de Evan e acaricio seus cabelos loiros. Ele se espreguiça, movendo-se de modo que possa olhar para mim.

- Bonita - diz ele, com a voz arrastada, e me espanto com a minha capacidade de sorrir e sentir o coração se despedaçando ao mesmo tempo.

- Amo você.

- Cansado - diz ele.

- Quer descansar?

- TV! - ele grita. Ainda não está totalmente sob o efeito da medicação.

- Depois que o programa terminar, então.

Ele se mexe novamente, mudando de posição, com o olhar novamente fixado na caixa mágica. Estamos sentados lado a lado. Meu filho afunda cada vez mais no torpor causado pelo medicamento. Eu me sinto um pouco incomodada pelo sutiã com bojo que estou usando.

O programa é interrompido por um intervalo comercial. Olho para o relógio.

Faltam dez minutos. É agora ou nunca. Pego o controle remoto e desligo a TV.

Espero até que Evan grite ou xingue, mas ele não diz nada. Está com o queixo caído, bem próximo da inconsciência.

Evan não protesta quando coloco o braço ao redor dos seus ombros e o ajudo a ir até o andar superior. Para um garoto de 8 anos, ele parece não ter qualquer peso.

Disseram-nos que é por causa da hiperatividade, seu constante estado de agitação.

Mesmo que seguisse a dieta de Michael Phelps[26] , Evan perderia peso.

Em seu quarto, eu o coloco na cama, sem lhe despir ou lhe vestir um pijama. É

a segunda soneca do dia e sei que, quando chegar a noite, vou pagar o preço por ela.

Uma noite longa, sem qualquer possibilidade de dormir, na qual meu filho vai extravasar os efeitos colaterais destruindo a casa.

Mas valerá a pena, eu acho. Desde que eu possa ter as duas horas da tarde.

Olho novamente para o meu relógio. Faltam três minutos.

- Mamãe - meu filho balbucia.

- Sim, Evan?

- Amo você.

- Eu também amo você, querido.

- Desculpe

- Desculpar por quê, meu bem?

- Hoje de manhã. Não o machuquei. Não queria machucar. Só queria... um amigo. Ninguém gosta de mim. Nem mesmo o papai.

Não digo nada. Simplesmente acaricio seu rosto e o observo até que seus olhos se fecham. Quero dizer que tudo vai ficar bem. Que ire

mos ao parque noutro dia. Quero dizer que ele vai fazer novos amigos e que seu pai ainda o ama.

Em vez disso, saio silenciosamente para o corredor e tranco meu filho em seu quarto.

A campainha toca.

Passo a mão pelos cabelos uma última vez, nervosamente. Depois, desço as escadas.

Meu amante me espera nos degraus em frente à porta de entrada. Está vestido de maneira casual, uma camiseta branca justa que mostra os contornos do peito musculoso. Alguns cachos do cabelo ainda úmidos tocam-lhe a nuca. Ele cheira a sabonete e à luz do Sol, e quero reservar um momento para sentir o cheiro.

Juventude, liberdade, dias sem preocupação.

Ele tem o cheiro das coisas que perdi, e há dias em que quero colocá-lo no lugar dessas coisas, desesperadamente.

- Tenho apenas uma hora - diz ele. Não me surpreendo. No começo, ficava mais tempo. Compartilhávamos as carícias antes do sexo, depois conversávamos deitados e sentíamos juntos o prazer tranquilo que vinha em seguida. Então, algo mudou. Ele ficou menos encantador, mais exigente, e nossos encontros ficaram menos românticos e mais burocráticos.

Sinto-o mais evasivo agora. Não vai agir com carinho, talvez até mesmo seja violento. A mulher que eu costumava ser o mandaria embora.

Agora, abro a porta da minha casa e o deixo entrar.

- Evan? - ele verifica. Tenho que lhe dar o crédito por isso. Nos conhecemos por causa de Evan. Eu costumava pensar que, pelo menos, uma coisa boa surgiu no meio de toda essa situação. Não tenho mais certeza de que seja assim.

- Dormindo - eu digo.

- Trancado no quarto?

- Não seremos interrompidos.

Ele recebe um sorriso que já estou sentindo entre as pernas. Me conduz para a sala de televisão, com os dedos calejados segurando firmemente ao redor do meu pulso.

No último segundo, eu hesito. Procurando, querendo...

- E a minha surpresa? - eu me ouço perguntar.

- Ainda não é segunda-feira - diz ele, me levando para o sofá.

- Apenas dois dias. Está perto o bastante.

- Está impaciente? - diz ele, me olhando de lado. É um olhar sedutor e perigoso ao mesmo tempo. Há sombras lhe cobrindo os olhos. Por que nunca percebi isso?

Seus olhos azuis, que costumavam ser tão claros, agora estão tão escuros quanto a meia-noite. É o fantasma, penso. O maldito fantasma que não quer me deixar em paz.

Em seguida, não quero mais pensar em nada. Não quero saber.

Ele me puxa para o sofá, onde há poucos minutos meu filho estava sentado em estado quase catatônico. Exceto pelo fato de que, agora, estou curvada por sobre o braço do sofá, enquanto mãos másculas levantam a minha saia, acariciam minha bunda e abrem um zíper por trás de mim.

Sinto o cheiro do Sol de agosto irradiando da pele dele. A sensação me leva para outro lugar, onde ainda sou jovem, meu marido ainda me ama e estamos andando de mãos dadas no México, observando o Sol se pôr e pensando que esse

é apenas o início dos melhores dias das nossas vidas.

Os dedos de outro homem me tocam, me abrindo, me preparando. Minhas costas se arqueiam instintivamente, me aproximando dele.

Até que ele entra em mim. A primeira investida forte. Seu grunhido de satisfação.

- Você vai fazer exatamente o que eu mandar - ordena ele.

Eu fecho meus olhos e me entrego.

26Nadador olímpico norte-americano, que conquistou oito medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos de Pequim em 2008. Para atender aos rigores dos treinos de natação, Phelps consome entre oito e dez mil calorias por dia. Uma pessoa adulta, que não seja atleta profissional, precisa de cerca de duas mil calorias por dia. (N.

T.)

Capítulo 21

Danielle

- O que você está fazendo aqui?

- Trabalhando. O que parece que estou fazendo? - eu disse, enfiando minha bolsa no armário.

- Você não está na escala de hoje - insistiu Karen, minha chefe.

- Mudança de planos de última hora - digo, mantendo a neutralidade. - Genn queria ir a um churrasco com os filhos e eu concordei em cobrir o turno dela.

Karen ajustou os óculos com aro de metal. Cruzou os braços sobre o peito, demonstrando que eu estava comprando briga com ela.

- Você se olhou no espelho nos últimos dias? - exigiu ela. - Porque, se olhou, acho que nós duas vamos concordar sobre o motivo pelo qual você não vai trabalhar esta noite.

Eu a encarei com o mesmo olhar duro, queixo empinado e ombros enrijecidos.

Eu também sabia ser intransigente. Especialmente na noite de hoje.

Dormi no sofá depois da consulta com o dr. Frank. Sonhei com meu pai novamente. A diferença foi que, dessa vez, ele não estava sob o vão da porta. Dessa vez, estava no meu quarto. O dr. Frank tinha razão: havia coisas com as quais eu nunca lidei, eventos que nunca relatei a ninguém. Eu os mantinha a distância, enfiados em um pequeno armário no fundo da minha mente, o qual deixava trancado a sete chaves. Mesmo assim, uma vez por ano, eles conseguiam escapar. Deslizavam por baixo da porta, se contorciam pelo buraco da fechadura, em seguida se esgueiravam pelos corredores escuros da minha memória.

"Pequena Dani... é hora de alegria..."

Como profissional de saúde, entendo que a parte inconsciente da mente tem vontade própria. Como pessoa, entretanto, me pergunto se, na verdade, essa é a sensação de enlouquecer. Meu coração acelerava, mesmo quando eu estava imóvel.

Minhas mãos lutavam contra os tremores, mesmo em meio ao calor do mês de agosto.

Eu não podia ir para casa esta noite. Simplesmente não podia. E este lugar era a coisa mais parecida com uma família em minha vida.

- Vou ficar bem - eu tentei, mas Karen não se deu por satisfeita.

- Em primeiro lugar - ela declarou, em tom de comando -, você esteve envolvida não apenas em um, mas em dois incidentes com a mesma paciente.

Olhei para ela, confusa. Talvez eu houvesse enlouquecido, porque não sabia do que ela estava falando.

- Lucy - disse ela, lendo a expressão no meu rosto. - Ela escapou ontem. Em quinze anos, nunca houve uma ocasião em que uma criança conseguisse desaparecer.

O hospital está exigindo uma investigação formal, e é exatamente o que

deveriam fazer. É inconcebível que uma criança consiga escapar após atravessar duas portas trancadas, sem que uma única enfermeira ou conselheiro sociocomportamental percebesse. Pelo amor de Deus, Danielle. Temos sorte que nada de ruim aconteceu.

- Mas eu a encontrei! - protestei, em resposta. - Fui eu que descobri onde ela estava e a trouxe de volta.

- Você era a pessoa que devia estar de olho nela desde o início.

Baixei a cabeça, me sentindo envergonhada.

- Em seguida, ontem à noite, fiquei sabendo que você e Lucy disputaram alguns *rounds* de luta livre. E, a julgar pelo seu rosto, você perdeu.

- Eu controlei a situação...

- Você nem deveria estar na unidade, Danielle. Você devia estar voltando para a sua casa, não correndo pelo salão para cuidar de uma criança!

- Lucy começou a gritar histericamente. O que deveria fazer? Sentar em alguma poltrona e ficar olhando? Precisávamos acalmá-la, e eu era a pessoa com a melhor chance de conseguir fazer isso.

- Danielle, você foi atacada fisicamente por uma criança! Seu rosto está coberto de arranhões e o pescoço está cheio de hematomas. Não estou preocupada com Lucy, pois você realmente conseguiu acalmá-la. Mas qual foi o preço que pagou por isso? Precisamos de uma reunião com todos os membros da unidade.

Individualmente, você também precisa de apoio físico e emocional. Em vez disso, está fingindo que a situação não é nada fora do comum. Isso não é saudável.

- Estou bem...

- Você está com uma aparência horrível.

- Faz vinte e cinco malditos anos. É claro que eu estou horrível!

Percebo tarde demais que me exalto, e tento me conter. Mas eu estava

respirando rápido demais e o coração estava acelerado. Eu queria sair correndo.

- Você andou bebendo? - perguntou Karen.

- Não. - "Ainda não".

- Ótimo. Fico realmente feliz por ouvir isso. Mas, mesmo assim, não vai trabalhar hoje.

- Eu *tenho* que trabalhar hoje. Eu posso me cuidar. Posso agir de maneira profissional. Nós duas sabemos que sou boa no que faço.

- Danielle - disse ela, gentilmente. - Você é ótima no que faz. É uma excelente profissional, sempre que trabalha com cem por cento da sua capacidade. Você não está com cem por cento agora, e essas crianças não merecem nada menos do que isso.

Ela ia me mandar para casa. Eu não conseguia acreditar. Karen deixaria a unidade funcionando com uma equipe menor que o recomendado em vez de aceitar a minha presença ali.

- Quero que você desça até o ambulatório - disse ela, com a voz autoritária. -

Você precisa de avaliação médica. Se não quiser fazer isso pelo seu próprio bem, nós vamos precisar dos resultados dos seus exames para não termos problemas com a seguradora. Vou lhe dar cinco dias de folga remunerada. Descanse. Fale com um dos conselheiros. Resolva seus problemas. Depois, pode voltar a trabalhar com as crianças da clínica.

"Eu não posso ir para casa. Eu não posso ir para casa. Eu não posso ir para casa."

- Eu vou descer - foi o que me flagrei dizendo. - Farei um exame físico.

Quando terminar, posso voltar para cá? Se o médico autorizar...

- Danielle...

- Eu posso ajudá-la.

Levantei os olhos. Karen deu meia volta. Greg estava em pé, logo atrás dela.

Nós não percebemos o momento em que ele entrou, mas, pela expressão em seu rosto, era óbvio que ele ouvia a nossa conversa há algum tempo.

Ele estava bonito. Cabelos castanhos ainda um pouco molhados após o banho.

Ombros largos preenchendo o espaço estreito, com uma bolsa de ginástica preta jogada sobre o ombro.

- Ela pode trabalhar comigo - disse ele, olhando para Karen. - Podemos nos ajudar mutuamente. Assim, teremos alguém na unidade para supervisionar a administração dos medicamentos, e você não terá de se preocupar com Danielle trabalhando sozinha.

Eu me sinto ao mesmo tempo grata e envergonhada. Quantas vezes rejeitei esse homem? E, mesmo assim, ele ainda era o melhor amigo que eu tinha.

Parecia que Karen ia protestar, mas, no último segundo, hesitou. Havia um coração mole por baixo do exterior severo. Deus sabe que, uma vez por ano, ela tolerava meu comportamento mais do que eu merecia.

- Vá para o ambulatório primeiro - disse Karen abruptamente, me encarando. -

Se algum dos médicos disser que você está em condições de trabalhar, e se Greg ainda estiver com vontade de bancar a babá...

Gemi com a indireta. Ela estava me testando, sondando para ver se eu ainda estava com o emocional sob controle.

- Primeiro os exames - eu concordei, mansamente. - Depois, adoraria trabalhar com Greg. Formamos uma boa equipe.

Sem qualquer pudor, havia lhe dado a deixa. Ele deu um sorriso breve, mas a expressão não se refletiu nos olhos. Talvez me conhecesse melhor do que eu pensava.

Com o problema resolvido, Karen se esgueirou ao redor de Greg para voltar para o escritório principal. Era quase meia-noite e ela ainda tinha uma pilha de documentos para analisar antes de voltar para casa. Uma enfermeira-chefe não conseguia dormir muito.

Sozinha com Greg, me senti sem jeito outra vez. Ele abriu um armário e guardou sua bolsa. Fiquei ali, observando-o. Parecia cansado, eu pensei. Um pouco desgastado pelos acontecimentos do dia. Ou talvez fosse impressão minha.

- Obrigada - eu disse, finalmente.

Ele não olhou para mim. - A noite ainda é uma criança - disse ele, finalmente. -

Não me agradeça ainda.

A polícia chegou à CAPB pouco depois da 1h30. Tocaram a campainha ao lado das portas de entrada - uma, duas, três vezes. Eles podiam nos ver, e nós podíamos vê-

los. Tiveram que esperar.

A unidade estava imersa no caos. Jorge, que normalmente dividia o quarto com

Benny, acordou agitado pouco depois da meia-noite e meia. Ed conseguiu levá-lo para outro quarto para lerem uma história juntos. Jorge conseguiu chegar até a metade da história. Em seguida, arrancou o livro das mãos de Ed e o arremessou até o outro lado do corredor. O livro acertou Aimee na cabeça, e ela acordou gritando.

Dali para frente, as crianças começaram a gritar e correr.

Agora, Aimee estava encolhida em posição fetal sob uma das mesas; Jimmy e Benny estavam apostando corrida ao redor das cadeiras, e Sampson, de 9 anos de idade, estava em frente à porta trancada da cozinha, gritando para que lhe dessem algo para comer.

Eu havia sido liberada para trabalhar por um dos médicos bem a tempo de correr atrás de Becca, uma menina de 5 anos, que estava andando pelo corredor. De algum modo, ela conseguiu encontrar um tabuleiro dobrável, e qualquer pessoa que tivesse a infelicidade de cruzar o seu caminho era agredida com o objeto. Greg tentava desvencilhar Jorge de Ed, enquanto Cecille executava a rotina de contenção em frente ao quarto de Lucy. Não podíamos, de maneira alguma, deixar que Lucy se juntasse às outras crianças e ampliasse ainda mais a balbúrdia.

Na terceira vez que passei pela recepção, pude apertar o botão que destrancaria a porta para os policiais. Consegui tirar o tabuleiro das mãos de Becca ao mesmo tempo em que os policiais entraram na unidade. A loira de cabelos cacheados tomou a dianteira, com três outros oficiais vestindo ternos escuros entrando logo atrás e se postando ao redor dela.

- Tenho um mandado - começou a investigadora.

Um livro voou pelo corredor. Para dar um certo crédito à polícia de Boston, os investigadores se esquivaram bem rápido.

- Mas que diabos... - murmurou a sargento, finalmente percebendo o que estava acontecendo.

- Seja o que for que vocês quiserem, terão de esperar - eu os informei, em tom ríspido. - Fiquem com as costas voltadas para a parede. Não toquem em nada. Ah, e tomem cuidado. Acho que Jorge acabou de escapar.

Conforme eu previa, o garoto magro, do alto dos seus 6 anos de idade, estava correndo pelo salão e vinha em nossa direção, agitando os braços, e os olhos azuis quase lhe saltando da cabeça. Parecia que fugia de todas as coisas ruins que já lhe aconteceram na vida. Eu conhecia bem aquela sensação.

Passei um braço ao redor da cintura de Jorge quando ele passava em disparada e converti a sua trajetória em um gracioso arco no ar, um movimento que eu

praticava pelo menos uma vez por semana. - Ei, camarada, relaxe. Do que você está com medo?

- Homem mau, homem mau, homem mau, homem mau, homem mau! - gritava Jorge.

- Você teve um pesadelo, *chiquito*? Por que não vem comigo? Vou ver o que posso fazer para mandar todos aqueles homens maus para bem longe daqui.

- ¡ *Maldito, maldito, maldito!* - acrescentou Jorge em espanhol, enquanto o levava pelo corredor. Ed e Greg me encararam com olhares aliviados. Em seguida, eles estavam na área de recreação, de onde Aimee precisava ser resgatada. Jimmy e Benny deviam gastar toda a energia, como se fossem relógios de corda, e depois tínhamos de cuidar e alimentar Sampson...

No quarto de Jorge, liguei todas as lâmpadas. Em seguida, comecei a examinar cada fresta e buraco, como de hábito. Cheguei até mesmo a balançar o lençol e o cobertor, provando que não havia nenhum monstro se escondendo debaixo da cama.

Ao perceber que ele ainda não havia se convencido, passei para o plano B, levando um colchão até o corredor e preparando um ninho de emergência. Nos deitamos, lado a lado, apontei para os vários espelhos convexos que estavam instalados no teto, explicando-lhe que as superfícies refletivas lhe permitiriam ver qualquer homem mau que se aproximasse. - São como um sistema de proteção - eu disse a ele. - Vão manter você em segurança.

Os ombros de Jorge finalmente relaxaram. Ele se aconchegou mais perto de mim, e peguei um livro de histórias. Ao passar da metade do livro, seus olhos já fechavam. O corredor voltara à tranquilidade, e o ambiente fora recuperado.

Apenas os policiais continuavam por ali, destacando-se do ambiente da clínica em seus ternos escuros. Greg parou em frente a eles. Estavam conversando em voz baixa, e eu não podia ouvi-los. Greg franziu as sobrancelhas, balançou a cabeça, e depois voltou a demonstrar uma expressão sisuda. Finalmente, apontou para mim, e a loira se virou, como se esperasse que algo fosse acontecer.

Totalmente exposta ao olhar dela, terminei de ler o primeiro livro. Em seguida, deixei-o de lado, peguei outro volume, e o abri na primeira página.

Qualquer coisa que ela quisesse fazer ou dizer teria que esperar. Especialmente porque não queria ouvir nada do que ela tinha a dizer.

- *Pequena Dani* - meu pai cantava dentro da minha cabeça.

"Eu sei, eu sei, eu sei".

- Temos um mandado de busca e apreensão para todos os registros em nome de Oswald James Harrington - explicou a sargento D. D. Warren, dez minutos depois, com uma expressão firme no rosto. - Também temos um mandado similar para apreender todas as informações relativas a Tika Rain Solis. O policial Phil LeBlanc vai supervisionar a transferência de todos os documentos. O restante de nós fará algumas perguntas para a equipe da clínica.

Olhei para a sargento Warren, ainda um pouco confusa. Ela trazia vários

documentos de aparência oficial. Por falta de coisa melhor a fazer, peguei os papéis que ela trazia. Definitivamente, pareciam mandados de busca.

- Eu... eu vou ter que telefonar para a Karen Rober, a enfermeira-chefe -

consegui dizer, finalmente.

- Então faça isso.

- Tem certeza de que isso não pode esperar até amanhã de manhã? A equipe do turno da noite é pequena, e não podemos privar a unidade dos poucos funcionários que estão aqui hoje.

- Certeza absoluta.

Ela não piscou, e tive a impressão de que a sargento havia planejado meticulosamente aquela batida à uma e meia da manhã. Chegar até ali no horário comercial significaria ter que lidar com a administração, e também com o batalhão de advogados do hospital. Incursões noturnas, por sua vez...

- Vocês vão ter que ser pacientes - respondi, sentindo-me exausta. Nunca precisara atender a um mandado de busca antes. Quantos documentos teriam que ser entregues à polícia? O mandado mencionava "tudo", mas o que exatamente significava isso? A equipe não estava preparada para situação. *Eu* não estava preparada para isso.

Precisava ver como Lucy estava. Ela conseguiu passar incólume pelo surto de Jorge. Comecei a me perguntar se isso significava que estava encolhida em seu quarto, dormindo sob a luz do luar.

- Vamos para a sala de conferências.

- Sala de conferências?

- Você sabe. A sala que usamos da última vez.

- Está se referindo à sala de aula?

- Seja lá como a chamam. Não se preocupe, sabemos como chegar até lá.

Ela começou a marchar pelo corredor, com os outros dois detetives nos seus calcanhares. O quarto policial continuou em pé na minha frente. Quarenta e poucos anos, com alguns quilos a mais ao redor da cintura e um sorriso tímido no rosto. Era um bom policial, eu percebi. Qualquer um que trabalhasse na equipe da sargento Warren teria que ser.

- Sou o investigador Phil LeBlanc - apresentou-se ele. - Se você me mostrar onde estão os registros, posso cuidar do resto.

Não sendo tão ingênua quanto ele imaginava, destranquei a porta que levava aos escritórios da área administrativa e procurei por entre as pastas do arquivo por aquelas que continham os dados dos dois pacientes em questão: Oswald James Harrington e Tika Rain Solis. Peguei as pastas, apontei a copiadora para o policial LeBlanc, e telefonei para Karen.

Sua voz estava sonolenta, mas ela acordou rapidamente quando ouviu a notícia.

- Estou indo para aí - garantiu ela. Lembrando-me do bairro onde morava, percebi que ela levaria pelo menos uma hora para conseguir chegar ao hospital.

- Vamos precisar de um advogado? Como isso funciona?

- Não responda a nenhuma pergunta que não queira responder, e diga ao resto da equipe para fazer o mesmo. Que audácia. Aparecer no hospital à uma e meia da manhã. Idiotas.

- Acho que a sargento Warren encararia isso como um elogio - eu disse. Como se estivesse invocando o diabo, Warren apareceu no final do corredor.

- Gostaríamos de começar com você - ela disse. Uma ordem, não um pedido.

- Não me surpreende nem um pouco - eu resmunguei, em voz baixa.

Desliguei o telefone. Como era a pessoa mais experiente e gabaritada na unidade, teria de aguentar a pressão e ser gentil com os investigadores. Muita sorte.

- Tudo bem - eu disse.

- Ótimo - retrucou Warren.

- Vou só pegar um copo d'água.

- Eu espero.

- Fique à vontade.

Dei as costas para a investigadora e fui em direção à cozinha. No último minuto, entretanto, continuei meu caminho pelo corredor, indo até a porta do quarto de Lucy. Olhei para o interior do quarto, esperando ver Lucy dormindo em um dos cantos.

Em vez disso, ela dançava.

Lucy se movia pelo quarto em círculos graciosos, saltando de um raio de luar para outro. O camisolão cirúrgico que usava se inflava como um vestido rodado conforme seu corpo girava, pulando sobre o colchão, e depois fazendo piruetas em frente à janela.

Ela era novamente um gato, movendo-se com a languidez de um felino. Talvez tentasse agarrar os raios de luar com as patas. Talvez simplesmente gostasse da sensação de se deixar balançar de um lado para outro. Ela bateu na janela, colocando palmas contra o vidro. Em seguida, ficou imóvel. Eu sabia que avistara meu reflexo.

Será que estava irritada depois do nosso último confronto? Temerosa?

Provocativa?

Lucy deu as costas para o vidro. Lentamente, veio até onde eu estava, girando e dançando. No último segundo, quando senti a tensão aumentar, ela estendeu a mão, com os dedos pálidos esticados. Tinha uma pequena bola de fios pendurada na mão, algo que havia construído depois de enrolar algumas fibras soltas do carpete. Um brinquedo para gatos que ela mesma fizera.

Hesitei. Ela fez com que a bola balançasse novamente.

Aceitei o presente, fechando a mão ao redor da bola enquanto ela se afastava, com braços e pernas longos e magros refletindo a luz prateada do luar.

Guardei o presente - uma oferenda representando a paz - em meu bolso e voltei

para falar com a sargento Warren.

Eu havia acabado de entrar na sala de aula quando percebi que me esquecera da água. Voltei para a cozinha para pegar um copo, e Greg me encontrou. Benny e Jimmy não conseguiam ficar quietos. Preparei doses de difenidramina[27] para as duas crianças. Greg pegou os medicamentos e eu voltei para a sala de aula, onde a expressão no rosto da sargento Warren me disse que eu ainda não havia pegado o meu copo d'água.

Voltei mais uma vez para a cozinha, desta vez encontrando um copo e abrindo a torneira com força. O outro detetive, LeBlanc, colocou a cabeça para fora da área

administrativa. O papel da copiadora havia acabado.

Recarreguei a copiadora, dando uma olhada para os registros que ele já havia duplicado. Ofereci-me para levar as cópias para a sala de aula, mas ele recusou. Dei de ombros, e, como ele parecia haver terminado com a pasta onde os registros originais de Tika ficavam guardados, eu a levei comigo para usar como referência.

Cheguei até a sala de aula. Logo em frente à porta, percebi que havia deixado meu copo d'água ao lado da copiadora. Voltei para os escritórios da área administrativa, pegando a minha água e voltando para a sala de aula com tudo nas mãos.

A sargento Warren olhou para o relógio enquanto me sentava. Tinha um detetive de cada lado.

- Você sempre leva quinze minutos para buscar uma bebida? - perguntou ela.

- Oh, às vezes eu demoro vinte. Mas hoje eu tive sorte. Fui interrompida apenas quatro ou cinco vezes. Não se preocupe, dentro de pouco tempo alguém vai precisar de alguma coisa.

- Noite maluca - comentou o detetive que estava à esquerda de Warren. Eu o reconheci, pois estava na unidade durante a primeira visita da polícia. George Clooney interpretando um policial de Boston.

- Festa de aniversário - eu disse. - Sempre acontece assim.

- Uma festa de aniversário? - perguntou ele.

- Priscilla fez 10 anos. Fizemos uma festa para ela após o jantar. As crianças fizeram *cupcakes*. Penduramos bandeirolas no salão e distribuímos chapeuzinhos de festa. As crianças ficaram bastante animadas, e, para o público com o qual lidamos, isso tem consequências.

- Então por que fizeram a festa? - perguntou a sargento Warren, com uma expressão séria. Consegui visualizar aquela mulher chefiando a Gestapo. Ela faria um excelente trabalho.

- Porque a maioria dessas crianças nunca participou de uma festa de aniversário

- eu expliquei. - Elas são muito pobres, muito perturbadas emocionalmente ou muito rejeitadas para ter essa sorte. Mesmo assim, ainda são crianças, e toda criança tem o direito de ter uma festa.

- E agora eles vão passar a noite inteira acordados, torturando você e uns aos outros?

Olhei para os policiais, séria. - Priscilla tem sequelas no cérebro por ter sido balançada com muita força quando era bebê. Isso lhe causa dificuldades para processar números. Mesmo assim, esta noite, ela contou dez velinhas e enfiou todas em um único *cupcake*. Falando em nome de toda a equipe, nós não nos importamos se as crianças passarem o resto da noite destruindo este lugar. Um momento como o que Priscilla teve faz tudo valer a pena.

A sargento Warren estava me estudando. Eu não sabia se as minhas palavras a haviam afetado ou não. De qualquer forma, ela era uma mulher que passava o tempo revirando corpos para que pudesse estudar seus rostos. Provavelmente ganharia de mim se fôssemos jogar pôquer.

- E o que me diz a respeito de Tika Solis? Ela também teve sua festa de aniversário?

- Não sei.

Comecei a abrir a pasta. A sargento Warren estendeu o braço por cima da mesa e bateu na pasta, fechando-a.

- Nada disso. Diga sem olhar a pasta. O que se lembra a respeito dela?

- Não me lembro.

- O que você quer dizer com "não me lembro"?

Dei de ombros. - Quero dizer que não me lembro. O nome não me parece familiar.

- Você se lembrou de Ozzie Harrington - disse ela, irritada.

- Eu trabalhei individualmente com Ozzie durante vários meses. É claro que me lembro dele.

- Mas não se lembra de Tika?

- Não consigo nem me lembrar do rosto dela.

A policial continuou me encarando, como se eu estivesse escondendo alguma coisa. - A menina gostava de se cortar. Isso refresca a sua memória?

Balancei a cabeça. - Você vai ter que ser mais específica.

- Faça-me o favor. Uma criança que se automutila? Isso não lhe traz nenhuma recordação?

- Temos dois casos assim atualmente. Portanto, não me traz nenhuma

recordação em particular.

- Dois?

Puxei a pasta das mãos dela. - Crianças são diretas, sargento. Às vezes elas não conseguem verbalizar as emoções. Mesmo assim, isso não significa que não estejam tentando se comunicar. Uma criança que odeie o mundo vai agir de forma enraivecida. E uma criança que esteja ferida por dentro vai externar essa dor, cortando braços, pernas e pulsos, para mostrar sua dor às pessoas.

- Tika tinha 3 anos quando foi internada aqui. Não é exatamente uma adolescente que fica deprimida após ler os poemas de Sylvia Plath[28] - retrucou a sargento, cética.

- Três?

Havia relatos de crianças com 3 anos que se cortavam, embora fosse extremamente raro fazerem isso quando ainda eram tão novas. Foi a minha vez de fechar o rosto. - Quando ela foi internada?

Warren me encarou. - Por volta da mesma época em que Ozzie Harrington veio para cá.

Busquei na minha memória, tentando me concentrar em uma grande variedade de crianças. A dinâmica dos meninos e meninas impactava o ambiente, tanto quanto qualquer outro fator. Quem eram as crianças que estavam na clínica junto com Ozzie? Qual era a dinâmica? Estivemos atarefados demais durante o último ano. Cada vez mais crianças, cada uma com um caso mais horrível que a outra... - Espere um minuto. Uma menina bem pequena? Vinda da região de Mattapan?

A sargento Warren lançou um olhar para o homem ruivo que estava sentado do outro lado. - Eles se mudaram de Mattapan para Jamaica Plains - murmurou ele. A sargento voltou a olhar para mim e assentiu.

- Certo, me lembro dela - tive de admitir. - Mas não trabalhei muito com ela.

Estava ocupada com Ozzie. Além disso, Tika não se importava muito com mulheres.

Ela respondia melhor a conselheiros sociocomportamentais do sexo masculino.

- O que você quer dizer com "respondia"?

- Queria uma figura paterna, provavelmente - eu dei de ombros. - Tika não tinha ninguém assim em sua casa, então estava ansiosa para encontrar uma figura paterna em outro lugar. Se Greg ou Ed lhe pedissem que fizesse alguma coisa, ela fazia. Se eu ou Cecille falássemos com ela, era como se estivéssemos falando com as paredes. Somos uma equipe de cuidados agudos, não é o nosso trabalho mudar esse tipo de comportamento, apenas trabalhar com ele. Portanto, quem trabalhava com ela

eram os homens da unidade.

- Está dizendo que ela passou mais tempo com aquele professor de educação

física?

- Professor de... Greg? Sim. Está registrado aqui. Se importa? - eu perguntei, apontando para a pasta. A sargento finalmente me deixou abri-la. Folheei os relatórios. Como eu previ, a maioria fora escrita por Greg, Ed e Chester. Os conselheiros sociocomportamentais do sexo masculino. - Greg e Ed estão aqui hoje -

eu comentei. - Acho que poderão ajudá-los.

- Tika e Ozzie interagiam? - quis saber a sargento.

- Provavelmente. Na área de recreação, durante atividades em grupo ou coisas assim.

Havia algo óbvio que eu deveria compreender. Ozzie e Tika. Tika e Ozzie. Até que finalmente me dei conta. Minhas mãos ficaram paralisadas sobre a pasta. Olhei para os três detetives, aterrorizada.

- Você está dizendo que... Tika está morta? - e, um segundo depois, liguei os pontos: - Oh, meu Deus... Jamaica Plains. A família que foi assassinada ontem à noite em Jamaica Plains... era a família de Tika? Duas crianças que passaram por aqui, duas famílias...

Não quis considerar as implicações daquele tipo de conexão. E foi então que percebi a maneira que os policiais estavam me analisando. Não como uma enfermeira passando informações sobre dois pacientes, mas como uma pessoa suspeita. O denominador comum entre as duas famílias que tiveram o mesmo destino trágico.

Meu passado. Será que conheciam meu passado? Se conhecessem...

Não conseguia respirar. Vi manchas esbranquiçadas surgindo diante dos meus olhos, e novamente ouvi a voz do meu pai. "Pequena Dani... ooooh, pequena Dani".

"Cale a boca, cale a boca, cale a boca".

Uma batida na porta fechada. Eu me forço a virar o rosto, me levantar e agir como profissional. Inspirar. Expirar. Compartimentalizar. Enfermeiras são boas nisso, e as enfermeiras psiquiátricas são as melhores. Abri a porta.

Greg estava do outro lado, com os olhos esbugalhados.

- Você a viu? - disse ele, de sopetão.

- De quem você está falando?

- Lucy. Diabos, nós a estamos procurando por toda parte. Lucy desapareceu.

27Medicamento anti-histamínico usado para tratar alergias, vendido sem necessidade de prescrição médica. Um de seus efeitos colaterais é causar sonolência na pessoa que o toma, o que faz com que ele também possa ser usado como tranquilizante. (N.

T.)

28Escritora norte-americana, reconhecida por sua poesia, contos e romances. Ela se suicidou em 1963, após uma longa luta contra a depressão, e muitos dos seus textos demonstram a angústia que sentia. Plath também é renomada pela popularização do gênero de poesia confessional.

Capítulo 22

Lucy

Quieta, neném, não diga uma palavra. A mamãe vai te comprar um rouxinol. E se o rouxinol não cantar, a mamãe vai comprar um anel de diamantes.

Sombras. As sombras respiram. As sombras se movem.

E se o anel de diamantes escurecer, a mamãe vai te comprar um espelho. E se o espelho se quebrar, a mamãe vai comprar um carneirinho.

Sombras. As sombras dizem "siga-me". Eu as sigo.

E se o carneirinho não andar, a mamãe vai te comprar uma carroça e um boi.

E se o boi e a carroça virarem de cabeça para baixo, a mamãe vai comprar um cãozinho chamado Rover.

Sombras. Flutuando pelo corredor, deslizando por entre a porta. Siga-me, siga-me. Eu sigo.

E se o cãozinho Rover não latir, a mamãe vai te comprar um cavalo e uma charrete. E se o cavalo e a charrete caírem no chão, você ainda vai ser a menina mais bonita da cidade.

Sombras. Puxando, arrastando, arrancando, querendo. Eu sigo, eu sigo.

Quieta, neném, não diga uma palavra. Quieta, quieta, quieta...

D. D. encarava Danielle, cada vez mais desconfiada.

- Vocês foram até o solário? - perguntava a enfermeira ao conselheiro vestido com roupas de professor de educação física. - Atrás das palmeiras?

- Foi o primeiro lugar em que procuramos.

- E já examinaram o andar inteiro? Dentro de armários, atrás dos guarda-roupas, embaixo das pias do banheiro?

- Sim.

- E há quanto tempo Lucy desapareceu?

- Vinte minutos.

- *Vinte minutos?* E você está escondendo isso há vinte minutos?

- Ei, você está enfurnada aqui com um bando de investigadores, e nós já procuramos por crianças várias vezes. A equipe está atrás dela. Verificamos este andar, o solário, e demos uma olhada rápida nos corredores. Não tivemos sorte. É

hora de alertar a segurança do hospital. É por isso que estou aqui, dizendo o que você precisa saber.

- Nós vamos ajudar - disse D. D.

Danielle e o professor de educação física se viraram para encará-la. A única reação que ambos demonstraram foi uma irritação maior.

- Podemos cuidar disso - disse Danielle, com a voz tensa.

- Podem mesmo? Então onde está a menina?

Danielle apertou os lábios. Parecia que queria bater em algo, ou alguém.

Preferencialmente, aquele alguém seria D. D. A policial estendeu as mãos. - Parece que você precisa dar início a uma busca, não é? E, ao mesmo tempo, manter a unidade sob controle. Você precisa de mais pessoas. Bem, aqui está o que você precisa: somos quatro profissionais que têm experiência em procurar por pessoas desaparecidas. Não seja idiota. Deixe-nos ajudar.

- Bem, já que você pediu de forma tão gentil... - ironizou Danielle.

D. D. sorriu. - Certo, então - anunciou ela, sentindo-se animada e tomando o controle da situação. Phil estava vindo pelo corredor, trazendo uma pilha de documentos. D. D. acenou para que ele se aproximasse, e a equipe de D. D. se aproximou da enfermeira e do conselheiro sociocomportamental. - Quem estamos procurando? Qual é a descrição?

- Uma menina de 9 anos - respondeu Danielle. - Magra, com longos cabelos castanhos emaranhados ao redor do rosto. Na última vez que a vimos, usava um camisolão cirúrgico verde, uma peça grande demais para o seu corpo. Mesmo assim, pode ser que ela esteja nua agora. Não está acostumada a vestir roupas.

D. D. levantou uma sobrancelha. - Você mencionou o solário. Isso significa que ela já desapareceu antes?

A enfermeira confirmou com um aceno de cabeça. - Ontem. O que é muito incomum - acrescentou ela. - É preciso passar por duas portas que ficam sempre trancadas. Nenhuma criança conseguiu fugir do andar da CAPB. Ou mesmo duas vezes em dois dias.

- Então ela já tem certa prática.

- Aparentemente.

Daniele estava com as sobrancelhas franzidas novamente. Ela e o conselheiro Greg trocavam olhares preocupados e o instinto policial de D. D. começou a dar o sinal de alerta. Definitivamente, havia algo muito errado com aquela unidade. Como a ala de psiquiatria infantil era agora o denominador comum entre dois crimes hediondos, D. D. e seus investigadores planejavam virar o lugar do avesso, e uma busca por uma criança desaparecida seria um ótimo começo. Justificaria as circunstâncias extenuantes para enfiar o nariz em cada fresta e nicho do lugar, e para ver as surpresas que escondia. Salvar uma criança e expor uma ala psiquiátrica. A noite ficava cada vez mais promissora.

- Precisamos examinar os vídeos de segurança - anunciou D. D.

- Não temos câmeras.

- Vocês não fazem nenhum tipo de vigilância? Um lugar como este, com esse tipo de crianças, e especialmente com os pais que eles têm? Faça-me o favor.

Câmeras de vigilância são equipamentos necessários para a sua própria proteção, ainda mais em uma época como essa em que vivemos, com pessoas que processam instituições a troco de nada.

- Não temos câmeras - repetiu Danielle. - Temos um sistema de verificações.

Um membro da equipe está designado para anotar a localização de cada criança a cada cinco minutos. Primeiramente, isso nos capacita a vigiar todas as crianças.

Portanto, em teoria, esse tipo de coisa não acontece. Em segundo lugar, isso nos dá um registro por escrito, no caso de um pai ou uma criança repentinamente alegar comportamentos inadequados no futuro. Assim, podemos registrar que a criança estava realmente em segurança e com as atividades registradas no momento da queixa. O sistema sempre funcionou bem para nós.

- Até hoje.

- Até Lucy chegar - murmurou a enfermeira. Ela hesitou, e, em seguida, acrescentou: - Ela é uma criança selvagem. Não tem habilidades sociais nem noção de sua própria humanidade. Desde que chegou aqui, adotou a personalidade de um gato doméstico. Isso parece deixá-la mais tranquila. Entretanto, se essa ilusão for quebrada, ela se torna violenta e imprevisível.

A enfermeira levantou os cabelos castanhos que lhe caíam sobre os ombros, revelando um amontoado de hematomas arroxeados no pescoço. - Eu consideraria que ela é uma ameaça para si mesma e/ou para outras pessoas.

- Caramba - disse D. D., respirando fundo. Ela sentiu um pouco da sua euforia

anterior diminuir.

- Se vocês a encontrarem, não se aproximem dela - continuou Danielle, soltando

os cabelos novamente. - Lidar com ela é o nosso trabalho. Acreditem no que estou dizendo, vocês não são qualificados para isso. Estão entendendo?

- Não somos tão imbecis - retrucou D. D. A frase não confirmava nem negava a intenção de se aproximar da criança. - Certo, vamos nos dividir em duplas. Vamos revistar cada andar do hospital, de cima para baixo, e pedir que a segurança do hospital vasculhe de baixo para cima.

- Eu vou supervisionar - disse Danielle, tensa.

- Eu também - interveio o professor de educação física. Ele olhou para Danielle, com uma expressão sombria. - Vamos nos ajudar mutuamente, lembra?

Os dois trocaram outro olhar. Um relacionamento pessoal, detectou D. D. Ela apostaria sua carreira naquela possibilidade.

- Nossa enfermeira-chefe, Karen, vai ajudar também. Ela deve chegar aqui em cerca de... vinte minutos - disse Danielle, após conferir o relógio.

D. D. assentiu. - Certo, vocês são os profissionais. Então, Danielle, que tal você vir comigo? O professor de educação física...

- Greg - identificou-se o conselheiro.

- Greg, você fica com Neil. Phil e Alex podem ser a terceira equipe. Podemos alertar uns aos outros assim que encontrarmos a menina. Algum outro conselho?

- Pensem como um gato - disse Danielle. - Lucy se sente atraída por lugares tranquilos com luz natural. Raios de Sol, raios de luar, esse tipo de coisa. Ou ela pode se encolher em algum lugar aconchegante, também. Dentro de algum armário ou debaixo de uma escrivaninha. Como um gato.

D. D. e Danielle começariam com a ala psiquiátrica, o andar mais alto do hospital. Greg e Neil ficariam com o sétimo, e Alex e Phil começariam pelo sexto pavimento.

D. D. guardou os registros que Phil havia fotocopiado em um armário. Em seguida, ela e Danielle começaram a revistar a unidade.

A enfermeira conduziu D. D. pelo corredor, onde uma imensa janela oferecia um

panorama estonteante das luzes noturnas da cidade. Elas passaram por algumas crianças em meio a um sono agitado, virando-se e contorcendo-se em seus colchões,

com um único membro da equipe de saúde vigiando-os. Danielle cumprimentou o colega pelo nome. Ed lhe disse que outra conselheira sociocomportamental, Cecille, cuidava de Aimee, enquanto Tyrone estava com Jorge na sala de TV.

D. D. teve a impressão de que a unidade continuava a ser um lugar movimentado, mesmo que já fossem quase três horas da manhã.

No fim do corredor, Danielle parou, apontando para as duas primeiras portas de quartos. A enfermeira entrou na porta à direita e D. D. ficou com a da esquerda e as duas começaram a revistar cada um dos cômodos ao longo do corredor. De acordo com a percepção de D. D., cada quarto era idêntico ao anterior e a única exceção era o quarto onde o único objeto presente era um colchão. Aparentemente, aquele era o quarto da criança desaparecida, que tinha a tendência de transformar peças de mobília em armas.

Elas terminaram de verificar os quartos dos pacientes. Em seguida, examinaram os banheiros, a cozinha que permanecia trancada e a área administrativa, também trancada. D. D. olhou sob cada uma das escrivaninhas e chegou até mesmo a retirar uma das bandejas de papel da copiadora.

- Pense como um gato - murmurava ela para si mesma. - Pense como um gato.

D. D. nunca teve um gato. Que diabos, ela não confiaria em si mesma nem para cuidar de um peixinho dourado. Elas examinaram a área administrativa, a área de recreação, as salas de aula e a sala de espera. Daquele ponto em diante, ela e Danielle discutiram possibilidades mais criativas - verificar o acesso aos dutos de ventilação, subir até o forro sob o telhado e sair por uma das janelas.

As janelas não se abriam. O teto, a quase três metros de altura, era alto demais para que uma criança o alcançasse, e as saídas dos dutos de ventilação eram pequenas demais para que alguém pudesse se arrastar para dentro deles.

D. D. entrou em contato com Neil. Ele e Greg haviam terminado de vasculhar o sétimo andar e foram em direção ao quinto. Phil confirmou que ele e Alex ainda revistavam o sexto andar. Assim, D. D. e Danielle tomaram o elevador em direção ao quarto pavimento e continuaram a procura.

Os movimentos da enfermeira estavam mais espasmódicos agora, e seu rosto mais pálido. A mulher definitivamente estava preocupada com o desaparecimento da garota e fazia o melhor que podia para ocultar a ansiedade.

- O que acontece com uma criança como Lucy? - perguntou D. D. enquanto andavam até a enfermaria. Somente duas enfermeiras estavam de plantão naquele momento e nenhuma delas vira uma criança perdida. Elas prometeram ficar de olho

em qualquer coisa anormal enquanto cuidavam dos afazeres. D. D. e Danielle começaram a examinar cada um dos quartos dos pacientes.

- Você disse que ela é uma criança selvagem - continuou D. D. - O que significa isso? Você dá os medicamentos de que ela precisa, faz que ela passe pela psicoterapia e ela deixa de ser um tigre selvagem para se transformar em um gatinho dócil?

- Não exatamente - disse Danielle. Ela enfiou a cabeça na sala onde os medicamentos e equipamentos ficavam guardados. Nenhuma criança de 9 anos escondida magicamente ali. Elas continuaram a andar a passos cada vez mais rápidos, buscando o próximo alvo.

- Lucy perdeu a maioria dos estágios-chave de desenvolvimento - explicou Danielle. - É improvável que uma criança de 9 anos consiga recuperar esse tempo perdido. Uma vez, nós trabalhamos com uma criança selvagem de 3 anos de idade.

Se estivesse com fome, ela chutava e batia na geladeira. Se estivesse com sede, bebia água do vaso sanitário. Se precisasse ir ao banheiro, se aliviava em algum canto. Foi necessário um ano inteiro de treinamento intensivo para que ela reconhecesse o próprio nome, e outro para que viesse falar com a pessoa que a chamasse pelo nome. Tudo isso começando aos 3 anos. Lucy tem 9. Esses estágios do desenvolvimento não são mais como obstáculos em uma pista de atletismo; são como montanhas. E há várias montanhas que ela precisa escalar.

- Quer dizer que ela ficará internada até que consiga aprender tudo isso? -

perguntou D. D. As duas entraram em um quarto escuro, onde um homem corpulento roncava, deitado em uma cama e ligado a vários cabos e tubos. Elas procuraram por Lucy aproveitando o brilho das luzes dos monitores, espiando

embaixo da cama, atrás da cadeira e dentro do box do chuveiro.

Danielle balançou a cabeça. - Somos uma unidade de cuidados agudos, lembra-se? Lucy vai precisar de cuidados pelo resto da vida. O único lugar que pode cuidar dela é um hospital administrado pelos Shriners[29] . Eles fazem um trabalho incrível, e têm uma lista de espera enorme para se beneficiar da qualidade dos cuidados.

D. D. sentia-se desconfortável. Tinha mais facilidade para lidar com adultos criminosos do que com crianças traumatizadas, embora imaginasse que um acabaria se transformando no outro. Elas saíram do quarto do homem que roncava e entraram no quarto seguinte. Danielle olhou atrás da cadeira enquanto D. D. espiava debaixo da cama.

- Todas as crianças selvagens tentam fugir? - perguntou D. D. - Como se fosse... o chamado da natureza?

- Ah, elas são bem arredias, têm um toque de Tarzan, e todo o tipo de comportamento animalesco que você possa imaginar. Mesmo assim, nunca uma criança conseguiu escapar. Lucy, por sua vez, conseguiu escapar duas vezes.

- O que faz Lucy perder a cabeça?

- Não sabemos. Ainda não tivemos tempo de perceber como ela vivencia o mundo.

Elas saíram do quarto do paciente e foram até um banheiro unissex.

- "Como ela vivencia o mundo"? - repetiu D. D.

- É exatamente isso - respondeu Danielle. Ela parou no meio do corredor, finalmente olhando nos olhos de D. D. - Na verdade, nossos trabalhos são iguais.

Você pensa como um criminoso para conseguir capturar um criminoso. Eu penso como uma criança selvagem de 9 anos para conseguir entender essa criança selvagem. É por isso que os pais se irritam tanto e, às vezes, agridem os filhos. Eles não estão treinados para pensar como uma criança autista, uma criança esquizofrênica ou como uma criança com distúrbio de hiperatividade e déficit de atenção. Eles não percebem o motivo pelo qual Timmy se recusa a vestir seu casaco. Não porque seja um moleque malcriado, mas porque o som do zíper lhe

dá a impressão de que seus ouvidos vão sangrar. Amar uma criança não é o mesmo que compreender uma criança. E, se quiser a opinião de uma enfermeira psiquiátrica que trabalha com crianças, o amor não é a única coisa de que você precisa.

- Triste - disse D. D.

- Se conseguir curá-las agora, você não terá que prendê-las no futuro.

- Menos triste - concordou D. D. - Agora, onde diabos está Lucy?

- É o que gostaria de saber - disse Danielle, sentindo-se exausta. - Onde diabos está Lucy?

Quieta, neném, não diga uma palavra. A mamãe vai te comprar um rouxinol. E se o rouxinol não cantar, a mamãe vai comprar um anel de diamantes.

- Você vai fazer tudo que eu disser.

E se o anel de diamantes escurecer, a mamãe vai te comprar um espelho. E se o espelho se quebrar, a mamãe vai comprar um carneirinho.

- Pegue a corda.

E se o carneirinho não andar, a mamãe vai te comprar uma carroça e um boi.

E se o boi e a carroça virarem de cabeça para baixo, a mamãe vai comprar um cãozinho chamado Rover.

- Suba na cadeira.

E se o cãozinho Rover não latir, a mamãe vai te comprar um cavalo e uma charrete. E se o cavalo e a charrete caírem no chão, você ainda vai ser a menina mais bonita da cidade.

- Agora, me mostre que você sabe voar.

Quieta, neném, não diga uma palavra. Quieta, quieta, quieta...

O celular de D. D. tocou. Ela examinou o número e abriu o aparelho. - O que houve?

- Alguém a avistou - disse Phil, lacônico. - A garota foi em direção à ala de radiologia. Aparentemente levava uma corda.

- Uma corda?

- Afirmativo, uma corda.

D. D. não gostou de ouvir aquilo. A julgar pelo olhar aterrorizado de Danielle, ela compartilhava do mesmo sentimento. - Radiologia - confirmou D. D. - Estamos a caminho.

Ela fechou o telefone, e correu com Danielle pelo corredor. - Os elevadores são muito lentos - disse a enfermeira. - Vamos pelas escadas. Por aqui.

Ela abriu a porta com o ombro e as duas desceram pelas escadas, com os sapatos batendo contra os degraus, *rat-tat-tat-tat*. D. D. seguia Danielle de perto enquanto a enfermeira descia pelos lances, contando os andares. Ela abriu a porta de saída outra vez com um encontrão e as duas dispararam por um corredor com pouca iluminação.

Esta parte do Centro Médico de Kirkland parecia tranquila. Cadeiras vazias, ninguém nos balcões da recepção. Três da manhã. Todos os exames concluídos.

Restava apenas um trabalho aqui e outro ali para os médicos do pronto-socorro.

Muitos corredores longos e vazios, nos quais uma criança poderia andar à vontade.

Elas entraram num lugar que parecia ser uma sala de espera. D. D. olhou em volta, vendo algumas portas fechadas e poucas coisas a mais. Ouviu passos que se aproximavam rapidamente, logo Phil e Alex entraram na sala.

- Para onde? Onde ela está? - perguntou D. D. Estava pronta para entrar em ação, com a adrenalina correndo pelo corpo.

- Pense como um gato, pense como um gato - murmurava Danielle. - As salas de diagnóstico por imagem! Elas são pequenas e escuras e, às vezes, retém o calor das máquinas - disse ela, apontando para algumas portas, cada uma delas com um número. - Vão.

D. D. agarrou a maçaneta da porta mais próxima de si e os outros fizeram o mesmo. A primeira estava trancada. Ela foi em direção à segunda. A porta se abriu e ela correu para dentro, entrando em um ambiente escuro. Acendendo as luzes, ela percebeu que, na realidade, eram duas salas. A primeira tinha uma mesa e a segunda era uma câmara menor, separada por uma janela de vidro, onde um técnico ficaria para operar o equipamento de diagnóstico por imagem. Ela examinou as duas áreas.

Nada. Reapareceu na sala de espera. Phil saía de outra sala. Alex e Danielle também. Todos balançavam a cabeça negativamente.

Mais pegadas. Greg e Neil correndo pelas dependências da área de radiologia para encontrá-los.

- Há outras salas por aqui? - perguntou D. D. a Danielle.

- É claro - respondeu a enfermeira, sem compreender direito o motivo para aquela pergunta. - Este andar está cheio de salas. Armário com produtos de limpeza, áreas de recepção e consultórios. Há salas e mais salas.

- Certo. Esta é a seção central - declarou D. D., apontando para a sala em que estavam. - Vamos procurar a partir desta área, como os raios de uma roda. Cada um de vocês, entre numa sala.

Agora todos se moviam rapidamente. As salas eram pequenas e revistadas rapidamente. Após doze minutos eles estavam de volta à seção central, entreolhando-se nervosamente. O andar inteiro estava quieto. Os únicos sons ao longe eram os zumbidos e estalidos do prédio enorme, que murmurava enquanto dormia.

Phil foi o primeiro a falar. - O que faremos agora? Eu juro que um faxineiro nos disse que a viu andando por este corredor. Ela certamente estava indo para algum lugar por aqui.

D. D. pensou na situação, mordendo o lábio inferior. O andar parecia ser o lugar certo. Escuro, discreto, vários pequenos espaços. Se alguém quisesse se esconder em um hospital, este seria o melhor lugar.

E então...

Ela se virou lentamente, olhando para a primeira sala em que tentara entrar. A única porta trancada em um andar onde todas as outras portas estavam destrancadas.

E, repentinamente, soube o que estava acontecendo.

- Danielle - disse ela, em voz baixa. - Vamos precisar da chave que abre aquela porta.

O faxineiro trouxe a chave-mestra. D. D. fez as honras, já com as mãos enluvadas, com cuidado para não tocar em nada que não devesse.

A porta pesada de madeira se abriu. Ela entrou devagar e acendeu a luz.

O corpo da menina pendia, pendurado por uma corda amarrada em um gancho no meio do teto, com uma cadeira de escritório com rodízios nos pés caída de lado.

O camisolão cirúrgico verde cobria seu corpo esquálido, e o corpo balançava lentamente, como se brincasse com o vento.

- Tirem ela daí! Tirem Lucy daí! - gritou Danielle por trás de D. D., com a voz marcada pela urgência. - Código, código, código! Mas que droga! Greg, acione o código!

Mas Greg estava imóvel. Era óbvio, tanto para ele quanto para D. D., que o momento de aplicar os cuidados médicos já havia passado. Para ter certeza, D. D.

deu um passo a frente e colocou a mão ao redor do tornozelo da menina. A pele de Lucy estava fria ao toque, sem qualquer vestígio de pulsação na base do pé.

D. D. se afastou do corpo e se virou para Neil. - Quando você notificar o legista, não esqueça de dizer que nós queremos que o nó na corda seja deixado intacto.

Em seguida, encarou Danielle e Greg. - Vocês dois podem voltar para a unidade psiquiátrica, se quiserem. Vamos assumir a partir daqui.

Mas nenhum deles aproveitou o momento. Greg colocou o braço ao redor de Danielle. Ela se virou com um movimento breve e se apoiou contra o corpo dele.

- Vamos ficar - disse a enfermeira, sem qualquer emoção na voz. - Essa é a função do único sobrevivente. Precisamos ser as testemunhas. Precisamos viver para contar o que houve.

29Referência à Antiga Ordem Arábe dos Nobres do Santuário Místico, popularmente conhecida como *Shriners* (santuário, em inglês) e abreviada como AAONMS (em inglês), foi estabelecida em 1870. A organização é conhecida por manter hospitais

para crianças, administrados por Shriners. (N. T.)

Capítulo 23

Danielle

Seis meses depois do funeral, a tia Helen me levou para escolher as lápides para as sepulturas dos meus irmãos. Ela já havia selecionado uma em mármore rosado para a minha mãe, inscrita com o nome e o epitáfio tradicionais. Mas quando chegou a hora de escolher as lápides para Natalie e Johnny, a tia Helen não conseguiu suportar a carga emocional, e foi embora.

Assim, minha irmã e meu irmão ficaram em covas anônimas durante aqueles seis primeiros meses, até a tia Helen decidir que era hora de terminar o serviço. Eu a acompanhei. Era algo que eu devia fazer.

A loja de monumentos era um lugar engraçado. Era possível escolher ornamentos para o gramado, fontes decorativas, ou, é claro, lápides. O balconista da loja vestia um macacão jeans, e dava a impressão de que se sentiria mais confortável cuidando das plantas de um jardim em vez de ter de ajudar uma mulher vestida de preto e sua sobrinha com olhos marcados pelo choro a escolherem lápides para duas crianças.

- O garoto gosta de beisebol? - perguntou ele, finalmente. - Posso gravar um bastão de beisebol e uma bola em baixo-relevo. Talvez algo relacionado aos Red Sox. Fazemos vários trabalhos para o Red Sox.

A tia Helen riu com a sugestão. Não foi um bom sinal.

Ela finalmente escolheu dois anjos pequenos. Eu os detestei. Anjos? Para os meus irmãos brincalhões, que gostavam de mostrar a língua para mim e que, às

vezes, gostavam de me usar como saco de pancadas? Eu os detestei.

Mas era uma época em que eu não conversava com ninguém, então deixei que a minha tia fizesse o que queria. A sepultura da minha mãe foi marcada com mármore rosado. Meus irmãos se tornaram anjos. Talvez haja árvores no céu. Talvez Natalie estivesse salvando coelhos.

Eu não sabia. Meus pais nunca me levaram à igreja, e a minha tia, a advogada corporativa, continuou sendo agnóstica.

Não enterramos meu pai. Minha tia não queria que ele ficasse perto da irmã.

Como ela era a pessoa encarregada dos preparativos, meu pai acabou sendo cremado e as cinzas colocadas em uma caixa de papelão. A caixa ficou guardada no quarto de despejo do apartamento, onde permaneceu durante os doze anos seguintes.

Eu costumava surrupiar a chave da bolsa da minha tia e visitá-lo de tempos em tempos. Gostava da aparência da caixa. Sem qualquer desenho. Simples. Fácil de se lidar. Surpreendentemente pesada. Após a primeira visita, não tentei mais erguê-la.

Queria manter meu pai daquela maneira, me lembrar dele assim. Não muito maior que uma caixa de lenços, e fácil de guardar em algum lugar.

Eu podia ficar olhando para aquela caixa por horas. Podia bater nela. Chutá-la.

Gritar a plenos pulmões.

Uma caixa nunca poderia me machucar. Nunca.

No dia que completei 21 anos, fiquei bêbada, abri o quarto de despejo e, em meio a um ataque de fúria, esvaziei a caixa sobre uma grade de esgoto. Mandei meu pai para as profundezas de Boston, tendo que manter a boca fechada, mas ainda assim inalando alguns fragmentos dele pelo nariz.

Logo em seguida, me arrependi por ter feito aquilo.

A caixa de papelão guardava meu pai, deixava-o pequeno.

Agora eu sabia que ele estava em algum lugar lá fora, flutuando por entre vários canos, canais e sistemas hidráulicos. Talvez as cinzas estivessem absorvendo a água, expandindo-se lentamente, permitindo que meu pai voltasse a crescer. Até que, um dia, uma mão branca se levantaria, afastaria uma tampa de esgoto, e meu pai estaria livre novamente.

A caixa de papelão o guardou.

Agora, por todo o mal que existe no mundo, eu só tinha a mim mesma para culpar.

- Pensei que vocês fossem trabalhar juntos - esbravejava Karen com Greg. Já passava das quatro horas da manhã. Estávamos todos cansados, com os rostos pálidos, chocados. Karen chegou ao hospital bem a tempo de ouvir a notícia sobre a morte de Lucy. Ficou ao nosso lado enquanto o paramédico baixou cuidadosamente o corpo de Lucy até a maca. Em seguida, levou a menina embora.

"Uma criança é como um floco de neve". É a primeira coisa que se aprende na escola de enfermagem pediátrica. "Uma criança é como um floco de neve". Cada uma é única e totalmente diferente das outras. Perca uma e a perda será imensa, pois nunca haverá outra realmente igual a ela.

Eu havia enfiado a mão esquerda no bolso, com os dedos ao redor do último presente de Lucy, rolando a pequena bola de fios por entre os dedos sem parar.

"Oh, Danielle. Minha bela e pequena Dani..."

- Ela estava com a polícia - respondeu Greg, por entre os dentes. - Pensei que estivesse sob supervisão adequada. Além disso, a unidade estava movimentada.

Havia muita coisa acontecendo.

- Aparentemente, havia mesmo!

- Que diabos, Karen. Você não pode estar pensando que...

- Não interessa o que eu penso. Em uma situação como esta, as aparências são tão importantes quanto a realidade. O fato é que tínhamos um membro da equipe e uma criança, e os dois passaram pelo menos quinze minutos sem que sua

localização ou atividades fossem registrados. Você estava encarregado de fazer a verificação, Greg. Que diabos estava fazendo?

- Eu verifiquei! Cecille ficou responsável por Lucy. Concordamos em monitorá-

la a cada vinte minutos, então esperei outros vinte para verificar novamente.

Danielle estava ocupada com a polícia. Ou, pelo menos, era o que eu pensava.

Agora, todos os olhos estavam em mim. Eu não disse nada. Apenas rolava a pequena bola de fios entre os dedos.

"Oh, Danielle. Minha bela e pequena Dani..."

- Você disse que foi buscar um copo d'água - repetiu Karen, olhando diretamente para mim. - Você viu Lucy na noite de hoje? Chegou a visitá-la?

- Eu vi Lucy. Ela estava dançando sob os raios do luar. Estava feliz.

- Quando?

- Antes de eu pegar o copo d'água.

- Danielle, comece a falar. O hospital vai iniciar uma investigação. O estado vai iniciar uma investigação. Você precisa nos dizer o que aconteceu.

- Eu vi Lucy. Peguei um copo d'água. Conversei com Greg a respeito de Jimmy e Benny. Recarreguei a copiadora com papel. Conversei com os investigadores. Foi tudo que eu fiz. Tudo.

- Isso não demora vinte minutos - declarou a sargento Warren.

- Foi o tempo que levou - respondi, finalmente olhando para ela. - Você estava certa. Seria melhor se tivéssemos câmeras de segurança.

A sargento Warren pediu que a acompanhasse para um interrogatório. Recusei.

Karen me informou que eu estava de licença, a partir daquele momento, e não deveria voltar ao trabalho até que o hospital permitisse. Também recusei.

Não que isso tivesse alguma importância. Todos estavam me fazendo perguntas,

mas ninguém dava ouvidos às minhas respostas.

- Ela não se matou - eu falei, levantando a voz, enfatizando as palavras. - Lucy não faria isso. Ela não faria.

Greg e Karen ficaram quietos. A sargento Warren me olhou com um interesse renovado. - Por que você diz isso?

- Porque eu a vi. Ela estava feliz. Estava se comportando como um gato.

Enquanto fosse um gato, estaria bem.

- Talvez alguém quebrou essa fantasia. Ou a ilusão acabou por desaparecer.

Você disse que ela era volátil, perigosamente imprevisível.

- Ela nunca demonstrou qualquer tendência suicida antes.

- Isso não é verdade. Ela já havia demonstrado necessidade de se automutilar, e também de se autodepreciar - protestou Karen, virando-se para a sargento Warren. -

No primeiro dia em que estava aqui, Lucy fez um corte no braço e usou o sangue para fazer desenhos na parede. A criança fez coisas horríveis porque alguém fez coisas horríveis com ela. Não acho que seja possível ter certeza sobre as coisas de que era capaz de fazer ou não.

- Ela não se matou! - insisti novamente, furiosa agora, percebendo o quanto eu precisava daquela fúria. - Ela não faria isso. Alguém a ajudou fugir. É a única explicação lógica para o fato de ela ter conseguido passar por duas portas trancadas.

Alguém a ajudou. A primeira vez foi ontem, talvez como um teste. E, esta noite, aconteceu novamente. Abra os olhos! As crianças da unidade estavam agitadas, estávamos com uma equipe pequena, e, de repente, a polícia apareceu. Houve muitas distrações, a oportunidade perfeita para que alguém pudesse fazer mal a ela.

Foi isso o que aconteceu.

- Alguém - disse a sargento Warren, lentamente, olhando diretamente para mim.

- Estive fora da sala entre cinco e dez minutos...

- Dezoito. Eu fiz questão de cronometrar.

- Eu estava com o investigador da sua unidade durante uma boa parte desse tempo.

- Aproximadamente dois minutos, de acordo com ele.

- Não é tempo o suficiente para tirar uma criança da unidade, levá-la até a ala de radiologia e depois voltar.

- Mas alguém o fez. Você acabou de dizer isso.

- Esse alguém não sou eu - esbravejei. - Alguma outra pessoa. Alguém.

- É mesmo? Eu achei que Lucy não confiava em ninguém além de você. Então, quem poderia ser essa outra pessoa?

Abri a boca. Fechei-a. Abri novamente. E desisti. Dane-se, eu não sabia.

Lucy, dançando sob o luar. Lucy, balançando, presa ao teto.

Em seguida, vindo de lugar nenhum: minha mãe, com um buraco de bala no meio da testa.

"Eu vou cuidar disso, Dani. Vá para a cama. Eu vou cuidar de tudo."

"Oh, Danielle. Minha bela e pequena Dani..."

- Precisa se sentar? - perguntou Karen, gentilmente.

Eu balancei a cabeça.

- Que tal um copo d'água? Greg, vá buscar um copo d'água para Danielle.

Karen encontrou minha mão direita, envolvendo meus dedos entre as palmas das suas mãos. Mas eu puxei a minha mão de volta, segurando-a contra o peito. Não queria ser tocada naquele momento. Queria sentir a fúria, deixá-la me inundar

como se fosse um rio.

- Tika e Ozzie - eu comecei, olhando para Karen. - Pergunte à sargento Warren sobre Tika e Ozzie.

D. D. explicou. O rosto de Karen ficou branco como giz.

- Mas... mas... isso não faz sentido - protestou ela, sem muita convicção. - Não podemos ser o denominador comum entre duas famílias assassinadas. Nós trabalhamos com crianças, mas raramente sabemos alguma coisa sobre a família.

Onde moram, o que fazem... isso não nos diz respeito...

- Mas vocês têm essas informações - disse a sargento Warren. Uma afirmação, não uma pergunta.

- Nos arquivos, sim.

- E acho que vi um cartaz no saguão sobre a unidade ter uma política de portas abertas. Os pais podem visitar a unidade sempre que quiserem, não é?

- Os pais são convidados a vir até a unidade sempre que quiserem. Mesmo assim, isso não significa que nós os conheçamos. O tempo que passam aqui no oitavo andar é apenas um fragmento do universo maior em que vivem. Isso se imaginarmos que eles realmente venham nos visitar. A maioria não vem.

- Os Harringtons vinham? - pressionou a sargento Warren.

Karen mexia nos óculos nervosamente, ajustando-os e reajustando-os em frente ao rosto.

- Não me lembro deles. É uma pena, também. Os pais acham que vão traumatizar seus outros filhos caso os tragam para uma unidade de cuidados agudos.

Apesar disso, na realidade, faz bem para que todos os filhos possam se ver e conversar, reafirmando uns aos outros que todos estão bem.

D. D. estreitou os olhos. - E a família de Tika?

Karen balançou a cabeça, aturdida. - Greg? - perguntou ela.

Ele acabara de retornar, trazendo uma bandeja com quatro copos d'água.

Entregou um para mim, outro para Karen, e depois ofereceu um para a sargento Warren, que recusou.

- Tika? - repetiu ele. - Uma menina pequena, há mais ou menos um ano?

Gostava de se cortar?

- Sim, é essa menina - respondeu Warren. - Fui informada de que você trabalhou com ela.

Greg assentiu. - Era uma graça de menina. Tinha um senso de humor fantástico, se conseguisse fazer com que ela se abrisse. Mas, sim, tinha alguns problemas de autoestima, depressão e ansiedade. Talvez tenha sofrido algum tipo de abuso sexual, embora nunca mencionasse nada.

- Como era a família dela? - quis saber a sargento Warren.

- Nunca vieram visitá-la.

- Nunca?

- Nunca. O prontuário de Tika descrevia a mãe como "desinteressada". Nunca vimos qualquer comportamento diferente.

- E, em nossos registros, consta que eles moram em Mattapan - eu falei, lembrando-me da troca de olhares entre a sargento Warren e o investigador que se parecia com George Clooney. - Era impossível saber que haviam se mudado. Nosso envolvimento com a família já estava concluído.

- Não é tão difícil pesquisar esse tipo de informação.

- E por que faríamos isso? Nós cuidamos das crianças. Não as machucamos.

Nós as protegemos.

- Diga isso a Lucy.

- Vá para o inferno! - eu explodi.

- Dezoito minutos - rebateu a sargento. - O professor de educação física aqui acabou de buscar quatro copos d'água em uma fração desse tempo. Explique os dezoito minutos.

- Calma - interveio Karen, com uma postura de chefia. - Vamos todos respirar fundo e nos acalmar aqui.

- Lucy não iria simplesmente andar pelo hospital até uma sala de radiologia - eu insisti, nervosa. - E onde ela encontraria uma corda?

- Como você mesma disse, alguém deve tê-la ajudado.

- Lucy não confiava em ninguém. Tinha habilidades sociais limitadas, e habilidades de comunicação igualmente limitadas. Que diabos, nem sabíamos que ela tinha destreza para fazer nós. Seja lá o que aconteceu, isso foi feito *com* ela, não *por* ela.

- Por alguém em quem ela confiava - reiterou a sargento, olhando para mim, e depois para a pequena bola de fios que eu tinha na mão esquerda.

- Eu não fiquei fora da sala por tanto tempo!

- Talvez porque enforcar uma criança problemática seja um trabalho rápido.

- Sargento! - protestou Karen.

Enquanto me ouvi dizendo: - Droga, eu *amava* Lucy.

- Você foi atacada por ela.

- Não foi algo pessoal...

- Parece que ela tentou torcer o seu pescoço.

- Isso faz parte do trabalho!

- O resto da equipe tem hematomas, também?

- Você não sabe como as coisas acontecem aqui. Somos a última linha de defesa

que essas crianças têm. Se não pudermos ajudá-las, ninguém pode.

- É mesmo? - a voz da sargento Warren assumiu um tom mais pensativo. - Eu me lembro, agora. Em suas próprias palavras, não há muita esperança para uma criança como Lucy. Perdeu muitos estágios básicos do desenvolvimento. Está condenada a passar o resto da vida internada em hospitais psiquiátricos. Alguns poderiam até mesmo dizer que a morte seria um destino melhor.

Karen inalou o ar abruptamente, respirando com dificuldade.

Eu me ouvi gritar. - Cale a boca. Cale essa boca!

Lucy, dançando sob o luar. Lucy, balançando, presa ao teto.

Em seguida, vindo de lugar nenhum: minha mãe, com um buraco de bala no meio da testa.

"Eu vou cuidar disso, Dani. Vá para a cama. Eu vou cuidar de tudo".

"Oh, Danielle. Minha bela e pequena Dani..."

Meus joelhos fraquejaram. A fúria não era suficiente para conseguir afastar a dor. Lucy, a menina que não teve chance de se defender. Minha mãe, a quem amava tanto, e que mesmo assim não me salvou. Natalie e Johnny, eternizados para sempre como dois anjos de pedra.

Sangue e cordite. Uma voz cantando, uma voz gritando. Amor e ódio.

Eu tinha uma vaga noção de ver Karen curvada sobre mim, mandando que eu colocasse a cabeça entre os joelhos. Em seguida, a voz de Karen ficou mais alta enquanto falava com a sargento.

- Você não devia estar pressionando Danielle desse jeito. Não tão perto do aniversário da tragédia que aconteceu com a família dela.

- Com a família dela?

Ouvi a voz de Greg, furiosa, protetora. - Você vai prendê-la?

- Você acha que eu deveria?

- Seria melhor que vocês saíssem daqui agora - dizia Karen. - Vocês já

causaram problemas o bastante para uma única noite.

- Duas famílias ligadas a esta unidade estão mortas, e uma das suas pacientes foi encontrada há pouco tempo, pendurada pelo pescoço. Francamente, acho que os problemas estão apenas começando.

- Nós vamos cuidar de tudo - esbravejou Greg.

Greg e Karen se colocaram ao meu redor, formando um escudo de proteção.

Minha segunda família, a unidade que eu provavelmente decepcionaria da mesma forma que fiz com a primeira. Fechei os olhos com força, desejando que tudo aquilo pudesse terminar.

Como se pudesse ler meus pensamentos, a sargento anunciou com uma voz cortante: - A esta mesma hora, amanhã, vou conhecer todos os detalhes da vida de cada um de vocês. Portanto, é melhor se acostumarem com o meu charme, pessoal.

A partir de agora, vocês pertencem a mim.

Capítulo 24

Apesar das palavras duras de D. D., ela e sua equipe saíram do hospital pouco depois das cinco horas da manhã. Os quatro estavam acordados há trinta e seis horas. Devido à localização da cena do crime e o número cada vez maior de pessoas que precisavam interrogar, eles se deparavam com o prospecto de uma investigação que duraria vários dias de trabalho extenuante. Por isso, talvez fosse melhor voltar para casa e dormir por quatro ou cinco horas antes de voltar a pôr a mão na massa.

Na posição de guru especializado em cenas de crime, Alex passou a noite trabalhando na ala de radiologia. Infelizmente, a sala não forneceu muitas evidências físicas - nada de sangue ou sinais de luta, nada de marcas de esfregaços, pancadas ou lixo que não pudessem ser explicados. Eles tinham a corda usada para enforcar Lucy e pouca coisa a mais.

Neil, que havia decidido interromper temporariamente o flerte com o legista para

entrevistar cada um dos faxineiros no hospital, voltou com resultados semelhantes. Sim, um faxineiro viu uma pessoa pequena vestindo um camisolão cirúrgico entrar por um dos corredores. Sim, o faxineiro percebeu que ela trazia um pedaço de corda consigo. Sim, ele chegou a pensar que aquilo era estranho. Não, ele não falou sobre aquilo com ninguém, nem foi atrás da menina. Tinha que cuidar do próprio trabalho.

Seria ótimo poder contar com o registro das câmeras. Exceto, como relatou Phil após falar com a equipe de segurança, pelo fato de que a maioria das câmeras do hospital ficava instalada nas entradas e saídas do hospital e também na maternidade.

Não havia nenhuma na ala de radiologia.

Tudo isso os deixava com uma cena de crime que, quatro horas mais tarde, poderia já não ser mais uma cena de crime.

D. D. acionou outra equipe de homicídios para que viessem ao hospital buscar por possíveis testemunhas. Também conseguiu que o hospital concordasse em deixar um segurança a postos na ala psiquiátrica, vinte e quatro horas por dia. Em seguida, desceu para o saguão do hospital, antes que seus ombros demonstrassem o cansaço que sentia e os passos ficassem trôpegos por causa da fadiga.

Ela parou por um minuto na escada que levava ao estacionamento, com os dedos pressionando o local onde o nariz se unia à testa, esperando que a vontade de chorar passasse. Ela não se importava com o que as outras pessoas diziam - não ficava mais fácil encarar a morte de uma criança conforme o tempo passava. E se

algum dia percebesse que estava insensível àquilo, ela pediria demissão do seu trabalho. Aparentemente, ainda não era hora de D. D. se aposentar.

Aquela noite foi horrível. Ela queria ir para casa, tomar um banho longo e quente e desabar na cama.

Em vez disso, ela ouviu seu *pager* tocar. Verificou o número, mas não o conhecia. Em seguida, como a madrugada logo se transformaria em dia, e movida pela curiosidade, digitou o número no celular e pressionou "discar".

- Estou preocupado com você - disse uma voz de homem, imediatamente, preenchendo seus ouvidos.

- Quem está falando?

- Andrew Lightfoot.

- Como conseguiu o número do meu telefone?

- Você me deu. Estava no seu cartão.

D. D. hesitou, puxando pela memória, e lembrou-se de que, ao final da entrevista, entregara seu cartão a Andrew Lightfoot. Era um protocolo de rotina e já se esquecera totalmente dele.

- Está um pouco cedo para me telefonar, não acha? - perguntou ela, apoiando-se contra a parede da escadaria, concentrando-se na conversa.

- Eu sabia que você estava acordada. Sonhei com você.

Havia várias coisas que D. D. poderia dizer em resposta àquela frase.

Entretanto, devido à noite horrível que tivera e sua desconfiança instintiva em relação a qualquer pessoa que se autodenominasse um guru espiritual, ela não o fez.

- Por que você está me ligando, Lightfoot?

- Por favor, me chame de Andrew.

- Por favor, me diga por que você me ligou.

Hesitação. Ela achou aquilo interessante.

- Há algo errado - disse ele, após alguns momentos. - Não sei como explicar.

Pelo menos, não de uma maneira que você conseguiria entender.

- Um distúrbio na essência do cosmos? - perguntou ela, secamente.

- Exatamente.

"Que papagaiada", pensou ela. - Fale, então. Sou toda ouvidos.

- As energias negativas estão crescendo cada vez mais. Quando visitei os interplanos no início da noite, eu descobri bolsões imensos de fúria, em turbilhões escuros. Senti um ruído baixo, como se fosse uma vibração causada por um grande mal. A luz havia fugido daquele lugar. Nunca vi tantas sombras juntas.

- As forças negativas estão vencendo a guerra?

- Esta noite, eu diria que sim.

- Isso já aconteceu antes?

- Nunca vi algo tão poderoso assim. Às vezes, quando estou conduzindo uma meditação em grupo, percebo uma força bastante malévola. Mas a energia coletiva do grupo e o poder exponencial da luz me dão forças para lutar contra esse tipo de negatividade, forçando-a a voltar para um lugar pequeno e insignificante. Esta noite... foi como se a situação inversa acontecesse. Trevas alimentando trevas.

Alimentando-se, crescendo, explodindo. Sozinho e despreparado, não havia nada que eu pudesse fazer.

- Quer dizer que chutaram o seu traseiro nas estradas espirituais?

- Eu não riria desse tipo de situação, D. D.

- E eu não tenho jurisdição sobre energias malignas. Que diabos quer de mim?

A voz de Andrew mudou. - Você está cansada. Sofreu esta noite. Eu peço desculpas.

Instantaneamente, ela entrou em estado de alerta. - O que sabe sobre o meu sofrimento?

- Sou um curandeiro, posso sentir. A sua aura, que era de um branco luminoso na primeira vez que nos encontramos, está com um tom azul. Você não se sente confortável com o azul. Você fica melhor com o vermelho, embora eu prefira o branco.

D. D. pressionou o topo do nariz novamente. - Por que você está me ligando, Andrew?

- Há alguma coisa se aproximando.

- O mal quer dominar o universo.

- O mal sempre quer dominar o universo. Estou lhe dizendo que, desta vez, vai acontecer.

- Como?

- O mal tem um propósito, eu acho. O propósito lhe deu mais poder.

- E qual é esse propósito?

- Ele deseja alguma coisa.

- Tudo bem - disse ela, sentindo-se exausta. - O que ele quer?

Nenhuma resposta imediata. Talvez Andrew tivesse voltado aos interplanos.

Em meio ao silêncio, ela teve a ideia de perguntar: - Como está Tika?

- Tika? - Andrew rebateu a pergunta. Boa resposta.

- Danielle Burton achava que você a conhecia - D. D. jogou a isca novamente. - Você sabe, na ala psiquiátrica do hospital de Boston.

- Ela sente raiva de mim.

- Tika?

- Danielle. Quero que ela se cure, mais do que ela quer curar a si mesma.

Perdoar é uma tarefa árdua. Ela acha mais fácil sentir raiva de mim.

- Então vocês se conhecem. Você passa muito tempo na ala psiquiátrica, Andrew?

- Não sinta raiva de Danielle - continuou ele. - Sem as crianças, ela estaria perdida. Sem o amor que elas lhe dão, as trevas a consumiriam por completo.

- Por que você diz isso, Andrew?

- Essa é uma história que só ela pode lhe contar.

- Mas você quer que ela se cure. Conte-me os detalhes e vou ajudá-la.

- Você acha que sou idiota? - disse ele, abruptamente, e sua voz adquiriu um tom agressivo que não estava ali antes. - Eu já vivi no seu mundo, sargento Warren, e tive que enfrentar os adversários mais difíceis. Sei identificar um cético quando me deparo com um. E eu sei reconhecer quando tentam jogar alguma besteira contra mim. Você é uma policial. Não está interessada em curar ninguém. O seu trabalho é julgar. E você é extremamente competente no que faz.

Embora tentasse manter o autocontrole, ela sentiu sua irritação crescer. - Ei, espere um momento...

- Ela está ferida - continuou ele. - Eu sinto a dor de Danielle, e essa dor me chama, pelo simples fato de ser totalmente desnecessária. Mas nem todos querem se curar. Aceito a escolha que ela fez, assim como aceito o fato de que você nunca vai acreditar em mim até que seja tarde demais.

- Tarde demais?

- Há alguma coisa se aproximando. É poderosa. Tem um propósito.

- Diga-me o que você quer, Andrew.

- Eu quero que você tenha cuidado, sargento Warren. Os espíritos nunca querem alguma "coisa". Eles sempre querem alguém.

Andrew desligou o telefone. Aparentemente, ela o irritou o bastante. E D. D.

não se importava com isso. Ele já a confundira demais.

Energias negativas, forças do mal, pressentimentos sombrios.

D. D. pensou na cena que presenciara naquela noite. O corpo de uma menina de

9 anos, pendurado em uma corda pelo pescoço, balançando como um pêndulo. D.

D. não precisava vigiar os planos espirituais. Já tinha muito o que fazer neste plano.

Ela finalmente desceu pelas escadas. Abriu a porta pesada de metal, andou por entre o espaço quase vazio. Decidiu que não havia nenhum som mais solitário do que os pés de uma pessoa ecoando pelo espaço de um estacionamento vazio.

Ela estava cansada. Sentia-se triste. Lightfoot tinha razão a respeito de algumas coisas.

Ela deu a volta em torno de um largo pilar de sustentação e percebeu que Alex Wilson a esperava ao lado de seu carro. Parou de andar. Os dois se entreolharam.

Ele tinha manchas escuras sob os olhos. A barba estava por fazer. Sua camisa branca, que estivera impecável durante o dia, estava amarrotada.

- Eu estava errada... quando conversamos - disse D. D.

- É mesmo?

- Às vezes, preciso de um homem para cuidar de mim.

Ele confirmou com um aceno de cabeça. - Tudo bem. Às vezes preciso de uma mulher para inflar meu ego.

- Você está com uma aparência horrível - ela falou.

- Vou aceitar isso como um elogio. Vamos lá, eu a levo até sua casa.

Ela seguiu Alex até seu carro, deixando o seu próprio no hospital. Voltaria mais tarde para pegá-lo.

Ele dirigiu em silêncio durante os primeiros cinco minutos. Aquilo deu a D. D.

a oportunidade de apoiar a cabeça contra o vidro da janela e fechar os olhos. A manhã estava se aproximando. Talvez já houvesse chegado. Ela podia abrir os olhos e procurar pelo Sol, mas ainda não se sentia pronta para isso. Precisava

deste momento, escuro e protegido, dentro de si mesma.

- Andrew Lightfoot ligou - disse ela, com os olhos ainda fechados.

- O que ele queria?

- Queria me avisar de que algo ruim está a caminho.

- E esse "algo ruim" é capaz de dar um nó de forca? Tem um endereço físico?

D. D. abriu os olhos e se endireitou no assento. - Ótimas perguntas, se eu tivesse pensado em fazê-las.

Ela suspirou, relaxando contra o encosto do assento. - Mencionei o nome de Tika Solis, mas ele não mordeu a isca. Entretanto, ele definitivamente conhece a enfermeira Danielle. Pediu para não sermos tão duros com ela. Nem todos buscam a cura.

- É fácil para um curandeiro dizer isso. Significa que ele pode cobrar o dobro pelas consultas.

- Ah, mas isso é um *presente*...

Alex finalmente sorriu. Levou-a até a região de North End. - Homicídio ou suicídio? - perguntou ele, afinal.

- Você é o especialista. Diga-me o que acha.

- Faltam evidências físicas - respondeu ele.

- Sim, fui informada. Não havia nada na cena do crime, o faxineiro não viu nada. Parece não haver saída.

- Não, não. Eu quis dizer que *não há* evidências físicas. Nada de impressões digitais latentes. Nada na maçaneta da porta, na cadeira do escritório, no interruptor, não havia nada em nenhum desses lugares com impressões digitais pequenas o suficiente para pertencerem a uma criança de 9 anos. É bem complicado, se você pensar a respeito. Uma menina abrindo a porta, acendendo a luz, colocando uma cadeira no lugar certo. Tudo isso sem deixar qualquer impressão digital no lugar.

- Diabos - disse D. D., com um universo de exaustão por trás daquela palavra.

Alex estendeu o braço e acariciou seu ombro. - Não era o que você esperava para esta noite, não é? Chegamos lá para cumprir um mandado de busca de rotina e acabamos investigando um corpo.

- Nada do que eu esperava - concordou D. D. A mão de Alex voltou para o volante; ela sentiu a falta daquele toque. - Eu não... digo... ah, que inferno. Em um minuto estou em um jantar romântico, e no momento seguinte em uma casa com cinco cadáveres. E isso leva a outra casa com seis mortos, que, em seguida, nos leva a uma ala psiquiátrica, de onde uma criança de 9 anos escapou para se enforcar enquanto estávamos no prédio. Quais são as chances disso acontecer?

- Você estava em um jantar romântico? - perguntou Alex.

- Nada sério. Nem chegamos a terminar o prato principal - garantiu ela.

- Vai tentar novamente?

- Acho que não. Já não estou tão interessada naquele rapaz.

- Bom saber. Bem, continue.

- Então, temos cinco mortos, mais seis mortos, e mais uma enforcada. De algum modo, todos estão conectados. Eles têm que estar conectados. A única coisa que faz sentido, exceto, é claro, o fato de que nada disso faz sentido. Como progredir de dois extermínios de família para uma criança enforcada?

Alex não disse nada. Apenas a tocou novamente no ombro.

- Que inferno - resmungou D. D., e se virou para olhar pela janela novamente, onde o Sol da manhã estava começando a colorir o céu.

Ela imaginou que teria de começar a monitorar sua equipe para ver se demonstravam sinais de estafa. Não podia imaginar como seria possível se afastar de cenas de crime como aquelas em que estiveram e voltar para casa para colocar os filhos na cama. Phil pararia de conversar; era o primeiro sinal de que estaria começando a fraquejar.

E ela? D. D. não tinha certeza sobre os sinais que seu corpo e sua mente

enviariam. Aparentemente, nunca dormia quando estava trabalhando em um caso urgente, e, durante os melhores momentos, sempre estava irritada. Talvez houvesse ultrapassado seus limites há alguns anos, e agora isso já não importava mais.

Ninguém sabia que ela passava longos períodos sem se ligar a qualquer outro ser humano. Nada de abraços, nada de carinhos pela manhã, nada de beijos no rosto. Ela

não tinha um cachorro que pudesse levar para passear ou um gato para acariciar. Ela não tinha nem mesmo uma planta com a qual pudesse relaxar, admirando as folhas verdes.

Entre em contato com o seu anjo interior, disse Andrew Lightfoot.

Aquele idiota não duraria um dia sequer na divisão de homicídios.

- Acho que Danielle Burton é a chave - murmurou D. D. após um momento. - A enfermeira teve um episódio interessante enquanto eu a interrogava. Sua chefe, Karen, e o namorado, Greg, o professor de educação física, a cercaram. Karen deixou escapar que algo muito ruim aconteceu com a família de Danielle, e, por compaixão, nós deveríamos tratá-la com mais gentileza. Em seguida, Andrew Lightfoot disse o mesmo.

- O professor de educação física é o namorado dela? - perguntou Alex, demonstrando interesse.

- Tenho quase certeza. Definitivamente existe alguma coisa entre eles, além da amizade entre colegas de trabalho.

Alex sorriu para ela. - É exatamente como eu me sinto em relação a você.

D. D. riu. Isso finalmente abriu uma válvula de escape para a tensão que sentia.

- Estou dizendo, eles têm alguma coisa e ela tem um segredo - disse D. D.

- E eu estou lhe dizendo... que conheço o segredo da garota.

- Como é?

- Há muito tempo, o pai de Danielle matou a mãe e os irmãos da enfermeira.

Uma pitada de desemprego, uma garrafa inteira de uísque, e ele matou toda a família a tiros. Exceto ela.

- Como soube disso?

- Um dos conselheiros comportamentais, Ed, me contou tudo. Sobre o quanto foi triste para Danielle ter que lidar com a tragédia de Lucy, especialmente tão perto do aniversário da morte da família, e todos os detalhes do caso.

- Tem certeza que todos foram mortos por armas de fogo? - perguntou D. D. -

Não houve uma faca envolvida? Talvez o pai dela tenha esfaqueado alguém.

- Vamos ter que pesquisar nos arquivos.

- Oh, nós definitivamente vamos pesquisar a respeito - disse D. D., recostando-

se outra vez contra o assento. - Interessante. Pessoal. Não foi isso que você disse após visitarmos a cena dos Laraquette? A pessoa por trás desses assassinatos está seguindo uma espécie de roteiro. Assassinar é algo pessoal para ele. Ou para ela, de acordo com as possibilidades do caso.

- Danielle sobreviveu ao massacre que seu pai causou. Se estiver reconstruindo um trauma do passado, não deveria haver um sobrevivente nas cenas do crime?

D. D. deu de ombros. - Sei lá. Sou apenas uma sargento, não uma criminologista. Talvez ela tenha algum ressentimento por ser a única sobrevivente.

Talvez esteja determinada a fazer as coisas da maneira certa. Talvez Danielle, na verdade, seja um homem muito forte, o que explicaria sua habilidade de atacar Denise Harrington e Jacob Harrington, ambos com um único golpe mortal.

- Isso faz todo sentido - concordou Alex.

- De uma forma ou de outra, todas as estradas levam de volta à ala psiquiátrica infantil - continuou D. D. - E, dentro da ala psiquiátrica, todos os dedos apontam para Danielle Burton.

- É algo a se considerar - completou Alex.

Eles estavam quase chegando a North End agora. Alex diminuiu a velocidade do carro e D. D. sentiu a fadiga tomar conta de si. Outro retorno solitário ao seu paraíso de um dormitório. Outra noite sem dormir, seguida por outra manhã regada a café expresso. Fazia muito tempo desde que conseguira sorrir com alguma outra coisa que não fosse a sua cafeteira italiana.

- Sabe quem teria todas as condições de matar uma família inteira? - dizia Alex agora. - O tipo de pessoa que é alto, forte e em boa forma física.

D. D. o encarou, sem qualquer expressão no rosto. - E quem seria essa pessoa?

- Posso pensar em dois conselheiros sociocomportamentais que trabalham naquela unidade. Em particular, no professor de educação física Greg.

Alex estacionou em fila dupla, em frente ao prédio baixo onde D. D. morava. Ela olhou para a estrutura alta, recoberta com tijolos à vista, ladeada por dezenas de outras estruturas similares, cada uma com mais de duzentos anos. Em seguida, olhou novamente para Alex.

- Quer subir? - ela se ouviu perguntar.

Ele hesitou. - Sim - respondeu. - Quero muito subir com você, mas acho que vou deixar passar. Acho que, se formos realmente fazer isso...

- *Quando* formos fazer isso - pressionou ela.

- Certo. *Quando* formos fazer isso... quero fazer da maneira certa. Estou pensando em molho à bolonhesa, macarrão caseiro e uma garrafa de um ótimo vinho Chianti. Penso em jantar, conversar, rir, e depois... depois, tudo isso, tudo de novo. É

a vantagem de ser mais velho e mais experiente. Sabemos que vale a pena esperar pelas coisas boas.

- Espero há muito tempo por isso - disse D. D. - Você não faz ideia.

Ele sorriu. - Também estou esperando há bastante tempo.

D. D. suspirou e olhou novamente para o prédio. - E se eu disser que não vai acontecer nada de mais?

- Nada de mais?

- Apenas dois adultos conscientes do que fazem, que irão ficar completamente vestidos.

- Essa é uma situação diferente - disse ele.

D. D. exalou longamente. - Não quero ficar sozinha, entende? Talvez você também não queira. Assim, subimos até o meu apartamento e evitamos ficar sozinhos, juntos. Ficarei com a minha camisa, você fica com a sua, e os dois dormimos.

- Vamos dormir de conchinha? - perguntou ele.

- Espero que sim.

- Tudo bem. Eu topo.

- De verdade?

- De verdade - disse Alex, afastando-se da sarjeta, procurando um lugar para estacionar.

Domingo

Capítulo 25

Victoria

- Toc, toc.

- Quem é?

- O gato que interrompe.

- Qual gato que...

- MIAU!

De acordo com a minha obrigação de mãe, eu rio assim que Evan me interrompe. O "gato que interrompe" é a sua piada preferida entre as "toc-toc". Já faz três anos que ele a conta, e nunca se cansa de repeti-la. Eu não me importo.

Esperava ter uma noite longa e cansativa com Evan, onde ele fosse extravasar sua agitação e frustração devido à grande quantidade de medicamentos que lhe dei no dia anterior. Em vez disso, passou a noite inteira na cama, dormindo até as seis horas da manhã, um dos maiores períodos de sono ininterrupto que ele já teve.

Surpreendentemente, Evan acordou feliz. Saímos para passear de bicicleta pelo bairro, depois pegamos alguns pedaços de giz e desenhamos um belo carro de corridas com chamas saindo do escapamento na calçada em frente à casa.

Após um lanche matinal de iogurte batido com framboesas e amoras frescas, agora estamos relaxando sob a sombra do quintal, ouvindo os pássaros cantando, observando os esquilos correndo de um lado para o outro e um gato que insiste em persegui-los.

Este é o Evan encantador, o Evan brincalhão, o Evan vamos-brincar-e-aproveitar-a-vida. Este é o filho do qual não consigo me afastar.

- É a sua vez agora - diz ele.

Paro para pensar por um momento. - Toc, toc.

- Quem é?

- Quero-quero.

- Qual quero-quero?

- Quero-quero lhe dar um abraço.

Eu me inclino sobre a grama e pego Evan num forte abraço de urso. Ele

explode em risos, esforçando-se para se desvencilhar dos meus braços.

- A mamãe tem germes! - ele grita.

- Quero-quero lhe dar um beijo também! - digo, fingindo um rugido e me arrastando para pegá-lo. Hoje em dia, há mais terra que grama no quintal, mas corajosamente persigo meu filho de 8 anos por entre os restos do gramado. Evan corre pelo terreno, fingindo resistir.

Não somos diferentes de qualquer outro relacionamento abusivo, penso comigo mesma enquanto persigo meu filho risonho pelo quintal. Depois de cada episódio explosivo de violência, vem a euforia temporária da reconciliação. Evan está arrependido pelo incidente de ontem no parque. Eu estou arrependida por drogar meu filho para fazer sexo com um homem que está interessado apenas no meu corpo.

Agora, Evan e eu estamos nos comportando da melhor maneira possível. Precisamos desses momentos. Se não fosse assim, nem ele e nem eu conseguiríamos sobreviver.

O fantasma venceria.

Nós corremos por alguns momentos. Sou a primeira a admitir a derrota, com o rosto avermelhado pelo esforço e arfando com a umidade excessiva do ar. Evan também parece afetado pelo calor do dia e do exercício. Assim, voltamos para dentro da casa para aproveitar o ar-condicionado. Coloco Evan no sofá com um copo d'água e deixo a televisão ligada no desenho do Bob Esponja, voltando em seguida para o quintal, onde começo a encher a piscina inflável. O dia de hoje seria perfeito para ir à praia. Não sou tão corajosa assim. Ou, talvez, simplesmente não queira estragar esse momento. Assim, me ocupo com a piscina. Evan vai trazer uma pequena frota de caminhões de bombeiro de brinquedo e um par de pistolas d'água.

Vai nadar, espalhar água e brincar. Eu vou me sentar em uma espreguiçadeira com os pés na água fria, grata pela sensação de alívio.

Acabei de encher a piscina quando ouço a campainha tocar. Hesito por alguns momentos, sentindo-me paralisada pela surpresa. Não costumamos receber visitas. E

ninguém faz entregas aos domingos.

Evan ainda está entretido com as aventuras de Bob Esponja e Patrick.

Cautelosamente, vou até a porta de entrada e espio pelo olho-mágico.

Michael está lá.

Preciso me concentrar para colocar a chave na fechadura. Concentro a atenção nas minhas mãos, forçando-as a não tremer enquanto abro a porta da casa, encarando meu ex-marido, mas mantendo-o a distância.

- Bom dia, Victoria - diz ele, rigidamente. Está vestido com um traje esporte casual. Bermudas cáqui da Brooks Brothers e uma camisa recém-passada de mangas curtas, com pequenas listras amarelas e verdes. Parece o típico modelo de uma revista masculina: endinheirado, em boa forma física e aproveitando o dia de sol fora do escritório.

- Chelsea está bem? - é a única coisa que consigo dizer.

Ele confirma com a cabeça, depois limpa a garganta, apoiando o peso do corpo sobre o outro sapato marrom tipo *dockside*. Ele está nervoso. Me lembro o bastante do meu ex-marido para reconhecer os sinais. Mas por quê?

- Pensei no que você disse - declara ele, abruptamente. - Sobre Evan e o casamento.

- E o que foi que eu disse? - pergunto, estupidamente.

- Chelsea sente saudades de Evan. Diz que não é justo ela ser convidada para o casamento, enquanto Evan não pode ir. Na verdade, disse que não quer ser a dama de honra se Evan não estiver presente.

Michael fica com o rosto corado de maneira encantadora, admitindo, com sua expressão, que ele sabe que foi vencido por uma menina de 6 anos, e já se considera derrotado. Estou acostumada com o Michael furioso. Com o Michael frio. Com o Michael frustrado. Mas não sei o que fazer com este homem.

Ele estende as mãos. - Posso entrar, Victoria? Ver Evan? Talvez discutir o assunto?

Ainda estou com o corpo sob o vão da porta, evitando a presença de Michael em nosso antigo lar. Apesar de lhe implorar para vir visitar o filho, agora que ele está aqui, gostaria que não estivesse. Essa visita repentina vai deixar Evan

agitado, destruir a nossa manhã feliz. Me deliciei com as últimas horas. Não quero que esse momento acabe.

Mas é tarde demais. Ouço passos atrás de mim, a curiosidade natural de Evan trazendo-o até a porta da frente. Percebo o momento em que ele vê o pai, porque é quando os passos de Evan silenciam. Eu me viro, e me preparo para lidar com qualquer coisa que Evan fará a seguir.

- Papai? Papai. Papai!

Evan dispara pelo hall de entrada. Ele passa pela porta e se joga nos braços do pai com a velocidade de um relâmpago. Michael cambaleia sob o impacto

inesperado, mas consegue manter o equilíbrio. Em seguida, Evan está segurando as mãos de seu pai e dançando ao redor dele, tocando-o, cutucando-o, beliscando-o, enquanto diz sem parar: - Papai Papai Papai Papai Papai Papai Papai Papai Papai.

Michael me lança um olhar duro. Eu dou de ombros. Não é bom pegar uma criança como Evan de surpresa. Michael sabe disso tão bem quanto qualquer pessoa. Pelo menos, deveria saber.

Para dar algum crédito a Michael, ele não diz ou faz qualquer coisa imediatamente. Deixa que Evan salte na ponta dos pés, rodeando-o, cutucando-o, pulando, gritando e extravasando a agitação. Então, quando a euforia inicial parece passar, Michael toca Evan levemente no ombro e diz: - Ei, você cresceu.

- Eu sou muito alto. Sou um GIGANTE.

- E está forte também.

- OLHE OS MEUS MÚSCULOS! - grita Evan, colocando-se na pose típica de um halterofilista.

Eu gemo. - Evan, acabei de encher a sua piscina - eu digo, no tom mais calmo que consigo. - Por que não vai mostrar sua nova piscina ao seu pai?

Evan adora a ideia. Ele pula de volta para o interior da casa, saltitando na ponta dos pés - um sinal claro de agitação - e corre na direção das portas de vidro. Em seu estado frenético, entretanto, ele se esquece de abrir as portas. Em vez disso,

bate com o rosto no vidro, tombando no chão, com o nariz destruído e o sangue se espalhando em jatos pelo ambiente. Evan se levanta, cobre o nariz ensanguentado com a mão direita e tenta atravessar o vidro sólido outra vez. Desta vez, fica tão atordoado com a pancada que não consegue se levantar.

- Meu Deus - diz Michael. Mas ele não volta para o carro. Pelo contrário, ele adentra ao caos.

Nós voltamos a repetir os velhos costumes, rituais tão profundamente marcados em nossas vidas que retornam automaticamente, sem que tenhamos que dizer qualquer palavra. Eu, a cuidadora, vou até Evan, pegando sua mão e murmurando palavras de conforto enquanto examino o estrago. Michael, o consertador, já na cozinha, enchendo um pano de prato com pedras de gelo, depois voltando para colocá-lo sobre o nariz de Evan. Eu tenho um *flashback*, nos dias em que Michael ficava ombro a ombro comigo para cuidar de Evan, educar Chelsea, e lutar naquela guerra. Ele simplesmente se cansou de fazer tudo aquilo. Quem poderia culpá-lo.

Evan não está chorando. Está tão feliz pelo retorno inesperado do pai que não

consegue chorar. Suas emoções são tão fortes quanto os motores de um foguete espacial, e não há lágrimas no espaço. Apenas buracos negros por toda parte.

Precisamos levá-lo para a piscina, onde pode brincar na água, pular e gritar para esgotar a tensão que domina o corpo franzino. Ele vai voltar para a Terra sem que ninguém se machuque.

Michael parece se lembrar da água também. Após afastar os cabelos de Evan, outro velho hábito, uma demonstração natural de carinho paterno, abre as portas de vidro e aponta para a piscina.

- Está melhor, amigão?

- Estou - responde Evan, com a voz arrastada. Provavelmente ainda tem sangue na garganta. Como previ, ele dá dois passos para fora da porta de vidro e depois se vira, cuspindo uma massa imensa e sanguinolenta no chão.

Isso já não me surpreende mais. Já vi coisas bem piores.

Michael o leva para a piscina. Evan entra na água rasa. Michael retira o pedaço

de pano cheio de gelo. Ele limpa os restos de sangue que estão sob o nariz do filho.

Evan vai ficar com o nariz inchado e avermelhado. Mas, novamente, já vimos coisas bem piores.

- Pistola d'água! - Grita Evan. Ele pega a primeira pistola e a enche com água da piscina, apontando-a para Michael. Aguardo até que Michael proteste ou que faça algum gesto para proteger a camisa recém-passada. Em vez disso, ele pega a outra pistola d'água e durante os próximos dez minutos, pai e filho brincam juntos enquanto eu volto para dentro da casa assistindo à cena, protegida pela porta de vidro.

Talvez isso seja terapêutico. Talvez seja exatamente do que eles precisam.

Porque Evan já não está mais correndo sobre as pontas dos pés. E os gritos, tão altos e estridentes que podiam estilhaçar vidraças, lentamente se transformam nos gritos de diversão de um garoto comum. Talvez tudo acabe bem. Talvez hoje seja o meu dia de sorte.

Michael está ensopado. Está rindo e admitindo a derrota.

- Realmente, você está mais forte - diz ele a Evan. - Vou ficar sob o sol para me secar um pouco.

Evan hesita por um momento, sem saber se o seu pai irá embora neste momento, desaparecendo para sempre. Mas quando percebe que Michael continua

em pé no quintal, a pouco mais de três metros de distância, Evan finalmente relaxa.

Ele se entretém com seus caminhões de bombeiros e eu me aproximo de Michael.

- Ele está se acalmando - diz Michael, com a voz suave. - Está conseguindo manter as emoções sob controle. Está melhor do que eu imaginava.

- Alguns dias são assim - digo.

- E os outros dias?

- Tive que administrar Ativan cinco vezes na semana passada.

Michael olha para mim. Desta vez, não parece estar distante ou enraivecido.

Parece cansado. Talvez pareça estar tão cansado quanto me sinto agora. Ou talvez é somente um desejo que eu sinto. - Não vim aqui para brigar - ele começa. E, naturalmente, me preparo para o que virá a seguir. - Você vai fazer o que acha que é correto. Eu consegui aceitar isso, Victoria. Independente de estarmos casados ou não, você é a mãe de Evan e vai fazer o que acha que é melhor para ele, independente da minha opinião a respeito.

- O que for melhor para ele - eu repito, obstinada.

- É claro. Mas, Victoria... - diz ele, estendendo as mãos. - Pensando no seu próprio bem... como consegue aguentar isso? Para cada bom momento, deve haver uma dúzia de ocasiões em que você sente vontade de arrancar os cabelos. Todos os dias tenta conter uma explosão inevitável, depois precisa recolher os pedaços que sobraram. Você não consegue encontrar tempo para cuidar de si mesma. Não consegue tempo para ver sua filha. Chelsea sente a sua falta, você sabe. Apenas uma noite por semana não é o que uma menina de 6 anos espera da mãe.

- Você disse que não veio até aqui para brigar.

Michael suspira, relaxa os braços, deixando as mãos penderem ao lado do corpo. - Estou tentando encontrar um meio-termo. Para o bem de Chelsea. Para o bem de Evan. Para o bem de todos nós.

- Que tipo de meio-termo?

- A terapeuta de Chelsea acha que...

- Chelsea está fazendo terapia?

Michael parece estupefato. - É claro que ela está fazendo terapia. Isso fazia parte dos termos do divórcio.

- Eu não imaginava... achei que você tinha uma opinião diferente a respeito

disso.

- Oh, pelo amor de Deus, Victoria. Não sou idiota a esse ponto - diz ele. Sua voz parece mais ríspida agora. Evan, ainda na piscina, imediatamente olha em nossa direção, sentindo a tensão crescer e pronto para entrar na batalha. A qual dos lados ele iria se juntar? O do pai, com certeza. Não tenho qualquer dúvida a respeito disso.

Michael, entretanto, acena para ele. - Desculpe, amigão. Só estava contando uma história que aconteceu no trabalho. Ei, estou vendo outro caminhão de bombeiros daquele lado. Talvez ele possa ajudar os outros na operação de resgate.

Evan obedientemente sai da piscina para pegar o outro caminhão. Michael e eu voltamos a conversar.

- A terapeuta, dra. Curtin, gostaria que você levasse Evan para conversar algumas vezes, apenas para que se conheçam. Quando Evan estiver se sentindo confortável com ela e com a clínica, então Chelsea pode ir às consultas, também. Ela e Evan podem ficar juntos em um ambiente controlado, onde os dois poderão se sentir seguros. É o que eu espero.

Não sei o que dizer. - Quando? E... com qual frequência?

Michael dá de ombros. - É preciso que seja aos fins de semana, pois as aulas de Chelsea vão começar. Imagino que talvez as sessões possam acontecer duas vezes por mês, em fins de semana alternados. Digamos, sessões de uma hora e veremos o que acontece dali por diante.

- E se as coisas não derem certo? E se Evan tiver um episódio ruim?

Michael dá de ombros mais uma vez, como se dissesse "O que você acha que eu devo fazer"?

- Seria injusto reunir os dois - eu digo. - Reaproximar Evan e Chelsea e depois fazer que a relação entre eles seja cortada novamente.

- Eu concordo. Mas espero que, se uma profissional como a dra. Curtin estiver envolvida, isso ajude a controlar uma possível recaída. Mesmo assim, se considerarmos a volatilidade de Evan... bem, temos apenas duas opções, Victoria.

Ou tentamos, ou não tentamos.

Preciso pensar a respeito. Ele está certo, é claro. Não há qualquer garantia de sucesso quando se trata de uma criança como Evan. É nosso dever fazer o melhor por ele, mas há alguns dias em que eu simplesmente não sei o que fazer.

- Ele sente saudades da irmã - eu digo, finalmente. - Pergunta sobre Chelsea quase todos os dias - eu completo, olhando Michael nos olhos. - Ele sente saudades de você, também.

Michael baixa os olhos, estudando seus sapatos de couro. - Estarei na clínica a cada duas semanas, também.

- O canal que ele mais gosta de assistir é o History Channel - ouço-me dizer. -

Ele sabe praticamente tudo sobre os romanos. Datas, líderes famosos, as principais batalhas. Ele é inteligente, Michael. É extremamente inteligente. E é um menino incrivelmente solitário.

- Eu sei.

- Como... como você pôde nos deixar? Como foi capaz de se afastar dele assim?

- Porque Chelsea também é solitária. É uma menina preocupada, traumatizada e que tem muito medo, pensando que, algum dia, vai acordar tão violenta e furiosa quanto o irmão. É demais para a cabeça de uma garotinha, Victoria, e, enquanto ela vivesse aqui, o assunto não teria uma solução. Todos os dias ficaríamos preocupados com Evan. Mas Chelsea também precisa de nós.

As palavras dele são sensatas. De algum modo, isso faz que seja ainda mais difícil aceitá-las.

- O que Melinda acha disso? - pergunto, buscando um ponto fraco.

Quando menciono o nome da sua noiva, Michael assume uma postura mais rígida, mas não se afasta. - Os meus filhos são os filhos dela. Ela entende a situação.

- Então, você vai recomeçar do zero. Uma linda e nova família. Ela é jovem?

Ela quer ter filhos? Isso lhe assusta?

Ele devolve o olhar mordaz. - Sim, ela quer filhos. E, sim, isso me assusta demais.

- Não é justo - eu sussurro.

- Não, Victoria, não é justo.

Ele vacila. Por um momento, acho que talvez ele tenha algo mais a dizer, ou que acaricie o meu rosto. Mas o momento passa.

Não consigo mais olhar para ele. Olho para o chão e me forço a não chorar. Ele não está aqui por minha causa. Veio aqui por causa de Evan. Para que Evan pudesse

voltar a conversar com a irmã. Para que pudesse ver seu pai novamente. Evan e a irmã voltando a ter uma parte da família.

- Vou levá-lo ao consultório - eu digo. - Trabalharei com a dra. Curtin. Se isso significa que Evan poderá estar com você e Chelsea, farei tudo o que puder.

- Obrigado.

- Eu é que agradeço - digo, em nome de Evan. Depois, não digo mais nada, pois minha garganta está totalmente congestionada pelas lágrimas e não quero dizer algo imbecil como "eu também me sinto sozinha". Ou, pior, "ainda amo você".

Michael vai até onde Evan está. E começa a se despedir. Evan não aceita.

Michael negocia um acordo. Uma última rodada de tiroteio com pistolas d'água, depois Evan poderá assistir a um programa no History Channel quando Michael for embora.

Eles voltam ao combate. Eu retorno para o interior da casa e vou ao banheiro do meu quarto, onde jogo água no rosto e percebo, pela primeira vez, que meu cabelo está embaraçado, minha camisa está manchada com o sangue de Evan e os joelhos estão sujos de terra. Não importa. Michael e Melinda, Melinda e Michael, um casalzinho feliz, andando de mãos dadas e se beijando por aí.

No andar de baixo, Michael e Evan entram na sala de televisão. Os dois estão encharcados, com os rostos avermelhados pelo sol e pelo cansaço.

- O que você acha? - Michael pergunta a Evan. - Posso vir visitá-lo outra vez?

Evan encara Michael com uma expressão pensativa. - Você me abandonou.

- Fiquei longe por um tempo maior do que imaginei que fosse ficar - diz Michael.

- Você foi embora.

- Eu estou aqui agora.

- Mas você foi embora.

Michael finalmente se rende. - Certo, amigão, eu fui embora. E senti sua falta todos os dias, e isso me magoava todos os dias. E não quero mais me sentir desse jeito. É por isso que estou...

- Indo em-bo-ra... - Evan cantarola.

- Voltando - corrige Michael. - Não moro mais aqui, Evan. Não posso ficar, mas

posso voltar.

Michael olha para mim, buscando apoio. Eu acrescento: - Ele vai voltar, Evan.

Você vai ver.

Evan parece não acreditar em nós, mas, apesar disso, os eventos da manhã o deixaram cansado. Ele se prepara para deixar que a TV o hipnotize, então ligo o aparelho e acompanho meu ex-marido até a porta.

Michael não diz adeus. Simplesmente se vira e me dá um leve beijo no rosto.

Fico em pé por um bom tempo após ele partir, com meus dedos tocando a pele do rosto, como se isso pudesse mantê-lo junto a mim.

Sempre pensei que o momento chegaria no meio da noite. Evan estaria gritando e gemendo. Eu estaria correndo por um corredor ou subindo por um lance de

escadas.

Talvez tropeçasse ou talvez não conseguisse correr rápido demais. Eu cairia ao chão e meu filho estaria sobre mim, com a boca espumando.

Em vez disso, eu estava sentada ao lado de Evan no sofá. Ele está com os olhos grudados na TV, com o queixo um pouco caído, perdido em meio ao coma induzido pela TV. Eu relaxo, sentindo o sono tomar conta de mim depois de todo o tempo que passei ao ar livre. Talvez possa levar Evan para tomar um sorvete após o programa.

Talvez possamos tentar um passeio em público.

Sinto uma pontada. Uma dor na lateral do corpo. Levo a mão até o local para esfregar o ferimento e percebo o cabo de uma faca, cuja lâmina está enfiada entre as minhas costelas. A mão do meu filho a está segurando. E meu filho, meu lindo filho, está me encarando com um olhar feroz.

- *Et tu, Brute?* ***30*** - diz ele, por entre os dentes.

Naquele momento, olhando fixamente em seus olhos, que se transformaram em dois poços negros, eu entendo. O motivo pelo qual meu filho parece estar tão tranquilo: não há mais qualquer conflito dentro dele. Evan se rendeu ao fantasma.

Ele deixou o fantasma vencer.

Olho a faca enfiada em meu corpo. Olho para o meu sangue, escorrendo pelo cabo, cobrindo-lhe os dedos brancos e finos, caindo sobre a almofada bege do sofá.

E sinto a dor agora, queimando como um ferro em brasa, estonteante. Sinto que o sangue escorre também dentro do meu corpo, se esvaindo dos órgãos vitais que acabaram de ser perfurados.

Eu observo o dia escurecer diante dos meus olhos, as sombras crescendo nas

bordas do meu campo de visão.

"Um dia tão bonito", eu penso. "Um dia tão feliz para acabar deste jeito".

Eu olho para o meu filho. E faço o que qualquer mãe faria.

Coloco meus dedos ao redor da mão ensanguentada dele, e digo antes que a escuridão tome conta de mim: - Está tudo bem, Evan. Tudo vai ficar bem. Eu amo você. Sempre vou amar você.

30Do latim "Até tu, Brutus?", frase atribuída ao imperador romano Julio César, no momento em que foi assassinado por seu amigo Brutus, no ano 44 a. C.

Capítulo 26

Danielle

Eu estava de licença remunerada. Não havia motivo para permanecer na CAPB.

Deveria voltar para casa, tomar um banho, jantar e passar as próximas quarenta e oito horas dormindo. Como já era de se esperar, acabei ficando na unidade em vez de fazer tudo isso.

Fiquei na área administrativa, cuidando da papelada que havia por ali e depois, ainda relutante, escrevendo o relatório com as últimas horas de vida de Lucy.

Descrevi tudo que ocorreu durante o meu plantão, minuto a minuto, desde o meu exame médico no ambulatório até o surto de Jorge na unidade. A chegada da polícia.

A execução do mandado, a entrega dos arquivos e a minha busca solitária pelo malfadado copo d'água, assim como a minha breve visita ao quarto de Lucy.

Registrei o estado de Lucy quando a vi, e sua dança felina sob a luz do luar.

Finalmente, mencionei ter recarregado o papel da copiadora estúpida, responder ao interrogatório dos investigadores, e, em seguida, após ser avisada por Greg, dar início à nossa caçada desesperada pelos vários corredores do hospital. Reli o relatório, várias vezes.

A repetição não facilitou a aceitação dos fatos. Eu não conseguia encontrar o estado de entorpecimento que segue uma tragédia desse tipo. Nunca perdemos uma criança antes. Houve algumas que tentaram o suicídio. Soubemos de outras que chegaram a um fim trágico depois de saírem da unidade. Mas nenhuma

criança morrera enquanto estava sob os nossos cuidados. Não sabia o que fazer para aliviar o aperto que sentia no peito. Eu não chorava desde aquela semana com a tia Helen, quando percebi que as lágrimas eram algo excessivo e, ao mesmo tempo, não eram o bastante para lamentar a morte de uma família inteira.

Assim, escrevi o relatório. Quando terminei, peguei a bola de fiapos que Lucy fez para mim e a grampeei no canto direito da primeira página.

Oito horas da manhã. As crianças estavam acordadas, o Sol brilhava pelas janelas e o guarda de segurança recém-destacado estava em pé ao do lado de fora das portas da unidade.

Fui para a cantina do hospital e esperei até que Karen me encontrasse ali.

Já passava das nove horas quando Karen finalmente apareceu. Ela entrou na cantina e veio na minha direção. Seus óculos com aro de metal estavam equilibrados sobre a ponta do nariz. Seus cabelos acinzentados estavam presos para trás

desajeitadamente, a imagem de uma administradora que fora tirada da cama e que ainda não tivera a oportunidade de voltar para lá. Andava a passos rápidos. Tinha um olhar tranquilo. Minha chefe tinha uma postura bastante profissional. Ela comandava a unidade há pelo menos doze anos, e eu achava que não havia ninguém melhor que ela para o cargo.

Karen afastou a cadeira em frente a mim, colocando sobre a mesa a pilha de papéis que sempre trazia consigo, enquanto ajustava os óculos no rosto com o dedo.

Ela olhou para o meu pão doce que ainda não havia comido, e para a minha xícara de café.

- Quer que eu encha a xícara? - perguntou ela, apontando para a caneca.

Balancei a cabeça. Meu estômago não aguentaria outra dose de cafeína. Meus nervos também não.

Ela foi em direção ao balcão do self-service, encheu uma bandeja e retornou até a mesa. Trouxe consigo uma banana, um *muffin* e uma caneca fumegante de chá Lipton. Era uma gentileza que fazia. Tínhamos uma cozinha na unidade onde ela

poderia comer a mesma refeição sem que precisasse pagar. Mas há algo especial em conversar com alguém em uma cantina. É preciso repartir o pão juntos; faz parte da tradição.

Ela descascou a banana. Eu dei uma mordida no pão doce. Em seguida, como não conseguia mais aguentar a situação, fui a primeira a falar.

- Você sabe que não a machuquei, não é? - eu disse, de supetão. - Você sabe que eu nunca faria qualquer coisa para maltratar Lucy ou qualquer outra criança.

- Eu não tenho certeza de nada - disse Karen, e senti meu estômago se revirar.

Ela continuou: - Mas isso é o que eu acredito. Se alguém pedisse a minha opinião, diria que você nunca causaria qualquer mal a uma criança intencionalmente.

Eu assenti, com uma gratidão patética por aquela demonstração de fé na minha conduta. - Não sei o que aconteceu - sussurrei.

- Também não sei. Com um problema deste tamanho, nós vamos ter que confiar na polícia.

- Quem vai cuidar dela? - eu perguntei, referindo-me ao corpo de Lucy.

- Não sei - disse Karen, novamente. - Há acusações formais de abuso contra os pais adotivos de Lucy. A guarda de Lucy passou diretamente dos pais para a nossa unidade. Será que o estado vai cuidar do corpo, e cuidar dos preparativos para o

funeral? É a primeira vez que uma coisa assim me acontece.

- Eu acho que deveríamos cuidar dos preparativos - eu disse, imediatamente. -

Isso vai dar uma oportunidade às crianças da unidade de se despedirem dela.

- Danielle, Lucy ficou conosco apenas alguns dias. E ela nunca se misturou às outras crianças. Eles ainda não perceberam que ela se foi.

- O que você vai dizer a eles?

- Como ela teve pouco impacto sobre suas vidas, não vou dizer muito.

Responderemos quaisquer perguntas que forem feitas, é claro, mas duvido que haverá muitas.

Aquele comentário me deprimiu ainda mais. Afundei mais um pouco em minha cadeira. - Isso não é certo - murmurei. - Ela era uma criança, uma menina de 9 anos.

Agora está morta e ninguém sente a falta dela. Não me parece certo.

- Eu sinto a falta dela - disse Karen, com a voz firme. - E você também.

Meus olhos ardiam. Desviei o olhar, encarando fixamente o piso de linóleo azul.

- Vá para casa - disse Karen. - Corra ou descanse, grite ou medite, faça tudo o que você precisar para se curar. Você é uma ótima enfermeira, Danielle. E uma boa pessoa, também. Vai ficar bem.

- Eu quero trabalhar.

- Essa não é uma das opções que você tem.

- Preciso das crianças. Cuidar delas é a melhor maneira para que possa cuidar de mim mesma.

- Novamente, essa não é uma das opções que você tem.

- Apenas observarei. Cuidar dos documentos e da papelada. Não irei atrapalhar ninguém. Prometo.

- Danielle, a polícia voltarà a qualquer momento. Você não precisa estar na unidade. Você precisa estar em casa, telefonando para um bom advogado.

- Mas eu não...

Karen levantou a mão. - Você está querendo ensinar o padre a rezar a missa.

Cuide de você mesma, Danielle. Você é importante para as crianças. Você é importante para todos nós.

Gostaria que ela não dissesse esse tipo de coisa. Eu enxugo os olhos, continuando a olhar para o piso da cafeteria.

- Vamos fazer duas reuniões gerais com a equipe - acrescentou Karen, finalmente. - Às duas da tarde para a equipe que trabalha durante o dia, e às onze da noite para a equipe noturna. Se você quiser participar de alguma delas, fique à vontade. Precisamos estabelecer novos procedimentos para que esse tipo de coisa nunca volte a acontecer. Também estou recomendando sessões de terapia e aconselhamento para qualquer um que precise. É algo para você considerar.

Eu assenti. Ela jogou a isca e eu mordi.

Do outro lado, percebi que Greg entrava na cafeteria, examinando cada uma das mesas. Ele veio na minha direção, mas hesitou ao perceber que Karen estava comigo. Karen, entretanto, o avistou também. Era quase como se ela esperasse por ele.

Ela pegou sua pilha de papéis e colocou o *muffin* que ainda não comera por cima.

- Você precisa cuidar de si mesma - repetiu ela, firmemente. Em seguida, foi embora enquanto Greg se aproximava. Ele veio diretamente até onde eu estava. Não quis se servir para o café da manhã, e não puxou uma cadeira para sentar. Ficou em pé na minha frente.

- Vou levá-la para casa - disse ele.

- Não aguentarei aquele lugar - retruquei, com sinceridade.

- Não para a sua casa, Danielle. Para a minha.

Assim, eu fui com ele.

Descobri que Greg dividia um apartamento de três quartos com dois outros rapazes.

Como muitos dos apartamentos da cidade, o de Greg se originou da divisão de uma casa grande e antiga, com pisos de madeira de lei, com o teto a mais de quatro metros do nível do chão e detalhes gravados na madeira que emoldurava as enormes vidraças. O lugar tinha aparência antiga. Algo como uma matriarca

idosa, com ossos fortes, mas com a pele castigada. Eu fiz um comentário sobre os entalhes artísticos na madeira. Greg deu de ombros. Aparentemente, não se interessava por arquitetura.

Os outros rapazes não estavam na casa. Provavelmente passeavam perto do rio, murmurou ele. O dia estava perfeito para relaxar às margens do Charles. Quente, úmido e com uma névoa fina e seca cobrindo a cidade. Greg ligou o ar-condicionado

enquanto me mostrava a casa. Mesmo assim, estávamos suando quando chegamos ao final do corredor.

Ele abriu a última porta, apontando para dentro. - É aqui que eu durmo - disse ele, sem muita pompa.

Era mais organizado do que eu esperava. Não havia toalhas ou roupas espalhadas pelo chão. A mobília era o que tipicamente se encontraria no apartamento de um estudante universitário. Um colchão de casal no chão, sem a cama. Uma velha cômoda de madeira clara, pequena para um homem do tamanho de Greg, ao lado de uma enorme cadeira de escritório preta.

Nenhum pôster na parede. Nenhum porta-retratos enfeitando a cômoda. O

quarto tinha paredes pintadas em um tom de creme, lençóis verde-escuros sobre a cama e persianas beges cobrindo as janelas. E era só. Era o lugar onde alguém simplesmente dormia, não um lugar onde uma pessoa viveria.

Eu olhei para Greg, me dando conta pela primeira vez de que sabia muito pouco a seu respeito.

- Não tem uma foto da namorada sobre a mesinha de cabeceira? - comentei.

- Não tenho mesa de cabeceira - respondeu ele. - Não tenho namorada.

- Nem família?

- Tenho uma irmã na Pensilvânia.

- Você nunca falou sobre ela.

- Você nunca perguntou.

Ele tinha razão. Raramente fazia perguntas a ele ou a qualquer outra pessoa.

Chegava até mesmo a ser irônico. Todo o meu histórico pessoal entrava na sala muito antes que eu entrasse. Eu conseguia ver a expressão no rosto das pessoas quando finalmente éramos apresentados. "Oh, essa é aquela garota cujo pai matou a família inteira..." e, assim sendo, não fazia perguntas sobre os outros. Aquilo lhes daria a oportunidade para perguntar a meu respeito também, e eu teria que corroborar os rumores que eles já conheciam.

- Costuma falar com ela? Com a sua irmã?

- Ultimamente, não.

- Por que não?

Ele deu de ombros novamente. - Está ocupada com o seu trabalho, eu acho.

Greg colocou sua bolsa de ginástica no chão, encostada na parede. Nós dois trocamos olhares desajeitados, percebendo o colchão que havia no canto do quarto.

- Você não pendurou nenhum quadro nas paredes - comentei, após algum tempo.

- Não.

- Não pretende morar aqui durante muito tempo?

- Eu não passo muito tempo aqui - respondeu ele. - Tenho dois empregos, e estou economizando tudo o que posso para comprar uma casa algum dia. Quero uma casa com uma cerca branca, um cachorro, uma esposa, e dois-vírgula-dois filhos. É

isso que pretendo ter algum dia. Este quarto é simplesmente o que tenho agora.

Eu não disse nada. Era um belo sonho. Combinava com ele. Ele não estava brincando com a vida. O fardo pesado era meu, não dele.

Greg pigarreou. - Está com sede?

- Estou.

Voltamos para a cozinha. A pia estava coberta de louça suja e o balcão precisava de uma boa limpeza. Greg soltou um grunhido de desaprovação, imaginei que foram os outros rapazes que moravam na casa que deixaram aquela bagunça.

Ele deixou a pia do jeito que estava, abrindo a geladeira antiga para pegar uma garrafa de Gatorade e uma lata de Diet Coke. Me entregou a Diet Coke e ficou com o Gatorade.

- Você tem rum? - perguntei, em tom de piada, após tomar o primeiro gole gelado.

Ele me encarou por um segundo, depois pegou uma garrafa de Captain Morgan que estava sobre a geladeira. Greg me entregou a garrafa, como se estivesse me desafiando. O quanto eu estava realmente disposta a me autodestruir?

Depois de um minuto, devolvi a garrafa, sem abri-la. Ele voltou a colocá-la sobre a geladeira. Eu terminei de tomar o refrigerante e ele terminou o Gatorade.

Depois, voltamos a nos olhar em silêncio.

- Vou dormir no sofá - disse ele. - Você pode ficar no meu quarto. O ar-condicionado provavelmente já refrescou o lugar. Vou buscar lençóis limpos para você.

- Você me trouxe até aqui para dormir sozinho? - eu perguntei.

Ele respondeu tranquilamente. - Não sou seu pai, Danielle. Não vou transar com você.

Eu lhe dei um soco. Com força, antes que qualquer um de nós pudesse perceber o que havia acontecido. Acertei-o diretamente na mandíbula. Ouvi meus dedos estalando. A cabeça de Greg, por outro lado, mal se mexeu. Então o acertei outra vez, desta vez no abdômen musculoso. Nem um gemido. A boa forma física protegia o maldito.

Perdi o controle, estapeando, socando desesperadamente. Eu o golpeava no peito, nos ombros, nos quadris. Eu batia, batia, batia. E ele simplesmente ficou ali, como se fosse uma estátua de mármore e eu fosse um pombo selvagem

batendo as asas aos seus pés.

- Odeio você, odeio, odeio, odeio! - me ouço gritar.

Levanto o joelho, mirando diretamente no lugar mais sensível. No último instante, ele bloqueia o golpe. Em seguida, as mãos dele se prendem ao redor dos meus pulsos, e, repentinamente, ele está me prensando contra a parede. Agora era eu quem estava na defensiva, com o corpo totalmente dominado pelo tamanho de Greg.

Ele se inclinou, com o rosto tão próximo do meu que quase podia contar as gotas de suor que ele tinha sobre o lábio. Seus olhos eram de um castanho profundo.

Cor de chocolate, com um anel dourado no meio.

Ele ia me beijar. No estado agitado em que me encontrava, não conseguia decidir se corresponderia ao beijo ou se o morderia.

- Não vou transar com você - repetiu ele.

- Seu desgraçado!

- Quando a soltar, você vai parar de me bater. Você vai andar até o final do corredor, deitar na cama e dormir. Entendeu?

- Calhorda!

- Já está se sentindo mais calma?

Eu grunhia de raiva. Ele ainda não soltara meus pulsos. Em seguida, abruptamente, com os nossos corpos tão próximos um do outro, senti a excitação dele contra o meu quadril. Ele me queria. Aquilo me deu uma sensação de poder que não sentia há vários dias. Movi meu corpo contra o dele, me encaixando nele.

O anel dourado ao redor das suas pupilas se contraiu. Outra gota de suor lhe

apareceu sobre o lábio.

Levantei a perna direita e a curvei ao redor da cintura de Greg, puxando seu

quadril em direção ao meu. Decidi que transar com Greg, o professor de educação física, pode ser a melhor maneira de escapar das armadilhas da minha mente.

Ele baixou a cabeça, com os lábios quase tocando os meus. Movi o quadril novamente, até que senti a sua ereção bem onde eu a queria. Comecei a me mover, devagar, com movimentos leves, aumentando a velocidade e a pressão gradualmente.

A respiração de Greg estava pesada. A minha também. Talvez nós ficássemos ali mesmo. Talvez fizéssemos sexo na cozinha mesmo. Depois, eu tomaria um pouco de rum. Engoliria tudo antes de sair deste maldito apartamento.

Em seguida, vi Lucy novamente, o corpo franzino pendurado no teto pela corda, e não suportei aquilo. Senti as lágrimas me enchendo os olhos. Eu queria chorar.

Precisava chorar. Mas não seria o bastante. Nunca seria o bastante. Minha mãe, Natalie, Johnny. Lucy.

Eu bati outra vez em Greg. Desta vez, sem muita força. Cansada. Depois, me apoiei contra o seu corpo firme, com meu rosto enterrado na curva do seu pescoço.

Greg me pegou nos braços. Me carregou pelo corredor. E me colocou na cama.

- Durma.

Ele fechou a porta. Eu estava em meio à escuridão, onde novamente podia sentir o cheiro de cordite e sangue. Exceto pelo fato de que, desta vez, era eu quem estava segurando a arma, em pé ao lado da cama da minha mãe.

"Você disse que ia me ajudar. Você disse que iria obrigá-lo a parar."

"Danielle..."

"Você disse que acreditava em mim."

"Danielle..."

A porta da casa se fechando. A voz embriagada do meu pai ecoando pela

escadaria. "Querida, cheguei!"

Eu levanto a arma.

"Danielle!"

Cordite e sangue. Uma voz cantando, uma voz gritando. Amor e ódio.

Essa é a história da minha vida.

Meus olhos se abriram.

Estou deitada no colchão de Greg, encolhida em meio à escuridão fria. Não voltei a dormir.

O telefone estava tocando. O som veio da sala, e finalmente me animou o bastante para sair do estado letárgico em que me encontrava após chorar. Rolei pelo colchão, tentei ficar em pé e percebi que as minhas pernas não estavam tão fracas.

Abri a porta do quarto, ouvindo a voz de barítono de Greg na sala.

- Sim, posso ir até aí. A que horas a criança chega? Quais são os protocolos?

Houve um silêncio enquanto ele escutava as respostas. Ele estava conversando com Karen. Uma nova criança chegaria à unidade, e, por alguma razão, ela queria que Greg estivesse lá.

Entrei na sala e esperei até que ele me visse. O seu cabelo castanho estava molhado após o banho; ele tinha uma toalha azul-marinho ao redor da cintura, e mais nada. Olhei fixamente para o seu peito e abdômen bronzeados, marcados pela musculatura e a minha boca ficou seca.

Voltei para o banheiro, onde molhei o rosto com água fria e tentei me concentrar novamente. Greg era Greg. Greg sempre foi Greg.

Mas eu nunca havia imaginado como Greg seria se estivesse nu.

Fiquei ali por mais um minuto, depois abri a porta do banheiro para encontrar Greg no corredor. Ele havia vestido um short esportivo e uma camisa polo

branca.

Isso deixou as coisas mais fáceis para nós dois.

- Era Karen ao telefone. Olhe, preciso ir trabalhar. Você pode ficar aqui se quiser. Os outros rapazes que moram comigo provavelmente só voltarão à noite.

- Que horas são?

- Quatro da tarde.

Franzi as sobrancelhas, surpresa com o horário. Talvez eu houvesse dormido um pouco.

- O que aconteceu? - perguntei.

- Temos um novo paciente - disse ele, já caminhando pelo corredor para buscar a bolsa de ginástica. Eu o segui.

- Por que você tem de estar lá?

- O garoto tem um histórico de violência. Karen disse que se sentiria melhor se eu estivesse por perto.

- O que ele fez?

- Esfaqueou a própria mãe.

- Quando?

- Parece que foi hoje, pela manhã.

- A mãe está bem?

- Não sei.

- Quantos anos tem o garoto?

- Oito. Em estado catatônico, de acordo com os médicos da ala de emergência.

Provavelmente em estado de choque.

- E quando ele se recuperar do choque... - eu concordei. Ele seria tomado pelo pânico, e a criança explosiva voltaria a explodir.

- Parece que vai ser uma noite daquelas - disse Greg, vestindo um par de calças de nylon por cima do short. Colocou a bolsa sobre o ombro e, rapidamente, estava pronto para sair.

Olhei para ele. Ele olhou para mim. Havia um leve hematoma contornando o seu queixo. Sem pensar no que fazia, dei um passo adiante. Deslizei a ponta dos dedos suavemente pelo hematoma, e depois, ficando na ponta dos pés, beijei carinhosamente a marca que deixara em sua pele.

- Desculpe - eu disse, sinceramente.

- Danielle... - respondeu ele, com a voz embargada.

- O que foi?

- As coisas nem sempre acontecem por sua causa. Lembre-se disso. Nem sempre as coisas acontecem por sua causa.

- Certo.

Beijei o queixo dele novamente. Inalei a fragrância da pele perfumada pelo banho recém-tomado, e depois me afastei. Ele foi para o trabalho.

Eu tinha outras coisas com as quais me ocupar.

Capítulo 27

D. D. conseguiu que uma força-tarefa fosse destacada para o caso. A ligação entre as famílias Harrington e Laraquette-Solis por meio da ala psiquiátrica infantil, além da morte subsequente de outra criança na mesma unidade, serviram para atrair a atenção do delegado superintendente. A imagem de D. D. se transformara com o episódio. Não era mais vista como uma investigadora extremamente paranoica, mas sim como uma policial bastante perspicaz e inteligente. A maneira como a mídia se lançou com unhas e dentes sobre o potencial noticioso de dois assassinatos em massa em dois dias também não era algo tão ruim. A imprensa ainda não conectara os dois massacres, mas dedicava tanto tempo à cobertura das tragédias que o delegado percebeu que era

importante fechar os dois casos o mais rápido possível.

D. D. recebeu dez investigadores para esquadrinhar o hospital.

Ela também teve o privilégio de acordar nos braços de um homem bonito e charmoso.

O maldito *pager* resolveu tocar, e os dois compartilharam meia dúzia de *donuts* cobertos com glacê em vez de meia dúzia de sessões de sexo quente e intenso.

Mesmo assim, foi a melhor manhã que D. D. teve nos últimos anos.

Ela sorria quando Alex a levou de volta ao hospital psiquiátrico, talvez até mesmo assobiando enquanto andavam pelo saguão para tomar o elevador até o oitavo andar. Eles saíram do elevador e perceberam que Andrew Lightfoot estava em frente às portas de vidro da unidade pediátrica, tentando convencer o segurança a deixá-lo entrar.

- Que diabos você está fazendo aqui? - perguntou D. D.

- Trabalhando - respondeu ele. - Não consegue sentir? - disse ele, estendendo o antebraço com a pele arrepiada e os pelos eriçados. - As vibrações estão péssimas -

murmurou enquanto os acompanhou para o interior da unidade. - Melhor encontrar o seu anjo interior, sargento. Pode acreditar no que digo: a sua fera interior não vai conseguir enfrentar o que está acontecendo aqui dentro.

D. D. e sua equipe se instalaram em sua sala de aula favorita. Estavam armados com mandados de busca e sabiam como usá-los. Nas próximas vinte e quatro horas, D. D. queria registrar os depoimentos preliminares de todos os membros da equipe que trabalhavam na unidade. Na delegacia, Phil levantava os dados de cada um dos funcionários, enquanto Neil elaborava uma lista de outros profissionais do hospital -

médicos, terapeutas, faxineiros, a equipe que preparava as refeições, e até mesmo alguns xamãs locais - que vinham até a unidade regularmente. Outros dois detetives

seriam enviados para investigar a lista, buscando cada pessoa identificada nelas,

fazendo uma entrevista inicial e levantando seus históricos policiais.

Era a típica abordagem no estilo metralhadora: rápida e furiosa. D. D. não se importava. Ela estava caçando uma presa grande e perigosa, e isso fazia com que se sentisse bem.

O hospital, é claro, mandou uma advogada para supervisionar as atividades.

Como era um domingo maravilhoso e a maioria dos sócios da firma de advocacia estavam aproveitando o dia em seus iates, uma moça mais nova, usando um conjunto de calça e paletó azul-marinho, acabou sendo destacada para cuidar do caso. A advogada fez questão de inspecionar cada um dos mandados de busca, cuidadosamente examinando cada palavra, antes de devolver os documentos com um

"podem prosseguir" mal-humorado.

D. D. já gostava dela. Era o tipo de advogada bem vestida, mas sem qualquer experiência. Um bom sargento do departamento de polícia de Boston poderia passá-

la para trás sem pestanejar.

A equipe de D. D. pôs mãos à obra, organizando as entrevistas e se preparando para copiar mais arquivos. Satisfeita com todo o progresso, D. D. foi à procura do primeiro alvo do dia: Andrew Lightfoot.

Ela o encontrou no quarto da garota morta. O colchão solitário continuava no meio do quarto. Andrew estava sentado em frente a ele, com as pernas cruzadas, os pés descalços, as mãos pousadas sobre os joelhos, com as palmas para cima. Os lábios se moviam, mas Andrew não emitia qualquer som.

D. D. andou pelo quarto até ficar de frente para ele. No momento em que sua sombra tocou o rosto de Lightfoot, ele abriu rapidamente os olhos e a encarou. Não demonstrou qualquer surpresa com a presença de D. D., e aquilo a irritou tanto que provocou o primeiro ataque.

- Por que você não nos disse que trabalhava aqui?

- Eu não trabalho aqui.

D. D. levantou uma sobrancelha, fazendo um gesto para indicar a sala. - E, mesmo assim, está aqui.

Lightfoot se levantou com um movimento gracioso. - Karen me pediu que viesse. Esta é uma unidade de cuidados especiais e as energias estão desequilibradas. Ela pediu que fizesse um exercício para purificar o ambiente, e que ajudasse os profissionais da equipe. É por isso que estou aqui.

- Karen, a enfermeira-chefe? Ela o contratou?

- Nem todos são céticos - disse ele, sorrindo pacientemente.

D. D. sentiu a irritação crescendo dentro de si outra vez. - Há quanto tempo você e Karen se conhecem?

- Dois anos.

- Pessoalmente ou profissionalmente?

- Profissionalmente.

- E como se conheceram?

- Por uma família. Pediram que eu os ajudasse com o filho, que estava internado aqui. Karen ficou impressionada com o progresso da criança. Então, me pediu para trabalhar com a equipe da unidade, com exercícios básicos de meditação e ampliação de energias. De tempos em tempos, ela também recomenda os meus serviços a outras famílias.

- Ela gosta de você?

- Ela acredita no meu trabalho.

- Você é rico e bonito. Aposto que isso não atrapalha.

- Você acha mesmo que sou rico e bonito? - perguntou Lightfoot, sorrindo novamente.

- Eu acho que você é convencido e arrogante - contra-atacou D. D.

O sorriso de Lightfoot se abriu ainda mais. - É difícil esconder a nossa

verdadeira natureza - concordou ele.

- Você e Karen costumam sair juntos?

- Nossa relação é estritamente profissional, sargento. Auxilio Karen e sua equipe. Ela recomenda os meus serviços.

- Foi ela que recomendou seus serviços para os Harringtons?

- A recomendação veio de uma pessoa diferente.

- Quando foi a última vez que você viu Ozzie?

- Há três meses.

- E Tika?

- Não conheço essa criança.

- Ainda assim, você sabe que ela é uma criança - atacou D. D.

Lightfoot endureceu a expressão. - Estamos falando sobre crianças. Assim, é razoável supor que Tika seja uma criança. Sargento, você parece irritada. Seria melhor sairmos desta sala. Não é um lugar bom para você.

Ele não lhe deu tempo de responder, virando-se em direção à porta. Aquilo a forçou a segui-lo, e serviu para deixá-la ainda mais irritada.

- Vamos até a sala de aula... - começou ela, com a voz por entre os dentes.

- Este lugar está perfeito - disse Lightfoot, como se ela não houvesse dito nada.

Ele estava parado em frente à imensa janela no final do corredor. - Aqui, sob a luz do Sol. Você passa tempo demais sob lâmpadas fluorescentes, sargento. Você precisa de mais vitamina D.

D. D. o encarou, com os olhos arregalados.

- Sou um curandeiro - disse Lightfoot, tranquilamente. - O fato de você não acreditar nas mesmas coisas que eu não significa que vou mudar minha maneira de ser.

- Você já trabalhou alguma vez com uma criança que tinha o hábito de se cortar? - perguntou D. D.

- Alguém que se automutila? Não em tempos recentes.

- Karen o indicou para uma família com um caso assim?

- Não.

- Qual foi a última família a quem ela indicou seus serviços?

- Não me lembro, e também não costumo manter registros - disse Lightfoot, de maneira vaga. D. D. estreitou os olhos, estudando suas reações.

Encarando-o mais de perto, ela conseguiu identificar olheiras pronunciadas sob os seus olhos, e uma certa palidez por baixo do bronzeado da pele. Aparentemente, ela não era a única pessoa com falta de vitamina D.

- Ficou acordado até tarde ontem à noite? - perguntou ela.

Lightfoot hesitou. - Desde que você visitou a minha casa, eu fico acordado até tarde da noite. Eu fiz planos de descansar por alguns dias, mas isso não vai ser possível.

- Por quê?

Ele se virou para a janela, como se estivesse olhando para o Sol. D. D. sentiu um sobressalto ao perceber que o curandeiro estava com leves tremores. A pele dos antebraços de Lightfoot ainda estava arrepiada.

- Passei as duas últimas noites viajando pelos interplanos espirituais - disse ele, finalmente. - Como tentei explicar ao telefone, há alguma coisa se aproximando.

Posso sentir. Já ouviu a expressão "uma escuridão mais profunda que a própria noite"?

D. D. assentiu, ainda estudando suas feições.

- Eu nunca soube o que isso queria dizer, mas agora sei. Há algo terrível lá fora. Ou, talvez, já esteja aqui dentro.

Repentinamente, Lightfoot estendeu a mão e tocou o rosto de D. D. Embora tentasse resistir, ela suspirou, surpresa. Os dedos de Lightfoot em sua face lhe davam a mesma sensação de pedaços de gelo seco. Tão frios que quase chegavam a queimar a pele. Instintivamente, ela deu um passo atrás, afastando-se.

O curandeiro assentiu. - A energia negativa causa uma sensação de frio intenso.

Entretanto, sou um curandeiro experiente e poderoso. Eu deveria ser capaz de combater esse frio. Deveria conseguir aquecer minhas mãos. Mas, desde que entrei na unidade, não consigo fazer nada disso. Há algo terrível dominando este lugar. A origem está no quarto de Lucy, mas já está se expandindo para todo o pavimento.

Uma força fria e malévola. Uma escuridão mais profunda que a noite. Lucy não conseguiu sobreviver a ela. Nós também não conseguiremos, eu imagino. É por isso que pedi a você para sair da sala e viesse conversar comigo sob a luz do Sol.

- Porque algum bicho-papão celestial atacou Lucy? - perguntou D. D.

- Estou cansado - disse Lightfoot, como se fosse importante que ela compreendesse aquilo. - Venho gastando vastas quantidades de energia nos interplanos a cada noite que passa. Depois, tive de supervisionar exercícios de cura durante o dia. E agora estou tentando purificar a mácula que corrompeu esta ala.

Estou exausto. Hoje não é um dos meus melhores dias. Desculpe-me por não poder fazer mais para protegê-la.

- O quê? - perguntou D. D., olhando ao redor.

- Você sente raiva - continuou Lightfoot. - Você sente uma dor forte. Em outras circunstâncias, eu a ajudaria a encontrar um centro de equilíbrio e fortalecer suas defesas. Mas não nesta tarde.

- Certo - hesitou D. D., tentando fazer com que o curandeiro voltasse a responder o que ela queria. - Me fale a respeito de Danielle Burton. De acordo com o que você me disse, a dor que ela sente o chama.

- Há um velho ditado que diz que os melhores médicos são os piores pacientes.

Infelizmente, a situação é a mesma com enfermeiras psiquiátricas. Eu a conheço desde que comecei a trabalhar com as pessoas desta unidade. Infelizmente, o ceticismo dela é um espelho do seu.

- Ela não aceita trabalhar com você?

Lightfoot deu de ombros. - É por essa razão que estou disposto a conversar com você. Ela não é uma das minhas clientes, e, na opinião dela, nem mesmo uma amiga. Mesmo assim, me preocupo com ela.

- Por quê?

- Ela é uma alma antiga - disse Lightfoot imediatamente, com uma expressão distante no rosto, vendo algo que apenas ele era capaz de enxergar. - Durante séculos, ela sempre voltou a este plano, sempre buscando, mas nunca encontrando.

Ela deixou que seu ódio crescesse, quando apenas o amor seria capaz de libertá-la.

- Parece com uma música que ouvi há algum tempo - disse D. D. Ela não conseguiu evitar o comentário. - Você está falando de reencarnação?

- Estou falando de lições baseadas em experiências. A alma de Danielle é atraída para este plano para que possa aprender aquilo que é necessário. Mas ela ainda não conseguiu dominar o assunto. Infelizmente, há outras almas que também estão envolvidas. As experiências dessas almas estão entremeadas com as experiências da alma de Danielle. Como ela é incapaz de avançar e evoluir, isso acaba condenando todas essas outras almas a um ciclo vicioso e interminável de violência. Tentei explicar isso a ela, mas...

- Tem a ver com o pai dela? - completou D. D.

- Isso faria sentido - disse Lightfoot.

D. D. estreitou os olhos. Aquela era uma resposta interessante. Ela estava começando a perceber que, mesmo com toda aquela conversa sobre misticismo, Lightfoot era muito cuidadoso com as respostas.

Repentinamente, ela compreendeu. - Você está falando do professor de educação

física, Greg. Você está preocupado com o relacionamento entre ele e Danielle.

- Ele pede. Ela recusa. Ele precisa. Ela rejeita. Ele ainda procura por amor. Ela ainda escolhe o ódio. E eles giram, giram e giram em torno um do outro, sem sair do lugar.

- Greg parece ser um cara legal - retrucou D. D., tranquilamente.

- Eles giram, giram e giram em torno um do outro, sem sair do lugar - repetiu Lightfoot, com uma voz que soava ao mesmo tempo cansada e entristecida.

D. D. o estudou por alguns momentos. O curandeiro não tentou interromper o silêncio, e, após vários minutos, ela finalmente admitiu a derrota.

- Você sente falta? - perguntou ela, finalmente.

- Do quê?

- Do dinheiro, dos carros potentes, das amarras da sua vida anterior?

- Nunca.

- Devia ser uma bela dose de adrenalina. Sair com mulheres bonitas, ganhar rios de dinheiro e aniquilar os rivais. E você deixou tudo isso para trás.

- Wall Street não é nada além de um playground. Não há recompensas que tenham algum significado maior, nem consequências significativas. Entretanto, ali dentro... - Lightfoot apontou para a entrada do quarto de Lucy. - É ali que eu luto para vencer.

E, como se desejasse provar que suas palavras eram verdadeiras, o curandeiro começou a andar pelo corredor, voltando ao quarto.

Ele hesitou, parando na entrada do quarto de Lucy. D. D. o viu tremer antes de entrar no cômodo.

Com Lightfoot de volta aos afazeres de purificação espiritual, D. D. andou pela unidade até encontrar a enfermeira-chefe, Karen Rober, sentada na área de recreação ao lado de um garotinho que esmagava incansavelmente frutas em uma tigela. O

garoto levantou os olhos quando D. D. se aproximou, e ela se recordou de que o conheceu quando viera até a unidade psiquiátrica pela primeira vez. Um dos três amigos que gostavam de carrinhos de metal e de correr com os braços abertos. D. D.

puxou pela memória para tentar lembrar o nome do garoto, mas não conseguiu.

Nunca foi muito boa com crianças.

- Quer um iogurte com frutas? - perguntou o garoto, balançando os pés no ar e com os ombros agitados. Ele falou em um só fôlego: - Posso fazer de banana ou

morango ou framboesa ou mirtilo ou talvez de uva mas não de laranja porque elas são muito difíceis de esmagar.

Ele voltou a esmagar as frutas com a colher de plástico, mexendo-se para frente e para trás, para frente e para trás, para frente e para trás. D. D. começou a perceber alguns detalhes. Em primeiro lugar, enquanto estava sentado à mesa, o garoto estava agitado. Muito agitado. Como se fosse uma granada de mão, esperando apenas que alguém puxasse o pino.

Além disso, não era o único. Duas outras crianças patinavam pelo corredor, trocando empurrões. Enquanto isso, outra criança estava sentada embaixo de uma das mesas, batendo a cabeça contra a parede.

Era isso que eles chamavam de "o ambiente" da unidade? D. D. não era especialista no assunto, mas, até mesmo na opinião de uma pessoa leiga como ela, o ambiente estava bastante perturbado hoje.

Karen notou a criança que batia a cabeça contra a parede. - Jamal - disse ela, em um tom imperativo. - Agora chega. Por que você não vem até aqui para ficar com Benny e comigo? Venha, Jamal. Benny vai lhe preparar um iogurte com frutas.

Qual sabor você quer?

- Comer, comer, comer, comer, comer - cantarolou Benny, entregando o primeiro copo da sua mistura para Karen.

A enfermeira-chefe Karen sorriu em agradecimento ao pegar o pote que o garoto

lhe preparou.

- Comer, comer, comer, comer, comer.

D. D. observou fascinada enquanto Karen engolia uma enorme colherada do iogurte, percebendo que o sorriso nunca deixava os lábios da enfermeira-chefe.

Benny batia palmas com alegria. Jamal finalmente saiu debaixo da mesa para se juntar à festa.

Logo em seguida, Karen procurou ocupá-lo com seu próprio projeto culinário envolvendo frutas esmagadas. Em seguida, chamou outro funcionário da unidade para assumir seu lugar na mesa, levantando-se para conversar com D. D. no corredor.

- Seja lá o quanto estão lhe pagando, não é o bastante - disse D. D. a Karen.

A enfermeira abriu um sorriso sutil. - Bem, digamos que já comi coisas piores.

- Mas você comeu o que ele lhe preparou. Não consegue fingir alguma coisa ou

se esquivar de ter que experimentar esse tipo de coisa?

- Você tem filhos, sargento?

- Não.

- Bem, se algum dia os tiver, entenderá.

Desdenhosa e direta. D. D. resolveu aceitar o desafio. - Na sua sala ou na minha? - perguntou D. D., apontando para a área administrativa e, em seguida, para a sala de aula onde a equipe da polícia havia se instalado. Karen levantou uma sobrancelha, sem dúvida para lembrar D. D. de que toda aquela área estava sob sua responsabilidade. Mas, finalmente, a administradora suspirou, e apontou na direção do seu escritório. Ela pegou a chave presa ao cordão que tinha ao redor do pescoço e abriu a porta. D. D. a seguiu.

- Há quanto tempo você conhece Lightfoot? - perguntou D. D., enquanto as duas entravam na área que dava acesso à área dividida em escritórios estreitos.

Karen a conduziu para uma sala minúscula, com espaço para as duas ao redor de uma mesa.

- Dois anos.

Uma resposta consistente. - E como você o conheceu?

- Por meio dos pais de uma criança que veio para ficar. O filho deles gostava de capturar sapos, enfiar bombinhas na boca deles e acender o pavio. Ele também gostava de decorar as paredes com os desenhos que fazia. Nos desenhos, sua mãe aparecia sendo morta de várias maneiras. O nível de detalhes que ele conseguia alcançar usando apenas giz de cera vermelho era impressionante.

Outra resposta consistente. - E qual era a idade dessa criança? - perguntou D.

D., curiosa.

- Dez anos.

- É assustador.

Karen deu de ombros. - Já vi coisas piores. Nesse caso específico, o garoto não respondia à medicação e os pais já não sabiam o que fazer. Assim, eles entraram em contato com Andrew. No início eu estava cética, mas Andrew era calmo e cortês, respeitando toda a nossa equipe e as outras crianças. E devo dizer que, após três semanas, percebemos uma melhora impressionante no comportamento do garoto.

Incidentes que anteriormente o fariam entrar num surto de raiva passaram a ser encarados com uma tolerância bem maior. Nós percebíamos o garoto tensionar o

rosto e o corpo, mas em seguida ele murmurava "encontre a luz, sete abraços dados por sete anjos". Não demorava até conseguir relaxar, uma proeza notável para uma criança com um nível tão alto de psicose. Naturalmente, comecei a fazer perguntas a Andrew a respeito do seu trabalho. Vários dos nossos médicos fizeram o mesmo.

- Quer dizer que os anjos curaram os problemas de um garoto perturbado?

Karen sorriu. - Você conhece todos os detalhes a respeito do cosmos? Porque,

caso conheça, você é uma mulher mais inteligente do que eu, sargento.

D. D. fez uma careta. - Com quantas crianças Andrew já trabalhou?

- Você teria que perguntar a ele. Raramente indico os serviços que ele presta.

Geralmente, as referências vêm de outros pais.

- Ao que parece, ele trabalhou com os Harringtons.

Karen não disse nada.

- Danielle insinuou que Lightfoot interferiu com os cuidados que a unidade prestava ao filho dos Harringtons, recomendando que Ozzie recebesse alta antes que os médicos considerassem que o garoto estivesse pronto para isso.

- Era uma situação difícil de definir em termos precisos. Definitivamente, Ozzie havia melhorado. Eu gostaria de ter mais tempo para garantir que as mudanças recentes em seu comportamento seriam permanentes, mas a família achava que era mais importante levar Ozzie de volta para o ambiente familiar. Havia lógica em ambos os argumentos. E, para que conste em seus registros, Ozzie nunca precisou voltar para cá depois de receber alta. Assim, devo acreditar que a decisão dos Harringtons em relação ao filho foi acertada. Andrew trabalhou bem com o garoto.

- Os Harringtons foram assassinados.

- Pelo pai, conforme ouvi dizer.

- Ainda não temos certeza.

Karen hesitou pela primeira vez, deixando as mãos caírem sobre a mesa, piscando os olhos por trás dos óculos com aro de metal. - Está dizendo que Ozzie...?

- É possível.

A enfermeira-chefe não defendeu Ozzie. Em vez disso, suspirou. - É difícil ter certeza com esse tipo de criança. Suas perturbações não acontecem pelo fato de serem fracos ou preguiçosos. Eles têm disfunções fisiológicas, problemas na

química cerebral, com os hormônios, ou com o DNA. E há muito pouco que

podemos fazer por eles. Não há muitas ferramentas que possamos usar.

- Assim, entra em cena Lightfoot, um belo cavaleiro de armadura reluzente, que promete salvar crianças perdidas e reduzir as despesas com medicamentos. É

admirável.

A enfermeira-chefe não respondeu e D. D. resolveu avançar. - Você está dormindo com ele?

- Meu marido não gostaria que eu fizesse isso.

- Talvez ele não saiba.

- Minha consciência não me deixaria fazer isso - disse Karen, balançando a cabeça. - Eu entendo que você é cética a respeito de Andrew. Quando o conheci, também imaginava que sua beleza e seu histórico seriam pontos negativos. Mas, se você observá-lo com as crianças... ele é genuinamente carinhoso, bastante paciente.

Ele não as acalma, simplesmente; ele as ensina a se acalmarem. Nunca pensei que defenderia tratamentos esotéricos em um ambiente clínico. E, mesmo assim, respeito os resultados que ele obteve.

D. D. continuou com a expressão séria, recusando-se a aceitar aqueles argumentos. - E o que me diz sobre os outros membros da sua equipe? Danielle, por exemplo. Andrew é um homem atraente. Ela é jovem e bonita.

- Você teria que perguntar a ela.

- Ela parece ter vários problemas - comentou D. D.

Karen não mordeu a isca. D. D. continuou, em um tom informal.

- Bem, seu pai assassinou toda a família, menos ela. Isso é um fardo que ela traz consigo. E, hoje em dia, ela trabalha em uma unidade que está cheia de crianças violentas. É como se precisasse de todo esse drama.

Por um momento, Karen ficou em silêncio. Em seguida, respondeu: - No seu trabalho, não é comum ver oficiais que vêm de uma longa tradição familiar de trabalhar como policiais? Filhos, filhas, sobrinhas e sobrinhos de outros policiais?

- Sim, é verdade.

- O tipo de trabalho que fazemos aqui também tem essa característica. Se você quiser investigar, a maioria dos membros da equipe tem histórias que vão deixar seu coração em pedaços. Eles não cresceram num meio feliz, e isso os levou a querer defender a infância de outras pessoas. A mesma infância que nunca tiveram. De

acordo com essa lógica, Danielle não é uma exceção nesta unidade. Na verdade, ela tem muito em comum com os outros funcionários.

- É mesmo? E qual é a história de Greg?

- Greg? - a enfermeira-chefe pareceu ficar surpresa com aquele nome, entre tantos outros. - Não tenho certeza de que Greg tenha uma história. Ele não é do tipo que fala sobre a vida pessoal.

- Há quanto tempo ele trabalha aqui?

- Cinco anos.

- Alguma reclamação? Ou problemas?

- Nada - respondeu Karen, firmemente. - Ele é calmo, responsável, brilhante com as crianças. Tanto os adultos quanto as crianças gostam dele. Não posso dizer o mesmo a respeito de algumas outras pessoas da equipe.

- Adultos? - perguntou D. D.

- Os pais. Algumas das pessoas aqui... - Karen hesitou. - Alguns dos membros da equipe escolheram esta profissão porque conseguem entrar em harmonia com as crianças muito rapidamente. Infelizmente, essa harmonia nem sempre se estende a outros adultos.

D. D. considerou esse comentário. Greg, o professor de educação física, era um

homem bonito. Forte, em boa forma física. Ela poderia apostar que algumas mulheres adultas conseguiriam entrar imediatamente em harmonia com ele.

- O que é necessário para se tornar um conselheiro sociocomportamental? -

perguntou ela, puxando o bloco de notas para registrar algumas observações. - É

preciso ter algum tipo de licença especial ou ser certificado por algum tipo de entidade? - emendou, já pensando no que poderia pedir para Phil investigar para acrescentar à ficha de Greg.

Mas a enfermeira-chefe simplesmente balançou a cabeça. - Nossos enfermeiros têm diplomas universitários e registro nas entidades regulamentadoras, é claro. Os conselheiros sociocomportamentais precisam apenas ter concluído o ensino médio, além de muita energia e criatividade para lidar com as crianças.

- Você está brincando comigo. A maior parte dos membros da sua equipe é formada de conselheiros sociocomportamentais, e você está me dizendo que eles não recebem qualquer tipo de treinamento especial?

Karen a encarou. - Sargento, quais matérias escolares ou universitárias poderiam preparar alguém para trabalhar com as crianças que temos aqui?

Era um bom argumento.

- Greg tem família? - perguntou D. D., franzindo a testa.

- Ele nunca mencionou nada a respeito.

- Namorada?

- Não sei.

- Quer dizer que ele só tem olhos para Danielle - completou D. D.

- Eu não me envolvo com a vida pessoal dos funcionários - respondeu Karen, friamente.

- É mesmo? Todos estão comentando. Greg diz que sim. Danielle diz que não.

Os dois ficam nessa incerteza, enquanto o tempo passa. Parece que eles passam

uma boa parte do tempo em que estão na unidade flertando. Duvido que você fique feliz com esse tipo de atitude.

- Nunca vi nenhum deles agir de maneira que não fosse profissional.

- Talvez você devesse sair da área administrativa e andar pela unidade com mais frequência.

A enfermeira-chefe a encarou com um olhar ameaçador.

D. D. esperou um momento, e, logo em seguida, decidiu que já havia feito rodeios demais. Foi direto ao ponto: - Você não acha estranho que duas famílias que estavam ligadas a esta unidade foram assassinadas poucos dias antes do aniversário do assassinato da família de uma das enfermeiras da sua equipe?

- É estranho, mas... - começou Karen.

D. D. a interrompeu. - Além disso, uma menina foi enforcada ontem à noite.

Essa menina também estava sob os cuidados da mesma enfermeira cuja família foi assassinada, há quase vinte e cinco anos. Você diria que é outra coincidência?

- Essas coisas acontecem.

- É mesmo? Quantas crianças você já encontrou enforcadas no hospital?

Quantos pacientes que receberam alta da sua unidade foram assassinados?

Karen não voltou a responder. Parecia estar tão cansada quanto Lightfoot. A

enfermeira-chefe suspirou, e estendeu a mão na direção de uma pilha de documentos que estava sobre a escrivaninha. Ela pegou um relatório e depois voltou a encarar D.

D.

- Quando os Harringtons foram mortos? Na quarta-feira? Quinta-feira? -

perguntou Karen.

- Na noite de quinta-feira.

A enfermeira passou os olhos pelo relatório. - Danielle trabalhou naquela noite.

Na verdade, ela fez um plantão duplo, trabalhando nos turnos da noite de quinta-feira e no turno do dia da sexta-feira.

- Qual é o horário do turno da noite?

- Das sete às sete.

D. D. considerou a situação. Os Harringtons provavelmente morreram perto da hora do jantar. Pensando no tempo que demoraria para subjugar uma família inteira, limpar-se e trocar de roupa, e ir de Dorchester a Cambridge...

- A que horas ela chegou ao hospital?

- Ela bateu o cartão de ponto às seis e meia, e se preparou para assumir o plantão.

- E o que aconteceu na noite de sexta-feira?

Karen repuxou os lábios. - Tecnicamente falando, Danielle terminou o plantão diurno às dezenove horas. Entretanto, continuou na unidade. Teve uma reunião comigo e depois atualizou os prontuários e relatórios até depois das vinte e três.

Nesse momento, ela se envolveu em um confronto físico com Lucy, que teve um episódio de violência.

- Isso explica os hematomas no pescoço de Danielle - lembrou-se D. D.

- Exatamente. Portanto, embora Danielle não estivesse de serviço, estava aqui, e, de acordo com as regras do hospital, tudo está documentado.

Foi a vez de D. D. repuxar os lábios. Aquilo significava que Danielle tinha álibis para os assassinatos dos Harringtons e dos Laraquette-Solis.

- Ela estava trabalhando ontem à noite, quando Lucy desapareceu.

- Correto.

- Bem, você pode dizer que estou louca, mas você está dizendo que ela

trabalhou na quinta-feira à noite e na sexta durante o dia, permanecendo na unidade até as vinte e três horas, e que depois voltou para o turno da noite no sábado. São horas de trabalho demais em um período tão curto de tempo.

- Os membros da equipe têm a tendência de agrupar seus plantões, fazendo jornadas duplas para maximizar os dias de folga. Algo como trabalhar três dias sem parar, para depois descansar durante cinco dias. Coisas assim.

D. D. olhou fixamente para a enfermeira-chefe.

- Danielle também é uma *workaholic* - admitiu Karen. - Especialmente durante esta época do ano.

- Quem mais conhece a história dela?

- Todo mundo.

- Todo mundo?

- Daniele é bem famosa, mesmo de acordo com o nosso padrão repleto de dramas. Quase todos os pais e mães dos nossos pacientes acabam ouvindo alguma coisa a respeito dela mais cedo ou mais tarde, também. Rumores. Fofocas. As pessoas sempre agem assim.

- E o que me diz de Greg, o professor de educação física? Ele estava trabalhando na noite de quinta-feira? Ou na sexta?

Karen verificou novamente a planilha de horários. - Não estava aqui na noite de quinta. Na sexta, trabalhou no turno do dia. Das sete às dezenove. E, é claro, ele também estava de serviço ontem à noite, quando Lucy... - a voz da enfermeira se apagou antes que ela terminasse a frase.

D. D. processou as informações. De acordo com o que ouvira, Danielle tinha álibis para os assassinatos dos Harringtons e dos Laraquette-Solis, mas Greg não contava com nenhum dos dois. Era bom saber daquilo. Ela voltou a usar um tom mais casual. - Então, quem você acha que será o próximo?

- O quê?

D. D. deu de ombros. - Os Harringtons foram mortos na noite de quinta-feira. A

família Laraquette-Solis foi assassinada na noite de sexta. Lucy foi enforcada na noite de sábado.

D. D. olhou para o relógio, e prosseguiu: - Agora são quase cinco horas da tarde. Imagino que temos, talvez, uma, duas ou três horas. Depois, o assassino vai

aproveitar a noite de domingo para entrar em ação. Outra criança aqui dentro? Outra família lá fora? O tempo está passando. Faça suas apostas.

Karen olhou para D. D., com os olhos arregalados.

- Você acha que eu vim aqui para brincar? - perguntou D. D. - Você acha que não tenho nada melhor para fazer além de aterrorizar um grupo de trabalhadores dedicados em uma unidade psiquiátrica para crianças? Há famílias morrendo.

Crianças sendo assassinadas. É melhor você começar a me contar que diabos está acontecendo aqui, para que a minha equipe possa fechar este lugar. Cinco da tarde, Karen. Não pergunte a mim quem vai estar morto às seis.

Em seguida, como se alguém pudesse ouvir aquelas palavras, o primeiro grito veio do lado de fora da área administrativa. Foi seguido por um segundo e um terceiro. Berros frenéticos e estridentes, que rapidamente degringolaram em um coro de gritos aterrorizados.

- A área de recreação - disse Karen, imediatamente. Ela já havia se levantado da cadeira, pegando as chaves que estavam penduradas ao redor do pescoço e correndo em direção à porta.

D. D. vinha logo atrás. Ela finalmente conseguiu identificar as palavras.

"Diabo", gritavam as crianças. *"Diablo. Está aquí. Está aquí.* O diabo está aqui".

Capítulo 28

Victoria

Eu sonho com praias distantes. Com areia branca e fina sob os meus pés. Com ondas azul-turquesa quebrando na orla da praia. Com um sol alaranjado aquecendo o meu rosto.

Sonho que estou caminhando de mãos dadas com meu marido.

Nossos filhos estão correndo mais à frente, rindo juntos, felizes. Os cachos dourados dos cabelos de Evan brilham sob a luz do Sol. Chelsea, com os cabelos mais escuros, está com a cabeça curvada ao lado de Evan. Eles cavam um buraco na areia com um graveto, a poucos passos de distância da margem do oceano.

Em seguida, Evan estende o braço e casualmente empurra a irmã para dentro do buraco. A areia das bordas desmorona, engolindo-a inteira. Rindo, Evan vem correndo em nossa direção. Agora percebo que ele não traz um graveto nas mãos, mas uma lâmina longa e pontiaguda. Ele a aponta para o pai e acelera o passo. O

fantasma dança em seus olhos enquanto ele corre pela praia ensolarada.

- Você é minha - diz ele, olhando para mim, enquanto esfaqueia o pai. - Você sempre vai ser minha.

Em seguida, ele avança com a espada ensanguentada...

Acordo com o som estranho de um "bip". O som agudo agride os meus ouvidos. Eu aperto os olhos, como se aquilo pudesse abafar o som. Não funciona.

Assim, volto a abri-los, e percebo várias coisas de uma vez só.

Estou em um quarto de hospital. Sinto uma dor lancinante, quase impossível de suportar, em um dos lados do corpo. Há monitores e aparelhos à minha volta, com fios e cabos presos à minha mão esquerda. Sinto calor. Estou confusa. Não faço ideia do que me aconteceu.

Após alguns momentos, descubro que Michael está dormindo em uma cadeira ao lado da minha cama.

Enquanto o observo, embasbacada, ele lentamente desperta, olhando para mim, e o seu rosto demonstra surpresa ao perceber que estou acordada.

- Victoria? - diz ele, com uma voz arrastada.

- Onde está Evan? - pergunto, em pânico.

Imediatamente, o rosto de Michael estremece. Ele se levanta da cadeira. Está usando a mesma bermuda cáqui e a camisa listrada com as quais veio à minha casa.

Isso me deixa ainda mais confusa. Que dia é hoje? O que aconteceu comigo?

- Como se sente? - pergunta ele, se aproximando da cama, olhando para os monitores, como se aquelas informações tivessem algum significado para ele.

Engulo em seco uma, duas, três vezes. - C... com sede.

- Vou chamar uma enfermeira.

Concordo com a cabeça. Ele aperta um botão. - Onde está Evan? - pergunto novamente.

- Ele está bem.

- Chelsea?

- Ela está em casa, com Melinda. Do que você se lembra?

Eu balanço a cabeça. Não me lembro. Mas, pouco tempo depois, as memórias retornam. Estou sentada no sofá ao lado do meu filho exausto após passar tanto tempo sob o sol. Sentindo-me um pouco sonolenta. A dor horrível na lateral do corpo...

Minha mão desce em direção às costelas. Definitivamente, essa parte do corpo está coberta por ataduras e gaze. Não preciso tocá-la para sentir a dor, para saber que há um ferimento sério ali. Meu filho me esfaqueou.

- A faca penetrou o fígado - diz Michael, como se pudesse ler meus pensamentos. - Se os paramédicos não a tivessem trazido a tempo para uma cirurgia de emergência, você estaria morta.

- Onde está Evan? - pergunto pela terceira vez.

- Você entende o que estou dizendo, Victoria? Você estaria *morta*.

Uma enfermeira aparece. Ela se aproxima rapidamente e mede a minha pulsação,

embora um aparelho de plástico preso ao meu dedo provavelmente possa lhe dar a mesma informação. - Como se sente? - pergunta ela, estudando os monitores.

- Tenho sede.

- Posso lhe trazer algumas lascas de gelo. Se conseguir engoli-las, podemos

tentar a água depois. O que acha?

Eu aceito. Ela sai do quarto, voltando rapidamente com um copo plástico cheio de lascas de gelo. Eu as engulo devagar, percebendo o desconforto cada vez maior no abdômen. Nunca tive muita sorte com anestesia. Provavelmente, essas lascas de gelo são o melhor para mim neste momento.

- O médico virá falar com você daqui a pouco - diz ela. Em seguida, ela sai do quarto. Michael e eu voltamos a nos encarar.

- Obrigada por vir - eu consigo dizer a ele. Não sei o que mais poderia lhe dizer.

Ele dá de ombros. - Alguém tinha que vir. Seria eu ou sua mãe.

Nós dois sabemos o que aquela frase significa. Minha mãe teria desligado os aparelhos que me mantinham viva. Ela não me considera uma filha. Na verdade, o sentimento que tem por mim é o de competição. Pelo menos, é assim que costumava ser. Faz muito tempo que ela não vem visitar a mim nem os netos. Ela não tem a menor ideia sobre a decadência da minha vida.

- Onde está Evan? - insisto em perguntar.

- Evan está bem.

- Ele não teve a intenção de... - eu começo.

Michael ergue uma das mãos. O rosto dele está com a expressão mais enfurecida que já vi. - Você sabe por que eu saí de casa? - diz ele, abruptamente. -

Você sabe o motivo pelo qual eu peguei Chelsea e abandonei aquela casa?

Eu balanço a cabeça negativamente. A fúria de Michael me assusta.

- Porque entendi que seria apenas uma questão de tempo até que eu tivesse que

matar meu filho para proteger a minha esposa e a minha filha. Pode me chamar de louco, mas eu não queria matar Evan. Diabos, também o amo, Victoria. Eu *sempre* o amei, também.

Não sei o que dizer.

- Você tem noção do que fez com ele? - prossegue Michael. A força das suas emoções faz sua voz tremer. - Ele tem 8 anos, e agora precisa lidar com o fato de haver esfaqueado a própria mãe. De quase tê-la matado. Ele é só uma criança, pelo amor de Deus. Como você acha que ele vai lidar com isso? Com todos os outros problemas que ele tem naquela cabeça doente, como vai conseguir lidar com essa

situação?

Não sei o que dizer.

- Achei que você estivesse morta. Eu recebi a ligação. Pela maneira que a enfermeira do pronto-socorro falava... corri da minha casa até aqui, pensando que você tivesse morrido. Pensando que Evan a havia assassinado. Em seguida, entro correndo na sala de emergência e os médicos têm um milhão de perguntas. Não posso nem mesmo vê-la; você já estava na sala de cirurgia. E Evan está amarrado em uma cama de hospital. Eles chegaram até a algemá-lo. Meu próprio filho. O meu garoto...

Michael não consegue mais falar. Ele vira o rosto, anda em direção à parede e olha fixamente para o nada por alguns momentos.

- Tive que ligar para Darren - diz ele finalmente, referindo-se a um velho colega de escola que se formou em advocacia. - Tive de contratá-lo para defender Evan.

Esse é o ponto em que estamos agora, Victoria.

- Ele não teve a intenção de... - tento outra vez.

Michael gira sobre os calcanhares. - *Cale a boca*! Apenas fique quieta. Eu não me importo por você estar ferida. Não me importo que você quase tenha morrido. Eu quero agredi-la ainda mais, Victoria. Quero lhe estapear até que perceba que todos esses anos de negação estão destruindo o nosso filho. Evan teve a intenção de feri-la, sim. Ele roubou intencionalmente aquela faca do

escorredor de louças. Ele teve inteligência suficiente para esconder a faca dentro do forro do sofá, porque sabia que você não a encontraria. E ele cuidadosamente a atacou durante um momento oportuno, apenas para poder enfiá-la por entre as suas costelas.

- Como você sabe disso tudo? Como pode ter certeza disso?

- Porque ele me contou.

Eu o olho, com o queixo caído, sem acreditar.

- Ele está em pedaços, Victoria. Evan respondeu às minhas perguntas sem hesitar, sem pensar. Ele não tem mais aquela luz no olhar. Ele a esfaqueou, mas acabou se despedaçando por dentro. E não sei se conseguirá melhorar. Com certeza, isso tudo foi melhor do que lhe dar um tratamento adequado de saúde, não foi, Vic?

A agressividade das palavras de Michael me magoa, e é exatamente isso que ele pretende. Sinto toda a pujança do seu sentimento de impotência. A raiva guardada por todas as vezes em que o desautorizei, das vezes em que eu o afastei da

relação familiar por não concordar com as soluções que ele propunha, ou por não ser capaz de abrir mão das minhas próprias ideias sobre o que era melhor para o meu filho. Sou a cuidadora. Michael é o consertador. Estávamos destinados ao fracasso desde o início.

- Eles... eles prenderam Evan? - pergunto, me contorcendo um pouco na cama, tentando encontrar uma posição confortável. Sinto-me enjoada, mas não sei se essa sensação ocorre por causa da conversa ou pelos efeitos posteriores à aplicação da anestesia.

- Tenho certeza de que é só uma questão de tempo até a polícia conseguir um mandado de prisão. No momento, entretanto, devido ao seu estado mental fragilizado, Evan está hospitalizado.

Eu olho para ele, confusa. - Onde?

- No último andar. Descobri que este hospital também tem uma ala psiquiátrica infantil de isolamento. Evan agora é um dos pacientes.

Meus olhos se arregalam. Novamente, Michael levanta uma das mãos. - Não quero ouvir o que você tem a dizer. Pedi a Darren que cancelasse o nosso processo de divórcio. Ainda tenho direitos de custódia sobre Evan, e, mesmo no estado emocional e físico em que você se encontra, eu a levarei ao tribunal para exigir a guarda de Evan se tiver que fazê-lo. Nosso filho teve um surto psicótico. Ele está internado e vai ficar sob vigilância.

- Ele é só uma criança...

- É exatamente por isso que está internado em uma ala pediátrica. E, já que você perguntou de maneira tão gentil, é um programa excelente de cuidados específicos. Altamente recomendado, e considerado um programa bastante moderno no cuidado que presta a crianças mentalmente doentes. Você pode visitá-lo sempre que quiser, presumindo que consiga melhorar o suficiente para sair da cama.

- Desgraçado.

- Gostaria de ter feito isso antes - diz ele, sem qualquer emoção na voz. -

Talvez pudéssemos ter evitado tudo que aconteceu.

- Não sou uma mãe ruim - sussurro após um momento. Parece algo estúpido a dizer, já que fui esfaqueada pelo meu próprio filho.

Mas Michael parece entender. Sua expressão fica mais suave e alivia um pouco da tensão que lhe faz contrair os ombros. Ele suspira, esfrega a testa e suspira

novamente. - Não, Vic, você não é uma mãe ruim. E também não sou um mau pai. E

Evan, quando é verdadeiramente Evan, não é uma criança má. Mesmo assim, veja o que aconteceu conosco.

- O que vai acontecer daqui para frente?

- Não sei.

- Não vou prestar queixa. Eles não podem prendê-lo se eu não o denunciar, não é? - eu afirmo, desafiadora. Meu estômago está se revirando. Sinto que vou

vomitar.

Mesmo assim, Michael balança a cabeça. - Não é tão simples, Vic. Ele a esfaqueou e depois confessou tudo à polícia. Os policiais que a encontraram vão preparar relatórios. Esses relatórios poderão ser usados pela promotoria para exigir um mandado de prisão. De acordo com Darren, o tribunal provavelmente aceitará que Evan seja mantido em uma instituição psiquiátrica no lugar de um centro para delinquentes juvenis, pelo menos por enquanto. Assim, esse é o primeiro passo. Em seguida, nós deixamos os processos legais se desenrolarem enquanto cuidamos de Evan e tentamos melhorar o estado mental dele. Se pudermos provar que ficou mais estável, o tribunal pode não ser tão duro ao julgá-lo. Talvez. Mas isso vai demandar tempo, Vic. Tempo para ele, tempo para você, e tempo para o sistema judicial.

Vamos ficar nessa situação por algum tempo.

Eu gemo ao me dar conta do verdadeiro significado dessas palavras. Evan vai permanecer internado em uma instituição psiquiátrica, isolado do mundo, hospitalizado indefinidamente.

É a minha vez de desviar o rosto e olhar fixamente para as paredes.

Há muitas coisas que quero dizer ao meu filho. Quero dizer que ainda o amo.

Que ainda acredito nele. Não quero negar a realidade. Eu vi a escuridão em seus olhos. Mas vi a luz, também. Vi todos os momentos em que Evan conseguia ser Evan, e nunca ignorei nenhum desses momentos.

Algo me ocorre. Viro o rosto para encarar meu marido. - Você disse que eu tive sorte pelos paramédicos terem me trazido ao hospital a tempo. Mas como eles sabiam? Quem ligou para eles?

Michael enfia as mãos nos bolsos. - Evan - diz ele, finalmente. - Ele discou para o serviço de emergência e disse à telefonista que havia esfaqueado a mãe.

Disse que você estava sangrando e precisava de ajuda.

- Ele tentou me salvar.

- Talvez. Ou talvez não. A telefonista perguntou a ele o que aconteceu. Você sabe

o que ele disse?

Eu balanço a cabeça, chocada.

- Ele disse que foi o diabo que o mandou matá-la. E disse que era melhor que a ambulância viesse depressa, porque ele ainda não havia terminado.

Capítulo 29

Danielle

Quando a tia Helen abriu a porta, a primeira coisa que notei foram seus olhos marcados pelas veias vermelhas. Ela tentou esconder as lágrimas. Enxugou o rosto e passou os dedos pelo cabelo castanho curto. Sua face continuou úmida, o rosto inchado. Ela percebeu que eu havia notado tudo aquilo, e, para amenizar a situação, parou de tentar manter as aparências. Com um gesto, me convidou a entrar.

Ela havia saído do seu apartamento no centro da cidade há vários anos. Agora, morava em um novo apartamento, num prédio de três andares nos arredores da cidade. As despesas eram menores já que se aproximava da terceira idade. Havia se aposentado do emprego de advogada corporativa há vários anos. No entanto, em vez de gozar a aposentadoria, trabalhava trinta horas por semana para uma entidade filantrópica especializada em fomentar direitos mais justos à disponibilização de verbas governamentais, a criação de leis em favor de crianças vítimas de abuso e em situação de risco. Dizia que gostava do trabalho, exatamente porque era algo completamente oposto à carreira anterior. Deixara de proteger os figurões do mundo corporativo, passando a lutar pelos direitos das crianças.

Alguém poderia pensar que isso faria que tivéssemos mais coisas em comum, ou que facilitaria as conversas que tínhamos naquelas poucas noites em que jantávamos juntas a cada mês. Em vez disso, nenhuma de nós falava sobre trabalho.

Talvez tivéssemos o tipo de trabalho que era melhor deixar no escritório; se o trouxéssemos para casa, provavelmente ficaríamos doidas.

- Quer um café? - perguntou ela, levando-me para a cozinha pequena, mas decorada com móveis planejados que custaram um bom dinheiro.

- Uísque - respondi.

Infelizmente, ela pensou que eu estava brincando. Encheu dois copos com água.

Não pensei que aquilo seria forte o bastante para o que eu precisava fazer a seguir.

Ela levou os copos para outro cômodo pequeno, mas que também tinha uma decoração muito bonita. A sala de estar era de piso de madeira de lei reluzente, lareira pintada de branco e um teto alto, curvado em arcos. Na sala de televisão, que ficava logo ao lado, havia uma varanda cercada por telas com vista para um terreno marcado por pequenos lagos. No início do verão, sentávamos na varanda para observar as garças. Mas agora, quase no fim de agosto, o tempo estava quente e úmido demais para fazer isso.

Sentamos no sofá em forma de L. Eu bebia a minha água e sentia o ventilador do teto soprar um ar refrescante sobre o meu rosto. A tia Helen não quebrou o silêncio imediatamente. As mãos tremiam enquanto ela segurava o copo. Ela não olhava nos meus olhos. Em vez disso, preferia encarar o chão.

Esta época do ano sempre a atingia com mais força do que a mim. Talvez porque ela se permitia chorar e lamentar, abrir as comportas da angústia durante uma semana a cada ano. Ela chorava, gritava e extravasava a raiva. Em seguida, recolhia os pedaços e voltava a viver normalmente.

Eu não era capaz de fazer aquilo. Nunca consegui. Não queria abrir aquelas comportas. Tinha medo de nunca mais conseguir fechá-las novamente. Além disso, depois de todos esses anos, eu continuava a sentir raiva. Sentia-me profundamente enraivecida. Profundamente. Era por isso que raramente visitava a minha tia perto da data do aniversário. Era difícil demais para mim vê-la chorando, quando eu queria destruir tudo que havia na sua casa.

A visita de hoje provavelmente a pegou de surpresa. Ela segurava o copo com força, quase torcendo-o ao redor de si mesmo, esperando que eu falasse alguma coisa.

- Está tudo bem? - perguntei, finalmente. Uma pergunta idiota.

- Você sabe - respondeu ela, dando de ombros. Uma boa resposta. Eu realmente sabia.

Limpei a garganta e olhei em direção às janelas, para a paisagem ensolarada.

Inesperadamente, meus olhos arderam e tive de lutar para superar o nó na garganta causado por toda essa carga emocional.

- Aconteceu uma coisa - consegui dizer, finalmente.

Ela parou de revirar o copo nas mãos, e começou a me estudar. E, repentinamente, eu estava olhando para os olhos azuis da minha mãe. Estava em pé no vão da porta do quarto da minha mãe, com a arma do meu pai na minha mão, escondendo-a atrás das costas enquanto tentava reunir coragem para aquilo que eu precisava fazer em seguida.

- Ele me machucou - me ouvi sussurrar.

- Danielle? - Era a voz da minha tia, a voz da minha mãe. Elas soavam juntas.

Duas mulheres, e as duas diziam que me amavam.

Eu umedeci os lábios com a língua, e me forcei a continuar falando. - Meu pai.

Nas noites em que ele bebia muito... às vezes vinha ao meu quarto no meio da noite.

- Oh, Danielle.

- Ele dizia que, se eu fizesse o que ele queria, não teria de beber tanto. Ele ficaria feliz. Nossa família seria feliz.

- Oh, Danielle.

- Eu tentei, no começo. Pensei que, se conseguisse fazê-lo feliz, não teria de ouvir a minha mãe chorar à noite. As coisas ficariam melhores. Tudo ficaria bem.

Minha tia não falava. Apenas me olhava com os mesmos olhos azuis e tristes da minha mãe.

- Mas tudo piorou. Ele começou a beber mais, e vinha ao meu quarto com mais frequência. Eu não conseguia fazer aquilo. Não conseguia aguentar. Fui para o

quarto da minha mãe naquela noite. Para contar a ela o que o meu pai estava fazendo. E levei a arma dele comigo.

- Você ameaçou Jenny? - perguntou a minha tia, confusa. - Você queria atirar na sua mãe?

- Não, ameacei meu pai. Disse à minha mãe que, se ela não o mandasse parar, eu atiraria nele. Aquele era o meu plano. Nada mau para uma criança, não acha?

- Oh, Danielle. O que aconteceu?

- Ele chegou em casa quando estávamos conversando. Estava bêbado, chamando pelos nossos nomes. Nós o ouvimos subindo as escadas. Minha mãe exigiu que lhe entregasse a arma. Ela disse que cuidaria de tudo. Ela me ajudaria.

Ela prometeu. Tudo que eu precisava fazer era lhe entregar a arma.

- E o que você fez?

- Entreguei a arma a ela. Depois, corri até o meu quarto e me escondi debaixo das cobertas. Não saí até depois que tudo... terminou.

Minha tia respirou fundo, tomada pelo nervosismo, e depois exalou o ar. Ela deixou o copo sobre a mesinha de centro e se levantou, dando alguns passos em direção à janela. Minha tia não era uma pessoa agitada. Suas ações agora me distraíam, faziam que eu a observasse com atenção. Ela não me olhava nos olhos.

Simplesmente olhava para a paisagem dos lagos banhada pelo sol, onde os pássaros provavelmente a confortavam mais do que o diálogo que estávamos tendo.

- Você acha que tem culpa por aquilo que o seu pai fez - disse ela, em voz

baixa.

- Eu era uma criança. Não poderia ser culpada.

Ela se virou, me olhando com um sorriso abatido no rosto. A primeira lágrima escorreu-lhe pelo rosto. Ela a enxugou, cruzando os braços sobre o peito. - O dr.

Frank lhe ensinou bem.

- Esse era o trabalho dele. Você o pagou bem.

- Você me odeia também, Danielle? Eu lhe causei as mesmas decepções que a minha irmã?

- Você sabia? Você foi tão insistente com a questão da terapia durante todos esses anos. A minha mãe lhe contou o que ele fazia?

Lentamente, tia Helen negou com a cabeça. Logo depois, percebeu o que estava fazendo. Uma segunda lágrima escorreu, e ela enxugou o rosto pela segunda vez.
-

Eu não sabia a respeito dos abusos. Apenas suspeitava. O dr. Frank suspeitava.

Mas, Danielle, nem tudo que acontecia na sua família tinha a ver com você.

- Contei à minha mãe o que ele fazia comigo. Tentei fazer aquilo parar, e todos morreram. Minha mãe, Johnny, Natalie. Se eu não tivesse dito nada... se simplesmente continuasse a tentar fazê-lo feliz...

- O seu pai era um maldito egoísta. Ninguém era capaz de fazê-lo feliz. Nem Jenny, nem seus filhos, nem todas as segundas chances que o xerife Wayne lhe deu.

Não se culpe por isso.

- Não foi justo, especialmente com Natalie e Johnny. Posso sentir raiva da minha mãe. Algumas noites, é o que eu sinto. Ela defendeu o meu pai. Pior ainda, tirou a arma das minhas mãos. Se ela me deixasse ficar com a arma e prosseguir com o "plano A"... bem, durante os meus momentos ruins, digo a mim mesma que a minha mãe teve o que merecia. Mas Natalie e Johnny...

Minha voz ficou estrangulada. Me levantei e comecei a andar de um lado para outro. - Eles morreram porque colocaram as cabeças para fora do quarto. E eu sobrevivi porque tive muito medo de me levantar da cama. Não é justo. Por mais que os anos passem, isso nunca vai mudar.

- Danielle, não sei exatamente o que aconteceu naquela noite. Não posso lhe

dizer quem fez o quê ou a quem, e não vou lhe dizer que tudo o que se passou foi justo. Mas você está errada em relação à sua mãe. Ela havia sofrido bastante. Na véspera da noite em que o seu pai... fez o que fez, Jenny me telefonou. Ela queria

que lhe indicasse um bom advogado especializado em divórcio. Ela queria botar o seu pai para fora de casa. Já havia chegado ao limite.

- O quê?

Minha tia hesitou, e depois pareceu tomar algum tipo de decisão. - Ela havia conhecido uma pessoa. Um homem bom, de acordo com o que me contou. Um homem bom e que estava disposto a ajudá-la. Ela só precisava de tempo para organizar suas coisas. Depois, pediria o divórcio ao seu pai.

Eu não disse nada. Simplesmente olhei para a minha tia, atordoada. Ela prosseguiu.

- Pode ser que sua mãe nunca tenha confrontado o seu pai com as acusações que você fez. Talvez, depois de ouvir o que você disse, ela ficou furiosa o bastante para chutá-lo para fora de casa naquela noite. Disse a ele que queria o divórcio. E

ele...

Percebi a imagem se formando na minha mente. A arma, que levei até o quarto, agora estava sobre o criado-mudo. Minha mãe gritando com meu pai, bêbado, mandando-o sair da casa. Meu pai, pego desprevenido, enfurecido com a reação inesperada da minha mãe, enxergando a própria arma de fogo, estendendo a mão para pegá-la...

Natalie, imaginando qual seria a causa do barulho. Johnny, curioso com o estouro ruidoso no final do corredor.

Eu os amava. Mesmo depois de todos esses anos, ainda os amava. Se eu soubesse, naquela época, que teria de fazer a escolha entre os abusos do meu pai ou o amor da minha família, teria escolhido a minha família. Sem qualquer dúvida.

- Danielle - disse minha tia, cautelosamente. - Não foi culpa sua.

- Ah, pelo amor de Deus. Já faz vinte e cinco anos. Quando será que as pessoas vão parar de me dizer isso?

- Quando você vai começar a acreditar nisso?

- Nós éramos uma família. A ação de cada um gera uma reação. Se ele não tivesse começado a beber, se ela não tentasse abandoná-lo, ou se eu não houvesse encontrado aquela maldita arma... é como se fôssemos dominós enfileirados. Fui eu que levei a arma até o quarto dos meus pais. Fui eu que contei à minha mãe o que ele fazia. Eu empurrei o primeiro dominó, e todos nós começamos a cair.

- O seu pai é o culpado! - disse a tia Helen, bruscamente.

- Porque ele matou a sua irmã? - retruquei, levantando a voz. - Ou porque você foi obrigada a cuidar da filha dele?

Minha tia atravessou o espaço entre nós com três passos e me deu um tapa no rosto. O ardor do golpe me surpreendeu. Eu olhei para ela, assustada com aquela fúria.

- Não se atreva a falar assim de si mesma! Que diabos, Danielle. Eu a amo desde o dia em que você nasceu. Assim como amava Jenny, Natalie e Johnny. Teria recebido todos vocês em minha casa. Teria recebido e protegido a todos naquele apartamento minúsculo se tivesse a oportunidade. Mas Jenny já sabia o que deveria fazer. E, como uma boa irmã mais velha, eu a ouvi descrever seu plano e acreditei que ela conseguiria cuidar da própria vida. É isso o que uma família faz. O fracasso dela não é o meu fracasso, mas também não é o seu fracasso, Danielle. A vida é dura. Seu pai era um desgraçado. Agora chore, por Deus. Permita a si mesma sofrer pelo que houve. Em seguida, permita a si mesma se curar. Era isso que a sua mãe desejaria que você fizesse. E Natalie e Johnny desejariam a mesma coisa.

Em seguida, tão rapidamente quanto me deu o tapa, me envolveu com os braços e me abraçou com força. Não tentei me desvencilhar. A única coisa que consegui fazer foi me render ao abraço dela, minha tia, minha mãe. As coisas ficaram confusas demais com o passar do tempo.

- Amo você - sussurra a minha tia, contra o meu rosto. - Por Deus, Danielle.

Você é a melhor coisa que já me aconteceu, mesmo quando me magoa.

- Eu os quero de volta.

- Eu sei, querida.

- Não consigo mais me lembrar dos rostos deles. Vejo apenas você.

- Você não precisa visualizá-los, Danielle. Basta senti-los em seu coração.

- Não consigo - protestei. - Isso dói demais. Vinte e cinco anos depois, dói muito.

- Então sinta a dor. Ninguém nunca disse que uma família não causa dor em seus membros.

Mas eu não conseguia. Não iria fazer aquilo. Em vez disso, estava de volta no quarto, entregando a arma à minha mãe. Confiando na mulher com os olhos da minha tia, acreditando que ela conseguiria melhorar toda aquela situação.

"Vá para a cama, querida", sussurrou ela. "Rápido, antes que ele a veja aqui.

Eu vou cuidar de tudo. Prometo a você."

Minha mãe pegando a arma. Colocando-a cuidadosamente sobre o criado-mudo. Onde o relógio mostrava...

Fiquei paralisada. Capturei a imagem na minha mente, e me forcei a retroceder alguns momentos. Minha mãe, colocando a arma em frente ao seu relógio digital, os números vermelhos mostrando 22h23. Eu, voltando pelo corredor em direção à minha cama, onde puxei os lençóis por sobre a cabeça e ignorei o resto.

22h23. Conversei com a minha mãe às 22h23.

Mas, de acordo com o relatório da polícia, a minha família não morreu antes da uma hora da manhã, pelo menos duas horas e meia depois.

Eu me afastei da minha tia. - Preciso ir.

- Danielle...

- Está tudo bem. Digo... não, não está tudo bem, mas você tem razão. Algum dia, tudo vai ficar bem. Eu amo você, tia Helen. Mesmo quando a trato mal, sei que tenho muita sorte por ter você em minha vida.

- Amanhã - disse ela, ainda segurando minhas mãos. - Nós iremos juntas.

- Amanhã - concordei. Depois, soltei as mãos dela e me dirigi para a porta, ansiosa para sair da casa.

Cheguei até a calçada, já apertando as teclas do celular enquanto corria para entrar no carro. Depois de todos esses anos, não havia memorizado o número de telefone dele. Assim, fiz a coisa mais sensata e liguei para o escritório do xerife.

Assim que alguém atendeu o telefone, eu disse:

- Procuro pelo xerife Wayne. Meu nome é Danielle Burton e preciso falar com ele imediatamente.

Capítulo 30

Sangue. D. D. percebeu os primeiros sinais na área de recreação. Havia respingos sobre uma mesa, seguidos por manchas na parede, e depois fazendo uma trilha pelo piso acarpetado do corredor.

- Meu Deus - espantou-se D. D., tomando fôlego. Ela estava errada. Eles não teriam até as seis horas. O malfeitor já atacara, enquanto ela estava conversando na área administrativa. Que lástima.

- As crianças - exclamou Karen, imediatamente. - Onde estão as crianças?

Naquele momento, outro grito ensandecido, alto e estridente, veio do fim do corredor: "Não, não, não. Saiam daqui. Vou matar vocês. Vou arrancar seus olhos e comê-los!"

D. D. e Karen correram em direção ao som, chegando até a metade do corredor antes de diminuir a velocidade. Um dos banheiros ficava à direita. A porta estava aberta e uma garota mais velha, com grandes olhos castanhos e cabelos escuros e lisos, estava em frente à pia, com uma tesoura na mão, o sangue escorrendo. Do lado de fora do banheiro, um dos conselheiros sociocomportamentais estava posicionado com os braços abertos, como se desejasse impedir que a garota

fugisse.

- Não toque em mim! Vou lhe acertar bem no saco. Vou arrancar o seu pênis!

Os gritos continuavam a ecoar, vindos do fim do corredor. D. D. balançou a cabeça, confusa. Até o momento, ela ouvira um garoto extremamente irritado, e vira uma garota bastante ensanguentada. Que diabos estava havendo ali?

- Vamos lá, Aimee - dizia o conselheiro, tentando suavizar a situação quando D.

D. e Karen se aproximaram. - É hora de entregar a tesoura. Está tudo bem. Respire fundo e solte a tesoura. Podemos cuidar de tudo aqui, você sabe. Nós dois juntos, com alguns dos seus livros de colorir favoritos...

- VOU BEBER O SEU SANGUE! - urrou o menino, ao longe.

Aimee levantou o braço esquerdo e, deliberadamente, arrastou a lâmina da tesoura ao longo do antebraço. Uma linha fina e vermelha brotou da sua pele. Ela olhou para o sangue com uma fascinação intensa. Outras linhas cobriam os dois braços, o rosto, o pescoço. Sua pele parecia ser uma colcha de retalhos bizarra, costurada com linhas de sangue.

Um estrondo violento no fim do corredor. Algum objeto pesado, feito de

madeira, chocando-se contra uma parede. - NÃO ENCOSTE EM MIM NÃO

ENCOSTE EM MIM NÃO ENCOSTE EM MIM.

Aimee se agitou ao ouvir o som. Em seguida, fez um corte profundo sobre a clavícula.

- Por Deus, pegue logo aquela maldita tesoura - comandou D. D. - O que está esperando?

Karen, por sua vez, colocou uma mão tranquilizadora em seu ombro.

- Ed? - perguntou a enfermeira-chefe, em voz baixa.

- Aimee não começou o tumulto - respondeu o conselheiro, murmurando. - Não sei direito o que aconteceu. Chegou um garoto novo. Greg o estava

acompanhando pela unidade, quando, de repente, Benny saiu correndo pela área de recreação e bateu de cara contra a parede. Aquilo fez com que Jimmy surtasse, e ele começou a arremessar cadeiras, e tudo começou a degringolar. Eu estava tentando fazer que Jamal voltasse ao quarto. Cecille conseguiu prender Jimmy com um abraço de urso, e Greg tentava afastar o garoto novo. Andrew saiu para tentar ajudar com alguma coisa, e Jorge lhe deu um soco no olho.

- NÃO NÃO NÃO NÃO NÃÃÃÃÃOOOOOOOOOO!!!

- Jorge? - perguntou Karen, chocada. - Ele agrediu Andrew?

- Um gancho forte de direita. Quem imaginaria? Felizmente, Lightfoot é bem ágil, e começou a trabalhar com Jorge. Quando terminei de cuidar de Jamal, eu estava voltando pelo corredor e descobri que, durante o tumulto, nossa amiga Aimee colocara as mãos em uma tesoura.

- Como ela conseguiu isso? Nós deixamos todos os materiais das aulas de artesanato trancados no armário.

Ed parou de encarar Aimee por um intervalo longo o suficiente para dirigir um olhar exasperado para a sua chefe.

- Hora das más notícias, Karen. Não estamos na melhor das situações. A unidade não está funcionando exatamente como deveria, e isso aconteceu *antes* que Benny tentasse atravessar a parede.

- VADIA VADIA VADIA. VOU ARRANCAR AS SUAS ORELHAS. VOU

ARRANCAR OS SEUS MIOLOS. ESMAGÁ-LOS. IOGURTE COM CÉREBRO.

JUNTAR RODELAS DE BANANA. HUMMM, VAI FICAR GOSTOSO.

- Oh, não - D. D. finalmente percebeu quem estava gritando. Benny. O garoto pequeno e com olhos castanhos, que gostava de esmagar frutas, brincar com carrinhos de metal e imitar aviões. Pela expressão de Karen, D. D. compreendeu que a enfermeira-chefe já sabia. Percebera muito antes que a policial. Outro dia no trabalho.

Ed voltou a concentrar sua atenção em Aimee, cujos olhos castanhos olhavam

para o nada enquanto ela deslizava as lâminas da tesoura, abertas, por uma das veias do pescoço.

- Ei, Aimee - disse Ed, com a voz mais forte agora, em tom de comando, atraindo a atenção da garota. - Eu sei que o seu plano de segurança exige que ninguém toque em você. Você quer ser convencida a interromper esses episódios.

Mas estamos chegando ao final da conversa aqui. Quais são as regras desta unidade? Tratamos uns aos outros com respeito. Você não está respeitando a si mesma. Você está se machucando, e está ignorando as minhas ordens. Vou contar até dez para você sair daí, Aimee. Se não sair, eu vou entrar para pegá-la.

Mais sons de móveis se quebrando. Mais gritos. Não de Benny, mas de outra criança, conforme a agitação fluía de um quarto para outro. Aimee levantou a mão esquerda tranquilamente, abrindo um corte na palma. Ela examinou o ferimento, e depois abriu um segundo corte.

- Tire-a daí - sibilou D. D. no ouvido de Karen, praticamente dançando nas pontas dos pés com a necessidade de entrar em ação. - Eu a agarro, e você pega a tesoura. Vamos lá!

Karen envolveu o pulso de D. D. com os dedos e não a soltou. - Os cortes não são profundos e vão sarar após algum tempo. Mas, se você trair a confiança de uma criança, nós perderemos vários meses de trabalho duro.

- Ela está fatiando a própria carne!

- Cinco... seis... sete... - contou Ed.

- Não, não, não - choramingava outra criança mais adiante. - Não vou fazer isso. Você não pode me obrigar, SUA VADIA MALDITA!

- *Shhhh, shhhh, shhhh...*

- ¡ *Diablo, diablo, diablo!*

D. D. sabia que não poderia suportar aquilo. Ela precisava agarrar Aimee e arrancar-lhe a tesoura das mãos. Precisava disparar pelo corredor e conter Benny, o

garoto enlouquecido. Tantos lugares onde ela deveria estar, tantas coisas a fazer.

Mais gritos. Novas vozes berrando. Uma garota de olhos castanhos brincando com uma tesoura.

- Oito... nove... dez - concluiu Ed.

O conselheiro contraiu os ombros e deu um passo resoluto adiante. Aimee levantou a tesoura. Ela a segurou no ar, sobre o próprio coração, e, naquele exato instante, D. D. sabia o que a garota iria fazer.

D. D. começou a gritar. - Pare! - e começou a avançar.

A mão pálida de Aimee se moveu bruscamente, cortando o ar.

- *EU VOU MATAR A TODOS. VOU MATAR CADA UM DE VOCÊS. ESPEREM*

PARA VER ESPEREM PARA VER ESPEREM PARE VER. VOU ME VINGAR...

Ed agarrou o pulso de Aimee. O conselheiro corpulento torceu o braço da menina por trás das suas costas, de maneira tão rápida e efetiva quanto qualquer policial o faria. A tesoura caiu no chão. Aimee tombou para frente. Toda a vontade de lutar havia se esvaído do seu corpo.

- Vou pegar as ataduras - disse Karen.

Enquanto isso, uma nova onda de gritos ecoou pelo corredor.

Demorou uma hora até que a normalidade fosse restaurada na unidade psiquiátrica.

Crianças foram medicadas, tranquilizadas com música, subornadas com *video games* portáteis, aplacadas em lugares pequenos e tranquilos, e ouviram várias histórias. D.

D. andava de um lado para o outro. Proibidos de agir, tratados como os novatos inexperientes que eram, ela e sua equipe de investigadores andavam por entre a área das salas de aula da unidade, tentando ler os arquivos. Mesmo assim, sua atenção sempre era desviada pelos vários gritos, sons de objetos se quebrando e batidas que vinham de todos os lados desta unidade.

D. D. não conseguia se acalmar o bastante para se sentar. Alex também não. Os dois andavam pelo corredor que separava as salas de aula, sentindo-se tão agitados quanto as crianças.

- Energia negativa - comentou Alex, com as mãos enfiadas nos bolsos das calças, dedilhando as moedas que estavam ali, inquieto.

- Vá para o inferno.

- Acabei de provar a minha teoria.

- Vá para o inferno assim mesmo.

- Não conseguiu encontrar o seu anjo interior?

- Vou matar você com as minhas próprias mãos - ironizou D. D.

- Novamente, precisamos dar algum crédito ao xamã. Não sinto vibrações tão ruins desde que visitei o Souza-Baranowski - comentou Alex. O Centro Penitenciário Souza-Baranowski era o presídio de segurança máxima do estado de Massachusetts.

- Isso é o que acontece em manicômios. Uma pessoa entra em surto, e logo todos os outros começam a enlouquecer também.

- Por causa da energia negativa que todos compartilham - completou Alex.

- Estou falando sério. Vou pular no seu pescoço.

- Ou então, podemos encontrar um armário de material de limpeza e fazer sexo lá dentro.

D. D. se calou imediatamente. Piscou os olhos várias vezes. Ficou completamente chocada ao perceber, instantaneamente, que aquilo era exatamente o que desejava fazer. Rasgar a camisa de Alex. Cravar os dedos em seus ombros.

Cavalgá-lo como se fosse...

A expressão no seu rosto deve ter denunciado seu desejo, pois os olhos dele

ficaram mais sérios. - Por mais que eu quisesse assumir o crédito pela expressão no seu rosto, vou ter que admitir que os louros pertencem ao xamã. Em meio à energia negativa, somos atraídos pela energia positiva. Cada ação atrai uma reação de mesma intensidade.

- Cada ato de destruição atrai um ato de criação com a mesma intensidade?

- Pode ter certeza que sim. Em um armário de material de limpeza.

- Eu topo.

Ou talvez não. As portas da unidade se abriram e Danielle Burton entrou apressadamente na área de recreação. A enfermeira viu o sangue e interrompeu a caminhada assim que Andrew Lightfoot apareceu no corredor.

D. D. fez um gesto para Alex. Os dois se afastaram cuidadosamente e se prepararam para o espetáculo.

- O que aconteceu? - era o que Danielle exigia saber. - Quem se feriu? Qual a gravidade?

- Aimee conseguiu pegar uma tesoura - respondeu Lightfoot, caminhando em direção à enfermeira. Ele parou a um passo de distância dela, sorvendo um longo gole da garrafa de água que trazia consigo. Ele a estudou atentamente. Ela se afastou, recuando um passo.

- Aimee está bem? - perguntou Danielle, recusando-se a olhar nos olhos de Lightfoot.

- Não corre riscos - murmurou o curandeiro, baixando a garrafa de água. - O

ambiente entrou em situação aguda. As crianças estavam explodindo uma a uma, como se fossem fogos de artifício. Eu gostaria de dizer que houve várias oportunidades de aprendizado, mas não tenho certeza. A energia desse lugar... está toda errada. Tóxica. Passei horas tentando purificar o quarto da menina. Não consigo encontrar um ponto no qual possa me concentrar. Estou exausto demais para uma energia tão negativa.

- Você estava trabalhando no quarto de Lucy? - perguntou Danielle, com a voz ríspida.

- Foi o que Karen pediu que eu fizesse.

- Você não a conhecia.

- Encontrei a alma da menina nos interplanos. Ela me pediu para lhe agradecer pelo que você fez por ela.

- Pare com isso - disse Danielle, se afastando e colocando a bolsa sobre uma das mesas. Pela primeira vez, ela percebeu Alex e D. D. em pé no corredor que levava às salas de aula. - E vocês? Não têm que cuidar do seu trabalho? - perguntou ela, agressiva.

- É o que estamos fazendo - respondeu D. D. Ela e Alex continuaram onde estavam.

- Como está se sentindo, Danielle? - perguntou Lightfoot.

- Estou ótima - retrucou ela, com a mesma agressividade.

- Mentir é deselegante.

- Deselegante é fingir que você me conhece melhor do que conheço a mim mesma.

- Se você acha que estou passando dos limites, então lhe peço desculpas. Não tenho intenção de causar qualquer desconforto.

Lightfoot se aproximou de Danielle, colocando uma mão no bolso da calça de linho branca. Com a outra mão, ele agitava a garrafa de água, batendo-a discretamente contra a sua perna.

Apesar de Lightfoot haver afirmado anteriormente que seu interesse em Danielle era puramente profissional, D. D. imaginou que o olhar que ele lançava em direção a ela era bastante pessoal. Como se quisesse se aproximar ainda mais da jovem enfermeira, saborear o aroma da sua pele.

Ficou claro que Danielle, por sua vez, não demonstrava o mesmo sentimento.

Ela marchou em direção a um conjunto de armários, destrancou-os e começou a retirar produtos de limpeza de lá. Calçou luvas plásticas e depois pegou um tubo

de spray desinfetante.

- Limpar ou sair da frente - informou ela a Lightfoot. - São as opções que você tem.

Ela se virou na direção de D. D. e Alex. - Isso vale para vocês dois, também.

Esta é uma unidade psiquiátrica em pleno funcionamento, não um programa de televisão. Ou vocês estão aqui para trabalhar, ou vão cuidar das suas vidas.

D. D. olhou para Alex. Ele deu de ombros, indicando que concordava. Assim, os dois atravessaram a área de recreação e começaram a se ocupar com os produtos de limpeza. Não era um preço alto a pagar.

Aparentemente, Andrew compartilhava daquela opinião. Ele pegou um rolo de toalhas de papel. - Seu pai precisa muito falar com você... - começou ele, concentrando sua atenção em Danielle.

- Não estou interessada.

- O ódio é pura energia negativa, Danielle. Excluir seu pai dessa maneira é uma agressão contra você mesma.

- Pare com isso. Já discutimos esse assunto. Essa conversa de misticismo e espiritualismo é um assunto seu. Não quero saber de nada disso. Os danos que você causou a Ozzie não foram suficientes?

Lightfoot franziu as sobrancelhas. D. D. ficou atenta.

- Ozzie fez progressos enormes - disse o curandeiro a Danielle. - Toda a família dele estava no caminho certo para se tornar mais centrada e amorosa...

- Essa família está morta.

- Não sei o que aconteceu, mas tenho certeza de que Ozzie não teve culpa.

- Você tem certeza? Como? A alma de Ozzie lhe contou isso nos interplanos?

"Boa pergunta", pensou D. D.

- Infelizmente, embora as almas entrem neste plano em busca de experiências do

mundo corpóreo, elas, ao sair, demonstram pouco interesse nas realidades físicas encontradas aqui. A alma de Ozzie não está fixada na morte do corpo que ocupava.

Em vez disso, ele passou para o próximo conjunto de experiências desejadas. E é assim que as coisas devem acontecer.

- É mesmo? - zombou Danielle, enquanto começava a esfregar o tampo da mesa mais próxima. - Quer dizer então que Ozzie, um garoto que foi assassinado brutalmente, já evoluiu para o próximo plano espiritual, enquanto meu pai, vinte e cinco anos depois de morrer, ainda quer conversar.

Lightfoot deu de ombros. - A alma de seu pai tem assuntos que ainda precisa resolver. A lição não foi aprendida. A experiência não está completa.

- E Lucy?

- Sonhei com ela ontem à noite - disse Lightfoot. - Ela estava dançando entre os raios do luar na minha mente. Eu soube imediatamente que ela era alguém especial, um ser feito de uma luz e amor incríveis. Ela me disse que a ama, Danielle. E me pediu para ajudar você. Ela se preocupa com você, sente a tristeza que você tem no coração.

- É mesmo? Ela lhe contou quem a matou, também? Ou isso é algo mundano demais para a sua mente superior?

D. D. olhou para Lightfoot, ansiosa para ouvir a resposta que ele daria àquela questão. Outra pergunta excelente.

- A morte é meramente uma transição - começou Lightfoot, e, do outro lado da mesa, em frente a D. D., Danielle revirou os olhos. A investigadora percebeu que estava gostando mais do que deveria da enfermeira.

Lightfoot continuou a falar. - A unidade está em estado agudo. Você deve encontrar o seu perdão, Danielle. Você deve abrir o seu coração ao amor.

Desapegue-se do passado. Se você não o fizer, as forças das trevas vencerão a batalha.

- E agora, uma mensagem dos nossos patrocinadores - ironizou Danielle. - Alô, é

do zero-novecentos-alugue-uma-alma? O meu namorado tem uma certa fixação por

serpentes venenosas. Posso reservar a alma de Cleópatra para a próxima sexta-feira?

- Não estou brincando - disse Andrew, irritado.

- Eu também não.

- Ele tem um poder inacreditável, Danielle.

- Ele? Quem?

- Me diga você.

Lightfoot encarou a enfermeira. A enfermeira lhe devolveu o olhar duro.

Lentamente, ela colocou os produtos de limpeza sobre a mesa.

- Se você quiser ajudar alguém, Andrew, escolha um quarto. Qualquer quarto.

As crianças precisam de você. Eu, não.

- A situação está péssima. E vai piorar ainda mais.

- Então vá fazer as suas mágicas. Como você mesmo disse, a vida é feita de escolhas. E eu não escolhi você.

Lightfoot repuxou os lábios. Uma sombra lhe cobriu os olhos. Vagarosamente, ele se virou e se afastou da sala, andando pelo corredor. Ao chegar ao quarto de Lucy, ele olhou para Danielle por cima do ombro uma última vez. Em seguida, desapareceu pela porta.

D. D. soltou a respiração. Não notou que estava prendendo o fôlego.

- Percebi que você não se interessa por misticismo - disse D. D.

- Definitivamente, não - respondeu a enfermeira, enquanto recolhia produtos de limpeza. - Infelizmente, Andrew tem razão sobre algumas coisas.

Ela começou a limpar o sangue que manchava uma das paredes. - Este lugar está infernal.

Capítulo 31

Danielle

- Você voltou apenas para falar comigo? - perguntou a sargento, alguns minutos depois. Havíamos terminado de limpar e agora estávamos juntando mesas menores para formar um retângulo maior, mais apropriado para uma reunião da equipe de saúde. O outro detetive, aquele que se parecia com George Clooney, limpava as manchas de sangue do carpete. Isso o mantinha ocupado, mas também fazia com que ele estivesse perto o bastante para ouvir a conversa. D. D. prosseguiu: - Porque eu adoraria conversar com você.

- Eu vim para a reunião - respondi, fazendo cara de poucos amigos, enquanto ajustava a última mesa. - Karen disse que eu poderia participar.

- Vai mencionar o aniversário, Danielle? Você se lembra que, há vinte e cinco anos, o seu pai matou toda a sua família a tiros?

A sargento estava me provocando. Percebi aquilo, e mesmo assim tive que me esforçar para não morder a isca. Percebi alguns respingos de sangue na janela oposta, peguei o frasco de limpa-vidros e me ocupei com a limpeza novamente.

Durante os últimos vinte e cinco anos, eu imaginava que conseguia lidar bem com a vida. Passei pela faculdade. Consegui um emprego que adoro, e, durante trezentos e sessenta dias por ano, era uma pessoa bem estável. Não passava noite após noite relembrando o evento. Eu não chorava sobre as fotos da minha família.

Não me lembrava do hálito que fedia a uísque do meu pai e não tinha uma fixação pelo peso de uma pistola de nove milímetros nas mãos de uma criança.

Eu trabalhava com crianças. E fazia questão de não olhar para trás.

Exceto por uma maldita semana no ano.

Eu me sentia inundada pelas lembranças da minha família nesses dias.

Escaldada por memórias que me esforçava para não lembrar. E, repentinamente, havia desenterrado novas informações. Minha mãe queria abandonar meu pai? Havia encontrado um "bom homem"? Talvez meu pai houvesse matado a todos devido ao caso extraconjugal, e não por causa da minha rebelião?

Eu não sabia. E, pela primeira vez, estava me sentindo desesperada, querendo muito conversar com alguém sobre o meu passado. Tentei entrar em contato com o xerife Wayne. Queria perguntar exatamente a que horas ele chegou em nossa casa naquela noite. Seria possível que duas horas e meia haviam se passado entre a

conversa com a minha mãe e os primeiros disparos do meu pai?

Uma das recepcionistas da polícia me informou que o xerife Wayne falecera há dois anos. Morreu enquanto dormia. Eu não conseguia acreditar. Achava que o xerife Wayne viveria para sempre. Ele me devia isso.

Agora, eu e a minha tia Helen éramos as únicas pessoas que se lembravam do sorriso da minha mãe, do riso da minha irmã e das caretas engraçadas que o meu irmão fazia. Não era o bastante. Eu precisava de mais pessoas. Precisava de mais informações.

- Conte-nos o que você sabe a respeito de Lightfoot - sondou D. D., por trás de mim. - É impressão minha, ou ele sente uma forte atração por você?

Parei de limpar as janelas, virando o rosto o bastante para olhar nos olhos da investigadora. - Andrew e eu não somos, nem nunca fomos, um casal. Saímos uma única vez, e, durante o encontro, ele passou o tempo todo fazendo perguntas sobre o meu pai. Pode me chamar de antiquada, mas discussões sobre o homicídio da minha família não são o melhor jeito de me levar para a cama. Esse encontro foi o início e o fim da nossa relação pessoal.

- Ele está interessado apenas no seu pai?

- Pelo que percebi, represento algum tipo de desafio celestial para Lightfoot. Se Andrew conseguir me fazer perdoar meu pai, se conseguir que eu abra o coração para a luz, então ele pode converter qualquer pessoa. Vai marcar um ponto para as pessoas de bem.

- Mas você não quer perdoar o seu pai.

- Não quero. Odiá-lo faz que me sinta bem. Não preciso de abraços coletivos nos interplanos espirituais.

D. D. levantou uma sobrancelha. - É isso que Lightfoot quer com você? Marcar um "encontro" nos interplanos?

- É o que ele diz. Se quiser os detalhes, é melhor perguntar a ele, não a mim.

Não estou nem um pouco interessada no que ele tem a oferecer.

- Greg teve mais sorte com você?

A policial mudou de assunto de forma tão suave que quase falei antes de pensar. No último instante, me dei conta do que ia fazer. - Greg e eu somos amigos.

- Amigos com privilégios?

- Dificilmente.

- Amigos que saem juntos para bares? Amigos que confessam coisas um ao

outro?

- Amigos que dividem uma pizza ocasionalmente. O tipo de trabalho que fazemos aqui é desgastante. Não sobra muita energia para encontros depois do expediente.

- Você saiu da unidade com Greg hoje - respondeu a policial, no mesmo tom. -

Parecia sentir-se bastante confortável ao lado dele, também.

Aquilo me pegou desprevenida. Mesmo assim, é claro que a polícia estava interrogando todos os funcionários do hospital. Greg e eu não saímos escondidos na calada da noite. Qualquer pessoa teria percebido que saíramos juntos e relatado isso aos investigadores.

- Greg me acompanhou até a saída - admiti. - Ele é atencioso.

- Ele a levou para casa?

- Greg me levou para a casa onde mora.

- Isso me parece algo bastante pessoal.

- Nós conversamos. Ele sabe que esta época do ano é difícil para mim.

- Não me importaria em chorar no ombro dele - comentou a sargento.

Não consegui evitar o comentário. - Ele é um pouco jovem demais para você, não acha?

- Miauuu - brincou a sargento, divertindo-se com a minha insinuação. - Estão dizendo por aí que Greg está tentando conquistá-la há vários anos. Quer dizer que ele finalmente conseguiu cruzar a linha de chegada, Danielle?

Sequer me dignei a responder àquela pergunta. Especialmente porque não queria pensar na manhã que passei no apartamento de Greg. Eu o rejeitava há anos.

Até que finalmente fui até o seu apartamento e senti que foi a vez dele me rejeitar.

- Olhe aqui - disse, impaciente. - Não tenho relacionamentos. Eu trabalho com

crianças, e não me envolvo com essas bobagens da vida pessoal. Fim da história.

- Eu acho que não.

- O que você quer dizer com isso?

D. D. inclinou a cabeça, me observando com certa curiosidade. - Duas famílias ligadas a esta unidade foram assassinadas, quase vinte e cinco anos depois de sua própria família ser morta a tiros. E, na noite passada, a criança com a qual você vinha trabalhando mais intensamente foi enforcada. Você ainda acha que esses acontecimentos não têm a ver com você?

Senti meu coração acelerar, e o sangue me fugir do rosto. - Mas... o meu passado está enterrado. Minha família morreu. Quem ainda iria querer me atormentar?

- Boa pergunta - rebateu a sargento. - Quem ainda resta para lhe atormentar?

Não tinha uma resposta para essa pergunta. Isso não podia estar relacionado a mim. "Eu não estava com a arma desta vez", era o que queria dizer. "Eu juro, não estava com a arma".

- Preciso analisar um relatório - balbuciei, antes de sair correndo da área de recreação. Eu não conseguia mais ficar perto da polícia. Não queria que eles vissem a expressão de horror no meu rosto. Não queria que eles interpretassem erroneamente o meu arrependimento.

Quinze minutos depois, os membros da equipe começaram a se reunir na área de recreação. Já eram quase onze e meia, e todos estavam atrasados com seus afazeres.

Devido aos acontecimentos do dia, ninguém se surpreendeu. A unidade ainda parecia capengar. Não me lembrava de uma época em que tivemos tantos episódios agudos em intervalos tão curtos. Não me lembrava de uma época em que todos os membros da equipe se sentiram tão perturbados quanto as crianças.

Permaneci na área administrativa, observando a movimentação por uma das janelas internas. Os policiais finalmente saíram de cena. Podia me juntar aos conselheiros nas mesas, mas, repentinamente, senti uma espécie de constrangimento.

A sargento enfiara ideias na minha cabeça, como se, talvez, eu fosse a culpada por tudo o que estava acontecendo. Como se eu fosse a culpada pela morte de Lucy.

Percebi que estava esperando que Greg aparecesse. Eu esperava que a presença dele me desse segurança.

Quando outros cinco minutos se passaram sem que ele surgisse, fui procurá-lo.

Andei pelo corredor, passando por crianças dormindo em vários cantos e quartos da unidade, passando por portas escuras e por outras fortemente iluminadas.

Não avistei Greg, mas ouvi sua inconfundível voz de barítono vindo do último quarto à direita.

Espiei pela porta entreaberta. Greg estava sentado no chão, com as pernas abertas à sua frente e a atenção focada em um garoto pequeno e de cabelos loiros, que estava encolhido ao seu lado. Greg acariciava a cabeça do garoto e falava em voz baixa, tentando estimular o garoto a relaxar. O menino não parecia querer fazer aquilo.

Era o novo paciente, eu imaginei. O garoto que esfaqueou a mãe durante a manhã. Ele estava encolhido ao redor de si mesmo, tentando impedir que qualquer pessoa ou sensação se aproximasse. Isso não podia estar acontecendo com ele. Este quarto estranho, este lugar estranho, todas essas pessoas estranhas falando com ele o tempo inteiro.

- Mamãe - sussurrou o menino. - Eu quero a minha mamãe.

Senti meu coração apertar. As primeiras palavras ditas por tantas crianças, durante tantos anos. Mesmo aquelas crianças cujas mães os espancavam com tanta violência.

- Eu sei - respondeu Greg, firme.

- Me leve de volta para casa.

- Não posso fazer isso, amigão.

- Você podia ficar comigo. Como fizemos daquela outra vez.

Aquilo me paralisou. "Como fizemos daquela outra vez"? Me afastei um pouco, me escondendo atrás do batente da porta aberta.

- Você vai ficar aqui por algum tempo, meu chapa. Vamos trabalhar com você, ensiná-lo a se acalmar, a controlar o seu temperamento, até que você se sinta mais forte e consiga gostar mais de si mesmo. Não se preocupe. Este é um lugar legal.

Vamos cuidar bem de você aqui.

- Mamãe - repetiu o garoto.

Greg não respondeu.

- Eu a machuquei - murmurou o menino. - Estava com a faca. Tinha que usá-la.

Eu tinha. Eu tinha.

O garoto parecia estar transtornado pela tristeza. Greg continuou sem falar nada, deixando que o silêncio fizesse a sua parte.

- Eu sou um menino mau, muito mau - sussurrou a criança, com a voz tão baixa que eu mal consegui ouvi-lo. - Ninguém gosta de um menino tão mau quanto eu.

- Você ligou para o 911 - disse Greg. - Foi uma coisa muito inteligente, Evan.

Você fez algo de bom.

- O sangue gruda. É quente. Não sabia que ela iria sangrar daquele jeito. Acho que estraguei o sofá.

De repente, o garoto começou a chorar. - Greg, você acha que a minha mãe vai me odiar? Ligue para ela. Você tem de ligar para ela. Diga a ela que estou arrependido. Foi um acidente. Eu não sabia que ela ia sangrar daquele jeito. Eu não sabia!

O volume da voz do garoto começou a aumentar perigosamente, e sua agitação também. Eu entrei no quarto assim que Greg começou a falar. - Evan, quero que você respire fundo...

- Eu estraguei o sofá!

- Evan...

- Eu quero ir para casa, ir para casa, ir para casa. Vou me comportar desta vez.

Prometo, vou ser um bom menino. Nada de facas. Me deixe voltar para casa, casa, casa, casa, casa.

O garoto rolou para longe de Greg e tentou correr para a porta. Eu impedi que ele passasse por mim, abrindo os braços. Bateu contra o meu corpo como se fosse uma bola de borracha, e trombou com a parede ao lado. Em vez de tentar escapar outra vez, bateu a cabeça contra a parede, deixando um grito de frustração escapar: -

Ahhhhahhhhahhhhahhhahhhh...

- Benadryl? - murmurei para Greg, apesar do barulho.

Ele balançou a cabeça. - Reação paradoxal. Pegue o Ativan.

Corri pelo corredor para buscar o remédio enquanto Greg tentava novamente acalmar Evan com o seu tom firme de barítono: - Evan. Preste atenção em mim, amigão. Olhe para mim, garoto. Evan...

Quando voltei ao quarto, o sangue escorria de um corte na testa de Evan, descendo-lhe pelo rosto até o nariz, e Greg estava com o celular na mão, tentando atrair a atenção do menino.

- Evan. Evan, olhe para mim. Vamos ligar para a sua mãe. Vamos ligar para ela agora. Está bem? Olhe para mim, Evan.

Greg digitou alguns números no telefone. Evan parou de bater a cabeça contra a

parede por tempo suficiente para observá-lo, seu corpo tremendo com o esforço que era necessário para ficar parado. O garoto parecia não estar mais ali, seus olhos injetados pelo sangue estavam desfocados, a face pálida, e os punhos fechados com força. A maioria das crianças demorava alguns dias para se recuperar da sobrecarga emocional de um surto psicótico. Evan, por sua vez, parecia estar pronto para o segundo *round*.

Eu estava com aquela sensação novamente. Um vento gelado, como uma nuvem negra passando em frente ao Sol. Não queria ter vindo até aqui, especialmente nesta noite. Algo estava errado. Ainda mais errado que na noite passada, quando encontramos o corpo de Lucy enforcado, pendendo de uma corda no teto...

Uma recepcionista atendeu à ligação de Greg. - Victoria Oliver - pediu ele.

Evan começou a dançar, com os olhos azuis ensandecidos, o sangue escorrendo pela ponta do nariz, manchando sua camisa listrada. - Mamãe, mamãe, mamãe, mamãe, mamãe.

- Tome o seu remédio - disse Greg a Evan, assim que a voz de uma mulher soou no telefone. - Victoria?

- Alô?

- O remédio, Evan.

Evan veio correndo em minha direção, quase me derrubando. Eu lhe entreguei o copo de papel. Ele engoliu o Ativan, voltando a dançar enquanto olhava fixamente para o telefone de Greg.

- Victoria - repetiu Greg, levando o telefone para perto do ouvido. - Aqui é Greg. Estou aqui com Evan. Eu pensei... bem, ele precisa ouvir que você está bem.

E imaginei que você gostaria de saber que ele está bem. Tudo está bem aqui.

Não consegui entender a resposta. Evan estava girando, rodopiando, como se fosse um bailarino de cabelos loiros, camisa azul e manchas vermelhas de sangue.

Uma lufada de vento gelado, arrepiando as minhas costas, sussurrando pela pele dos meus braços...

- A ala psiquiátrica infantil fica no oitavo andar - dizia Greg. - Sim, é uma unidade de isolamento. Cuidados específicos. Somos uma instituição reconhecida, Vic; tudo vai ficar bem.

"Vic?" Como Greg sabia o número que deveria discar para conversar com a mãe de Evan? Ou que ela atenderia a sua ligação? Tentar entrar em contato com

alguém que fora esfaqueado pelo próprio filho não era uma das coisas mais inteligentes a fazer. A menos que ele soubesse que a vítima estivesse disposta a atender essa ligação, e tivesse a força mental necessária para lidar com a situação. A menos que ele conhecesse a vítima...

Eu sentia frio. Muito frio. Estava tremendo incontrolavelmente.

Greg continuava ao telefone. - Você pode... acha que consegue? Apenas por um segundo. Não creio que ele consiga aguentar tanto... Não, você precisa cuidar de você. Nós cuidaremos dele. Victoria... Vic... confie em mim. Evan precisa que você esteja bem e saudável. É disso que seu filho precisa.

- Mamãe, mamãe, mamãe, mamãe - dizia Evan com a voz chorosa, ainda rodopiando pelo quarto.

Greg estendeu o telefone. - Só uma frase, Evan. Escute o que a sua mãe tem a lhe dizer. Saiba que ela está bem. Diga a ela que você está bem. E ponto final.

Evan agarrou o telefone. Apertou-o contra a orelha. Sorriu, um único segundo de alegria e alívio enquanto se ligava à sua mãe. Sua postura ficou mais relaxada, o corpo sustentado na planta dos pés, em vez de sobre as pontas.

Em seguida, antes que pudesse me mover, antes que Greg conseguisse lhe tomar o telefone:

- Eu vou matar você da próxima vez, sua vaca - grunhiu Evan no aparelho. - Da próxima vez, eu vou arrancar o seu maldito coração!

O garoto atirou o telefone no chão, e depois se jogou contra a parede, batendo a cabeça selvagemente.

- Oh, Evan - disse Greg, com a voz exausta.

Eu disparei pelo corredor para buscar mais Ativan.

Capítulo 32

Victoria

T *oc*, *toc*.

Quem é?

Evan.

Quem é Evan?

Evan, o garotinho que ama você.

Toc, toc.

Quem é?

Evan.

Quem é Evan?

Evan, o garotinho que quer matar você.

Toc, toc. Quem é? Michael, seu marido, que vai se casar com outra mulher.

Toc, toc. Quem é? Chelsea, sua filha, que pensa que você não a ama mais.

Toc, toc.Toc, toc.Toc, toc.

Estou deitada na cama do hospital, observando a linha verde no monitor cardíaco. Ouço sons ecoando pelos corredores lotados. Enfermeiras atarefadas, pacientes ranzinzas, máquinas que fazem ruídos. Meus olhos estão fixos na parede ao lado, pintada de branco. No tom prateado, quase espelhado, da estrutura de metal da cama. No telefone preto, pesado, sobre os lençóis que cobrem as minhas pernas.

Em seguida, volto a observar o monitor, maravilhada ao perceber como um coração consegue continuar a bater, mesmo depois de ser despedaçado.

O lado direito do meu corpo dói. O sangue mancha o curativo branco. Uma queimadura mais profunda arde em algum outro lugar por dentro. Talvez seja uma infecção que já está se alastrando. Ela vai contaminar meu sangue, impedir que meus órgãos funcionem. Vou morrer aqui, neste mesmo quarto, e não precisarei mais voltar para casa.

Toc, toc.

Quem é?

Evan.

Quem é Evan?

Evan, o garotinho que ama você.

Toc, toc.

Quem é?

Evan.

Quem é Evan?

Evan, o garotinho que quer matar você.

Toc, toc.

É nesse momento que finalmente me dou conta. Uma sensação indistinta a princípio, mas que lentamente vai se tornando mais palpável. Não quero viver assim.

Não quero ser esta pessoa. Não quero este tipo de vida. Preciso de uma nova maneira de viver, uma nova atitude. Preciso agir, mesmo que isso me mate. Deus sabe que já estou morrendo por dentro.

Penso na areia do verão. Lembro-me da primeira vez que segurei cada um dos meus filhos nos braços. E lembro-me do rosto de Michael no dia em que ele saiu de casa.

Tantos sonhos que nunca se realizaram. Tanto amor que eu dei, e que nunca foi retribuído.

Toc, toc.

Quem é?

Victoria.

Quem é Victoria?

Bem, não é essa a pergunta que vale um milhão de dólares? Quem é Victoria?

Preciso sair daqui. Logo, com certeza absoluta, sei exatamente o que vou fazer.

Capítulo 33

A meditação acabou se revelando um processo complicado, o que provavelmente explica a razão pela qual D. D. nunca demonstrou qualquer interesse. Era preciso se esforçar muito para encontrar uma posição confortável. A maioria dos membros da equipe optava por se sentar no chão; os mais avançados sentavam-se em sofisticadas posições de lótus, enquanto os menos proficientes se acomodavam mais casualmente, com as costas contra uma parede.

O espaço, aparentemente, era algo importante, e as pessoas escolhiam lugares onde pudessem se concentrar em si mesmas. Mesmo Greg e Danielle, que demoraram a chegar à reunião, não ficaram juntos. Greg se posicionou um pouco mais ao fundo do salão, enquanto Danielle sentou-se perto do lugar onde D. D.

estava.

A enfermeira olhou para a policial. Entreabriu os lábios, como se fosse dizer alguma coisa. Entretanto, fechou a boca logo em seguida. Fechou também os olhos e virou o rosto em direção ao centro da área de recreação, onde Lightfoot coordenava a atividade com uma voz baixa e melódica.

O xamã estava sentado sobre uma das mesas, com uma garrafa de chá verde gelado posicionada ao alcance das mãos, com os pulsos pousados sobre os joelhos e os dedos apontando para o alto.

Ele falava de maneira firme, com uma cadência vigorosa. Na opinião de D. D., ele ainda parecia estar cansado. De qualquer forma, já passava da meia-noite. Ela e sua equipe estavam igualmente exaustos, o que tornava a atividade da meditação uma distração divertida no período noturno.

Karen, a enfermeira-chefe, estava sentada perto da porta que levava aos escritórios administrativos. Ela removera seus óculos para a ocasião. Um homem grande e corpulento - D. D. achava que seu nome era Ed - estava sentado a alguns passos dela. A conselheira sociocomportamental mais jovem, com

cabelos curtos e escuros - Sissy? Cecille? - estava sentada à sua esquerda. Depois, outros três conselheiros e mais uma enfermeira, Janet. A única pessoa que não participava era Tyrone, encarregado das verificações. A cada cinco minutos, ele precisava registrar o paradeiro de cada uma das crianças e cada um dos membros da equipe. Como as crianças e a equipe estavam num estado de tranquilidade no momento, aquilo o deixou em pé no meio do corredor, em frente a D. D. Os dois eram as únicas pessoas em pé; todos os outros estavam sentados.

"Todos estão aqui", pensou ela, e estava bastante curiosa a respeito do que

aconteceria a seguir.

- Inspirem devagar - entoou Lightfoot. - Sintam-se puxando o ar lentamente para dentro dos pulmões, inspirando o ar ao redor dos dedos dos pés, trazendo-o para cima, preenchendo o corpo inteiro, contraindo cada célula; cada poro do corpo absorvendo lentamente uma boa quantidade de oxigênio puro e fresco. Ainda inspirando, contando lentamente, um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete. Agora, expirem. Empurrem o ar para fora, contando mais rápido. Um, dois, três, quatro, cinco...

D. D., apoiada contra a parede, com os braços cruzados sobre o peito, percebeu que sua respiração estava acompanhando o ritmo hipnótico ditado por Lightfoot. Ela percebeu o que estava fazendo, forçou-se a expirar o ar rapidamente, e sentiu uma leve tontura.

Alex saíra para buscar uma pizza. Os membros da força-tarefa ainda teriam uma longa noite pela frente. Devido aos problemas com as crianças naquela noite, e agora a "reunião", os investigadores ainda não haviam conseguido entrevistar a equipe da unidade. Karen prometera enviar os conselheiros sociocomportamentais para falar com os policiais, um a um, assim que a sessão de meditação com Lightfoot terminasse. Presumindo, é claro, que a unidade continuasse sob controle.

Entretanto, os barulhos de gritos e pancadas que D. D. ouvira há pouco mais de dez minutos não faziam com que ela se sentisse tão otimista a respeito.

Lightfoot precisava fazer valer seus talentos. Caso contrário, ela não sabia como a equipe ou as crianças conseguiriam sobreviver àquela noite.

O curandeiro estava suando. D. D. percebia que havia gotículas de suor se formando acima dos seus lábios. Apesar das instruções para que todos respirassem de maneira lenta e gradual, seu próprio tórax fazia movimentos rápidos enquanto ele respirava, e uma das mãos tremia, pousada sobre o joelho.

Seria um sinal do esforço para afastar toda aquela energia negativa? Para encontrar a luz em meio às trevas?

Santo Deus... Ela estava começando a pensar com as palavras dele.

- Eu quero que vocês se livrem da tensão - instruiu Lightfoot, com a voz estrangulada. Karen, à sua frente, abriu um olho, franzindo as sobrancelhas em direção ao curandeiro.

- Concentrem-se nos dedos dos pés. Sintam a tensão na sola de cada pé. Os músculos pequenos e contraídos ao longo da curva do pé, os tendões que se estendem pelo tornozelo. Os pequenos músculos que envolvem cada dedo enquanto

eles se movem pelo carpete. Agora, capturem essa tensão. Relaxem-na e empurrem-na para fora. Sintam os dedos enquanto eles relaxam, sintam os pés relaxando completamente sobre o carpete. Os calcanhares estão descansados e flexíveis; cada um dos pés está relaxado. Vocês podem sentir a luz. Seu pé está se aquecendo, um brilho de luz branca se espalhando pela sola do calcanhar. Concentrem-se na luz.

Sintam a luz se expandindo, subindo pelos tornozelos, pelas panturrilhas, pelos joelhos.

A luz branca tinha um longo caminho a percorrer. Muitos músculos precisavam relaxar. Muitas partes do corpo precisavam brilhar. Olhando ao redor da sala, D. D.

percebeu vários membros da equipe se entregando ao exercício. Até mesmo Danielle parecia mais relaxada; as linhas que marcavam sua testa estavam menos pronunciadas e seus pulsos esbeltos repousavam tranquilamente sobre os joelhos.

Lightfoot, por outro lado, parecia tremendamente abatido. Estava encharcado pelo suor, e as marcas da transpiração manchavam o tecido amarelo claro da sua

camisa Armani em vários lugares. Ele aproveitava as pausas entre os vários grupos de músculos que citava para beber discretamente da garrafa de chá gelado que tinha consigo. O grupo já havia relaxado até a altura do abdômen agora, e a garrafa de chá gelado estava quase vazia. D. D. imaginou que o curandeiro não conseguiria chegar até o fim. Será que ele pediria um intervalo, faria uma breve interrupção bem no meio da meditação? Ou aquilo destruiria o clima da sessão, como verificar o seu *pager* policial enquanto fazia sexo?

Agora, enquanto ela observava, o rosto de Lightfoot se contorcia em uma careta. Ele esfregava seu peito. Fazia outra careta. Um músculo em seu ombro esquerdo tremia em espasmos, quase como se estivesse dançando, para relaxar de novo em seguida. Lightfoot tomou mais um gole de chá, fechou os olhos com força, e pareceu relaxar um pouco.

- Concentrem-se na luz - entoou ele. - O brilho quente e aconchegante da luz, do amor. Sintam a luz se expandir dentro do peito, enchendo os pulmões. Depois, empurrem-na para cima. Empurrem-na para dentro das cavidades dos seus corações.

O amor está em seus corações. O amor pulsa em suas veias, expulsando a negatividade, invadindo os seus braços e pernas, deixando-os leves e relaxados. Luz é amor. Amor é luz. Vocês estão cheios de luz. Vocês sentem a luz pulsar dentro do peito. Seus braços desejam se levantar, flutuar. Eles estão cheios de luz, e o amor os torna mais leves.

De maneira notável, ao redor da sala, vários pares de braços começaram a se erguer. Não os de Danielle, como D. D. percebeu. Nem os de Karen. A enfermeira-chefe abandonara a meditação. Ela agora observava Lightfoot atentamente.

- Calor - continuou ele. - Amor. Luz. Calor. Alegria. Eu me livro de todos os preconceitos. Entendo que sou responsável por todas as ações do meu corpo, e me perdoo pelos meus pecados. Eu perdoo os outros. Sou um ser feito de luz. Invoco o poder da luz. Invoco o poder do amor que existe nesta sala...

Um espasmo repentino cruzou o seu rosto, fazendo com que seus lábios se repuxassem, mostrando-lhe os dentes. Lightfoot forçou-se a retomar o controle e continuou. - Eu busco o amor dos meus amigos, dos meus companheiros, dos colegas de trabalho...

Ele interrompeu novamente a frase que dizia. Seus dois ombros se contraíram, e o braço esquerdo balançou sobre o joelho. Seus olhos se abriram abruptamente e ele soltou um forte gemido, abandonando toda a encenação enquanto cobria o rosto com a mão para protegê-lo das luzes fortes do teto.

A quebra no ritmo atraiu a atenção dos outros. Danielle abriu os olhos. Greg também. Eles olhavam para Lightfoot, desconfiados.

Karen já estava em pé, recolocando os óculos sobre o rosto. - Andrew? -

perguntou ela enquanto um novo espasmo agitava o corpo do curandeiro.

D. D. desencostou o corpo da parede, começando a compreender que a situação começava a sair do controle.

Lightfoot levantou a cabeça, olhando para o teto, com os olhos fechados e forçando as mãos contra a mesa, como se estivesse travando algum tipo de batalha interna.

- Eu invoco a LUZ! - gritou ele. - Sou um ser feito de AMOR. Estou cheio de ALEGRIA, PAZ e CONTENTAMENTO. Eu expulso a negatividade. Eu me livro de todos os preconceitos. Eu sinto o amor dos meus amigos e da comunidade. O

AMOR deles me dá forças para AFASTAR as trevas deste prédio. Não haverá qualquer NEGATIVIDADE. Não haverá raiva, não haverá DOR. Estamos unidos pela luz, preenchendo este espaço com AMOR, mantendo este espaço com AMOR.

Eu clamo pela LUZ, A LUZ, A LU...

A voz de Lightfoot, cada vez mais alta, esmoreceu. Ele agarrou o rosto com as duas mãos. Em seguida, o curandeiro tombou para frente, onde seu corpo começou a sofrer fortes convulsões.

- *A luz, a luz*! - gritava ele. - *Está queimando meus olhos, meus olhos, meus olhos*!

- Código azul! - Gritou Karen, correndo em direção ao homem caído. - Chamem

o pessoal da emergência. Precisamos de uma maca, agora!

Ela já estava de joelhos ao lado de Lightfoot, tentando segurar-lhe a cabeça enquanto o corpo se agitava descontrolado, e ele tentava se livrar, agredindo-a com as mãos.

- Tragam algo para ele morder! - exigiu Karen, tentando abrir-lhe uma das pálpebras e checar os sinais vitais.

- *Não me toque não me toque não me toque. Queima*...

A equipe começou a entrar em ação depois de alguns momentos. As enfermeiras Danielle e Janet saíram correndo para buscar medicamentos. Greg foi até um telefone, enquanto os outros conselheiros afastavam as mesas, desimpedindo a área. As costas e o pescoço de Lightfoot estavam arqueados para trás, os músculos se retesando rigidamente por baixo da pele bronzeada. Karen finalmente conseguiu abrir-lhe uma das pálpebras. O olho não estava revirado para trás, como D. D. esperava. Em vez disso, ele olhou diretamente para Karen, ainda consciente.

- *A luz* - gemeu ele. Ela soltou a pálpebra. Ele gemeu novamente; desta vez, aliviado.

Danielle e Janet voltaram com os medicamentos. Karen pegou um afastador de língua e o enfiou na boca de Lightfoot. Imediatamente, ele tentou cuspi-lo fora. - Não toque em mim!

- Toalha - ordenou Karen, fazendo com que ele rolasse de lado. - Rápido, cubram os olhos dele. Cecille, apague as luzes da sala. Podemos trabalhar com o brilho das luzes do corredor.

Cecille obedeceu, escurecendo a área de recreação enquanto Ed corria para buscar uma toalha. Quando as luzes do teto se apagaram, Lightfoot pareceu relaxar.

- *Dói. Não consigo impedir* - murmurou ele. - Dentro de mim. Eu sinto. Frio, frio, frio. Forte... queima. Preciso lutar. Luz branca, luz branca, luz branca. Cansado.

Muito cansado. Preciso encontrar... a luz.

Ed voltou com uma pilha de toalhas. As enfermeiras dobraram uma e a colocaram sobre a parte superior do rosto de Lightfoot, protegendo os seus olhos. D.

D. pegou uma das toalhas e, esforçando-se, conseguiu abrir os dedos de Lightfoot para que ele soltasse o pulso de Karen. Em seguida, ela enrolou a toalha e a colocou entre os dedos de Lightfoot.

- Fale comigo, Andrew - exigiu Karen, em voz alta. - Fique conosco. Onde você

sente dor?

- Pernas... braços... costas... corpo... músculos... dói, dói, dói - balbuciava ele, enquanto seu corpo se contorcia em espasmos no chão. - Muito barulho. Muita luz.

Pare, pare, pare, pare, pare...

- As luzes fazem mal a você?

- Queimam... meus olhos.

- E o barulho? - perguntou D. D.

- Aahhhaaahhhhh - gemeu ele, trazendo uma das mãos à cabeça para tampar os ouvidos.

As portas se abriram repentinamente. Dois paramédicos entraram na área, conduzidos pelo vigia. Eles avistaram o corpo de Lightfoot, que ainda sofria com as convulsões, e correram até ele.

- Qual é a condição? - perguntou um dos homens a Karen.

- Começou há três minutos. Convulsões, sensibilidade à luz, sensibilidade a ruídos - relatou Karen. - Mas continua consciente. Sabe o que está acontecendo.

- Pulsação?

- Duzentos e dez**31 .**

O paramédico levantou uma sobrancelha. D. D. não o culpava. A pulsação estava

tão acelerada que Lightfoot poderia estar correndo até o topo do monte Everest.

- Histórico de convulsões? - perguntou o paramédico, tentando verificar os sinais vitais.

- Desconhecido - respondeu Karen, logo antes de Lightfoot dizer:

- Não. Não são convulsões. Espasmos... espasmos... musculares...

O paramédico olhou para o rosto de Lightfoot, coberto pela toalha, e depois de volta para Karen. Ela deu de ombros.

- As trevas... - gemeu Lightfoot. - As trevas estão tomando conta de mim. Frio, muito frio... queima...

- Está alucinando - murmurou o paramédico. Ele se levantou e fez um sinal para o seu parceiro. Eles pegaram uma maca e se prepararam para entrar em ação.

- Esperem um momento - pediu D. D., lembrando-se de um caso sobre o qual lera certa vez. O estado mental incrivelmente consciente de Lightfoot, mesmo durante o que parecia ser uma convulsão séria. Ela se aproximou da mesa de Lightfoot e cheirou a garrafa de chá gelado. Nada. Ela tocou o gargalo com um dedo, onde ainda havia uma gota de chá. Em seguida, levou cuidadosamente o dedo até a boca, e, com uma careta de nojo, estendeu a língua. O sabor era...

Chá. Herbal. Toques de limão. E, por baixo de todas as essências flavorizantes, uma pungência leve, mas perceptível.

- Vocês precisam mandar analisar isso aqui imediatamente - disse ela ao paramédico. - Meu palpite é que seja estricnina.

- Veneno para ratos? - perguntou Greg, no corredor.

- Na garrafa da qual ele estava bebendo? - acrescentou Karen, franzindo o cenho. Os membros da equipe trocaram olhares entre si, e depois voltaram a observar o corpo de Lightfoot, que continuava a se agitar.

- Os sintomas são esses - disse ela, olhando para o paramédico. -

Hipersensibilidade e espasmos musculares. Não há perda da consciência no

início.

- Faz sentido - concordou o paramédico. - Agora que você tocou no assunto...

bem, precisamos correr, então, porque o próximo sintoma na lista é a parada respiratória. Vamos lá, amigão. Fique conosco. Se você pretende ser envenenado, um hospital é o melhor lugar para conseguir isso.

Com a ajuda dos conselheiros sociocomportamentais, o corpo de Lightfoot foi colocado na maca. Depois, correram para fora da unidade, em direção aos elevadores.

O elevador chegou com um *plim*. As portas se abriram, e Alex saltou para fora, trazendo uma pilha fumegante de caixas de pizza. Ele olhou para os paramédicos, para o corpo de Lightfoot amarrado à maca, e à equipe da ala psiquiátrica, ainda abalada pelo choque. Todos olhavam fixamente para ele.

- O que aconteceu com o curandeiro?

- Essa é uma ótima pergunta - respondeu D. D.

Karen e sua equipe poderiam ser ótimos profissionais de saúde, mas ainda assim havia uma razão para o salário alto que D. D. recebia.

- Onde Lightfoot conseguiu esse chá? - exigiu ela, assim que os paramédicos

entraram no elevador com Lightfoot.

- Não sei. Eu acho... imagino que ele o trouxe consigo.

Karen olhou para a sua equipe. Eles estavam se mantendo ocupados ao redor da área de recreação, que ainda estava à meia-luz. Chutavam toalhas, olhavam para os móveis afastados apressadamente. Vários membros da equipe esfregavam os braços, como se tentassem afastar um calafrio.

- Tem certeza de que não guardam chá gelado na cozinha da unidade?

- Tenho. Não temos esse tipo de bebida aqui.

- E na cantina do hospital?

Karen balançou a cabeça, sem ter certeza. Danielle entrou na conversa. -

Andrew bebe chá da marca Koala. É um daqueles produtos 100% naturais, orgânicos, do tipo "vamos salvar o planeta". Acho difícil encontrar esse tipo de bebida por aqui.

- Graças a Deus pelos pequenos favores - murmurou D. D. Ela não queria ter que interditar a cantina de um hospital e chamar a vigilância sanitária. - Lightfoot chegou com alguma coisa? Algo como uma bolsa ou mochila?

D. D. se lembrava vagamente de ter visto uma bolsa de couro pendurada no ombro de Lightfoot quando ela e Alex o viram pela primeira vez, perto dos elevadores. - Talvez uma bolsa masculina - disse D. D., tentando se lembrar. - Eu a quero.

Obedientemente, Karen a levou até a área administrativa, onde Lightfoot deixara uma maleta de couro marrom. D. D. abriu a mala e retirou um pote de iogurte grego e um saco de sementes de girassol. Ela enviou a comida para análise, e depois voltou para a área de recreação, onde percebeu que os membros da equipe trocavam olhares nervosos entre si.

- Mais alguém tomou chá gelado? - perguntou ela.

Um por um, todos balançaram a cabeça negativamente.

- Quem jantou aqui esta noite?

Quatro membros da equipe levantaram as mãos, lentamente. D. D. percebeu que Greg e Danielle não estavam entre eles.

- A que horas?

Os conselheiros haviam começado o expediente às dezenove horas, fazendo pausas para jantar entre as 21h00 e 21h30.

- Temos boas notícias - informou D. D. - A estricnina é um dos venenos de ação mais rápida que existem. Os sintomas surgem cinco minutos após a ingestão.

Portanto, se vocês estão em pé agora, provavelmente continuarão em pé pelo resto da noite. O registro temporal se encaixa com o que vimos hoje: Lightfoot

abriu a garrafa, tomou alguns goles, deu início à meditação, bebeu um pouco mais, e, eu diria, cerca de oito minutos depois...

- Desabou sob os efeitos de uma forte convulsão - completou Karen, com a voz estrangulada. Todos olhavam para a mesa sobre a qual Lightfoot estivera sentado.

- A estricnina não tem qualquer odor - informou D. D. aos profissionais de saúde, tomados pela ansiedade. - Mesmo assim, tem um gosto bastante amargo.

Assim, se vocês encontrarem algo que tenha um gosto estranho, parem de comer ou beber imediatamente. Vou telefonar para o laboratório e pedir que enviem alguém até aqui para analisar a água, assim como tudo que houver na cozinha. Entretanto, isso vai levar algum tempo. Quando as crianças precisarão precisar comer novamente?

- A próxima refeição é o café da manhã - respondeu Karen. - Mesmo assim, algumas das crianças precisam de um lanche no meio da noite.

D. D. considerou aquilo. - Prefiram alimentos ou bebidas que estejam em embalagens lacradas. Cereais em porções individuais, coisas assim. Desde que o lacre não esteja rompido, a chance de que mais problemas ocorram deve ser mínima.

O que acham?

Todos concordaram em silêncio.

- Certo. Quem viu Lightfoot com o chá gelado?

A mulher de cabelos curtos e escuros levantou a mão. Cecille. - Bem, eu fui uma das primeiras pessoas que se sentou na sala de recreação. Andrew ainda não estava aqui, mas o chá gelado já estava na mesa, como se ele houvesse acabado de abrir a garrafa, e depois foi buscar alguma coisa. Ou talvez ele foi jogar a tampa da garrafa fora.

- A tampa! - concordou D. D. Ela marchou em direção à lata de lixo. Logo em cima, uma tampa branca com o logotipo do "Koala Iced Tea" estampado. D. D.

calçou suas luvas e a retirou da lixeira. Uma tampa metálica, própria para lacrar

garrafas de vidro. Não era o tipo de recipiente que poderia ser violado facilmente -

perfurado por uma seringa, presumivelmente. Não. A tampa saiu e o veneno entrou.

Havia também a possibilidade de que o produto pudesse ter sido envenenado enquanto estava armazenado em um depósito, como parte de um ataque terrorista em grande escala. Ou, possivelmente, o cãozinho antipático de Lightfoot resolvera se vingar e envenenou o chá do seu dono antes que ele saísse de casa.

Mas D. D. apostava que o chá de Lightfoot foi contaminado enquanto estava exposto na área de recreação.

- Durante quanto tempo Lightfoot ficou fora da sala? - perguntou ela a Cecille.

A conselheira deu de ombros. - Não tenho certeza. Não demorou muito. Alguns minutos. Cinco minutos, talvez. As pessoas estavam começando a se reunir. Eu não estava prestando muita atenção.

D. D. olhou ao redor da sala. Um por um, todos os presentes desviaram o olhar.

- Eu estava cuidando de um garoto - disse Greg, com a voz suave, quebrando o silêncio. Ele olhou para Danielle. - Ela estava comigo. Chegamos mais tarde.

Estabelecendo álibis. D. D. gostava daquilo. E eles pensavam que o ambiente da unidade estava ruim antes de a polícia chegar.

- Não entendo. Por que alguém iria querer envenenar Andrew? Tudo isso... é uma loucura - falou Karen.

- É uma boa pergunta - comentou D. D. - Talvez porque você o trouxe aqui para melhorar o ambiente da unidade. Acalmar os pacientes e os profissionais. De acordo com essa lógica, talvez haja alguém que não quer a unidade mais tranquila.

Essa pessoa quer todos vocês tensos e agitados, correndo atrás de crianças em surto.

Lightfoot é envenenado. Vocês todos ficam em pânico. Missão cumprida.

Karen estava de queixo caído. - Isso é uma insanidade.

- Doze pessoas mortas e uma hospitalizada. Todos conectados a esta unidade.

Você tem razão. Vai ser difícil encontrar uma situação mais insana do que esta.

- Pare com isso! Não somos esse tipo de gente!

- Que tipo de gente? - perguntou D. D., com interesse.

- Assassinos. Paramédicos que matam os pacientes, ou anjos da morte.

- Profissionais de saúde que convencem a si mesmos que seria melhor se os pacientes, ou seja, as crianças transtornadas que estão sob seus cuidados, estivessem mortos? - foi a resposta que D. D. ofereceu.

Karen lançou-lhe um olhar furioso. - Eu e minha equipe estamos comprometidos com a cura dessas crianças. Não estamos aqui para machucá-las.

- As pessoas mudam.

- Não! - gritou Karen. - Você não entende. Esta é uma unidade psiquiátrico-pediátrica. Nós trabalhamos tão unidos quanto qualquer equipe especializada em traumas e acidentes. E nosso trabalho tem bons resultados exatamente porque conhecemos uns aos outros muito bem, e acreditamos muito uns nos outros. Eu confio cegamente em qualquer membro da equipe, a ponto de aceitar que qualquer um dos funcionários me entregue uma bebida agora mesmo. Beberia tudo sem hesitar.

D. D. esperou para ver se alguém aceitaria a oferta de Karen. Ninguém se mexeu.

- Talvez isso prove apenas que você é a culpada pelo que houve - disse D. D.

- Eu fui a *primeira* a ajudá-lo.

- Talvez porque você já soubesse que algo de ruim iria acontecer.

- Como se atreve? Sou uma enfermeira...

- Sim, sim, eu sei - interrompeu D. D. - Isso é o que você diz. Entretanto, o fato é que alguém envenenou o chá gelado de Lightfoot, e eu estou pensando que esse alguém está presente nesta sala. A menos que você acredite que duas mãos brotaram repentinamente da energia negativa que está assolando a unidade.

Ninguém disse qualquer palavra, e D. D. interpretou aquilo como um sinal de concordância. Ela prosseguiu, com voz autoritária: - Agora, tenho a impressão de que os problemas deste lugar estão aumentando, em vez de diminuir. Isso significa que chegou a hora de colocar a minha equipe para investigar a sua. Além disso, ninguém está autorizado a sair deste andar a menos que seja liberado por um membro da minha equipe. Nada de ir até a cantina, nada de cinco minutos ao ar fresco para fumar um cigarro. Está claro? Vamos colocar a mão na massa, então. E o primeiro candidato será...

D. D. olhou ao redor da área de recreação, até encontrar o alvo que escolhera. -

Você, professor de educação física. Venha comigo.

31A pulsação média para um adulto saudável fica entre 70 e 90 batimentos por minuto.

Capítulo 34

Greg estava com cara de poucos amigos. O grandalhão seguiu pelo corredor em direção ao centro de comando improvisado do departamento de polícia de Boston, com o olhar fixo no carpete, seu tênis de cano alto se arrastando. Aquela cena fazia que D. D. se sentisse bem consigo mesma. Era sempre bom saber que não estava perdendo o jeito para lidar com suspeitos.

Dentro da sala de aula, Alex colocara as pizzas sobre uma das mesas. O aroma de queijo derretido, da massa recém-assada e do *pepperoni* apimentado fez o estômago de D. D. roncar. Provavelmente havia algo de irônico em se empanturrar logo depois de observar um homem adulto ser internado por envenenamento, mas D.

D. estava faminta. Alex e vários outros policiais já haviam retirado pedaços de pizzas das caixas e estavam comendo com gosto. Eles acompanharam D. D. com interesse quando ela fechou a porta atrás de si e de Greg, indo em direção às pizzas em seguida. Ela abriu uma das caixas e colocou duas fatias cheias de queijo em um prato de papel.

- Quer um pedaço? - perguntou ela a Greg.

Ele recusou com um aceno de cabeça.

- Refrigerante, água, chá gelado?

Greg a olhou por um momento. - Não. Obrigado.

- Aposto que é mais seguro comer esta comida do que aquela que você vai encontrar na cozinha da unidade.

- Eu compartilho da mesma opinião de Karen sobre esse assunto - respondeu ele, teimosamente.

- Lealdade ao seu exército?

- Você não entenderia.

- É claro que não. Somos policiais. Que diabos nós sabemos a respeito da importância do trabalho em equipe?

A porta da sala de aula se abriu e Danielle entrou.

- Ainda não é a sua vez, garota - comentou D. D., com a boca cheia de pizza. -

Volte lá para fora e vá brincar com os seus amiguinhos.

- Não posso - disse Danielle. - Estou de licença, não é? Não posso ficar lá fora.

Por isso, Karen mandou que eu viesse até aqui.

- Quer conversar, então? Tudo bem. Alex vai acompanhá-la até a sala ao lado.

Alex? - disse D. D., apontando para o outro investigador.

- Não - respondeu Danielle.

- Sim.

- Não.

D. D. franziu as sobrancelhas, colocou seu prato de papel sobre a mesa e se aproximou de Danielle, até estar frente a frente com a enfermeira. D. D. era um ou dois centímetros mais alta que Danielle, apenas, mas sabia como usar aquilo em seu favor. - Esta é uma festa particular. Caia fora.

- Não.

- Que diabos há com você?

A enfermeira vacilou, defensiva. - Você. Ele - disse Danielle, indicando Greg com um movimento de cabeça. - Toda esta maldita unidade. Você acha que precisa de respostas? Eu preciso delas ainda mais do que você. E isso significa que Greg precisa começar a falar.

D. D. virou o rosto para encarar Greg. - Você sabe do que ela está falando?

Ele balançou a cabeça negativamente.

- Sabe, sim - disse Danielle, com os olhos ainda focados em D. D. - Eu ouvi você conversando com o garoto. Você conhece Evan. Já o conhecia antes que ele fosse internado aqui. Explique isso, Greg. De onde você o conhece, e por que não nos contou nada a respeito?

- Danielle...

- Pelo amor de Deus! - explodiu Danielle. - Duas famílias morreram, Greg. E

Lucy também. Além disso, Lightfoot está hospitalizado agora. Alguém está atacando as nossas crianças. Você precisa começar a falar. Onde você conheceu Evan?

D. D. colocou as mãos sobre os quadris. - É melhor começar a falar agora, rapaz. Porque nenhum de nós vai deixar você sair desta sala até que o faça.

Greg continuou em pé onde estava, com os lábios repuxados e uma expressão ilegível no rosto. Ele olhava fixamente para Danielle. Ela devolvia o olhar.

- Eu conhecia as famílias - disse Greg, abruptamente. - Todas elas. Fora do

âmbito da unidade. Eu sou o elo que as une.

- Comecei a trabalhar como prestador de cuidados em domicílio há alguns anos -

disse Greg, cinco minutos depois. Ele estava sentado à mesa. Danielle estava ao seu lado, e D. D. e Alex estavam à sua frente, do outro lado da mesa. Apesar de haver recusado bebidas no início do interrogatório, ele e Danielle agora tinham latas de refrigerante nas mãos, as quais abriram cuidadosamente e testaram o sabor antes de beber. No começo, trabalhava apenas para uma família. Eu os conheci aqui. Sua filha de 4 anos sofria de esquizofrenia. O casal comentava sobre como era difícil conseguir um momento a sós em sua vida, sair para jantar ou assistir a um filme, fazer uma caminhada ou ir às compras. Suas próprias famílias não tinham a estrutura necessária para cuidar de Maria, e havia uma lista de espera para conseguir os serviços de um profissional treinado. Eu me senti mal com aquela situação, especialmente por causa da mãe. Percebi em seu rosto que ela não conseguiria aguentar a situação por muito mais tempo. Assim, me ofereci para cuidar de Maria enquanto seus pais saíam para uma noite a dois. Não aceitei que me pagassem -

disse ele, mais para Danielle do que para D. D. e Alex. - Fiz isso como um favor para o casal. Parecia a coisa certa a fazer.

Danielle assentiu, tensa. Sua expressão ainda estava defensiva.

- Mas, após algum tempo, eles me telefonaram de novo. Disseram que precisavam da ajuda que eu prestei e que estavam dispostos a pagar. Trinta dólares por hora. É mais do que ganho aqui.

- Trinta dólares por hora de trabalho? - repetiu D. D.

- Prestadores de cuidados em domicílio estão em falta no mercado - disse Danielle, olhando para D. D., sem encarar Greg. - Não há cursos em número suficiente, não há pessoas que tenham condições de executar esse trabalho em número suficiente. Como as famílias que têm crianças com necessidades especiais não podem se dar ao luxo de contratar a adolescente que mora na casa ao lado, as famílias acabam se tornando reféns da doença dos filhos. Eles têm o trabalho mais estafante do mundo e nunca conseguem um único dia de folga. Como consequência, as famílias que têm melhores condições financeiras...

- Pagam bem pelo serviço - completou D. D.

- Muito bem - acrescentou Greg, com uma ponta de constrangimento desta vez.

- E eles estão em contato com outras famílias que têm filhos com necessidades especiais. Quando a propaganda boca a boca começa...

- Bem, você encontrou uma boa fonte de renda trabalhando como prestador de

cuidados em domicílio - disse D. D., com uma expressão séria. - Por que manteve isso em segredo?

- Esse tipo de atividade é considerada quebra de protocolo. Ou conflito de interesses. Já estou sendo pago para ajudar as crianças aqui. Se eu fizer um acordo extra com os pais...

- Eles acabam pagando duas vezes pelo seu trabalho? - perguntou D. D.

- Na verdade, é como se... acho que, no passado, houve situações em que um conselheiro sociocomportamental agiu de forma agressiva em casos como esse, aproveitando-se de famílias sobrecarregadas para conseguir trabalho. Isso resultou na criação de algumas regras.

- Ou seja, não é permitido que os conselheiros trabalhem com as famílias fora da unidade - traduziu D. D.

- Exato.

- Mas isso é o que você vem fazendo. Há alguns anos.

O rosto de Greg ficou vermelho, e ele desviou os olhos para o chão. - Eu juro, nunca pressionei ninguém para conseguir esses trabalhos extras. São as famílias que me ligam, e não o contrário. Eu não as pressionaria. Não faria isso de maneira alguma.

- Então, por que você está quebrando as regras? - perguntou D. D. - Você afirma que é uma boa pessoa, mas certamente não está agindo de maneira ética.

- Pelo dinheiro - disse em voz baixa, olhando para Danielle. - Eu preciso de dinheiro.

- Precisa de dinheiro? Ou *quer* o dinheiro? - instigou D. D.

- Preciso.

- Por quê?

- Por causa da minha irmã.

- Fique à vontade para explicar.

- Ela está internada em um hospital. Vai ficar ali a vida inteira. O estado encontrou uma vaga para ela em um outro hospital, mas o lugar se parece mais com uma prisão do que com uma instituição para pacientes psiquiátricos. Ela é minha irmã. Eu não podia deixá-la num lugar como aquele.

- Você encontrou outro lugar para ela, então?

- Uma instituição particular. Mas isso custa caro. O estado paga uma parte. Eu pago o restante. Algo em torno de vinte mil dólares por ano.

- Vinte *mil*? - perguntou D. D., sem acreditar.

- É uma questão de oferta e demanda. Na área de saúde mental, não existe oferta suficiente. Além disso, a cada ano que passa, a procura por esses serviços aumenta. Pergunte sobre isso a Karen quando tiver a oportunidade. Há alguns anos atrás, nós recebíamos apenas umas poucas crianças verdadeiramente psicóticas a cada ano. Hoje em dia, atendemos essa mesma quantidade em um mês. Se nem nós sabemos direito o que fazer com essas crianças, como você espera que os pais saibam?

- E os seus pais, Greg? - perguntou D. D. - Eles não podem ajudá-lo a cuidar da sua irmã?

- Não.

- Mais uma vez, sinta-se à vontade para explicar.

Mas Greg, o professor de educação física, sofreu de um ataque repentino de mudez. Ele olhava para a mesa, com os dedos agitados tocando a borda.

- Ei, Danielle - disse D. D. após outro minuto de silêncio. - Vá dar uma volta.

- Não - objetou Greg. - Ela fica.

- Então, pode começar a falar.

Ele suspirou, como se estivesse debatendo consigo mesmo. - Meus pais estão mortos - disse ele, abruptamente.

- Quando isso aconteceu?

- Há dezoito anos.

D. D. calculou a diferença de tempo mentalmente. - Quantos anos você tinha na época? Doze?

- Quatorze.

- Certo. Às vezes, os pais morrem. Isso deixou você, aos 14 anos de idade, cuidando da sua irmã com problemas mentais. Ela era mais nova? Mais velha?

- Mais velha. Tinha 16 anos.

- Ela cuidava de você?

- Não era capaz.

- Porque tinha problemas mentais.

- Não - disse ele. Greg levantou o rosto, suspirou outra vez, e pareceu finalmente chegar a uma decisão. - Porque ela estava presa pelo assassinato dos meus pais. Ela os envenenou. Com estricnina.

- Olhe, não conheço todos os detalhes - declarou Greg aos policiais. - Eu era só um garoto, e a minha irmã... Não sei. Ouvi muitas histórias diferentes no decorrer dos anos. Quando ela foi julgada, seu advogado alegou legítima defesa. Disse que meu pai abusava dela, e que minha mãe não interveio; assim, Sally os matou para escapar daquela situação. Em seguida, ela sofreu um colapso. Os especialistas a diagnosticaram com depressão severa, e também com indícios de um distúrbio de personalidade. O advogado da minha irmã alegou que o distúrbio de personalidade era consequência dos abusos que ela sofreu, e o caso ficou muito complicado. Após algum tempo, o estado concordou em abandonar as acusações, desde que a minha irmã fosse internada em um hospital psiquiátrico. Estávamos morando com meus avós nessa época. Eles obrigaram

minha irmã a aceitar o acordo e o caso foi dado por encerrado. Minha irmã foi internada e todos fingiram que nada havia acontecido.

- Onde isso aconteceu?

- Pittsburgh.

- Como sua irmã conseguiu a estricnina?

- Não sei.

- Como ela aplicou o veneno?

- Não sei. Eu estava em um acampamento de escoteiros no fim de semana em que tudo ocorreu.

D. D. o encarou, cética. - Quero datas, o lugar exato onde você estava, e pelo menos duas testemunhas que podem corroborar suas afirmações.

Greg descreveu as datas, o local e deu os nomes de dois antigos escoteiros-chefes. Aparentemente, ele já tivera que dar aquelas informações em outras ocasiões.

- Você acredita que seu pai estava abusando da sua irmã?

- Eu nunca vi nenhum sinal de abuso.

- Então, diria que sua irmã queria simplesmente matar seus pais?

- Nunca vi nenhum sinal de violência.

- Bem, qual é a história, então, Greg? Opção "A" ou opção "B"? Todo o seu histórico familiar se resume a duas alternativas: um pai abusivo ou uma irmã homicida. Você não pode querer que acreditemos que nunca pensou no assunto.

- Eu penso nisso o tempo todo - disse ele, sem alterar o tom de voz. - Ainda não encontrei uma resposta. Bem-vinda ao mundo das doenças mentais.

- Mas você está se sobrecarregando com o trabalho e, ao mesmo tempo, quebrando algumas regras para custear um tratamento de melhor qualidade para a irmã. Deve haver algum motivo especial.

Greg ficou em silêncio. Quando voltou a falar, não olhou diretamente para D.

D.; em vez disso, dirigiu o olhar para Danielle. - Há algumas respostas sobre a minha família que nunca conseguirei ter. Mas talvez isso não tenha importância.

Minha irmã matou meu pai porque ele estava fazendo algo horrível; ou então, porque ela estava sofrendo com algum problema horrível. De qualquer forma, Sally não teve culpa. De qualquer forma, ela é a única família que me resta.

Danielle não disse nada. Continuou com a expressão fechada. Sua linguagem corporal demonstrava a tensão que sentia. Aparentemente, a enfermeira não era o tipo de pessoa que consegue perdoar os erros dos outros.

- E os seus avós? - perguntou D. D. a Greg.

- Morreram há um bom tempo. Os assassinatos, o julgamento, a hospitalização da minha irmã... tudo isso lhes causou um trauma muito grande. Eles nunca se recuperaram.

- Então, você está sozinho no mundo e trabalha aqui. Você decide que é preciso encontrar um hospital melhor para a sua irmã, e isso significa que vai precisar de mais dinheiro. Muito mais dinheiro. Você descobre que o mundo está cheio de famílias desesperadas, sobrecarregadas pela tarefa de cuidar de filhos psicóticos, e que há muitas oportunidades para ganhar dinheiro. Você começa a trabalhar como prestador de cuidados em domicílio. E depois?

- Eles indicaram o meu trabalho para outra família, e mais outra. E, às vezes, aqui na unidade, o assunto surge durante uma conversa.

- Quer dizer então que, talvez, você chegou realmente a se aproveitar do desespero de alguns pais - concluiu D. D.

- Não - respondeu Greg, com firmeza. - São eles que pedem, às vezes. A conversa evolui para esse assunto. Estou aqui no hospital, sou qualificado para ajudar o seu filho, e eles estão aqui, precisando de assistência. Eles pedem, eu respondo.

- Eles realmente pedem - confirmou Danielle, em voz baixa. - Já cheguei até mesmo a ouvir pais infernizando Karen para que ela disponibilize membros da equipe da unidade para trabalharem como babás para seus filhos. Os pais estão

desesperados em busca de opções.

- Como você foi trabalhar para os Harringtons? - perguntou D. D.

- Eu os conheci aqui na unidade. Ozzie era um garoto muito ativo, e, vocês sabem - disse Greg, dando de ombros. - Não tenho qualquer problema em lidar com uma criança desse tipo. Podemos brincar de luta-livre, ou correr pelo espaço da unidade, e mesmo assim consigo manter o controle da situação. É o meu trabalho.

Isso era o que Denise e Patrick Harrington queriam. Assim, combinamos para que, uma vez por semana, no período da manhã, dependendo da minha escala aqui na unidade, eu iria à casa deles e levaria Ozzie para brincar. Nós iríamos ao parque, ou talvez andar de bicicleta. Atividades físicas. Os pais conseguiam alguns momentos a sós e Ozzie podia extravasar a energia. Funcionava bem para todos.

- Quando você começou a trabalhar com eles e quando terminou?

Greg precisou pensar. - Em setembro do ano passado. Não sei a data exata.

Logo depois que tiraram Ozzie daqui. Trabalhei com eles durante nove meses, até que Patrick perdeu o emprego. A partir desse momento, eles não puderam mais pagar pelos meus serviços.

- O que você fez?

- Como assim?

- Eles o demitiram - afirmou D. D., impacientemente. - O que você fez?

- Demitir? Eles não tinham mais dinheiro. Não foi culpa deles. Francamente, me senti mal com aquela situação. A vida já era difícil. Mas eles eram pessoas de bem, e Ozzie. Eu imaginei que eles ficariam bem.

- O que você quer dizer com "Ozzie já estava bem melhor naquela época"?

- Você sabe. Andrew estava trabalhando com ele.

D. D. inclinou a cabeça para o lado, observando Greg e Danielle atentamente. -

É verdade. Os Harringtons estavam utilizando os serviços do curandeiro e do

professor de educação física. Havia mais alguém prestando algum tipo de serviço? -

perguntou ela, olhando diretamente para Danielle.

Ela balançou a cabeça negativamente. - Sou enfermeira. Mesmo se fosse para trabalhar como babá, o preço do meu trabalho é caro demais.

Greg, por sua vez, ficou com o rosto todo corado pelo constrangimento.

D. D. se inclinou para frente, olhando-o impiedosamente. - Vamos lá, diga o que tem a dizer. Confessar faz bem à alma.

- Bem... talvez houvesse uma razão para que os Harringtons estivessem trabalhando comigo e com Andrew.

- É mesmo? Estou ouvindo.

Danielle também olhava fixamente para Greg, com os olhos arregalados. A mesma expressão de uma pessoa sobre os trilhos enquanto um trem vinha em sua direção.

- Andrew descobriu que eu estava prestando serviços em domicílio.

Coincidentemente, uma família que me contratou também o havia contratado. Ele simplesmente juntou as peças.

D. D. levantou uma sobrancelha. Então, Lightfoot havia descoberto o segredo daquele belo conselheiro sociocomportamental. Apesar de dizer que conhecia tudo sobre a sua equipe, havia coisas que Karen nem sequer suspeitava.

- Foi então que... - Greg fechou os olhos e exalou o ar. - Bem, Andrew sugeriu que, quando eu estivesse trabalhando com uma família, especialmente uma família mais endinheirada, poderia recomendar os seus serviços. Se a família o contratasse, ele recompensaria o meu esforço. Algo como uma comissão de vendas.

- Você está falando de dinheiro. Mais dinheiro, não é?

- Geralmente, cinquenta dólares por indicação.

- Ora, ora, ora - disse D. D. Ela se virou para Alex. - E Lightfoot nos disse que usava o dom sem pedir nada em troca.

- Ah, é claro - ironizou Greg. - Nada além de cem pratas por hora.

- Quem mais participava do esquema? - perguntou D. D.

- O que quer dizer com isso?

- Há outros conselheiros trabalhando com famílias durante as horas de folga?

Outros terapeutas pedindo que você os indique?

- Que eu saiba, ninguém. Mas, como já lhe disse, não é algo que as pessoas costumam falar a respeito aqui na unidade. Talvez outros membros da equipe trabalhem fora do hospital. Talvez não. Você teria que perguntar a eles.

Alex entrou na conversa. - Espere um momento. Primeiro, os Harringtons lhe pagavam trinta dólares por hora para levar Ozzie ao parque. Depois, eles pagam cem dólares a Lightfoot por hora pela terapia espiritual. Eles não tinham dinheiro para fazer isso.

- Eles mandavam as contas para o estado, que geralmente custeia algumas horas de serviços de saúde em domicílio por mês. Assim, o estado pagava pela metade das minhas horas com Ozzie, e os Harringtons pagavam a outra parte. Não sei qual era o acordo que tinham com Lightfoot, mas aposto que eles declaravam suas atividades como "serviços psiquiátricos". Uma vez vi alguns papéis sobre a mesa da cozinha. Não eram nem um pouco parecidos como uma fatura dos serviços de um curandeiro espiritual. Pareciam-se mais como recibos de consultas médicas. Andrew colocava os títulos após o seu nome, inclusive. Imagino que era a sua forma de burlar o sistema para pessoas como os Harringtons.

- Pessoas como os Harringtons, talvez - disse Alex, ainda sem se convencer. -

Mas o que você me diz sobre a família de Tika? Eles não tinham condições de pagar nem por uma fração do valor que você cobra.

- Realmente, não tinham - concordou Greg. - E não pagavam. Eu estive com Tika quatro vezes. A situação foi a mesma. Estabeleci uma relação amistosa com a menina aqui, e senti que ela estava fazendo progressos. Quando ela recebeu alta, o pai veio perguntar se eu poderia visitá-la de tempos em tempos. A mãe estava prestes a ter outro bebê, ela podia se beneficiar se houvesse alguém para cuidar de Tika etc. etc. Assim, fui até lá. Na primeira vez em que entrei na casa, acabei vomitando todo o meu almoço. O pai estava deitado no sofá, obviamente chapado de tanto fumar maconha. Os tornozelos da mãe estavam muito inchados por causa da gravidez, e ela não conseguia se levantar da cama. Eu ergui seus pés, trouxe-lhe água para beber e depois levei todas as crianças para o parque. Fiquei com eles durante quatro horas. Quando voltei, o pai já estava acordado. Ele me agradeceu muito pelo que eu fiz, e me deu um pacote de maconha pelo trabalho.

- Ele lhe pagou com drogas? - perguntou Danielle, com a voz incisiva.

Greg lhe lançou um olhar sério. - Eu recusei.

- Oh, entendo. Pelo menos você ainda tem alguma ética.

Ele voltou a corar, enrijecendo o queixo, e depois concentrou a atenção nos policiais. - Eu disse que não queria a droga - repetiu ele, firmemente. - Ele disse que me pagaria na semana seguinte. Quase recusei, mas, logo em seguida, Tika veio correndo e me abraçou com força, e... bem, não sei o que aconteceu. Aquela casa...

eu sabia que estava encrencado, mas, às vezes, é muito difícil simplesmente dar as costas para alguém naquela situação.

- E então, o que você fez? - pressionou D. D.

- Banquei o idiota durante mais três semanas. Ia até a casa, levava as crianças ao parque, nunca recebia um centavo. E, para deixar as coisas mais claras, eu não trabalhava só pelo dinheiro. Se eu achasse que podia ajudar Tika de alguma forma...

que diabos, continuaria a fazer aquilo. Mas aquela família... o padrasto da menina...

eles são o tipo de pessoa que você aprende a evitar. Eles não estão interessados

no bem estar das crianças. Querem que você cuide delas. Querem que você faça todo o trabalho pesado. Ou seja, nada do que eu fazia era bom o bastante, e nada do que eu fazia teria qualquer resultado duradouro. É preciso se afastar, ou eles sugam tudo o que puderem. Essa é a verdade pura e simples.

- E Lightfoot? Você recomendou a família a ele?

- Recomendei que ele não se envolvesse - respondeu Greg, lacônico.

- E ele seguiu o seu conselho?

Greg hesitou. - Acho que não.

- E por que diz isso?

- Ele parecia estar... interessado neles. Bem, os pais eram um desastre, mas as crianças... Ishy, o mais velho, claramente tinha algum tipo de autismo, mas era um garoto muito meigo e tranquilo. Havia também Rochelle, que era muito inteligente. E

Tika... bem, Tika era... complicada. Muito sensível, quase intuitiva. Andrew estava fascinado por eles, mas especialmente por Tika. Quatro almas antigas, como me disse certa vez. Quatro almas antigas presas em um abismo corpóreo.

- Quatro? - perguntou Alex.

- O bebê - acrescentou Greg. - Aparentemente, Andrew já havia encontrado o bebê no mundo espiritual.

- É mesmo? - perguntou D. D.

- Sim. Ele sabia até mesmo que seria uma menina. Não sei como isso acontece, mas, às vezes... Andrew sabia do que estava falando. E, às vezes, trabalhava de

graça. Tinha condições de fazer isso. Assim, se ele quis trabalhar com a família de Tika... - Greg deu de ombros.

- E ele o fez? - insistiu D. D.

- Não sei. Não somos o tipo de caras que saem para tomar cerveja e conversar

sobre a vida.

D. D. trocou um olhar com Alex. Percebeu que ele estava pensando. Lightfoot mentira quando disse que não conhecia Tika Solis. Também não havia mencionado que estava envolvido em algum esquema para fraudar o sistema de saúde, recebendo dinheiro do estado em troca de serviços médicos que não tinha qualificação para prestar. Aquilo fez com que D. D. começasse a imaginar quais outros segredos o curandeiro escondia.

D. D. voltou a olhar para Greg. - Não sente inveja? Afinal, aqui está você, com um passado trágico, uma irmã com problemas mentais, tendo que trabalhar demais para conseguir pagar as contas e sobreviver. E ali está Lightfoot. Ele é bonitão, tem uma vida de luxo e uma casa na praia. Como você vai conseguir competir com esse cara?

- Competir? - perguntou Greg.

- É claro. Ele lhe dá cinquenta dólares a cada vez que você indica seus serviços. Mas todos nós sabemos que ele lhe daria ainda mais se você lhe entregasse a sua namorada.

- O que você disse? - perguntou Danielle, indignada com a insinuação.

- Ora, não banque a imbecil. Você já percebeu a maneira como Lightfoot a observa - completou D. D. - Como se você fosse uma sobremesa com a qual ele quer se empanturrar.

- A única coisa com a qual ele se importa é a minha história familiar.

- Isso não é verdade - disse Greg, com a voz seca.

- Mas que diabos... como assim? - perguntou Danielle, encarando-o.

- Ele quer você. Sempre quis. Qualquer um consegue perceber quando nota o jeito que ele a observa. Se há uma coisa que não entendo, é o motivo pelo qual você não se sente atraída por ele.

- Porque ele é um idiota? - tentou Danielle.

- Um idiota cheio de dinheiro.

- Você realmente tem problemas sérios - retrucou ela, com os olhos queimando de raiva.

- Todos temos.

- Olhe aqui. Eu saí uma única vez para jantar com Andrew, e foi o bastante.

Você fala como se eu fosse algum produto que os homens podem comprar e revender.

- Você nunca saiu para jantar comigo - rebateu Greg. - Quantas vezes já a convidei? Dez? Vinte? Trinta? Como você mesma disse, você teve mais consideração pelo "idiota" do que por mim.

Danielle sentiu seu rosto corar. Ela afundou na cadeira e desviou os olhos de Greg. - Bem, honestamente, gosto de você - murmurou ela. - Isso deve fazer alguma diferença.

- Idiotas conseguem levá-la para jantar. Bons homens não conseguem nada.

- Como você mesmo disse, todos nós temos problemas.

- Bem, agora sou oficialmente um idiota que extorque dinheiro de famílias desesperadas.

- Com licença - interveio D. D. - Eu detesto interromper, mas é melhor esquecerem os planos para o jantar. O único lugar aonde o professor de educação física irá quando sair daqui é a cadeia. Você conhecia todas as famílias. Você teve a oportunidade para enforcar Lucy e envenenar Lightfoot. Você também está familiarizado com os usos mais letais da estricnina, e também tem um histórico envolvendo extermínio de família.

- Tecnicamente, não - interrompeu Greg. - Tenho um histórico familiar envolvendo parricídio. Minha irmã matou meus pais. Isso não é extermínio de família.

- Ele tem razão - emendou Alex.

D. D. lhe lançou um olhar agressivo.

- E eu tenho um álibi - continuou Greg. - Os Harringtons morreram na quinta-feira à noite, não foi? Eu estava trabalhando, cuidando de Evan Oliver, o garoto que foi trazido para a unidade na tarde de hoje.

- Espere um momento - disse Alex, inclinando-se para frente. - O garoto que foi internado hoje. Foi o mesmo que esfaqueou a mãe, não é?

- Evan Oliver. Trabalho para a mãe dele uma vez por semana.

- Você conheceu a família fora da unidade?

Greg confirmou com um aceno de cabeça.

- E Lightfoot? Ele trabalhou com o garoto também?

- Talvez tenha lhe indicado a família. Talvez tenha recebido cinquenta pratas.

Alex voltou a se recostar. Olhou para D. D., e de volta para Greg em seguida.

- Tem experiência no uso de armas de fogo, Greg?

- Nenhuma.

- Nem com *tasers*?

- O quê? Ora, olhe bem para mim. Não preciso usar esses brinquedos.

- Nem mesmo um travesseiro, quando quer sufocar uma criança?

- O quê? - Greg parecia estar horrorizado com essa pergunta.

D. D. voltou a se virar para Alex. - É o que você acha? - perguntou ela.

- Gostaria de fazer algumas perguntas ao curandeiro - concordou Alex. -

Incluindo a razão pela qual ele mentiu a respeito de não conhecer a família Laraquette-Solis, à época em que decidiu começar a cobrar para usar seu "dom", e qual álibi ele teria para as noites de quinta e sexta-feira.

- Pelo menos, sabemos onde ele está neste momento - disse D. D., levantando-se da cadeira. Alex fez o mesmo. - Vocês dois - disse ela a Danielle e Greg. -

Fiquem aqui. Se tiverem sorte, não vou prendê-los quando voltar para cá. Mas não prometo nada por enquanto.

Ela lhes deu um sorriso malicioso. Em seguida, saiu com Alex para uma nova caçada.

Segunda-Feira

Capítulo 35

Victoria

Um som baixo e constante vindo do corredor me acorda. Meus olhos se abrem. Eu sinto um momento de náusea forte e intensa, e me viro de lado para vomitar.

Em seguida o enjoo passa. Sinto-me desorientada e abalada. Lentamente, volto a apoiar as costas no colchão. Olho fixamente para o teto do meu quarto de hospital e levo alguns momentos para me ajustar.

Estava brincando com meu filho. Conversando com meu ex-marido. E agora...

isto.

Deveria chorar? Eu queria. Acho que, se o seu filho o esfaqueia, chorar é provavelmente algo lógico a fazer. Mas não consigo encontrar as lágrimas. Sinto-me seca, sem nada por dentro. Passei anos travando uma guerra. E, em trinta segundos, fui derrotada.

Não há mais como voltar atrás. Esta é a nova realidade. Meu filho é um criminoso violento e sou sua primeira vítima.

"Pelo menos não foi Chelsea", eu penso, e é nesse momento que começo a chorar. Soluços baixos e abafados de alívio, porque Michael não era o único que passou anos e anos temendo que um dia tivesse que atacar seu próprio filho para salvar a outra filha. Pelo menos, a situação não chegou a esse ponto. Pelo menos isso.

Logo depois, penso em Evan novamente, com seus belos olhos azuis e o riso contagiante enquanto corríamos pelo quintal, e choro ainda mais.

Sempre vou olhar para Evan e me lembrar do que ele fez. E ele sempre vai olhar para mim e se lembrar do que fez, também.

Não há como voltar atrás. É impossível voltar atrás.

Volto a pensar naquilo. A percepção ardente e incessante: tenho de sair daqui.

Não posso mais ser esta pessoa. Não posso mais viver assim. Isso dói demais.

Tento me sentar. O movimento causa uma dor forte e penetrante no lado esquerdo do corpo. Eu sufoco um gemido de dor, hesito, mas finalmente consigo me levantar. Depois de tudo que passei, me recuso a ser detida por algo tão trivial quanto dores físicas. Meus dentes rangem com o esforço e me obrigo a ficar em pé.

Minhas pernas fraquejam. Agarro a cabeceira de metal da cama e seguro firme.

Quando finalmente tenho a certeza de que não vou desabar no chão, passo a focar minha atenção nos aparelhos hospitalares. O primeiro que eu desligo é o monitor cardíaco, retirando a peça de plástico que envolve o dedo. A seguir, removo o esparadrapo que prende a agulha intravenosa no dorso da minha mão, e retiro a agulha da carne. Uma gota de sangue solitária brota na minha pele clara. Eu a enxugo e juro que nunca mais voltarei a sangrar.

Caminho cuidadosamente, cinco passos dentro do espaço do quarto. Não vou conseguir. A cada vez que inspiro o ar, minhas entranhas parecem estar sendo fustigadas por estilhaços de vidro. Sinto tontura e dor. Preciso me deitar. Mas, quando me viro para voltar para a cama, não consigo chegar até lá. Talvez esteja louca. Talvez Evan não seja o único que perdeu a sanidade naquela manhã. Mas não posso voltar atrás. Não voltarei.

Maldição. Depois de tudo que passei nos últimos oito anos, tenho o direito a, pelo menos, um colapso nervoso.

Decido que preciso de ataduras mais fortes. Algo para envolver minhas costelas e que me ajude a suportar a dor no estado frágil em que me encontro.

Há um lado positivo, pelo menos. Passei anos cuidando discretamente dos resultados dos ataques de Evan. Recoloquei dedos deslocados no lugar, fechei cortes profundos com cola Super-Bonder (falaram sobre isso no Discovery

Channel) e cobri costelas quebradas com fita adesiva. Tudo o que preciso é de alguns produtos básicos do dia a dia, e posso ser uma ótima paramédica.

Bem, estou em um hospital, não é?

Caminho lentamente em direção ao corredor, segurando o cós da camisola cirúrgica com uma das mãos. O relógio na parede mostra que já passa da meia-noite.

O domingo terminou. Já é oficialmente segunda-feira. Tento buscar forças nesse fato. Um dia novo e admirável. Após tudo o que aconteceu, em pé no meio de um corredor e banhada pelas luzes do teto, me sinto perdida e só.

A ala de internação está mergulhada no silêncio, e o balcão das enfermeiras está vazio. Continuo andando. Quando passo pela quarta porta, encontro um carrinho com produtos para a prestação de primeiros socorros. Pego um rolo de gaze e uma caixa de prendedores plásticos, e volto lentamente para o quarto, fechando a porta por trás de mim. Preciso descansar. Minha cabeça gira. Mastigo algumas lascas de gelo, depois deito sobre a cama. Meus lábios doem. Mastigo e engulo mais gelo; em seguida, embora não queira fazer aquilo, adormeço.

Quando acordo, o relógio da parede me informa que duas horas se passaram.

Alguém colocou um cobertor sobre mim, e há uma pequena mala de viagem sobre a cadeira. Michael, provavelmente. Sinto uma dor no peito, como se meu ex-marido houvesse me abandonado outra vez. Louca. Estou ficando louca.

Não me importo.

Ainda tenho os produtos de primeiros socorros na mão. Isso me dá força e faz com que eu recupere a força de vontade. Volto a me levantar da cama. Sinto que as pernas estão mais fortes desta vez e estou conseguindo respirar sem esforço.

Removo a camisola cirúrgica que estou usando, inspecionando os curativos sobre as costelas. Pequenos pontos escuros, cor de ferrugem. Sangue coagulado. O

ferimento não é recente. Para mim, está ótimo.

Trabalho cuidadosamente, envolvendo o tórax com o rolo de gaze, apertando a

bandagem com cada uma das voltas, até que a constrição me força a endireitar a coluna e respirar com inspirações e expirações curtas. Finalmente, prendo as ataduras, estabilizando as costelas e aliviando um pouco da dor.

Em seguida, exploro a bolsa de viagem. Michael trouxe os itens básicos: um conjunto de moletom, roupa íntima, meias, chinelos e produtos de higiene pessoal.

Tenho uma sensação de *déjà vu*, até que finalmente me dou conta da razão. A bolsa tem os mesmos objetos que preparei para levar ao hospital quando Chelsea nasceu, os mesmos que planejava levar para o parto de Evan, se ele não tivesse nascido prematuramente.

Volto a sentir o conflito. Quero sentir cada um daqueles objetos, como se fossem talismãs da vida que não posso rejeitar, da mulher que eu tinha esperança de ser. Vou me sentar aqui. Chorar de maneira patética, com uma calça de moletom sobre o colo.

O momento de autopiedade me causa nojo. Estou farta de chorar. Farta de amar um homem que me abandonou. E farta de cuidar de uma criança que enfiou uma faca entre as minhas costelas, e depois me telefonou para dizer que faria o serviço direito da próxima vez.

A vida que eu imaginava ter um dia chegou ao fim. Chegou a hora de um novo começo, uma nova mulher. Uma que caminha por praias de areia branca vestindo uma saia longa, roxa e esvoaçante, e tem nas mãos um copo de *margarita* com sal na borda. Talvez eu conheça um rapaz mais novo, um surfista. Vamos fazer sexo debaixo das palmeiras e ficar com os corpos cobertos de areia. Vou ver o Sol nascer enquanto ouço o canto das gaivotas. Pensarei apenas em mim mesma e naquilo que quero fazer, em cada minuto de cada dia. E vou gostar dessa vida.

Perdi a cabeça.

Dane-se. Eu me visto.

A dor é quase insuportável. Uso a dor para fortalecer a minha convicção.

Roupa íntima. Calças de moletom. Camiseta. Chinelos. Escovo os dentes e penteio os cabelos. O mundo não sabe o que o aguarda.

Estou suando. O lado esquerdo do meu corpo queima. Bebo a água que sobrou no copo plástico com o derretimento das lascas de gelo.

Não tenho dinheiro, não tenho passaporte, não tenho sanidade. Não é exatamente uma receita para o sucesso.

E me lembro agora de que nunca gostei de ficar ao sol. Fico queimada com facilidade, especialmente na parte superior do rosto. Não quero uma *margarita*. Não quero nem mesmo um romance com um surfista.

O que mais quero é ver Evan novamente.

Oitavo andar, foi o que disseram. Talvez possa subir até lá discretamente, olhá-

lo enquanto está dormindo...

Direi a ele que o amo. Sussurrar em seu ouvido, como costumava fazer todas as noites quando Evan ainda era um bebê.

Tocarei um dos cachos loiros, a mecha rebelde sobre o olho direito. Deslizar os dedos pelos seus cabelos e sentir o quanto são sedosos, e me lembrarei de todas as vezes que Evan me abraçou, todas as vezes que Evan me beijou, todas as vezes que Evan disse que me amava.

"Desde aqui até a lua e as estrelas, e todo o caminho de volta..."

Não quero fugir. Tudo o que quero é abraçar o meu filho. Quero que voltemos a ter nossa vida, quero que tudo fique bem.

Oitavo andar. Não é tão longe. Não é tão difícil. Basta pegar o elevador para ver Evan.

Eu abro a porta do quarto e espio pelo corredor. Tudo está tranquilo. Decido arriscar, andando a passos trôpegos em direção à liberdade.

Passo pelo balcão das enfermeiras, cobrindo metade da distância até o elevador, e logo já completei três quartos do percurso. Quase em frente às portas dos elevadores. Bem perto. Mais cinco metros. Quatro. Dois. Mais dois passos e conseguirei...

- Victoria?

A voz por trás de mim me deixa paralisada. Eu me viro, relutantemente, sentindo-me fracassada. "Não posso voltar atrás", penso, ensandecida. Preciso do meu filho. Preciso da minha liberdade. Preciso de algo que não seja essa dor lancinante que sinto no peito.

- Victoria? - chama o meu amante novamente. Seu rosto tem uma expressão preocupada. - O que você está fazendo em pé? Você devia estar na cama.

- Estou me sentindo muito melhor, obrigada.

- Victoria, acho que o seu ferimento...

Eu olho para baixo. Por que a surpresa? Estou sangrando.

Ele estende um braço. - Venha comigo.

- Não.

- Victoria?

- Preciso subir até o oitavo andar. Preciso encontrar Evan. Por favor. Por favor, me ajude.

Percebo, pela primeira vez, que ele tem um aparelho grande e negro nas mãos.

Parece ser uma arma de fogo, mas não exatamente. - O que é isso? - pergunto.

Ele olha ao redor. Ainda não há nenhuma enfermeira à vista. - Apenas apressando as coisas - diz ele.

Ele aponta o objeto na minha direção. Sinto um forte choque elétrico, e depois...

Capítulo 36

D. D. e Alex preferiram usar as escadas em vez de descer pelos elevadores.

Precisavam esticar as pernas e o poço das escadarias proporcionava uma oportunidade excelente para conversarem.

- O que achou? - perguntou D. D. a Alex assim que a porta de emergência se fechou por trás deles.

- A respeito de Greg, o professor de educação física?

- A respeito de todos eles. Temos a enfermeira Danielle, com um histórico familiar compatível com os crimes. Ela também tem uma ligação pessoal com Lucy e Lightfoot.

- Lightfoot?

- Ele queria ter algum tipo de relacionamento com ela, embora Danielle não quisesse o mesmo que ele.

Alex pensou no assunto enquanto desciam pelo primeiro lance de escadas. - Ou seja, se alguém quisesse atingir Danielle, a metodologia dos dois primeiros crimes e os alvos dos dois últimos fariam sentido.

- Isso também serve para acusar Greg, o professor de educação física. Ele teria motivos para tal.

- Amor não correspondido.

- Exatamente. Passa anos cortejando Danielle, mas não consegue nem mesmo sair para jantar com ela, embora a enfermeira tivesse aceitado o convite de Lightfoot.

Ele tem a oportunidade, conhece as famílias Harrington e Laraquette-Solis. Estava trabalhando aqui no hospital na noite em que Lucy desapareceu, e também na noite de hoje, quando alguém envenenou a bebida de Lightfoot.

- Ele alega ter um álibi para a noite em que os Harringtons foram assassinados.

- Um álibi que não é fácil de ser verificado, já que a mãe foi esfaqueada e o filho é psicótico.

- Talvez o ataque não tenha atingido o alvo pretendido - filosofou Alex.

- Como assim?

- O filho esfaqueou a mãe. Tem uma certa semelhança com as cenas dos nossos

dois primeiros crimes.

D. D. balançou a cabeça negativamente. -Esta família tem apenas a mãe e o filho. É pequena demais. Não há figura paterna, e, nos dois primeiros ataques, o pai tinha importância. As cenas foram organizadas para que o pai fosse apontado como o responsável pelas mortes. Os crimes tinham que se refletir no pai de cada família.

- Pais são maus.

- Pelo menos, aqueles que matam suas famílias.

Alex pareceu aceitar aquele comentário. - O problema é que Lightfoot também conhecia as famílias. Assim, temos agora dois suspeitos a considerar. E os dois mentiram para nós.

- Lightfoot nos disse que não conhecia Tika Solis, quando, na verdade, conhecia.

- E Greg disse que nunca conheceu a família de Tika, mas, na verdade, prestou serviços a eles.

- Há um detalhe aqui - destacou D. D. - Greg nunca disse que não conhecia a família. O que ele mencionou foi que a família nunca veio até a unidade.

- Você vai retirá-lo da lista de suspeitos por causa de um detalhe técnico? -

perguntou Alex, olhando para ela. - Bem, acho melhor começar a usar camisetas mais justas e falar com voz de barítono.

D. D. revirou os olhos. - Não me entenda mal. O professor de educação física ainda é um suspeito em potencial. Afinal, Lightfoot não estava trabalhando na noite em que Lucy foi enforcada. Além disso, precisamos também considerar que ele foi envenenado.

Alex assentiu. - É um caso interessante. No começo, não havia qualquer ligação entre as famílias, mas agora, elas existem aos montes: a unidade psiquiátrica, um conselheiro sociocomportamental que prestava serviços em domicílio para ganhar um dinheiro extra, e o curandeiro espiritual local. Vale a pena perguntar:

quais outras pessoas estariam envolvidas? Aparentemente, o mundo das crianças com problemas mentais parece ser pequeno e incestuoso. Portanto, talvez haja outros especialistas a considerar: um psiquiatra, um terapeuta, um prestador de cuidados em domicílio, uma enfermeira?

- Ou seja, devemos conversar com Phil e Neil, também. Phil está analisando os históricos e fichas policiais das pessoas envolvidas, e Neil está compilando uma

lista de todos os funcionários que visitam a unidade regularmente. Basta juntar tudo...

- E ver se há alguém que se destaca - completou Alex.

D. D. gostava daquilo. Ainda havia outros quatro lances de escada para descer.

A sargento tirou o telefone celular do bolso.

Phil atendeu à ligação no primeiro toque. Parecia cansado e faminto enquanto conversava. Aparentemente, na delegacia, eles ainda não haviam conseguido buscar pizzas. Por outro lado, a central de polícia de Boston não tivera que lidar com um bando de crianças ameaçando arrancar os olhos das pessoas. Perde-se de um lado, ganha-se do outro.

Até o momento, Phil levantara os fatos básicos: registros de multas e ocorrências no trânsito, histórico profissional e vários bancos de dados criminais.

Pesquisando os nomes da lista que D. D. lhe entregara, Phil relatou que nenhum dos nomes tinha qualquer mandado de prisão ou histórico criminal digno de nota. Ed, o conselheiro corpulento, gostava de dirigir em alta velocidade, e Danielle precisava pagar algumas multas por estacionamento irregular. Greg, por sua vez, não tinha qualquer menção no sistema policial. D. D. relatou o histórico familiar sórdido de Greg, e Phil prometeu investigar o passado de Greg e de sua irmã mais a fundo.

- Embora, pelo que você está me dizendo, Sally ainda era menor e o caso nunca foi a julgamento. Não tenho certeza de que vou achar alguma coisa no sistema -

advertiu Phil.

- Comece verificando se Sally realmente existe, se seus pais foram envenenados

com estricnina, e se Greg paga vinte mil dólares por ano ao local onde ela vive hoje.

- Isso vai ser mais fácil.

D. D. quase podia ouvir Phil estalar os dedos pela linha telefônica. Ele adorava escarafunchar o sistema em busca de dados.

- Tem notícias de Neil? Ele já conseguiu compilar a lista de funcionários do hospital, prestadores de serviços terceirizados etc.? - perguntou D. D.

- Ele entregou uma lista preliminar de faxineiros, funcionários responsáveis pela alimentação dos pacientes e alguns prestadores terceirizados há pouco mais de uma hora. Ainda estou trabalhando nessa lista, mas há um nome que parece se destacar -

o curandeiro, Andrew Lightfoot. Imagino que Lightfoot não seja o seu nome verdadeiro, porque não existe no sistema.

D. D. olhou para Alex, e em seguida se lembrou do detalhe. - Na primeira vez que conversamos, ele mencionou que estava usando o sobrenome de seus antepassados. Era melhor para os negócios.

- Bem, se você quiser que eu descubra mais a respeito dele, precisarei do nome verdadeiro.

- Combinado - respondeu D. D., antes de desligar o telefone. Ela se virou para Alex. - Vamos precisar fazer mais perguntas a Lightfoot. E a primeira delas será sobre o seu verdadeiro sobrenome.

Não deveria ser algo muito difícil. Exceto pelo fato de que, quando chegaram à ala principal do hospital, Lightfoot desaparecera.

Capítulo 37

Danielle

- Por que você não me contou? - perguntei a Greg.

- Por que você nunca perguntou a respeito? - retrucou ele.

Estávamos sentados lado a lado na mesa de interrogatório, confinados à sala de aula, sob os olhos atentos de outro investigador. O policial que bancava a babá estava do outro lado da sala, comendo pizza e lendo o conteúdo das pastas do arquivo. Aquilo nos dava a ilusão de privacidade, embora ele provavelmente escutasse com atenção, anotando cada palavra que dizíamos.

- Eu entenderia - foi o que lhe disse. Minha voz soava petulante, até mesmo para mim. Os segredos de Greg me enfureciam. Era eu que tinha aquela bagagem horrível. A vida dele deveria ser um livro aberto. Agora eu tinha que encarar o fato de que Greg também possuía seu próprio passado trágico, e mesmo assim era uma pessoa melhor ajustada à sociedade do que eu.

Greg me olhou, pensativo. - Por quê?

- Você ainda pergunta? Seu histórico familiar, meu histórico familiar. Você podia ter me falado sobre sua irmã. Eu entenderia!

- Por quê? - perguntou ele novamente. - Para que eu imaginasse saber o que você está sentindo, para você imaginar que saber o que eu sinto... - disse ele, dando de ombros. - Alguém disse certa vez: Todas as famílias felizes são iguais, mas cada família infeliz é infeliz à sua própria maneira.

- *Anna Karenina*. A única frase que li desse livro. Mesmo assim... - Me recostei na cadeira, com as mãos enfiadas nos bolsos da minha calça, ainda irritada.

- A maioria das pessoas sabe quem era sua família, ou o que suas famílias foram.

Mas nós não sabemos. A história das nossas famílias ainda é um ponto de interrogação. Seu pai era mau como dizem? Sua irmã é doente como dizem? Meu pai era mau como diziam, ou foi a bebida que o deixou assim? Não sabemos. Nunca saberemos. E não saber nada a respeito disso é deprimente.

- Sinto saudades dos meus pais - disse Greg após um momento. - Meu pai me tratava bem. Minha mãe também era uma boa mãe. Gostaria que eles pudessem me ver agora. Queria que eles pudessem saber que pelo menos um de seus filhos se tornou uma boa pessoa.

Eu assenti. Também pensava dessa maneira, nas poucas vezes em que me

permitia pensar na minha família. Será que minha mãe teria orgulho de mim?

Será que Natalie e Johnny admirariam o trabalho que faço com crianças doentes? Talvez teriam me aplaudido quando me formei na faculdade de enfermagem. E talvez, quando consegui ter sucesso com a minha primeira criança perturbada, eles teriam gostado de ouvir as histórias sobre o meu trabalho.

Eu deveria ter saído para jantar com Greg. Ele é uma boa pessoa. O cara decente que não consegue conquistar a garota, porque a maioria das garotas, incluindo a mim mesma, é idiota demais para entender esse tipo de situação.

- Não quero que você sinta pena de mim - dizia ele agora, com a voz amargurada. - Não preciso da sua piedade.

- Não era nisso que eu estava pensando.

- O que eu quero dizer é... bem, olhe as crianças que temos aqui. A maioria delas não tem pai. A maioria delas não tem pessoas que possam lhe dar qualquer tipo de cuidado. A vida é assim. Se nós tivermos a esperança de que elas possam superar essas situações, então nós também podemos.

- Você podia vir até a minha casa - eu disse. - Daqui a duas semanas. Não estarei tão perturbada. Todos estes problemas já estarão resolvidos. Vou preparar um jantar para você.

Greg piscou os olhos. Ficou em silêncio. Piscou novamente. - Na sua casa?

- Não divido a minha casa com ninguém. E nós temos certos assuntos para concluir.

A boca de Greg formou um "oh" silencioso. Aquilo fez que me sentisse melhor em relação a tudo que estava acontecendo. Mas, em seguida, Greg estreitou os olhos, me observando atentamente.

- Você realmente acha que não vai estar tão perturbada? Ou que todos os problemas estarão resolvidos? - perguntou ele.

- Espero que sim.

- Por que você não tenta superar isso, Danielle? Já faz décadas que isso lhe aconteceu, e, falando estritamente como amigo, a cada ano você fica pior, não melhor. Será que você faz perguntas demais, ou será que não faz perguntas o

bastante?

- Não sei. Talvez... - suspirei. O policial que estava conosco na sala ainda parecia estar ocupado com seus próprios afazeres. Enfim, dane-se. Aproximei meu

rosto do de Greg e sussurrei: - Durante todo esse tempo eu não fiz quaisquer perguntas. Sentia raiva e estava satisfeita por ser assim. Mas, desta vez... comecei a pensar sobre aquela noite. Comecei a me lembrar. Fui eu que levei a arma para o quarto dos meus pais. Eu estava farta daquela situação. Meu pai estava... fazendo coisas ruins. Eu queria que aquilo chegasse ao fim. Minha mãe me forçou a lhe entregar a arma. Ela disse que cuidaria das coisas. Ela me prometeu. Depois daquilo, me lembro de que meu pai estava em pé no vão da porta do meu quarto, estourando a própria cabeça. Sempre pensei que aquilo era minha culpa. Eu havia confessado à minha mãe. Ela confrontou meu pai. Ele perdeu a cabeça. Tinha que ser minha culpa, não é? Mas agora... não tenho tanta certeza. Minha tia disse que havia problemas no casamento, coisas que não tinham nada a ver comigo. E eu poderia jurar que o relógio na mesinha de cabeceira da minha mãe marcava dez e vinte e três quando saí do quarto dos meus pais. A polícia chegou à uma hora da manhã. Duas horas e meia depois. O que aconteceu? Meus pais brigaram? Minha mãe confessou que estava tendo um caso, tentou mandá-lo embora de casa? Duas horas e meia é um tempo muito longo. Duas horas e meia... - Balancei a cabeça, confusa. - Eu sempre pensei que a pergunta central da minha vida era se meu pai havia me poupado porque me amava demais, ou porque me odiava demais. Agora me pergunto se toda a minha vida se resume a duas horas e meia naquela noite, enquanto eu estava escondida debaixo das cobertas da minha cama.

- Danielle... - começou Greg.

- Lembre-se do acordo: nada de sentir pena.

- E do jantar daqui a duas semanas.

- Sim, jantar daqui a duas semanas. Sem outras pessoas na casa.

Ele sorriu. Aquilo aliviou o aperto que eu sentia no peito, fez que eu quisesse tocar o hematoma que deixei em seu queixo.

- Não tenho vocação para ser uma boa namorada - eu o lembrei. Ouvi a agressividade na minha voz. - Mas vou tentar. É hora de perdoar. Hora de

esquecer.

Mas esse é um território novo para mim. O sentimento com o qual tenho mais experiência é a raiva.

- Danielle...

- Minha família está morta. Eu ainda estou viva. Preciso fazer algo com a minha vida.

- Já terminou?

- Sim.

- Danielle, há quanto tempo nós nos conhecemos?

- Anos.

- Cinco anos, para ser exato. Faz somente dois anos que eu a convido para sair.

Você pode sentir raiva se quiser, Danielle. Não é nenhuma novidade para mim. E

você pode sentir tristeza, porque é algo que poderei compreender. E, se você quiser aprender a perdoar e esquecer, ficarei feliz em ajudá-la com isso também. Talvez eu consiga até mesmo aprender alguma coisa nesse meio-tempo. Mas você não é obrigada a mudar, Danielle. Não precisa fazer isso por mim.

- Você é um homem corajoso.

Ele sorriu. - Não é bem assim, mas diria que sou uma pessoa estável. É o que sou. E uma pessoa estável não é glamorosa, e não é para todas as garotas. Mas espero que seja o suficiente para você.

- Nunca fiquei com alguém estável. Para mim, alguém estável será alguém glamoroso.

- Então, em duas semanas... - começou Greg, antes de interromper a frase. Ele se endireitou na cadeira, inspirando o ar. - Está sentindo cheiro de fumaça?

Concentrei-me e inspirei. No início, senti apenas cheiro de queijo e *pepperoni*, mas, logo em seguida... - Sim, estou sentindo.

De repente, o som do alarme de fumaça cortou o ar. Tapei as orelhas, empurrando a cadeira para trás.

Greg já estava se levantando, e o investigador também.

- Vocês dois, fiquem onde estão - começou o policial.

Greg o interrompeu. - Nem pensar. Depois do tumulto desta noite, a maioria das crianças está sob o efeito de medicações fortes. Eles não conseguirão sair andando da unidade. Vamos ter que carregá-los.

Greg foi até a porta e colocou a mão contra a madeira. - Está fria ao toque -

informou ele. Ao abrir a porta, algumas nuvens de fumaça começavam a tomar o corredor, e nós ouvíamos o som frenético de pessoas correndo.

Definitivamente, aquilo não era um teste. Greg e eu olhamos para o policial. O

policial olhou para nós.

- Pegue a primeira criança que avistar - eu informei ao investigador. - Desça com ela pelas escadas. Há quatorze crianças internadas aqui, e nós estaremos logo atrás de você.

Karen liderou a evacuação. Nós a encontramos posicionada em frente às portas duplas que levavam à unidade, com a lista de pacientes nas mãos e os óculos com aro de metal equilibrados sobre a ponta do nariz. Eu ainda não conseguia identificar a causa da fumaça ou sentir qualquer calor, mas percebia que o corredor estava coberto por algum tipo de nebulosidade, e a fumaça se enrodilhava ao redor dos pés de Karen enquanto ela recitava o nome de cada uma das crianças com uma voz firme e potente.

Ed estava por perto, preparando-se para pegar o primeiro grupo de crianças, um trio ainda bastante sonolento que Cecille conduzia pelo corredor. Ela fazia com que eles andassem em fila indiana pelo corredor, com a mão sobre o ombro da criança que ia à sua frente, do jeito que havíamos praticado. As crianças, ainda de pijamas, andavam a passos trôpegos, cansadas demais para fazer qualquer coisa além das instruções que recebiam.

Em seguida uma porta se abriu repentinamente, e Jorge e Benny saíram em

disparada do quarto onde dormiam. Eles correram em direção ao trio e derrubaram Aimee no chão antes de subir nos sofás, apertando as orelhas com as mãos, cada um dos garotos gritando mais alto que o próprio alarme.

- Greg, pegue Benny e Jorge - ordenou Karen. - E você - disse ela, olhando para mim. - Você vai atrás de...

- Evan - interrompeu Greg. - O garoto que chegou hoje. Nós lhe demos uma dose dupla de Ativan há duas horas. O garoto está dormindo como uma pedra.

- Certo - disse Karen, fazendo uma marca ao lado de Evan, antes de olhar para mim. - Você vai atrás de Evan. Você, Greg, ainda precisa pegar aqueles dois macacos.

Greg foi em direção a Benny e Jorge, que pulavam sobre o sofá. Eu disparei em direção ao fim do corredor.

Passei por duas portas abertas. Rostos pequenos com olhos grandes espiando para fora, acompanhando meus movimentos. Queria pegar cada uma daquelas crianças, levá-las pessoalmente até um lugar seguro. Não ia funcionar. Precisava seguir o plano.

- Façam uma fila única no corredor. Ed virá buscar vocês - disse a eles, concentrando-me na minha missão.

A fumaça estava mais densa no fim do corredor, fazendo meus olhos arderem.

Comecei a tossir, e cobri a boca com a mão enquanto entrava no quarto de Evan.

Apesar de todo o barulho, o garoto ainda estava adormecido, encolhido sobre a cama e com um cobertor sobre a cabeça.

Eu o agarrei pelos ombros e o balancei com força. Nada.

A fumaça me fez tossir novamente. Eu arranquei o cobertor e dei leves tapas no rosto de Evan. Ainda assim, o garoto não reagia.

Mais fumaça. Meus olhos queimavam. Estava ficando cada vez mais difícil respirar.

Diabos. Eu segurei nos ombros do garoto e o forcei a se sentar. A cabeça de Evan pendeu sobre o meu braço, e sua boca estava aberta, a musculatura do queixo totalmente relaxada. Eu o envolvi com meus braços, contei até três, e depois o levantei, como se fosse um bebê grandalhão.

Cambaleei para trás, apertando os dentes. Logo antes de desabar no chão, consegui recuperar o equilíbrio, estabilizando o peso de Evan enquanto encontrava uma posição melhor para segurá-lo. O garoto não era pesado demais, mas o corpo era esguio e os braços e pernas pendiam como contrapesos desajeitados.

Tossindo com mais força, coloquei um braço ao redor dos ombros de Evan e o outro sob os seus quadris, e voltei cambaleante para o corredor.

O corredor estava ficando mais escuro. Cada vez mais difícil de respirar. Cada vez mais difícil de enxergar.

Tropecei, quase caindo no chão. No último instante, peguei Evan pelo elástico da cintura do pijama, e voltei a marchar. Quartos vazios estavam à minha esquerda e à direita. Um, dois, três, quatro, cinco.

A equipe havia concluído o trabalho dela. Passei pela área de recreação e cheguei até onde Karen estava.

- Evan - disse ela, triunfante, enquanto marcava o último nome que faltava em sua lista. - Estão todos aqui. Vá para a escada de incêndio, Danielle. Eu vou cobrir a retaguarda.

O alarme de fumaça ainda soava a todo vapor. Karen abriu as portas para mim.

A área do saguão não tinha nenhuma fumaça, o que me permitiu respirar fundo e recobrar o fôlego enquanto me dirigia para a saída de emergência. Evan parecia estar mais pesado agora. Meus braços ardiam com o esforço. A parte inferior da coluna

também. Eu precisava começar a frequentar uma academia. Levantar pesos, ou algo assim.

Abri a porta de emergência. Um lance de escadas de cada vez. Haveria ajuda no fim da escadaria. Eu passei pela plataforma do sétimo piso apoiada na parede.

Acima de mim, ouvi a porta de metal se fechar. Karen, começando sua própria descida.

Crianças de 8 anos são pesadas. Passei pelo sétimo andar. Depois, pelo sexto.

Passo a passo, um após o outro.

Cheguei até a plataforma do terceiro andar. Parei para recuperar o fôlego, e, logo em seguida, a porta se abriu repentinamente. O facho de luz repentino me fez piscar.

Andrew Lightfoot entrou na escadaria.

- Perfeito - disse ele. - E você trouxe Evan. Isso vai facilitar ainda mais a minha vida.

- Andrew? Você não devia estar em observa...

Não cheguei a terminar a frase. Andrew deu um passo à frente. Dois filamentos negros voaram pelo ar, e senti um forte choque elétrico sacudir o meu peito.

Evan caiu no chão. Eu estava logo atrás dele.

Capítulo 38

Quando os caminhões dos bombeiros chegaram com as sirenes ligadas à entrada do centro médico de Kirkland, D. D. e Alex já haviam passado quinze minutos lutando para atravessar a multidão cada vez maior, composta por funcionários sobrecarregados e pacientes confusos. Havia enfermeiros empurrando cadeiras de rodas com tanques de oxigênio acoplados, estagiários conduzindo pacientes em leitos de hospital sobre rodas, e os seguranças que tentavam manter as portas livres.

Portas de vidro se abriam, despejando pessoas para fora. Bombeiros corriam para dentro. Os alarmes continuavam a berrar.

Todo aquele episódio deixou D. D. aflita. Primeiro, Andrew Lightfoot fora envenenado. Em seguida, de acordo com uma enfermeira exausta, ele saltou da maca e saiu andando da sala de emergência. Uma hora depois, os alarmes de fumaça começaram a soar, e agora o hospital inteiro estava sendo evacuado.

Qual era a probabilidade de que algo assim pudesse acontecer?

Em pé no meio do estacionamento, olhando para o prédio de oito andares com as mãos cobrindo as orelhas, D. D. não conseguia ver quaisquer sinais de fogo.

Havia fumaça, entretanto, saindo pelos exaustores do teto. Haveria algum incêndio nas tubulações? Ou problemas elétricos?

Ela se voltou para Alex. - Esse incêndio é real ou fajuto? - perguntou ela, tentando suplantar o ruído dos alarmes.

- A fumaça me parece bem real.

- E onde há fumaça...

Mesmo assim, D. D. sentia que havia algo errado. Ela saiu em busca de um bombeiro. O primeiro que avistou estava ao lado de um dos caminhões, conversando em seu *walkie-talkie*. Fez cara de poucos amigos ao ser interrompido por uma civil, mas logo respondeu ao perceber o distintivo da polícia.

- Qual é a situação? - perguntou ela, gritando para ser ouvida.

- Há indícios de fumaça no oitavo andar. Parece estar vindo do sistema de ventilação.

- Há fogo? - perguntou ela.

- Não há sinais de calor - respondeu o bombeiro, com uma expressão séria. -

Geralmente isso significa que há brasas ou faíscas ocultas, em locais de difícil

acesso, provavelmente em tubulações ou entre as paredes. Precisamos arejar o prédio com cuidado; caso contrário, podemos criar uma corrente de ar inversa que vai transformar o lugar em um inferno. Os esquadrões estão subindo até o topo do prédio, mas ainda não conseguiram encontrar a origem da fumaça.

- Sala de máquinas?

- Estamos tentando conseguir acesso a ela.

- Obrigada. Avise-nos se descobrir alguma coisa.

D. D. deu as costas para o bombeiro e voltou para onde Alex estava. - Meu sexto sentido me diz que algo está muito errado aqui.

- Estou com o mesmo pressentimento.

- Os policiais realmente têm poderes místicos. Maldito Lightfoot. Isso tem a ver com a ala psiquiátrica. Ele aprontou alguma coisa, criou essa fumaça para forçar a evacuação. A pergunta é: por que ele fez isso, e será que conseguiu o que queria?

- Onde estão as crianças? - perguntou Alex, esticando o pescoço para olhar além do estacionamento cheio de gente. Pacientes acamados, pacientes em pé, e pacientes sentados em cadeiras de rodas. Nada de crianças.

Um enfermeiro passou correndo por eles. D. D. agarrou-lhe o braço, forçando-o a parar.

- Sou do departamento de polícia de Boston - gritou ela. - Preciso saber sobre as crianças que estavam na unidade psiquiátrica do oitavo andar. Por onde eles saem durante os treinamentos contra incêndios?

O enfermeiro piscou à medida que D. D. lhe fazia as perguntas, obviamente interrompido enquanto executava várias tarefas. Ele apontou para a lateral do prédio imenso, falando apressadamente enquanto corria em direção ao próximo paciente. -

Eles evacuam daquele lado, perto do playground - disse ele, desvencilhando-se de D. D. rapidamente.

Ela e Alex abriram caminho por entre a multidão para chegar até o outro lado do prédio.

- É Lightfoot - murmurou D. D., novamente com as mãos sobre as orelhas. - Eu sei que ele está envolvido. Mas por quê? E como?

- Precisamos do nome dele - disse Alex. - Esse é o problema. Nós nem mesmo sabemos quem ele é.

- Alguém sabe.

- O professor de educação física, Greg - disse Alex.

- Na verdade, estava pensando em Danielle.

Quando D. D. e Alex conseguiram contornar o prédio e chegar a um gramado, encontraram quatorze crianças encolhidas e sete adultos exaustos. O ruído dos alarmes de incêndio era mais baixo aqui, mas o barulho do choro das crianças era bem mais alto. D. D. foi em direção da enfermeira-chefe, Karen, mas Greg os interpelou primeiro.

- Onde está Danielle? - perguntou ele, com o rosto marcado pelo nervosismo.

- Engraçado. Era exatamente isso que íamos perguntar a vocês.

- Karen mandou que ela pegasse Evan. Eu não a vi desde então.

Eles se viraram para Karen, que já estava com as sobrancelhas franzidas. - Mas ela estava trazendo Evan. Eu a vi passar pelas portas com o garoto. Marquei os nomes dos dois na lista, e ela desceu com Evan pela escada de incêndio logo antes de mim.

- Você viu quando eles entraram no poço das escadas de incêndio? -

especificou D. D.

- Sim. Fiquei para trás para pegar algumas coisas, e depois desci pela mesma escadaria. Eu podia ouvi-los alguns andares abaixo. Pelo menos, eu presumi que seriam eles.

- Danielle e uma criança?

- O garoto da família Oliver. Evan. Ele foi internado na manhã de hoje, e...

- Espere um minuto - D. D. a interrompeu, girando sobre os calcanhares para encarar Greg. - Esse garoto é Evan, o mesmo que você conhece? Você trabalhava para a mãe dele, a mulher que foi esfaqueada hoje cedo?

Greg assentiu.

- E Lightfoot os conhecia, também, não é?

- Ele me pagou uma comissão quando o recomendei.

- O que foi que disse? - perguntou Karen. - Você trabalhou para uma família? E

recebeu uma comissão?

Greg gemeu, e enfiou as mãos nos bolsos. - Bem, quando as coisas estiverem mais calmas, há algumas coisas que vou precisar contar.

Karen abriu a boca como se fosse exigir uma explicação imediata, mas D. D. já estava gesticulando para ela. - Sim, sim, sim, a confissão faz bem à alma. Mas vamos priorizar o que é mais importante: eu quero Danielle. E também quero Evan.

E quero Lightfoot. Alguém faz alguma ideia de onde eles se meteram?

Ela lançou um olhar feroz para a enfermeira-chefe e depois para Greg. Em seguida, olhou com a mesma intensidade para o resto da equipe.

Um por um, todos negaram com a cabeça.

- Ela é o alvo - murmurou Alex no ouvido de D. D. - Lightfoot fez tudo isso para se aproximar dela. Mas por quê? E onde?

D. D. olhou para ele, séria. - E quanto tempo ela ainda tem?

Capítulo 39

Victoria

Eu acordo com um movimento brusco, a boca aberta como se fosse gritar. Estou deitada, imóvel, lutando para descobrir onde estou. Meu coração está acelerado. O

lado esquerdo do meu corpo dói. Sinto-me entorpecida, como se houvesse acabado de despertar após um pesadelo horrível.

Pouco a pouco, percebo que estou deitada na minha própria cama. As janelas estão escuras, e os dígitos do relógio na mesinha de cabeceira brilham, indicando

4h15. Começo a relaxar, até perceber que não consigo sentir meus braços nem as pernas.

Sentindo-me tomada por uma nova onda de pânico, tento me sentar.

E compreendo imediatamente o problema. Meus pulsos estão amarrados, atados por trás das minhas costas. Minhas pernas estão amarradas na altura dos tornozelos.

Imóvel e atada como um peru de natal. Mas estou em minha própria casa, em minha própria cama...

Começo a me lembrar do que aconteceu. Lembro-me de acordar no hospital.

Minha determinação e o desejo de ver Evan na unidade pediátrica do oitavo andar.

Havia chegado até o elevador. Lembro-me de estender a mão para apertar o botão. Lembro-me de pensar que ia conseguir.

Logo depois, Andrew apareceu. A presença dele me deixou confusa. Nós não tínhamos esse tipo de relacionamento. Ele usava o meu corpo quando queria sexo, e eu aceitava aquela situação.

E, se não fosse pelo encontro no sábado, ele nem queria me ver. Ele precisava preparar alguma coisa, pelo que me disse. Uma surpresa para a segunda-feira.

Até que eu percebo. Já é segunda-feira.

Quando encontrei Andrew em frente aos elevadores, ele me atacou com algum tipo de descarga elétrica. Uma dor forte, algo que me queimava até os ossos. E

então...

Meu amante deliberadamente me incapacitou, e agora estou aqui, sozinha, no escuro.

Ouço um gemido que vem do andar de baixo.

Não, não estou sozinha.

Michael está aqui, também.

O que está acontecendo?

De repente, me lembro de dois casos recentes no noticiário: duas famílias.

Ambas tinham crianças com problemas, e foram assassinadas dentro de suas próprias casas.

Evan não está aqui ainda. Andrew vai trazê-lo. Em seguida, a matança começará.

Furiosamente, luto contra as tiras de plástico que prendem as minhas mãos.

Não há tempo para me importar com a dor na lateral do corpo. Não há tempo para me importar com a dor na minha cabeça. Preciso sair daqui. Preciso tirar todos nós daqui. Michael, Evan. Eu cometi um erro terrível.

Mas antes que consiga começar a executar meu plano, tudo termina. Eu ouço a porta se abrir no andar debaixo. Ouço pegadas no hall de entrada.

- Querida - diz Andrew, em voz alta. - Cheguei.

Capítulo 40

Danielle

Maldita dor de cabeça. Foi a primeira coisa que pensei. Em seguida, percebi as dores lancinantes que sentia nos braços, as câimbras nos músculos do ombro direito.

Eu precisava me mexer, esticar o corpo, me sentar...

Mas eu estava amarrada.

Perceber aquilo me deixou atordoada. Paralisada pelo medo, tentei entender que diabos havia acontecido. Estava descendo pelas escadas de incêndio, carregando Evan nos braços. Uma porta se abriu. Andrew saiu por ela.

O desgraçado me acertou com um *taser*. Senti um tremor percorrer o meu corpo quando me lembrei daquilo. Tentei me sentar novamente, e bati a cabeça contra uma superfície dura de metal. Deitada outra vez, percebi o som dos pneus contra

o asfalto, o cheiro da fumaça do escapamento, e o calor inclemente do espaço apertado no qual fui colocada. Foi quando notei a outra peça do quebra-cabeça.

O desgraçado me atacou com um *taser*, e depois me jogou no porta-malas do carro.

Calhorda. Provavelmente, o episódio do envenenamento foi puro fingimento.

Conseguiu sair de dentro da unidade e teve acesso às alas principais do hospital, por onde desapareceu. Depois, ele deu a volta para... incendiar o hospital? Atacar a ala pediátrica?

"Evan." Oh, meu Deus. O que aconteceu com Evan?

Eu lutei desesperadamente, rolando de um lado para outro na escuridão do porta-malas. Encontrei algo que se parecia com uma caixa de ferramentas de metal, e também uma bolsa de viagem. Mas nada de Evan.

Talvez ele estivesse bem. Karen estava logo atrás de mim. Ela provavelmente encontrou o garoto e o levou para um lugar seguro.

Aquele pensamento me reconfortou. Relaxei, contorcendo os dedos das mãos e dos pés enquanto ouvia o som do asfalto por baixo de mim, e sentia o peso da tampa do porta-malas por cima. Senti vontade de vomitar. No entanto, me obriguei a respirar fundo e me acalmar, imaginando qual seria o melhor plano de ataque.

Não sentia medo. Talvez devesse. Mas, acima de tudo, eu estava muito, muito irritada.

Já me escondera uma vez. Entreguei minha segurança nas mãos de outra pessoa e me escondi debaixo das cobertas. E todos sabemos qual foi o resultado disso.

Jurei que, desta vez, não iria me entregar sem luta.

Senti que o carro diminuiu a velocidade, até parar. Alguns segundos depois, o motor foi desligado; chegamos ao destino. Minha cabeça latejava com mais força. A fumaça do escapamento me dava náuseas, e a dor no meu ombro direito estava tão forte que eu não conseguia movê-lo. Apesar de todos os meus esforços, eu já perdera a sensibilidade nos dedos das mãos e dos pés há mais ou

menos dez quilômetros.

Eu estava tensa, preparando-me para qualquer coisa que pudesse acontecer.

Andrew viria até a traseira do carro. Abriria o porta-malas. E eu... saltaria sobre ele? Gritaria com ele? Eu estava amarrada e amordaçada. Não conseguia me mover.

Não conseguia gritar. Não tinha um celular. Não tinha qualquer coisa que pudesse usar como arma. Eu estava perdida.

Uma porta do carro se abriu. Foi fechada com força. Outra porta se abriu, talvez a do passageiro. Andrew estava retirando alguma coisa do carro.

Meu corpo gritava com a tensão. Fechei os olhos com força, embora já estivesse cercada pela escuridão.

Passos, cada vez mais perto. Eu precisava fazer alguma coisa. "Pense."

Não havia nada que eu pudesse fazer. Eu estava presa, indefesa.

Não me sentia mais tão corajosa. Visualizei minha irmã, atingida por disparos no corredor. Lembrei do meu irmão e sua corrida desesperada em direção à escada.

E quis chorar por eles, chorar por todos nós, porque, depois desta noite, eu tinha certeza que não haveria sobreviventes.

O som dos passos se afastou. Longos segundos se passaram sem que algo acontecesse. Meu corpo relaxou, pouco a pouco. "Pense, pense, pense".

Aparentemente, tanto D. D. Warren quanto Greg achavam que Andrew sentia algum tipo de atração por mim. Será que eu poderia usar aquilo? Será que conseguiria convencê-lo que sentia o mesmo por ele? Se eu pudesse convencê-lo a afrouxar as amarras, se conseguisse aquela oportunidade para escapar...

O som dos passos voltou, ficando cada vez mais altos. Antes que estivesse pronta, a tampa do porta-malas se abriu. Andrew estava sobre mim, seu corpo obscurecido pelas sombras da noite. Eu não conseguia ver o seu rosto, mas sentia

que ele me olhava intensamente.

- Você entende? - perguntou ele.

Confusa, eu balancei a cabeça, sentindo a mordaça de pano arranhar os meus lábios.

- Você vai entender. É hora de encarar o passado, Danielle. Faz algum tempo que estou tentando dizer isso, mas você me ignora. Um momento drástico exige atitudes drásticas. É por isso que estamos aqui. Vinte e cinco anos depois. No mesmo dia. É hora de chegarmos a uma nova compreensão.

Ele estendeu as mãos e me agarrou pelos ombros, forçando-me a me levantar.

Eu gritei contra a mordaça, sentindo a dor nas terminações nervosas, estranguladas pelas amarras que prejudicavam a circulação. O som dos meus gritos estava abafado, e ele ressoava de volta pela garganta, onde se apagava rapidamente.

Andrew resmungava com o esforço, satisfeito.

- Você precisa abrir seus sentidos - entoou ele, com as mãos sob os meus braços, arrancando o peso morto do meu corpo do porta-malas. - Livre-se dos preconceitos. Escute com o coração, lembre com a mente. Ele vai encontrá-la. Ele está tentando alcançá-la há anos.

Ele me colocou sobre o asfalto. "Corra", comandava a minha cabeça, mesmo que as pernas fraquejassem e meu corpo caísse sobre o meu raptor. Andrew era forte. Lembrava-me de uma história que ele contou certa vez, sobre correr dez quilômetros sobre areia fofa. Agora ele me levantava sem qualquer dificuldade, colocando meu corpo sobre os ombros. Tentei me livrar, esperneando, mas não tive qualquer sucesso.

Comigo sobre os ombros, Andrew marchou em direção a uma casa grande que eu não reconhecia. Ele abriu a porta da frente e caminhou pelo hall de entrada escuro.

- Querida, cheguei - disse, em voz alta.

Ouvi uma mulher começar a chorar no andar de cima.

A memória é uma coisa engraçada. Toda a minha vida foi definida por um episódio, que, até hoje, imaginei que não durou mais que quarenta minutos. Na minha memória, meu pai estava com a arma na mão. Na minha memória, meu pai atirou em si mesmo, em vez de disparar contra mim. Era assim que eu me lembrava.

Andrew tirou a minha mordaça. Abri a boca para gritar, mas ele pressionou um

dedo contra os meus lábios.

- Shhhh, não se esqueça de Evan, da sua mãe e do seu pai. Tenho certeza de que você gostaria de salvar outra família.

Cerrei os lábios e olhei fixamente para Andrew. Estávamos no andar de cima da casa, em um quarto cor-de-rosa, que obviamente pertencia a uma garotinha. Não vi qualquer sinal da presença dela, e a cama estava arrumada, o que me fez imaginar que ela não vivia mais aqui, ou que talvez este quarto fora preparado para me receber. Não tinha certeza, e isso bastou para que eu ficasse em silêncio.

Estudei Andrew, como se eu fosse um rato encurralado por um gato, desesperada para encontrar uma rota de fuga.

- O que significa isso? - perguntei. Sentia o gosto de algodão na boca por causa da mordaça. Não tinha saliva suficiente para articular as palavras direito. Passei a língua pelos lábios, mas não adiantou.

Andrew deixou a lanterna entre nós. Eu poderia agarrá-la e usá-la para lhe acertar na cabeça, mas minhas mãos ainda estavam amarradas atrás das costas. Ele havia soltado os meus tornozelos, permitindo que ambos sentássemos no chão com as pernas cruzadas. Minhas costas estavam apoiadas numa parede com janelas escuras. Ele estava posicionado entre a porta do quarto e eu.

Eu não ouvia mais o choro. A casa estava estranhamente quieta, o silêncio me deixando mais assustada que os ruídos que ouvi ao chegar. Coisas ruins acontecem em lugares tão quietos como este.

- Evan é uma alma antiga - começou Andrew.

Era uma frase típica do Andrew que eu conhecia. Eu assenti.

- Ele sente tudo com muita intensidade, está saturado pela energia negativa deste mundo. Outras almas, muito mais cruéis, atormentam os seus sonhos. Elas invadem sorrateiramente a consciência do garoto. Forçam-no a fazer coisas ruins, como matar a própria mãe. É uma maneira terrível de viver. Um menino tão novo, lutando numa guerra que ninguém mais consegue ver.

Eu já conhecia aquela ladainha. Assenti, deixando que ele continuasse.

- Ele não é o único, Danielle. Há outras almas aprisionadas em um abismo horrível. Elas não conseguem voltar para este mundo para passar por um novo conjunto de experiências, e não conseguem passar para qualquer outro plano de existência. Estão presas em um buraco negro, consequência de assuntos que não

foram concluídos. Esse é o inferno que escritores como Dante Alighieri nos descrevem. É uma existência horrível, demasiadamente horrível, Danielle, pois ela nunca chega ao fim. Almas antigas e sensíveis, aprisionadas por toda a eternidade.

Eu não fazia ideia do que ele estava falando, mas voltei a assentir. Não estava mais amordaçada. Meus tornozelos não estavam mais presos. Se ele soltasse as minhas mãos, eu poderia ter uma chance de sair dessa situação.

- As pessoas temem a morte. Estão restritas a noções primitivas de céu e inferno. Mas essas noções presumem que as almas vivem apenas em uma dimensão.

Quando você aceita que as almas são capazes de se mover por entre vários planos espirituais, você consegue entender a verdade maior sobre a nossa existência. A morte física não é nada, meramente um *bip* na tela do radar da alma. Pense em Ozzie e seus pais. Eles não desapareceram. Simplesmente evoluíram para o próximo conjunto de experiências. Ishy, Rochelle, Tika, e Vivi, que ainda era um bebê.

Novamente, não foram destruídos. Foram libertados de uma experiência corpórea infeliz.

- Você matou os Harringtons e os Laraquettes? - eu exclamei, horrorizada.

- Eu os ajudei a evoluir para o próximo plano de existência - corrigiu Andrew.

- Oh, meu Deus. Fez isso com Lucy também?

- Eu já lhe expliquei que ela está mais feliz agora. Você sabe o que aconteceu com ela aqui. Tenho certeza de que compreende que a oportunidade de progredir em sua jornada foi o melhor que podia acontecer a ela.

- Você enforcou Lucy?

- Ela enxergou através de mim, entrou diretamente em contato com o meu coração. Era uma alma muito poderosa. Assim, esperei até a madrugada, até que a unidade estivesse com a equipe reduzida. Em seguida, eu simplesmente a conduzi para fora da unidade. Ela me seguiu porque quis. Novamente, ela está muito mais feliz agora...

- Seu desgraçado, você é doente! - eu o interrompi, furiosa. - Você não tinha esse direito! Talvez Lucy o tenha seguido até o lado de fora da unidade, mas o que aconteceu quando vocês entraram na sala de radiologia? Quem preparou o nó na ponta da corda? Você a assassinou. Você violou a escolha que ela fez de existir neste plano. Como pôde fazer isso?

Andrew me olhou com raiva. - Você não está prestando atenção no que estou dizendo.

- Você nem mesmo foi envenenado, não é? - eu o interrompi novamente. Estava furiosa demais, quase a ponto de agir de maneira imprudente. - Aquilo foi só uma distração para que você conseguisse escapar da unidade. Você é uma fraude. Eu sabia!

- Silêncio!

- Vá para o inferno!

De repente, Andrew não estava mais sentado à minha frente. De repente, ele estava quase em cima de mim, seu rosto a poucos centímetros do meu, a fúria em seus olhos ameaçando me esmagar contra o piso. Eu queria deixá-lo louco. Desejava ver um brilho raivoso em seus olhos. Em vez disso, a determinação no rosto de Andrew me encheu de terror.

- Você devia acreditar. Você vai visitar os interplanos, vai abrir a mente e o coração. Caso contrário, você e todos que estão nesta casa morrerão. Você está prestando atenção agora, Danielle? Ouve o que eu digo?

Sem qualquer palavra, concordei com um aceno de cabeça. Os olhos azuis de Lightfoot ardiam, ardiam, ardiam. Ele estava possuído por alguma coisa. Pela fé, imaginei. Uma fé ensandecida.

Quando ele voltou a falar, suas palavras foram curtas e diretas: - Escondi uma arma nesta casa. Ela está carregada com quatro balas. Sei onde ela está, e a pessoa que matou a sua família também sabe. Agora, nós vamos apostar uma corrida. O

primeiro que achar a arma terá o direito de usá-la. Para ser justo, vou lhe dar uma vantagem de dez minutos. Você pode desperdiçar o seu tempo procurando por um telefone, se quiser. A linha telefônica foi desconectada, e a eletricidade da casa cortada. Além disso, a casa foi projetada pela mãe de Evan para mantê-lo isolado o tempo inteiro. As trancas são do tipo que só se abrem depois que a chave é inserida e retirada, e só existe uma chave que permite entrar ou sair desta casa.

Andrew mostrou a chave, presa em uma corrente ao redor do seu pescoço.

- Finalmente, antes que você pense em quebrar as janelas ou fazer qualquer outra bobagem, saiba que você estará abandonando Evan; sua mãe, Victoria; e seu pai, Michael, que me fizeram o favor de aparecer no hospital. Quando os dez minutos chegarem ao fim, vou matá-los. E duvido que você consiga quebrar uma janela, correr até a casa de um vizinho e chamar ajuda antes que os dez minutos acabem, especialmente porque suas mãos ficarão amarradas por toda a duração da nossa pequena corrida. Continue negando o que aconteceu, e as pessoas morrerão.

Encare o seu passado, abra o seu coração, e você terá uma chance de vencer. Você

me obrigou a fazer isso, Danielle. Mas tento ser justo com você.

- Você quer... você espera que eu encontre a alma do meu pai nos interplanos espirituais e pergunte a ele onde a arma está escondida? Tudo o que preciso fazer é... falar com ele?

Andrew inclinou a cabeça para um dos lados. - O que você mais teme, Danielle? Que ele não se ofereça para salvá-la? Ou que ele faça essa oferta?

- Você é louco.

- Essa é uma explicação que permite a você continuar com a eterna negação do que acontece debaixo do seu nariz. Deixe que eu lhe dê uma dica. Quem foi que salvou você naquela noite, Danielle?

- O xerife Wayne.

- Como ele entrou na casa? Você não chegou a sair do seu quarto, e a sua casa ficava há uma grande distância dos vizinhos mais próximos. Quem ouviu os disparos? Quem ligou para o serviço de emergência?

Olhei para ele, sem entender.

Andrew suspirou, balançou a cabeça e depois se levantou. - Você se concentra demais no mundo corpóreo, Danielle. Você se odeia por não ter conseguido salvar a vida de todos da sua família. Eu quero que você lute pelas almas deles. Você não conhece a verdade a respeito daquela noite. Você se recusa a enxergar aquilo que não consegue aceitar. E, ao fazer isso, você condenou a existência de todos.

Especialmente a do meu pai.

- O *seu* pai? - perguntei, incrédula.

- O respeitável xerife Wayne. Uma alma antiga aprisionada no abismo. Esse é o verdadeiro inferno, Danielle. É isso que todos nós deveríamos temer.

Andrew olhou para o relógio. - Dez minutos. Você pode confrontar o seu passado, ou pode perder o seu futuro. Você pode salvar a alma do meu pai, ou eu vou usar todas as quatro balas. Começarei pela mãe. É assim que essas coisas são feitas. Depois, Evan. Em seguida, o pai dele. Vou deixar você por último, Danielle.

É a ordem que você já conhece bem. Diga, Danielle. Quantas outras famílias você está preparada para perder?

Ele desapareceu em meio à escuridão do corredor. Eu estava sentada. Sentia-me paralisada, atordoada demais para me mover. Foi quando ouvi um novo som, do quarto ao lado do meu.

- Mamãe? - sussurrou Evan, sua voz estrangulada pelo medo. - Mamãe?

Andrew era louco, eu pensei comigo mesma. Nós todos iríamos morrer.

Capítulo 41

Phil era um gênio. Pelo celular, D. D. lhe passou as informações que recebera sobre Andrew Lightfoot. Aparentemente, ele havia sequestrado Danielle e Evan. Eles precisavam descobrir seu sobrenome e informações do seu passado, e rápido.

Phill respondeu ao cruzar as referências do endereço de Lightfoot com o departamento que concedia licenças a agentes do mercado financeiro. Como Lightfoot trabalhou vários anos no mercado de capitais, fazia sentido supor que ainda mantivesse uma licença válida, mesmo que fosse apenas para gerenciar o próprio patrimônio.

Sem qualquer demora, o sistema revelou o nome de Andrew Ficke, filho de Wayne e Sheila Ficke. Wayne, que teve uma longa carreira como xerife de polícia, havia falecido há dois anos.

D. D. telefonou para Sheila, dizendo à mulher aturdida que o filho auxiliava o departamento de polícia de Boston com uma investigação urgente, e que precisava encontrá-lo imediatamente. Queria saber quais eram os outros endereços conhecidos de Andrew.

Sheila relatou que Andrew tinha uma casa à beira-mar, um iate, e um apartamento tipo *loft* em Nova York. Se as almas realmente podiam escolher suas experiências, D. D. faria questão de reencarnar como uma curandeira da Nova Era.

Ela duvidava que Andrew iria até Nova York com uma refém[32] . A casa à beira-mar era óbvia demais. O iate era mais interessante - toda a privacidade que ele poderia querer, e podia sair para um passeio ao mar. D. D. notificaria os policiais nas ruas para observarem as docas, e alertaria a Guarda Costeira para monitorar as entradas e saídas do porto.

- Eu lamento por telefonar tão tarde da noite - disse D. D. à mulher. Não queria que ela ficasse alarmada e tentasse entrar em contato com Andrew. - Era tudo o que precisávamos saber. Obrigada.

- Qual é o caso? - perguntou Sheila.

- O quê?

- Você disse que Andrew estava auxiliando a polícia com um caso. Que caso é esse? Se você puder falar a respeito, claro.

D. D. quase falou que não poderia dar mais informações, mas mudou de ideia no último momento. - Ele está nos ajudando a investigar os assassinatos de duas

famílias. Talvez você tenha visto algo a respeito nos noticiários.

- Ah, sim, é o tipo de coisa que despertaria o interesse de Andrew. Esse tipo de caso sempre o fascinou, desde que o pai se envolveu com uma ocorrência assim.

- O pai dele se envolveu?

- Faz muito tempo. Foi em 1985, quando Wayne ainda trabalhava como xerife.

Um de seus assistentes bebeu demais e disparou contra a própria família antes de se suicidar. A única que sobreviveu foi uma das meninas, Danielle Burton. Foi uma noite horrível. Wayne montou um álbum com recortes de jornal sobre o crime, e coisas do tipo. Era comum vê-lo folheando o álbum, até o dia em que ele faleceu.

Acho que ele vivia pensando no que faria se as coisas fossem diferentes, se pudesse ter percebido os sinais, ou as atitudes que poderia ter tomado para salvar aquela pobre família.

- Onde está esse álbum? - perguntou D. D., imediatamente.

- Andrew o levou. Meu marido foi o primeiro policial a chegar à cena do crime, e tirou a garota de dentro da casa. A maioria dos jornais declarou que ele era um herói. Não sei se Wayne concordava com aquilo, mas os artigos eram lisonjeiros.

Faz bem para um filho ter histórias tão elogiosas a respeito do pai.

- Wayne falava a respeito dos eventos daquela noite? Descrevia os detalhes do que aconteceu?

- Não. Ele não era o tipo de pessoa que gostava de falar muito. Ele montou o álbum como uma espécie de terapia, eu creio.

- E o que me diz sobre Andrew? Ele fazia perguntas ao seu marido sobre o caso?

- Andrew fazia perguntas a Wayne de vez em quando. Mas, quando meu marido se aposentou, ele deixou os dias de polícia para trás e passou a se dedicar à pescaria. Aquilo parecia lhe fazer bem.

D. D. encerrou a ligação e virou-se para Alex.

- O pai de Andrew Lightfoot foi o xerife que acompanhou o caso da família de Danielle, mortos a tiros há vinte e cinco anos - relatou ela, animada. - Qual é a chance de que isso seja apenas uma coincidência?

- O pai de Lightfoot estava na cena do crime?

- O homem foi considerado um herói por encarar a carnificina e resgatar

Danielle.

Alex piscou os olhos, pensativo. Tinha a mesma expressão de D. D. no rosto. -

Então, isso significa que Andrew Lightfoot está ligado ao passado de Danielle, e também ao seu presente. Ele tem uma conexão familiar com um assassinato em massa no passado. Tem uma conexão pessoal com duas famílias que foram assassinadas recentemente. Mas que diabos... é uma reencenação!

- Reencenação?

- As duas famílias, os Harringtons e os Laraquette-Solis. Ele preparou as situações para que fossem similares à morte da família de Danielle.

- Mas, por quê? - perguntou D. D., passando a mão pelos cabelos, impacientemente. - Essa é a pergunta que vale um milhão de dólares. E não temos a menor noção da resposta.

- Não faço a menor ideia - disse Alex, segurando o braço de D. D. - Espere.

Estamos agindo como dois idiotas. Lembra-se do garoto, Evan? Sua mãe foi

internada no hospital durante o dia, com um ferimento de faca.

- Acho que sim.

- Onde ela está agora?

- Em algum lugar no estacionamento, junto com todos os outros pacientes, eu imagino.

Os dois voltaram a andar em direção ao hospital. Os caminhões dos bombeiros ainda estavam nas imediações, assim como vários policiais uniformizados.

Pacientes, profissionais de saúde e outros curiosos agora eram mantidos a uma distância segura do prédio, onde nada de especial parecia estar acontecendo. Nada de fumaça. Nada de chamas. O fogo, se realmente houve algum, já parecia debelado.

- Não vamos imaginar coisas. Ainda precisamos encontrá-la e fazer perguntas a respeito de Lightfoot - disse Alex, soltando o braço de D. D.

- Não sabemos qual é a aparência dela.

- Greg a conhece.

A equipe e as crianças da ala psiquiátrica continuavam agrupadas perto de um grupo de árvores, esperando pelo sinal para voltar ao hospital. A maioria das crianças agora estava bem desperta, e já estava criando problemas.

Greg deu uma rápida olhada em direção a Alex e D. D. quando eles se

aproximaram. Em seguida, gritou para que Jorge descesse da árvore, disse a Jimmy para largar o graveto que tinha nas mãos e girou para segurar Benny pelos ombros, impedindo que ele se afastasse.

- Precisamos que você encontre a mãe de Evan - informou Alex ao conselheiro sociocomportamental.

- Precisa disso agora? - perguntou Greg. Ele levantou um braço. Benny estava pendurado em seu bíceps. Jorge e Jimmy vieram correndo em direção a eles, com os braços abertos, imitando aviões.

- *Vrum, vrum, vrummm*! - gritavam os meninos.

- Agora - disse Alex, tentando sobrepujar o barulho. - Os crimes envolvem famílias, não é? Famílias inteiras. Assim, se Evan desapareceu...

- Onde está sua família? - completou Greg.

- Exatamente.

Benny se soltou do braço de Greg e juntou-se aos outros amigos que imitavam aviões, correndo por entre os arbustos. O olhar de Greg transitava entre as crianças e os investigadores. O dilema estava claro em seu rosto.

- Ah, que droga - disse D. D., fechando os olhos e resignando-se. - Deixe que eu cuido das crianças. Você e Alex, tentem encontrar a mãe de Evan.

Greg levantou uma sobrancelha. - Tem certeza?

- Tenho - disse D. D., olhando para as crianças que corriam, hesitante. - Mas andem logo. Estou falando sério. Isso é para o bem de todos nós. Rápido!

32O trajeto entre as cidades de Boston e Nova York, por via terrestre, tem cerca de 370 Km de extensão.

Capítulo 42

Danielle

Quanto tempo duram dez minutos? Quando somos crianças, dez minutos parecem uma eternidade. Ao entrar na escola, isso se torna um quinto da duração de uma aula. E quando suas mãos estão amarradas e você está andando a passos hesitantes dentro de uma casa escura...

Eu estava no corredor, esperando que os olhos se ajustassem à escuridão. A noite pareceu durar um século, e os primeiros raios da manhã começavam a aparecer no céu. Dentro de trinta minutos, a casa estaria iluminada pela luz do Sol. Isso, é claro, se qualquer um de nós conseguisse sobreviver para presenciar o fato.

Evan estava no quarto vizinho ao da menina; eu podia ouvi-lo agitado, murmurando palavras desconexas, sem parar. Aparentemente, havia quatro

quartos neste andar. Provavelmente o quarto de uma menina, o de um menino, um quarto de hóspedes e o quarto do casal. Era assim que as casas em estilo colonial eram divididas.

Eu não sabia onde Andrew estava. Assim, apoiei as costas na parede do corredor para me proteger, e deslizei até o cômodo que eu esperava ser o quarto do casal. Eu precisava encontrar os pais de Evan. Se eles estivessem conscientes, talvez nós três pudéssemos...

Como o xerife Wayne chegou até a minha casa? Eu nunca cheguei a perguntar aquilo, nem mesmo na noite em que ele veio até o meu apartamento. Ele era o xerife.

É claro que apareceria na cena de um crime. Eu nunca pensei em questionar sua presença.

Mas nossa casa realmente ficava isolada, há vários quilômetros de distância do vizinho mais próximo, e eu não havia telefonado para o 911.

Foi minha mãe? Minha irmã ou meu irmão?

Havia uma explicação lógica. Sempre há uma explicação lógica.

Ouvi alguém chorando. Entrei na próxima porta, descobrindo um espaço grande, dominado por móveis enormes. Consegui identificar uma cama tamanho *king-size*, e percebi que havia uma mulher sobre a cama. Era ela quem estava chorando.

- Olá? - sussurrei, suavemente.

Ela parou de chorar. - Quem está aí? - a voz dela estava tão estrangulada

quanto a minha. Cautelosa.

- Você é a mãe de Evan? - perguntei, aproximando-me. Meus olhos corriam pela escuridão, adaptando-se à penumbra, percebendo o espelho alto sobre um pedestal.

Andrew poderia se esconder atrás dele. Ou talvez ele estivesse encolhido atrás da árvore decorativa, dentro do banheiro da suíte, ou no *closet* que ficava ao

lado.

- Andrew não está aqui - sussurrou a mulher, como se estivesse lendo meus pensamentos. - Meu nome é Victoria.

- Danielle - eu respondi.

Me aproximei da cama, e ela rolou o corpo para perto da beirada. Uma verificação rápida revelou que as mãos e tornozelos também estavam presos com tiras de plástico. As tiras eram grossas demais para que conseguíssemos arrebentá-

las com as mãos, mesmo se tentássemos fazê-lo juntas. Precisávamos de alguma coisa. Uma faca, uma tesoura, uma chave.

- O que ele quer com você? - perguntei, tentando descobrir o que deveria fazer a seguir.

- Não tenho certeza. Eu o contratei para ajudar Evan, e depois acabamos nos tornando amantes. Mas não foi um caso intenso. Não acho que isso seria motivo para ele me sequestrar.

- Ele a sequestrou?

- Sim. Eu estava no hospital.

- Eu também.

- Você também era amante dele? - perguntou a mulher.

- Nós saímos apenas uma vez, para jantar. Aparentemente, sou a culpada por condenar a alma do pai dele ao inferno. Precisamos de uma tesoura - eu sussurrei.

- No banheiro da suíte. Primeira gaveta, à direita da pia.

Eu estava impressionada. Victoria conseguia trabalhar bem sob pressão.

Pensando bem, dado o histórico de Evan, ela já tinha bastante prática no assunto.

- Eu volto logo - prometi a ela.

- Obrigada - murmurou ela, e sua gratidão fez que eu me sentisse melhor. Eu não estava sozinha. Ela não estava sozinha. Juntas, nós pegaríamos Evan, escaparíamos da casa e chamaríamos a polícia.

Encontrei a gaveta do banheiro, consegui abri-la e procurei desajeitadamente pela tesoura, com as duas mãos amarradas às costas.

Naquele momento, uma voz ecoou pela casa, ensurdecedora. - *Oh, Danielle.*

Minha bela e pequena Dani.

Eu deixei a tesoura cair e me encolhi contra a parede. A voz ecoou novamente, alta o bastante para que eu sentisse como se o som golpeasse a minha cabeça, ressoando pela casa de modo que não conseguisse identificar de onde ela vinha. Um megafone, pensei. Em algum lugar na casa, Andrew usava um megafone. E essa era sua forma doentia de me lembrar que o tempo estava passando.

- *Oh, Danielle. Minha bela e pequena Dani!* - cantarolou ele novamente. -

Como eu conheço essa canção, Danielle? Como eu sei que essas foram as últimas palavras do seu pai?

"Porque eu contei aquilo à polícia", eu pensei, arrependida, forçando-me a me afastar da parede do banheiro. Eu contei aquilo para o xerife Wayne.

Foi minha mãe que ligou para ele. Fiquei paralisada quando me dei conta daquilo. Minha mãe ligou para o xerife Wayne. Eu podia ouvir sua voz, uma lembrança distante, falando ao telefone.

- Preciso de você, Wayne. Não consigo mais viver assim. Ele está bêbado, fora de controle. E Danielle veio ao meu quarto hoje. Você não vai acreditar no que a minha filhinha me contou. Tem que ser hoje. Por favor, Wayne. Eu amo você. Por favor.

Quanto tempo ainda restava? Sete minutos? Oito?

Voltei a remexer na gaveta, finalmente encontrando a tesoura de metal quando sua ponta espetou o meu dedo. A dor foi uma sensação agradável. Ajudou a focar minha atenção nos problemas mais urgentes.

Voltei a me aproximar da cama.

- Do que ele está falando? - sussurrou Victoria.

- Da noite em que meus pais morreram. Meu pai matou todo mundo a tiros.

Depois, o pai de Andrew, o xerife, me encontrou.

- Seu pai matou todos e deixou você viva?

- Essa é a história da minha vida - eu disse, mas Andrew estava fazendo um bom trabalho. Eu já estava me perguntando: "Será que essa é realmente a história da

minha vida?"

Victoria ficou de bruços, erguendo os pulsos que estavam presos pela tira de plástico. Eu consegui enfiar meus dedos entorpecidos nas argolas das hastes da tesoura.

- Andrew escondeu uma arma na casa - eu disse a Victoria enquanto tentava encontrar seus pulsos, de costas e com a minha própria mobilidade prejudicada. - Se eu encontrar a arma, eu venço. Se Andrew a encontrar primeiro, ele vai matar a todos nós. Ele disse que preciso encontrar meu pai nos interplanos espirituais e perguntar a ele onde está a arma. Enquanto estiver lá, eu preciso salvar a alma do xerife Wayne. Infelizmente, não acredito em interplanos espirituais, e tenho quase certeza de que Andrew enlouqueceu de vez.

Eu finalmente encontrei as mãos de Victoria. Eu a feri com as lâminas duas vezes, e três ou quatro vezes a mim mesma. O sangue deixava meus dedos escorregadios. Quando pensei que ia gritar por tanta frustração, eu senti que as lâminas da tesoura se fecharam ao redor da tira de plástico. Eu apertei as hastes, movendo as lâminas para frente e para trás, para frente e para trás... até que a tira se rompeu com um estalido. Uma de nós estava livre.

Quanto tempo ainda havia? Seis minutos?

- *Oh, Danielle. Minha bela e pequena Dani!* - cantarolou ele novamente, com a voz amplificada e distorcida soando pelos corredores.

A voz dele estava toda errada. Alegre demais. Não era assim que o meu pai

cantava.

Enquanto ele estava em pé sob a luz do corredor, sua mão levantando a arma.

Apontando-a contra mim, apontando-a contra *mim*...

- *Oh, Danielle. Minha bela e pequena Dani!*

- *Baixe essa arma. Joe. Wayne. Parem com isso. Não pode ser assim. Não é isso que eu queria.*

Minha cabeça doía. Voltei a ter aquela sensação, como se minha família estivesse ao meu lado. Se me concentrasse com todas as minhas forças, conseguiria enxergá-los. Talvez até mesmo estender a mão para tocá-los.

Deixei a tesoura cair sobre a cama. Victoria se sentou, agitando as mãos. Ela cortou a tira de plástico que me prendia, e também a que estava ao redor dos seus tornozelos.

Nós nos levantamos. Duas mulheres armadas com uma tesoura em um quarto escuro.

- Evan - disse ela.

Eu o ouvia, ainda murmurando palavras desconexas no corredor. Em seguida, olhei para o relógio que estava sobre o criado-mudo. Três minutos. Um pouco mais ou um pouco menos.

- Evan não pode nos ajudar - eu disse a ela.

- Ele não pode me ajudar - concordou Victoria. Em seguida, após um segundo de hesitação: - Mas acho que ele pode ajudar você.

Capítulo 43

Victoria

Eu me lembro de uma reportagem a que eu e Michael assistimos certa vez na televisão: dois homens usando máscaras de esquiador entraram em uma casa elegante de Boston e mataram toda a família antes de fugir com uma caixa de

joias.

Evan tinha nove meses naquela época. Como eu era mãe há pouco tempo, fiquei impressionada com aquela violência, e também abalada pela injustiça cruel da situação.

Michael falou comigo durante os comerciais. "Se acontecer qualquer coisa em nossa casa, pegue Evan e saia daqui. Não se preocupe comigo. Salve Evan".

Assim, aqui estou eu, prisioneira em minha própria casa, e a estranha que eu acabei de conhecer vai tentar encontrar meu filho enquanto eu procuro por Michael.

O tempo está passando, e não consigo imaginar que temos muitas opções.

Andrew não estava mentindo para Danielle, a minha casa é uma fortaleza. Cada detalhe foi planejado para conter uma criança psicótica.

Os telefones estão mudos e a eletricidade foi cortada. Não faço a menor ideia do que aconteceu com meu telefone celular, e o meu *laptop* está no andar debaixo, na sala de televisão. Estamos isolados, e, de acordo com Danielle, Andrew está armado.

Sei que ele vai começar a atirar em breve. Não posso deixar que Michael seja seu primeiro alvo. Eu preciso dele. Ele pode ser um almofadinha hoje em dia, mas Michael enfrentou todo tipo de dificuldade enquanto crescia. Ele conseguiria enfrentar Andrew. E faria isso melhor do que duas mulheres e um garoto de 8 anos.

Danielle vai para o quarto de Evan. Eu ando cautelosamente em direção à escadaria, com a tesoura firme na mão fechada, como se fosse uma arma.

Não consigo mais ouvir Andrew. Não há mais uma voz ecoando em um volume ensurdecedor pelo corredor. O silêncio é enervante. O que Andrew está fazendo?

Onde ele está se escondendo? O que ele planeja fazer a seguir?

Minhas mãos estão tremendo. Sinto vontade de parar. Quero me encolher como um animal pequeno, apanhado em campo aberto por uma ave de rapina.

Não vou fazer isso. Minha casa, meu filho, meu ex-marido. Toda essa situação começou por minha causa. Sou eu quem vai ter que dar um fim nela.

Tenho a vantagem de conhecer muito bem o meu ambiente. Passei anos aprendendo a como me movimentar nessas escadas para não acordar Evan no meio da noite. Eu conheço cada um dos degraus que rangem, cada tábua que geme quando piso nela. Infelizmente, o ferimento de faca na lateral do meu corpo não está tão bem. Tenho certeza de que estou sangrando, e, por baixo da dor, sinto uma coceira forte, um ardor. Provavelmente é um sinal de infecção. Aperto os dentes, penso na minha família, e me forço a continuar.

Chego ao último degrau e paro por um instante para me orientar. O amanhecer começa a iluminar as vidraças ao lado da porta. Apesar da pouca luz, consigo visualizar cada canto do hall de entrada, o espaço vazio atrás da árvore decorativa, e o passadiço em forma de arco que leva à cozinha. Nenhum sinal de Andrew. Me afasto das escadas, abraçando a parede para me apoiar. Sinto meu coração bater mais rápido.

Ouço um gemido que vem da sala de estar. Michael. Quero correr até onde ele está. Obrigo-me a dar passos curtos e cuidadosos, escutando atentamente. O silêncio me apavora.

Ouço um ruído baixo que vem do fim do corredor. Talvez do lavabo no andar inferior, ou talvez do escritório. De onde estou, posso ver o sofá. Michael está deitado no chão, em frente ao móvel. Seus pulsos e tornozelos estão presos. Sua cabeça está se movendo freneticamente, como se tentasse acordar de um pesadelo.

Por um segundo, imagino se não seria melhor deixá-lo ali. Estar inconsciente vai deixar as coisas mais fáceis. Ele não saberá o que está acontecendo com a esposa e o filho. E não vai ver a bala quando ela for disparada.

Um brilho aparece no corredor. Uma lanterna, vindo em direção à sala de estar.

Na trajetória atual, vai passar diretamente ao meu lado.

Eu disparo pelo corredor, chegando até o outro lado do *rack* com os aparelhos eletrônicos, onde uso as cortinas para me cobrir. É um dos esconderijos preferidos de Evan.

- *Danny boy* - cantarola Andrew ao aparecer na sala de estar. - *Oh, Danny boy.*

Ele para, estudando o corpo prostrado de Michael no chão. Quando percebe que Michael não se move, ele continua a caminhar em direção ao hall de entrada. -

Seu tempo acabou, Danielle - diz ele, em voz alta. - Já sabe onde está a arma? Eu sei.

Andrew começa a subir as escadas, levando consigo um objeto, segurando-o ao lado da perna direita. Percebo que é uma faca. Uma faca enorme de açougueiro.

E ele está indo na direção do meu filho.

Eu corro para a sala de estar, caindo de joelhos ao lado do meu marido e corto rapidamente as tiras de plástico que o prendem. Ele geme outra vez. Eu o beijo.

Uma ideia tola, vinda de uma mulher tola que ainda está aprendendo a deixar o passado para trás. Em seguida, eu lhe dou um tapa, com força.

- Diabos, Michael, acorde. Nosso filho precisa de você.

Capítulo 44

- Victoria não está aqui - disse Greg, dez minutos mais tarde, ainda arfando depois de correr em torno do hospital. Alex estava três metros atrás de Greg, respirando com ainda mais dificuldade.

- A enfermeira disse que Victoria deve ter saído do seu quarto pouco antes da meia-noite - completou ele. - Ninguém mais a viu desde então.

- Uma vítima de esfaqueamento desapareceu do quarto onde estava e ninguém fez nada a respeito?

- A enfermeira encontrou a camisola cirúrgica sobre uma cadeira, e percebeu que as roupas limpas que o ex-marido lhe trouxe haviam desaparecido. Ela presumiu que Victoria exigira receber alta, mesmo que aquilo contrariasse as ordens médicas.

Tentaram entrar em contato com seu ex, que provavelmente estava cuidando de tudo, mas ainda ele ainda não retornou a ligação.

- O ex-marido dela estava aqui?

Alex assentiu. - Michael deixou algumas roupas e outros pertences e conversou com os médicos.

D. D. fez uma careta, virando-se instintivamente na direção do arbusto mais próximo, que agora estava cercado por cinco crianças hiperativas. Outro conselheiro sociocomportamental, Ed, chegou para ajudá-la. Provavelmente, D. D. não estava preparada para lidar com três garotos loucos. Provavelmente, ninguém estava preparado para lidar com aqueles três garotos.

- Quer dizer então que Evan, sua mãe, Danielle e Andrew desapareceram deste hospital nas últimas duas horas - resumiu D. D. - Você falou com os paramédicos que levaram Andrew para o pronto-socorro?

- Victor e Noam - disse Greg. - Eles disseram que a condição de Lightfoot, aparentemente, se estabilizou enquanto ele estava no elevador. Eles o levaram para a sala de emergência e o deixaram ali por alguns minutos para preencher o prontuário.

Quando a enfermeira apareceu com a primeira dose de medicação, Lightfoot já havia desaparecido. O departamento de segurança do hospital foi notificado, mas ninguém o viu.

- Segurança do hospital - repetiu D. D. - Câmeras de segurança. Vamos precisar acessá-las.

Alex concordou com um aceno de cabeça, mas olhou para o seu relógio. Ver o conteúdo dos vídeos de segurança não seria algo difícil de se conseguir, mas era um processo que levaria horas para ser concluído. Nesse meio tempo...

- É uma reencenação - disse-lhes Alex. - Andrew está indo de família em família, de acordo com uma lógica que somente ele conhece. Se presumirmos que ele sequestrou Evan e a mãe, ele vai tentar reconstruir a cena.

- No barco? - imaginou D. D. - É um local bem reservado.

- Não é a mesma coisa. Precisa ser um ambiente doméstico.

- Lightfoot os levou à sua casa?

Aquela suposição não lhe parecia estar correta. A casa de Lightfoot era uma maravilha arquitetônica, não o sonho de uma família tradicional.

- Por que não na casa da família Oliver? - sugeriu Greg. - Evan e sua mãe moram em Cambrige, a uns dez ou quinze minutos daqui. Andrew sabe chegar lá.

Ele trabalhou com a família.

- Diabos. Você e eu - disse D. D. a Alex - vamos para a casa de Evan.

Chamarei reforços no caminho.

D. D. e Alex deram um passo a frente. Greg a segurou pelo ombro.

- Eu também quero ir - disse ele, mas depois acenou para as crianças que gritavam atrás dele. - Obviamente, não posso fazer isso. Mas vocês vão encontrar Danielle, não é? Protejam-na. Tragam-na de volta para nós. Ela é... ela é especial para mim.

- Me dê uma hora ou duas - disse D. D., com um otimismo forçado - e, se tudo der certo, você mesmo vai poder dizer isso a ela.

Capítulo 45

Danielle

- Está escuro.

- A casa está sem eletricidade. Evan, meu nome é Danielle. Eu o vi quando você ainda estava lá no hospital. Sou amiga de Greg.

Entrei no quarto de Evan lentamente, atenta aos cantos escuros e à localização desconhecida de Andrew. Victoria achava que ele estava no andar debaixo, mas nenhuma de nós tinha certeza. Ela tentaria libertar Michael, outro soldado para se juntar ao nosso exército. Quanto a mim, eu devia pedir a Evan que navegasse pelo *hocus-pocus* dos interplanos por nós. Encontrar um anjo, descobrir onde estava a arma. Diabos.

- Está escuro - disse Evan novamente, com um tom que era mais petulante do que amedrontado. Cheguei até sua cama, onde percebi que ele estava deitado de

lado, com as mãos e os tornozelos presos por tiras de plástico.

- Eu posso soltar você - tentei dizer, para acalmá-lo. - Você tem uma tesoura guardada?

- Minha mãe não me deixa usar objetos afiados - disse Evan.

Pensando bem, aquilo fazia sentido. Sem saber como proceder, me sentei na beirada da cama, tentando encontrar o rosto de Evan em meio à penumbra do fim da madrugada.

- Está escuro - disse ele, pela terceira vez.

- O Sol logo vai nascer.

Com uma expressão sombria, ele balançou a cabeça. - Isso não vai facilitar as coisas.

Comecei a imaginar se Andrew havia lhe dito alguma coisa. Se o havia advertido, ou se tentou transformar Evan em uma espécie de aliado. Talvez o fato de Evan estar amarrado não fosse algo tão ruim. Ele certamente era um garoto capaz de causar estragos.

- Sua mãe me disse que você vem trabalhando com Andrew - eu comecei. - Ela disse que ele o ensina a controlar as energias ao seu redor.

- O escuro - insistiu o garoto novamente. - Você precisa aprender a controlar a

escuridão.

- Escuridão? É assim que você fala das energias negativas?

- Elas estão ao redor de *você*.

- Sim. A casa está sem eletricidade.

- Não - disse ele. - Estão todas ao redor de *você*.

Levei um segundo até finalmente compreender. Evan não estava falando sobre a falta de iluminação elétrica. Ele estava falando sobre mim. Aparentemente, eu era a fonte da energia negativa. Um buraco negro que falava e andava.

Considerando o cansaço e o medo que eu sentia, aquilo fazia todo o sentido.

- Evan, pode me dizer como você luta contra a escuridão?

- Chame os anjos - disse ele. - Feche os olhos. Pense numa luz branca. Atraia a luz para você. Receba sete abraços de sete anjos. Eles vão ajudá-la.

- Você pode fazer isso por mim? Chamar os anjos? E depois, quando você sentir a luz, pode fazer uma pergunta aos anjos?

Em meio à penumbra, Evan me encarou, curioso.

- Andrew escondeu uma arma em algum lugar da casa - eu disse, com a voz baixa. - Os anjos sabem onde ela está. Precisamos encontrar essa arma, Evan. Você pode pedir aos anjos para que nos ajudem?

- Armas são ruins - disse Evan.

- Andrew também é um homem ruim, Evan. Sua mãe e seu pai precisam de você.

O queixo de Evan se levantou. Ele me encarou com um olhar solene. - Vou ajudar.

Eu escondi Evan, ainda amarrado, dentro do seu armário, debaixo de uma pilha de travesseiros e roupas. Os dez minutos já deviam estar esgotados. Andrew estava vindo, e teria a arma nas mãos. Ou sem a arma. Procurei alguma coisa no quarto de Evan com a qual pudesse me defender. Talvez uma luminária, um rádio relógio, ou uma foto emoldurada. Victoria cuidava bem na casa. Não havia nada que pudesse ser usado como arma no quarto do filho violento.

"Pense, pense, pense."

Meu coração estava batendo rápido demais. Eu sentia uma reverberação nos ouvidos, percebendo uma infinidade de coisas ao mesmo tempo: o sussurro baixo de Evan: - Inspire, um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete... expire, um, dois, três, quatro, cinco...

Eu, em pé, no meio daquele quarto escuro.

Em seguida, outro som, vindo do outro lado do corredor. Uma das tábuas do piso rangeu sob seu peso.

Andrew, subindo as escadas.

Meu pai, cantando enquanto se aproximava do meu quarto. Meu pai, com o rosto manchado por respingos de sangue - o sangue da minha mãe, da minha irmã e do meu irmão.

Não iria me encolher debaixo das cobertas desta vez. Não iria me esconder num quarto.

Queria lutar.

Eu *precisava* lutar.

Se eu conseguisse encontrar a maldita arma...

E, em um segundo, compreendi tudo. Eu não precisava de Evan. Não precisava visitar os interplanos celestiais. Tudo isso estava relacionado com o meu pai, não é?

Eu sabia exatamente onde a arma estava.

Joguei meu pai naquele maldito sistema de esgoto, e o desgraçado estava tentando escapar desde então.

Quando Andrew chegou ao topo da escada, eu estava esperando por ele no corredor, sentada com as pernas cruzadas no chão e as mãos pousadas sobre o colo. Meus olhos estavam fechados, escutando o murmúrio baixo da voz de Evan que vinha do quarto ao lado. Podia sentir as correntes do ar murmurando nos meus ouvidos. Frio e calor. Luz e escuridão.

Sentia algo diferente. Um formigamento. Sentia-me forte. Poderosa. Como se, talvez, estivesse acompanhada por anjos. Percebi que tinha a ver com as memórias.

Finalmente consegui desbloquear a minha mente. Permiti-me saber de tudo que eu já sabia, e agora sentia como se estivesse de volta a casa naquela noite. A diferença era que, desta vez, minha mãe e meus irmãos estavam ao meu lado.

Estávamos

unidos. Éramos quatro contra um.

E as imagens que preenchiam a minha mente eram violentas e dolorosas.

- Você não encontrou a arma - declarou Andrew. - Você falhou.

Ele deu o primeiro passo adiante, e finalmente abri os olhos.

- O xerife Wayne me salvou - eu disse, com a voz forte. - Meu pai não se matou naquela noite. Ele foi morto pelo xerife Wayne.

- Você... você falou com ele? - perguntou Andrew. Parecia surpreso. Ele parou a seis passos de distância, a faca ainda encostada no tecido da calça.

- Minha mãe o amava. Você a viu enquanto estava nos interplanos? Perguntou a ela a respeito da ocasião? O xerife Wayne era um bom homem, e ela o queria bem por causa disso.

Imediatamente, Andrew ficou agitado. Aquilo provava o que eu estava começando a suspeitar.

- Minha mãe ligou para o xerife depois que falei com ela, depois que o meu pai chegou em casa. Ela queria expulsá-lo de casa. Mas meu pai se recusou a sair.

Assim, ela ligou para o seu pai para pedir ajuda. Ela ligou para o amante, o xerife Wayne.

- Ele não devia ter abandonado a família - vociferou Andrew.

- Até mesmo um homem bom pode sofrer com as tentações - eu respondi. - Até mesmo um homem bom pode querer algo que não deveria desejar. Wayne veio até a minha casa como um homem, não como um oficial da lei. Ele esperava poder conversar com meu pai, convencê-lo a sair da casa. Valentões costumam ceder quando estão sob pressão, não é? E todos sabiam que o meu pai era um valentão típico.

Mais agitação. A parte chata da lâmina da faca batendo contra a coxa de Andrew.

- O que aconteceu naquela noite não foi o que ninguém esperava. Meu pai se recusava a sair do quarto, então o xerife Wayne subiu as escadas para pegá-lo. Eles começaram a gritar. Meu pai viu sua arma sobre a mesinha de cabeceira. Ele a pegou e apontou para o xerife Wayne, e, nesse momento, a minha mãe se colocou entre os dois. Ela recebeu a bala que devia ter matado o amante, e morreu antes mesmo de cair no chão.

Novas imagens, como um velho filme caseiro sendo passado por dentro da minha mente. Será que eu saí do meu quarto naquela noite e vi mais do que deveria?

Ou aquelas imagens retratariam outra coisa? O calor acariciava minha face.

Novamente, aquela sensação: minha mãe, Natalie, Johnny. Quatro contra um. Como deveria ter acontecido naquela noite, vinte e cinco anos atrás.

- Meu pai hesitou - eu sussurrava agora -, chocado pela morte da minha mãe.

Isso deu ao xerife Wayne a oportunidade de correr para o carro. A arma que usava no trabalho estava trancada dentro do porta-luvas. Ele teve que usar a chave, com as mãos trêmulas. Abrir a portinhola. Pegar a pistola de nove milímetros. Verificar o pente de balas.

Mais imagens. Uma quarta presença se juntava a mim no corredor.

- Enquanto ele estava fora, Natalie colocou a cabeça para fora do quarto.

Johnny correu desesperadamente em direção à escada. E meu pai começou a andar pelo corredor em direção ao meu quarto.

Novamente, a corrente de ar, mudando de intensidade. Quente e frio. Luz e escuridão. Cada vez maior.

- O xerife Wayne salvou a minha vida - eu disse, em voz alta. - Ele atirou no meu pai. Levou-me para longe daquela carnificina. Em seguida, ligou para pedir reforços, e nunca disse a ninguém a verdadeira razão pela qual estava naquela casa.

Não havia motivos para prejudicar sua própria família com o seu segredo sujo, especialmente porque a minha família já estava morta. Como era o oficial de

polícia encarregado, ele controlava a cena do crime. Aquilo facilitou a situação para que descrevesse o evento como uma matança provocada por um único homem: meu pai, matando quase toda a família antes de apontar a arma para a própria cabeça. O

xerife Wayne levou a culpa que sentia para o leito de morte, onde finalmente confessou tudo ao filho. Foi isso que o levou a me procurar? Foi isso que o convenceu de que eu tinha que encarar o meu passado, Andrew?

Comecei a imaginar se conseguiria ver algum lampejo de reconhecimento em seus olhos, ou algum tipo de reação ao som do seu nome. Mas a escuridão que o cercava continuou impenetrável.

A voz de Evan ficou mais alta dentro do armário, chamando pelo último anjo, buscando a luz.

- Você não precisava matar ninguém - disse a Andrew. - A alma do seu pai se libertou no momento em que ele confessou. Ele não estava preso no vácuo entre os interplanos. Mas o *meu* pai estava...

Andrew rosnava. Sua fúria se renovou ao perceber o que eu havia acabado de compreender. Ele empunhou a faca.

E fechei os dedos ao redor da empunhadura do revólver que havia encontrado no banheiro da suíte. Desde as cinzas do meu pai, jogadas na rede de esgoto, até o seu velho revólver policial preso no vaso sanitário com fita adesiva.

Andrew começou a correr em minha direção

E vi o rosto do meu pai, olhando pelos olhos de Andrew.

Minha mãe sempre estava perfumada com uma fragrância de laranja e gengibre.

Ela me dava picolés de morango nos dias quentes e ficava ao meu lado na cama quando eu estava doente. Ela gostava dos quadrinhos que eram publicados no jornal de domingo e costumava folhear avidamente as páginas da revista *Vogue*, imaginando qual daqueles vestidos caros ela gostaria de poder comprar algum dia.

Natalie gostava de se deliciar com fatias de limão-galego recém-cortadas,

polvilhadas com açúcar. Ela comia a polpa e depois mordia o bagaço, fazendo com que a casca amarelada se curvasse sobre seus dentes, sorrindo para todos em seguida. No verão daquele ano, ela começou a usar sumo de limão para clarear as sardas que lhe cobriam o nariz. Eu nunca disse a ela que, secretamente, adorava as sardas que ela tinha, e que, todos os dias, desejava poder ver algumas no meu próprio rosto.

A brincadeira preferida de Johnny era esconde-esconde. Ele era capaz de contorcer seu corpo para entrar nos lugares mais apertados, e raramente conseguíamos encontrá-lo. Certo dia, ele se enfiou por trás do aquecedor de água e não conseguimos tirá-lo de lá. Natalie ria, mas percebi que ela estava com medo. Eu segurei na mão de Johnny enquanto minha mãe o cobriu com óleo de cozinha. Mais tarde, depois de tomar banho, ele dividiu sua revista em quadrinhos preferida comigo, como forma de agradecimento.

Andrew corria em minha direção. A seis metros de distância. Cinco, quatro...

Meu pai, uma nuvem escura, vindo para cima de mim com a força de um trem de carga.

... três, dois...

- Evan! - gritou um homem, por trás de Andrew. Michael Oliver, aparecendo no topo da escadaria.

- Michael! Michael, é a polícia. Eles estão aqui, eles estão aqui! - gritava

Victoria, ainda no andar inferior.

- Mamãe! - gritou Evan, de dentro do armário do quarto. - Mamãe, papai!

E, naquele momento, Andrew estava sobre mim.

- Cuidado! - gritou Michael.

O som de vidro se quebrando veio da entrada da casa.

- Papai, papai, papai!

Amor e luz. Luz e amor. O momento derradeiro de resistência de uma família.

- Morra! - gritou Andrew em frente ao meu rosto, com a faca em punho, mirando-a contra mim.

Pensei no amor da minha mãe. Lembrei-me dos sorrisos engraçados dos meus irmãos. E, desta vez, não me escondi.

Puxei o gatilho.

O coice da arma fez com que meus braços se movessem para cima. A arma bateu no queixo de Andrew, derrubando-o de costas no chão. Será que havia acertado? Ele estaria sangrando? Eu não sabia. Meus ouvidos estavam zumbindo, e os olhos lacrimejavam com a dor. Minha mão direita latejava, queimada pelo cartucho de metal que a arma cuspiu.

Evan ainda gritava. Passos subindo pela escada rapidamente.

- Polícia, polícia! Soltem as armas!

Andrew estava se levantando, balançando a cabeça.

Percebi duas coisas naquele momento. O lado direito do seu corpo estava sangrando, e ele ainda estava com a faca na mão.

Ele olhou na minha direção e começou a abrir um sorriso cruel. Michael Oliver saltou sobre ele, agarrando-o por trás e levando-o ao chão.

- Desgraçado. Como você ousou machucar a minha família? Desgraçado!

- Largue essa arma! Pelo amor de Deus, larguem!

A sargento D. D. Warren chegou ao topo da escada, os cachos loiros esvoaçando com os movimentos. Ela estava com sua arma na mão, apontando-a para mim, enquanto olhava fixamente para os dois homens que rolavam pelo chão. O seu

parceiro, juntamente com Victoria, chegaram ao corredor logo atrás dela.

- É a polícia, Michael - tentava dizer Victoria. - É a *polícia*.

- Mamãe? - gritou Evan, ainda dentro do quarto.

- Largue a arma! - gritou D. D. outra vez.

Eu coloquei a arma no chão. Meu olhar ainda estava fixo em Andrew.

- Chute-a para longe. Para trás de você.

Fiz o que ela mandava. Michael estava sobre Andrew agora, batendo-lhe a cabeça contra o piso.

- Parem com isso! - gritou D. D., furiosa. - Polícia! Levante-se e afaste-se dele!

Agora!

Sua voz deve ter finalmente penetrado. Lentamente, Michael largou os cabelos de Andrew. Ele se levantou, trêmulo, respirando com dificuldade, e com uma expressão ensandecida no rosto. O parceiro de D. D. deu um passo a frente para ajudá-lo.

- Evan está no armário - eu disse. - Ele precisa de ajuda. Por favor.

Essas palavras finalmente conseguiram tirar Michael do estado de nervos em que se encontrava. Ele se afastou de Andrew. Victoria já estava passando ao redor dos detetives e entrando no quarto do filho. Ela voltou um minuto depois, com Evan em seus braços.

Ela olhou para o marido. Ele olhou para ela. No instante seguinte, eles estavam juntos, pai e mãe, abraçando-se com força, segurando o filho com força entre seus corpos.

E senti uma dor forte, profunda e infinita dentro do peito. Minha mãe, Natalie e Johnny.

"Amo vocês. Amo vocês. Amo vocês. E sinto muitas saudades".

Alguma coisa tocou o meu rosto. Um breve adejar, como as asas de uma borboleta na minha têmpora direita. Eu queria que aquela sensação continuasse, queria sentir aquilo mais intensamente.

"Amo vocês", pensei novamente. E, então, me desapeguei daquilo, como deveria ter feito há vários anos.

O outro investigador estava ao lado do corpo caído de Andrew. Ele tentou

sentir-lhe a pulsação, enquanto D. D. dava cobertura, com a arma em punho.

O policial franziu as sobrancelhas, olhou nos olhos de D. D. e fez um sinal negativo com a cabeça.

Eu percebi aquilo que todos havíamos deixado passar: a mancha de sangue crescendo lentamente sob o corpo de Andrew. Quando Michael pulou sobre ele, Andrew ainda estava com a faca na mão. Aparentemente, a lâmina finalmente encontrou um alvo.

- Todos vocês, para fora da casa - ordenou D. D., lacônica.

Fomos até a calçada, onde o Sol estava nascendo. Michael e Victoria continuaram abraçados, lado a lado, com Evan entre eles, recusando-se a deixar que seu filho se afastasse. Eu me afastei um pouco, com o rosto voltado na direção da luz.

Epílogo

Victoria

Encontramos uma escola para Evan. É uma instituição de cuidados em tempo integral, um ambiente familiar no sul do estado de New Hampshire. As crianças vivem em casas, e a escola conta com profissionais de saúde treinados para agir como se fossem pais-substitutos. O local tem também um lago, jardins imensos e uma floresta nas proximidades. O tratamento combina uma programação estruturada com bastante tempo ao ar livre, onde as crianças têm oportunidade de respirar ar fresco, aprender a cuidar de plantas, e se beneficiar dos poderes curativos da natureza.

A escola utiliza até mesmo técnicas de meditação para ajudar crianças agitadas a desenvolverem habilidades para conseguir se acalmar.

Evan ficou nervoso, mas não chegou a se opor. Podemos visitá-lo aos fins de semana. Se o seu comportamento melhorar, poderá passar os feriados conosco, em casa. As coisas começam a ficar mais fáceis. Sim, ele está tomando medicamentos.

Sim, ele vai se afastar, morar em outro estado. Sim, haverá várias "oportunidades de aprendizado" em nosso futuro.

Mas a escola é um lugar bonito. Evan está mais calmo. E nossa família está se curando novamente.

A promotoria de Boston decidiu não indiciar Evan formalmente. Nosso advogado alegou que Evan sofrera com a influência perversa de Andrew Lightfoot, cujas tendências violentas foram finalmente descobertas. Processar uma criança que acabara de ser sequestrada por seu curandeiro espiritual não ficaria bem nas manchetes, e, sendo assim, a questão foi encerrada de maneira discreta. Depois de mais uma semana na ala psiquiátrica infantil, algumas modificações na prescrição dos medicamentos e o desenvolvimento de um plano de longo prazo, Evan recebeu permissão para voltar para casa para passar o restante do verão antes de ser enviado para sua nova escola.

Tudo isso me deu o tempo de que eu precisava para melhorar o relacionamento com a minha filha e levá-la para comprar materiais escolares.

Na semana passada, Chelsea veio visitar Evan e a mim duas vezes, supervisionada por Michael. Evan ficou bastante animado, a ponto de esmagar os dedos na porta da frente e, algum tempo depois, tropeçar nos próprios pés, derrubando sua irmã sobre o aparelho de televisão. Mas Chelsea aguentou firme. Eu

aguentei firme, e Michael aguentou firme. Quanto mais calmos ficávamos, mais calmo Evan ficava. Ao fim da segunda noite, conseguimos até mesmo jogar *Imagem e Ação* juntos. Chelsea ganhou. Quando a abracei para dar os parabéns, ela me segurou com força e chorou. E eu chorei com ela.

Às vezes, isso é tudo o que precisamos fazer.

O casamento foi adiado. Michael me disse que havia assuntos mais urgentes a resolver, e eu pensei ter visto um pouco do antigo e familiar afeto em seu olhar. Eu sei que senti isso no meu.

Estou pensando em voltar a trabalhar com decoração de interiores. Estou pensando em aproveitar ao máximo cada segundo em que eu estiver junto com meus filhos. Estou pensando em voltar a ser eu mesma, independente, bonita e forte.

Eu acho que, se fizer isso, Michael não vai ter qualquer chance de levar adiante os planos de se casar com outra.

D. D.

D. D. adorava quando um caso era concluído. Andrew Ficke, mais conhecido como Andrew Lightfoot, morreu na cena do crime, esvaindo-se em sangue após a artéria femoral ser dilacerada. Por outro lado, as evidências tinham vida própria, e a polícia encontrou várias.

Um *taser* de potência militar foi encontrado no banco da frente do carro de Lightfoot. Testes determinaram que ele tinha a voltagem equivalente ao aparelho usado para atacar Patrick Harrington, Hermes Laraquette, Danielle Burton e Victoria Oliver. O *taser* também tinha cartuchos personalizados, aparentemente adquiridos no mercado negro, que energizavam os fios do aparelho sem deixar para trás qualquer tipo de confete que pudesse ser rastreado como evidência.

Uma busca na casa de Andrew em Rockport também revelou um pacote de tiras de plástico, iguais em tamanho, cor e durabilidade àquelas que foram usadas para atar os pulsos e tornozelos de Danielle Burton e os membros da família Oliver.

Havia também a mala de viagem no porta-malas do carro, que revelou ser uma prova inestimável quando foi analisada em busca de indícios. A bolsa acusava o sangue de três pessoas diferentes - provavelmente devido à contaminação cruzada por haver guardado roupas manchadas com o sangue de várias vítimas de assassinatos múltiplos.

Andrew Lightfoot era conhecido por todas as vítimas, estando associado a cada uma delas. A polícia não encontrou álibis para as noites dos assassinatos, e as

câmeras de segurança mostravam-no entrando no hospital na noite em que Lucy foi enforcada. As investigações feitas pelo corpo de bombeiros revelaram quinze bombas de fumaça escondidas no sistema de ventilação; foram encontradas também impressões digitais latentes de Andrew em vários dos aparelhos, definitivamente associando-o à evacuação de emergência.

Pelo que D. D. percebia, o caso estava encerrado. Andrew havia levado o mundo dos interplanos espirituais a sério demais, convencendo a si mesmo de que o destino da alma de seu pai era mais importante do que permitir que vários indivíduos continuassem a existir. Ele havia assassinado "A", pensando que estaria salvando "B". Ou, mais provavelmente, ele queria apenas aterrorizar Danielle Burton após ser rejeitado por ela.

Naturalmente, Alex tinha divergências. - Ele era um curandeiro espiritual. Fazia um bom trabalho, pelo que dizem seus clientes...

- Fanáticos.

- Clientes. Um xamã respeitado não se transforma em um assassino sanguinário da noite para o dia.

- Ele era obcecado por Danielle. Ela não queria nada com ele. Até que ponto um homem consegue aguentar tanta rejeição?

- De acordo com o depoimento dela, Lightfoot queria salvar a alma de seu pai.

Como o assassinato de duas famílias pode ajudá-lo a cumprir esse objetivo?

- O objetivo não foi alcançado - destacou D. D., dando de ombros. -

Dificuldade para resolver problemas de maneira satisfatória. Essa é a definição de um assassino. Um homem quer o divórcio, mas não quer perder metade do seu patrimônio. Assim, ele decide matar a esposa. Ele precisava matá-la? Haveria outras opções que poderiam resultar no fim do seu casamento e na preservação da sua conta bancária? É claro que sim. Mas assassinos não conseguem enxergar outras opções. É por isso que são assassinos.

Os dois estavam sentados no escritório de D. D. Os outros membros da forçatarefa já haviam ido embora. O caso estava fechado, sem mencionar o fato de que não era a primeira vez que aquela conversa acontecia. Nada disso deteve Alex e D.

D.

- É mesmo? - prosseguiu Alex. - E em qual momento dos seus estudos sobre finanças ou sobre o mundo espiritual ele descobriu como matar uma família inteira?

Matar uma mulher com um golpe único e letal, e fazer o mesmo com um adolescente atleta? Além disso, é necessário ser muito frio para perseguir uma garota que está

gritando pelo corredor, e depois arrastá-la de volta para matá-la. Ou atirar em

uma menina que está deitada em uma cama de cachorro. Ou sufocar um bebê no berço.

- Isso apenas prova o quanto ele era compartimentalizado. Pense no caso: o homem levava uma vida dupla. Ficke, o profissional do mercado financeiro, e Lightfoot, o salvador de almas. Ficke definitivamente não era um homem bom; era mulherengo e prejudicava os amigos, tudo em nome dos lucros. Então, certo dia, Ficke se reinventou como o gentil Lightfoot. Talvez, no começo, ele realmente acreditasse que salvou a vida de seu amigo. Talvez, devido a algumas contas com as quais trabalhava, ele viveu uma vida com toques de misticismo. Pense a respeito: o poder de curar pode corromper quem o usa. Após algum tempo, a adrenalina do sucesso ativou seus velhos instintos predatórios. Andrew começa a fraudar o sistema de saúde do estado, aproveitando-se de mães desesperadas e inflando o seu próprio ego. Lightfoot volta a ser Ficke, e, desta vez, está armado com o conhecimento sobre o mundo espiritual, pronto para manipular as massas.

- Ele queria Danielle - disse Alex.

- Absolutamente. Tudo sempre o leva a Danielle. A garota que o pai de Andrew salvou no passado. A mulher que, mesmo assim, não agia como Andrew queria que o fizesse. Andrew a queria para si, e Andrew sempre conseguia o que queria. Se ele não pudesse ter o que queria, ninguém mais teria.

- Ou seja: uma mulher teimosa pode fazer com que um homem realmente enlouqueça.

- Isso é um dom - disse D. D., modestamente. - Agora, o caso está encerrado. O

perpetrador está morto. São sete horas da noite. Faz quatro dias que não durmo. Por que diabos nós ainda estamos aqui na delegacia?

- Porque você ainda não aceitou.

- Não aceitei o quê?

- O frango à marsala que estou querendo preparar para você. Acompanhado por pão italiano e uma garrafa de Chianti.

- Teremos *tiramisù* para a sobremesa?

- Com grãos de baunilha, servido gelado.

Os dois trocaram um olhar intenso.

Ela suspirou, pegou o seu *pager* e o deixou cuidadosamente sobre a escrivaninha.

- Alex, me leve para casa.

Danielle

De acordo com o relatório final da polícia, Andrew Lightfoot acabou oficialmente enlouquecendo e assassinou doze pessoas em sua tentativa de atrair a minha atenção e salvar a alma do pai. Eles usaram o termo "oficialmente" porque assassinar doze pessoas é uma maneira complicada de salvar a alma de alguém. Ou talvez esse seja o motivo pelo qual o consideraram louco.

Eu não contradisse nada do que eles alegaram, embora tivesse minha própria opinião sobre o assunto. Não era nada que eu pudesse provar. Francamente, até um mês atrás, eu não chegava nem mesmo a acreditar naquilo. Mas eu trabalho com crianças, e as crianças são um instrumento poderoso para testar a natureza do ser humano. Houve uma época em que as crianças amavam Andrew. Sentiam-se bem em sua presença. Mesmo que eu não me interessasse pelo misticismo que ele pregava, eu percebia que o seu trabalho dava bons resultados.

Não acho que um louco conseguiria ajudar aquelas crianças, especialmente as que eram hipersensíveis. Elas perceberiam o mal. Eu acho que Andrew costumava ser Andrew. E acho que, em algum ponto da sua exploração dos interplanos espirituais, ele encontrou uma energia negativa que estava muito além do seu controle. Ele encontrou a alma corrompida do meu pai, esperando poder usá-la para entender mais a respeito do próprio pai. Infelizmente, o espírito do meu pai usou Andrew para me caçar. Para que pudesse terminar o que começara há vinte e cinco anos.

Há coisas que nunca vou entender completamente. Quando estava me levando para a casa de Evan, Andrew disse que deveria abrir o meu coração, encontrar a luz.

Seria a voz do verdadeiro Andrew atravessando o mal, tentando me ajudar a sobreviver? Ou meu pai simplesmente imaginava que, se ele pudesse me forçar a

visitá-lo nos interplanos, poderia me atingir, também?

Não sei.

Meu pai estaria de volta ao abismo, ainda esperando pela sua próxima reencarnação? Eu tenho certeza de que o vi naquela noite, seus olhos brilhando no rosto de Andrew. E sei que senti minha mãe, Natalie, Johnny, e até mesmo o xerife Wayne. Ou, talvez, apenas quisesse senti-los. Talvez foi a ilusão de vê-los à minha volta que me deu forças. Mesmo assim, encontrei a arma. Isso certamente é uma evidência do envolvimento do meu pai. Ou um caso extremo de sorte.

Eu vou e volto nas minhas crenças, uma mulher cética de 34 anos, descobrindo

nesta etapa da vida que uma parte de mim quer acreditar em alguma coisa.

Nesses últimos dias, me sinto diferente. Eu me lembro da minha família com mais frequência, e as lembranças não são tão dolorosas. Perdi minha mãe e meus irmãos, e, mesmo assim, eles continuam comigo.

Talvez anjos realmente existam. Ou talvez eu finalmente cheguei ao fim dos cinco estágios do luto. Será?

Não sei.

E o que dizem sobre Andrew? Se eu imaginar que sua alma foi sequestrada pela alma do meu pai, o fim da existência corpórea o libertou? Eu perguntei isso a Evan, certo dia. Ele me disse que Andrew é um anjo, e que os dois haviam conversado na noite anterior. Evan parecia estar tranquilo a respeito, então simplesmente encerrei o assunto. A palavra de Evan basta para mim.

O estado cuidou do enterro de Lucy. Nós fizemos uma vaquinha para pagar pela lápide. Eu pedi que ela fosse feita no formato de um gato dormindo, embora o homem da marmoraria pensou que eu fosse louca. Depois do funeral, um arco-íris gigante apareceu no horizonte. Tecnicamente, um arco-íris não é nada mais do que raios de luz atingindo partículas de água. Eu preferi pensar que era o espírito de Lucy, nos dando um último sorriso.

Talvez eu saiba.

Tenho um jantar a dois.

Ele é bonito, estável e atualmente está desempregado. Karen demitiu Greg há quatro semanas, dizendo que a violação do código de conduta da unidade não lhe deixou escolha. Greg está pensando em voltar para a faculdade e estudar para se tornar um enfermeiro psiquiátrico como eu, ou em abrir uma empresa especializada na prestação de cuidados de saúde em domicílio. Nesse meio tempo, está ocupado auxiliando várias famílias, e, dentro de pouco tempo, é claro, vai estar ainda mais ocupado, fazendo sexo comigo.

Há momentos em que ainda fico furiosa. Eu detesto perceber o quanto é fácil para um pai destruir a vida de um filho. Ainda vejo casos que deixam meu coração em pedaços. E ainda insisto em desviar de quaisquer grades de esgoto quando estou caminhando.

Mas me levanto a cada manhã. E, a cada noite, eu ainda faço a mesma promessa.

Viverei com mais luz no coração. Vou continuar a trabalhar com crianças doentes. E vou me apaixonar por um homem realmente bom.

Eu sou a única sobrevivente, e sobrevivi para contar esta história.

Posfácio e Agradecimentos

Quando as pessoas ouvem relatos de que um aluno da primeira série foi expulso da escola devido a algum episódio de violência, elas têm a tendência de pensar em um garoto com pais "daquele tipo". Você sabe. Pais negligentes, que não se importam com os filhos, ou talvez até mesmo violentos. Assim, eu também fiquei chocada há dois anos, quando o garoto que passou pelo episódio acima não era um estranho, mas o filho de uma boa amiga. O que posso dizer é que ela e o marido eram bons pais, carinhosos e engajados na criação da criança. E, mesmo assim, sentiam que estavam perdendo a batalha para salvar o filho.

Sou grata a essa família por compartilhar suas experiências comigo. Suas sessões com diversos especialistas. As várias ocasiões que passaram em uma ala psiquiátrica infantil em regime de isolamento. E, além disso, sua interação com um curandeiro espiritual que, de acordo com o que acreditavam, fez tudo o que podia para tentar alcançar o garoto. Eles compartilharam sua história na esperança de fazer que as pessoas consigam entender melhor o que se passa nas vidas de uma criança com problemas mentais e na de seus pais, que

frequentemente ficam sobrecarregados com todos os afazeres e cuidados.

Eles gostariam que você soubesse que nem todos os garotos que não conseguem ficar parados por um minuto são indisciplinados. Nem todas as crianças que se recusam a dormir são malcriadas. E nem todas as crianças que gritam a plenos pulmões são desobedientes.

São apenas crianças. E estão tentando melhorar. Assim como os pais.

Meus sinceros agradecimentos a Kathy Regan e sua equipe na Unidade de Avaliação Infantil de Cambridge, em Massachusetts. Eles responderam incansavelmente às minhas perguntas, e também permitiram que eu pudesse passar algum tempo em uma ala psiquiátrica verdadeira. Eu não teria condições de criar a minha ala psiquiátrica infantil fictícia, a CAPB do centro médico de Kirkland, sem a oportunidade de aprender sobre suas experiências e o método de trabalho. Apesar de permitir que a CAPB fictícia usasse uma abordagem progressiva, inspirada pelo trabalho impressionante da unidade de Cambridge, a clínica em si, assim como a equipe e suas ações, são puramente os produtos da minha imaginação (altamente doentia), e não têm qualquer semelhança com o trabalho de primeira linha desenvolvido por Kathy e sua equipe.

Para as pessoas que desejam saber mais sobre a abordagem progressiva da unidade de Cambridge, recomendo o livro *Abrindo Nossos Braços: Ajudando*

Crianças com Problemas Mentais, de autoria de Kathy Regan. Também recomendo *A Criança Explosiva*, pelo dr. Ross W. Greene, para uma análise detalhada sobre a abordagem colaborativa baseada na resolução de problemas.

Sobre a parte mais mundana da pesquisa, gostaria de agradecer à minha farmacêutica favorita, Margaret Charpentier, que novamente me ajudou a escolher o veneno perfeito. Já fazia algum tempo desde que trabalhamos juntas pela última vez.

Acho que os resultados são bem divertidos, como sempre.

Na parte de "cuidado e alimentação de escritores", agradeço a Michael Carr, cuja caneta se parece mais com um bisturi quando ele edita um manuscrito. Eu chorei por pouco tempo, e o livro ficou melhor pelo trabalho que ele fez. Agradeço também às minhas primeiras leitoras, Kathleen, Barbara e Diana, por fazerem um trabalho excelente, como sempre, com as provas gráficas das páginas. E,

finalmente, os figurões: eu não conseguiria completar o meu trabalho sem Meg, Kate e o apoio de toda a minha equipe editorial. Obrigada por fazerem a mágica acontecer.

Em casa, meu amor vai para o meu marido, sempre paciente, e meu filho, que não é tão paciente, mas é sempre adorável.

Finalmente, este livro é dedicado à memória de Michael Clemons - um homem bom, que se foi cedo demais. Sentimos a sua falta.

CAPA

SUMÁRIO

****

PRÓLOGO

QUINTA-FEIRA

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

VICTORIA

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

DANIELLE

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

VICTORIA

SEXTA-FEIRA

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

DANIELLE

CAPÍTULO 10

VICTORIA

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO12

CAPÍTULO 13

DANIELLE

SÁBADO

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

VICTORIA

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

DANIELLE

CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20

VICTORIA

CAPÍTULO 21

DANIELLE

CAPÍTULO 22

LUCY

CAPÍTULO 23

DANIELLE

CAPÍTULO 24

DOMINGO

CAPÍTULO 25

VICTORIA

CAPÍTULO 26

DANIELLE

CAPÍTULO 27

CAPÍTULO 28

VICTORIA

CAPÍTULO 29

DANIELLE

CAPÍTULO 30

CAPÍTULO 31

DANIELLE

CAPÍTULO 32

VICTORIA

CAPÍTULO 33

CAPÍTULO 34

SEGUNDA-FEIRA

CAPÍTULO 35

VICTORIA

CAPÍTULO 36

CAPÍTULO 37

DANIELLE

CAPÍTULO 38

CAPÍTULO 39

VICTORIA

CAPÍTULO 40

DANIELLE

CAPÍTULO 41

CAPÍTULO 42

DANIELLE

CAPÍTULO 43

VICTORIA

CAPÍTULO 44

CAPÍTULO 45

DANIELLE

EPÍLOGO

VICTORIA

D. D.

DANIELLE

POSFÁCIO E AGRADECIMENTOS


AUTORA BEST-SELLER #1 DO THE NEW YORK TIMES
LISA GARDNER
Viva para Contar
ÀS VEZES, OS CRIMES MAIS DEVASTADORES SÃO AQUELES QUE ACONTECEM MAIS PERTO DE NÓS.
Novo Conceito

Document Outline

- CAPA
- SUMÁRIO
- ***
- PRÓLOGO
- QUINTA-FEIRA
- CAPÍTULO 1
- CAPÍTULO 2
  - VICTORIA
- CAPÍTULO 3
- CAPÍTULO 4
  - DANIELLE
- CAPÍTULO 5
- CAPÍTULO 6
  - VICTORIA
- SEXTA-FEIRA
- CAPÍTULO 7
- CAPÍTULO 8
- CAPÍTULO 9
  - DANIELLE
- CAPÍTULO 10
  - VICTORIA
- CAPÍTULO 11
- CAPÍTULO12
- CAPÍTULO 13
  - DANIELLE
- SÁBADO
- CAPÍTULO 14
- CAPÍTULO 15
  - VICTORIA
- CAPÍTULO 16
- CAPÍTULO 17
- CAPÍTULO 18
  - DANIELLE
- CAPÍTULO 19

- CAPÍTULO 20
  - VICTORIA
- CAPÍTULO 21
  - DANIELLE
- CAPÍTULO 22
  - LUCY
- CAPÍTULO 23
  - DANIELLE
- CAPÍTULO 24
- DOMINGO
- CAPÍTULO 25
  - VICTORIA
- CAPÍTULO 26
  - DANIELLE
- CAPÍTULO 27
- CAPÍTULO 28
  - VICTORIA
- CAPÍTULO 29
  - DANIELLE
- CAPÍTULO 30
- CAPÍTULO 31
  - DANIELLE
- CAPÍTULO 32
  - VICTORIA
- CAPÍTULO 33
- CAPÍTULO 34
- SEGUNDA-FEIRA
- CAPÍTULO 35
  - VICTORIA
- CAPÍTULO 36
- CAPÍTULO 37
  - DANIELLE
- CAPÍTULO 38
- CAPÍTULO 39
  - VICTORIA
- CAPÍTULO 40
  - DANIELLE
- CAPÍTULO 41
- CAPÍTULO 42

- DANIELLE
- CAPÍTULO 43
  - VICTORIA
- CAPÍTULO 44
- CAPÍTULO 45
  - DANIELLE
- EPÍLOGO
  - VICTORIA
  - D. D.
  - DANIELLE
- POSFÁCIO E AGRADECIMENTOS